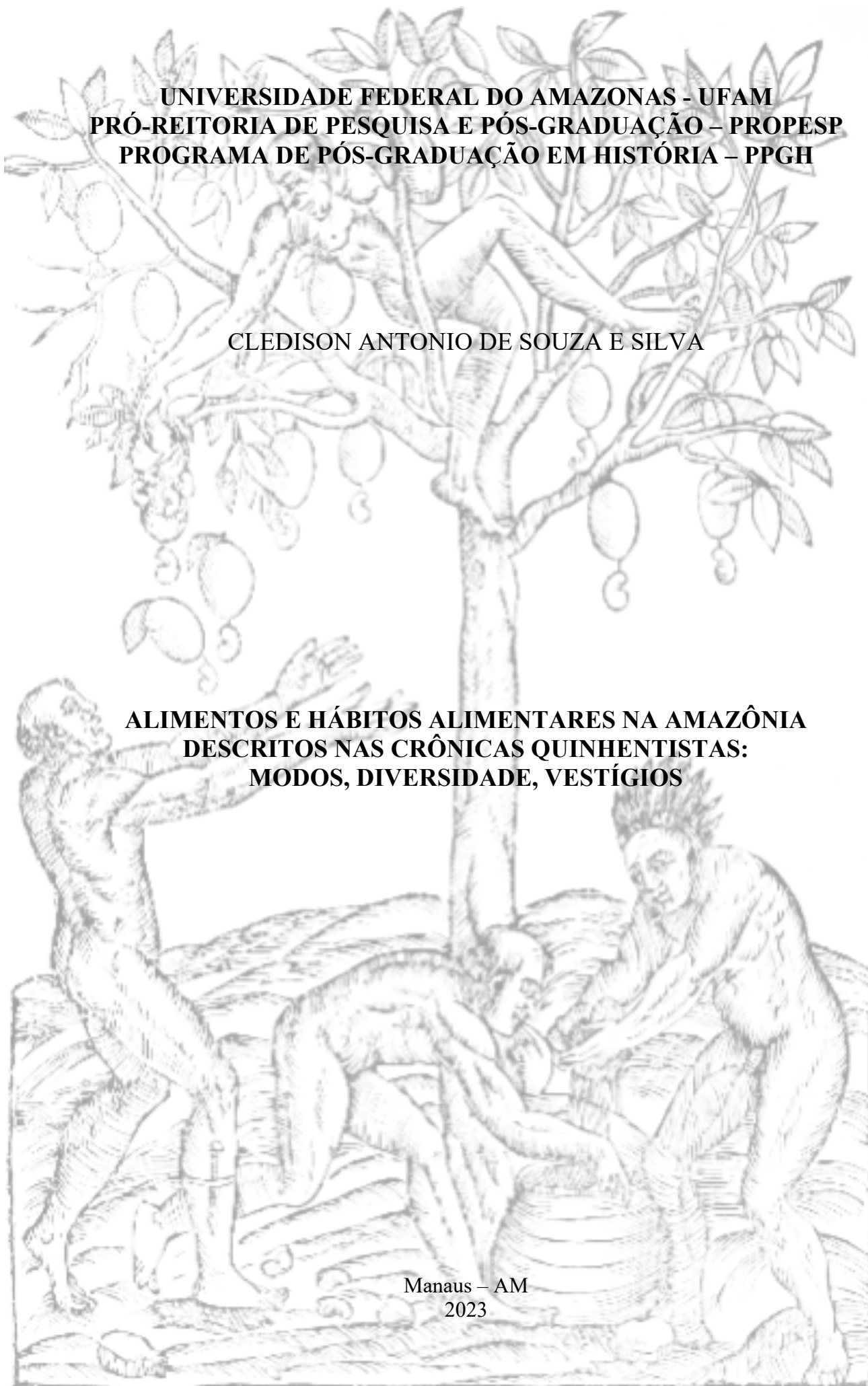


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

CLEDISON ANTONIO DE SOUZA E SILVA

**ALIMENTOS E HÁBITOS ALIMENTARES NA AMAZÔNIA
DESCRITOS NAS CRÔNICAS QUINHENTISTAS:
MODOS, DIVERSIDADE, VESTÍGIOS**

Manaus – AM
2023



CLEDISON ANTONIO DE SOUZA E SILVA

**ALIMENTOS E HÁBITOS ALIMENTARES NA AMAZÔNIA
DESCRITOS NAS CRÔNICAS QUINHENTISTAS:
MODOS, DIVERSIDADE, VESTÍGIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior

Manaus – AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586a Silva, Cledison Antonio de Souza e
Alimentos e hábitos alimentares na Amazônia descritos nas
crônicas quinhentistas: modos, diversidade, vestígios / Cledison
Antonio de Souza e Silva . 2023
315 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Almir Diniz de Carvalho Júnior
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Amazônia. 2. Povos. 3. Crônicas quinhentistas. 4. Alimentação.
I. Carvalho Júnior, Almir Diniz de. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior (PPGH – UFAM)
Presidente

Profa. Dra. Keith Valéria de Oliveira Barbosa (PPGH – UFAM)
Membra

Prof. Dr. Wellington Bernardelli Silva Filho (PPGH – UFAM)
Membro

Manaus, 07 de novembro de 2023.

MANAUS – AM
2023

A Professora
Lucimar Braga de Souza e Silva,
minha mãe, *madre, mama, mãya.*

Quem sou?

(Parafrazeando a canção brasileira de Lucinha Cabral)

Sou São Gabriel da Cachoeira,
sou Rio Negro,
sou Lucimar Braga,
sou Clemison Antonio,
sou Maria das Dores, tia Dorinha, e João Braga, tio Jan-Jan;
sou Fábيا Kathicilena e Cláudia Patrícia.

Sou Baré,
sou Rio Uaupés,
sou abuelas Anais e Josefa Braga;
sou Mitú,
sou sancocho,
sou arépa,
chibé, moqueado, tucumã, arubé e juquitaia.

Sou Aracy Coimbra,
Seu Adalberto Miranda e família,
sou Escola Municipal Dom João Marchesi.

Sou Manaus,
sou Danielle Gonzaga Munduruku,
sou Robespierre Franco, Marcela Coutinho, Graice Hellen Almeida, Lucicleia Lopes,
Marconey Chagas, Rafael Vieira, Daniel Carvalho.

Sou UFAM,
eterno aprendiz,
sou professor,
sou CAPES.

Sou Carlos Rojas Niño, Juan Carlos Peña.
Sou Almir Diniz de Carvalho Jr., James Roberto, Auxiliomar Ugarte, Keith Valéria Barbosa,
Wellington Bernardelli.
Sou Luiz Fernando Santos,
sou Joaquim Melo.

Sou caboco;
sou tambaqui,
sou quinhampira,
sou *cazabe*,
sou açai com farinha.

Quando os europeus chegaram aqui eles podiam ter todos morrido de inanição, escorbuto ou qualquer outra pereba [...] se essa gente não tivesse acolhido eles, ensinado eles a andar aqui e dado comida pra eles, porque os caras não sabiam nem pegar um caju, aliás, não sabiam que caju era uma comida. Eles chegaram aqui famélicos, doentes e o Darcy Ribeiro diz que eles fediam.

Ailton Krenak

RESUMO

O presente trabalho possui como desígnio evidenciar os alimentos e os hábitos alimentares descritos nas chamadas crônicas quinhentistas. Relatos que registram as aventuras das três primeiras expedições ibéricas, que se tem notícia, que do Peru se dirigiram em direção a Amazonia Brasileira, ousando navegar pelo rio das Amazonas. Os exploradores, destas três empreitadas, tiveram a oportunidade de interagir, de forma amistosa ou não, com populações de diferentes e numerosas nações presentes ao longo das margens do grande rio. Nos relatos, a alimentação não é o assunto principais abordado, mas fato é que todos os cronistas em suas linhas, superficialmente ou indiretamente, descrevem em certo momento algum alimento e/ou a maneira de seu preparo culinário. Destacamos os alimentos e modos de preparo descritos nas crônicas; as denominações empregadas pelos exploradores, a partir do nome dados pelos locais ou das nomenclaturas cunhadas e emprestadas, à semelhança, dos produtos conhecidos e existentes em outros lugares. Chamamos atenção que muitos desses alimentos e hábitos alimentares ainda hoje fazem parte da dieta e são muito apreciados pelos povos amazônicos. Em nosso ofício de pesquisa atentamo-nos as marcas, aos vestígios, as entrelinhas, aos fatos pormenores, por vezes negligenciados ou que tiveram pouca atenção dada por aqueles que a duras penas os descreveram. Das expedições que possuem mais de um relato, e que conseguiram ser encontradas e chegaram até nós, tivemos a árdua tarefa de fazer o cruzamento de informações, para tentarmos preencher algumas das lacunas que irão sempre existir. As pesquisas realizadas, que se materializam neste trabalho histórico, visam trazer novos olhares e elementos em defesa daqueles que entendem a Amazônia como um lugar vivo, milenarmente habitado e capaz de alimentar uma densa população, quando da chegada dos europeus.

Palavras chaves: Amazônia; Povos; Crônicas quinhentistas; Alimentação

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es poner en valor los alimentos y hábitos alimentarios descritos en las denominadas crónicas amazónicas del siglo XVI. Historias que registran las aventuras de las tres primeras expediciones ibéricas conocidas, que desde Perú se dirigieron hacia la Amazonía brasileña, atreviéndose a navegar por el río Amazonas. Los exploradores de estas tres aventuras tuvieron la oportunidad de interactuar, amistosamente o no, con poblaciones de diferentes y numerosas naciones presentes a lo largo de las riberas del gran río. En los informes la comida no es el tema principal que se trata, pero lo cierto es que todos los cronistas en sus líneas, superficial o indirectamente, describen en algún momento algún alimento y/o la forma en que se prepara. Destacamos los alimentos y métodos de preparación descritos en las crónicas; las denominaciones utilizadas por los exploradores, basadas en los nombres dados por los lugareños o las nomenclaturas acuñadas y tomadas prestadas, igualmente, de productos conocidos y existentes en otros lugares. Llamamos la atención sobre el hecho de que muchos de estos alimentos y hábitos alimentarios siguen formando parte de la dieta hoy en día y son muy apreciados por los pueblos amazónicos. En nuestro trabajo de investigación prestamos atención a las marcas, los rastros, el subtexto, los logros menores, a veces descuidados o poco atendidos por quienes los describieron. De las expediciones que tienen más de un informe, y que lograron ser encontradas y llegar hasta nosotros, tuvimos la ardua tarea de cruzar informaciones, para intentar llenar algunos de los pedazos vacíos que siempre existirán. La investigación realizada, que se materializa en este trabajo histórico, pretende traer nuevas perspectivas y elementos en defensa de los que entienden la Amazonía como un lugar vivo, habitado desde hace miles de años y capaz de alimentar a una densa población en el siglo XVI.

Palabras clave: Amazonas; Pueblos; Crónicas amazónicas del siglo XVI; Alimentación

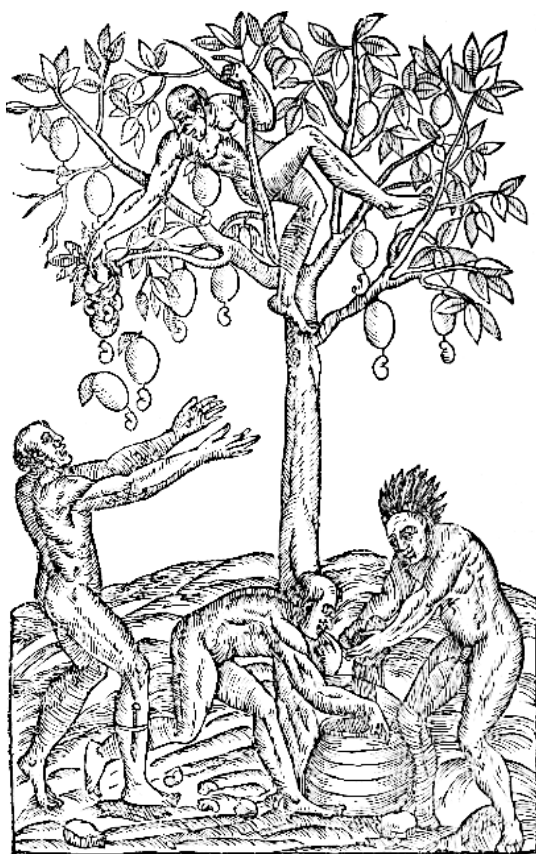
ABSTRACT

The aim of this work is to highlight the foods and eating habits described in the 16th Century Chronicles. Stories that record the adventures of the first three known Iberian expeditions, which from Peru headed towards the Brazilian Amazon, daring to sail along the Amazon River. The explorers of these three endeavors had the opportunity to interact, friendly or not, with populations from different and numerous nations present along the banks of the great river. In the reports, food is not the main subject discussed, but the fact is that all the chroniclers in their lines, superficially or indirectly, describe at some point some food and/or the way in which it is prepared. We highlight the foods and preparation methods described in the chronicles; the denominations used by the explorers, based on the names given by the locals or the nomenclatures coined and borrowed, similarly, from products known and existing in other places. We draw attention to the fact that many of these foods and eating habits are still part of the diet today and are highly appreciated by the Amazonian people. In our research work we pay attention to the marks, the traces, the subtext, the detailed facts, sometimes neglected or given little attention by those who painstakingly described them. Of the expeditions that have more than one report, and that managed to be found and reached us, we had the arduous task of crossing information, to try to fill in some of the gaps that will always exist. The research carried out, which materializes in this historical work, aims to bring new perspectives and elements in defense of those who understand the Amazon as a living place, inhabited for thousands of years and capable of feeding a dense population, upon the arrival of Europeans.

Keywords: Amazon; Peoples; 16th Century Chronicles; Food

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Gutierrez (1562)	32
Figura 2 – Ilustração da Cobra Grande – artista Tukano Gabriel Gentil.....	32
Figura 3 – Mapa: América do Sul de Arnoldus Florentius à Langren (1596)	43
Figura 4 – Mapa da drenagem da Bacia Amazônica.....	48
Figura 5 – Mapa da variação das vegetações e do litoral no pleistoceno tardio.....	52
Figura 6 – Mapa dos principais sítios arqueológicos identificados na Amazônia brasileira.....	58
Tabela 1 – Estimativa da população indígena para a Grande Amazônia.....	60
Figura 7 – Posição de um caçador soprando uma zarabatana.....	62
Figura 8 – Gravura da mandioca de Thevet.....	92
Figura 9 – Fac-símile da Carta de Diogo Nunes a D. João III publicada na revista do IHGB (1840)	99
Figura 10 – Mapas: O Alto e Médio Amazonas 1550 e 1650.....	188
Figura 11 – El Dorado: gravura de Theodore de Bry (1599)	190
Figura 12 – Amostra de jarro onde os indígenas da Amazônia guardavam seu vinho.....	233
Figura 13 – A nau dos Loucos de Sebastian Brant (1499)	267
Figura 14 – Mapa: O cenário da expedição de Ursúa e a rebelião de Aguirre.....	268
Figura 15 – Gravura Massacre de prisioneiro de Thevet.....	269



Capa: Coleta do caju (fruta que em parte da hispano-América é chamada marañón). Figura: O cajueiro (Thevet). In THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*; tradução: Estevão Pinto. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944 (p. 365).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
<i>BA'SÉBÔ-PERI.....</i>	31
1. O MUNDO INCA E A FLORESTA MALSÃ	33
1.1. OS INCAS	33
1.1.1. Viracocha	34
1.1.2. A Chegada dos homens de barba	35
1.1.3. El Dorado y el País de la Canela	39
1.2. A FLORESTA MALSÃ	44
1.2.1. O Amazonas antes das Amazonas	45
1.2.2. A grande serpente.....	47
1.2.3. Primeiros habitantes	50
1.2.4. A floresta viva	61
1.2.5. Nós que aqui estávamos por vós esperávamos.....	64
2. A NAU DOS MALFADADOS: EXPEDIÇÃO DE ALONSO DE MERCADILLO.....	71
2.1. PESCADO ÇEQUO.....	77
2.2. MILHO/MAÍZ	79
2.3. O PÃO DA TERRA	83
2.4. CARNE MONTESA E HOUELLAS COMO AS DO PERU	93
2.5. A TERRA SEM MALES: UMA VIDA ETERNA E FARTA	94
2.6. OS ÚLTIMOS ATOS DA EXPEDIÇÃO DE MERCADILLO	97
3. A NAU DOS CAOLHOS: EXPEDIÇÃO DE GONZALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA ..	100
3.1. PORCOS E CÃES	103
3.2. ZUMACO E A CANELA	106
3.3. ORELLANA DECIDE CONTINUAR NAVEGANDO	112
3.4. O RETORNO DE PIZARRO PARA QUITO	114
3.5. OS DE ORELLANA SINGRAM A GRANDE SERPENTE	116
3.6. AXI/HAXÍ/AJÍ	120
3.7. PERDICES, PAVAS Y PESCADOS	122
3.8. QUELÔNIOS	125
3.9. MANATÍ, PEIXE-BOI DA AMAZÔNIA	127
3.10. PRINCIPAL APARIA.....	128
3.11. GATOS MONOS E PAPAGAIOS	133
3.12. OS DE MACHIFARO	134
3.13. BEBER FUMO	138
3.14. OS OMAGUCI.....	141
3.15. UTENSÍLIOS CERÂMICOS	144

3.16.	AS TERRAS DO SENHOR PAGUANA	148
3.17.	FRUTAS DIVERSAS	149
3.18.	DO RIO NEGRO AO RIO GRANDE (MADEIRA)	153
3.19.	EVIDÊNCIAS DE REDES COMERCIAIS	154
3.20.	POVOAÇÕES FORTIFICADAS	156
3.21.	CHICHA	157
3.22.	PASSAGEM POR DIFERENTES COMUNIDADES	162
3.23.	AVENA (ARROZ) E SAL	166
3.24.	AS CONIUPUYARAS, AS GRANDES SENHORAS DO RIO	168
3.25.	EMARANHADO MARAJOARA.....	179
3.26.	TAPIR.....	182
3.27.	OS HOMENS CAOLHOS.....	184
4.	A NAU DOS LOUCOS: EXPEDIÇÃO DE PEDRO URSÚA E LOPE DE AGUIRRE.....	189
4.1.	EL DORADO Y OMAGUA	190
4.2.	PEDRO URSÚA: ‘O APAZIGUADOR’.....	193
4.3.	OS PREPARATIVOS	195
4.4.	LOPE DE AGUIRRE: UM HOMEM SEM LETRAS	198
4.5.	EMBARQUE E PARTIDA	200
4.6.	O FANTASMA DA FOME: DO HUALLAGA A ILHA DE GARCÍA	202
4.7.	JACARÉS E/OU PIRARUCUS	208
4.8.	FARTURA EM CARARI E MANICURI	210
4.9.	PROVÍNCIA DE MACHIFARO	214
4.10.	O DESTACAMENTO DE SANCHO PIZARRO	218
4.11.	MORTE DE URSÚA	220
4.12.	PUEBLO DE LOS BERGANTINES	226
4.13.	A ODE DO DON GUZMÁN: EL PRÍNCIPE DE PERU	230
4.14.	POVOADOS DE CARIBES	239
4.15.	OS MARAÑONES DEIXAM A AMAZÔNIA	244
4.16.	BURBURATA E NUEVA VALENCIA	256
4.17.	A DERRADEIRA CÓLERA DE AGUIRRE	259
5.	CARNE HUMANA COMO ALIMENTO: ANTROPOFAGIA X CANIBALISMO.....	269
5.1.	CARIBA, CARIBE, CANIS, KAN, CANIBAIS	270
5.2.	CANIBALISMO	272
5.2.1.	Endocanibalismo	274
5.2.2.	Exocanibalismo	277
5.2.3.	O exocanibalismo tupinambá	280
5.2.4.	Registros de Exocanibalismo no Norte do Brasil	298
	CONSIDERAÇÕES.....	301
	REFERÊNCIAS.....	306

INTRODUÇÃO¹

*O universo nada significa sem a vida,
e tudo o que vive se alimenta[...]
Dize-me o que comes e te direi quem és.*

SAVARIN, 1995, p. 21

Em Manaus, onde moro, ao término de cada mês, dirijo-me, acompanhado de minha mãe, ao porto do São Raimundo. Ali, avisados com antecedência pelos nossos familiares, vamos buscar uma encomenda. O volume, de bom peso, traz iguarias e com elas lembranças de nosso lugar de origem. Vem de longe, do Alto Rio Negro, em uma jornada que por vezes leva mais de quatro dias, trazido em barco a motor que semanalmente desce o majestoso afluente negro do rio Amazonas. O pacote geralmente chega recheado de produtos que despertam nosso paladar²: tapioca, beiju, *cazabe*, moqueado, promassa de arepa, barras de chocolate, pupunha, açai, os temperos apimentados arubé³ e juquitaita⁴. Mas o que não pode faltar nessa encomenda é o panieiro⁵ de farinha de mandioca⁶. Nossa família é de fronteiras, descende de Baré de São Gabriel da Cachoeira; Wananos de Querari; negros do Maranhão e nordestinos do Ceará. Hoje está espalha pela região fronteira de Brasil, Colômbia e Venezuela. Somos povos farinheiros⁷.

Em nosso meio, fomos acostumados, como acontece com a maioria dos habitantes dessa parte do Brasil, a escutar e conversar em diferentes idiomas. Em casa ressoa o português, a língua-geral (nheengatu), o tukano, o espanhol e o wanano. As línguas se mesclam

¹ *Introdução*: Ato de introduzir ou de introduzir-se; Derivação feminina singular de introduzir. *Introduzir*: meter dentro, fazer entrar, causar, enraizar-se. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/introdução> [consultado em 8-02-2021].

² BARCELLOS, Gustavo. *O banquete do Psique: imaginação, cultura e psicologia da alimentação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017 (p. 41): "O sentido do paladar é tão complexo que nele a alma se vê repleta de possibilidades imaginativas de prazer e de dor, que traduzem elevação e abismo, inspiração e vertigem. [...] as imagens que ali nascem para descrever os estados da alma são inúmeras, na literatura, na arte, na clínica".

³ DAVID, Guillermo. 'Puranga: a indianidade sitiada'. In *Baré: povo do rio*; Marina Herrero e Ulysses Fernandes organizadores, São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. (p. 182): "Arubé – água com massa de mandioca puba [e pimenta], é consumida 'bem ardida'".

⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. 4. Ed. São Paulo: Global, 2011 (p. 12): "A receita da inquitaita foi colhida por Marcgrave: - "Os indígenas socam esta pimenta (pimentão, quiya-uca, certamente uçu) com sal e denominam esta mistura luquitaya e com que temperam a comida, na ocasião da refeição, do mesmo modo que fazemos uso do sal. É um tempero bom e de sabor agradável. Misturam-na com farinha e peixe cozido, tiradas as espinhas; a esta mistura denominam Piraquiya e dela fazem uso em viagem, tem bom sabor e se conserva vários dias". / Freyre (2006, p. 195): "Sabe-se o abuso que faziam os indígenas da pimenta: abuso que se prolonga na culinária brasileira de hoje. No extremo-norte existe o juquitaita - condimento híbrido, feito de malagueta e sal: depois de seca a malagueta, nos próprios ramos quebrados da pimenteira e pendurados na cozinha, é passada no forno e levada ao pilão para ser socada com sal".

⁵ Panieiro, além de ser um cesto feito a partir de cipós é também, hoje, uma medida, equivale à aproximadamente 24 kg.

⁶ Em Cascudo (2011, p. 65): "Referindo-se à defesa portuguesa em 1624 contra os Holandeses que assaltavam a Bahia, informava o padre Antônio Vieira ao Provincial: "muitas vezes, particularmente ao princípio, se sustentavam só de farinha de guerra, sem mais do que um pouco de água". Farinha de guerra era a farinha de mandioca mais grossa, resistindo. Era, já em 1624, um alimento popular e não mais unicamente indígena. Farinha e água fria, aquecia dia..."

⁷ Cascudo (2011, p. 38): "Essas reservas foram, entre os ameríndios brasiliensis, farinha, de peixe, de mandioca, raramente de milho. Sem farinha o indígena estava morto. A farinha, do radical latino *far*, é genérico de cereais, moídos, pilados, triturados. De sua importância etnográfica revelam os vocábulos farto, fartura, repleto ou abundância de farinha. *Homo nostrae farinae*, poetava Pérsio, significando a igualdade de condição social pela unidade alimentar".

aparentemente sem causar confusão. Da mesma forma que se misturam as línguas e as palavras, assim também, misturam-se as coisas, a culinária: *Beiju, curada, cazabe; chicha, caxiri, cauim*. No cotidiano das refeições intercalam-se, misturam-se, arépa, tapioca, mujeca, moqueado⁸, pimenta, chocolate quente, beiju, tambaqui assado, carne-do-mato ou montesa, pirarucu frito, feijoada, pirão, tucumã, tucupi, maniuara⁹, ingá, açaí, *maíz* ou milho, cerdo, sancocho, macaxeira, plátano (banana da terra), caxiri, chibé¹⁰...

Aventurar-me pela História da Amazônia fora uma percepção que gradualmente ganhou substância ao longo de minha graduação em História. Meu ensino fundamental, que se dera nos inícios dos anos 1990, foi cursado todo em São Gabriel da Cachoeira, em período em que não existiam bibliotecas e anterior ao advento da internet. Somente pude ter contato com História e Geografia do Amazonas, nas disciplinas que me foram ofertadas nas antigas 5ª e 6ª séries, GEA e HEA¹¹, hoje, infelizmente, componentes extintos do currículo. Depois do ensino fundamental, foi apenas na Universidade, em Manaus, início do século XXI, que obtive contato com obras que me levaram a repensar e aprofundar meu conhecimento sobre a História do Amazonas. Direcionar o olhar para a História da Alimentação foi um processo impulsionado por três obras que serviram de instigadoras para minha aventura. A primeira obra foi o livro de Hans Staden, alemão que permaneceu cativo entre os tupinambás nos quinhentos, do qual escreveu seu testemunho: *Duas Viagens ao Brasil (1556)*¹². As outras duas obras são contemporâneas, realizações do professor Dr. Antonio Porro, *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*¹³ e a organização e compilação das crônicas amazônicas: *As Crônicas do Rio Amazonas, notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*¹⁴.

Na obra de Staden, o que chamou mais atenção, um dos motivos a enveredar por essa temática, foi o capítulo intitulado *Como produzem bebidas, com as quais se embriagam, e como tratam o assunto*. Nele, o alemão descreve o preparo e consumo do Cauim pelas e pelos tupinambás localizados no que hoje é o sudeste do Brasil. A minha surpresa foi ler que as linhas, compostas pelo alemão, descrevem quase que da mesma maneira o modo de fazer chicha, ou caxiri, que eu experimentei, nos inícios dos anos 1990 em Querari, entre os parentes

⁸ Cascudo (2011, p. 32): “Uma forma sul e norte-americana que se divulgou foi a carne moqueada, assada no jirau, armação de varas e determinada altura e distância do lume que tosta pelo calor e não pelo contato. A carne moqueada conserva-se várias semanas, mas precisa ser reaquecida antes de servir-se”.

⁹ Espécies de formiga consumida como alimento na região do Alto Rio Negro.

¹⁰ Cascudo (2011, p. 65): “Use a farinha misturada n’água simples, unicamente. É uma fórmula ainda contemporânea em sua rusticidade típica. Mesmo anterior ao açúcar e as bebidas fermentadas. No Brasil indígena do Amazonas é bebida comuníssima a chamam-na cimé, cimbe, cibé, chibé, xibé”.

¹¹ Geografia do Estado do Amazonas e História do Estado do Amazonas.

¹² STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiro registro sobre o Brasil*; tradução Angel Bojadsen. Porto Alegre, L&PM, 2010.

¹³ PORRO, Antonio. *As crônicas do rio Amazonas: notas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. 2. ed. Manaus: EDUA, 2016.

¹⁴ PORRO, Antonio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. 2. ed. Manaus: EDUA, 2017.

Wanano do alto Rio Negro. Ali, ainda menino, fora convidado, pelo meu tio, casado com uma Wanano, a participar dos festejos de fim de ano da comunidade de Montenegro, a festa deu-se regada a cuias de chicha de pupunha. Em minhas lembranças recorde-me de ter perguntado a meu tio a maneira do preparo da bebida, este na época relatou-nos que a chicha fora produzida a partir do resultado da pupunha mastigada e devolvida nos potes pelas moças da comunidade. Sobre esta percepção e comparação de tempos diferentes de um rito cotidiano Flandrin, em sua *História da alimentação*¹⁵, descreve:

Os mais insignificantes acontecimentos da vida cotidiana têm de necessário e um sentido muito preciso. Embora deem a impressão de serem estáticos em relação a outros fenômenos históricos – acontecimentos ou ciclos conjunturais –, eles evoluem num tempo muito mais lento, o longo tempo das estruturas, como bem o salientou Fernand Braudel¹⁶.

A coletânea de crônicas, *As Crônicas do Rio Amazonas e o Povos das águas* de Porro, essenciais para este trabalho, conheci graças a aulas ministradas pelos Professores: Dr. Almir de Carvalho Diniz Jr. e Dr. Auxiliomar Silva Ugarte. Chamou-me a atenção, nas crônicas quinhentistas dos primeiros europeus a realizarem expedições pela Amazônia, os nomes familiares de alimentos e sua preparação, bem como a fauna e flora e suas denominações, descrita pelos cronistas. Alguns desses termos utilizados ainda hoje em partes da região amazônica¹⁷. Outro ponto a destacar nas crônicas é o alimento, a matalotagens dos visitantes, ou sua falta, como fator determinante para o sucesso, ou melhor, para o insucesso das expedições quinhentistas a Amazônia.

Assim, direcionando meu querer saber¹⁸ para a História da Alimentação, aqui exponho algumas das minhas principais referências neste campo histórico. O primeiro é um pequeno, mas instigador livro do historiador e filósofo italiano Paolo Rossi, intitulado *Comer: necessidade, desejo, obsessão*¹⁹, nesta obra pude obter as referências iniciais para me aprofundar no tema. Outra obra em destaque é a coletânea, que reúne vários autores, organizada pelo francês Jean-Louis Flandrin e o italiano Massimo Montanari, historiadores referências no

¹⁵ *História da alimentação*. Sob a direção de Jean-Louis FLANDRIN e Massimo MONTANARI; tradução Guilherme J. Freitas, Luciano V. Machado. 9. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

¹⁶ Idem, p. 16.

¹⁷ Ao lado do Museu da cidade de Manaus, antiga prefeitura, localizado na praça da Liberdade, centro antigo de Manaus. Prédio erguido em cima de um sítio arqueológico que contem artefatos e peças, marcas de um possível grande assentamento populacional no tempo anterior a chegadas dos europeus, há uma antiga residência onde funciona um restaurante de comida típica da região do Alto rio Negro, o *Biatüwi* (casa da pimenta). O prato principal é o peixe assado no jirau, ou barbacoa, como era mais comum o pescado ser preparado pelos povos que habitavam a Amazônia, antes da chegada dos europeus.

¹⁸ “Do latim vulgar *sapere*, ter sabor, ter bom paladar, sentir os cheiros, de onde migrou para designar o sábio, *sabidus* em latim, aquele que percebe o mundo de modo organizado, usando os sentidos, a intuição. In *Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras*, 2008-2022, <https://dicionarioetimologico.com.br/saber> [consultado em 16-06-2021].

¹⁹ ROSSI, Paolo. *Comer: necessidade, desejo, obsessão*; tradução Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

assunto, denominada *História da Alimentação*. Do historiador francês Fernand Braudel, obra fundamental, destaco *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-VXIII*²⁰.

Sobre História da Alimentação em nosso país não poderia deixar de citar a obra do cientista social Luís da Câmara Cascudo, livro que perpassa todo este trabalho: *História da Alimentação no Brasil*. Destaco também, a importância do trabalho do antropólogo Lévi-Strauss, principalmente sua coleção *Mitologias: O cru e o cozido, Do mel às cinzas, A origem dos modos à mesa*. Outro livro que me oportunizou expandir meus conhecimentos é a publicação do psicólogo Gustavo Barcellos: *O banquete da psique: imaginação cultura e psicologia da alimentação*.

Também norteiam esta pesquisa, quando falamos mais especificamente sobre a história da alimentação na Amazônia: A tese *Sertões de Bárbaros*²¹, do historiador amazonense Auxiliomar Ugarte; as obras *Panorama da alimentação indígena: comidas, bebidas & tóxicos na Amazônia Brasileira*²² e *Moronguetá: um Decameron Indígena* ambas do maranhense Nunes Pereira e a coleção, de vanguarda, *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del Mar Oceano*²³, de Gonzalo Fernandez de Oviedo e Valdés.

Sobre o período pré-colombiano, da América e da Amazônia, recorreremos, para nos auxiliarem, as obras de diferentes cientistas sociais: *Pegando fogo, por que cozinhar nos tornou humanos*²⁴, do antropólogo Richard Wrangham; *Pré-história do Brasil: as origens do homem brasileiro, o Brasil antes de Cabral*²⁵ de Pedro Funari e Francisco Noelli; *História da América Latina, das culturas pré-colombianas até o presente*²⁶ de Stefan Rinke; *Os índios antes do Brasil*²⁷ de Carlos Fausto; *Arqueologia da Amazônia*²⁸ do arqueólogo Eduardo Góes Neves; *O determinismo agrícola na arqueologia amazônica* de Claide de Paula Moraes²⁹; *Quando o Amazonas corria para o pacífico*³⁰ do agrônomo Evaristo de Miranda; *América pré-histórica e*

²⁰ BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, economia e capitalismo séculos XV-VXIII*; tradução Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995

²¹ UGARTE, Auxiliomar. *Sertões Bárbaros - O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (século XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer, 2009.

²² PEREIRA, Nunes. *Panorama da alimentação indígena brasileira: Comidas, bebidas & tóxicos na Amazônia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

²³ OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; segunda parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1852. / OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; Primeira parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1851. / OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; Tercera parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1855.

²⁴ WRANGHAM, Richard W. *Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos*; tradução Maria luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010

²⁵ FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

²⁶ RINKE, Stefan. *História da América Latina: das culturas pré-colombianas até o presente*; tradução Matias da rocha. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2012

²⁷ FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000

²⁸ NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

²⁹ MORAES, Claide de Paula. *O determinismo agrícola na arqueologia amazônica*. Estudos Avançados, vol. 29 (83), 2015

³⁰ MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Quando o Amazonas corria para o Pacífico: uma história desconhecida da Amazônia*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

*Amazônia*³¹ ambos da arqueóloga norte-americana Betty Meggers; *O alto Amazonas*³² do também estadunidense Donald W. Lathrap; *O Brasil antes dos brasileiros e Arqueologia Brasileira*³³ ambos do francês André Prous; o estudo do geógrafo William M. Denevan: “*La población aborigen de la Amazonia en 1492*”³⁴.

Outro livro fundamental, uma coletânea de autores, é a obra organizada por Gaspar M. Ríos, Santiago Mora Camargo e Carlos F. Calvo: *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*³⁵. Ressalto também, a obra do agrônomo amazonense Alfredo K. O. Homma, *História da Agricultura na Amazônia: da era pré-colombiana ao terceiro milênio*³⁶. Outra coletânea multidisciplinar em destaque é a organizada por Manuela Carneiro da Cunha, *História dos Índios no Brasil*³⁷. As obras do historiador Sérgio Buarque de Holanda, também me auxiliaram nesta caminhada, destaco, entre outras, a coletânea idealizada e organizada pelo mesmo intitulada a *História Geral da Civilização brasileira*³⁸, obra em vários tomos com a participação de diferentes autores incluindo a colaboração do historiador manauara Arthur Cézár Ferreira Reis. De Arthur Reis destaco também, como obra de referência para este trabalho, sua *História do Amazonas*³⁹.

Gilberto Freyre em seu *Casa Grande e Senzala* explana que ao estudar a vida doméstica de nossos antepassados, nos sentimos, aos poucos, nos completar, pois é um meio de nos sentirmos nos outros⁴⁰. Dizia ele “é um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos”⁴¹. Quando se estuda a história da alimentação e do alimento temos a sensação, descrita por Freyre, de remoer nervos.

A alimentação, como afirma Flandrin, faz parte da cultura de base de todos os seres humanos⁴². Para Savarin a comida e seu preparo é uma das responsáveis por governar a vida inteira do homem, assim, ele ilustra sua afirmação:

³¹ MEGGERS, Betty J. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*; tradução de Maria Yedda Linhares. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1987. / MEGGERS, Betty J. *América pré-histórica*; tradução de Eliana Teixeira de Carvalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

³² LATHRAP, Donald W. *El alto Amazonas*. Lima: Instituto Cultural RVNA; Chataro editores, 2010.

³³ PROUS, André. *Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá, MT: Archaeo; Carlini & Caniato Editorial, 2019. / PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

³⁴ DENEVAN, William M. “La población aborigen de la Amazonia en 1492”. *Amazonia Peruana*, Lima: Centro Amazonico de Antropologia y Aplicacion Practica, v. 3, n. 5, p. 3-41, jun., 1980.

³⁵ *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*. Eds. Gaspar Morcote Ríos, Santiago Mora Camargo, Carlos Franky Calvo. Bogotá: Universidade nacional de Colombia. Facultad de Ciencias – Taraxacum, 2006.

³⁶ HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *História da Agricultura na Amazônia: da era pré-colombiana ao terceiro milênio*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

³⁷ *História dos Índios no Brasil*. Manuel Carneiro da Cunha (org.) John Manuel Monteiro (tradução). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

³⁸ *A época colonial, v. 1: do descobrimento à expansão territorial*; introdução geral de Sergio Buarque de Holanda. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

³⁹ REIS, Arthur Cézár Ferreira. *História do Amazonas*. 2. ed. Belo Horizonte; Itatiaia; [Manaus]: Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

⁴⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. p. 44.

⁴¹ Idem, p. 44.

⁴² FLANDRIN, 2018, p. 15.

Os choros do recém-nascido reclamam o seio de sua ama de leite, e o moribundo recebe ainda com prazer a porção suprema que, infelizmente, não pode mais digerir. Sua influencia se exerce em todas as classes da sociedade; pois se é ela que dirige os banquetes dos reis reunidos, também é ela que calcula o número de minutos de ebulição necessária para que um ovo fresco seja cozido ao ponto⁴³.

A ação de alimentar-se, para os seres humanos, faz parte de seu cotidiano desde o nascimento: “Desde que nasce o homem precisa obter sua alimentação: hidratos de carbônio, gorduras, proteínas, sais, água”⁴⁴, para poder sobreviver, está condenado a esta prática. Das necessidades do homem, o ato de comer é a primária. Surge antes de todos os desejos como sentença James Hillman: “A criança surge antes do homem, a língua surge antes do pênis, a boca surge antes da vulva”⁴⁵.

Mas comer, se alimentar, além de ser um ato orgânico, ao longo da história, foi ganhando novos sentidos e significados, graças a inteligência humana, como afirma Cascudo, transformou-se em uma ação social⁴⁶, logo cultural⁴⁷. “De todos os atos naturais, o alimentar-se foi o único que o homem cercou de cerimônia e transformou lentamente em expressão de sociabilidade, ritual político, aparato de alta etiqueta”⁴⁸. Para Montanari, a comida, preparada por homens e mulheres, tornou-se cultura a partir do momento que ela ganha requintes de produção, pois ali “o homem não utiliza apenas o que encontra na natureza (como fazem todas as outras espécies animais), mas ambiciona também criar a própria comida, sobrepondo à atividade de produção à de predação”⁴⁹.

Para Barcellos o ato de comer “é um ato fisiológico, antropológico e cultural, mas também emocional e simbólico”⁵⁰. Em outro trecho ele continua, “o mundo adentra o corpo pelo alimento”⁵¹. Sentença semelhante Bakhtin já explanava no início do século XX: “Na absorção de alimentos, isto é, de uma parte do mundo a ele arrancada, as fronteiras entre o corpo e o mundo são ultrapassadas num sentido favorável ao corpo, que triunfa sobre o mundo, sobre o inimigo, que celebra a vitória, que cresce às suas expensas”⁵².

Para Montanari, “a comida é expressão da cultura não só quando produzida, mas também quando preparada e consumida”⁵³:

⁴³ SAVARIN, Brillat. *A filosofia do gosto*; tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das letras, 1995, p. 61.

⁴⁴ CASCUDO, 2011, p. 18.

⁴⁵ HILLMAN, James & BOER, Charles. *O livro da cozinha do Dr. Freud*; tradução Silvio Lancellotti. São Paulo: Paz e Terra, 1986, p. 17.

⁴⁶ CASCUDO, 2011, p. 37.

⁴⁷ GOSDEN, Chris. *Pré-história*; tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019 (p. 63): “A cultura seria definida pelo arqueólogo Gordon Childe como um conjunto de características recorrentes - artefatos, casas, enterros, alimentos e assim por diante”.

⁴⁸ CASCUDO, 2011, p. 36.

⁴⁹ MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*; tradução de Letícia Martins de Andrade. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2013, p. 16

⁵⁰ BARCELLOS, 2017, p. 9

⁵¹ Idem, p. 17.

⁵² BAKHITIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelaís*; tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 246.

⁵³ MONTANARI, 2013, p. 7.

Os comportamentos alimentares são fruto não apenas de valores econômicos, nutricionais, salutar, racionalmente pesquisados, mas também de escolhas (ou de coerções) ligadas ao imaginário e aos símbolos de que somos portadores e, de alguma forma, prisioneiros⁵⁴.

Lévi-Strauss afirmava que o ato de preparar e consumir o alimento, realizado pelos humanos, está entre a natureza e a cultura, embora, nas palavras do antropólogo, ela deve representar a união de ambas⁵⁵. Para o italiano Rossi, o ato humano de se alimentar perpassa também estes dois pressupostos, natureza e cultura:

A comida (e sua preparação) não é um elemento marginal e irrelevante; perceberam que estas alternativas têm a ver com o ato de comer em grupo ou sozinho, com a passagem da natureza à cultura e com o mundo dos sistemas simbólicos. As formas de alimentação podem dizer algo importante não apenas sobre as formas de vida, mas também sobre a estrutura de uma sociedade e sobre as regras que lhe permitem persistir e desafiar o tempo

[...]

As ações para se livrar da fome e da sede empreendidas pelos membros da espécie humana são ‘naturais’ apenas na aparência. Na verdade, estão estreitamente ligadas à articulação das técnicas culinárias, aos instrumentos utilizados para cozinhar e para comer, as cerimônias e os ritos nos quais homens e mulheres se reúnem em torno de um lugar onde são servidos os alimentos. O alimento não é apenas ingerido. Antes de chegar na boca, ele é preparado e pensado detalhadamente⁵⁶

A comida e seu preparo também é um importante elemento de identificação humana e um dos mais eficazes instrumentos de comunicação, como afirma Montanari⁵⁷: “A comida auxilia na intermediação entre culturas, abrindo os sistemas culinários a todas as formas de invenções, cruzamentos e contaminações”⁵⁸. É um importante elemento que mantém as pessoas unidas ou instrumento capaz de servir de meio de apaziguar inimigos e criar novas amizades⁵⁹.

O ato de comer não relaciona apenas a pessoas, mas também interliga pessoas e coisas⁶⁰. Nossos antepassados, em cada continente “estabeleceram vínculos estritos com os animais e as plantas locais”⁶¹. Estes vínculos foram se estabelecendo ao longo do tempo e do acúmulo de conhecimento do espaço/lugar:

Utilizar os recursos silvestres e comê-los assim como se encontram na natureza não é de fato uma operação simples e ‘natural’, fruto de uma sabedoria instintiva, mas o resultado de um aprendizado, de um conhecimento do território e de seus recursos, que se forma reunindo-se informações e tirando-se proveito do ensinamento de que já conhece aquele território e utiliza aqueles recursos⁶²

⁵⁴ Idem 2013, p. 79.

⁵⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Do mel às cinzas. (Mitologia v.2)*; tradução Beatriz Perrone -Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 442.

⁵⁶ ROSSI, 2014, pp. 30 e 32.

⁵⁷ MONTANARI, 2013, p. 16.

⁵⁸ Idem, p. 11.

⁵⁹ GOSDEN, 2019, p. 82.

⁶⁰ Idem, p. 39.

⁶¹ Idem, p. 98.

⁶² MONTANARI, 2013, p. 74.

A comida também serve como importante delineador de identidades para grupos ou indivíduos. Em nosso planeta, o confronto dessas técnicas culinárias entre povos “permite não apenas avaliar, mas criar a própria diversidade. As identidades, portanto, não existem sem as trocas culturais”⁶³ Sobre a comida como um dos aspectos identitários, Gosden escreveu:

A identidade também é composta das relações comensais que estabelecemos com outras espécies e com as coisas, de modo que, para análise social, descobrir a “cola” que mantém cada formação social é de fundamental importância⁶⁴

A comida está presente também de nosso imaginário, o que Barcellos chama de a imaginação gastronômica: “Sonhos doces, verdades amargas, realidades salgadas, relações apimentadas, situações picantes compõe a psicologia da alimentação”⁶⁵. Continua:

“A própria comida foi imaginada não apenas com as fantasias da nutrição, mas também como remédio, droga, veneno, panaceia, diversão e arte. Saúde e doença, vida e morte, estiveram sempre intimamente ligadas a ela. Tabus, proscricções e prescrições, dietas e regimes, tudo isso vigia constantemente ‘a mais insidiosa, diuturna e permanente das tentações’⁶⁶.

O Ato de comer e seus ritos também estão relacionado a diferentes formas de poder:

[...] entre homens e mulheres, adultos e crianças, o mundo espiritual e o humano, e entre aqueles que estão no centro e os que estão na margem do grupo. Por fim, mas não menos importante, o comensalismo está associado com a estética e as emoções, as operações sensoriais do corpo que atribuem valores as coisas e as pessoas, formando a base da crença comum⁶⁷.

O que se deve comer, o que se pode ingerir, o bom ou o ruim, são noções relativas particulares de cada indivíduo ou de cada cultura como afirma Flandrin⁶⁸. Sobre os pressupostos que fazem uma comida ser boa ou má para consumo, Montanari sentencia: “A comida não é ‘boa’ ou ‘ruim’ por si só alguém nos ensinou a reconhecê-la como tal. O órgão do gosto não é a língua, mas o cérebro”⁶⁹.

Homens e Mulheres ao longo da história transformaram o ato de comer em um evento social, a comensalidade:

A comensalidade: o homem civilizado como não somente (e menos) por fome, para satisfazer uma necessidade elementar do corpo, mas, também, (e sobretudo) para transformar essa ocasião em um momento de sociabilidade, em um ato carregado de forte conteúdo social e de grande poder de comunicação⁷⁰

⁶³ MONTANERI, Massimo. *O mundo na cozinha: história, identidade, trocas*; tradução Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 12.

⁶⁴ GOSDEN, Chris. *Pré-história*; tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019, p. 100.

⁶⁵ BARCELLOS, 2017, p. 10.

⁶⁶ Idem, p. 34.

⁶⁷ GOSDEN, 2019, p. 81.

⁶⁸ Flandrin (2018, p. 3): “Se podemos ariscar uma hipótese em relação a esta questão, é a de que normalmente se prefere o conhecido, o habitual ao desconhecido”.

⁶⁹ MONTANARI, 2013, p. 95.

⁷⁰ Idem, p. 108.

A comensalidade

denota um processo de viver junto, em apoio e dependência mútuos. A vida humana moderna envolve relações próximas com determinadas plantas, animais e coisas materiais. [...] “é um processo pelo qual as pessoas criam mundos para si mesmas com estruturas especiais de comunidade, paisagens e artefatos, assim como suas próprias formas de história”⁷¹.

Como afirmava Plutarco, “nós não sentamos à mesa para comer, mas para comer junto”⁷².

Sobre a importância de se estudar a comida ou a história da Alimentação, Câmara Cascudo, um dos precursores destas pesquisas no Brasil, salientou em sua *História da Alimentação no Brasil* que, em motivo de comparação, a alimentação, como característica do grupo humano, é muitos anos mais valiosa, cronologicamente, que a linguagem⁷³. Savarin destaca a culinária, a arte de se confeccionar alimentos, como a mais antiga das artes⁷⁴. Perlès descreve a importância das marcas dos alimentos na constituição física humana, que nos ajudam a entender melhor o cotidiano de nossos antepassados: “nossa alimentação deixa ‘marcas’ na constituição do tecido ósseo sob forma tanto de resíduos-reveladores como de relações isotópicas”⁷⁵.

Quando em fins do século XV as silhuetas das naus de Colombo ganharam formas no belo horizonte azul/verde oceânico caribenho, o ser humano já se fazia presente em todas as partes do globo, com exceção do círculo polar antártico. Diferentes povos coabitavam nos continentes e subcontinentes e em cada parte do globo “as capacidades humanas foram exploradas de maneira diferente por meio das interações locais com o mundo”⁷⁶. Os alimentos e hábitos alimentares também foram moldados de acordo com a realidade e costumes locais:

É preciso reconhecer que cada sistema culinário possui sua própria estrutura, determinada tanto pelos sistemas de cozimento, conhecidos e preferenciais, como por um produto básico particular: aqui será o milho, ali o feijão, a mandioca nas planícies e, em outras zonas, a batata ou mesmo a carne...⁷⁷.

A partir das conhecidas grandes navegações ibéricas dos séculos XV e XVI, como sugere Montanari, uma nova configuração do comércio mundial se estabeleceu sob domínio

⁷¹ GOSDEN, 2019, p. 80-81.

⁷² MONTANARI, Massimo. “Sistemas alimentares e modelos de civilização”. In *História da alimentação*. Sob a direção de Jean-Louis FLANDRIN e Massimo MONTANARI; tradução Guilherme J. Freitas, Luciano V. Machado. 9. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018, p. 108.

⁷³ 2011, p. 18.

⁷⁴ SAVARIN, 1995, p. 235.

⁷⁵ PERLÈS, Catherine. “As estratégias alimentares nos tempos pré-históricos”. In *História da alimentação*. Sob a direção de Jean-Louis FLANDRIN e Massimo MONTANARI; tradução Guilherme J. Freitas, Luciano V. Machado. 9. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018, p. 36.

⁷⁶ GOSDEN, 2019, p. 99

⁷⁷ MONTANARI, 2009, p. 166

européu. Esta nova configuração afetou progressivamente, direta ou indiretamente, a dieta de todos os povos por eles visitados⁷⁸:

No início do século XVI, os mecanismos de controle do espaço alimentar tinham se ampliado em escala mundial com a afirmação do domínio europeu (Estados e companhias privadas de exploração) no continente asiático e, depois da ‘descobertas’ de Colombo, no continente americano⁷⁹.

Na América, quando da chegada dos ibéricos, já existiam, coabitando o continente, várias e diferentes nações. Apesar do olhar europeu da época pré-conceitual buscar reduzi-los a um só povo. Graças a Colombo que acreditando, ou querendo acreditar, ter chegado em terras de súditos do grande Kan das Índias, todos os originários do Novo Mundo acabaram por ganhar a denominação errônea de índios.

Como havia uma grande diversidade de nações e povos espalhados pelo continente americano, os alimentos e as formas alimentares também refletiam esta heterogeneidade, graças às características espacial e cultural de cada região. Por milênios, antes da chegada das naus castelhanas, diferentes plantas, ervas, frutos, sementes, que serviam como alimento, viajaram ou foram domesticadas graças a intervenção e conhecimento adquirido milenarmente por gerações de mulheres e homens. Estes produtos, em cada local, ganharam novos contornos, gostos, ou modos de fazer ou se não simplesmente repetia-se o preparo trazido do seu local de origem⁸⁰, por vezes acrescentando-se somente algum ingrediente novo⁸¹.

Na América do Sul, graças a expansão de estudos arqueológicos, hoje a região de floresta tropical de terra baixa desponta como um importante e milenar centro continental de domesticação, manipulação e difusão de plantas que serviram como base alimentar para grande parte dos povos das Américas, pré e pós Colombo. Além da região equatorial úmida ser apontada como região precursora na domesticação de algumas plantas para a dieta do mundo, as mulheres e homens da floresta estão entre os primeiros a dominarem as técnicas de produção de cerâmica no continente.

Essas tecnologias, quando do tempo em que os ibéricos puseram seus pés aqui, estava adaptada a realidade dos povos que aqui coabitavam em simbiose com a floresta. Da mata, os

⁷⁸ Tudo leva a crer que no território brasileiro não existiam algumas plantas que se fizeram comuns na dieta dos povos originários, depois da chegada dos europeus, alimentos trazidos de outros continentes, nas naus mercantes: Ex. coco (*Cocos nucifera*), banana-da-terra, pacova (*Musa x paradisiaca*).

⁷⁹ MONTANARI, 2013, p. 51

⁸⁰ MONTANARI, Massimo. *O mundo na cozinha: história, identidade, trocas*; tradução Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 (p. 13): “As tradições alimentares e gastronômicas são extremamente sensíveis às mudanças, às imitações e à influência externa. Cada tradição é o fruto – sempre provisório – de uma série de inovações e das adaptações que estas provocaram na cultura que as acolheu”.

⁸¹ Montanari (2009, p. 174): “com frequência, o caminho do entrecruzamento entre culturas não se estanca, e eis que pratos amestiçados num local migram para outro, para serem por sua vez amestiçados por outros vetores [...], enfeitados com novos ornamentos”.

habitantes da floresta, se aproveitava retirando apenas o necessário para seu sustento diário, o que ocasionava um certo equilíbrio:

As florestas também têm intenções e emoções, às quais os seres humanos devem estar atentos; assim, caçar e coletar na floresta não é só uma questão de tecnologia e preparo adequado, mas de respeito e compreensão para com todas as relações e que as pessoas estão enredadas⁸².

Causara bastante impressão, aos primeiros exploradores europeus, ao descer o rio das Amazonas, e seus cronistas nos registros quinhentistas descrevem isso com espanto, o grande número de povoados e de moradores existente ao longo da calha do grande rio. Montante demográfico este que provavelmente se sustentava do que a floresta e os rios lhes ofereciam em abundância.

Essas informações demográficas contidas nas crônicas, escritas por testemunhas oculares, por muito tempo foram interpretadas com descrenças, muitos entendendo como delírios daqueles quase sempre doentios e famélicos europeus que pelas águas do imenso rio singraram nos quinhentos. Aqueles que acreditavam, ou ainda querem acreditar, no ideário de uma floresta intocada, um ‘imenso vazio’ a ser explorado, uma ‘floresta virgem’ ou em um eterno e desabitado ‘inferno verde’, utilizam para a sua defesa, a tese de não ser possível um grande número de comunidades e pessoas conviverem às margens dos rios sustentando-se tão somente apenas dos alimentos ofertados pelo bioma existente nos limites do majestoso rio e seus afluentes. Hoje, aos poucos, esta opinião está mudando, graças principalmente aos estudos e achados arqueológicos realizados na região. Estas pesquisas são importantes pois estão comprovando os testemunhos históricos dos cronistas quinhentistas e seiscentistas europeus que estiveram na Amazônia⁸³.

Este trabalho visa descrever os alimentos e os hábitos alimentares narrados nas crônicas quinhentistas que relatam as aventuras das primeiras expedições ibéricas que navegaram pelo rio Amazonas e tiveram a oportunidade de interagir com populações de diferentes e numerosas nações presente ao longo das margens do rio-mar.

Nas crônicas, dos primeiros exploradores europeus na Amazônia, a alimentação não está entre os assuntos principais abordados, mas fato é que todos os cronistas superficialmente ou indiretamente descrevem em certo momento algum alimento e/ou a maneira de seu preparo culinário. Temas relacionados a alimentação, nas crônicas, quase sempre surgem à tona quando

⁸² GOSDEN, 2019, p. 37.

⁸³ O que dizer do artigo na revista científica *Nature* que, neste ano 2022, publicou a matéria da existência de um assentamento incrivelmente complexo de aproximadamente 1500 anos, cobrindo mais de 100 hectares localizado na floresta amazônica boliviana pela equipe do arqueólogo alemão Heiko Prümers. A descoberta foi possível graças as tecnologias hoje existentes de mapeamento e escaneamento a laser da região.

o fator sobrevivência esta em risco devido a falta de comida, momento em que a fome se fazia presente assolando os exploradores. Os tripulantes das expedições, na maioria das vezes, chegavam a este estado de desespero principalmente em decorrência do desconhecimento da flora, da fauna e das tecnologias para obtenção de alimentos na região.

Nas crônicas as descrições relacionadas a carestia de alimentos, tendem gradativamente a aumentar com o passar do tempo e do percurso percorrido. Assim, quando os exploradores tomam uma comunidade ou, no itinerário, capturam reféns, estes fatos eram dignos de registro, bem como comentários referentes a sorte de encontro comida ou ao azar de não existir nos locais alimento suficiente para aplacar a fome de todos.

Destacamos os alimentos e modos de preparo descritos nas crônicas; as denominações empregadas pelos exploradores a partir do nome dados pelos locais ou das nomenclaturas cunhadas e emprestadas, a partir da semelhança, com produtos existentes em outros lugares.

Chamamos atenção que muitos desses alimentos e hábitos alimentares ainda hoje fazem parte da dieta e são muito apreciados pelos povos amazônicos: Beju, chicha, caxiri, barbacoa, jirau, farinha, moqueado, assim como modos de caça, pesca e coleta e etc. Também buscamos registrar, quando possível, a relação dos alimentos com as crenças, costumes e tabus, dos povos locais, herdados através do conhecimento tradicional.

Demos importância para a tentativa feita pelos cronistas, a partir do conhecimento prévio que possuíam, da descrição da flora e fauna que a população amazônica utilizava como alimento: frutas, raízes, ervas, mamíferos, reptéis, aves e peixes. Procuramos registrar também todo e qualquer alimento trazido pelos expedicionários descrito nas narrativas, inclusive aqueles que não possuíam esse caráter, mas acabaram servindo de mantimento mesmo assim, devido a carestia. Entre os itens catalogados então: cerdos, camelídeos, vinho, pão, trigo, milho, cavalos, canídeos, couro, ratos, aves, etc. Por fim, buscamos apresentar a importância estratégica do alimento e suas técnicas milenares de obtenção pelos povos tradicionais da floresta.

As crônicas analisadas são as relacionadas as primeiras expedições ibéricas em sentido oeste-leste, que se tem registro, as quais tiveram como ponto de partida o já subjugado império andino Inca. A primeira delas é a expedição de Alonso Mercadillo (1538), a principal fonte desta empreitada é a Carta que o vicentino Diego Nunes escreveu ao rei Dom João III. Nela, Nunes relata muito sucintamente sua participação na aventura malfadada da expedição do Espanhol Alonso de Mercadillo⁸⁴.

⁸⁴ Carta de Diego Nunes escripta a D. João III acerca do descobrimento de sertões aonde podia chegar atravessando a terra de S. Vicente (província de São Paulo).

A segunda expedição (1540), oriunda do Peru, é a liderada, de início, pelo irmão menor de Francisco Pizarro, Gonzalo Pizarro, que devidos as intempéries da região acabou desistindo de encontrar o tão sonhado País da Canela. Mas antes de decidir voltar ao Peru, Gonzalo, aflito em meio a mata desconhecida, havia impulsionado um pequeno destacamento em busca de alimentos, do qual fez capitão seu subordinado Francisco Orellana. Os membros deste destacamento, não conseguindo encontrar nenhum mantimento nas proximidades, desesperados, decidiram por continuar a navegar, descendo o rio para além do que haviam estipulado com Gonzalo. Distantes, em determinado momento, deram-se conta que não seria mais possível retornar ao ponto de partida onde deixaram Pizarro e deliberaram por continuar a descer o grande rio em busca de sua foz, na esperança de conseguir chegar ao mar. O registro do testemunho desta expedição, chegaram até nós, graças a pena de Gaspar de Carvajal, que se tornara o cronista da viagem de Orellana, com seu relato intitulado *‘Relaçion del famosíssimo é muy poderoso rio llamado el Marañon’*⁸⁵.

A terceira e última expedição realizada nos anos de 1500, pelos castelhanos, é a caótica expedição que possuiu como primeiro comandante Pedro de Ursúa. Esta expedição se notabilizou por inúmeras atrocidades e motins ao longo do percurso. Destas truculentas ações despontou, depois da usurpação do poder de Ursúa, a figura central e dominante do basco Lope de Aguirre. Existem inúmeros relatos deixados por aqueles que participaram desta última empreitada castelhana⁸⁶ nos quinhentos. A existência dessa grande quantidade de relatos, em comparação as das expedições anteriores, para alguns historiadores, deve-se principalmente pela tentativa de seus escritores em estarem tentando, através de suas narrativas, se desvencilhar das atrocidades cometidas no decorrer da expedição, e dessa maneira se livrar da possível condenação a morte por traição contra a Coroa. Neste trabalho utilizamos como base seis destas crônicas: a de Diogo Aguilar y Córdoba, *‘La aventura de Ursúa en el Marañon’*⁸⁷; a de Pedrarias de Alместo, *‘Relación de la Jornada de Omagua e El Dorado’*⁸⁸; a do Capitão Altamirano, *‘De la entrada que el Governador Pedro de Vrsua hizo por el Rio de los Motilones por orden del Virrey Marquez de Cañete’*⁸⁹; a de Gonzalo Zúñiga, *‘Relacion de todo lo sucedido*

⁸⁵ CARVAJAL, Gaspar de. ‘Relaçion del famosíssimo é muy poderoso rio llamado el Marañon, quel capitan Francisco de Orellana é otros hidalgos navegaron’. In VIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; Tercera parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1855 (p.541-574). / CARVAJAL, Gaspar de *Descubrimiento del Río de las Amazonas*. Sevilla: Imprenta de E. Rasco, Bustos Tavera, 1894.

⁸⁶ Ugarte (2009, p. 60): “Chegam a 11 os relatos sobre a jornada a Omágua e Dourado”.

⁸⁷ AGUILAR Y CÓRDOBA, Diogo. “La aventura de Ursúa en el Marañon”, In *Modelos de vida y cultura en Navarra (siglos XVI y XVII)*. *Antología de textos*, Mariela INSÚA (ed.). Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2016.

⁸⁸ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación de la Jornada de Omagua e El Dorado*. New York: IDEA, 2012.

⁸⁹ ALTAMIRANO, Capitan. “De la entrada que el Governador Pedro de Vrsua hizo por el Rio de los Motilones por orden del Virrey Marquez de Cañete”. In VÁZQUES DE ESPINOSA. *Compendio y descripción de las Indias Occidentales*. City of Washington: The Smithsonian Institution, 1948.

*en el rio de Marañon , en la provincia del Dorado, obernador Pedro de Orsua , y de su muerte y al comienzo de los tiranos don Fernando de Guzman y Lope de Aguirre , su sucesor , y de lo que hicieron hasta llegar á la Margarita*⁹⁰; a de Francisco Vázquez, ‘*Jornada de Omagua y Dorado. Crónica de Lope de Aguirre*⁹¹ e do Anônimo: ‘*Relación de todo lo sucedido en la gouernacion de omanga qur por otro nombre se llama el dorado, desde que fue encargada a pedro de osua por el marques de cañete, visoRey de los Reynos del Perú, y de como el cruel tirano lope de aguirre lleo a la ysla de la margarita y de las crueldades que hizo hasta salir e la dicha ysla*⁹²’.

Em sua obra, escrita a muito custo no cárcere, Bloch⁹³ sentenciou: “Todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo [...] que se intitularia algo como: ‘*Como posso saber o que vou lhe contar?*’⁹⁴. Sentindo-me desafiado pelo Historiador francês, procurarei aqui expor a maneira de construção da história que pretendo apresentar⁹⁵. Uma outra sentença histórica destacada por Marc Bloch é que “Todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos outros uma grande parte de sua substância”⁹⁶. Neste trabalho, minha principal bebida, aquela a mim ofertada de forma involuntária, são as crônicas quinhentistas. Delas procurei retirar, o que para mim julguei, já que por natureza somos seres seletivos, as informações mais pertinentes ao tema de minha pesquisa. Atento a marcas, vestígios⁹⁷, a aqueles pormenores por vezes negligenciados ou aqueles fatos que tiveram pouca atenção dada por aqueles que estavam com o poder da pena em suas mãos⁹⁸. Como pressupõe Bloch, “o que os textos nos dizem expressamente deixou hoje em dia de ser o objeto predileto de nossa atenção. Apegamo-nos

⁹⁰ ZÚÑIGA, Gonzalo. “Relacion de todo la sucedido en el rio de Marañon , en la provincia del Dorado, obernador Pedro de Orsua , y de su muerte y al comienzo de los tiranos don Fernando de Guzman y Lope de Aguirre , su sucesor , y de lo que hicieron hasta llegar á la Margarita”. in *Coleccion de documentos ineditos, relativos al descubrimiento , conquista y organizacion de las antiguas posesiones españolas en América y Oceanía, Tomo IV*. Luis Torres de Mendoza(org.). Madrid: Imprenta de Frias y compañía, 1865.

⁹¹ VÁZQUEZ, Francisco. *Jornada de Omagua y Dorado. Crónica de Lope de Aguirre*. 1ª edição, Espana, Madrid, Miraguano Ediciones, 1979.

⁹² ANÔNIMO. ‘Relación de todo lo sucedido en la gouernacion de omanga qur por otro nombre se llama el dorado, desde que fue encargada a pedro de osua por el marques de cañete, visoRey de los Reynos del Perú, y de como el cruel tirano lope de aguirre lleo a la ysla de la margarita y de las crueldades que hizo hasta salir e la dicha ysla”. In JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre: según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca: Talleres Gráficos Editorial V. Campo, 1927.

⁹³ *Apologia a história ou ofício do historiador*, obra inacabada, escrita até 1944 ano em que lhe foi tirada a vida, fuzilado pelas tropas nazistas que ocupavam a França. Motivo da morte, ter participado da resistência a ocupação.

⁹⁴ BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia a história, ou O ofício de historiador*; prefacio Jacque Le Goff; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁹⁵ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*; tradução Bernardo Leitão. 7ª ed. revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013 (p. 22): “[...] a palavra História vem do grego antigo ἱστορίη, em dialeto jônico. Esta forma derivada da raiz indo-europeia *wid-*, *wid-*, *weid*, ‘ver’. Daí o sânscrito *vettas*, ‘testemunha’, e grego ἱστορία, testemunha no sentido aquele que vê. Essa concepção da visão como fonte de conhecimento leva-nos à ideia de que ἱστορία, ‘aquele que vê’, é também ‘aquele que sabe’; ἱστορεῖν, em grego antigo, é ‘procurar saber’, ‘informar-se’. ἱστορία significa, pois, ‘procurar’. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início de suas *Histórias*, que são ‘investigações, pesquisas’. Nas línguas românicas (e noutras) ‘história’ exprime dois, se não três conceitos diferentes. Significa: 1) ‘investigação das ações realizadas pelos homens’ [...]; 2) o objeto da investigação é o que os homens realizaram. [...]. Mas a história pode ter ainda um terceiro sentido, o de narrativa. Uma história é uma narrativa, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou apenas imaginária – pode ser uma narrativa histórica ou uma fábula. O inglês escapa a esta última confusão porque distingue entre *history* e *story* (história e conto)”.

⁹⁶ BLOCH, 2001, p. 70.

⁹⁷ Para Bloch (2001, p. 73): “o que entendemos efetivamente por documentos senão ‘vestígios’, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos”

⁹⁸ Ginzburg (1989, p. 144): “É necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados”

geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo⁹⁹. Buscamos atentar-nos as entrelinhas, as informações secundárias. Utilizando as palavras de Ginzburg, “ressaltar as características dos detalhes secundários, das particularidades insignificantes, [...] e outros elementos que normalmente passam despercebidos”¹⁰⁰.

Bloch, em seu *Ofício do Historiador*, compara o historiador com o ser mitológico europeu, o Ogro. Comparação feita pelo francês devido a esta criatura lendária, habitante dos bosques temperados, ser retratada nos contos como um exímio farejador de carne humana para dela fazer uso como alimento¹⁰¹. Assim, sentencia Marc Bloch, “o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana. Sabe que ali está a sua caça”¹⁰².

Na mitologia de vários povos da floresta amazônica também existe uma entidade mitológica, a semelhança do ser descrito nas lendas e contos do velho continente, que também se faz apreciador de carne humana, trata-se do Mapinguari¹⁰³. Este ser

Mata sempre, infalivelmente, obstinadamente, quem encontra. Mata para comer. Descrevem-no como um homem agigantado, negro pelos cabelos longos que o recobrem como um manto, de mãos compridas, unhas em garra, fome inextinguível. [...] o Mapinguari tem a posição anômala da boca, rasgada do nariz ao estômago, num corte vertical cujos lábios rubros estão sujos de sangue. [...] Quando apanha um caçador, mete-o debaixo do grande braço atlético, mergulha-lhe a cabeça na imensa abertura da bocarra e masca-o, isto é, come-o aos poucos¹⁰⁴

Assim como o Ogro, ou o Mapinguari, busquei farejar nas crônicas estudadas, rastros e marcas identificadoras da presença humana, usando como fio condutor o odor exalado dos vestígios e das práticas alimentares dos visitantes/invasores, bem como do gosto advindo dos alimentos descritos e consumidos pelos povos da floresta amazônica nos anos de 1500.

Nas análises e leitura das crônicas, tentamos sempre partir dos pressupostos de enxergar os documentos, como afirmava Le Goff, não como “um material bruto, objetivo e inocente, mas [que] exprime o poder da sociedade [europeia] do passado sobre a memória e o futuro”¹⁰⁵.

As crônicas quinhentistas refletem esse pensamento seletivo, “representações europeias do mundo não europeu”¹⁰⁶ como exprime Pratt em seus *Olhos do Império*. Sobre a descrição das

⁹⁹ BLOCH, 2001, p. 78

¹⁰⁰GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*; tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 147.

¹⁰¹ BLOCH, 2001, p. 54.

¹⁰² Idem, p. 54.

¹⁰³CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 1ª ed. São Paulo: Global, 2012 (p. 209): “Que significa Mapinguari? Possivelmente se trata de uma contração de *mbaé-pi-guari*, a cousa que tem o pé torto, retorcido, ao avesso”.

¹⁰⁴Idem, p. 208-209.

¹⁰⁵LE GOFF, 2013, p. 11

¹⁰⁶PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*; tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierrez; revisão técnica Maria Helena Machado, Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 17.

paisagens das terras ‘descobertas’ feitas pelos exploradores do velho continente¹⁰⁷, em geral vemos que:

A paisagem é descrita como inabitada, devoluta, sem história, desocupada até mesmo pelos próprios viajantes. A atividade de descrever a geografia e identificar flora e fauna estrutura uma narrativa associada na qual a presença humana, é absolutamente marginal, ainda que este fosse, evidentemente, um aspecto constante e essencial do viajar propriamente dito. No texto, as pessoas parecem desaparecer do jardim quando Adão se aproxima¹⁰⁸.

Os olhos dos cronistas acabam por determinar o que querem abranger em seu olhar¹⁰⁹. E naquele momento para eles, aventureiros em busca de riquezas e novas terras, “Não apenas os habitats devem ser apresentados como vazios e não aperfeiçoados, mas os habitantes [e seus hábitos] também”¹¹⁰.

Para embasar nossos estudos recorreremos também ao auxílio de pesquisas realizadas por outras ciências, com destaque para a arqueologia, a antropologia, a geografia, agronomia, a psicologia bem como o conhecimento tradicional dos povos da floresta. Estes conhecimentos nos ampararam principalmente nas tentativas de preencher lacunas ou para atestar nossos estudos. Auxílio este extremamente necessário e defendido por vários historiadores que hoje compreendem que a história quase sempre necessita recorrer as ciências coirmãs, pois sabemos “Ampliou-se a área dos documentos, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia”¹¹¹. Hoje como afirmava Bloch, “a diversidade de testemunhos históricos é quase infinita, tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”¹¹².

Procuramos ressaltar neste trabalho, *os alimentos*, a comida *in natura* ou processada por mulheres e homens; a *alimentação*, que envolve a preparação, a ação e o ato de se alimentar, bem como os *hábitos alimentares*, que envolvem costumes, crenças e tradições dos povos aqui estudados. Nos esforçamos para trazer à tona uma

[...] história do imaginário, que permite tratar documentos literários e artísticos como plenamente históricos, sob condição de ser respeitada sua especificidade; história das condutas, das práticas, dos rituais, que remete a uma realidade oculta, subjacente, ou história dos símbolos¹¹³.

Nosso corte temporal remete ao século XVI, período marcado pelas grandes navegações ibéricas. Quando o ‘Novo’ Continente se descobria aos olhos dos europeus e se encobria para

¹⁰⁷ idem, p. 17.

¹⁰⁸ Idem, p. 98.

¹⁰⁹ Idem, p. 113.

¹¹⁰ Idem, p. 115.

¹¹¹ LE GOFF, 2013, p. 11.

¹¹² BLOCH, 2001, p. 79.

¹¹³ LE GOFF, 2013, p. 13.

uma imensa parcela da população que aqui já habitava¹¹⁴. Tempo e espaço de encontro de mundos diferentes, ‘zonas de contacto’¹¹⁵ como denominou Pratt:

[...] espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação — como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo.

[...] “zona de contacto”, que uso para me referir ao espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contacto umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada¹¹⁶.

Como um grande beiju curada, pelo seu tamanho cozido para ser compartilhado nas comensalidades, este trabalho está dividido em 5 principais porções.

A primeira fatia, intitulada *Mundo Inca e a Floresta Malsã*, refere-se as populações dos territórios localizados nos principais biomas do norte da América do Sul: a organização social existente na cadeia de montanhas que formam as cordilheiras dos Andes. O outro espaço é a imensa floresta tropical das terras baixas sul-americanas, deste bioma destacamos os povos da floresta que já se faziam presentes muito antes dos tripulantes dos bergantins e das balsas castelhanos se aventurarem na descida do majestoso rio Amazonas.

As três próximas porções estão dedicada a descrever os alimentos e hábitos alimentares relatados a partir dos olhares dos cronistas ibéricos que participaram das expedições ibéricas a Amazônia nos anos de 1500. São elas a *Expedição de Alonso de Mercadillo*, a *Expedição de Gonzalo Pizarro e Francisco Orellana* e a *Expedição de Pedro Ursúa e Lope De Aguirre*.

Na última fatia discorreremos sobre a prática do consumo de carne humana por parte da população amazônica dos quinhentos, dieta alimentar que está presente relatada em duas das três crônicas estudadas. Sobre a prática de se fazer uso de *carne humana como alimento* buscamos expor algumas interpretações a cerca dos ritos e costumes desta comensalidade.

Marc Bloch escreveu na introdução de sua obra *A sociedade Feudal*, utilizando as palavras de Maitland, que “um livro de história deve despertar a fome: isto é, fome de aprender e, sobretudo, de pesquisar”¹¹⁷. Espero que as linhas a seguir sejam degustadas de forma saborosa e saciem um pouco a fome por conhecimento daqueles que até seu fim chegarem.

¹¹⁴ Termo utilizado por Enrique Dussel em sua obra: *1542: o encobrimento do outro. a origem do mito da modernidade (1993)*.

¹¹⁵ Pratt (1999, p. 32): “tomo emprestado o termo “contato” de seu uso em linguística, onde a expressão “linguagem de contato” se refere a linguagens improvisadas que se desenvolvem entre locutores de diferentes línguas nativas que precisam se comunicar entre si [...] ‘zona de contato’ é uma tentativa de se invocar a presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por descontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam”.

¹¹⁶ Idem, pp. 27 e 31.

¹¹⁷ BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*; tradução de Laurent de Saes. São Paulo: EDIPRO, 2016, p. 29.



BA'SÉBÔ-PERI

A cosmogonia Tukano¹¹⁸ descreve a origem do mundo a partir do surgimento do lago de leite, o Diá-ôhpêkôwi¹¹⁹. Desde lago emergiram os primeiros seres humanos que constituíram os povos originários da terra¹²⁰. Dos quais fazem parte, além dos próprios Tukano, todos seus vizinhos amazônicos¹²¹ e o restante dos povos existentes na Terra.

É a partir de Diá-ôhpêkôwi, que se deu também, a criação das porções de terra que são hoje habitadas pela humanidade. Estas surgiram graças ao fumo do tabaco de Ye'pá-Ô'âkhë, Deus criador da primeira mulher, que enquanto fumava, soprou para os quatro cantos do planeta, e destes alentos, fizeram-se os continentes¹²².

A princípio, para sobreviver em Diá-ôhpêkôwi, seus habitantes não necessitavam caçar, pescar, plantar ou ralar mandioca; pois bastava para eles apenas colocar a Ba'sébô-Peri, a Pedra da Comida, junto ao forno, que as vasilhas se preenchiam de alimentos¹²³. Todavia, infelizmente para a humanidade esta regalia não perdurou por muito tempo.

A Pedra da Comida fora entregue, anteriormente aos homens, por Ye'pá-Ô'âkhë para que fosse compartilhada por todos os povos, mas com o passar do tempo o que se viu foi o aumento da mesquinharia, da inveja e da mentira o que culminou em diferentes desavenças entre os povos. Ye'pá-Ô'âkhë, preocupado, então decidiu tomar de voltar a Ba'sébô-Peri e escondê-la dos humanos. A partir deste instante, não havendo mais o que comer, os homens foram obrigados a abandonar Diá-ôhpêkôwi e irem buscar seu sustento em outros lugares.

Utilizando como transporte a Pamëri-piro-yuhkësë, embarcação em formato de Cobra Grande¹²⁴, os povos de Diá-ôhpêkôwi tomaram o oceano em diferentes direções, com cada um posteriormente se estabelecendo em terras que entendiam tratar-se de lugar bom para se viver¹²⁵.

Uma parcela destes povos originários navegou a esmo até que se deparou com a foz do rio Amazonas. Na esperança de encontrar no seu interior terra farta, a expedição decidiu adentrar pelo

¹¹⁸Grupos indígenas que habitam as terras do Alto Rio Negro.

¹¹⁹Na cosmogonia apresentada por Hesíodo, *Trabalhos e dias*, para os gregos a Terra era imaginada arredondada, em formato de um seio feminino flutuando e cercada pelo rio-serpente, o Deus Oceano. HESÍODO; Trabalho e dias; tradução Sueli Maria de Regino. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014 (p. 30): “Muito antes de tudo existia o Caos. Somente depois surgiram: Geia, de amplos seios, sólido sustento de todos os mortais que habitam o cume nevado do Olimpo”.

¹²⁰FULOP, Marc. *Aspectos da cultura Tukana: cosmogonia e mitologia*; tradução Pe. Casimiro Beksta. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2009 (p. 77): “Os Tukanos antes de serem humanos eram peixes”.

¹²¹Fulop (2009, p. 43): “Siriano, Cubeo, Maniva, Miraña, Yucuna, Bicula, Tatuya, Carapaná, Barasano, Tuyuca, Dessano, Matapí, Uanano, Tariano, Paratapuyo, Macu, Guayabero, Carijona, Putumayo, Baré, Petara, Detuana e Yuriti. / Entre os povos originário de Diá-ôhpêkowi, na mitologia Tukano, também se encontram os Baré, dos quais descendo, em Fulop (2009, p. 30-31): “são a gente que fala geral (nheengatu)”.

¹²²Idem, p. 36.

¹²³Idem, p. 87.

¹²⁴Sobre o mito da cobra grande o historiador Mário Ypiranga discorre Monteiro (1995, p. 68): “neste mundo à parte, que é a região rionegrina, os mitos e lendas exercem papel regenerador, corretivo, propedêutico, tensor de várias situações [...]. Está Cobra-Grande entre os deuses maiores; é a mãe dos rios, a mãe dos lagos, a mãe das cachoeiras, dos poços, muiúnas, etc.”

¹²⁵Fulop (2009, p. 37): “O Alemão [Branco] se foi para o oriente. E aí se separaram”.

curso d'água e explorar suas terras e afluentes. A maneira que o grupo ia avançando pelo rio, os diferentes povos da Cobra Grande, consequentemente, iam se estabelecendo em lugares que achavam propício. Assim, desta forma, foram povoando toda a calha do rio Amazonas.

Na dispersão pelo Grande Rio os Tukano, um dos povos da Cobra Grande, alcançaram o rio Negro, afluente do Amazonas. Percorrendo as águas negras o grupo acabou detendo-se no tributário Uaupés. Então ali, ao longo das margens do rio, estabeleceram-se, pois julgaram aquele lugar ser, por fim, o seu destino¹²⁶.



Figura 1 - Rio Amazonas representado com aspectos de uma grande serpente no mapa de Gutierrez – 1562. Fonte: http://memory.loc.gov/cgi-bin/map_item.pl?data=/home/www/data/gmd/gmd3/g3290/g3290/ct000342.jp2&itemLink=r?ammem

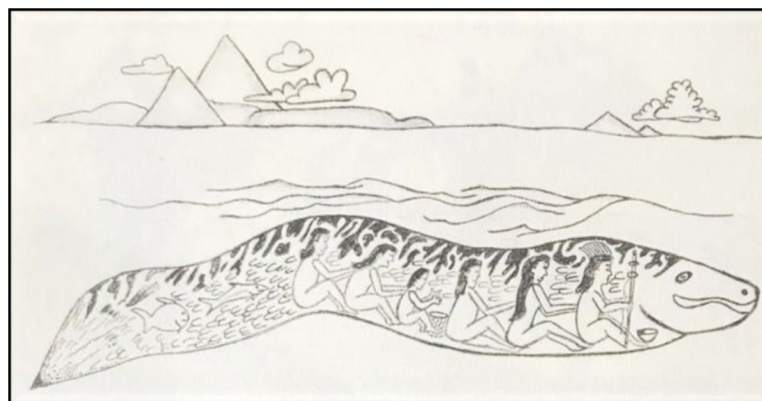


Figura 2 - Ilustração da Cobra Grande – artista Tukano Gabriel Gentil. Fonte: *Aspectos da Cultura Tukana*. (FULOP, 2009, p. 77).

¹²⁶Resumo feito a partir da cosmogonia Tukano narrada pelo Pajé Marcos Sierra Tukano, de Guadalajara no rio Paca, e descrita por Marc Fulop na obra *Aspectos da Cultura Tukano: cosmogonia e mitologia* (1956).

A lenda da Cobra Grande faz parte do imaginário dos povos do Alto Rio Negro. Conheci as histórias da grande serpente na minha infância, em São Gabriel da Cachoeira.

1. O MUNDO INCA E A FLORESTA MALSÃ

1.1. OS INCAS

Os povos que deram origem ao grande império Inca, originaram-se a partir da união de pequenos camponeses e pastores de lhamas, das terras altas das cordilheiras dos Andes, próximos a hoje cidade de Cuzco, Peru¹²⁷. Desde aí foram se fortalecendo e expandindo seus domínios. Por volta de 1.470 d. C., a autoridade de seu poder centralizador já havia se estendido de Quito ao lago Titicaca¹²⁸ e continuou a acender.

Em 1500, o império inca estendia-se por cerca de 4.300km, desde o que é hoje a fronteira sul da Colômbia até o rio Maule, no Chile. A expansão começou no século XIV, e em menos de cem anos a elite incaica conseguiu controlar um vasto território habitado por, talvez, 10 milhões de pessoas¹²⁹.

O império Inca se estendia ao longo da cordilheira dos Andes, da Colômbia ao Chile. O Equador, o Peru, as terras altas da Bolívia, o norte da Argentina e o Chile (até o rio Maule, perto da cidade de Conceição) formavam parte de seu território¹³⁰.

No auge de sua expansão, dominou uma superfície de 950 mil quilômetros quadrados (equivalente hoje aos territórios reunidos da França, Itália, Suíça, Holanda, Bélgica e Luxemburgo)¹³¹. Seus limites: ao norte era o rio Ancasmayo, na Colômbia; ao sul o rio Maule, no Chile; a oeste, o oceano Pacífico; a leste “uma linha de fortificações os protegia de incursões das tribos silvícolas indomáveis e predadoras da Amazônia”¹³².

A tradição dos povos Incas discorre sobre o nascimento de sua civilização a partir do surgimento, nas cavernas próximas de Cuzco¹³³, de oito irmãos que seriam filhos do deus Sol. Após longa odisséia, cheias percalços ao longo do caminho, o que resultou na morte de seis dos oito irmãos, só restaram Manco Kapaq e sua irmã, Mama Oqlla. Estes instalaram-se em Cuzco e casaram-se, dando início à dinastia mística dos imperadores Incas¹³⁴. Para Favre, a origem

¹²⁷ STIRLING, Stuart. *Pizarro: o conquistador dos Incas*; tradução Getúlio Elias Schanoski Jr. São Paulo: Madras, 2005 (p. 360): “A arqueologia estabeleceu os traços do governo inca no vale Huatanay em Cuzco, nos Andes centrais, por volta de 1200 d. C.”.

¹²⁸ MEGGERS, 1979, p. 118.

¹²⁹ FAUSTO, 2000, p. 17.

¹³⁰ PEREGALLI, Enrique. *A América que os europeus encontraram*. 28. ed. São Paulo: Atual, 2013, p. 61.

¹³¹ FAVRE, Henri. *A civilização inca*; tradução Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 24.

¹³² idem, p. 24.

¹³³ Em Favre (2004, p. 14): “Os primeiros cronistas espanhóis relatam que a paqarina da etnia inca era a gruta de Paqariqtampu, situada aproximadamente a uns 30 km ao sul de Cuzco”.

¹³⁴ PEREGALLI, 2013, p. 70. / FAVRE, 2004, p. 15.

desta mitologia visava “atribuir uma origem comum aos ancestrais-fundadores de quatro grupos étnicos diferentes¹³⁵ que haviam decidido confederar-se”¹³⁶.

Sobre a possível origem dos povos Incas um rastro pode ser relacionado ao tronco da língua falada e difundida pelos Incas, o Quéchuá¹³⁷ que,

[...] segundo o Padre Bernabé Cabo, esse idioma teria sido estreitamente aparentado aos dos índios Tampu, que viviam no vale de Urubamba, tendo supostamente afinidades amazonenses. Outros indícios, por outro lado, sugerem localizar-se no interior da alta floresta amazônica o foco original dos Incas¹³⁸.

Lathrup identifica as margens do rio Ucayali, na bacia amazônica peruana, como possível local de nascimento das línguas que deram origem ao Quéchuá:

[...] intensos estudios comparativos sobre el Pano y el Aymara y el Quechua, propone la hipótesis según la cual la protolengua de estos dos idiomas y la protolengua del Macro-Pano derivan de una protolengua aún más antigua, fechada alrededor del año 2000 a.C.[...] el origen de las lenguas Quechuas y de todo el conjunto de las Guaycuranas queda al sur de la cuenca del Ucayali Central¹³⁹.

Seriam os incas descendentes ou oriundos de povos das terras baixas de floresta tropical amazônica?

1.1.1 Viracocha

No panteão dos deuses Incas, Viracocha era o deus criador¹⁴⁰ das estrelas, responsável por iluminar a escuridão da terra. Viracocha seria complementar do deus Sol. Enquanto o Sol “representava o céu, o fogo e as montanhas, Viracocha representava a água, a terra e a costa”¹⁴¹. Para a mitologia Inca, depois de ter exercido seu poder de criação, Viracocha desapareceu no oceano, mas antes de submergir nas águas do Pacífico teria anunciado seu retorno com o propósito de reinar sobre o mundo Inca¹⁴². Os poetas andinos o retratavam possuidor de uma fisionomia de pele clara sendo detentor de uma grande e longa barba branca¹⁴³. No início da

¹³⁵ Favre (2004, p. 15): “A inserção dos recém-chegados na confederação cuzquenha foi certamente menos gloriosa do que pretendia a tradição. Os Incas ocuparam, em relação aos Sawasiray, aos Allkawisa e aos Maras, uma posição subordinada, talvez mesmo dependente”

¹³⁶ idem, p. 15.

¹³⁷ Idem, p. 15.

¹³⁸ idem, p. 15.

¹³⁹ LATHRAP, 2010, p. 114.

¹⁴⁰ Idem, 1979, p. 125.

¹⁴¹ PEREGALLI, 2013, p. 70.

¹⁴² idem, p. 69.

¹⁴³ STIRLING, 2005, p. 36.

década de 1530, em meio as turbulências decorrentes das lutas pelo poder imperial inca¹⁴⁴, quando os primeiros espanhóis foram avistados vindo do mar, os moradores costeiros logo interpretaram aqueles seres estranhos como tratando-se do retorno do deus criador das estrelas, Viracocha. Entidade que os sacerdotes de Cuzco naquele período não cansavam de evocar para vir reinar e com ele trazer a paz e a justiça ao conturbado momento em que o Império se encontrava¹⁴⁵.

1.1.2. A Chegada dos homens de barba

Os 'deuses' mostraram que eram meros seres humanos, impulsionados unicamente pelos instintos materiais. Todos os textos mencionam seu 'apetite por riqueza' (mas também se lançam gulosamente sobre a comida, em sentido próprio).

Todorov, 2019, p. 556.

A espuma das ondas, em vez de trazer o Deus Viracocha, apresentam para o povo andino a figura intrépida dos espanhóis. Desde a 'descoberta' do Novo Mundo(1492), pela empreitada comandada por Cristóvão Colombo, uma série de eventos exploratórios, realizados por súditos da coroa castelhana, vinham ocorrendo ao longo da costa oceânica continental: em 1500, naus comandadas pelos irmãos Pinzon¹⁴⁶, percorrem a costa do Brasil perpassando pela foz do rio Amazonas; em 1508, começam a ocupar Puerto Rico; em 1509, ocupam a Jamaica; um ano depois, Cuba; em 1513, comandados por Vasco Nuñez de Balboa, atravessam o istmo do Panamá chegando ao oceano Pacífico¹⁴⁷; no ano de 1516, atingem a foz do rio da Prata; em 1519, Cortez, juntamente com seus aliados, parte em expedição para o centro do México, dois

¹⁴⁴ Stirling (2005, p. 13): "guerra civil entre o imperador inca Huáscar e seu meio-irmão Atahualpa".

¹⁴⁵ FAVRE, 2004, p. 86.

¹⁴⁶ A frota de Pinzón avistou a costa brasileira em 26 de janeiro de 1500. Desembarcaram em terra firme dois dias depois. Tomando posse em nome da coroa espanhola, Pinzón batizou aquelas terras com no nome de Santa Maria da la Consolacion. Hoje localizada na região da cidade de Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, Brasil. A expedição de Pinzón continuou a singrar pela costa norte brasileira. Quando estavam novamente próximos da linha equinocial se depararam assustados com um mar de água doce. Pinzón, sem o saber, topara-se com à foz do maior rio do mundo. O achado, pelos europeus, da foz do rio que viria ser chamado Marañon (depois Orellana e hoje Rio Amazonas) é relatado assim por Oviedo em sua Historia general y natural de las Indias (1853, p. 113): "El primero que descubrió el río Marañon fué el piloto Vigente Yañez Pinzon, uno de aquellos tres capitanes pilotos y hermanos que se hallaron con el almirante primero don Chripstóbal Colom en el primero viaje é descubrimiento destas Indias; y este fué el primero chripstiano y español que dió noticia deste grand río. [...]Yo le conosco é tracté, é era uno de los hombres de la mar que yo he visto más bien hablado y que mejor entendía su arte; y él me dixo que con quatro caravelas pequeñas avia entrado en este río quince ó veynte leguas el año de mill é quinientos años, é que vido muchos indios dentro de las costas y en el embocamiento deste río".

¹⁴⁷ Stirling (2005, p. 12): "Pizarro acompanha Vasco Nuñez de Balboa na descoberta do Oceano Pacífico".

anos depois Tenochtitlan é destruída, marcando o fim definitivo do império Asteca; já no ano de 1522, o basco Pascual de Andagoya, inspeciona a costa do Pacífico, região norte do império Inca e três anos depois, em 1525, ocorre a primeira tentativa, fracassada, de conquista do Peru, por Francisco Pizarro e Diogo Almagro; no ano de 1531, comandados por Pedro Heredia, os espanhóis conquistam a região da atual cidade de Cartagena, Colômbia e em 1532, finalmente Pizarro e seus homens conseguem desembarcar na costa peruana, dando início a marcha que os levariam ao centro (ou umbigo) do império Inca, a cidade de Cuzco.

O Império Inca fortalecido, começara a expandir-se a partir do século XV¹⁴⁸, sob o comando do nono soberano cuzquenho Pachakuti¹⁴⁹. A população, em geral, vivia em pequenas coletividades. “Suas aldeias estendiam-se até uma altitude muito elevada que oscilava geralmente entre 3.600 a 3.800m acima do nível do mar”¹⁵⁰. No início do século XVI, quando as primeiras embarcações espanholas foram avistadas na costa do Pacífico, a população sob domínio Inca girava em torno de 10 a 15 milhões¹⁵¹ de pessoas¹⁵². Esta população era heterogênea composta de “centena de grupos étnicos de importância desigual, que se diferenciavam uns dos outros pela língua e pela cultura”¹⁵³. Assim,

Quando os espanhóis chegaram ao Peru, em 1532, os Incas já haviam estabelecido o seu domínio sobre o planalto e a planície costeira dos Andes. Seu império estendia-se desde Cuzco até a Colômbia, ao norte; e até o Chile e Argentina, ao sul. O brilho de sua civilização atingia o Panamá e chegava mesmo às longínquas praias atlânticas do Brasil, sob forma de utensílios de cobre e ornamentos de ouro e prata transportados de tribo em tribo, através da floresta amazônica¹⁵⁴.

Ao término do século XV, em 1493, assume o poder do Império Andino, Huayna Capac, o décimo primeiro *Inca*¹⁵⁵ desde Manco kapaq. Que acaba por falecer no ano de 1525, morte provavelmente causada devido a contaminação por varíola¹⁵⁶, pois nos últimos anos de seu governo o “seu império foi devastado por uma praga, provavelmente a varíola, que se espalhou das fronteiras do norte de seu reino até o sul, chegando a Cuzco”¹⁵⁷. Com a morte do Imperador, o mundo Inca vê-se assolado, por um impasse, quanto a quem cabe herdar o poder. A disputa vai ocorrer entre seus dois principais filhos, os meios irmãos Atahualpa e Huascar¹⁵⁸. Essa querela, a partir de 1529, se transformara em uma cruel guerra civil. Enquanto Huascar, fazia-

¹⁴⁸ STIRLING, 2005, p. 35.

¹⁴⁹ FAVRE, 2004, p. 7.

¹⁵⁰ idem, p. 29.

¹⁵¹ PEREGALLI, 2013, p. 16. / FAVRE, 2004, p. 24.

¹⁵² Em Peregalli (2013, p. 16): “Já 1560 [o número da população] caiu para 2,5 milhões. Um desastre demográfico”

¹⁵³ FAVRE, 2004, p. 24.

¹⁵⁴ idem, p. 7.

¹⁵⁵ Os antecessores foram, pela ordem: Manco Cápac, Sinchi Roca, Lloque Yupanqui, Mayta Cápac, Tarco Haumán, Cápac Yupanqui, Inca Roca, Yahuar Huacac, Viracocha Inca, Pachacuti, Túpac Yapanqui

¹⁵⁶ As Novas doenças, trazidas do Velho Mundo, sempre antecediam os exploradores europeus do Novo Mundo

¹⁵⁷ STIRLING, 2005, p. 40.

¹⁵⁸ MEGGERS, 1979, p. 125. / STIRLING, 2005, p. 12. / FAVRE, 2004, p. 84.

se coroar em Cuzco, Atahualpa fez-se ungir em Quito¹⁵⁹, ambos se declarando o verdadeiro *Inca* do Império.

A guerra fratricida se estende até 1532, quando finalmente Atahualpa consegue a hegemonia governamental sobre o território Inca¹⁶⁰, mas junto com a reverberação da vitória de Atahualpa, espalha-se pelo império a notícia de “estranhos homens de quatro patas que penetravam pelos limites norte do Império”¹⁶¹.

Em inícios de 1532, um grupo de espanhóis, comandados por Francisco Pizarro¹⁶², conseguiu, finalmente, desembarcar em território Inca, na Ilha de Puná, hoje ínsula pertencente ao Equador. De lá, o grupo se dirigiu para o norte do atual Peru, em direção ao vilarejo de Tumbez. Chegando lá encontraram-no abandonado¹⁶³.

As ruínas das construções de barro e de palha abrigavam centenas de cadáveres de índios que não haviam sido enterrados, perfurados por moscas. Por todos os cantos sentia-se o cheiro da morte e da miséria humana. Aquela foi a primeira evidência que descobriram da guerra civil que ainda estava acontecendo entre os exércitos do imperador Huáscar e Atahualpa¹⁶⁴.

De Tumbez, os espanhóis percorreram uma longa estrada litorânea, por esse caminho “eles não encontrarão qualquer guarnição imperial, nem mesmo um único funcionário do poder central”¹⁶⁵. Depois de dois meses de caminhada, chegaram as terras litorâneas de Tangará onde Pizarro fundou a colônia de San Miguel¹⁶⁶. E em setembro do mesmo ano, um grupo formado de 62 cavaleiros, 106 soldados e cerca de 100 escravos, liderados por Francisco Pizarro, deixam San Miguel em direção ao centro do Império para encontrar Atahualpa¹⁶⁷. O grupo percorreu 100 quilômetros até a cidade de Cajamarca, onde ficaram sabendo que Atahualpa se localizava desfrutando das águas termais existentes naquele vale. Ao longo do caminho, passaram um deserto estéril e ensolarado, sem árvores, nem água, depois tiveram que atravessar uma cadeia de desfiladeiros com caminhos estreitos, já na subida dos Andes¹⁶⁸. No percurso, os espanhóis não encontraram resistência do povo Inca, essa apatia, em não se defender, devia-se muito a disputa fratricida pelo poder em curso¹⁶⁹.

¹⁵⁹ PEREGALLI, 2013, p. 73.

¹⁶⁰ Favre (2004, p. 86): “O exército reorganizado por Ataw Wallpa e confiado a três brilhantes sinchi - Kiskis, Rumiñawi e Challkuchimaq – logo, reconquistou Tumipampa, apoderou-se de Cajamarca e se preparava para ocupar Jauja a partir do planalto de Bombom quando a notícia da aparição de indivíduos estranhos chegados do mar se espalhou pelo Império convulsionado”.

¹⁶¹ PEREGALLI, 2013, p. 73.

¹⁶² Stirling (2005, p. 12): “Em 1529 o Imperador Carlos V concede a Pizarro a Capitulación de Conquista, direito de conquista, do império inca”.

¹⁶³ FAVRE, 2004, p. 86. / STIRLING, 2005, p. 47.

¹⁶⁴ STIRLING, 2005, p. 47.

¹⁶⁵ FAVRE, 2004, p. 78.

¹⁶⁶ Stirling (2005, p. 48): “Ali Pizarro fundou a colônia de San Miguel, em homenagem ao arcanjo São Miguel”.

¹⁶⁷ STIRLING, 2005, p. 48. / LEBRÚN, 1892, p. 67.

¹⁶⁸ LEBRÚN, Enrique. *Historia de la conquista de Perú y de Pizarro*. 2.ed. Barcelona: Imprenta y librería Subirana Hermanos, 1892, p. 61.

¹⁶⁹ Idem, p. 60.

Sabendo que os exércitos Incas eram infinitamente mais poderosos, o pequeno grupo de espanhóis foi se aproximando com cautela da cidade. Quando estavam perto de Cajamarca, o enviado de Atahualpa se apresentou perante eles para perguntar, em nome do Inca, quem eram eles. Pizarro disse-lhe que era o “embajador de un príncipe poderoso, y declaró que iba con la intención de ofrecer a Atahualpa su auxilio contra los facciosos que le disputaban la corona”¹⁷⁰. o Mensageiro Inca respondeu que Atahualpa amistosamente os convidava para se encontrarem na cidade que se avizinhava.

No fim de novembro de 1532, finalmente o pequeno grupo espanhol adentra a cidade, observados por um povo atônito, por acreditar que aqueles homens se tratavam de agentes sobrenaturais, pacificadores mandados pelos Deuses. Sabendo desta circunstancia, Pizarro aproveita para arma uma cilada com o objetivo de captura o Imperador:

Alguns instantes após a entrada de Ataw Wallpa na praça principal, Pizarro ordenou o abrir-fogo e a entrada em combate da cavalaria e dos cães. O pânico apoderou-se dos índios, cuja retirada estava bloqueada. [...] Ataw Wallpa foi arrancado de sua liteira e arrastado para um dos edificios dentro dos quais os espanhóis estavam entrincheirados. Das elevações circundantes, o exército de Rumiñawi¹⁷¹ assistiu imponente a sua captura¹⁷².

Dessa maneira, o grupo formado por cerca de apenas 250 homens, parcamente armado¹⁷³, conseguiu por suas mãos sobre o soberano Inca e desta forma subjugar todo o império possuidor de um exército de mais de 100.000 guerreiros¹⁷⁴.

Possivelmente, “se o império Inca não tivesse atravessando naquele momento mais uma das crises cíclicas que se desencadeavam com a morte de cada soberano, os espanhóis não teriam certamente se assenhorado dele com tanta facilidade”¹⁷⁵ e rapidez. Como concluiu na época o pajem e primo de Pizarro, Pedro: “se esta terra não estivesse destroçada pelas guerras de Ataw Wallpa e de Waskar, não teríamos podido pôr o pé aqui para conquistá-la”¹⁷⁶.

Com Atahualpa em suas mãos os espanhóis, para libertá-lo, exigiram de seus súditos uma fabulosa recompensa, um aposento cheio de ouro¹⁷⁷. Temerosos e assustados, os vassallos do Imperador acabaram por pagar o valor do resgate, mas de nada adiantou, pois os espanhóis acabaram por não cumprir com sua parte no acordo, vindo a executar o cativo Atahualpa, em 26 de julho de 1533. O assassinato do soberano acaba por esfacelar de vez o Império. E no fim

¹⁷⁰ Idem, p. 61.

¹⁷¹ Sobre a estrutura do alto comando militares incas Favre (2004, p. 86) explana: “O exército do distrito marcial reorganizado por Ataw Wallpa e confiados a três brilhantes sinchi [generais] - Kiskis, Rumiñawi e Chalkuchimaq”.

¹⁷² Idem, p. 87.

¹⁷³ FABRE, 2004, p. 90. / STIRLING, 2005, p. 12.

¹⁷⁴ STIRLING, 2005, p. 59.

¹⁷⁵ FAVRE, 2004, p. 90.

¹⁷⁶ idem, p. 90.

¹⁷⁷ Em Favre (2004, p. 89): “Cujo montante foi avaliado em mais de 100 milhões de dólares”.

desse mesmo ano, depois de alguns entreveros, Francisco Pizarro entra triunfante em Cuzco iniciando o domínio espanhol dos Andes.

O império Inca, que firmara a menos de um século atrás, havia desaparecido no “curso de uma vida, deixando [para posteridade] com testemunho duradouro de sua breve glória, esplendidas ruínas arqueológicas”¹⁷⁸.

O método de domínio do território Inca, pelos espanhóis, espelhar-se-á no modelo de conquista utilizado pelos castelhanos nos territórios ibéricos reconquistados das mãos dos mouros mulçumanos no século XV¹⁷⁹, o sistema de *encomiendas*,

que se tornaria ainda evidente e sua função como força de trabalho escravo do que nas delimitações das terras dos mulçumanos do sul da Espanha, cujo povo se revoltaria na última parte do século. Era um comércio de onde a Coroa e os colonizados conseguiam adquirir seu principal rendimento, aprimorado com o passar dos anos com a importação de africanos das ilhas da Guinéa e do Cabo Verde, e que por fim dominaria a sociedade e a economia da América Central e Caribe¹⁸⁰.

Francisco Pizarro que fora, graças a sua conquista, proclamado como *Adelantado*, governador geral, do Peru, não demorou em nomear 88 *encomenderos* entre seus séquitos. Esta recompensa consistia basicamente na

partilhas de índios de várias tribos súditas acampadas na região de Cuzco como os *mitimae*, trabalhadores tributários dos senhores incas. Cada um dos *encomenderos* recebeu o cacique de uma tribo, junto de seu povo súdito, homens, mulheres e crianças, que foram obrigados a pagar tributos duas vezes ao ano com ouro, animais e alimentos. As terras das tribos também seriam transferidas para o *encomendero* e passariam a fazer parte de seu domínio feudal, onde poderia também exercer o direito de usar os homens das tribos como guerreiros em seus exércitos particulares, ou como trabalhadores e mineiros em outras regiões da colônia, imitando o sistema inca de trabalho tributário¹⁸¹.

1.1.3. El Dorado y el País de la Canela¹⁸²

A partir da descoberta da América, pelos ibéricos, o lendário país da abundância, o *El Dorado*, se transportara do oriente para o Novo Mundo¹⁸³. O novo continente, com sua fauna e

¹⁷⁸ MEGGERS, 1979, p. 125.

¹⁷⁹ STIRLING, 2005, p. 25.

¹⁸⁰ *idem*, p. 29.

¹⁸¹ *idem*, p. 92.

¹⁸² Para Flandrin (2018, p. 481), a importância dada a Canela pelos europeus da época estaria relacionada ao seu mérito de reforçar o bem-estar do fígado e o estômago, além de auxiliar no bom cozimento das carnes.

¹⁸³ DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da renascença*; tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 161.

flora exótica, evidenciou para os exploradores europeus, a partir daquele momento, território propício em ocultar, em alguma parte de seus rincões, o paraíso terrestre ¹⁸⁴.

Apesar de terem conquistado o império Inca, muitos dos que chegaram com Pizarro, não se contentaram com seu quinhão dos espólios. Estes insatisfeitos, não saciados, continuaram a buscar o paraíso material terreno que tanto acreditavam existir e que agora, no imaginário destes, deslocara-se para a porção meridional americana.

Antes mesmo de Francisco Pizarro consolidar seu domínio sobre o império Inca, seu principal sócio, Diogo Almagro, descontente com a parte que lhe caberá resultante de sua participação na campanha vitoriosa sobre os Incas, planejou, já em 1534, o que iria se tornar uma fracassada expedição¹⁸⁵ para o sul do continente, em busca do *El Dorado*. Almagro, desejoso de encontrar um novo império para dele se apoderar, decidiu acreditar que existia um país de abundâncias localizado em terras mais ao sul, no atual Chile e acompanhado por seus homens, para lá acabou se dirigindo. Depois de uma jornada de três anos, em que passaram por várias privações e dificuldades, o grupo¹⁸⁶ frustrado e maltrapilha acabou por retornar a Cuzco, já que não conseguiu encontrar o tão desejado país d'El Dorado¹⁸⁷.

O fracasso da expedição de Almagro para o sul, fez com que a busca pelo rico país da abundância se deslocasse para o norte da América do Sul. Neste período, chegaram aos ouvidos dos espanhóis, inflamando suas imaginações¹⁸⁸, rumores de um reino governado por um soberano dourado, *El Dorado*, um monarca que “durante determinadas festividades, untava-se com óleo de terebintina e rebolava em pó de ouro, mergulhando, por fim, num lago para onde anteriormente tinha sido atiradas esmeraldas e objetos preciosos”¹⁸⁹. Propagava-se que tal monarca “governava com poder absoluto e era tratado com grande respeito; a nenhum súdito era permitido olhá-lo na face e a ninguém era concedida audiência, a menos que lhe trouxesse um presente”¹⁹⁰.

Este soberano, possivelmente, tratava-se do líder do povo Chibcha¹⁹¹ que governou, desde o vale de Bogotá, uma área de terras altas de savanas, densamente povoada, no centro

¹⁸⁴DELUMEAU, 1994, p. 64.

¹⁸⁵STIRLING, 2005, p. 139.

¹⁸⁶Sobre a número de participantes Stirling (2005, p. 139) escreve: “A expedição foi formada com “cerca de 500 homens e alguns milhares de índios carregadores”.

¹⁸⁷Stirling (2005, p. 139): “Alguns dos sobreviventes da expedição relataram que ouviram entre os povos que habitavam a região do coneshul que “havia[...] uma enorme província entre os dois rios, totalmente habitada por mulheres, que só permitem que os homens se aproximem nos períodos mais propícios a concepção; se dão à luz filhos, enviam-nos a seus pais, e se têm filhas, criam-nas elas mesmas... sua rainha é chamada Gavomilla, que em sua língua quer dizer “céu dourado”.

¹⁸⁸MEGGERS, 1979, p. 134. / SAMPAIO, 1974, p. 11.

¹⁸⁹DELUMEAU, 1994, p. 63.

¹⁹⁰MEGGERS, 1979, p. 132.

¹⁹¹Megggers (1979, p. 132): “Os Chibchas, ocuparam as savanas das terras altas do centro leste colombiano, na época da conquista espanhola. [...]Os primeiros exploradores europeus encontraram a área densamente povoada e organizada politicamente em chefias autônomas [...]. Um monarca chibcha governava com poder absoluto e era tratado com grande respeito”. / Rinke (2012, p. 27): “se expandiram desde o

leste da atual Colômbia¹⁹². Meggers descreve o tradicional ritual inicial de entronização de cada novo soberano Chibchas Assim:

Em tal ocasião, o iniciado era coberto com resina e envolto em ouro em pó. Fulgurante da cabeça aos pés, era levado numa canoa ao centro do lago sagrado. Enquanto seus súditos lançavam da praia oferendas a água, ele mergulhava para retirar o ouro, que permanecia no fundo do lago. A lenda do El Dorado parece ter-se originado desse espetáculo rito chibcha. A tradição oral transformou El Dorado, de um homem dourado, numa cidade dourada, escondida na extensa floresta tropical¹⁹³.

A notícia da existência do reino do soberano dourado¹⁹⁴, fez com que diversas expedições espanholas atravessassem o Andes em diferentes direções à sua procura. Esta corrida fez com que, já em 1539, toda a região oriental do Andes, situada entre os rios Amazonas e Magdalena fosse visitada pelos aventureiros¹⁹⁵, áreas onde acreditavam, possivelmente, estar localizado o reino das abundâncias. A primeira empreitada foi a expedição

[...] inicialmente comandada pelo antigo companheiro de guerra de Pizarro, o grego Pedro de Candía, um dos homens célebres da ilha de Gallo que o acompanhou até Trujillo, e que também era um dos *encomendaderos* mais ricos de Cuzco, Candío levou até os Andes do norte do Antisuyo cerca de 300 espanhóis e vários milhares de guerreiros e carregadores índios em sua busca por uma cidade que ele acreditava possuir grande quantidade de ouro, porém, jamais conseguiu encontrar. Essa foi a primeira menção registrada da cidade de fábula de El Dorado que os espanhóis procuraram de forma incansável durante os anos que lá estiveram, tanto nos Andes do leste como no norte do Amazonas¹⁹⁶.

Desde a primeira metade do século XVI, alguns espanhóis tentaram descer o Rio Amazonas¹⁹⁷, na tentativa de encontrarem nas margens desse rio “reinos suntuosos onde houvesse metais preciosos em abundância. Eram, em geral, aventureiros recém saídos das disputas pelo butim da guerra de conquista do Peru”¹⁹⁸. Mas, não era somente o brilho do ouro que seduzia e encorajava os castelhanos a se embrenharem na mata, também havia o cheiro da canela para estimular seus sonhos de riqueza¹⁹⁹.

ano 900, cujo a consolidação, porém, ainda havia terminado. Em termos artísticos e artesanais, tais povos tinham o mesmo nível dos Astecas, o que se pode observar no grau avançado de processamento do ouro que atingiram”

¹⁹²RINKE, 2012, p. 27. / MEGGERS, 1979, p. 132. / DELUMEAU, 1994, p. 63.

¹⁹³MEGERS, 1979, p. 134.

¹⁹⁴Dias (2017, p. 328): “A Notícia da possível existência do reino d’El Dorado, não se limitou apenas a península ibérica, murmúrios ecoaram nos ouvidos dos ingleses que “empreenderam viagens em busca do *El Dorado*, no fim do século XVI e início do XVII, explorando parte do rio Orinoco”. (STIRLING, 2005, p. 249): “Grande parte do conhecimento que Raleigh [almirante inglês] adquiriu a respeito do Peru conseguiu com Sarmiento de Gamboa, informações que influenciaram sua busca do lendário reino de El Dorado e sua exploração de Guayana, o nome que na verdade era um erro ortográfico do nome do imperador Huayna Cápac”.

¹⁹⁵DELUMEAU, 1994, p. 63.

¹⁹⁶STIRLING, 2005, p. 154.

¹⁹⁷Holanda (2000, p. 38): “O príncipe Dourado” [El Dorado], com sua lagoa e seus tesouros infinitos, passou a deslocar-se sucessivamente a cada avanço novo e a cada desengano dos conquistadores. [...] De fato procuraram o Eldorado, a princípio, em Santa Marta, Nova Granada, no vale do Cauca; na Guiana; para ao cabo situa-los no país dos Omáguas, onde mais longamente perdurou, sempre sob o fascínio que despertava o nome da resplandecente Manoa”.

¹⁹⁸DIAS, Camila Loureiro. “O comércio de prisioneiros indígenas e a construção da Amazônia brasileira”. In *História e arqueologia da América indígena*. Organização de Cristiana Bertazoni, Eduardo N. dos Santos e Leila Maria França; Massimo. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017, p. 328.

¹⁹⁹O termo Especiarias deriva do latim *species*, especial, denominava todo alimento ou condimento, raro, difícil de se obter e com grande valor monetário, itens usados tanto para fins alimentares como terapêuticos. Na renascença vemos o crescimento do consumo desse tipo

Entre as várias notícias que circulavam no Peru, chegou aos ouvidos, e possivelmente também ao olfato e paladar, de Francisco Pizarro, a existência, além dos limites territoriais Incas, de um grande país onde a canela era cultivada em amplas terras, este lugar era conhecido como *El país de La Canela*²⁰⁰. Precavido com a notícia, e desejoso por mais riquezas para si e para os seus, Francisco Pizarro decide por criar uma empreitada expedicionária sob o comando de alguém de sua mais inteira confiança. Assim, para esse posto de liderança, o governador geral do Peru, acaba por delegar a missão a uma pessoa integrante de seu mais restrito entorno, o seu próprio irmão Gonzalo Pizarro²⁰¹. O objetivo do grupo era encontrar e tomar posse daquele possível rico território.

[...] fuera de lo que los reyes Incas señorearon, había una tierra muy larga y ancha donde se criaba canela, por lo cual llamaron la Canela. Parecióle enviar a la conquista de ella a su hermano Gonzalo Pizarro, para que tuviese otra tanta tierra que gobernar como él; y habiéndolo consultado con los de su secreto, anunció la gobernación de Quito en el dicho su hermano, para que los de aquella ciudad le socorriesen en lo que hubiese menester, porque de allí había de hacer su entrada, por estar la Canela al levante de Quito²⁰²

No final do ano de 1540, com uma tropa de 340 espanhóis, dos quais 140 iam montados a cavalo, além do cortejo de mais de 4.000 “peças de índios”, o capitão Gonzalo Pizarro deixa Quito e dá início a jornada de tentativa de transpor os limites fronteiriços leste do outrora império Inca e ir mais além, adentrar as terras baixas proibidas onde habitavam os indomáveis e temidos *Anti*²⁰³ e seus monstros; seres e entidades responsáveis, no passado, por limitar a expansão do domínio Incas para o Oriente²⁰⁴. Não é sem razão que esta parte do continente era denominada, pelos povos do altiplano, como a Floresta Malsã.

de produto, incentivado pela ascensão de uma aristocracia cada vez mais requintada. É, definitivamente, no século XVI, que a Europa se rende as especiarias. Ao ponto de algumas delas serem acrescentadas no desenho dos brasões das famílias de nobres como marcas de ostentação e riqueza. Carneiro (2003, p. 62): “As especiarias são alimentos/drogas, substâncias de consumo gustativo, mas também medicinal e afrodisíaco. Foram atribuídas origens míticas paradisíacas para essas substâncias, que viriam do próprio jardim do Éden”.

²⁰⁰STIRLING, 2005, p. 163.

²⁰¹Stirling (2005, p. 163): “Pizarro ordenou para explorar o Amazonas, e que também foi liderada por seu jovem irmão Gonzalo, que, de acordo com as evidências dadas por ele em nome do testemunho de Pedro de Barco pouco antes da partida de Cuzco, tinha 25 anos na época”.

²⁰²DE LA VEGA, Garcilaso. *Historia General del Perú*. Lima, SCG, 2009 (p. 57): “Além dos limites do território pertencente aos reis Incas, havia uma extensa e livre terra onde se criava canela, por este motivo estas terras recebeu o nome de La Canela. [Pizarro] Considerou então enviar, para a conquista-las, seu irmão Gonzalo Pizarro, com o intuito desde tomar posse de tantas terras quanto as suas; consultando seu estafe, [Pizarro] nomeou seu dito irmão governador de Quito, para que os moradores da cidade o auxiliassem no que fosse necessário, pois [Gonzalo] iniciaria de ali, sua jornada a La Canela, que se localizava [acreditavam eles] para o Oriente de Quito”.

²⁰³Favre (2004, p. 21): “Os Incas designavam com o termo genérico e pejorativo de Anti o conjunto das tribos mashiwinka, nomashiwinka, kampa e amuesha, que se distribuíam ao longo dos rios do planalto oriental ou permaneciam nos igarapés”.

²⁰⁴Favre (2004, p. 21-22): “Foi no início do reinado de Tupa Yupanki, segundo afirma a tradição, que se lançou a expedição contra os Anti da alta floresta amazônica. Desejavam eles destruir as bases a partir das quais esses povos – mal sedentarizados, antropófagos e “bárbaros” – por excelência – desfechavam ataques até os limites de Cuzco? Ou pretendiam arrebatar-lhes novas terras de coca a fim de atender as crescentes necessidades rituais do Estado? Sabe-se em todo caso, que essa expedição não obteve sucesso. O exército duramente afetado pelo clima, perdeu-se nas profundezas das matas” [...] As lendas que se disseminaram a respeito da existência de monstros fantásticos impedindo o acesso à floresta não foram suficientes para dissimular a gravidade de tamanho fracasso, desencorajando qualquer outra tentativa de expansão no sentido das terras baixas do Oriente”.



Figura 3 - Fonte: Arnoldus Florentius à Langren. Sem título, mapa da América do Sul (1596). Gravura sobre papel, 59 x 76 cm. Coleção Biblioteca José e Guita Mindlin, São Paulo, Brasil.

No mapa do século XVI, de Arnoldus Florentius a fulva terra 'Peruviana', que assim era colorida, chega a abarcar quase a metade da América do Sul. [...] Brasília, um pouco destacada do conjunto pelos dois grandes rios que emanam da Lagoa d'El Dorado para se confundirem nos desagudouros do Amazonas e do Prata²⁰⁵.

²⁰⁵HOLANDA, 2000, p. 109.

1.2. A FLORESTA MALSÃ

O império Inca teria uma fronteira intransponível a leste, ali onde se estendia uma floresta malsã e perigosa, povoada por gente selvagem de costumes animalescos. Tal visão da relação entre terras altas e a vertente oriental foi elaborada a partir de uma visão nativa, anterior à colonização espanhola, que resultou das fracassadas tentativas de expansão inca sobre a mata tropical.

FAUSTO, 2000, p. 23.

Os limites fronteiriços do império Inca, a leste, esbarravam-se contra a floresta tropical das terras baixas da bacia amazônica²⁰⁶. Nestas terras, desconhecidas por eles, viviam povos experientes e senhores da guerra²⁰⁷. Estes grupos “de caçadores e coletores representavam as culturas que mais se expandiram na América ainda depois do 900”²⁰⁸. Devido à dificuldade em dominá-los, graças a resistência de sua população, os Inca, e por conseguinte os espanhóis, associariam a floresta, “negativamente às artes da civilização e positivamente aos poderes mágicos do xamanismo, oscilando entre o natural e o sobrenatural”²⁰⁹.

Mas, apesar de não ter se apoderado das terras baixas de floresta tropical, à leste, e ao contrário do que possa parecer, estes dois mundos, incaico e amazônico, realizaram intercâmbios comerciais, “bens e as ideias circulavam e, junto com eles, evidentemente, os produtos alimentares”²¹⁰. Os incas

[...] mantinham relações com tribos da floresta com as quais trocavam produtos preciosos como penas de aves – particularmente araras. Desde o início do primeiro milênio antes da nossa era, os cultos do Chavin [cultura pré-Inca] evidenciavam influências amazônicas, com os jacarés macho e fêmea em posição de donos dos vegetais. Quase dois milênios depois, arqueiros amazônicos participaram do exército dos últimos imperadores quéchua: as tropas incaicas mantinham postos avançados na vertente atlântica da serra para controlar as populações invasoras – particularmente as tribos Guarani e Tupi²¹¹.

Estudos arqueológicos na Amazônia apontam para a existência, em época e antes do surgimento império inca, de povos com elevada complexidade social, localizados sobretudo nas

²⁰⁶Rinke (2012, p. 29): “Eles viviam nas regiões fronteiriças de características desérticas no Norte do México e no Cone Sul. Mais tarde foram também encontrados no interior, como no Amazonas e no Chaco”.

²⁰⁷Sampaio (1974, p. 161): “Pachacutec (ou mais precisamente, Pachacuti Inca Yupanqui – aproximadamente 1438 a 1471) fez uma tentativa nessa direção, A selva, porém, é adversário bem mais temido que o homem. E as tropas imperiais, dizimadas pelo clima e pelos animais selvagens viram-se forçadas a retroceder, vergonhosamente para o planalto”.

²⁰⁸RINKE, 2012, p. 29.

²⁰⁹FAUSTO, 2000, p. 23.

²¹⁰MONTANARI, 2009, p. 167.

²¹¹PROUS, 2019, p. 713.

calhas dos principais rios da região de floresta²¹², mas também em áreas de terra firme distante das margens dos grandes rios²¹³. Complexidade social²¹⁴ “entendida, neste contexto, como processo de intensificação econômica, diferenciação social e centralização política, da bacia do rio Napo, um formador do Solimões que nasce na cordilheira equatoriana a ilha de Marajó, na foz do rio Amazonas”²¹⁵.

Apesar disso, o imaginário da floresta tropical da terra baixa, como habitat sobrenatural de seres xamanísticos, foi transplantado para a crença dos homens europeus que aqui chegaram a partir do século XVI. A Amazônia será caracterizada, e por muito tempo, como um falso paraíso, um inferno verde²¹⁶. Mantendo-se

[...] uma imagem associada a ambientes prístinos, a noção de que, na América do Sul, a costa árida do Pacífico e as terras altas andinas foram berços da civilização, enquanto as terras baixas tropicais tiveram um papel periférico na ocupação humana do continente²¹⁷.

1.2.1. O Amazonas antes das Amazonas²¹⁸

²¹²Sobre a diversidade populacional existente na calha do Amazonas Neves (2022, p. 158) discorre: “No fim do primeiro milênio EC, a calha do Amazonas-Solimões era um verdadeiro sistema multiétnico, onde grupos distantes entre si, eram, direta ou indiretamente, interligados por rede de relações que incluíam o comércio e possivelmente, também a exogamia”.

²¹³Neves (2022, p. 56): “Dados disponíveis parecem indicar que diferentes biomas na Amazônia, incluindo áreas ribeirinhas e áreas distante dos grandes rios, foram ocupadas mais ou menos a partir da mesma época”.

²¹⁴Neves (2022, p. 60): “Desde o início, as formas de utilização e manejo de recursos na Amazônia foram caracterizadas pela diversificação, e não pela exploração exaustiva de poucos recursos. De fato, quando se considera o quadro da presença indígena inicial da América do Sul, fica cada vez mais evidente que não houve uma estratégia econômica única que distinguiu os modos de vida dos primeiros habitantes do continente”.

²¹⁵FAUSTO, 2000, p. 26.

²¹⁶Meggers (1987, p. 172): “As consequências desastrosas de exploração descontrolada na fase pós-europeia demonstram ainda mais claramente que a Amazônia, longe de ser a terra da promessa, não passa de um paraíso ilusório”. / Funari; Noelli (2019, p. 31): “Parte, a ideia de “inferno verde” decorreu do etnocentrismo europeu em relação aos diferentes meios de vida dos ambientes tropicais. Por muito tempo os cientistas guiaram-se pelo senso comum, considerando as economias indígenas como pobres ou atrasadas, em vez de considerá-las apenas diferentes da sua economia capitalista urbana”. / Roosevelt (1992, p. 53): “Muitos veem a Amazônia como um ambiente pobre para o homem, um ‘falso paraíso’”.

²¹⁷NEVES, 2016, p. 34.

²¹⁸Conta Carvajal, cronista participante da expedição de Orellana pelo rio Amazonas, que entre o rio Nhamundá e o trombetas, ter-se deparado com cerca de dez a doze Amazonas, que pareciam comandar o restante dos índios na luta contra a expedição. Fernando Sampaio discorre, em sua obra *As amazonas: a tribo das mulheres guerreiras* (1974), sobre o assunto: “As amazonas fazem parte da mitologia heroica da antiguidade clássica. Andaram às voltas com Hércules e na guerra de Tróia, onde teriam combatidos os gregos, sendo perseguidas e derrotadas, refugiando-se as remanescentes no interior da Ásia Menor” (p. 11). “A maioria das lendas amazônicas “chamam estas mulheres de *Icamiabas*, isto é, mulheres sem homens[...] há uma outra designação, encontrada no rico folclore sobre elas, que as chamam de *Cunhã-teco-ima*, que quer dizer mulheres a margem da lei ou sem lei” (p. 61). “A etimologia da palavra, como todos sabem, mulher sem seio, de *mazós*; seios e – *a* – partícula negativa, em grego. Dizem as lendas gregas que elas cortavam o seio direito para melhor combater” (p. 195). / Em sua História, Heródoto explana sobre estas mulheres guerreiras (2019, Livro VI, p. 348): “as Amazonas, que o Citas chamaram *Aiórpatas*, nome que os gregos traduzem para *Andróctones* (que matam homens), pois *aior* em cita significa ‘homem’, e *pata* quer dizer “matar”, [...] apoderaram-se do primeiro haras que encontraram no caminho, montaram nos cavalos e puseram-se a saquear as terras Citas”.

Para Meggers, “dizer que a Amazônia é um ecossistema de complexidade fantástica, infinita diversidade e maravilhosa integração é fazer pouca justiça a esta obra-prima da seleção natural”²¹⁹. Sua formação,

[...] tal como hoje existe, é o produto de milhões de anos de evolução geológica e biológica. A vegetação luxuriante que envolve sua superfície realizou uma notável adaptação às condições constantes de temperatura elevada, alta umidade e solos destituídos de elementos nutrientes solúveis²²⁰.

Aproximadamente 300 milhões de anos atrás, os rios que banhavam a região amazônica corriam em sentido contrário, Leste-Oeste²²¹. Cerca de setenta milhões de anos, com a diminuição gradativa do nível do mar e o surgimento da cadeia de montanhas que hoje chamamos de Andes²²², as águas amazônicas que desembocavam no Pacífico, foram retidas no seu interior, fazendo com que, por volta de 30 milhões de anos atrás, surgisse um grande lago na região²²³.

Esta nova realidade geográfica provocou, conseqüentemente, o redirecionamento gradual das correntes fluviais, que até então orientavam-se no sentido de desaguar na costa ocidental do continente. O que ocorreu a partir de então, foi a convergência gradativa das águas que agora, procurando meios de fluir, começaram a desembocar na costa norte oriental sul-americana. Mudando a direção da descida das águas fluviais da grande bacia amazônicas para o sentido que é hoje, do Oeste para o Leste²²⁴.

Dois milhões de anos atrás, a região inicia um período de certa estabilidade geográfica. A partir de então, o ambiente começou a ganhar as características atuais amazônicas que provavelmente impressionaram os primeiros da espécie humana que nela adentraram.

²¹⁹MEGGER, 1987, p. 218.

²²⁰Idem, p. 218.

²²¹Lathrap (2010, p. 59): “por un largo período después que el oriente de América del Sur se elevó, los ríos que hoy constituyen la cuenca amazónica corrieron en dirección oeste, hacia el Océano Pacífico. Fue el levantamiento relativamente reciente de los Andes lo que obstruyó el sistema de drenaje y creó temporalmente un enorme mar de agua dulce”. MIRANDA (2007, p. 20): “Durante milhões de anos. A região amazônica era um ambiente de sedimentação e os rios equatoriais corriam em sentido oposto ao atual, desaguardo no Pacífico, na atual região do golfo de Guayaquil, no Equador”.

²²²Sobre o surgimento das conjunto de montanhas que deram origem a cordilheiras dos Andes Miranda (2007, p. 26) explica: “A jangada continental da América do sul continuava seu deslocamento para oeste. Esse “atrito”, passando por cima da placa tectônicas de Nazca, existente sob o Oceano Pacífico, foi a causando o surgimento da cordilheira dos Andes com sua longa cadeia de vulcões”.

²²³Miranda (2007, p. 35): “Na Amazonia, antes longamente ocupada por um lago ou mar interior. O mar Pebas durou até 10 milhões de anos” (p. 27) “Nos últimos 100 mil anos, toda vez que o nível do oceano subia, o rio Amazonas ficava bloqueado e formava um grande lago, de centenas de milhares de quilômetros quadrados. Este por sua vez, também causava o refluxo de outros rios afluentes. O arquipélago de Anavilhanas, ao norte de Manaus, e o que restou de um antigo delta do rio Negro, na sua confluência com o grande lago Amazônico. Existem outros arquipélagos e antigos deltas interiores em vários rios, muitos na calha norte do rio Amazonas”.

²²⁴Miranda (2007, p. 26): “Os rios equatoriais inverteram progressivamente seus cursos em direção ao novo oceano surgido entre a África e as Américas, o Atlântico. [...] Inicialmente, o primitivo rio Amazonas seguiu um caminho próximo do traçado atual do rio Orenoco, desaguardo no mar das Antilhas. Mais tarde inverteu completamente seu curso, assumindo a posição e direção atual”.

1.2.2. A grande serpente

*Atrás das montanhas o que existe é o reino da grande serpente,
[...] o bosque final, que tinha brotado da árvore da água.
Disse que a serpente dona do mundo não tinha olho
e por isso ninguém conseguia saber onde estava
sua cabeça, nem sua calda.*

OSPINA, O país da Canela, 2017, p. 61.

A região amazônica é alimentada por uma gigantesca rede hidrográfica que desagua no oceano Atlântico à média de 12 860 000 000 litros de água fluvial por segundo²²⁵, “o que representa cerca de 18% de toda a água doce superficial do planeta”²²⁶. Lança “a cada período de 24 horas, tanta água quanto o Tâmis leva através de Londres, durante um ano”²²⁷. A descarga anual de águas proveniente da bacia amazônica no oceano é cinco vezes maior que a expelida pela do Congo²²⁸ e doze vezes superior ao do Mississipi²²⁹. Isso torna a região detentora do maior rio do mundo²³⁰, seja em extensão, seja em volume d’água, o rio Amazonas. Entres as vantagens dessa grande bacia hidrográfica, para a humanidade, é sua extensa navegabilidade. O rio Amazonas é “navegável por grandes navios até a confluência com o Ucayale [Perú], assim como os seus afluentes também o são até grandes distâncias. Isso faz da região Amazônica a que apresenta a maior comunicação fluvial do mundo”²³¹.

Com mais de 6.000 km de comprimento, o grande rio nasce na cordilheira dos Andes centrais, no Peru, até atingir o Oceano Atlântico próximo à linha do Equador. Os rios tributários da enorme serpente, também são capazes de rivalizar com outros grandes rios do mundo, como exemplo temos o Madeira, o Negro, o Tapajós, o Xingu, o Caquetá, o Purus. Nesta imensa bacia hidrográfica,

Enchentes anuais inundam as terras baixas e, ao recuar, deixam lagos pouco profundos, repletos de peixes encalhados e pântanos que atraem as aves aquáticas. Grande e pequenos mamíferos habitam as florestas e as plantas selvagens comestíveis fornecem generosa colheita em certos lugares e estações²³².

A bacia amazônica é rica em

²²⁵LATHRAP, 2010, p. 56.

²²⁶NEVES, 2019, p. 385.

²²⁷MEGGERS, 1987, p. 25.

²²⁸LATHRAP, 2010, p. 56.

²²⁹MEGGERS, 1979, p. 139.

²³⁰Lathrap (2010, p. 59): “El curso abajo de Manaos el ancho del Amazonas supera los 15 km, lo que equivale a cerca de la mitad de la anchura del Estrecho de Dover”.

²³¹CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. *Índios cristãos – poder, magia e religião na Amazônia colonial*. Curitiba: CRV, 2017, p. 39.

²³²MEGGERS, 1979, p. 139.

[...] vida acuática, que va desde crustáceos muy diminutos hasta algunos de los mayores peces de agua dulce conocidos, pero las aguas blancas son las más ricas, tanto en número como en densidad de especies, y esta desigualdad en la repartición de los recursos fluviales ciertamente tuvo influencia en la distribución de las poblaciones precolombinas²³³.

MAPA DE DRENAGEM DA BACIA AMAZÔNICA
COM O RIO AMAZONAS EM DESTAQUE

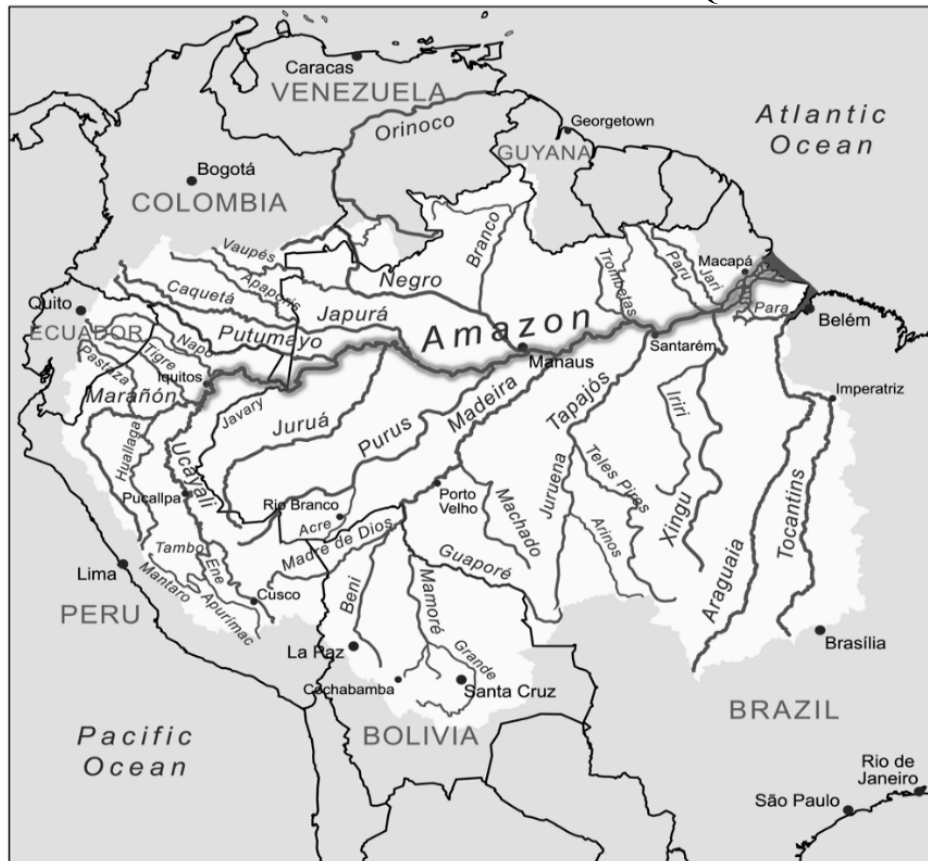


Figura 4 - Fonte: <http://www.maproom.psu.edu/dcw/> Digital Chart of the World e <http://edc.usgs.gov/products/el>

Seus rios de água branca²³⁴, “acumulam uma carga de minerais suspensos, altamente solúveis, e partículas de solo, na medida em que descem das montanhas andinas”²³⁵. Já os rios de água preta, “e as terras por eles irrigados, têm um baixo potencial na produção de meios de subsistência”²³⁶. Estas duas diferentes características, devem-se pelo fato de

Los ríos de agua negra corren por las superficies duras de las regiones montañosas de las Guyanas y de Brasil y, por tanto, estánren prácticamente libres de sedimentos. Los ríos de agua blanca recorren las laderas orientales de los Andes, transportando

²³³ LATHRAP, 2010, p. 65.

²³⁴ Meggers (1987, p.37): “Os seis principais são o Japurá, o Putumayo (Iça), o Napo, o Marañón (incluindo o Huallaga), o Ucaiali e o Madeira.”

²³⁵ Idem, p. 37.

²³⁶ Meggers (1987, p. 36): “São conhecidos na Amazônia como ‘rios da fome’”.

millones de toneladas de sedimentos de estas pendientes escarpadas y muy poco consolidadas²³⁷.

O emaranhado de rios que forma a maior rede hidrográfica do mundo, sustenta também a maior diversidade biológica do planeta²³⁸:

Como exemplo há os cerca de 390 bilhões de árvores, agrupadas em 16.000 espécies, contabilizados para a região. Tal diversidade biológica remonta a antes do início da ocupação humana, mas é provável que se ampliou ao longo do Holoceno, como resultado de relações coevolutivas estabelecidas entre os povos indígenas e o meio ambiente²³⁹.

A floresta equatorial das terras baixas sul-americana se estende por uma área aproximada de 5.500.000 km²²⁴⁰,

[...] incluindo a maior parte da bacia amazônica e estendendo-se em direção ao norte, das Guianas até a foz do Orinoco. De modo geral, a vegetação domina abaixo de 1.500m, onde a média anual de variação de temperatura não excede 3°C, onde chove durante 130 dias, ou mais, do ano, e onde a umidade relativa é, via de regra, superior a 80%.²⁴¹.

Suas árvores “são 50 por cento mais altas do que as dos bosques das zonas temperadas, e o número das diferentes espécies arbóreas é mais do que 20 vezes superior ao das florestas europeias”²⁴². Em todo seu limite, a temperatura permanece estável a maior parte do ano, ocorrendo ocasionais geadas na parte sul de seu território²⁴³.

Quando observado de cima, a floresta parece, a princípio, possuir uma homogeneidade vegetal, mas quando enxergada com melhor atenção, a selva amazônica apresenta, e se caracteriza, por possuir uma enorme diversidade de espécies²⁴⁴.

La mayor parte de la luz es retenida por la copa de los árboles, por lo que el suelo del bosque presenta un aspecto sombrío de verde pardo y castaño oscuro, ocasionalmente perturbado apenas por el azul deslumbrante de la gran mariposa Morfo. [...] En una hectárea de tierra se puede encontrar 30 ó 40 especies de árboles adultos, y será necesario recorrer una distancia considerable para encontrar dos especies parecidas o semejantes²⁴⁵.

Os primeiros habitantes da região e seus descendentes, por meio do conhecimento tradicional passado de geração em geração, souberam tirar proveito das principais propriedades

²³⁷ LATHRAP, 2010, p. 66.

²³⁸ Homma (2003, p. 21): “Só a Amazônia dispõe de 30% da biodiversidade da Terra. Se for somada à biodiversidade dos Cerrados e do Pantanal, esse número talvez se aproxime dos 50%. Só na Amazônia, ainda, se encontram 20% dos recursos hídricos globais disponíveis. Se somados à bacia brasileira do Prata e aos Cerrados onde ela nasce, esse índice se amplia para mais de 25%.”

²³⁹ NEVES, 2019, p. 386.

²⁴⁰ FURQUIM, Laura Pereira. “O acúmulo das diferenças: notas arqueológicas sobre a relação entre socio e biodiversidade na Amazônia Antiga”. In *Vozes vegetais, resistência e história da floresta*. Organizado por Joana de Oliveira. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020 (p. 125): “Estende-se por aproximadamente 5,5 milhões de quilômetros quadrados, pouco mais de 3,6% da cobertura terrestre do globo”

²⁴¹ MEGGERS, 1987, p. 31.

²⁴² Idem, p. 40.

²⁴³ MEGGERS, 1979, p. 139.

²⁴⁴ LATHRAP, 2010, p. 65.

²⁴⁵ Idem, p. 66.

das plantas existente dentro da diversidade da floresta. Por exemplo, quando os primeiros europeus chegaram a esta parte da América, observaram que os homens e mulheres extraíam da floresta “una gran variedad de venenos poderosos para la caza, pesca y guerra. Igualmente notable era la extensa gama de narcóticos obtenidos de plantas silvestres, los cuales desempeñaban un papel importante en la vida religiosa y estética de los aborígenes”²⁴⁶.

Também ocultos no labirinto úmido²⁴⁷ de águas e vegetação da grande floresta coabitam diferentes e variadas espécimes de aves, anfíbios e mamíferos²⁴⁸. No seu interior “se encuentran las especies de aves más antiguas y aisladas que en cualquier otra zona del mundo, y muchos de los mamíferos son desconocidos en cuanto a su forma y sus hábitos”²⁴⁹.

A extensão geográfica desde ecossistema fica ainda maior quando se acrescenta a sua rede fluvial a sua interligação com uma outra grande bacia hidrográfica, a do rio Orinoco.

ligada al Orinoco por medio del Canal de Casiquiare, que se comunica con el Alto Orinoco y con el curso superior del río Negro. En la época de lluvias, los afluentes superiores del Essequibo, el mayor río de la Guyana, se conectan con la corriente principal del río Branco, un afluente del Negro, a través de una capa de agua que cubre la Sabana de Rupununi.²⁵⁰

Este gigantesco emaranhado labirinto de rios e a cobertura de vegetação, que aparenta uma certa continuidade harmônica, são duas das principais e predominantes característica da região amazônica²⁵¹.

1.2.3. Primeiros habitantes

Esta terra nunca foi vazia no passado e não está vazia agora.

KOPENAWA, 2015, p. 253.

²⁴⁶ LATHRAP, 2010, p. 66.

²⁴⁷ Como afirma Prous (2019, p. 172) “O papel da umidade é tão importante para a vida quanto o da temperatura”.

²⁴⁸ Pereira (1974, p. 211): “a região amazônica neotropical não pode ser considerada pobre no que diz respeito à fauna dos mamíferos, embora assim o pareça, em comparação com os outros grupos e ordens da sua fauna, e mesmo em relação ao número e vulto das formas das regiões tropicais do velho Mundo, e é incontestavelmente a província amazônica a que maior riqueza apresenta, dentro da região, não só na ocorrência de espécies comuns como em formas peculiares”.

²⁴⁹ LATHRAP, 2010, p. 68.

²⁵⁰ Idem, p. 58.

²⁵¹ Idem, p. 56.

Homens e Mulheres foram ocupando a região amazônica, entre 20.000 a 12.000 anos atrás²⁵². É do final desta faixa de tempo, a ocorrência, em muitas partes do planeta, da última era glacial²⁵³, o que acarretou em um período mais frio e seco na Amazônia.

Até 14 mil anos antes do presente, os primeiros habitantes devem ter conhecido temperaturas de 4° a 6°C mais baixo que as que conhecemos ao longo do século XX. Houve a seguir uma progressiva elevação, possivelmente interrompida durante um milênio por resfriamento entre 12.700 a 11.500 anos atrás. As mesmas temperaturas atuais teriam sido alcançadas cerca de 7.000 anos atrás, tendo ocorrido até um aumento ligeiro da temperatura logo depois.²⁵⁴

Este período, mais frio, fez com que a linha da costa marítima se expandisse para dentro do mar, fazendo com que a faixa de terra firme se alargasse para além dos limites atuais, atraindo, possivelmente, a atenção de grupos de humanos caçadores/pescadores-coletores. Estes primeiros grupos humanos possivelmente deixaram vestígios de sua presença ao longo da costa norte sul-americana, devendo existir, em algumas partes, da extensa costa, agora coberta pelas águas marinhas, sítios arqueológicos. Esses sítios, hoje submersos, poderiam testemunhar “la posibilidad de una temprana migración siguiendo la costa, soportada por una economía basada en crustáceos, moluscos marinos y peces”²⁵⁵. Esta rota, como descreve Prous,

[...] seria litorânea, do Nordeste para o Oeste do país, a partir da Venezuela e das Guianas. De fato, existem datações (questionáveis) de 13.000 anos BP para o sítio venezuelano de Taima-Taima. Neste caso as primeiras populações teriam certamente explorado em prioridade os ricos recursos oferecidos pelo ambiente costeiro, e os sítios estão a dezenas de metros abaixo do nível do mar atual, fora do alcance da atual arqueologia²⁵⁶.

Esta hipótese de “las migraciones a lo largo de la costa, em épocas em las cuales las mismas ofrecían unas condiciones favorables”²⁵⁷, é a mais aceita para uma possível rota inicial

²⁵²Funari; Noelli (2019, p. 63): “Na Amazônia os sítios mais antigos alcançam até 12 mil AP”. / Gaspar (2004, p. 4): “considera-se que a referência cronológica para o início da ocupação do território brasileiro seja de 12 mil anos”. / Prous (2006, p. 23) “Em compensação, os vestígios humanos tornam-se evidentes e incontestáveis por volta de 11.000 anos atrás. Em Santa Elina e na Lapa Vermelha [Parque de Serra da Capivara] foram também achados indícios datados entre 15.000 a 30.000 anos, mas os arqueólogos que os encontraram se mostram prudentes em sua interpretação”. / Mora (2006, p. 83): “nuevas evidencias sugieren que hace al menos 14.000 años algunos grupos humanos habitaban diversos sistemas ecológicos, que incluían selva tropical lluviosa, en Panamá (Cook 2005: 136, Ranere & Cook 2003); igualmente han sido documentados los habitantes tempranos de los bosques Andinos sudamericanos (Gnecco 1995, Gnecco & Mora 1997) y de la Amazonía (Cavelier et al. 1995, Mora 2003, Mora & Gnecco 2003)”. / Hammen (2006, p. 2 e 19): “De la Amazonía Brasileira hay datos sobre la presencia del hombre en el Holoceno Temprano, y también en el Tardiglacial (Roosevelt et al. 1996) mientras que parecen incrementar datos que indican que la presencia humana podría extenderse hasta fechas de C¹⁴ cercanas a 20.000 años” “Había gente en esta época del Pleniglacial Tardío? Todavía no tenemos datos muy seguros o precisos, pero parece que en Pedra Furada (Brasil) había hace unos 20000 años (falta todavía la publicación con todos los datos”. / Prous (2019, p. 197): “datações de mais de 12.000 anos não são mais descartadas a priori, até pelos pesquisadores norte-americanos. Os achados da Toca da Tira Peia parecem demonstrativos de uma presença humana há mais de 20.000 anos”.

²⁵³ HAMMEN, 2006, p. 21. / PROUS, 2019, p. 176.

²⁵⁴ PROUS, 2019, p. 171.

²⁵⁵ MORA, Santiago. ‘Tiempo y paisaje en el estudio de las primeras Comunidades del noroeste Amazónico’ in *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*. Eds. Gaspar Morcote Ríos, Santiago Mora Camargo, Carlos Franky Calvo. Bogotá: Universidade nacional de Colombia. Facultad de Ciencias – Taraxacum, 2006, p. 83.

²⁵⁶ PROUS, 2019, p. 198.

²⁵⁷ MORA, 2006, p. 81.

de penetração humana na Amazônia, mas não há consenso, sobre o possível itinerário, devido a faltas de evidências arqueológicas mais contundentes²⁵⁸.

A outra rota provável, que não exclui a primeira, como afirma Prous, seria

[...] uma penetração de Norte para o Sul, e também a partir da atual Venezuela, atravessando a região amazônica. Para isso, poderiam ter aproveitado as grandes vias fluviais (subindo, por exemplo, o rio Orinoco até a Bacia do rio Solimões) ou o “corredor” de vegetação aberta que se supõe ter existido no meio da hileia durante a fase relativamente seca do Pleistoceno final.²⁵⁹

A diminuição das temperaturas na região Amazônia, parece ter criado corredores, com mata mais aberta o que veio a facilitar a penetração, na hileia, dos primeiros exploradores. Estas clareiras, cerrados e savanas²⁶⁰ na mata, também, facilitaram a passagem daqueles que não permaneceram na região e continuaram a deslocar-se em direção ao restante do território brasileiro²⁶¹.

VARIAÇÕES DAS VEGETAÇÕES E DO LITORAL NO PLEISTOCENO TARDIO (Vegetação amazônica com diminuição de 40% das chuvas – simulação)

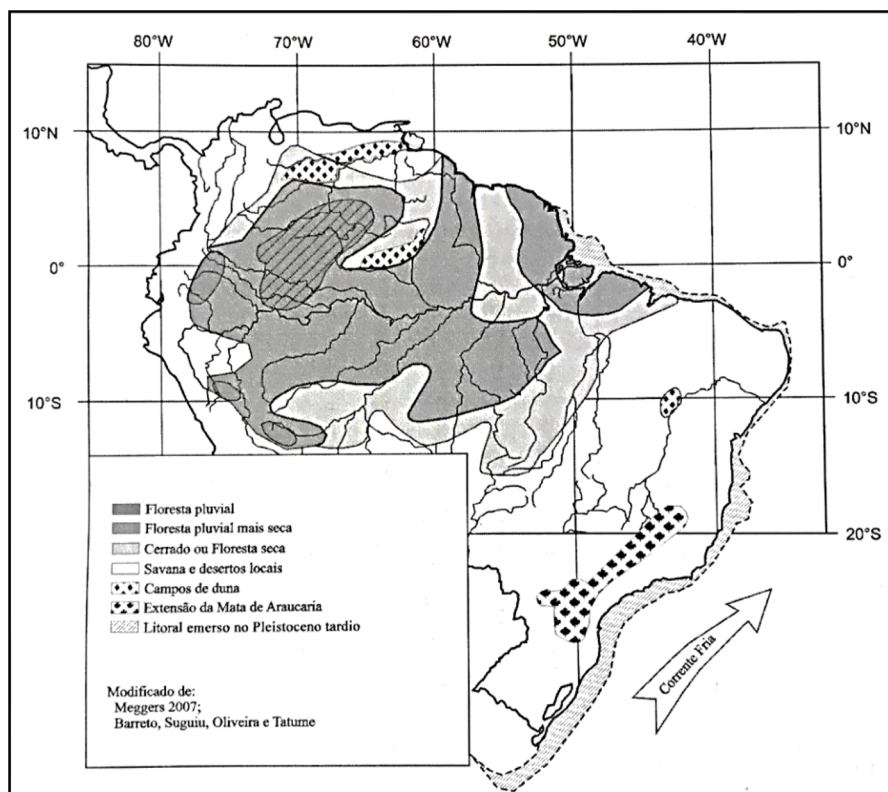


Figura 5 - Fonte: PROUS, André, *Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Archaeo; Carlini & Caniato Editorial, 2019, p. 65.

²⁵⁸ MORA, 2006, p. 81. / PROUS, 2019, p. 198.

²⁵⁹ PROUS, 2019, p. 198.

²⁶⁰ Miranda (2007, p. 57): “Ao longo de milênios, as áreas de savana ou cerrado na Amazônia sempre diminuíram ou aumentaram em função de flutuações climáticas. O clima mais seco favorecia a expansão dos cerrados e dos ambientes com vegetação mais aberta. Nos períodos mais úmidos ampliavam-se as áreas de floresta”.

²⁶¹ PROUS, 2006, p. 110.

A partir de 12.000 anos atrás, não somente a Amazônia, mas também outras partes do território brasileiro, começam a ser densamente povoadas. Esta informação é comprovada graças ao aumento dos vestígios arqueológicos encontrados a partir dessa época²⁶².

Os vestígios, principalmente líticos²⁶³, tem revelado que os “grupos humanos espalhados pelo território brasileiro, viviam de diferentes formas, em diferentes lugares”²⁶⁴, possuindo uma “grande diversidade tecnológica, econômica e social. resultado de uma colonização anterior a 12 mil anos”²⁶⁵. Na Amazônia, os arqueólogos encontraram uma grande diversidade dessa indústria lítica espalhada pelo seu território:

Na bacia do alto rio Guaporé, escavações no Abrigo do Sol indicam ocupações datadas entre 12.700 e 6.930 anos BCE (Miller 1987, pp. 63-4), associadas a indústrias líticas unifaciais líticas associadas ao complexo Dourados²⁶⁶. Na caverna da Pedra Pintada, no baixo Amazonas Roosevelt (Roosevelt et al. 1996) identificou líticos bifaciais datados a partir de 10.200 anos BCE. Mais a oeste, no médio rio Caquetá, na Amazônia colombiana, os sítios a céu aberto de Peña Roja e San Isidro produziram líticos unifaciais datados de 7.000 anos BCE (Gnecco & Mora 1997). Na Serra dos Carajás, no leste da Amazônia, indústrias líticas também unifaciais também foram identificadas em abrigos de rochas e datadas em 6.800 anos BCE (Magalhães 2018). Na bacia do alto rio Madeira, no sudoeste da Amazônia, há um longo registro da produção de artefatos unifaciais e machados lascados que também remonta ao Holoceno inicial²⁶⁷.

Na caverna de Pedra Pintada, no município de Santarém, a paleontóloga Anna C. Roosevelt constatou a presença de pinturas rupestres, possivelmente criadas pelos primeiros habitantes da região, elaboradas há cerca de 11.200 anos²⁶⁸. “Esses paleoíndios viviam da coleta de frutas nativas e da pesca”²⁶⁹. A descoberta destas são de extrema importância, pois provavelmente estão entre as mais antigas do continente americano²⁷⁰. Os vestígios arqueológicos encontrados em Pedra Pintada, demonstraram a existência, no passado, de “uma densa ocupação de caçadores, pescadores e coletores que deixaram instrumentos de pedra lascada: milhares de lascas e várias pontas de dardos bifaciais, bem como lesmas unifaciais”²⁷¹.

²⁶² PROUS, 2006, p. 25.

²⁶³ Funari; Noelli (2019, p. 61): “o Brasil, entre 12 e 10 mil AP, apresenta diversidade de indústria lítica”

²⁶⁴ idem, p. 57.

²⁶⁵ Idem, p. 61.

²⁶⁶ Prous (2006, p. 111): “Na bacia do Guaporé, o abrigo do Sol também forneceu evidências de ocupação até cerca de 12.000 anos atrás, mas os dados sobre elas ainda não foram publicados”.

²⁶⁷ NEVES, 2019, p. 387.

²⁶⁸ Miranda (2007, p. 40): “Em Taima-Taima, sítio venezuelano, há indícios de presença humana com cerca de 15 mil anos. Os sítios de Tibitó, Colômbia, e os de Quebrada Jaguay e Pachamachay, no Peru, possuem datações antigas de até 11.800 anos. No Brasil, o sítio de Pedra Pintada, na cidade de Monte Alegre (Pará), indica a ocupação do homem nas florestas e cerrados amazônicos por volta de 11.300 anos”.

²⁶⁹ HOMMA, 2003, p. 16.

²⁷⁰ FUNARI; NOELLI, 2019, p. 54.

²⁷¹ PROUS, 2006, p. 111.

No sítio também foram encontrados restos alimentares de origem vegetal, entre as identificáveis se destacam a castanha-do-pará²⁷² e numerosos coquinhos²⁷³.

Na Amazônia Colombiana também foram descobertas pinturas rupestres, em Gaviare, que apresenta datações com mais de 7.200 anos, e no baixo rio Caquetá, sítios a céu aberto, com líticos datados em 9.000 atrás²⁷⁴. Além disso, nesta parte da Amazônia colombiana, existem registros de florestas antropogênicas²⁷⁵, com datações que vão de 10.000 a 8.000 anos atrás, nestes espaços, ao que parece, nossos antepassados colhiam frutos silvestres de palmeiras e cultivavam tubérculos²⁷⁶.

Desde o contato, ocorrido a milênios, entre os primeiros seres humanos com a floresta amazônica²⁷⁷, e ao contrário do que o sensu comum costuma rotular como uma floresta de ‘mata virgem’²⁷⁸, homens e mulheres começaram a transformar o espaço amazônico em “uma natureza humanizada, um território social[...]. Os primeiros povoamentos humanos, foram modelando as paisagens naturais da Amazônia, e com consequências para o ambiente”²⁷⁹.

Esta presença milenar em solo Amazônia, de homens e mulheres, é importante também porque representa a mais antiga presença humana em território do que viria a ser o Brasil²⁸⁰. Um paradoxo, como afirma Miranda já que “a região aparentemente mais preservada do Brasil é aquela onde o homem vive há mais tempo e de forma permanente”²⁸¹.

Entre 12.000 e 10.000 anos atrás, já se faziam presente na amazônicas grupos humanos précerâmicos²⁸², que viviam principalmente da caça, pesca e coleta de frutos na floresta²⁸³.

Existem evidências dispersas de ocupação humana antiga disseminada ao longo da bacia amazônica e regiões adjacentes no decorrer do Pleistoceno tardio e no início do Holoceno. Estas evidências consistem na localização de artefatos líticos na superfície, alguns poucos abrigos com depósitos pré-cerâmicos e numerosos sambaquis pré-

²⁷² Pereira (1974, p. 144): “Da família das Lecitidáceas, *Bertholletia Excelsa* H.B.K. É uma árvore de porte magnífico, de dimensões notáveis, como grossura do tronco até 4 m de diâmetro e altura até de 50 m. Flores de outubro a dezembro. Frutos um ano depois de janeiro a abril. O fruto é esférico, de 11 a 14 cm de diâmetro com o peso de 0,700 kg a 1,500 kg, contendo numa casca lenhosa, muito dura, 12 a 22 nozes ou *castanha*, angulosas, cujas amêndoas são comestíveis, saborosas; 1 hectol. em casca é igual a 50 quilos de castanha descascada de valor alimentício bastante elevado como o de outras amêndoas nozes, avelãs”.

²⁷³ PROUS, 2006, p. 111.

²⁷⁴ HAMMEN, Thomas van der. ‘Bases para una prehistoria ecologica amazonica y el caso Chiribiquete’. In *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*. Eds. Gaspar Morcote Ríos, Santiago Mora Camargo, Carlos Franky Calvo. Bogotá: Universidade Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias – Taraxacum, 2006, p. 19.

²⁷⁵ Funari; Noelli (2019, p.74): “Conhecemos como florestas ‘antropogênicas’ (resultado da ação humana sobre a vegetação de determinadas áreas)”.

²⁷⁶ WATLING, SHOCK, MONGELÓ, ALMEIDA, KATER, OLIVEIRA, NEVES. ‘A Arqueologia do alto Madeira no contexto arqueológico da Amazônia’. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 15, 2020, p. 1-20, julho de 2020, p. 12.

²⁷⁷ Neves (2022, p. 79): “Está demonstrado que os povos indígenas do passado modificaram a natureza, ao ponto de que talvez se tenha que considerar a Amazônia como patrimônio biocultural e não apenas patrimônio natural”.

²⁷⁸ Furquim (2020, p. 126): “Hoje podemos dizer que é uma floresta humanizada, que passo por um processo intenso de coevolução entre seus muitos habitantes – humanos vegetais, animais e, para trazer a cosmologia ameríndia ao foco, não humano. Esse ambiente convive com seres humanos há pelo menos 12 mil anos[...]. Essa população vem, desde o início da ocupação, manejando diversas espécies de plantas para consumo alimentar e usos diversos – remédios, material construtivo, fabricação de tecidos, alucinógenos, entre outros”.

²⁷⁹ MIRANDA, 2007, p. 41.

²⁸⁰ Idem, p. 47.

²⁸¹ Idem, p. 47.

²⁸² Idem, p. 56.

²⁸³ HOMMA, 2003, p. 18.

cerâmicos e em estágio inicial de cerâmica. [...] Diversos conjuntos de artefatos líticos lascados por percussão foram identificados nas terras altas ao norte do Orenoco e ao sul do Amazonas. Um destes conjuntos foi encontrado no Abrigo do Sol no rio Galera, no sudoeste do estado do Mato Grosso, no sul da bacia amazônica. [...] Suas camadas pré-cerâmicas produziram diversas datações radio carbônicas na faixa de cerca de 10000-7000 a.C. Uma outra data, de 12500 a.C.²⁸⁴

Nestes sítios arqueológicos foram encontrados machadinhas, raspadores, lascas de pedras, restos dissecados de vegetais, cascas de caracóis, ossos, e fragmentos de arcos e flechas.²⁸⁵

No norte da Amazônia, diversos complexos de líticos lascados por percussão foram encontrados nas savanas e nas florestas do escudo das Guianas, o divisor entre os rios Amazonas e Orenoco, localizado na Venezuela e na Guiana. Várias pontas bifaciais de jaspe calcedônio foram encontradas por garimpeiros na Grande Savana e no rio Paraguai, na Venezuela; utensílios rústicos de basalto foram achados em Tupuken, na serra da Nutria, também na Venezuela; e diversos instrumentos de lâminas sílicas e felsíticas surgiram em Tabatinga e na savana Rupununi da Guiana.²⁸⁶

Evidências mais antigas de uma incipiente produção de alimentos, até agora encontradas no Amazônia, estão localizados no Alto Rio Madeira²⁸⁷, na região da cachoeira de Teotônio, com datação média de 9.000 AP²⁸⁸. foram encontrados elementos que incluem a

[...] presença de agentes locais e domesticados exóticos como mandioca (*Manihot esculenta*), abóbora (*Cucurbita sp.*) e feijão (*Phaseolus sp.*), além de frutas comestíveis como pequiá (*Caryocar sp.*) e goiaba (*Psidium sp.*), que apontam para o início da domesticação da paisagem. Os resultados contribuem para um número crescente de estudos que posicionam o sudoeste da Amazônia como um importante centro de domesticação precoce de culturas e experimentação²⁸⁹.

Possivelmente, estes primeiros grupos humanos eram formados por “caçador-pescador-jardineiro”, correspondente a grupos móveis tropicais ou semisedentários²⁹⁰. Possivelmente estas levadas humanas adentrarem esta região do Madeira, atraídos, na época, principalmente pela ambulância de vida aquática existente nas corredeiras do rio²⁹¹. Esta parte da Amazônia, localizada a Sudoeste, também irá se destacar nos estudos etnológicos por ser considerada como

²⁸⁴ ROOSEVELT, Anna C. “arqueologia amazônica” in *História dos Índios no Brasil*. Manuel Carneiro da Cunha (org.) John Manuel Monteiro (tradução). São Paulo: Companhia das Letras 1992, p. 58.

²⁸⁵ Idem, p. 58.

²⁸⁶ idem, p. 59.

²⁸⁷ Watling, Shock, Mongeló, Almeida, Kater, Oliveira, Neves (2018, p. 1): “O rio Madeira é o quarto maior do mundo em termos de vazão fluvial. Forma-se a partir do encontro dos Rios de Mamoré e Beni, que têm cabeceiras nos altos Andes centrais da Bolívia e, eventualmente, se juntam ao rio Amazonas por cerca de 1.000 km para o nordeste. O Madeira é um rio clássico de água branca da Amazônia, rico em nutrientes transportados a jusante da bacia hidrográfica de seus tributários superiores. A região do alto Madeira é definida entre o trecho da reunião desse rio com o Rios Mamoré e Beni a cidade de Humaitá a 400 km a jusante. É caracterizada pela presença de corredeiras e cachoeiras que estão entre as mais volumosas do mundo”.

²⁸⁸ Watling, Shock, Mongeló, Almeida, Kater, Oliveira, Neves (2018, p. 12): “um crescente corpo de evidências que coloca o alto da Madeira e sudoeste da Amazônia na vanguarda da primeiros desenvolvimentos culturais - não apenas nas terras baixas da América do Sul, mas também nas Américas como um todo”.

²⁸⁹ Idem, p. 1.

²⁹⁰ Idem, p. 12.

²⁹¹ Idem, p. 2.

um espaço lar de distintas “populações indígenas e uma das áreas de maior diversidade de idiomas do mundo”²⁹².

A cerca de 8.000 anos atrás, homens e mulheres já estavam presente em praticamente todo o território nacional²⁹³. “Os esqueletos encontrados no Brasil apresentam morfologia mongolizada, muito mais parecida com a dos modernos indígenas”²⁹⁴. E tudo leva a crer que a Amazônia tenha se originado a prática da agricultura e da confecção de cerâmica que também foi se expandindo pelo Brasil.²⁹⁵

Por volta de 8000 a 7000 anos atrás²⁹⁶ começam a surgir os primeiros sambaquis em território brasileiro:

Os sítios do tipo sambaqui que começaram a ser construídos no litoral atlântico e no baixo rio Amazonas ao redor de 8 mil AP. É apenas na Amazônia que as sequências de ocupação mostra sinais de mudanças gradativas, indicando diferentes processos de descoberta e invenção em termos de subsistência e de cultura material²⁹⁷.

Os sambaquis eram ocupações construídas a céu aberto na margem de rios e do oceano, como nos explica Prous:

Uma parte das mais antigas ocupações deve estar parcial ou totalmente submersa, pois foi edificada quando o nível do mar era mais baixo do que o atual. De fato, há poucos sítios com datação anteriores a 7.000 anos, sendo a maioria dos sambaquis conhecidos datada entre 5.000 e 3.000 BP.²⁹⁸

Na região Amazônica foram descobertos sambaquis no baixo e foz do rio Amazonas e no litoral maranhense²⁹⁹.

Os sambaquis da Guiana e do baixo Amazonas estão frequentemente cobertos com amontoados de terra contendo cerâmica pré-histórica mais recente e machados de pedra polida. Ossadas humanas também são comuns nos sambaquis, mas não foram ainda analisadas. [...]muitos destes amontoados abrangem diversos hectares de largura e muitos metros de profundidade, indicando assentamentos relativamente grandes e permanentes. A sequência sugere a transição de uma fase pré-cerâmica de coleta intensiva de mariscos para outra de coleta intensiva de plantas e de cultivo incipiente, com cerâmica.³⁰⁰

Nos sambaquis localizados no norte do maranhão foram encontrados vestígios cerâmicos com datações de aproximadamente 5.500 a 7000 anos³⁰¹. No Baixo Amazonas,

²⁹² Idem, p. 2.

²⁹³ PROUS, 2019, p. 202.

²⁹⁴ PROUS, 2006, p. 30.

²⁹⁵ FUNARI; NOELLI, 2019, p. 7.

²⁹⁶ Roosevelt (1992, p. 61): “datações radio carbônicas realizadas em diversos sambaquis apontaram datas do sexto ao quinto milênio a.C.”.

²⁹⁷ FUNARI; NOELLI, 2019, p. 65.

²⁹⁸ PROUS, 2019, p. 296.

²⁹⁹ ROOSEVELT, 1992, p. 61-62, / PROUS, 2006, p. 111.

³⁰⁰ ROOSEVELT, 1992, p. 61.

³⁰¹ Prous (2006, p. 111): “talvez a mais antiga das Américas, datadas de pelo menos 5.500 anos, possivelmente 7.000 anos.”

temos o sambaqui de Taperinha, em Santarém-PA, com cerâmica datados de aproximadamente 7.500 anos atrás³⁰². O que constata que no

[...] baixo Amazona, se produzia cerâmica já a 7.500 anos AP, sendo, portanto, a área em que se produziu vasilhas cerâmicas mais antigas (descoberta até o momento) da América e uma das áreas mais precoces no mundo com vestígios desse tipo.³⁰³

O sambaqui de Taperinha está localizado próximo a Caverna Pedra Pintada, na região de Monte Alegre -PA, onde Roosevelt “indicou a presença de sete depósitos estratificados, do Pleistoceno Superior ao Holoceno, datados entre 11.200 AP”³⁰⁴.

Na Amazônia também foram descobertos sítios pré-ceramistas, possuidores de instrumentos líticos³⁰⁵, a céu aberto³⁰⁶ com datações de mais de 7.000 anos atrás,³⁰⁷. Se constata também nesse período o aumento crescente de vestígios de carbono vegetal. Indicando o aumento da frequência de queimadas, “Parece probable que la frecuencia de estos incendios tiene relación con la presencia humana (junto con un clima más seco), talvez con el uso de incendios como método en la cacería³⁰⁸.

Neste período percebemos que a Amazônia e seus habitantes, começam a sofrer grandes transformações, plantas começam a ser cultivadas³⁰⁹, iniciando incipientemente a prática agrícola em algumas partes da região³¹⁰. Também começa a ser produzida

[...] uma cultura material muito distinta, em razão do crescimento demográfico, da modificação das formas de aldeias, do acréscimo da cerâmica a partir de 7 mil AP e de novos equipamentos líticos, como o ralador, o pilão e o machado polido, entre outros³¹¹.

Entre 4.000 e 2.000, para alguns arqueólogos, ocorreu uma grande explosão demográfica no território amazônico³¹², as margens dos grandes rios, foram sendo ocupadas por extensas populações, que tinham na fauna aquática seu principal meio de subsistência. Este possível aumento demográfico “causou a expansão geográfica de povos ceramistas e agricultores”³¹³ em direção aos outros territórios do país.

³⁰² LIMA, 2006, p.217. / FUNARI; NOELLI, 2019, p. 55.

³⁰³ FUNARI; NOELLI, 2019, p. 55.

³⁰⁴ LIMA, Luiz Fernando Erig ‘Investigações arqueológicas nas áreas de interflúvio entre os rios Negro e Solimões, Amazônia Central, Brasil’ in *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*. Eds. Gaspar Morcote Ríos, Santiago Mora Camargo, Carlos Franky Calvo. Bogotá: Universidade nacional de Colombia. Facultad de Ciencias – Taraxacum, 2006, p. 217.

³⁰⁵ Prous (2006, p. 124): “Apesar de ‘Os instrumentos de pedra foram sempre uma minoria em regiões úmidas’”.

³⁰⁶ Prous (2006, p. 124): “Quanto a viver em cavernas, teria sido estúpido instalar-se em lugares escuros, pouco arejados e onde não poderia fazer fogo sem ficar defumado. Algumas populações utilizaram os abrigos bem abertos ou as entradas de grutas, mas, mesmo assim, sobretudo para fins ritualísticos ou para preservação de material perecível. Em geral estabeleciam suas moradas a céu aberto”.

³⁰⁷ LIMA, 2006, p. 234.

³⁰⁸ HAMMEN, 2006, p. 24.

³⁰⁹ Neves (2020, p. 112): “Cultivo parece ser um conceito mais útil do que agricultura, e ‘cultivadores’, um termo melhor que ‘agricultores’, para explicar a relação entre plantas e populações tradicionais nos Neotrópicos”.

³¹⁰ MORA, 2006, p. 94.

³¹¹ FUNARI e NOELLI, 2019, p. 65.

³¹² Idem, p. 64.

³¹³ Idem, p. 64.

Todos estos elementos parecen indicar que los orígenes de la cultura del bosque tropical fueron continentales y no costeros, y que esta cultura había alcanzado un nivel de eficiencia bastante elevado alrededor del año 3000 a.C. Los orígenes deben ser buscados en cualquiera de las extensas áreas ocupadas por las llanuras inundables del Amazonas y del norte de América del Sur³¹⁴.

A cerca de 1.000 anos atrás grandes concentrações de pessoas estão assentadas de forma semisedentária “em várias partes da Amazônia, ilha de Marajó, alto rio Xingu, Santarém, baixo rio Madeira, nas proximidades de Manaus e vários outros pontos”³¹⁵.

No rio Negro e em uma ampla área da Amazônia – espalhando-se de oeste para leste, ao longo de uma linha reta de cerca de 1.300 quilômetros, desde a foz do Japurá até Santarém, e de norte a sul, por mais de 700 quilômetros, desde o baixo rio Branco até a região de Manaus – há sítios com ocupações datadas a partir do ano 1.000 a.C.[...] A transição entre o primeiro e o segundo milênio d.C. foi uma época de profunda mudanças na Amazônia. Na região onde está hoje Santarém, começou a se constituir um assentamento que viria a ter no futuro grandes dimensões, talvez comparáveis as de uma cidade. No alto Xingu, estradas lineares foram abertas para conectar grandes aldeias. No litoral do Amapá, estruturas de pedra, alinhadas ao movimento das estrelas e associadas a cemitérios, foram construídas³¹⁶.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS PRINCIPAIS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

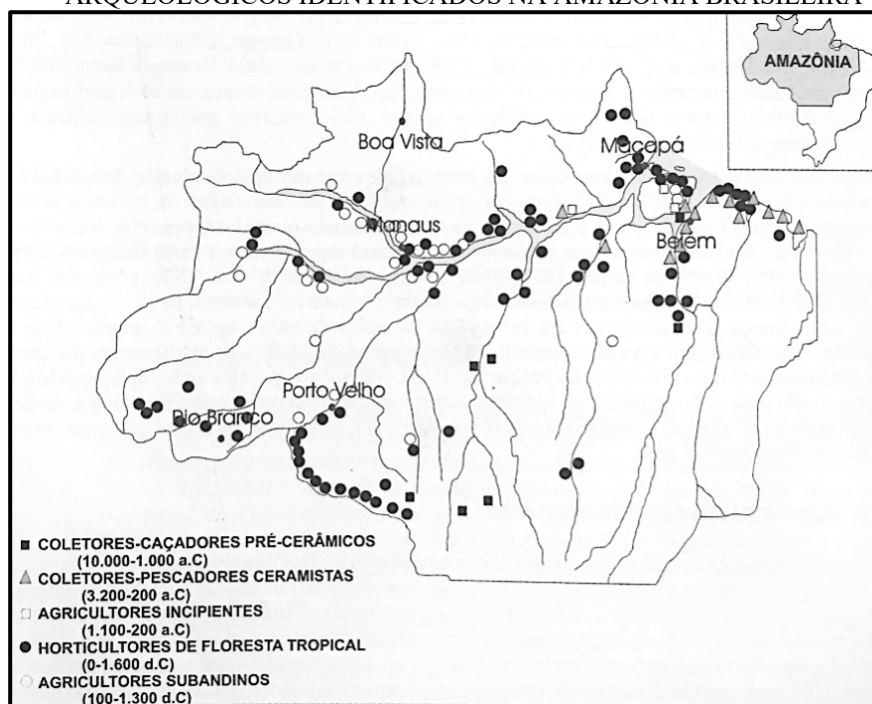


Figura 6 – Fonte: COSTA, Marcondes Lima da et al. “Paisagens Amazônicas sob a Ocupação do Homem pré-histórico: uma visão geológica”. In *As terras de índio da Amazônia: suas características e uso desde conhecimento na criação de novas áreas*. W.G. Teixeira; D. C. Kern; B. E. Madari; H. N. Lima; W.Woods. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Embrapa Amazônia Ocidental, 2010. (p. 18).

³¹⁴ LATHRAP, 2010, p. 101.

³¹⁵ MORAES, 2015, p. 27.

³¹⁶ NEVES, 2015, p. 54 e 56.

As evidências arqueológicas de sítios milenares em diferentes lugares da Amazônia, direcionam para pensarmos em um grande número de habitantes na Região, naquele período, atingindo provavelmente a maior densidade demográfica pré-colombiana, além de grande diversidade étnica e cultural.

Como afirma Prous, ao contrário de como muitos costumam compreender a Amazônia como território inexplorado por milênio até a chegada dos primeiros europeus, a floresta “perdeu sua virgindade há muitos milênios por obra dos seus ‘primitivos’ habitantes”³¹⁷. Essa milenar presença humana ocupou e transformou o ambiente amazônico de várias maneiras,

Manejo intenso da floresta amazônica, queima de matas por grupos que preferem o cerrado; guerras para raptar mulheres e crianças, ou para capturar inimigos a serem sacrificados ou incorporados à tribo; conquista de territórios - todos esses fenômenos ocorreram, mesmo que de uma forma original em relação a história europeia³¹⁸.

Com relação ao número de habitantes existentes na Amazônia, antes da chegada dos primeiros europeus, autores divergem, Stewart alega a existência de 1 milhão de habitantes para a região³¹⁹. Porro, aplicando os cálculos de Dobyns, aponta a taxa da população da Amazônia Brasileira, na época do encontro, em 1,5 milhão de pessoas³²⁰. Denevan estipulou a população da região que ele delimitou e chamou de a Grande Amazônia³²¹ em total³²² de 6.800,000 indivíduos. Para ele, somente a bacia do rio Amazonas era habitada por cerca de 5.000,000 pessoas, com sua zona de várzea sendo responsável por em torno de 950.000 pessoas³²³.

Denevan (1979) sugeriu para os 65 mil km² de várzea do Amazonas uma densidade de 14,6 hab/km², ou seja, uma população de 950 mil que, somada a da terra firme, dá, em números redondos, um total de 2 milhões para a Amazônia brasileira no século XVI³²⁴.

³¹⁷ PROUS, 2006, p. 125.

³¹⁸ Idem, p. 125.

³¹⁹ PORRO, 2017, p. 19.

³²⁰ Idem, p. 21.

³²¹ Denevan (1980, p. 29): “inclui a costa norte do Brasil (desde o Amazonas até o Nordeste seco). A área amazônica total (9.769.000 Km²), é algo maior que as outras cifras dadas a bacia amazônica: 5.916.000 Km² (Sternberg), 6.133.000 Km²(Oltman); 6.288.000 Km²(Batista); 6.430.000 Km²(Tocantins); 7.050.000 Km² (Encyclopaedia Britannica)”.

³²² Denevan (1980, p. 28): “debe tenerse em cuenta la enormidade de área total, casi 10.000,000 kilómetros cuadrados, mas de la mitad de América del Sul”.

³²³ Idem, p. 28.

³²⁴ PORRO, 2017, p. 21.

Este número grande de pessoas³²⁵ e povos vivendo na Amazônia³²⁶, certamente propiciou uma grande rede de articulação. Tudo leva a crer que o comércio, as guerras e as imigrações eram muito mais constantes se compararmos com a realidade amazônica de hoje.³²⁷

Ao que tudo indica, vastas redes comerciais uniam áreas e povos distantes. [...] À medida que a população aumenta e se adensa, novos mecanismos de integração e organização tornam-se necessários para produzir e distribuir recursos, garantir a paz interna e a defesa externa³²⁸.

ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO INDÍGENA PARA A GRANDE AMAZÔNIA				
Região	Área em km ²	População e densidade por km ² em 1960	Densidade Indígena estimada por km ²	População Indígena
AMAZÔNIA	(6.641.000)	9.200.000 (1.4)		
PERU ORIENTAL E NORDESTE DA BOLÍVIA	1.472.800		0.8	1.211.000
FLORESTA DA TERRA BAIXA AMAZÔNICA (Brasil, Guianas, Colômbia e Venezuela)	(5.140.700)			
VÁRZEA (2% da Amazônia)	102.814		14.6	1.501.084
FLORESTA TERRA FIRME (98% do interior da Amazônia)	5.037.886		0.2	1.007.577
COSTA CENTRAL BRASILEIRA (região costeira dominada pelos Tupinambás)	105.000		9.5	997.500
NORDESTE SECO DO BRASIL INCLUINDO A COSTA	(500.000)	6.500.000 (1.8)		
NORDESTE SECO DO BRASIL SEM A COSTA	477.500		0.5	238.750
SAVANAS CENTRAIS BRASILEIRAS	2.178.000	3.900.000 (1.8)	0.5	1.089.000
PLANÍCIES COLOMBIANAS E VENEZUELANAS (ORINOCO)	395.000	1.300.000	1.3	513.500
INCREMENTO POR ÁREAS NÃO MEDIDAS COM DENSIDADE MAIORES DAS ÁREAS ACIMA MENCIONADAS.				241.589
TOTAL	9.769.000	20.900.000 (2.14)	0.7	6.800.000

Tabela 1: Fonte: DENEVAN, William M. “La poblacion aborigen de la Amazonia en 1492”. In *Amazonia Peruana*, Lima: Centro Amazônico de Antropologia y Aplicacion Practica, v. 3, n. 5, p. 3-41, jun., 1980. (p. 28b).

³²⁵ Hoje, o Estado do Amazonas/Brasil, possui 3.483.985 habitantes. De acordo com o último sensu realizado em 2010, Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am>.

³²⁶ Dias (2017, p. 326): “Estima-se que, quando os europeus chegaram, houvesse entre 5 e 6 milhões de habitantes na região amazônica (DENEVAN, 1976, p. 226), cálculo que supõem uma densidade demográfica de 0,2 hab/km² nas áreas de terra firme e de 14,6 hab/km² nas margens dos grandes rios. Nota-se que este último é comparável à da península ibérica no mesmo período, aproximadamente 17 hab/km²”.

³²⁷ FAUSTO, 2000, p. 9-10.

³²⁸ idem, p. 9 e 16.

Após o contanto com os primeiros europeus, a população amazônica foi diminuindo de forma drástica. Possível causa desta catastrófica queda demográfica podem estar relacionados, a princípio, a dois fatores determinantes e conexos, como opinam Chagnon e Hames:

1) la introducción de nuevas enfermedades que la diezmaron y 2) esclavización y ‘pacificación’ por parte de los invasores europeos [...] la enfermedad y la esclavización afectaron primero las áreas fluviales, también llegaron a las regiones interfluviales mucho antes de que ocurriese el contacto directo con los no indígenas³²⁹.

1.2.4. A floresta viva

A floresta está viva, e é daí que vem sua beleza. Ela parece sempre nova e úmida, não é? Se não fosse assim, suas árvores não seriam cobertas de folhas

KOPENAWA, 2015, p. 468.

Como um imenso ser vivo, a floresta Amazônica “é uma enorme produção, digestão e dejeção. A temperatura e a umidade favorecem a rápida degradação da matéria orgânica morta. Micro-organismos mineralizam totalmente, sem deixar vestígios, os mais diversos tipos de matérias orgânicas”³³⁰³³¹. Fazendo a selva possuir “el más alto nivel de productividad Primaria de todos los ecosistemas terrestres”³³². Esta característica, da mata amazônica, faz com que a maioria de sua fauna seja formada por espécimes detritívoras, “es decir que se alimente de materias de plantas muertas y hongos, mientras que el número de animales que pastean plantas vivas es bastante pequeno”³³³.

A olho nu, a floresta aparenta possuir menos seres vivos comparado ao número real de seres existentes em seu meio³³⁴. Muitos

[...] animales están escondidos em los árboles e en sus guaridas, o enterrados en el suelo, o son exclusimanete nocturnos. [...] Los humanos no pueden esperar más que una pequeña parte de toda la cantidad de carne que puede estar disponible para los depredadores de la selva tropical³³⁵.

³²⁹ CHAGNON, Napoleón; HAMES, Raymond B. “La ‘hipotesis proteica’ y la adaptacion indigena a la Cuenca del Amazonas: una revision critica de los datos y de la teoria” In *Revista Interciencia*/ volume 5, número 6. Caracas Venezuela: Nov-Dic, 1980, p. 349.

³³⁰ MIRANDA, 2007, p. 74.

³³¹ Miranda (2007, p. 74): “Mas existem exceções nesse processo. Uma delas são as manchas de terra preta encontradas na Amazônia”

³³² GROSS, Daniel R. ‘Proteina y Cultura en la Amazonia’. In *Amazonia Peruana*, Lima: Centro Amazonico de Antropologia y Aplicacion Practica, v. 3, n. 6, p. 127-143, mar., 1982, p. 62.

³³³ Idem, p. 62.

³³⁴ Idem, p. 63.

³³⁵ Idem, p. 63.

Como exemplo dessa diversidade, escondida na mata, Nunes Pereira se utilizando das palavras de Eladio da Cruz Lima, em seu *Panorama da Alimentação Indígena*, esplanas:

Com referência à representação dos Mamíferos, Eladio Lima ensina que ‘a região amazônica neotropical não pode ser considerada pobre no que diz respeito à fauna dos mamíferos, embora, embora assim o pareça, em comparação com outros grupos e ordem da sua fauna e mesmo em relação ao número e vulto das formas das regiões tropicais do velho mundo, e é incontestavelmente a província Amazônia a que maior riqueza apresenta, dentre as regiões, não só na ocorrência de espécies comuns como em formas peculiares’³³⁶.

Para a obtenção dessa importante alimentação proteica os habitantes da floresta³³⁷ se instrumentalizaram e aprimoraram artefatos específicos para cada fim, como o arco e fechas e a lançadores de dardos envenenados³³⁸.

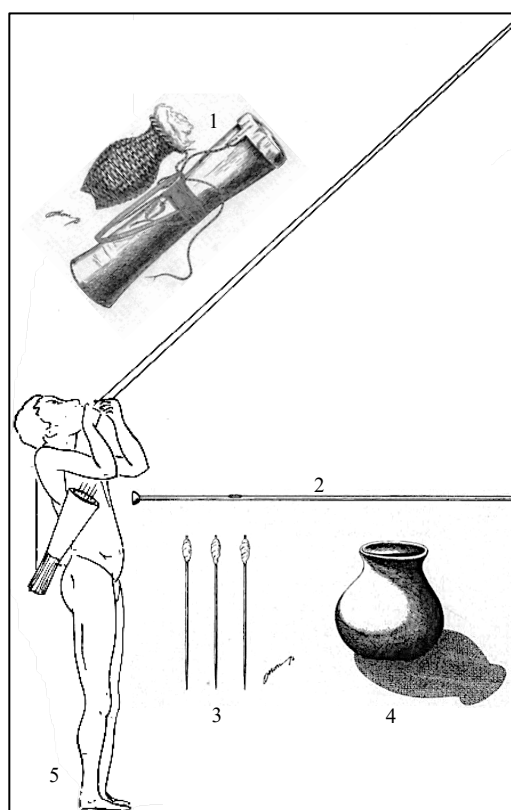


Figura 7 – 1. Tipo de carcaz para conservação de setas; 2. Zarabatana, 3. Setas; 4. Pote de curere. 5. Posição de um caçador, soprando uma zarabatana. Fontes: (figuras 1,2,3,4) PEREIRA, Manuel Nunes. *Panorama da Alimentação Indígena*. Rio de Janeiro: Livraria São Jose Ltda, 1974 (pp. 136 e 220); (figura 5) PEREIRA, Manuel Nunes. *Moronguêta: um Decameron indígena*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980 (p. 196).

³³⁶ PEREIRA, 1974, P. 211

³³⁷ FERNANDES, Mario Rique. ‘O mundo num ouriço de castanha: a mitopoética dos índios Apurinã e o espírito ancestral das castanheiras (*Bertholletia Excelsa*)’. In *Vozes vegetais, resistência e história da floresta*. Organizado por Joana de Oliveira. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020 (p. 147): “Habitantes da floresta, ou seja, de viverem na, da e com a floresta”.

³³⁸ GROSS, 1982, p. 63.

A caça destes animais faz com que os caçadores gastem “una gran cantidad de energía por unidad de energia alimentícia capturada, se se trata de carne, comparados con los pescadores o los domesticadores de animales”³³⁹. Para ajudar e facilitar a captura muitos povos tradicionais fazem uso de suas crenças e rituais, costumes estes passados através de gerações. Como exemplo temos os Yanomami, no extremo norte do Brasil,

Todos os seres da floresta possuem uma imagem *utupë*. São essas imagens que os xamãs chamam e fazem descer... são elas o verdadeiro centro, o verdadeiro interior dos animais que caçamos...em suas palavras, os brancos diriam que os animais da floresta são seus representantes³⁴⁰.

Para eles a floresta é povoada desses espíritos representantes: “São as imagens de todos os seres que andam pelo solo, sobem pelos galhos ou possuem asas, as imagens de todas as antas, veados, onças, jaguatiricas, macacos-aranha e guaribas, cutias, tucanos, araras, kujubins e jacamins³⁴¹.

Os Yanomami acreditam que os espíritos existentes na floresta, são seus antepassados, humanos com nome de animais, que se metamorfosearam em forma de caça³⁴². E para que tenham uma boa empreitada, na captura da proteína animal, é necessário recorrer ao auxílio dos xamãs, que sobre o efeito de folhas alucinógenas³⁴³ são “capazes de chamar as imagens dos queixadas e, assim, de atrair essa caça para perto de suas casas”³⁴⁴.

Kopenawa, líder Yanomami nos apresenta em sua obra *A queda do céu*, o relato, da evocação do espírito ancestral da Anta (*Tapirus terrestres*):

As antas, por sua vez, só aparecem na floresta ao alcance dos caçadores quando os xamãs fazem vir a imagem do seu ancestral, que chamamos de *Xamari*. Para isso, devem enviar primeiro seus espíritos jaguatirica e cão de caça para rastreá-lo e, em seguida, os espíritos dos pássaros *xoapema*, dos gaviões *herema* e dos pica-paus *ëxëma*, para chamá-lo... os espíritos de todos os pássaros de que falei são seus genros. Por isso ele atende ao chamado de suas flautas e aceita seu convite³⁴⁵.

Mas para eles a floresta não somente está habitada pelos espíritos animais, ela também possui o espírito dos outros coabitantes da região: “das árvores, das folhas e dos cipós, e ainda dos méis, da terra, das pedras, das águas, das corredeiras, dos ventos ou da chuva”³⁴⁶.

Por fim, essa imensa floresta, que cobre grande parte da região amazônica, vista com os olhos de quem está de fora, parece uma uniformidade densa, mas “La densidade de cualquier

³³⁹ Idem, p. 63

³⁴⁰ KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*; tradução Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 116.

³⁴¹ Idem, p. 121.

³⁴² Idem, p. 117.

³⁴³ *hayakoari hana*

³⁴⁴ KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 203.

³⁴⁵ Idem, p. 204.

³⁴⁶ Idem, p. 124.

especie particular es generalmente baja y su distribución puede ser discontinua e impredecible³⁴⁷. Suas paisagens milenares

tidas como naturais são na realidade artefatos culturais, territórios moldados por civilizações onde os conhecimentos não visavam a acumulação, mas a construção e a reprodução de sociedades com forte componente simbólicos e de integração com a natureza³⁴⁸.

1.2.5. Nós que aqui estávamos por vós esperávamos³⁴⁹

*Amanhã, quando o dia sumir,
há de chegar o Filho do Sol,
é ele quem traz os costumes novos.
Ele há de vir com fumaça do céu.*

Lenda Nheengatu³⁵⁰

As crônicas escritas pelos primeiros expedicionários europeus que navegaram pelas águas do grande rio Amazonas nos quinhentos dão testemunho, de vista³⁵¹, da existência, nas margens do majestoso curso d'água, da presença de grandes povoados³⁵². Estes relatos, por muito tempo foram desacreditados, vistos como meras especulações ou, por vezes, narrativas delirantes dos viajantes. Hoje as crônicas, juntamente com a apresentação de outras fontes que ratificam os relatos³⁵³, servem para corroborar no debate contra aqueles que defendem o discurso de um grande vazio demográfico no passado milenar amazônico.³⁵⁴

Quando alguns dos primeiros europeus viajaram pelo rio Amazonas, em 1542, o frei Gaspar de Carvajal, cronista da expedição de Francisco de Orellana, reportou a presença de grandes assentamentos densamente ocupados às margens do rio Solimões. Dentre os povos que ocupavam esses locais há os índios Omáguas, cujos descendentes até hoje ocupam terras nos mesmos locais³⁵⁵.

³⁴⁷ GROSS, 1982, p. 63

³⁴⁸ MIRANDA, 2007, p. 102.

³⁴⁹ Parafraseando o título do documentário brasileiro *Nós que aqui estamos por vós esperamos (1990)*, dirigido por Marcelo Masagão. O filme retrata a banalização da vida e da morte para nos fazer refletir sobre nossa existência.

³⁵⁰ SAMPAIO, Fenando G. *As Amazonas, a tribo das mulheres guerreiras (a derrota do Matriarcado pelos Filhos do Sol)*. São Paulo: Aquarius, 1974, p. 68.

³⁵¹ Medina (1894, p. 40): "Testemunha ocular: "lo que escribíó como testigo de vista".

³⁵² Meggers (1987, p. 27): "A Amazônia de hoje é um lugar bem diverso do que era anteriormente a 1500 – não porque o clima e a topografia tenham mudado sensivelmente, mas porque o desenvolvimento cultural sofreu alterações drásticas".

³⁵³ Roosevelt (1992, p. 84): "A maior parte da extensão das várzeas dos principais rios parece ter estado repleta de assentamentos humanos, e consideráveis sistemas de terraplenagem foram elaborados tanto nas várzeas quanto nas áreas interfluviais" (p. 54). "Na maioria dos sítios de toda a Amazônia. Antigos esqueletos amazônicos, restos animais e de plantas estão preservados em grandes quantidades e podem ser analisados por métodos osteológicos, arqueobotânicos e zooarqueológicos convencionais".

³⁵⁴ Funari; Noelli (2019, p. 31): "Um outro questionamento que se faz a teoria da ocupação tardia dos trópicos parte do princípio de que a ideia de que a floresta tropical é um inferno para a vida humana, por ser mais difícil do que a vida em climas frios, parece tão subjetiva e culturalmente enviesada quanto a noção "popular" de que a vida nos trópicos é mais fácil por causa da natureza prodiga."

³⁵⁵ NEVES, 2019, p. 396.

Os cronistas, além de reportarem a densa ocupação humana em diferentes partes da calha do rio, também buscaram, quando possível, descrever, a partir de seus olhos, partes da complexidade social³⁵⁶ existentes nas diferentes comunidades em que os expedicionários conseguiram aportar. Assim temos algumas informações a cerca de mecanismos que garantiam a unidade política, das lideranças, de sacerdotes, de templos com seus ídolos e oferendas³⁵⁷.

Sobre as comunidades avistadas pelos exploradores ibéricos, a arqueóloga Anna Roosevelt explana:

[...] os índios estavam densamente assentados ao longo das margens e várzeas dos principais rios. Embora as estimativas quantitativas variem, parece claro que, ao longo da maior parte do Amazonas, os assentamentos eram contínuos e permanentes, havendo sítios que comportavam muitos milhares a dezenas de milhares de indivíduos, não sendo improvável que existissem outros ainda mais populosos. Estes assentamentos parecem ter estado integrados a grandes territórios culturais e políticos, governados por chefes supremos cuja autoridade baseava-se na crença na origem divina³⁵⁸.

Para corroborar com as narrativas existentes nas crônicas quinhentistas, sobre densas comunidades assentadas às margens dos grandes rios amazônicos, contamos hoje com o trabalho fundamental realizado pela arqueologia moderna. Assim, Claide Morais relaciona alguns sítios arqueológicos ao longo da bacia Amazônica:

Do baixo para o alto Amazonas temos as evidências arqueológicas de maiores concentrações de pessoas primeiramente na **ilha de Marajó**. Na **foz do rio Xingu**, na vila de Gurupá, Glenn Shepard Jr. (2012) documentou um grande sítio de terra preta. Na **foz do rio Tapajós**, na atual área urbana de Santarém, está o que talvez seja um dos maiores sítios arqueológicos da Amazônia, o sítio Aldeia, associado à cultura Tapajônica (Nimuendajú, 2004; Roosevelt, 1992; Gomes, 2002). Nas proximidades de Obidos, na **foz do rio Trombetas**, existem extensas áreas de terras pretas associadas a sítios com cerâmicas Konduri. No **rio Madeira** em nossa área de pesquisa, nas proximidades da **foz do rio Aripuanã**, está o sítio São Felix do Aripuanã, o maior encontrado no levantamento arqueológico que realizamos na área, tendo sua extensão estimada em oitenta hectares. Na **foz do rio Negro**, no município de Iranduba, está o sítio Açutuba com noventa hectares de área (Heckenberger et al., 1998; Lima, 2008)³⁵⁹.

Chama atenção tratarem-se de sítios arqueológicos localizados a beira de rios em áreas de interseção do caudal Amazonas com seus afluentes. Para Funari e Noelli (2019) este fato não é coincidência, pois estas áreas eram de extrema importância para seus detentores:

Foz e corredeiras de rios onde há piracemas; refúgios de aves cujas penas são objetos de alto valor; bancos de moluscos usados como alimento ou fontes de matéria-prima para fazer colares, braceletes e outros enfeites; florestas modificadas pelo homem,

³⁵⁶ Roosevelt (1992, p. 72): “[...] as fontes da grande Amazônia contêm evidências indiscutíveis de sociedades de grande escala, muito populosas, comparáveis ao cacicado complexo e aos pequenos Estados conhecidos em outras partes do mundo”.

³⁵⁷ LATHRAP, 2010, p. 81.

³⁵⁸ ROOSEVELT, 1992, p. 71.

³⁵⁹ MORAES, 2015, p. 34.

ricas em plantas de coleta; áreas simbolicamente importantes onde estavam enterrados antepassados ou onde “viviam” entidades significativas para a cosmologia, entre outros aspectos³⁶⁰.

Claide Moraes (2015), também defende a importância estratégica destes lugares para os homens e mulheres amazônicos: No “processo de humanização da paisagem, parece que os encontros de grandes rios foram, também, locais preferenciais para a ocupação humana; pelo menos nos dois últimos milênios”³⁶¹.

Mas quais seriam os interesses estratégicos destas localidades para as antigas populações amazônicas? Moraes continua:

As populações antigas se estabeleceram, cresceram e entraram em conflito por conta de pontos estratégicos do ambiente amazônico no tocante aos recursos faunísticos³⁶² e à possibilidade de exploração de um diversificado universo de plantas que também resulta de um manejo milenar que modelou a paisagem amazônica³⁶³.

Denise Gomes (2008) professa algo parecido a Moraes, sobre a importância dessas regiões de beira de rio sazonalmente inundadas:

A importância da floresta inundável está relacionada a capacidade de gerenciamento ambiental e captação de recursos pelas populações pré-coloniais, uma vez que essas matas consistem em áreas onde uma grande parte da fauna aquática dos principais rios procura refúgio na época de cheias, algumas espécies de peixe são atraídas pelas frutas produzidas pela vegetação arbórea³⁶⁴.

Pela sua importância, algumas dessas localidades transformaram-se em território de constantes litígios, entre os grupos que reclamavam as terras para si. Muitos alegavam que o local pertencia a seus antepassados³⁶⁵, tratando-se de lugar mitológico de origem do povo.

Haviam conflitos contínuos pela posse desses espaços estratégicos, “implicando na formação de extensas redes regionais de aliança para atacar ou defender”³⁶⁶. E em alguns casos, este círculo de alianças, conseqüentemente, davam “lugar a redes de comércio, como já foi constatado em diversos sítios arqueológicos e registrado em vários relatos coloniais da Amazônia”.³⁶⁷ Moraes nos dá exemplo de marcas deixadas destas redes comerciais extensas:

[...] a padronização dos artefatos, seja do ponto de vista formal, seja do decorativo, nos faz pensar em redes de contatos numa área que vai desde o rio Madeira, no estado do Amazonas, até o rio Napo, no Equador (seguindo o curso dos rios, uma área de mais de três mil quilômetros de extensão). Evidências como essas nos fazem pensar

³⁶⁰ FUNARI; NOELLI, 2019, p. 87.

³⁶¹ MORAES, 2015, p. 34.

³⁶² Para Moraes (2015, p. 34): “Do ponto de vista da exploração dos recursos essas áreas apresentam concentração de fauna aquática endêmicas dos diferentes sistemas hídricos amazônicos, [...] o rio e não a várzea foi o motivo da disputa e da emergência de conflitos.

³⁶³ MORAES, 2015, p. 38.

³⁶⁴ GOMES, Denise Cavalcante. *Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-colonial*. São Paulo: FAPESP, 2008, p. 36.

³⁶⁵ Moraes (2015, p. 34): “Com o passar do tempo, e as constantes ocupações, a paisagem desses lugares foi humanizada e sacralizada, transformando-se em partes de mitos de origem de vários povos amazônicos. [...] esses lugares frequentemente coincidem com vasta representação simbólica, sendo locais preferenciais para as gravuras rupestres”.

³⁶⁶ FUNARI e NOELLI, 2019, p. 87.

³⁶⁷ Idem, p. 87.

que no período dos grandes assentamentos multiétnicos as terras baixas, e mesmo essas com as terras altas, estavam conectadas³⁶⁸.

Anna Roosevelt (1992) conjecturou que nos maiores assentamentos, que a mesma caracteriza como cacicados³⁶⁹,

Artefatos eram produzidos em larga escala e quantidades de tecidos e cerâmicas decoradas de alta qualidade, assim como diversos utensílios, alimentos e matérias-primas, eram comercializadas através de grandes distâncias. [...] Os cacicados do pré-histórico tardio, do Horizonte Inciso Ponteadado, como o de Santarém, possuem relação estilística com a região do Orenoco e a região caribenha da Colômbia e da Venezuela³⁷⁰.

A Existência de grandes e dinâmicos povoados interligados por redes de alianças no decorrer da orla do grande rio amazônico, atestada pelos relatos dos primeiros aventureiros europeus que arriscaram navegar descendo suas águas no século XVI e pelas pesquisas e realizados por outras ciências, principalmente estudos de evidências arqueológicas, que foram publicadas a partir da segunda metade do século XX, ajudaram a derrubar o mito³⁷¹ de que a Amazônia devido a característica de sua paisagem, por tratar-se de uma densa floresta tropical³⁷², configuraria uma barreira natural para a sobrevivência de grandes grupos humanos³⁷³. Funari e Noelli, explana como este pensamento era defendido e difundido por alguns cientistas:

Para Steward³⁷⁴, as áreas de ‘floresta tropical’ e as ‘áreas marginais’ seriam menos produtivas em termos alimentares do que as áreas temperadas dos Andes, forçando seus habitantes ao mais baixo nível da pirâmide evolutiva. [...] Os solos seriam mais

³⁶⁸ MORAES, 2015, p. 27.

³⁶⁹ Lathrap (2010, p. 79): “Entre las características más citadas, se tienen: grandes comunidades (1000 personas o más); jefes con autoridad más que nominal; jefes cuya autoridad se extendía más allá de la relación intra-comunitaria directa; desarrollados patrones de guerra; un sistema religioso con una jerarquía de divinidades altamente conceptualizada; la representación de divinidades por medio de ídolos de madera o de piedra esculpida; templos especiales para albergar tales ídolos; y un sacerdocio profesional para asegurar la manutención de los templos y realización de ceremonias religiosas”. Lima (2006, p. 216): “De acordo com Johnson e Earle (1997: 207 e 208), o cacicado é um grupo organizado sob um único indivíduo ou conselho de governantes, o qual estende-se além da aldeia ou grupo local, envolvendo populações bem maiores que as das sociedades não estratificadas; sua organização regional é baseada em uma classe de elite de chefes relacionados entre si por descendência e casamento, considerados descendentes de divindades, socialmente isolados, e ocupando posições de destaque nas funções rituais. Neste ponto, vale lembrar o relato de Maurício de Heriarte, em 1662, a respeito dos Omágua, cujos líderes das aldeias obedeciam a um único chefe denominado Tururucari, que por sua vez era também considerado um deus (Porro 1996: 75)”. / Já para Fausto (2000, p. 78): “A gente de Castela tinha mania de província e cacicados, projetando reinos por onde quer que andasse”. / Sobre estes assentamentos Prous (2019, p. 747), comenta: “Estes programas construtivos se desenvolveram não somente na Amazônia, mas também no litoral das Guianas e nos estados meridionais do Brasil. Devem ser eles explicados obrigatoriamente pela existência de populações densas e dirigidas por elites poderosas? Isso seria talvez menosprezar, mais uma vez, a capacidade de organização das populações indígenas dentro de estruturas de poder discretas e de um tecido social fluído sem equivalente nas sociedades do Velho Mundo que serviram de base para a elaboração dos modelos socioeconômicos ditos “ocidentais”.

³⁷⁰ ROOSEVELT, 1992, p. 82.

³⁷¹ Moraes (2015, p. 36) “Os mitos geralmente mostram que os agricultores são mais inteligentes e civilizados que os bárbaros que vivem da caça e coleta. [...] Em certa medida parece que ainda somos vítimas desses mitos que nos levam em busca das evidências da agricultura no pacote civilizatório do homem”.

³⁷² Funari e Noelli (2019, p. 49): “Propôs-se que a floresta tropical teria impedido ocupações substanciais e duradouras, assim como o desenvolvimento de culturas complexas nas chamadas Terras Baixas (áreas não andinas)”.

³⁷³ Funari e Noelli (2019, p. 48): “O determinismo ecológico” segundo o qual o meio ambiente a determinar a cultura, tem sido cada vez mais posto em causa, tanto como modelo explicativo como pelos novos dados encontrados pelos estudiosos”.

³⁷⁴ Funari e Noelli (2019, p. 48): “Proponente mais influente do determinismo ecológico, o antropólogo norte-americano Julian Steward que deu uma nova linguagem e conceitos ao degeneracionismo. [...] Partiu do princípio de que os ocupantes humanos [das áreas tropicais marginais] não podiam ser numerosos, não podiam permanecer por muito tempo no mesmo território, pois não tinha alimentos na quantidade necessária e, portanto, não podiam alcançar uma complexidade social e política”.

pobres e não teriam a capacidade de suportar plantações de largos períodos, pois se esgotavam em poucas colheitas, obrigando – segundo os deterministas- a migração para outros territórios³⁷⁵.

Outra importante pesquisadora, defensora do determinismo ecológico para tentar explicar a realidade amazônica, foi Betty Meggers (1921-1912), a arqueóloga:

[...] destacou a pobreza do solo como fator que teria limitado o surgimento da complexidade cultural na Amazônia, uma vez que o sistema de agricultura de corte e queima teria sido incapaz de sustentar grande concentração populacionais e assentamentos estáveis. O esgotamento do solo, após dois ou três anos, obrigaria as populações pré-coloniais a se deslocarem para novos sítios até que a área fosse renovada e pudesse ser novamente recuperada, num intervalo de vinte a cem anos. A falta de permanência num mesmo local, por períodos mais prolongados, traria reflexos na organização sociopolítica, que teria permanecido baseada no sistema de parentesco, com uma chefia de autoridade limitada³⁷⁶.

Meggers elencou alguns ‘obstáculos’, chamados por ela de ‘absolutos’, para corroborar com seu pensamento, entre os obstáculos destacados estão: o solo, temperatura e as chuvas. Para ela, em comparação com a maioria dos solos europeus, o da terra firme amazônico, seriam considerados “maduros” de formação antiga, consistindo sobretudo de areia e argila, o que os tornam moderados a extremamente ácidos³⁷⁷. Este solo

Em termos de alimentos nutritivos de plantas, as deficiências são tão graves que o solo de igual composição seriam considerados áridos num clima temperado. Um outro ‘absoluto’ é a temperatura que afeta diversos processos biológicos e químicos decisivos para a manutenção da fertilidade do solo. Por exemplo, 25°C é a temperatura adequada para a formação do húmus que é de importância vital. O terceiro ‘obstáculo’ é a chuva que atua tanto na superfície do solo pela erosão, quanto na sua composição interna através da lixiviação³⁷⁸.

Para Meggers, o método de agricultura, pequenas roças itinerantes³⁷⁹, nas palavras da mesma, “apesar de sua deficiência, é o mais apropriado para o ambiente, superando as técnicas de agricultura intensivas que predominam nas regiões temperadas”³⁸⁰. Este tipo de manejo agroflorestal apontado por Meggers ainda é realizado na Amazônia, por parte principalmente das populações tradicionais.

Mas o problema não está aí, e sim em utilizar este tipo de raciocínio, do determinismo ambiental³⁸¹, para conjecturar ou justificar “todo um discurso para mostrar que a ausência de

³⁷⁵ Idem, p. 50.

³⁷⁶ GOMES, 2008, p. 39.

³⁷⁷ MEGGERS, 1987, p. 38.

³⁷⁸ Idem, p. 38.

³⁷⁹ Meggers (1987, p. 35): “Roçados provisórios, os quais, depois de alguns anos, são abandonados, voltando a ser ocupados pelo mato”.

³⁸⁰ Idem, p. 47.

³⁸¹ Funari; Noelli (2019, p. 51): “O determinismo foi a alternativa teórica para subsidiar o ponto de vista predominante de que os povos indígenas sempre foram pouco numerosos, uma vez que sua explicação possuía coerência objetiva em relação ao que se observava nos territórios indígenas do século XIX e XX, em geral povoados com muita pouca gente”. / Roosevelt (1992, p. 54): “Sem a possibilidade da agricultura intensiva, pensava-se que o crescimento populacional dos indígenas teria sido limitado e o desenvolvimento cultural local restrito a sequências relativamente curtas e simples”.

agricultura proporcionada pela imposição dos solos pobres da Amazônia seria o fator limitante para o desenvolvimento cultural [e demográfico] na área de floresta tropical”³⁸².

Meggers e os que compactuavam de sua opinião acreditavam que a

Inovação cultural e desenvolvimento não eram esperados na ‘floresta úmida tropical’, considerada muito densa para o deslocamento fácil, muito pobre em recursos animais e vegetais comestíveis para manter caçadores-coletores, por demais uniforme em termos climáticos para suscitar a irrigação e com solos muito empobrecidos para a agricultura intensiva³⁸³.

Este tipo de imaginário sobre a Amazônia, entre esse grupo de pesquisadores, continuou a perdurar mesmo depois quando foram confrontados com novas evidências, indícios estes que apontavam para outras realidades. Quando, por exemplo, Meggers foi ao Pará e se deparou com a riquíssima e complexa cerâmica marajoara, ficou desde o início espantada com o requinte e a plasticidade do material lá encontrado. Mas esta constatação não a fez mudar de ideia, surpreendida, a arqueóloga logo tratou de encontrar uma possível explicação para aquela material de tão requintado nível tecnológico, sua resposta foi a de identificar o processo cerâmico da ilha como consequência de influência externa, possivelmente de povos da região andina³⁸⁴:

Existem dúvidas sobre a introdução à mesma época das plantas domesticadas, assim como sobre a rota de difusão. Entretanto, a presença de traços cerâmicos similares na costa norte da Colômbia, dois milênios antes, sugere, uma influência vinda dessa direção³⁸⁵.

Hoje, a maioria de mulheres e homens que estudam a Amazônia pré-colonial, acreditam que, provavelmente ocorreu o contrário³⁸⁶, “a riqueza dos ambientes das zonas tropicais da América do Sul propiciou a criação e a descoberta de numerosos alimentos e objetos de uso cotidiano e ritual que mais tarde serviram aos que construíram o império incaico”³⁸⁷.

Outro ponto, outrora importante para os defensores do determinismo, é a necessidade da agricultura intensiva como pressuposto para a existências de sociedades complexas estratificadas na Amazônia³⁸⁸. Hoje esse fator não é mais levado tonta em consideração como explana Roosevelt:

³⁸² MORAES, 2015, p. 32.

³⁸³ ROOSEVELT, 1992, p. 54.

³⁸⁴ Roosevelt (1992, p. 54): “As maiores inovações culturais pré-históricas na América do Sul — agricultura, cerâmica e complexidade cultural — eram consideradas como provenientes dos Andes, domínio do Império Inca, e, portanto, seu desenvolvimento na Amazônia foi geralmente atribuído a influências externas. A sequência das culturas locais na Amazônia foi interpretada como produto de uma série de invasões e migrações andinas”.

³⁸⁵ MEGGERS, 1979, p. 153.

³⁸⁶ ROOSEVELT, 1992, p. 54.

³⁸⁷ FUNARI; NOELLI, 2019, p. 51.

³⁸⁸ Neves (2016, p. 34) “a agricultura tenha sido relativamente menos importante no passado da região, ao menos se comparada a outros locais do planeta”. / Neves, (2022, p. 75): “Embora a domesticação costuma ser requisito para a emergência da agricultura, seria errado tomá-las como sinônimos. Na América do Sul, o registro arqueológico das terras baixas, principalmente da Amazônia, parece mostrar vários exemplos em que a domesticação não precedeu a emergência da agricultura. [...], no caso da Amazônia deve-se notar como algumas das plantas mais importantes que compõem a dieta atual e pretérita dos povos indígenas da região sequer foram domesticadas”.

Os arqueólogos trabalhando na Amazônia, no entanto, vêm cada vez mais demonstrando o papel secundário da agricultura entre as populações Amazônicas do passado. Ironicamente a sociedade Marajoara tida como o indiscutível exemplo amazônico de sociedade hierarquizada complexa (Meggers; Evans, 1957; Roosevelt, 1991; Schaan, 2004) parece ser um dos contextos arqueológicos onde menos sinais de práticas agrícolas foram evidenciados³⁸⁹.

Para Anna Roosevelt, a realidade amazônica, não serviu de empecilho para o crescimento e desenvolvimento de grandes centros comunitário pré-coloniais na região:

Muitas das sociedades complexas das terras baixas parecem ter sido culturas de longa duração que, ao invés de terem decaído no ambiente tropical, antes cresceram em escala e sofisticação ao longo do tempo, e muitos dos seus sítios caracterizam-se como urbanos em tamanho e complexidade.³⁹⁰

Ao que parece, na Amazônia pré-colonial, ocorreram, como discorre Neves (2022), “poucas pressões evolutivas para que a agricultura se estabelecesse”³⁹¹. O arqueólogo continua seu raciocínio elencando um possível motivo para esta tendência: “Um argumento convincente é o fato de os recursos alimentares terem sido fartos e amplamente distribuídos pela Amazônia a ponto de não haver uma demanda para o investimento no cultivo”³⁹². Esta mesma justificativa é apresentada por Cleide Moraes (2015) de forma mais enfática: “a abundância de recursos disponíveis na Amazônia liberou as populações do castigo da laboriosa agricultura”³⁹³.

Os primeiros europeus a singrarem pela grande serpente de água que banha e alimenta a majestosa floresta amazônica foram testemunhas da dinâmica densidade humana existente nas margens do rio:

Torna-se cada vez mais claro que a Amazônia era densamente povoada na época da chegada dos europeus, e que as sociedades que ali viviam exibiam uma ampla variedade de padrões de organização social e política (Heckenberger; Neves, 2009). [...] Novas evidências mostram que a Amazônia e seus povos tiveram um papel importante na história da ocupação humana do continente, e não podem mais ser entendidos a partir de perspectivas que os colocam em contextos periféricos, como receptadores de inovações ocorridas alhures e para lá transplantadas³⁹⁴.

Terminamos este capítulo ressaltando uma outra frase de Eduardo Góes Neves, presente na conclusão de sua obra *Sob os tempos do equinócio* (2022), citação esta que soa quase como uma exortação para todos aqueles que estudam a História profunda Amazônica: “Talvez esteja na hora de virar o quadro de cabeça para baixo e trabalhar com a premissa de que a abundância, e não a escassez, é o ponto de partida para uma reflexão sobre a história antiga da Amazônia”³⁹⁵.

³⁸⁹ MORAES, 2015, p. 32.

³⁹⁰ ROOSEVELT, 1992, p. 55.

³⁹¹ NEVES, 2022, p. 75.

³⁹² Idem, p. 76.

³⁹³ MORAES, 2015, p. 38.

³⁹⁴ NEVES, 2016, p. 34.

³⁹⁵ NEVES, 2022, p. 189.

2. A NAU³⁹⁶ DOS MALFADADOS: EXPEDIÇÃO DE ALONSO DE MERCADILLO

A primeira expedição realizada por um grupo de ibéricos, que se tem registros, em território que compreende hoje a Amazônia brasileira, não foi à capitaneada pelo irmão do conquistador do Peru, Gonzalo Pizarro, em 1540. O pioneirismo deve-se a um pequeno grupo de 25 homens, destacado da expedição do capitão Alonso Mercadillo, em 1538. Este destacamento conseguiu superar as dificuldades do rio Huallaga, depois adentrar o Marañon, e chegar em territórios que hoje fazem parte do Brasil³⁹⁷.

A expedição de 1538, deu-se graças ao incentivo de Hernando Pizarro, um outro irmão do conquistador do Peru. Foi Hernando, também, o responsável por incumbir Alonso Mercadillo da capitania da campanha³⁹⁸. O objetivo da empreitada era assenhorar-se, em nome da coroa castelhana, da região habitada pelos Cuancachupachos. Mas também, para além, Mercadillo tinha por desígnio procurar “uno más, nuevo y natural del ancho império de Tahuantinsuyu, tierra fecunda em maravillas”³⁹⁹. Pois, neste período, como explana De la Espada, Hallábase entonces en todo su auge, fresca y casi virgen la fama de provincias al otro lado de los Andes, tan ricas como las recién conquistadas y llenas de portentos fabulosos de que los índios y las índias daban fe y cuanas señas pudieron desearse⁴⁰⁰.

Para poder concretizar seus objetivos, o Capitão Mercadillo alcançou recrutar, entre os súditos de sua majestade, um total de 185 soldados⁴⁰¹. Depois que conseguiu angariar o restante do necessário para a jornada, Mercadillo, e sua caravana, iniciou a caminhada rumo ao oriente dos Andes. A maioria dos homens o seguia a pé e o restante montados no lombo de equinos⁴⁰².

De início, buscando se ater a alguma referência em uma zona pouco conhecida, a caravana decidiu se dirigir até às margens do rio Huallaga⁴⁰³. Dai a “A expedição foi seguindo

³⁹⁶ Nesse caso bergartins. “Nav [...] Naves veloces: cierta clase de ellas que eran mas pequeñas que las actuarias, y equivalian á las que hoy son corbetas y bergantines”. NAVARRETE, P. Martin Fernandez de. *Diccionario Marítimo Español*. Madrid: Imprenta Real, 1831. p. 379.

³⁹⁷ PORRO, 2016, p. 29.

³⁹⁸ LEÓN, Pedro Cieza de. *Guerra de las Salinas, Tomo Primero*. Madrid: Garcia Rico y Compañía, 1877, p. 389.

³⁹⁹ DE LA ESPADA, Marcos Jiménez. “La jornada del Capitán Alonso Mercadillo á los indios Chupachos é Iscaicingas” in *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid, Tomo XXXVII*. Madrid, Real Academia de la Historia, 1895, p. 223.

⁴⁰⁰ Idem, p. 198

⁴⁰¹ DE LA ESPADA, 1895, p. 209. / LEÓN, 1877, p. 390. / UGARTE, 2009. p. 35.

⁴⁰² Não se tem registros do número de indígenas, oriundos dos Andes, que participaram da empreitada, mas provavelmente era um número bem maior que o de espanhóis, como costumava ocorrer em todas as expedições. Os indígenas eram utilizados como ‘peças’ de guerrear, carregadores da matalotagem, guias na mata e como ‘línguas’ na tentativa de diálogo com os povos a serem contactados. Também eram responsáveis pela caça e pesca para a sobrevivência do grupo expedicionário.

⁴⁰³ Rio tributário do Marañon, pertencente a grande bacia amazônica. De La Espada: (1895, p. 209) “Huallaga, llamado también rio de Huánuco”.

o curso do Huallaga que, até então inexplorado, corre rumo ao norte para desaguar no Marañon”⁴⁰⁴

A expedição foi acompanhando o Huallaga e avançou até chegar em território de Maina, região localizada no alto rio Amazonas⁴⁰⁵. “Era la vez primera que plantas ó alpargatas españolas pisaban aquella provincia”⁴⁰⁶. Esta região, nas palavras de León, era “poblada de unos indios crecidos, belicosos, y en ella hallaron bastimento con que se pudieron reformar; y allí estovo el capitan Mercadillo con todos los españoles mes é médio”⁴⁰⁷.

O grupo permaneceu em Maina por alguns dias, tempo este que serviu para o grupo revigorar suas energias. Retomado o alento, decidiram então continuar sua peregrinação em busca das tão desejadas terras de maravilhas. A empolgação entre eles, em dar marcha e avançar, aumentara ainda mais devido as notícias recolhidas entre as lideranças Maina que “les decian que hallarian muy gran riqueza é provincias bien pobladas de gente”⁴⁰⁸.

Possivelmente essas informações, transmitidas pelo povo Maina, tinham por objetivo unicamente afastar aqueles forasteiros de suas terras, empurrando-os para o mais longe possível dali. Também não se pode descartar a predisposição, dos próprios castelhanos, em interpretar as informações prestadas pelos locais, em vista unicamente dos seus interesses pré-determinados, entre eles confirmar algo que acreditavam já existir, a terra de maravilhas⁴⁰⁹.

A viagem então recomeçou, mas contrariando a rota apontadas pelos Maina⁴¹⁰, Mercadillo decidiu que o grupo deveria acompanhar o rio, caminhando pela sua margem. Este trajeto se provou inoportuno, destarte quanto mais avançavam mais inóspita e íngreme se apresentava a paisagem.

As dificuldades só foram aumentando de maneira que, ao se depararam com um conjunto de colinas⁴¹¹, que se mostraram intransponíveis⁴¹², a caravana não pudera mais se locomover, sendo obrigada a assentar o seu acampamento neste local⁴¹³.

Mercadillo, frustrado, então

llamo á su tienda á los guias é intepretes índios; preguntóles si habria médio de salir por aquel parajé á la grandes regiones de los Iscaicingas, de que llevaba noticia. [...]

⁴⁰⁴ PORRO, 2016, p. 29.

⁴⁰⁵ UGARTE, 2009, p. 35.

⁴⁰⁶ DE LA ESPADA, 1895, p. 210.

⁴⁰⁷ LEÓN, 1877, p. 390.

⁴⁰⁸ Idem, p. 390.

⁴⁰⁹ O que Ugarte (2003, p. 14) aplicou a Orellana, poderia muito bem ser empregada aos de Mercadillo: “Todas as respostas dadas pelo índio as perguntas de Orellana [e a de Mercadillo], na verdade, eram interpretadas conforme as expectativas que os espanhóis tinham desde Quito”.

⁴¹⁰ LEÓN, 1877, p. 401.

⁴¹¹ Segundo De la Espalda são as localizadas entre o Paranapura e a fonte del Aipena Região próximo a foz do rio Huallaga, que desagua no Marañon.

⁴¹² León (1877, p. 401): “Mandó [Mercadillo] que fuesen caminando a la parte de Oriente, por caminos tan ásperos é tan crecidas sierras, que aína todos los caballos se les despeñaran”.

⁴¹³ Idem, p. 391.

[os índios] resueltamente contestaron ser de todo punto imposible salir por allí á donde el jefe deseaba, y que de empeñarse en ello todos morirían⁴¹⁴

Exaustos e famintos, imersos naquele para eles hostil território, o grupo decidiu então enviar pequenos destacamentos, formados de “algunos españoles é indios de servicio”⁴¹⁵. Estes grupos tinham por intuito explorar o entorno do arraial em busca de alimentos e encontrar alguma saída que permitisse o avanço de todo o restante da caravana.

Atendendo o pedido do Capitão, vários destacamentos se embrenharam na selva, mas nenhum conseguiu encontrar uma saída⁴¹⁶. E cada vez que um novo grupo retornava ao arraial de mão vazias, maior era a sensações de impotência e desanimo entre os presentes. Estas angustias fizeram brotar, no seio do arraial, o sentimento de revolta. Este sentimento com o passar do tempo foi se espalhando e tomando conta da maioria dos expedicionários, graças principalmente a postura irredutível de Mercadillo, de não querer dar passos para atrás e convicto no desejo de prosseguir⁴¹⁷.

A revolta tomou ares de conjuração, quando alguns expedicionários, em sua última tentativa de convencer o capitão, exigiram frente ao mesmo, o retorno para o Peru. E como novamente Mercadillo não lhe quis dar ouvido, os revoltosos decidiram que iriam levantar o arraial e fazer o caminho de volta a revelia do seu líder. Dispostos conjecturaram que para conseguir seu objetivo seria necessário utilizar a força contra Mercadillo para destituí-lo. O que de fato acabou com acontecer, sento o capitão pego de assalto e acorrentado.

Mas antes da consolidação da revolta no arraial, que culminou com a detenção de Mercadillo, tem-se registro de um destacamento, daqueles enviados em busca de socorro, que, vencendo as dificuldades, conseguiu chegar à foz do rio Huallaga e de lá navegou pelo Marañon⁴¹⁸, rio do qual o Huallaga é um de seus tributários. O destacamento desceu o rio até se deparar com povoados pertencentes a província denominada de Machifaro⁴¹⁹. Hoje, “possivelmente a região entre os rios Tefé e Coari”⁴²⁰

⁴¹⁴ DE LA ESPADA, 1895, p. 213.

⁴¹⁵ LEÓN, 1877, p. 391.

⁴¹⁶ León (1877, p. 391): “Mas aunque por muchas partes procuraron de la buscar no hallaron nenguna cosa, é como volvieron al real los españoles desmayaron por ver que no hallaban bastimento”.

⁴¹⁷ León (1877, p. 401) descreve Mercadillo da seguinte maneira: “Y este capitan Mercadillo era un hombre muy contagioso, é de condicion tan mala que los mismos españoles le cobraron odio, y era para con ellos no nada amoroso, ni los sabía tratar como convenia”.

⁴¹⁸ PORRO, 2016, p. 29.

⁴¹⁹ Porro (2007, p. 149): “‘Província de Machiparo’, possível nome do Senhor indígena que dominava a área”. / UGARTE (2003. p. 85): “MACHIPARO (Machifaro, Machifalo) Nome de tribo ou província do r. Solimões que Carvajal, em 1542, parece estender à pessoa do chefe político: Chegamos à província de Machiparo, que é mui grande senhor e de muita gente”. De la Espada (1895, p. 215) possuía a opinião “que los Machifaros son los Iquitos del siglo XVII, hoy poco menos que extinguidos. [...] la provincia, comarca ó región de Machifalo, Machifaro ó Machaparo y de sus naturales se hace mención en el famoso viaje de Orellana, el cual em mayo de 1542 descansó ciertos dias en uno de sus pueblos después de tomarlo á viva fuerza. [...] Pedro de Ursúa se sabe que allí fué assinado este descubridor por octubre ó noviembre de 1560”.

⁴²⁰ UGARTE, 2009. p. 35.

O registro da aventura desde destacamento, formado por 25 homens, a primeira incursão ibérica a singrar pelas águas da grande serpente, chegou até nós graças as letras deixadas por um dos participantes, de origem portuguesa, chamado Diogo Nunes⁴²¹ que relatou em trechos de uma carta endereçada ao rei de Portugal sua experiência na Amazônia⁴²².

Diogo Nunes escreveu a carta ao Rei Dom João III⁴²³ entre os anos de 1553 e 1554⁴²⁴. A exposição deste documento, junto ao soberano português e sua corte, tinha por intuito propor o domínio e colonização das terras à margem daquele grandioso rio estendendo as possessões da Coroa Lusitana no continente. Com a carta Diogo Nunes pleiteava como recompensa o comando de uma expedição, chancelada e financiada pela coroa lusitana, já que era o único português que participara da expedição dos castelhanos à Machifaro⁴²⁵.

Mas por fim a Coroa portuguesa acabou por não embarcar na aventura proposta por Nunes. Em sua obra, *Sertões Bárbaros*, Ugarte enumera alguns dos possíveis motivos que corroboraram para a falta de interesse luso no pleito do vicentino:

Sobre os motivos que levaram a Coroa portuguesa a não atender o pleito de Diogo Nunes, arriscamos três hipóteses: 1. O governo lusitano reconhecia que a ‘Provincia de Machifaro’ encontrava-se nos domínios do Império Espanhol; 2. Os gastos com a colonização do litoral da *Terra Brasilis* eram grandes; 3. O rei de Portugal tenha considerado a proposta uma insolência, uma vez que não se sentia obrigado a recompensar formalmente a ninguém, pois como bem lembra o historiador Amado Cervo, a noção de recompensa traduzia, antes, a gratidão do governante para com seus súditos, e sua generosidade espontânea, e não obrigação formal de recompensar quem quer que fosse⁴²⁶

A não atenção dada pela coroa portuguesa à sua carta, provavelmente deve ter frustrado o vicentino pelo resto de sua vida. Para infelicidade de Diogo Nunes, que possivelmente buscava possível fama e riquezas em vida, seu nome só ficara famoso muito tempo depois. A correspondência o tornaria figura notória na História do Brasil e do Amazonas, por ser, como

⁴²¹ VIOTTI, Pe. Hélio Abranches. ‘Diogo Nunes, Herói Brasileiro da Catequese Americana’. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo VOLUME LXXXII, 1987. p.12-21, (p. 14). “Pela metade do século XVI vivia nessa capitania [São Vicente] um outro Diogo Nunes, que se notabilizou, graças a uma carta a Dom João III, em que narra as próprias aventuras no interior da América Meridional. Nascido em São Vicente, de pai português e mãe indígena, penetrara por terra até o Peru e, daí, no ano de 1538, em companhia do Capitã Alonso de Mercadillo e outros aventureiros espanhóis, descera pela província dos Chupachos, a bacia do Amazonas, perlustrando o “reina de Machifaro”. / HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000, (p. 100): “Varnhagen tentou identificar o signatário dos apontamentos como certo Diogo Nunez de Quesada, que em 1544 andava por Lisboa de volta da América Capistrano de Abreu...ao seu ver, Diogo Nunes dos ‘apontamentos’ seria o mameluco levado do Brasil por Tomé de Souza, segundo carta do embaixador Luiz Sarmiente de Mendoza. [...] Esse mameluco, filho de um português, também teria vindo do Peru ao Brasil trazendo notícias de muito ouro e prata”.

⁴²² Nunes (1840, p. 364): “Apontamento do que V.A. quer saber. Escrita a D. João III acêrca do descobrimento de sertões onde podia chegar atravessando a terra de São Vicente. (Província de São Paulo) — Copiada do R. Archivo em Lisboa (Corpo Chron. Part. 3a. Maç. 14. Doc. 1°), e oferecida ao Instituto pelo seu sócio correspondente Francisco Adolfo de Varnhagen”.

⁴²³ Rei de Portugal e Algarves de 1521 a 1557. Antecedido pelo seu pai Dom Manuel I de quem herdou um império marítimo vastíssimo e disperso que incluía regiões costeiras da África, Ásia e América do Sul, além de ilhas localizadas em parte do ocidente e oriente do globo terrestre.

⁴²⁴ VIOTTI, 1987, p. 14.

⁴²⁵ De La Espada (1895, p. 214): “Portugués y de su nombre Diogo Nunes [...], tuvo la patriótica ocurrencia de proponer á su rey D. Juan III, la conquista de lo que habia descubierto y muchas tierras mas, ofreciéndose á realizarla por su persona bajo ciertas condiciones”.

⁴²⁶ UGARTE, 2009, p. 39.

afirma Ugarte, o primeiro cronista, que temos conhecimento, a relatar “estada no âmago geográfico da região [Amazônia Brasileira], já em 1538, portanto, antecedeu em pelo menos quatro anos a frei Gaspar de Carvajal”⁴²⁷.

O anonimato de Nunes perdurou pelo tempo que seu documento permaneceu esquecido, até o século XIX, quando foi encontrado e copiado por Varnhagen nos arquivos em Portugal⁴²⁸. Para logo em seguida ser publicado na imprensa brasileira, em 5 laudas, na 5ª edição da *Revista do Instituto Histórico Geographico Brasileiro* de 1840.

Na carta, por tratar-se de um documento sucinto, Diogo Nunes,

deixou poucos, mas preciosos informes. Por meio deles, podemos deduzir quão importante era a agricultura, cujas plantas mais cultivadas eram o milho e a mandioca⁴²⁹.

Em suas linhas “a abundância de alimentos e de riquezas minerais é exaltada tanto pelo que o cronista viu como pelo que presumiu”⁴³⁰

Em seu relato, de início, Nunes explana sobre sua participação na incursão de Mercadillo em direção a região localizada à oriente dos Andes. Afirma que a empreitada tinha por objetivo a descoberta e posse, em nome da coroa espanhola, de novas terras e povos. Ressalta que em determinado ponto do trajeto, a expedição foi obrigada a deter-se, devido à uma indisposição do capitão Mercadillo, mal-estar este que o vicentino não esclarece seu real motivo. Como a caravana estagnou neste lugar, fora despachado um grupo de reconhecimento, formado por vinte e cinco homens entre os quais ele próprio, para explorar o território que se encontrava mais à adiante. O vicentino narra que, após jornada de 25 dias, chegaram a uma província, denominada em seus escritos como a de Machifaro⁴³¹. Esta província

bem pouuada De lmdios E Riqua de ouro segundo o q' vy q' os lmdios trazião Armas douro e braceletes nos braços Esta Jemte Era De guarnição porq' tinhão guerra com outros Indios que Jaa tinhamos deyxado atras. — puzerãoçe em nos Defende q' nao Emtraçemos na terra serião até cimquo ou seis Mil E aly se tomarão muitos Deles⁴³²

Chama a atenção, neste fragmento da carta, o número de habitantes que receberam os ibéricos quando da chegada na região, posto em ordem de batalha, Nunes enumera entre 5 a 6 mil guerreiros defensores da terra. Este número nos leva a conjecturar uma estimativa do total

⁴²⁷ Idem, p. 36.

⁴²⁸ Varnhagen (1840, p. 364): “— A carta quo offereço ao Instituto, e que julgo de interesse ser publicada, foi por mim vista e copiada com todo o escrúpulo. Se directamente não diz respeito a História do Brasil, está com ella em contacto; trata da América Meridional, e será recebida com satisfação pelo público litterario, que melhor do que nós a poderá comentar”.

⁴²⁹ UGARTE, 2009. p. 511.

⁴³⁰ UGARTE, Auxiliomar. ‘Margens míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI’. In *Os senhores dos rios*; organizadores Mary Del Priore, Flávio dos Santos Gomes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 85.

⁴³¹ NUNES. 1840, p. 364.

⁴³² Idem, p. 364

de moradores existentes naquelas primeiras comunidades visitadas, levando em conta mulheres, crianças e idosos, o número se aproxima de 25 mil pessoas.

Esta grande densidade populacional, afirma Nunes, espalhava-se pelas duas margens do rio, capitaneadas por cinco a seis a vilas maiores, bastante abastadas. O vicentino compara a opulência dos povoados principais aos encontrados no Império Inca, o que o levará a presumir, a partir da similaridade, que Machifaro possivelmente seria parte de um reino afortunado, principalmente de metais preciosos.

Em esta prouimçia de machifaro q' eu vy se podem pouoar çinq' ou seis vilas muy Riquas porq' sem duuedas ay nela muyto ouro E ao q' me ela pareceo he tã abomdoza de mantimentos e san como a do peru. — Esta tra Esta entre ho Ryo da prata e o brazil pela tra adentro por esta tra vem o Ryo muitas Ilhas no Ryo E bem pouoadas de Jemte bem luzida E da outra banda do Ryo ay muyta pouoação Da mesma Jemte de maneyra q' de hũa banda E doutro Esta bem pouoado⁴³³.

Sobre a dieta do povo de Machifaro, Nunes destaca a fartura de alimentos, e em especial o explorador discrimina três, provavelmente os mais abundantes e importantes para os consumidores locais: o *mais*⁴³⁴ (milho); o *acacaby* (beiju⁴³⁵), alimento produzido a partir do beneficiamento da mandioca, e o *pescado çequo*⁴³⁶ (carne seca, obtido provavelmente através da técnica do moquem⁴³⁷).

De Mantimentos desta tr.a he mais q' qua se chama mylho E acacaby q' serue por pão E disto ha muyta cantidade/ ha neste Ryo muyto pesquado de toda a çorte como em espanha q' em cada pouo q' cheguão achão muytas casas cheas de pescado çequo q' eles leuão a vemder pelo sertão E tem suas comtratações com outros Imdios — uão os caminhos muytos abertos de muyto seguydos porq' corre muyta Jemte por Eles⁴³⁸

A grande quantidade encontrada de milho, beiju e pescado seco, principalmente desde ultimo, chamou muita a atenção de Nunes, que acompanhado da constatação da existência de caminhos iguais aos do Peru⁴³⁹, levou-o a deduzir a existência de intensa troca comercial entre os moradores de Machifaro e os possíveis povos vizinhos localizados dentro da mata que seriam o destino final daquelas movimentadas vias.

⁴³³ NUNES. 1840, p. 365.

⁴³⁴ Ugarte (2009, p. 260): “Relato sobre o cultivo indígena em Machifaro, Diogo Nunes identificava o vocábulo taino (do tronco linguístico aruaque) maiz – mais escreve ele – ao que aqui [Portugal] se chama milho”.

⁴³⁵ Ugarte (2009, p. 511): “O beiju, registrado pelo cronista sob o nome taino de cazabe”.

⁴³⁶ Quando Nunes utiliza a designação pescado, utilizando as palavras de Ugarte (2009, p. 322) em relação à mesma palavra usada por Carvajal, possivelmente está se referindo, para além das várias espécies de peixes da região, também a mamíferos e reptéis da Amazônia, como, respectivamente, o peixe-boi, a tartaruga, o jacaré.

⁴³⁷ Ugarte (2009, p. 511): “Peixes que capturavam e beneficiavam com a secagem, possivelmente no moquem”.

⁴³⁸ NUNES. 1840, p. 365.

⁴³⁹ Se você visitar Machu-Picho é possível, com a ajuda dos guias locais, e um olhar mais apurado, observar, na mata que cerca a montanha, pequenas diferenças na vegetação que se estendem por linhas quase retas que somem no horizonte. São caminhos existentes no passado, agora cobertos pela mata, que ligavam o santuário a outros centros incas.

2.1. PESCADO ÇEQUO

É bem provável, que o pescado seco encontrado nas moradias de Machifaro, por Diogo Nunes, tratava-se de carne dissecada a partir da técnica do moquém ou mokean⁴⁴⁰, método de conservação de alimentos utilizado por diferentes populações originárias em várias partes do Brasil⁴⁴¹. Manuel Nunes Pereira (1980) afim define o

MOQUÉM: É o meio indígena de conservar as carnes por muito tempo. E Stradelli adianta que o mesmo vocábulo quer dizer moqueado, "carnes secas ao calor brando do fogo; o ato de secar ao calor brando do fogo as carnes para conservá-las. [...] esclarece [também] que a peça da cozinha indígena [utilizada no preparo] é um JIRAU de varas soltas, conservado à altura conveniente em cima do fogo para nele secarem, com a exposição ao calor moderado, carnes de peixes, pássaros ou quadrúpedes"⁴⁴².

A palavra Moquém é de origem tupi, “derivaria do tupi *mboka’i*, *moka’em* ou *moka’e*, indicando a carne preparada segundo técnica indígena primitiva, grelha de varas usadas para secar, defumar ou assar ligeiramente a carne”⁴⁴³. Podendo também, a palavra Moquém, derivar do resultado da corruptela de “Mocaé ou Mô-caê; secadouro, assador; gradeado de varas sobre brasas”⁴⁴⁴. Moquém seria o método, e moquear seria o ato de secar a carne no moquém e o moqueado seu resultado final, o peixe moqueado⁴⁴⁵.

Como diz Cascudo:

Quando se diz carne de moquém refere-se a uma maneira de defende-la do apodrecimento, e não a uma forma de apresentá-la para comer. [...] O ‘moquém’ era aparato regular na parafernália doméstica do litoral atlântico. De todo o Brasil quinhentista. Todos os cronistas, missionários e conquistadores mastigaram carne moqueada⁴⁴⁶.

Lévi-Strauss em *Na Origem dos Modos À Mesa*, descreveu as diferenças entre o moquém e o assado:

Tanto na técnica da defumação como na do assado, nada se interpõe entre o fogo e a carne, a não ser o ar. A diferença entre as duas técnicas reside no fato de que num caso a camada de ar interposta é reduzida ao mínimo e, no outro, estendida ao máximo. Para defumar a carne de caça, os índios sul-americanos — para quem essa é a técnica culinária predileta — constroem um suporte de madeira de aproximadamente 1,50m, sobre o qual colocam a carne, e debaixo dela, mantêm um fogo baixo por 48 horas ou mais. Nota-se, por conseguinte, em relação a uma característica constante, a presença de ar interposto, características diferenciais, que se expressam nas oposições *aproximado/afastado* e *rápido/lento*. Uma terceira característica diferencial está na

⁴⁴⁰ FREYRE, 2006, p. 194.

⁴⁴¹ GALVÃO, Araken Vaz “O Tupi Nosso de Cada Dia”. Fórum Universitário Mercosul, Salvador, 27 a 29 de setembro de 2017, p. 1-16. http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1504118538_ARQUIVO_TupiNossoDeCadaDia-FOMECO.pdf, p. 15.

⁴⁴² PEREIRA, Manuel Nunes. *Moronguêta: um Decameron indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 139.

⁴⁴³ MIRANDA, 2007, p. 97.

⁴⁴⁴ GALVÃO, 2017, p. 15.

⁴⁴⁵ Idem, p. 15.

⁴⁴⁶ CASCUDO, 2011, p. 86.

ausência de utensílio no caso do assado (em que qualquer bastão pode servir de espeto), ao passo que o moquéim é uma construção humana, objeto cultural, portanto⁴⁴⁷.

A principal função do moquéim é o de estocar o alimento para o consumo posterior⁴⁴⁸, quando se tem muita carne de caça ou pesca⁴⁴⁹. Assim também explica Staden:

Quando preparam comida de peixe ou de carne que querem conservar durante algum tempo, colocam o peixe ou a carne sobre pequenos pedaços de madeira a uma altura de quatro palmos acima do fogo. Fazem um fogo de tamanho adequado embaixo e deixam a comida assar e defumar até ficar completamente seca. Se quiserem comer dela mais tarde, cozinham-na outra vez. Chamam essa comida de moquéim⁴⁵⁰.

Anna Maria Costa (1996) caracteriza o utensílio e a técnica utilizada na confecção do moquéim, pelos povos originários, da seguinte maneira “consiste em um gradeado de madeira, apoiado sobre três ou quatro pés dispostos sobre o lume, que se destina a assar ou defumar carne e peixe. Apenas o calor do fogo assa o alimento exposto”⁴⁵¹. Estas estruturas, grelhas mais altas, também são utilizadas para secar a comida com o calor do sol ou simplesmente, quando não estão sendo utilizadas para moquear, servem como aparadores e guarda comidas⁴⁵². Pois o moquéim, tanto pode “ser edificado do lado de fora, no interior da maloca indígena, no próprio local de acompanhamento de caça ou mesmo nas proximidades de um rio, lago ou igarapé⁴⁵³.

Entre os povos do Alto Rio Negro, esta técnica é utilizada até hoje, como explica Marivelton Barroso Baré:

Também temos o peixe moqueado, uma forma de conservar o peixe; se faz em um moquéim, espécie de jirau, com o fogo de lenha, colocando como se fosse assar, mas pouco diferente; ali fica só com o calor do fogo e vai ficando moqueado aos poucos⁴⁵⁴.

Esta é a principal característica, do moquear, o fogo baixo e lento, por horas. Para que a chama não se apague e a defumação fique por igual, “constantemente o alimento mantém-se aos cuidados dos homens e mulheres que, de tempo em tempo viram as carnes e/ou os peixes⁴⁵⁵.

Do moquéim cada povo tem seu rito, e seu modo de preparar, Lévi-Strauss, registrou entre Povos da Guiana, que a estrutura do moquéim era destruída logo após seu uso, isso se

⁴⁴⁷ LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 439.

⁴⁴⁸ CASCUDO, 2011, p. 86.

⁴⁴⁹ LÉRY, Jean de. *Viagem a terra do Brasil*; Tradução Sérgio Milliot; bibliografia Paul Gaffarel; colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas Plínio Ayrosa. Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 2007, p. 13.

⁴⁵⁰ STADEN, 2010, p. 144.

⁴⁵¹ COSTA, 1996, p. 20.

⁴⁵² LÉRY, 2007, p. 136.

⁴⁵³ COSTA, Anna Maria R. F. M.; PEREIRA, Ivelise C. *A Cozinha Indígena*, Brasília: FUNAI, 1996, p. 21.

⁴⁵⁴ BARROSO BARÉ, Marivelton. “Kurumim Wasú/ Jovem. In *Baré: povo do rio*; Marina Herrero e Ulysses Fernandes organizadores, São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 23.

⁴⁵⁵ COSTA, 1996, p.21.

dava, pois os mesmos acreditavam, que se não destruíssem a estrutura, o animal moqueado poderia se vingar e utilizar o moquém para defumar o caçador⁴⁵⁶.

Como constata Costa, o principal acompanhamento na refeição, quando da degustação de um bom moqueado, é o beiju ⁴⁵⁷. Com este acompanhamento provavelmente também era servido, entre os Machifaro, na época de Diogo Nunes. Hoje, se fores no Mercado Municipal em São Gabriel da Cachoeira, por exemplo, no Alto Rio Negro, encontrarás, com certeza, carne ou peixe moqueado, a moda local, e ao seu lado, exposto pra venda, também o inseparável beiju, meiú, cazabe, curada⁴⁵⁸.

2.2. MILHO/MAÍZ

Outro item alimentar assinalado por Nunes, devido a sua importância na dieta do povo Machifaro, fora o milho, *maíz* (*Zea mays*). Esta espiga não deve ter impressionado tanto os exploradores ibéricos já que era bem conhecida dos espanhóis, pois nas ilhas Caribenhas e na Mesoamérica, o grão desta planta destacava-se como um dos principais ingredientes da dieta diário dos povos ali contatados:

Los indios de Cuba parecían pronunciar maisi ó majisi: los de Haiti mají. Es el Zea mays” [...] “Nasce el mahiz en unas cañas que echan unas espigas maçorcas de un xeme luengas, y mayores y menores, y gruesas, como la muñeca del brazo ó menos, y llenas de granos gruesos como garbanzos [ervilhas] (pero no redondos de todo punto)”⁴⁵⁹.

Como discorrem Lima, Krahô e Aldé (2020) sobre a origem desta magnífica dádiva americana:

A história do milho (*Zea mays ssp. Mays L.*) começa aproximadamente 9 mil anos atrás no sudoeste do México, quando seu ancestral selvagem, atualmente conhecido como teosinto, caiu no gosto de pequenos grupos de povos ‘nomades’ que começaram a manipulá-lo e, conseqüentemente, de forma intencional ou involuntária a modificá-lo. Os humanos foram de tal maneira envolvidos pela planta que suas sucessivas intervenções acabaram por resultar na perda da capacidade de autopropagação dos descendentes do teosinto, pois as sementes maduras se tornaram incapazes de se separar da espiga e se liberar da casca que a envolve. [...] Neste longo processo coevolutivo e, por que não dizer, de ‘codomesticação’, o milho passou a depender dos

⁴⁵⁶ LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 439.

⁴⁵⁷ COSTA, 1996, p.21.

⁴⁵⁸ A Feira Municipal de São Gabriel da Cachoeira se caracteriza por representar um micro cosmo da diversidade populacional daquela parte do Brasil.

⁴⁵⁹ OVIEDO, 1855, p. 264 e 601

humanos para garantir sobrevivência continua, enquanto estes também passaram a depender dele⁴⁶⁰..

O seu nome em nheengatu é avatí ou auatí⁴⁶¹, dependendo da região. E assim Léry o identifica:

O nome indígena do milho, a que em França se chama trigo sarraceno, é *avatí*, com eles fazem farinha, que se coze e se come como as outras. [...] esse avatí dos americanos é aquilo que o historiador das Índias denomina *mais* e que diz servir de trigo para os índios do Peru⁴⁶².

A planta, a espiga e o seu consumo de seus grãos, já se fazia presente em todas as três América e Caribe, quando aqui os europeus chegaram. No Brasil era

[...] uma presença na alimentação indígena, mas não constituía determinante como a onipoderosa mandioca e a macaxeira (aipim), amável e fácil. Certo é que o plantavam comumente e o milharal é um documento do trabalho humano porque essa gramínea só se reproduz semeando-se⁴⁶³.

Nas palavras de Cascudo, a domesticação do *Zea mayz*, foi uma

“[...] revelação ameríndia, e nenhum outro povo da terra o provou antes que o Novo Mundo aparecesse”. [...] Teria surgido, selecionado pela mão do homem, depois da mandioca e da batata (*Solanum tuberosum*, *Ipomoea batatas*), ao mesmo tempo do nascimento da cerâmica. E a intensificação do milho é simultânea à indústria oleira. Oitenta por cento de sua utilização depende do vaso, vasilha, jarra, enfim, do barro cozido⁴⁶⁴.

Sobre o seu cultivo Oviedo observou que os nativos sempre iniciavam a plantação depois da chuva, para que o madeira utilizada como enxada, pudesse perfurar a terra com mais facilidade

[...] se haga mejor, siembran en tiempo que por haber llovido está la tierra de forma que el palo, que sirve en lugar de reja, pueda entrar tres quatro dedos debaxo de tierra, con pequeno golpe. Este mahiz desde pocos dias nasce, porque en quatro meses se coge, é alguno hay mas temprano, que viene três. E otra simiente hay que se coge desde dos meses despues que se siembra. [...] cresce comunmente mucho mas que la estatura de un hombre [...]. E cada una caña echa lo menos una maçorca [espiga], é algunas dos tres, é hay en cada maçorca doscientos y trescientos granos, aun quatrocientos, mas menos, é aun algunas de quinientos⁴⁶⁵.

Soares (1587), de forma parecida a Oviedo, também descreve o cultivo deste importante alimento:

Dá-se outro mantimento em todo o Brasil natural da mesma terra, a que os índios chamam ubatim, que é o milho de Guiné, que em Portugal chamam zaburra. As

⁴⁶⁰ LIMA, Ana Gabriela Morim de; KRAHÔ, Creuza Prumkwjy; ALDÉ Venica. 'Histórias e cantos do milho Krahô. In *Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta*, organizado por Joana Cabral de Oliveira et. al. São Paulo: Ubu Editora / IRD, 2020, p. 284.

⁴⁶¹ No nheengatu amazônico diz-se auatí.

⁴⁶² LÉRY, 2007, p. 126.

⁴⁶³ CASCUDO, 2011, p. 107.

⁴⁶⁴ CASCUDO, 2011, p. 109.

⁴⁶⁵ OVIEDO, 1851, p. 255-266.

espigas que este milho dá são de mais de palmo, cuja árvore e mais alta que um homem, e da grossura das canas e roça, com nós e vãs por dentro; e dá três, quatro e mais espigas destas em cada vara. Este milho se planta por entre a mandioca [...] colhe-se a novidade aos três meses, uma em agosto e outra em janeiro. Este milho come o gentio assado por fruto, e fazem seus vinhos com ele cozido, com o qual se embebedam, e os portugueses que comunicam aos eu comunicam com o gentil e os mestiços não se desprezam dele, e bebem-no mui valentemente⁴⁶⁶.

O milho, assim como o feijão, “[...] é totalmente intolerante a terrenos inundados ou irrigados, depois de sua germinação. Também é sensível à seca, durante a fase final de seu desenvolvimento, exigindo uma distribuição de chuva regular e irrigação controlada”⁴⁶⁷

Graças a intervenção humana, o grão desse cereal foi e é encontrado em diferentes variedades. Daniel, no século XVIII, constatou, em parte da região amazônica por ele visitada, a existência do cultivo de diferentes castas pela população local: “Tem o milho graúdo muitas castas, como dissemos dos trigos; todas se dão bem nas terras do Amazonas, e com elas se pode muito bem suprir a falta de trigo, ainda no caso que os trigos se não dêem bem no Amazonas”⁴⁶⁸

A existência deste cereal na dieta dos povos amazônicos⁴⁶⁹, descrita pelos cronistas das primeiras expedições europeias, demonstram a capacidade e o domínio tecnológico que grupos amazônicos possuíam acerca do cultivo de plantas “que organizam a vida material e por vezes a vida psíquica dos homens com grande profundidade, a ponto de se tornarem estruturas quase irreversíveis”⁴⁷⁰ como é o caso do milho⁴⁷¹.

O milho provavelmente foi introduzido na América do Sul por grupos da família Arawks⁴⁷² iniciando sua dispersão entre os diferentes povos do subcontinente:

A sua propagação na América do Sul, evidências genéticas, linguísticas, arqueológicas e paleoecológicas sugerem que o sudoeste amazônico foi um importante centro de melhoramento do milho, que teria chegado ao local apenas parcialmente domesticado. De acordo com estudos recentes de Kistler et. al. (2018), depois da chegada de um protomilho aos sudoeste Amazônico por volta de 6.500 anos atrás’[...] dessa região, ele se fundiu para a Amazônia oriental há aproximadamente 4.300 anos. Uma segunda grande expansão teria ocorrido ainda entre 1.200 e mil anos atrás, com a propagação de aldeias circulares no sul da Amazônia, no Cerrado e na costa atlântica.⁴⁷³

⁴⁶⁶ SOUSA, 2010, p. 173.

⁴⁶⁷ LATHRAP, 2010, p. 71.

⁴⁶⁸ DANIEL, João. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, p. 181.

⁴⁶⁹ Neves (2020, p.111): “Determinadas variedades de Milho foram ali selecionadas depois de introduzidas vindas da Mesoamérica há pelo menos 6 mil anos”.

⁴⁷⁰ BRAUDEL. 1995, p. 92.

⁴⁷¹ Braudel (1995, p. 92) listou três plantas com tais características, que as chamou de “plantas de civilização”. Que são o trigo, o arroz, o milho. Em minha humilde opinião, acrescentaria a Mandioca nesta pequena lista de cereais, apesar dele mesmo, Braudel, não concordar.

⁴⁷² FURQUIM, 2020, p.127).

⁴⁷³ LIMA; KRAHÓ; ALDÉ, 2020, p. 285.

Uma característica que diferencia a cultura do milho nas terras baixas sul-americanas em relação as outras regiões americanas, é que, ao que parece, o milho não se tornou uma cultura hegemônica extensiva entre as comunidades e povos da floresta.

No caso dos povos das terras baixas da América do Sul, a introdução do milho não substituiu outros cultivos; pelo contrário, ele foi incorporado às estratégias de manejo de sistemas agroflorestais que, combinando plantas domesticadas e não domesticadas, geravam (e ainda geram) hiperdiversidade.⁴⁷⁴

Cascudo (1960), em sua *História da Alimentação no Brasil*, reporta a observação realizada por Curt Nimuendaju, que deparou com a existência, entre os índios Parintintin do rio Madeira, de uma variante desde grão que não precisava passar por nenhum processo de cozimento, sendo ingerido ainda em seu estado cru⁴⁷⁵.

Na mitologia Xerente, Akue, povo da família jê, a origem do milho se faz presente, e assim é contada:

ORIGEM DO MILHO

Uma mulher estava à beira de um pântano com uma criança, ocupada em trançar um covó para pegar peixes.

Apareceu um rato, sob forma humana, que a convidou a ir à casa dele comer milho, ao invés de pau podre, que, àquele tempo, os índios comiam.

Ele permitiu mesmo que ela levasse um bolo, não sem lhe recomendar que guardasse o segredo da sua proveniência.

Mas a criança se deixou surpreender quando, então, comia a sua parte.

Os aldeões puseram a mulher em confissão e se dirigiram para a roça cujo proprietário fugiu, abandonando-a aos índios, após, ele próprio, se transformar em rato.

(Da obra THE SERETE, de Curt Nimuendaju).⁴⁷⁶

Na culinária Brasileira, os grãos desta espiga acabaram deixando forte marca. Como exemplos de iguarias produzidas a partir desse grão podemos citar as enumeradas por Gilberto Freyre:

“[...] além da farinha (abatiuí), hoje usada no preparo de vários bolos, a acanijic, que sob o nome de canjica tornou-se um dos grandes pratos nacionais do Brasil, a pamuna - hoje pamonha - envolvida, depois de pronta, na própria palha do milho, a pipoca, que, segundo Teodoro Sampaio, quer dizer "epiderme estalada"; e ainda uma bebida fermentada, o abati-i⁴⁷⁷.

⁴⁷⁴ idem, p. 285.

⁴⁷⁵ CASCUDO, 2011, p. 111.

⁴⁷⁶ PEREIRA, 1974, p. 333

⁴⁷⁷ FREYRE, 2006, p. 194.

2.3. O PÃO DA TERRA

O terceiro item essencial na dieta dos de Machipara, apontada por Nunes, foi a raiz da mandioca (*Manihot*), indiretamente indicado pelo vicentino, ao relatar a existência de produtos derivados de sua manufatura, o cazabe (acacaby), nosso beiju. Alimento que o português assemelhou, comparando a aparência, textura e sabor, ao pão europeu feito a partir do trigo.

Esta raiz foi, e é, a principal base alimentar das populações tradicionais amazônicas. Seus derivados também serviram para alimentar e matar a fome dos estrangeiros que ousaram em terras amazônicas adentrar a partir do século XVI.

Essa raiz alcançou o status de alimentos fundamental não somente para os antigos moradores das matas, mas também para seus novos habitantes. Dela se extraía a farinha que, pela sua durabilidade resistia a grandes viagens pelos rios [...]. Dessa forma, ela substituía com vantagem os pães europeus que não resistia a umidade, sempre demasiada naquela região⁴⁷⁸.

A mandioca, yuca nos países de língua hispânica, é uma planta que geralmente cresce acima da altura de um homem, havendo em tamanho menor, por que, como afirma Oviedo, “en esto del grossor y de la altura, es segund la tierra es fértil o flaca”⁴⁷⁹. Seu caule tem a grossura de dois dedos e sua folhas são pontiagudas, em forma de espadas⁴⁸⁰.

A sua raiz, um tubérculo, é

da feição dos inhames e batatas, tem a grandura conforme a bondade da terra, e a criação que tem. Há casta de mandioca cuja rama é delgada e da cor como ramos de sabugueiro, e fofos por dentro; a folha é da feição e da brandura da parra, mas tem a cor do verde mais escura; os pés destas folhas são compridos e vermelhos, como os das mesmas folhas de parreira⁴⁸¹.

Oviedo, comparou a raiz da mandioca assemelhando-a a grandes nabos e a cenouras⁴⁸². Destaca ele, também, que em muitas partes do continente existem estes tubérculos tão vultosos, que igualam em tamanho a panturrilha humana e as maiores chega a ter a espessura da coxa de um homem⁴⁸³.

Quando querem fazer uso dos tubérculos, em tempo de colheita, os indígenas arrancam o arbusto, “retiram as raízes e os galhos e enterram novamente pedaços do tronco. Estes, então, geram raízes e crescem em seis meses, o necessário para que se possa consumi-los”⁴⁸⁴.

⁴⁷⁸ CARVALHO JÚNIOR, 2017, p. 72.

⁴⁷⁹ OVIEDO, 1851, p. 268.

⁴⁸⁰ OVIEDO, 1855, p. 607.

⁴⁸¹ SOUSA, 2010, p. 165.

⁴⁸² OVIEDO, 1851, p. 269 -270.

⁴⁸³ Idem, p. 270.

⁴⁸⁴ STADEN, 2010, p. 142.

O português Pero Gandavo que esteve na costa brasileira no século XVI, registrou em sua obra *História da Província Santa Cruz (1576)*, como se dava o plantio deste tubérculo nos quinhentos:

[...] tratarei de plantas e raízes de que moradores fazem seus mantimentos que lá comem em lugar de pão. A raiz se chama mandioca, e a planta de que se gera é da altura de um homem pouco mais ou menos. Esta planta não é muito grossa, e tem muitos nós; quando a querem plantar em alguma roça, cortam-na e fazem-na em pedaços, os quais mantem baixo da terra, depois de cultivada como estacas, e daí tornam arrebentar outras plantas de novo; e cada estaca desta cria três ou quatro raízes e daí para cima (segundo a virtude da terra e que se planta) as quais põem nove ou dez meses em que se cria⁴⁸⁵.

Hans Staden, alemão, que permaneceu cativo por nove meses entre os Tupinambás (1549), teve oportunidade de observar e registrar, entre outros costumes locais, o preparo para a roça de mandioca:

Quando querem plantar, derrubam as árvores nos lugares que escolheram para o plantio e deixam-nas secar durante cerca de três meses. Então põem fogo nelas e as queimam. Depois enterram as mudas das plantas de raízes, que usam como pão, entre as cepas das árvores. Essa planta chama-se mandioca⁴⁸⁶.

Na Amazônia, um importante testemunho, da cultura do plantio da mandioca, foi nos deixado pelo Padre João Daniel, que esteve na região no século XVIII.

Alimpam primeiro por baixo a mata em todo aquele distrito que querem fazer o seu plantamento de todas as virgultas, que vão nascendo, as quais não cortam, mas quebram ou com as mãos, se podem, ou se não podem com as mãos, as quebram com varapaus às pancadas, e se ainda assim não podem quebrá-las, lhes decotam os ramos, que é o que basta para secarem. Para as árvores e paus grandes se valem dos seus machados de pedra seguros em paus rachados, os quais, não sendo capazes de cortar, bastam para, a poder de golpes, que vão dando à roda do pau, lhe pisarem, ou machucarem a casca, e isto mesmo vão fazendo a todo aquele grande arvoredo, e espesso bosque, em que sempre gastam muitas semanas, ou meses, mas basta isto para secar todo aquele arvoredo, e se pôr capaz de se lhe lançar o fogo.

[...]

Feitos pois os roçados, e dando-lhes tempo de secarem, e se porem capazes de lhes dar fogo, para o que não bastam às vezes dois meses não obstante os intensos calores do sol, [buscam] conjunção capaz para lhes deitarem fogo, porque nem todo o tempo é apto pra isso, mas buscam ocasiões de vento, e que não haja, nem se tenha chuva que apague o incêndio, o qual e deitam na borda do roçado da parte onde sopra o vento⁴⁸⁷.

Este tipo de preparo da terra, em época de Daniel, é chamado Coivara⁴⁸⁸.

Encoivar chamam lá, depois do incêndio apagado, e deixando o campo atrapalhado de paus, e por isso incapaz de se fazer plantamento, e ajuntar em montes os paus mais

⁴⁸⁵ GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província Santa Cruz*. São Paul: Hedra, 2008, p. 88.

⁴⁸⁶ STADEN, 2010, p. 142.

⁴⁸⁷ DANIEL, 2004, p. 15-17.

⁴⁸⁸ CAVALCANTE, Neusa. 'A planta'. In *Mandioca: o pão do Brasil = Manioc, le pain du Brésil*. Brasília, DF: Embrapa, 2005. (p. 51): "No norte do país, a tradicional cultura da mandioca pouco se diferencia hoje das roças indígenas. As aberturas de clareira na selva, a prática da coivara, e a alternância de locais do plantio coincidem com os relatos dos muitos viajantes que aqui estiveram entre os séculos XVI e XIX".

pequenos, com que podem para de novo lhes lançarem o fogo, não os grandes, e grossos, de que não fazem muito caso, nem podem. São estes montes, ou coivaras⁴⁸⁹.

Continua o Padre:

Os índios bravos [não catequizados, não descidos] são nisto mais bem-afortunados, porque, como não cortam as matas nem para isso têm instrumentos, mas só lhes machucam a casca à roda, e decotam os arbustos e virgultas, bastando isto para secarem todas as árvores, assim que as vêem secas lhes sopram o fogo, o qual queimando por baixo os arbustos secos, e as folhas das árvores, deixam os paus levantados, e mui inteiros, como mastros de navios, e sem mais diligência plantam por [roto o original] a maniva, do mesmo modo que os índios mansos, e brancos, o que fazem desta maneira⁴⁹⁰.

A técnica do plantio, testemunhada por Daniel, se dá através de pequenas partes do caule e galhos da planta, não fazendo o uso de sementes:

Cortam em bocados as varas da maniva, que planta da farinha, de dous palmos v.g. de compridos com dous ou três olhos por onde hão de arrebentar, e lhes vão metendo as pontas na terra, a cinza em buracos, que fazem muito à ligeira com um pau aguado se são os bravos, ou com um instrumento de ferro direito abaixo, e proporcionado a que chamam [itacira] se são brancos, ou índios mansos, que já usam de ferro. Em cada cova vão metendo dous ou três bocados de maniva não untos, nem direitos, mas quase mais deitados e olhando cada um para diversos rumo; e cada cova distante da outra um [pé] pouco mais, ou menos, e é de tal condição esta planta, que enterrando-se na terra, e cinzas quase ainda fumegando, não só pega logo, mas em poucos dias arrebenta, e logo se enfeita de folhas, e verduras, correndo já entre os naturais este adágio como se a maniva falasse: planta-me no pó, e não tenhas de mim dó. Contudo sempre lhe desejam brevemente alguma chuva, ou orvalho copiosos, para mais se arraigar, e enramar⁴⁹¹.

A mandioca é caracterizada por sua rusticidade, sua “elevada capacidade de se adaptar a longos períodos de estiagem, diversidade genética, resistência a doenças e tolerância às pragas, apresenta boas possibilidades de cultivo consorcio com inúmeras outras plantas”⁴⁹². No século XVIII, entre os pés de mandioca, Padre Daniel observou, que os locais cultivavam outras plantas, que possuíam diferente maturação, intercaladas com os pés de mandioca. Entre as plantas destacadas pelo jesuíta estavam, o milho, a melancia, e inhames⁴⁹³.

O início de domesticação da mandioca⁴⁹⁴, que ocorreu há aproximadamente 8.000 anos⁴⁹⁵, provavelmente deu-se no norte da América do Sul, na região Amazônica⁴⁹⁶.

Na domesticação da mandioca, as pessoas não apenas melhoraram vários aspectos, como o tamanho e produção de tubérculos, taxas fotossintéticas e funcionalidade das sementes, mas o fizeram por ciclos repetidos de recombinação e seleção que envolveu a introdução da propagação clonal como um mecanismo reprodutivo viável (a

⁴⁸⁹ DANIEL, 2004, p. 20.

⁴⁹⁰ Idem, p. 20.

⁴⁹¹ Idem, p. 20-21.

⁴⁹² CAVALCANTE, 2005, p. 29

⁴⁹³ DANIEL, 2004, p. 21.

⁴⁹⁴ Cavalcante (2005, p. 15): “Denominação derivada da ‘palavra Mani de origem aruak’.

⁴⁹⁵ WATLING, SHOCK, MONGELÓ, ALMEIDA, KATER, OLIVEIRA, NEVES, 2018, p. 11. / LATHRAP, 2020, p. 91.

⁴⁹⁶ LATHRAP, 2010, p. 94. / CAVALCANTE, 2005, p. 17.

mandioca selvagem não pode se reproduzir de estacas de caule). Esse processo, concluído há 8.000 anos, exigia um conhecimento altamente sofisticado da natureza mundo e provavelmente envolveu a manipulação de outros aspectos do meio ambiente, incluindo a queima de florestas⁴⁹⁷.

Para além, as populações locais, ao passar do tempo, “Desenvolveram, por meio de intercambio de material de cultivo entre aldeias, um sistema seguro para evitar erosão genética e introduziram processos de transformação para melhor utilizar a mandioca, principalmente, na alimentação”⁴⁹⁸.

A cerca de 4.000 mil anos atrás, o cultivo destas raízes já estava espalhado pelas margens dos principais rios amazônicos. Neste período tornando-se o alimento principal da maioria da população⁴⁹⁹. O provável povo disseminador de sua cultura, da Amazônia para o restante das Américas, tenha sido os povos de origem Aruaque⁵⁰⁰, como enaltece Cascudo:

O aruaco mereceu o apelido de farinheiro, os da farinha, seus fabricantes, como fixação da competência inicial. A mandioca que o tupi recebeu no Amazonas foi por ele propagada na orla litorânea e, por difusão, às demais famílias indígenas vivendo no território nacional. Do mesmo aruaco teria tido o tupi a cerâmica e o tecido de fibras para a primeira rede de dormir⁵⁰¹.

Foram estes povos farinheiros, que colonizaram também as Antilhas, partindo da Venezuela⁵⁰². Levaram o conhecimento do cultivo da yuca e seus beneficiamentos, entre eles a confecção do caçabi⁵⁰³, alimento que agradou aos ibéricos quando nestas ilhas começaram a aportar a partir de fim do século XV.

Nas Américas, as populações nativas, conheciam e classificavam a mandioca em duas qualidades: “Os americanos têm duas espécies de raízes, a que chamam aypi e maniot que crescem dentro da terra em três ou quatro meses, tornando-se tão grossa como a coxa de um homem e longas de pé e meio mais ou menos”⁵⁰⁴.

O aypi, denominado por Léry, é a mandioca doce (*Manihot dulcis*), o aipim, chamada também de macaxeira. A Maniot, é a mandioca brava ou amarga (*Manihot esculenta*)⁵⁰⁵. Ambas possuindo variedades incontestáveis⁵⁰⁶. Estas raízes, desde o início da colonização, se

⁴⁹⁷ WATLING, SHOCK, MONGELÓ, ALMEIDA, KATER, OLIVEIRA, NEVES, 2020, p.11

⁴⁹⁸ CAVALCANTE, Neusa; CEREDA, Marney Pascoli. ‘A pesquisa’. In *Mandioca: o pão do Brasil = Manioc, le pain du Brésil*. Brasília, DF: Embrapa, 2005, p. 234

⁴⁹⁹ LATHRAP, 2010, p. 91.

⁵⁰⁰ Cavalcante (2005, p. 1): “Cujo nome significa ‘povo comedor de tubérculos’”.

⁵⁰¹ CASCUDO, 2011, p. 94

⁵⁰² LATHRAP, 2010, p. 90.

⁵⁰³ CAVALCANTE, 2005, p. 17.

⁵⁰⁴ LÉRY, 2007, p. 124.

⁵⁰⁵ CASCUDO, 2011, p. 80. / RIBEIRO, 2009, p. 107.

⁵⁰⁶ Sobre a variedade da mandioca, Cascudo (2011, p. 94) relata existirem “mais de 100 espécies, sendo umas 80 brasileiras”.

impuseram como o ‘Pão da Terra’. “Sua importância na hierarquia das plantas alimentícias americanas só cede lugar à batata e ao milho”⁵⁰⁷.

Mas na mesa do brasileiro esta raiz esteve sempre na primeira ordem, entre os tubérculos americanos, para Cascudo “A raiz que alimentava o brasileiro é a mandioca (*Manihot utilissima*), continuando a missão. Seguem-na a macaxeira, alpim (*Manihot dulci Pax*), ambas com variedades incontáveis, as batatas (*Solanum e Ipomoea*), carás (*Dioscorea*)⁵⁰⁸.

O que faz a mandioca ser classificada como doce ou amarga, é a quantidade encontrada, em sua composição, de ácido cianídrico. Este ácido, quando ingeridos em determinada quantidade, é extremamente venenoso para os seres humanos. Toda mandioca possui este ácido, o que diferencia um tubérculo do outro, a mandioca da macaxeira, é o grau da substância na composição de sua massa. Acima de 100mg/kg, a mandioca torna-se tóxica, havendo necessidade de intervenção humana para seu consumo. Esta intervenção, que visa extração de sua peçonha, se deu por meio da criação e utilização de apuradas técnicas que foram adquiridas e aperfeiçoadas com o passar do tempo e depois repassadas de geração a geração dentre os povos pré-colombianos.

As raízes que possuem, em sua composição, ácido cianídrico abaixo de 50mg/kg podem ser levadas diretamente ao fogo, e não trazem perigo ao homem⁵⁰⁹. Dessa Mandioca ‘doce’, “versão branda, conhecida por macaxeira ou aipim, a raiz pode ser comida cozida. E, quanto assada na brasa, tornou-se familiar aos portugueses pela semelhança de sabor a castanha de sua terra natal”⁵¹⁰.

O Padre Daniel, no século XVIII, teceu comentário acerca de seu valor.

Macaxeira é uma espécie, e das melhores, da maniva, de que se faz farinha-de-pau, e a sua especialidade sobre as mais espécies faz que seja entre os brancos pouco usada e estimada; e a razão é porque como não é venenosa a sua raiz, como são as mais espécies da maniva, e por outra parte é gostosíssima assada, são muito perseguidas as suas roças, de que vão tirando pouco a pouco com tanto prejuízo, que nas colheitas se acham mui defraudadas; e para não se exporem a semelhantes furtos a rejeitam nos seus sítios, e só se contentam com algumas poucas plantas, não para delas fazer farinha, posto que é da mais perfeita, mas para comerem assadas, ou cozidas, com suas famílias. [...] as outras espécies só se bem logram em terras firmes e matas antigas; a macaxeira pelo contrário dá-se bem nas terras úmidas e alagadas, não necessita de cortar mato para dela se fazerem os plantamentos; e por estas tão boas propriedades é a mais estimada pelos índios daquelas províncias⁵¹¹.

⁵⁰⁷ RIBEIRO, 2009, p. 107.

⁵⁰⁸ CASCUDO, 2011, p. 80.

⁵⁰⁹ FUKUDA, Wania Maria Gonçalves. “Variedades de mandioca”. In *Mandioca: o produtor pergunta, a Embrapa responde* / editores técnicos, Pedro Luiz Pires de Mattos, Alba Rejane Nunes Farias, José Raimundo Ferreira Filho. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006, p. 36.

⁵¹⁰ CAVALCANTE; SCHIEL, 2005, p. 85.

⁵¹¹ DANIEL, 2004, p. 25-26.

Além da farinha, como pontuou Daniel, a macaxeira era matéria-prima para a confecção de beijos, além de se valerem dos “aipins para nas suas festas fazerem deles cozidos seus vinhos, para o que plantam mais que para os comerem assados”⁵¹².

Fernão de Cardim é outro entusiasta das benesses deste tubérculo, ressaltando seu poder medicinal, em seu *Tratados da terra e gente do Brasil* exclama:

Desta mandioca ha huma que chamão aipim que contem também debaixo de si muitas espécies. Esta não mata crua, e cozida, ou assada, que he de bom gosto, e dela se faz farinha, e beijús. Os índios fazem vinho dela, e he tão fresco e medicinal para o fígado que a ele se attribue não haver entre eles doentes de fígado.⁵¹³

Discorrendo sobre as mandiocas peçonhentas Sousa declara:

Antes de passarmos avante que declaremos a natural estranheza da água da mandioca que ela de si deita quando a espremem depois de ralada, porque é a mais terrível peçonha que há nas partes do Brasil, e quem quer que a beba não escapa por mais contrapeçonha que lhe deem; a qual é de qualidade que as galinhas em lhe tocando com o bico, e levando uma só gota para baixo, caem todas outra banda mortas⁵¹⁴.

Assim como Oviedo adverte, em seus escritos, sobre o perigo e poderosíssimo veneno extraído da yuca, que com o trago de apenas um gole, seria capaz de matar um elefante, quiçá um desatento homem⁵¹⁵. Apesar de seu perigo os habitantes locais, descobriram que o líquido extraído, na decantação da mandioca brava, resultava em um saboroso vinagre⁵¹⁶. A técnica empregada para torna-lo degustável iniciava-se com a sua fervura:

Y despus de hervido y serenado, si lo tornan hervir serenar, tornasse agro aquel çumo, sérveles como vinagre licor agro, en lo que quieren usar del sin peligro alguno. [...] Esto del tornarse dulce agro consiste en los coçimientos, y estas experiencias pocos indios las saben ya haçer⁵¹⁷.

Apesar da presença da peçonha na mandioca brava, todo os derivados durante o seu tratamento são aproveitados⁵¹⁸. "Retiravam o suco venenoso e da massa prensada resultava o beiju; do amido faziam a goma e o polvilho, torravam para fazer farinha-d'água ou a de guerra"⁵¹⁹. Da mágica raiz, também derivavam “mingaus, papas, bolos feitos de goma extraída do seu caldo”⁵²⁰.

O mantimento principal produzido a partir da massa de mandioca é a farinha.

⁵¹² SOUSA, 2010, p. 171.

⁵¹³ CARDIM, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 41.

⁵¹⁴ Idem, p. 167.

⁵¹⁵ OVIEDO, 1851, p. 271.

⁵¹⁶ LATHRAP (2010, p. 87): “Se hace denso por medio de una cocción a fuego lento. A medida que el jugo se transforma en un líquido espeso y muy sabroso, todo el ácido cianídrico que contiene es evaporado o transformado en azúcares”.

⁵¹⁷ OVIEDO, 1851, p. 271.

⁵¹⁸ MEGGERS, 1987, p. 80.

⁵¹⁹ BELLUZZO, Rosa. *Nem garfo nem faca: à mesa com os cronistas e viajantes*. São Paulo: Editora Senac, 2010, p. 85.

⁵²⁰ CAVALCANTE, Neusa; SCHIEL, Helena Cavalcanti. ‘O pão da terra’. In *Mandioca: o pão do Brasil = Manioc, le pain du Brésil*. Brasília, DF: Embrapa, 2005, p. 85.

De acordo com as primeiras informações sobre o processamento da mandioca, as raízes ficavam de molho durante 5 dias, depois do que eram tiradas, descascadas e amassadas num pilão. O suco era extraído passando-se a polpa por uma peneira cilíndrica. A massa era então pulverizada e peneirada para produzir farinha⁵²¹.

A mandioca depois de ficarem de molho, eram descascadas com uma faca feita a partir de conchas, ou de hastas de madeira, dependendo da região. Para processa-las e transforma-las em polpa, utilizavam, além do pilão, raladores de madeira entalhados com este propósito⁵²².

Los dientes del rallador eran aplicados en la madera y se fijaban por medio de una goma resinosa. En algunos casos, esos dientes eran espinas o astillas de hueso (que no se conservaron en los depósitos arqueológicos), pero en muchos casos se usaban microláminas de cuarzo o sílex⁵²³.

Para que parte da substância líquida contida na mandioca, seja expelida, a polpa, resultante da moagem, e amassada “para que o suco saia por meio de um tubo feito a partir das cascas das palmas e que chamam tipiti. Assim, a massa, que fazem então passa por uma peneira, fica seca”⁵²⁴.

Una vez reducida a pulpa, la yuca era colocada en una prensa singular, comúnmente conocida por su denominación en idioma Tupí, tipití. El tipití es un largo tubo de fibra vegetal trenzada abierto en la extremidad superior y cerrada en la inferior. Cuando el tubo estaba lleno con la pulpa húmeda, era estirado con fuerza, ejerciendo una tremenda presión lateral sobre su contenido, expulsando el jugo. Por debajo se colocaba un recipiente de boca ancha y borde expandido, para coger la mayor cantidad de jugo posible. Aunque el tipití no se ha conservado en los depósitos arqueológicos, el recipiente destinado a coger el jugo, usualmente llamado envase recipiente, generalmente puede ser identificado debido a su forma muy característica⁵²⁵.

Sobre as características deste importante instrumento técnico criado pelos primeiros habitantes do Brasil Freyre (1933), também, descreve em sua obra *Casa Grande & Senzala*:

Depois de bem mole, é esmagada ou ralada e a massa colocada em longos tipitis cônicos, feitos de embira ou de taquara trançada. Esses tipitis têm um e meio a dois metros e outro tanto de comprido e são pendurados na cumeeira da casa depois de bem cheios, amarrando-se na sua extremidade inferior uma grande pedra. Quando a água da mandioca, chamada tucupi, cessa de escorrer, tiram a massa amilácea⁵²⁶.

⁵²¹ MEGGERS, 1987, p. 179.

⁵²² LATHRAP, 2010, p. 86.

⁵²³ Idem, p. 86.

⁵²⁴ STADEN, 2010, p. 142.

⁵²⁵ LATHRAP, 2010, p. 86.

⁵²⁶ FREYRE, 2006, p. 191.

Após a massa ser comprimida no tipiti, retirada boa parte de seu líquido peçonhento⁵²⁷, ela é retirada e depositada em um grande recipiente, parecido com uma travessa ou frigideira, onde é torrado⁵²⁸.

Para preparar essa farinha usam as mulheres brasileiras grandes e amplas frigideiras de barro, com capacidade de mais de um alqueire e que elas mesmas fabricam com muito jeito, põem-na ao fogo com certa porção de farinha dentro e não cessam de mexê-la com cabaças de que se servem como nos servimos das escudelas, até a farinha assim cozida tome a forma de granizos ou confeitos⁵²⁹.

A farinha resultante desse processo, dependendo da vontade de seus produtores, pode resultar em grãos mais ou menos granulados. No norte do Brasil, a preferência era, e é, a farinha mais granulada, chamada de farinha d'água⁵³⁰, farinha-de-pau⁵³¹. Na Amazônia, Padre Daniel pode constatar sua soberania na dieta alimentar da população local do século XVIII:

Ordinariamente têm esta trabalhadeira todos os anos, porque como as searas são só ou principalmente maniva para das suas raízes fazerem a farinha-de-pau, que é o pão ordinário da maior parte dos habitantes do Amazonas, e esta maniva só se cria bem nas terras de matas, e quando mais selvagens as matas, melhor se cria esta planta, por isso todos os anos fazem novos roçados para novas searas⁵³².

Outro dos alimentos, derivado da raiz da mandioca, e de registro constate nas crônicas quinhentistas amazônicas, e o acacaby, citado por Nunes⁵³³, assimilado pelo cronista, como iguaria americana equivalente ao pão de trigo europeu. Este acacaby de Nunes, ou cazabe, caçabi, para outros cronistas, é o nosso hoje conhecido como Beijju⁵³⁴.

Esta iguaria já era conhecida pelos exploradores ibéricos do Novo Mundo, desde seus primeiros contatos com a população nativa. Oviedo assim descreve esta importante iguaria para estes viajantes.

Sostinesse el pan de caçabi un ao mas, llevasse por la mar por todas estas islas costas de la Tierra-Firme, aun hasta España lo he yo llevado otros muchos ; y en estas mares y tierras de ac es muy buen pan, [...]. Este pan es bueno é de buen mantenimiento é se sostiene en la mar, háçenle tan grueso como medio dedo para gente, é para personas principais tan delgado como obleas é tan blanco como un papel. [...] Estos dos mantenimientos, pan de mahiz é del caçabi, es el principal pan mayor mas neçessario manjar que los indios tienen⁵³⁵.

⁵²⁷ Daniel (2004, p. 169): “É um tão refinado veneno esta raiz chamada mandioca, de que ralada, ou apodrecida na água, se faz a dita farinha, que quem a comer, ou seja, crua, ou cozida, ou assada, a morrerá à violência de muitas dores, e convulsões; e só não faz mal aos animais, que a comem com a casca. que dizem ser o seu contraveneno; e para a gente a poder comer sem dano se espreme de toda a sua umidade, a que chamam de tucupi, que é um refinado e mui violento veneno”.

⁵²⁸ STADEN, 2010, p. 142. / LATHRAP, 2010, p. 86.

⁵²⁹ LÉRY, 2007, p. 124.

⁵³⁰ FREYRE, 2006, p. 191.

⁵³¹ DANIEL, 2004, p. 18.

⁵³² Idem, p. 18.

⁵³³ NUNES, 1840, p. 365.

⁵³⁴ UGARTE, 2009, p. 514.

⁵³⁵ OVIEDO, 1851, p. 271-272.

Estes caçabis, assemelhado por Oviedo a tortas grandes⁵³⁶, exigem para sua produção, processo parecido com o que utilizado para obtenção da farinha de mandioca:

Después de retirado el jugo venenoso, la pulpa es depositada en un amplio recipiente de cerámica de formato circular y plano, que es típicamente sostenido sobre el fuego por tres soportes cilíndricos de arcilla cocida. Si la pulpa es previamente amasada, tomando la forma de un disco delgado, y si es volteada sólo ocasionalmente, se obtendrá un pan redondo; si es puesta en el recipiente como una masa suelta, y si es continuamente revuelta, se obtendrán una harina⁵³⁷.

Neste processo o caçabi, beiju, pode ser produzido de diferentes formas, resultando em diferentes texturas e sabores, a partir, do tipo de mandioca utilizada ou de inserção de outros ingredientes em sua mistura. Entre os diferentes tipos havia no Brasil, “um tipo que recebia o nome de beiju-açu, pois era tão grande que, sozinho, podia alimentar até cinco pessoas. Esse beiju depois de tostado e deixado mofar, servia ao preparo de uma bebida estimulante chamada caxiri”⁵³⁸.

Entre as variedades do beiju, herdados pela população brasileira, destacamos algumas: Beiju-cambraia, Beiju-carimã, Beiju-cica, Beiju-curua, Beiju-curuba, Beiju-curucaua, Beiju-enrodilhado, Beiju-mambeca, Beiju-marapatá, Beiju-peteca, Beiju-pixuna, Beiju-tipioca, Beiju-poqueca, Beiju-ticã, Beiju-tinin, Beiju-tininga, beiju açúcar ou carimpuera⁵³⁹.

A mandioca e seus derivados, na formação e sustento, desde tempos imemoráveis, da população da Amazônia brasileira. E quando discutimos a potencialidade agrícolas do solo amazônico, como disserta Lathrap, “se debe recordar que durante mucho tiempo la principal producción fue la yuca, uno de los cultivos más productivos y menos exigentes desarrollados por el hombre”⁵⁴⁰.

Assim como a mandioca foi ao longo de milênios domesticada pelo ser humano, em simbiose, ela também domesticou o homem. Como relata Cascudo, em tempos coloniais:

Nos lugares desabitados e ermos o encontro de um mandiocal abandonado, rústico, escondido na vegetação invasora e total, era denúncia de antiga habitação humana com a mesma certeza de um depósito osteológico: Ali vivera gente [...]. Era o rastro do Bicho-Homem, atestado na comida que o representava⁵⁴¹.

Existem, vários mitos e lendas em torno da origem desta raiz, apodada por Cascudo de Rainha do Brasil. Aqui destacamos uma delas, apresentadas pelo etnólogo Couto de Magalhães, em sua obra *O Selvagem (1876)*, a partir de relatos colhidos em sua estada em Belém do Pará:

⁵³⁶ OVIEDO, 1851, p. 270.

⁵³⁷ LATHRAP, 2010, p. 86.

⁵³⁸ CAVALCANTE; SCHIEL, 2005, p.77.

⁵³⁹ PEREIRA, 1974, p. 14 e 172.

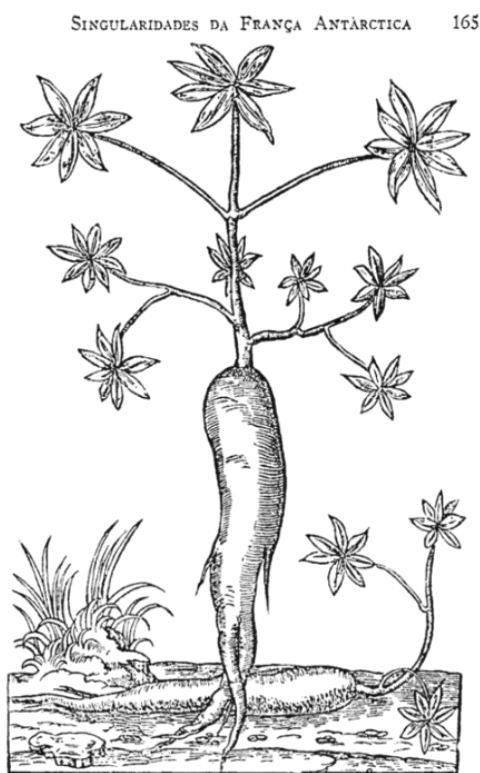
⁵⁴⁰ LATHRAP, 2010, p.78.

⁵⁴¹ CASCUDO, 2011, p. 93.

‘Em tempos idos appareceu grávida a filha d’um chefe selvagem, que residia nas immediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quiz punir no autor da deshonra de sua filha, a affensa que soffera seu orgulho e, para saber quem elle era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexivel, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado mata-la, quando lhe appareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, por que ella effectivamente era innocente, e não tinha tido relação com homem. Passados os nove mezes alla deu á luz uma menina lindissima, e branca, causando este ultimo facto a surpresa, não só da tribu, como das nações visinhas, que vieram visitar a creança, para ver aquella nova e desconhecida raça. A creança, que teve o nome de Mani, e que andava e fallava precocemente, morreu ao cabo de um anno, sem ter adoecido, e sem dar mostras de dór.

Foi ella enterrada dentro da propria casa, descobrindo-se-a, e regando-se diariamente a sepultura segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu e deu fructos. Os passaras que comeram os fructos se embriagaram, e este phenomeno, desconhecido dos indios. aumentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se; cavaram-n’ a e julgaram reconhecer no fructo que encontraram o corpo de Mani. Comeram-n’o, e assim aprenderam a usar a mandioca’⁵⁴².

Nesta mesma obra Magalhães discorre sobre significado de seu nome: “O fructo recebeu o nome de *mani oca*, que quer dizer: casa ou transformação de Mani, nome que conservamos corrompido na palavra mandioca”⁵⁴³.



4. A mandioca (Thevet).

Figura 8 – A mandioca. Fonte: THEVET, André. *Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de America*; tradução Estevão Pinto. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944. (p.165)

⁵⁴² MAGALHÃES, Couto de. *O selvagem*, Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1876, p. 134-135.

⁵⁴³ Idem, p. 134-135.

2.4. CARNE MONTESA E HOUELLAS COMO AS DO PERU

Em sua carta Nunes também descreve alguns animais, pertencentes a fauna local, utilizados como parte alimentar na dieta das populações ribeirinhas: “Ay carnes montezez nesta tra. Veados, amtas, porcos monteses, patos”⁵⁴⁴.

Sabe-se que quando Diogo Nunes emprega a palavra monteses, como afirma Ugarte, está se utilizando de uma denominação genérica, “tendo em vista que tanto no português arcaico quando no castelhano antigo, a palavra monte também significa floresta, mata, bosque”⁵⁴⁵.

Das carnes montesas, o cronista discrimina quatro espécies, discrimina-as provavelmente por já tê-las conhecidos e apreciado antes, em outras partes das Américas. A carne de três mamíferos: do veado (*Mazama americana*), das antas (*Tapirus*) e dos porcos montezez (*Tayassu*) e, uma ave, o pato (*Cairina*).

No momento seguinte de seu relato, o Português reporta, a partir dos testemunhos de habitantes locais como o mesmo ressalta, a existência de “houellas como as do peru”⁵⁴⁶. domesticados por povos localizados mata adentro. Aqui Nunes referia-se possivelmente à presença de camelídeos andinos (lhamas, vicunhas, alpacas e huanacos), animais que não fazem parte da fauna amazônica. Para Nunes e seus companheiros a simples notícia da presença na floresta deste grupo de animais; importantíssimos para os povos Andinos devido a sua carne, lã e leite; era um indício animador, como atesta o vicentino: “o mylhor sinal que nestas partes pode auer porq' onde ay ouelhas ay todo o demais em abastança”⁵⁴⁷

Buscar encontrar esta casta de animais nas terras baixas sul-americanas, para os espanhóis que ainda guardavam em suas memórias o feito de ter subjogado o império Inca, estava entre seus grandes desejos, já que, por similitude, estes camelídeos exerciam, no imaginário dos exploradores, a esperança no ‘achamento’ um grande império próximo, como explana Ugarte:

[Nunes] não diz que viu as tais ‘ovelhas como as do Peru’; de clara, sim, ter obtido ‘noticia’ sobre elas. [...] adota a figura da ovelha – a da espécie comum dos campos europeus, particularmente dos campos ibéricos, que lhe era mais familiar – como símbolo de abundância, e por conseguinte de prosperidade [...]. Em outras palavras, a região de Machifaro passou a ser encarada como terra de abundância e prosperidade, não por sua fauna real, mas pela existência imaginada dos camelídeos andinos⁵⁴⁸.

⁵⁴⁴ NUNES. 1840, p. 366.

⁵⁴⁵ UGARTE, 2009, p. 260.

⁵⁴⁶ NUNES. 1840, p. 365.

⁵⁴⁷ Idem, p. 365.

⁵⁴⁸ UGARTE, 2009, p. 320.

2.5. A TERRA SEM MALES: UMA VIDA ETERNA E FARTA

Um registro importante, contido da Carta de Diogo Nunes, de valor “significativo para o estudo dos movimentos migratórios de índios no Brasil”⁵⁴⁹, é o encontro, do pequeno grupo expedicionário ibérico, com uma significativa turba migratória de indivíduos de origens tupi-guarani, possivelmente oriundos da costa brasileira: “Depois q' a desta terra saymos vierão tras nos catorze mil Indios para saber q' Jemte Eramos E no caminho se toparão com outros Indios de outro S^or. com quem tinham guerra E os Matarão a todos q' não fiquarão mais q' trezentos viuos”⁵⁵⁰.

Como afirma Drumond, o local exato, o ponto de partida desse povo, na costa brasileira⁵⁵¹, não está bem esclarecido.

Sabe-se que de Pernambuco, por exemplo, partiram várias levas de índios em direção ao Maranhão e Amazonas. Uma referência feita pelo padre Manuel Rodrigues, em sua obra "El Marañon y Amazonas" levou-nos a supor que Pernambuco foi o ponto, ou um dos pontos, de onde teriam partido os tupis-guaranis em direção ao Perú⁵⁵²

Métraux busca explicar o início e motivos possíveis da diáspora tupi desta maneira:

Tous les auteurs s'accordent à désigner la côte du Brésil comme la contrée d'où ces Indiens seraient venus; mais ils ne donnent aucune indication permettant de déterminer la région précise dont ils étaient originaires. Suivant Gandavo le but de leur migration aurait été le désir de chercher des terres nouvelles où ils trouveraient “avec l'immortalité, un repos éternel”. Comme il n'est pas possible que Gandavo ait inventé ce détail, je crois que telle a été réellement la raison de leur exode, quoique les autres chroniqueurs l'attribuent soit à la crainte de la servitude, soit à leur esprit de conquête⁵⁵³.

Entre as causas alavancadas por Métraux, estão a procura pelos Tupis de uma terra sem males, lugar propenso a uma vida eterna e farta⁵⁵⁴. Destaca também como possíveis motivações

⁵⁴⁹ DRUMOND, C. “A carta de Diogo Nunes e a migração dos tupi-guaranis para o Perú”. *Revista de História, [S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 95-102, 1950. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v1i1p95-102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34823>. Acesso em: 11 mar, p. 95.

⁵⁵⁰ NUNES, 1840, p. 365.

⁵⁵¹ Drumond (1950, p. 97): “Todos os autores consultados, relata Métraux, designam a costa do Brasil como a região de onde teriam partido esses índios”.

⁵⁵² DRUMOND, 1950, p. 98.

⁵⁵³ MÉTRAUX Alfred. ‘Migrations historiques des Tupi-Guarani’. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 19, 1927 (p. 21): “Todos os autores concordam em designar a costa do Brasil como o país de onde esses índios teriam vindo; mas eles não dão nenhuma indicação que nos permita determinar a região exata de onde eles se originaram. Segundo Gandavo, o propósito da sua migração teria sido o desejo de buscar novas terras onde encontrariam ‘com a imortalidade, um descanso eterno’. Como não é possível que Gandavo tenha inventado esse detalhe, creio que esse foi realmente o motivo de seu êxodo, embora os outros cronistas o atribuam ou ao medo da escravidão ou ao seu espírito de conquista”.

⁵⁵⁴ FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. 3. ed. São Paulo, Globo, 2006, (p. 71): “Migrações coletivas, que assumiam a forma de movimentos messiânicos; [...]Era a crença na existência da terra sem males, ou do Paraíso terrestre, [...] e na possibilidade de ela ser alcançada pelos seres humanos”.

dos Tupi, o seu espírito expansionista⁵⁵⁵, ou apenas simples fato do grupo estar buscando escapar da escravidão imposta pelos portugueses que se instalavam no litoral brasileiro⁵⁵⁶.

Este grupo, formado por aproximadamente 14 mil indivíduos, tinham por principal, ou liderança, o tupi Curaraci⁵⁵⁷ que trazia, por auxiliar, um português de nome Matheo, como declara Métraux,

était assisté de deux Portugais, dont l'un s'appelait Matheo; ce qui laisse supposer que les Portugais ont certainement cherché à tirer profit de ces migrations pour parvenir avec l'aide des Indiens dans les régions de l'intérieur auxquelles ils attribuaient une richesse fabuleuse: la présence si fréquente d'Européens dans ces pérégrinations ne peut s'expliquer autrement⁵⁵⁸.

A existência de portugueses, entre o grupo de imigrantes Tupi, como alega Métraux, não teria outra razão senão a correlação, dos tupis e portugueses, no desejo de buscar terras fabulosas possuidoras de riquezas e farturas (apesar destes valores terem significados diferentes para os dois povos).

A ideia de que existia na terra, com efeito, algum sítio de bem-aventurança, só acessível aos mortais através de mil perigos e penas, manifestos, ora sob a aparência de uma região tenebrosa, ora de colunas ígneas, que nos impedem alcançá-lo, ou então de demônios ou pavorosos monstros, pode prevalecer, porém, independentemente das tradições clássicas ou das escolásticas sutilizadas⁵⁵⁹.

⁵⁵⁵ Fernandes (2006, p 71 e 76): "o princípio básico do sistema econômico dos Tupinambá consistia na "autoprodução": a sua economia era uma economia de subsistência. [...]. Por isso, a satisfação das necessidades materiais, incluindo-se entre elas tanto a alimentar quanto a proteção dos organismos, dependia direta e estreitamente, no sentido mais literal possível, dos 'recursos da natureza'. [...] O tipo de ocupação da própria posição na biosfera, culturalmente pelos tupinambá e outros povos nativos contemporâneos, tendia para o "esgotamento" periódico da mesma. Dentro de certo lapso de tempo, os recursos naturais nela existentes, ou exploráveis pelo esforço técnico das populações humanas, deixavam de corresponder às necessidades vitais". [...] [Os portugueses] "os encontraram em vizinhança com grupos tribais inimigos em guerra permanente com eles; aqueles aborígenes se achavam no período de colonização do Brasil, em plena fase de dispersão, invadiam e se fixavam em áreas geograficamente ocupadas por outras unidades tribais". / FERNANDES, Florestan. "Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupi". In *A época colonial, v. 1: do descobrimento à expansão territorial*; introdução geral de Sergio Buarque de Holanda. 21. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019, (p. 84): "A migração era utilizada como uma técnica de controle indireto da natureza pelo homem. Quando se rompia o equilíbrio entre as necessidades alimentares e os recursos proporcionados pelo meio natural circundante, as populações se deslocavam de um modo ou de outro. [...] O grau de domesticação do meio natural circundante, assegurado pelos artefatos e técnicas culturais de que dispunham, fazia com que a sua sobrevivência dependesse de modo intenso e direto do domínio ocasional ou permanente do espaço que ocupassem".

⁵⁵⁶ Sobre o método de escravidão imposta aos povos litorâneos pelos portugueses, transcrevemos o trecho, apresentado por Florestan Fernandes (2019, p. 98), atribuído ao líder tupinambá Momboré-uaçu: "De início, os peró [portugueses] não faziam senão traficar sem pretenderem fixar residência. Nessa época, dormiam livremente com as raparigas, o que os nossos companheiros de Pernambuco reputavam grandemente honroso. Mais tarde, disseram que nos devíamos acostumar a eles e que precisavam construir fortalezas, para se defenderem, e edificar cidades para morarem conosco. E assim parecia que desejavam que constituíssemos uma só nação. Depois, começaram a dizer que não podiam tomar as raparigas sem mais aquela, que Deus somente lhes permitia possuí-las por meio do casamento e que eles não podiam casar sem que elas fossem batizadas. E para isso eram necessários pai [padre]. Mandaram vir os pais; e estes ergueram cruces e principiaram a instruir os nossos e a batizá-los. Mais tarde afirmaram que nem eles nem os pais podiam viver sem escravos para servirem e por eles trabalharem. E, assim, se viram constrangidos os nossos a fornecer-lhes. Mas, não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação; e com tal tirania e crueldade a trataram, que os que ficaram livres foram, como nós, forçados a deixar a região".

⁵⁵⁷ De La Espada (1885, p.217): "El viaje de los indios brasilees desde las costas del atlántico hasta Moyobamba, conducidos por un portugués y caudillado por uno de sus jefes Viarrazu ó Curarazi".

⁵⁵⁸ Métraux (1927, p. 21): "foi assistido por dois portugueses, um dos quais se chamava Matheo; o que sugere que os portugueses certamente procuraram aproveitar essas migrações para chegar com a ajuda dos índios nas regiões do interior a que atribuíam uma riqueza fabulosa: a presença frequente de europeus nessas peregrinações não pode explicar-se de outra forma".

⁵⁵⁹ HOLANDA, 2000, p. 24.

Entre os ibéricos, não devemos esquecer esta busca, pelo fabuloso, pelo fantástico, pelo paradisíaco⁵⁶⁰, fazia parte do imaginário de todos aqueles que se aventuravam em terras do Novo Mundo. Este imaginário foi potencializado a partir do contato com as populações nativas, como afirma Holanda (1959), “tem como fundamento, em grande parte, as narrativas que os conquistadores ouviram ou quiseram ouvir dos indígenas, e achou-se além disso contaminada, desde cedo, por determinados motivos que, sem exagero, se podem considerar arquetípicos”⁵⁶¹.

A crença na existência de um paraíso terrestre, pertencente ao imaginário europeu da época, tem como sua origem, também, a visão bíblica descrita do jardim do Éden:

Gênesis, 2,9-25, e 3,1-24, onde se narra, como o Senhor Deus, tendo criado o homem, em quem insuflou o fôlego da vida e o fez assim alma vivente, plantou para sua habitação uma horta ‘da banda do Oriente’. Ali espalhou, por toda parte, plantas agradáveis à vista e boa para a comida: no meio desta achava-se a árvore da vida, cujos frutos dariam vida eterna, e a da ciência do bem e do mal, única expressamente defesa ao homem, sob pena de morte⁵⁶².

Temos que ter em mente também que a América no início dos quinhentistas, ainda não havia se deslocado totalmente para o Ocidente, encontrava-se ainda, no imaginário ocidental, fazendo parte do mundo Oriental⁵⁶³. O próprio Colombo levou para o seu túmulo a opinião de ter encontrado apenas uma nova rota marítima para as Índias, acreditando que terras em que atracou com suas naus, a Antilhas o continente Americano, tratar-se, tão somente, de apêndices das já famosas e desejadas Índias Orientais.

A opinião, aos poucos foi mudando, e a compreensão de que as terras à ocidente do continente europeu, tratavam-se de algo diverso às Índias, um Mundo Novo, propiciou o início de deslocamento destas ‘novas terra descobertas’ para a esfera do Mundo Ocidental.

Esta visão, de um novo mundo a desvendar e dominar, também, contribuiu para deslocar, no imaginário ocidental, a posição do paraíso terrestre, que até então acreditava-se estar localizado em alguma parte do Velho Mundo (Ásia ou África). a partir das grandes navegações passou-se a vislumbrar a possibilidade de este novo Éden estar localizado, oculto, em terras a serem desbravadas no novo continente que nos olhos dos europeus despontava.

A ideia de que do outro lado do Mar Oceano se acharia, se não verdadeiro Paraíso Terreal, sem dúvida um símile em tudo digno dele, perseguia com pequenas diferenças, a todos os espíritos. A imagem daquele jardim fixada através dos tempos em formas rígidas, quase invariáveis, compendio de concepções bíblicas e idealizações pagãs⁵⁶⁴

⁵⁶⁰ Dubois (1995, p. 160): “O Paraíso terrestre, como exemplo, “onde viveu o primeiro casal humano, não era considerado uma alegoria, e sim uma realidade histórica e geográfica. As pessoas esforçavam-se, portanto, em localizá-lo e descrevê-lo”.

⁵⁶¹ HOLANDA, 2000, p. 83.

⁵⁶² Idem, p. 184.

⁵⁶³ CHICANGANA-BAYONA, 2017, p. 68.

⁵⁶⁴ HOLANDA, 2000, p. 221.

E, ao que parece, a visão da floresta tropical, com suas matas sempre verdes, fez com que os europeus, que nela buscavam se embrenhar, tendessem sempre em acreditar se tratar de um lugar propício para a existência deste jardim de delícias⁵⁶⁵.

O verde imutável da folhagem que, impressionando fortemente os europeus na natureza dos trópicos, correspondem por outro lado, a um traço obrigatório dessas paisagens irreais, já que traduz o sonho paradisíaco da eterna primavera, presta-se com facilidade a interpretações alegóricas nos livros de devoção⁵⁶⁶.

Dos cerca de 14 mil Tupi que se depararam com o destacamento de Diogo Nunes em 1538 nas margens do Amazonas, saídos da costa atlântica brasileira, somente por volta de 300 conseguiram, provavelmente na segunda metade de 1539, chegar à vila dos Chachapoyas no Peru⁵⁶⁷.

De la Espada descreve a surpresa causada pela chegada desses peregrinos em terras peruanas:

llegaron á los términos de su repartimiento número de 150 indios frecheros con su hijos y mujeres é con otros que habian tomado en el camino [...] habian venido desde la costa del Brasil [...] é que vinieron en canoas [...] é que em el camino habian hecho mucho daño en las gentes por donde pasaban. [...] vinieron por el Marañón. [...] La llegada de estos exóticos peregrinos [...] sorprendió y admiro de tal modo á las autoridades y vecinos de estas recientes fundaciones, que se apresuraron á comunicar el sucesso al presidente Gasca. [...] Algunos de los avencidados en Moyobamba sirvieron de guías y lenguas á Pedro de Ursúa em su descubrimiento de Omagua y Dorado⁵⁶⁸.

2.6. OS ÚLTIMOS ATOS DA EXPEDIÇÃO DE MERCADILLO

Voltando a expedição de Mercadillo, apesar do pequeno grupo de Nunes ter alcançado a província de Machifaro e de lá ter retornado, a empreitada de Mercadillo se mostrou um grande fracasso, principalmente para o capitão. O começo do fim da jornada teve seu início, a partir do momento em que, muitos no arraial, esgotados física e mentalmente, chegaram à conclusão que não haveria saída viável, e não iriam sobreviver, se continuassem tentando avançar mata adentro. Muitos desejavam dar meia volta e retornar ao Peru, mas deram-se conta,

⁵⁶⁵ Holanda (2000, p. 204): “Hugo de Saint-Victor, um dos que pintam o Éden como lugar cujo existência física não pode pairar dúvida: ‘O Paraíso’ escreve, ‘é um sitio do Oriente planado de todas as espécies de essências e plantas frutíferas. Nele está a árvore da vida. Não conhece calor nem frio. Há ali uma fonte de que saem quatro rios. Chama-se em grego Paraíso, e Éden em Hebraico, palavra esta que em nossa língua quer dizer jardim de delicias”.

⁵⁶⁶ Idem, 2000, p. 212.

⁵⁶⁷ DRUMOND, 1950, p. 97.

⁵⁶⁸ DE LA ESPADA, 1885, p. 217.

de que esta proposta, de desistir da empreitada, ia no sentido contrario a do desejo irredutível do capitão da expedição de continuar: “Mercadillo, por no volver atras ni ir hacia la parte donde estaba Alonso de Alvarado, no tenía voluntad de dejar de proseguir por aquella parte aunque supiese que todos habian de perecer”⁵⁶⁹

Ao passar do tempo, estagnados naquele lugar ermo, a insatisfação foi aumentando e o número de revoltosos também. Estes acabaram se organizando, em conjuro, e decidiram que deviam dar fim a campanha e refazer o caminho de volta. Assim, a principio, os mancomunados decidiram ir a presença do capitão, na tentativa de persuadi-lo a abandonar a sua ambição, mas nas várias tentativas de convencimento, nenhuma delegação alcançou o resultado almejado.

Então, frente a um Mercadillo irredutível, os conjurados, liderados por Hernando Lope Martin, Francisco de Santillana, e pelo mestre de campo Gancon Martin, imediato de Mercadillo, apresentaram um ultimato ao Capitão para que o mesmo desistisse de suas pretensões e aceitasse o retorno de todos para Maina⁵⁷⁰. Como novamente o caudilho não deu atenção aos reclames de seus homens,

el Maestre de campo y Lope Martin le echaron mano, diciendo que no era tiempo de más disimular, y allegaron los otros más principales que allí estaban en favor del Maestre de campo, y echaron una cadena é unos grillos al capitan. [...] Despues de le haber prendido como hemos dicho, le pusieron guardias é hicieron contra él un proceso de los juramentos que habia hecho, é de otras cosas tocantes a la Santa Inquisicion⁵⁷¹.

Com o capitão preso em correntes, não havendo mais obstáculos que detivesse os amotinados em seu desejo de retornar, então os expedicionários decidiram levantar o arraial e fazer o caminho de volta ao Peru. Dessa forma, melancólica, termina a expedição comandada por Alonso de Mercadillo⁵⁷² às terras baixas de exuberante floresta.

Sobre o malogrado capitão, De la Espada, termina seu capítulo intitulado, *la jornada del capitán Alonso Mercadinho á los Indios Chupachos é Iscaicingas*, comentando:

Queda en provecho de la Geografia americana y en honra del capitán Mercadillo (Apesar de su mal genio), el haber descubierto por sí entre los años de 1538 y 39, todo el rio de os los Chupachos, de Huánuco, de los Motilonos, ó sea el Huallaga de hoy, Huarixa de los Mainas (en cuyo idioma significa ‘rio de hacia abajo’), y la privincia habitada por estos índios; y haber dado ocasión á que soldados suyos y á obediencia descubrieran el alto Amazonas desde la boca del Huallaga asta que confluye con el Napo⁵⁷³

⁵⁶⁹ Idem, p. 391.

⁵⁷⁰ Idem, p. 392.

⁵⁷¹ Idem p. 393.

⁵⁷² De La Espada (1895, p. 201): “Sobre o encarceramento de Mercadillo, De La Espada, escreveu “Ofreció en el Perú el primero, quizás único ejemplo de un jefe militar en conquista reducido a prisión y sometido a proceso por sus subordinados”.

⁵⁷³ Idem, p. 220.

364

CARTA

DE

DIOGO NUNES

ESCRITA A D. JOÃO III A' CERCA DO DESCOBRIMENTO DE SERTÕES AONDE PODIA CHEGAR ATRAVESSANDO A TERRA DE S. VICENTE (PROVINCIA DE S. PAULO). — COPIADA DO R. ARCHIVO EM LISBOA (CORPO CHRON. PART. 3.ª MAÇ. 14. DOC. 1.º), E OFFERECIDA AO INSTITUTO PELO SEU SOCIO CORRESPONDENTE *Francisco Adolfo de Varnhagen*. — (*)

Apontamento do que V. A. quer saber.

No anno de xxxbiiij foy com hum capitão que se diz mercadilho E saymos do peru ha Descubrir E pasamos muytas terras despouoadas ate domde Este capitão se ficou mal disposto.

Emtomce mandou vinte çimquo homens de cauálo nos quaes fuy Eu por mandado do dito capitão E chegamos a hua prouincia a cabo de vinte çimquo Dias hachamos boa trã E bem pouoada De Imdios E Riqua de ouro segundo o q' vy q' os Imdios trazião Armas douro e braceletes nos braços Esta Jemte Era De guarnição porq' tinhão guerra com outros Indios que Jaa tinhamos deyxado atras — puzerãoçe em nos Defendo q' não Emtraçemos na terra serião ate çimquo ou seis Mil E aly se tomarão muitos Deles — Em tre os quães vinhão outros Imdios De outras Linguoas E terras como pareceo pelas Linguoas que leuauamos com nosquo — Esta prouincia onde Eu cheguey se chama machifalo —

Figura 9 – Fac-símile da primeira página da Carta de Diogo Nunes a D. João III. Publicado na *Revista do Instituto Histórico Geographico Brasileiro*. Edição 5º de 1840.

3. A NAU DOS CAOLHOS:

EXPEDIÇÃO DE GONZALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA

Nos deram a diversidade do mundo, mas nós só queríamos o ouro [...]. Queríamos que aquela selva de milhares de aparências tivesse uma única, que tudo nela não fosse mais que lenhosos troncos de canela da Arábia.

Teofrasto, Flandres, 1547.

As explorações espanholas, do lado oriental das cordilheiras dos Andes, nas divisas do domínio incaico, foram incentivadas diante das notícias da existência, de novos Perus, na parte baixa, em meio a floresta que se estendia a leste do sopé do maciço montanhoso sul-americano. Uma terra rica em especiarias, ricas em canela⁵⁷⁴. Antes de Pizarro, alguns espanhóis já haviam tentado explorar este novo mundo, nos anos 1530:

Pedro de Candia e Pedro Anzurey de Camporredondo tentaram explorar, em 1533, respectivamente, o Madre Dios e o Beni. Allonso de Alvorada fundou, em 1539, a cidade que é hoje Chachapoyos, no vale do Marañon. Allonso Mercadillo e o capitão Gomez de Alvorado estiveram, em 1539, no Huallaga⁵⁷⁵.

Fazia parte dos exploradores que seguiram Mercadillo, o português Diogo Nunes que juntamente com um pequeno grupo de companheiros “foram os primeiros europeus a navegar, em 1538, o Alto Amazonas, quatro anos mais tarde o grande rio seria percorrido em toda sua extensão pela expedição de Francisco Orellana”⁵⁷⁶.

A façanha de Orellana e os seus, fora resultado dos desdobramentos ocorridos na infausta expedição de Gonzalo Pizarro⁵⁷⁷, de 1539, na tentativa de descobrir o País da Canela. A expedição de Gonzalo, as terras baixas da banda oriental dos Andes, respondia aos desejos e interesses⁵⁷⁸ do seu irmão, o conquistador do Peru, Francisco Pizarro que a

su hermano Gonzalo Pizarro envió a la conquista del Collao y de los Charcas, que están doscientas leguas al mediodía del Cozco. Enviólo acompañado de la mayor parte

⁵⁷⁴ CARVAJAL, Gaspar de. ‘Relación del famosísimo é muy poderoso rio llamado el Marañon, quel capitan Francisco de Orellana é otros hidalgos navegaron’. In OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; Tercera parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la História, 1855. (p.541-574), p. 541.

⁵⁷⁵ REIS, 1989, p. 39.

⁵⁷⁶ PORRO, 2016, p. 35.

⁵⁷⁷ Reis (1989, p. 40): “Gonzalo Pizarro era o terceiro irmão de D. Francisco Pizarro, nascido no Trujillo, calcula-se em 1511. Veio para a América em 1530, distinguindo-se nas lutas contra os Incas. Depois da jornada ao País da Canela, pretendeu vingar a morte de D. Francisco. Em 1544, encabeçando um movimento de rebeldia dos encomendadores do norte do Peru, veio a Lima. Aclamado governador, esteve nesse cargo até 1548, quando caiu prisioneiro de Pedro de la Gasca, enviado de Carlos V. Condenado a morte, foi executado e seus bens confiscados”.

⁵⁷⁸ MEDINA, José Toribio. “Introducción: Documentación Del Viaje De Orellana” in CARVAJAL, Gaspar de. *Descubrimiento del Río de las Amazonas*. Sevilla: Imprenta de E. Rasco, Bustos Tavera, 1894 (p. 64): “Con la destrucción del bando de los almagristas, ó de los de Chile, como se les llamaba, muchos capitanes que habían servido bajo las banderas de Pizarro se encontraron sin tener qué hacer [...], fue pues, medida tan hábil como política de Pizarro repartir como premio á sus servidores y amigos autorizaciones para que, dispersándose en todas direcciones, el país quedase más tranquilo y satisfechas las aspiraciones de todos. En este reparto le cupo á Orellana la provincia de la Culata, que se le señaló con especial encargo de que en ella fundase una ciudad”.

de los caballeros que con Don Pedro de Alvarado fueron, para que ganasen nuevas tierras, porque las ganadas hasta entonces, que eran las que ahora son términos de la ciudad del Cozco y de la Ciudad de los Reyes y todos los valles de la costa de la mar, hasta Túmpiz, estaban repartidos en los primeros conquistadores⁵⁷⁹.

Ainda em Cuzco, como ilustra Ospina,

Gonzalo escolheu, entre as centenas de agrestes e desocupados soldados de guerras recentes, os duzentos e quarenta [...]. Cem eram oficiais a cavalo, cento e quarenta eram peões com mando sobre os quatro mil índios [...] para que carregassem parte dos fardos que a caravana requeria. As coisas mais pesadas iriam no lombo de duas mil lhamas. [...] Fez trazer da Espanha e das ilhas a arma mais feroz [...], dois mil cães cevados e adestrados para despedaçar bestas e homens⁵⁸⁰.

Este montante se deslocou de Cuzco para Quito, cidade da qual Francisco havia ordenado seu irmão, para tomar posse, como governador de província⁵⁸¹. Ao longo das quinhentas léguas que separas as duas cidades, o grupo marchou por um caminho tortuosos e assolados por grupos indígenas hostis⁵⁸².

Já em Quito, para a saída em busca do País da Canela “hizo más otros cien soldados, que por todos fueron trescientos y cuarenta: los ciento y cincuenta de a caballo y los demás infantes. Llevó más de cuatro mil indios de paz, cargados con sus armas y bastimento y lo demás necesario para la jornada”⁵⁸³.

Estas mais de quatro mil ‘peças’ de infelizes índios⁵⁸⁴ anônimos, serão ‘gastos’ ao longo de toda a jornada de Gonzalo Pizarro, não havendo registro de retorno de nenhum para as terras Andinas⁵⁸⁵.

Gonzalo também conseguiu juntar, para a empreitada, “cerca de cuatro mil cabezas de ganado de puercos y de las ovejas mayores de aquel Imperio”⁵⁸⁶ Porcos estes, como os cães, trazidos em parte da Espanha, em parte das granjas dos criadores de porcos de Cuba e de La Española⁵⁸⁷. As ovelhas do Império Inca, as Lhamas, além de servirem como bestas de carga, tinham também como destino a alimentação dos expedicionários⁵⁸⁸. O emprego de dois mil cães na jornada, tinham como objetivo servirem de auxiliares “eficaces para cazar, y, cuando la ocasión se presentase, para echarlos á los índios enemigos y ‘aperrearlos’”. Estes por fim também

⁵⁷⁹ DE LA VEGA, 2009, p. 230

⁵⁸⁰ OSPINA, William. *O país da Canela*; tradução Eric Nepomuceno. São Paulo: Mundaréu, 2017, p. 69

⁵⁸¹ Medina (1894, p. 60-62): “Gonzalo nombrado por el Marqués su hermano, con el propósito de realizar desde allí una gran expedición á las tierras del Dorado y la Canela. [...] Sin duda el motivo principal que Gonzalo Pizarro había tenido para solicitar de su hermano que le cediese la gobernación de Quito, La Culata y Puerto Viejo era las noticias que se tenían de la riqueza de las tierras que se extendían hacia el Oriente, llamadas del Dorado y la Canela”.

⁵⁸² REIS, 1989, p. 40. / GÓMARA, 2021, p. 264.

⁵⁸³ DE LA VEGA, 2009, p. 234.

⁵⁸⁴ MEDINA, 1894, p. 64.

⁵⁸⁵ GÓMARA, Francisco López de. *Historia general de las Indias*. Barcelona: Linkgua, 2021, p. 266.

⁵⁸⁶ DE LA VEGA, 2009, p. 234.

⁵⁸⁷ OSPINA, 2017, p. 69.

⁵⁸⁸ MEDINA, 1894, p. 65.

acabaram servido de alimento para aplacar a fome dos expedicionários, em período posterior. Como guias para terem o mínimo de orientação possível, “llevaba [indígenas] naturales prácticos de aquellas regiones”⁵⁸⁹,

O grupo liderado Por Gonzalo Pizarro, começa sua jornada, rumo ao oriente do continente, no dia de natal do ano de 1539⁵⁹⁰.

Trezentos e quarenta soldados, destes cento e cinquenta bem montados, gente da melhor sociedade e mais de quatro mil índios recrutados nas prisões. Os mantimentos iam na cabeça dos nativos e no costado de lhamas. Contavam-se as ovelhas e porcos, para o sustento do pessoal, em quatro mil cabeças. O armamento e munição eram abundantes. Levavam também muitas centenas de cães de caça, terríveis na perseguição aos índios⁵⁹¹.

Sua missão: apoderar-se do País da Canela e do El Dorado, terra esta que os indígenas da zona fronteira diziam situar-se “além dos Andes, num mundo surpreendente de floresta densa e de águas abundantes”⁵⁹². Mas, ao cabo, como afirma Miranda, em vez dos expedicionários conseguirem descobrir, e se apoderar de novas terras, fora, por fim, “a floresta amazônica quem se apoderou deles”⁵⁹³.

Saindo de Quito, depois de caminhar por sete léguas⁵⁹⁴,

hubieron de pasar una sierra nevada en que perecieron de frío más de cien índios, y desde allí comenzaron á caminar por una región bastante áspera, cruzada por varias ríos y casi toda cubierta de bosques, por entre los cuales debían abrirse camino con hachas y machetes⁵⁹⁵.

A causa de tantas mortes indígenas deu-se por não estarem apropriadamente vestidos, para enfrentar a neve e o frio rigoroso da região de montanhas, além da fome e desnutrição que começou a assolar a caravana⁵⁹⁶.

A partir daí, adentraram a província dos Quixos, Quijos, possivelmente na região situada entre os rios Curaray e Napo, localizada ao norte de Quito, já fora dos domínios do outrora império Inca⁵⁹⁷. Neste ponto começaram a sofrer escaramuças⁵⁹⁸, por parte das populações locais: “Saliéronle allí muchos indios como de guerra, mas luego desaparecieron”⁵⁹⁹.

⁵⁸⁹ MEDINA, 1894, p. 65.

⁵⁹⁰ DE LA VEGA, Garcilaso, 2009, p. 234. / STIRLING, 2005, p. 163. / REIS, 1989, p. 40.

⁵⁹¹ REIS, 1989, p. 40.

⁵⁹² REIS, 2019, p. 283.

⁵⁹³ MIRANDA, 2007, p. 138.

⁵⁹⁴ MEDINA, 1894, p. 66

⁵⁹⁵ Idem, p. 66

⁵⁹⁶ DE LA VEGA, 2009, p. 234. / GÓMARA, 2021, p. 264.

⁵⁹⁷ REIS, 1989, p. 41.

⁵⁹⁸ DE LA VEGA, 2009, p. 234. / GÓMARA, 2021, p. 264. / REIS, 1989, p. 41.

⁵⁹⁹ GÓMARA, 2021, p. 264.

Percorridos alguns dias em terras Quijos, a expedição viu-se assolada por um outro entrevero, agora de origem geológica, um terremoto⁶⁰⁰, fenômeno comum de ocorrer na região em que se encontravam, situada entre uma cadeia andina de vulcões. A terra

tremeu violentamente. Desabaram dezenas de casas do povoado onde acampara, engolidas nas fendas abertas no solo. Relâmpagos e mais relâmpagos, em verdadeira saraivada de fogo, cortaram o espaço. Depois, para aumentar as aflições do espetáculo sinistro, violenta chuva, que caiu por muitos dias⁶⁰¹.

Vencidas a cadeia de montanhas, os expedicionários, percorreram uma terra estéril, desconhecida, não encontrando no caminho nenhuma zona habitável⁶⁰². A falta da presença de grupos humanos na região que poderiam auxiliá-los principalmente na obtenção de mantimentos, fez com que o grupo fosse obrigado a aumentar o ritmo da marcha em busca de um lugar povoado onde pudessem descansar e se abastecer de alimentos, já que devido aos percalços anteriores, foram obrigados, ao longo desta primeira etapa, a abrir mão da maioria dos camilídeos, dos suínos e dos mantimentos que traziam⁶⁰³.

3.1. PORCOS E CÃES

Na América hispânica, existem diferentes nomenclaturas para denominar o suíno oriundo da Europa, o porco domesticado, *Sus scrofa domesticus*⁶⁰⁴. O porco, este tão nobre e benéfico amigo do homem, nas palavras do historiador Moreno Blanco, na América espanhola pode ser conhecido como cerdo, puerco, gocho, verrón, verraco, varraco, marranchón, tunco, chanco, choncha o choncho; verriondo, gruñete, lechón, lechona, cochinitillo, porcachón, guarro, gorrinho, havendo mais outras denominações dependendo da região⁶⁰⁵. Estes animais foram introduzidos na América, a partir da segunda viagem de Colombo a América. Foram desembarcados primeiramente na ilha Hispaniola, juntamente com cavalos, vacas e aves

⁶⁰⁰ DE LA VEGA, 2009, p. 234. / GÓMARA, 2021, p. 264.

⁶⁰¹ REIS, 1989, p. 41.

⁶⁰² Stirling (2005, p. 164): “Os guias indígenas que Gonzalo havia levado para a expedição de Sumaco quase sempre lhes contava mentiras e os colocavam na direção errada. Afastando-os de seus próprios vilarejos nativos conduzindo-os por terrenos íngremes onde homens que os acompanhavam sofriam imensamente, alimentando-se de ervas e raízes e frutas selvagens”.

⁶⁰³ DE LA VEGA, 2009, p. 234.

⁶⁰⁴ SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; CONCEIÇÃO, Gisele Cristina da. BRACHT, Fabiano. ‘Porcos da metrópole e atuns da colônia: adaptação alimentar dos colonizadores europeus na América portuguesa quinhentista’. In Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 344-364, jul./dez. 2013, p.350.

⁶⁰⁵ MORENO BLANCO, Lácides. *Palabras junto al fogón. Selección de golosos textos culinarios y antología de viandas olvidadas* / Lácides Moreno Blanco. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2012, p. 201.

domesticas para serem introduzidos e criadas com o intuito de servirem de sustento dos exploradores⁶⁰⁶. Sobre a adaptação dos suínos trazidos da Europa Blaco escreve:

los señores cerdos, que habrían de reproducirse con alegría en aquel mundo paradisiaco, en libertad, no sin advertir que fueron preferidos por los indígenas más que la carne de res. [...] Muchos se fueron luego a bosques y tierras despobladas, donde se convirtieron en cerdos cimarrones de delicadas y sápidas carnes, tal vez por alimentarse con bayas y frutas nuevas sin el fastidio de las pocilgas denigrantes, bebiendo aguas salobres junto al mar que otorgaban a sus carnes magras inéditos sabores⁶⁰⁷.

Introduzidos inicialmente na Ilha Hispaniola, a presença deste animal, tão apreciado pela sua carne⁶⁰⁸, foi espalhando-se rapidamente entre os arquipélagos caribenhos até chegar as terras continentais⁶⁰⁹. A partir daí varas deste quadrúpedes domesticados fizeram-se sempre presentes nas jornadas dos conquistadores espanhóis⁶¹⁰, para eles “constituyen la seguridad de no morir de hambre”⁶¹¹.

O valor dado pelos exploradores ibéricos a esta espécie de suíno dava-se devido a tratarem-se de animais que dependiam pouco cuidado em seu manejo e também pela sua rentabilidade alimentar.

Os porcos convertem um quinto do que comem em alimento para consumo humano, contra a vigésima ou menos para o boi. [...] Os suínos são onívoros e, nas primeiras colônias além-mar, havia para eles muitas variedades de alimentos disponíveis do que para qualquer outra espécie de animal importado que viesse a ser de primordial importância econômica. [...] Porcos saudáveis têm grandes ninhadas, de até dez ou mais bacorinhos cada uma; com uma abundância de alimentos, os porcos podem proliferar com a velocidade aplicado a altos juros. Alguns anos após a descoberta da Hispaniola, o número de porcos correndo à solta era ‘infinito, e todas as montanhas formigavam com eles’⁶¹².

A principal qualidade destes suínos, animais de pescoço curto e corpo e quadril alargado, “consistia em sua grande capacidade adipogênica, ou seja, aquilo que os zootecnistas hoje chamam de porco de banha. Suas carnes e toucinhos eram próprias para a produção de banha, toucinhos, linguiças e curados como o presunto ibérico”⁶¹³. Sobre o aprecio de sua carne entre os exploradores espanhóis e seus descendentes, Jorge Juan y Antonio de Ulloa (1748) comenta:

As carnes da porca são de tal delicadeza e bom gosto que não só são consideradas as mais saborosas de todas as Índias; mas em nenhuma parte da Europa acredita-se que

⁶⁰⁶ Idem, p.203

⁶⁰⁷ Idem, p.203

⁶⁰⁸ CROSBY, Alfred W. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa*; tradução José Augusto Ribeiro, Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras 2011 (p.186): Na maioria das colônias da América [...] as primeiras gerações de colonos europeus comem carne de porco mais frequentemente do que qualquer outra”

⁶⁰⁹ MORENO BLANCO, 2014, p.203.

⁶¹⁰ Crosby (2011, p.184): “Francisco Pizarro teria começado a vida como guardador de porcos”.

⁶¹¹ MORENO BLANCO, 2014, p.203.

⁶¹² CROSBY, 2011, pp.133 a 184.

⁶¹³ SANTOS; CONCEIÇÃO; BRACHT, 2013, p.351.

haja uma do mesmo sabor; e por isso europeus e crioulos preferem esta a qualquer outra, e é a iguaria comum daqueles habitantes. Além das boas qualidades com que o paladar é lisonjeado, eles o consideram muito saudável, tanto que o tornaram o alimento comum e mais seguro para os doentes.⁶¹⁴

Outro importante espécime de animal, que acompanhou desde as primeiras expedições as hordas espanholas que se aventuraram na América⁶¹⁵, um companheiro fiel dos exploradores, foram os cães de caça e guarda⁶¹⁶, que por vezes, devido as intempéries das jornadas acabavam servido de alimento, quando não havia mais nenhuma outra alternativa.

Os primeiros exemplares caninos trazidos da península ibérica eram da raça alano, mistura entre o dogo e o mastín⁶¹⁷, grande espécime de cães que no velho continente era empregado principalmente na caça de javalis. Mas com o passar do tempo, em terras americanas, este cão foram também se misturando com outras raças, criando exemplares ‘criollos’ como explica Piqueras (2006):

os latidos dos cães de guerra peninsulares, alanos, galgos, mastins, galgos, podencos ou sabujos, depois crioulos, peritos em farejar e perseguir, lutar, dilacerar e destruir, despertarão definitivamente um continente onde até então reinou o mais absoluto dos silêncios caninos⁶¹⁸.

Estes fieis e confiáveis aliados militares dos conquistadores ibéricos, estarão a partir daí sempre presente, acompanhando seus donos, nas mais diversas expedições e aventuras pela América. Tão importante presença e estima que na maior parte da iconografia da conquista, o conquistador quase sempre está representado acompanhado da figura de um ou vários cães⁶¹⁹.

Estes canídeos a serviço dos espanhóis eram empregados em múltiplas funções, serviam para proteção, prevenção, aprovisionamento de alimentos através da caça, ataque e repressão contra os inimigos e aqueles que se levantavam contra o domínio castelhano⁶²⁰. Estas verdadeiras feras, animal de guerra, eram muito temidas pelas populações nativa americanas e seus descendentes, como afirma Miramón (1979):

⁶¹⁴ JUAN, Jorge; ULLOA, Antonio. *Relacion historica del viage hecho de onder de S. Mag. a la America Meridional. primera parte, tomo primero*. Madrid: Imprensa de Orden del rey nuestro Señor 1748 (p. 73): “el ganado de cerda es de tal delicadeza y buen gusto, que no sólo se tiene por el más sabroso de todas las Indias; pero en ninguna parte de Europa se cree que lo haya de igual sabor; y por esta razón, europeos y criollos le dan la preferencia a cualquier otro, y es el manjar ordinario de aquellos moradores. Además de las buenas calidades con que se lisonjea el gusto, lo consideran allí muy saludable, tanto que lo han hecho el alimento común y más seguro de los enfermos”.

⁶¹⁵ Miramón (1979, p.120): “Parece ser que nadie menos que el propio Cristóbal Colón fue el introductor de la costumbre de combatir con perros en América, ya que ‘mandó buscar perros a España para reducir a los naturales de las Antillas’”. / Piqueras (2006, p.187): “Los canes peninsulares fueron introducidos en las Indias como acompañantes naturales de sus amos desde el segundo viaje de Colón”.

⁶¹⁶ CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 55: “O cão foi o primeiro animal domesticado, contemporâneo da revolução neolítica, e serviu de auxiliar da caça e do pastoreio”.

⁶¹⁷ MIRAMÓN, Alberto. ‘Los perros en la conquista’. In *Boletín Cultural y Bibliográfico*. Vol. 16, Núm. 03. Bogotá, 1979, p. 120.

⁶¹⁸ Piqueras (2006, p.189): “a partir de 1492, los ladridos de los perros de guerra peninsulares, alanos, lebreles, mastines, galgos, podencos o sabuosos, mas tarde criollos, expertos en olfateos y persecuciones, luchas, desgarros y destrozos, despertarán definitivamente a un continente en donde había reinado hasta entonces el mas absoluto de los silencios caninos”.

⁶¹⁹ PIQUERAS CÉSPEDES, Ricardo. “Los perros de la guerra o el ‘canibalismo canino’ en la conquista”. *Boletín americanista*, 2006, n.º 56, p. 186. <https://raco.cat/index.php/BoletinAmericanista/article/view/99430>. p.189.

⁶²⁰ Idem, p.189.

“Os indígenas temiam mais a dez castelhanos acompanhados de um cão, que cem soltados juntos sem este animal. [...] Algumas breves e escassas citações permitem afirmar que foram treinados para atacar e morder os nativos logo no início da conquista nas Antilhas e que em vários lugares foram engordados com carne indígena.⁶²¹

Sobre a crueldade empreitada por esses cães adestrados, contra a população nativa americana, temos a importante testemunha do frei Bartolomé de Las Casas (1474-1566), em seu relato *O Paraíso Destruido*:

Os espanhóis que estão nas Índias possuem muitos cães selvagens, instruídos e ensinados a matar e despedaçar os índios. [...] há outros que vão pela manhã caçar com seus cães e quando estes voltam para comer, se lhes perguntarem como é que fizeram respondem que mataram uns quinze ou vinte velhacos⁶²²

Um dia os malvados iam com seus cães furiosos a procura de pasto, e uns índios, vinham vindo, homens e mulheres; uma índia doente, vendo que não poderia fugir nem escapar aos cães que a dilacerariam, como faziam a todos os outros, apanhou numa cortina e enforcou-se numa trave, tendo amarrado ao pé uma criança que tinha, de um ano de idade, nem apenas tinha acabado de fazê-lo eis que chegaram os cães para agarrar a criança, ao mesmo tempo em que, enquanto morria, um irmão religioso a batizava⁶²³

3.2. ZUMACO E A CANELA

Depois de andarem por aproximadamente 30 léguas⁶²⁴, desde Quito, os expedicionários chegaram à região que denominaram província de Zumaco, Cumaco, Sumaco⁶²⁵, “era el sitio que hasta entonces más poblado y mejor proveído de bastimentos que hubieran encontrado”⁶²⁶.

Zumaco, provavelmente estava localizada na região que hoje compreende a província equatoriana Orellana, localizada na região amazônica daquele país⁶²⁷. Foi nesta região que o grupo de 24 retardatários⁶²⁸, comandados por Orellana⁶²⁹, conseguiu alcançar os

⁶²¹ MIRAMÓN, Alberto. ‘Los perros en la conquista’. In *Boletín Cultural y Bibliográfico*. Vol. 16, Núm. 03. Bogotá, 1979 (pp. 120-121): “por lo cual temían más los indios de diez castellanos con el perro, que de ciento sin él. [...] Algunas citas breves y escasas permiten afirmar que fueron adiestrados a atacar y morder al aborigen en el comienzo mismo de la conquista en las Antillas y que en diversos lugares fueron cebados con carne de indio.”

⁶²² DE LAS CASAS, 2007, p. 120.

⁶²³ idem, p. 74.

⁶²⁴ MEDINA, 1894, p. 66.

⁶²⁵ Gómara (2021, p. 264): “Apresuró el paso hasta Cumaco, lugar puesto a las faldas de un volcán, y bien proveído. Allí estuvo dos meses”.

⁶²⁶ MEDINA, 1894, p. 66.

⁶²⁷ Medina (1894, p. 66): “Según Toribio de Ortiguera, se hallaba en el sitio en que estaba en sus días fundada la ciudad de Ávila”.

⁶²⁸ CARVAJAL, 1894, p. 4. / MEDINA, 1894, p. 68.

⁶²⁹ Reis (1989, p. 48): O Trujillo, em Espanha, serviu-lhe de berço, em 1511. Ali também nasceram muitas das esplendidas figuras da época das descobertas. Francisco Pizarro, Nuño de Chaves, Diogo de Alvarado e vários outros eram de lá [...] Orellana aparentava-se com Francisco Pizarro. [...] Combatendo os Incas, perdeu um dos olhos [...] Nomeado governador de Culata, fundou Guayaquil”. / Ospina, (2017

expedicionários de Gonzalo⁶³⁰. Frei Carvajal, o cronista principal da expedição, descreve assim a incorporação de Orellana na empreitada:

Orellana era capitán y teniente de gobernador de la ciudad de Santiago. [...] por la mucha noticia que se tenía de una tierra donde se hacía canela [...] sabiendo que Gonzalo Pizarro, en nombre del Marqués, venía á gobernar á Quito [...] fué á la villa de Quito, donde estaba el dicho Gonzalo Pizarro [...] dijo al dicho Gonzalo Pizarro como quería ir con él⁶³¹.

Após seu diálogo com Gonzalo, Orellana volta a sua cidade⁶³² para organizar sua participação. Quando retorna a Quito, para se juntar ao restante dos expedicionários, descobre que os mesmos, liderados por Gonzalo, já haviam partido⁶³³. Imediatamente Orellana sai em seu percalço com seu pequeno grupo. Por estar em menor número, acaba sofrendo maiores aporrimhações sendo constantemente assediados, belicosamente, pelas populações hostis⁶³⁴, outrora visitadas pelo grupo de Pizarro⁶³⁵. Quando Orellana consegue finalmente encontrar Gonzalo Pizarro, sua situação era deplorável.

Cuando alcanzó ai dicho Gonzalo Pizarro no llevaba sino una espada y una rodela, y sus compañeros por el consiguiente, y desta manera entrá en la provincia de Motín, donde estaba el dicho Gonzalo Pizarro con su real, y allí se juntó con él y fué en demanda de la dicha canela⁶³⁶.

Gonzalo, seu parente distante, recebeu Orellana afetosamente e como mostra de gratidão pela coragem de ter vindo em seu encalço, enfrentando todas as adversidades, nomeou-o seu *teniente general*⁶³⁷.

Foi na região de Zumaco que grupo de Pizarro encontrara as almejadadas árvores, que os motivara a percorrer tão distante percurso: a canela⁶³⁸. O sonho de “bosques presentidos de canela balsâmica mais cobiçáveis que reinos de ouro”⁶³⁹. A canela, que “havia existido tanto em sua imaginação, tinha que existir também neste mundo”⁶⁴⁰. De la Vega assim descreveu as árvores de canela⁶⁴¹ encontradas pelos exploradores:

p. 77): “Era parente distante dos Pizarros [...]. Chegou ao Peru com as segundas ondas atraídas pela lenda do ouro de Hernando Pizarro, e pelas muitas versões que corriam no vento sobre a derrubada de Atahualpa num lago de sangue”.

⁶³⁰ MEDINA, 1894, p. 66. / REIS, 1989, p. 41.

⁶³¹ CARVAJAL, 1894, p. 3.

⁶³² “Orellana era capitão general de Gayacquil, nesta função, afirma Medina (1894, p. 60): “duraba ya más de dos años cuando supo que su amigo, deudo y paisano Gonzalo Pizarro había presentado su título de gobernador de las provincias de Quito, en las que entaban Guayaquil y Puerto Viejo”.

⁶³³ Medina (1894, p. 67): “Cuando llegó á Quito se encontró con la sorpresa de que Gonzalo Pizarro y su ejército habían partido ya”.

⁶³⁴ CARVAJAL, Gaspar de. *Descubrimiento del Río de las Amazonas*. Sevilla: Imprenta de E. Rasco, Bustos Tavera, 1894, p. 4.

⁶³⁵ Idem, p. 4.

⁶³⁶ CARVAJAL, 1894, p. 3

⁶³⁷ MEDINA, 1894, p. 69.

⁶³⁸ Ospina (2017, p. 55): “A canela, o cinamomo do Ceilão, esse perfume de vitória e orvalho, que conforme disse Heródoto, cresce em lugares inacessíveis, protegidos por dragões e duendes”.

⁶³⁹ Idem, p. 73.

⁶⁴⁰ Idem, p. 88.

⁶⁴¹ Ospina (2017, p. 13): “Há árvores do gênero *Canella*, da família das caneláceas, originária da Florida e do Caribe; e árvores do gênero *Cinnamomum zeylanicum*, da família das lauráceas, originária da Índia e do Sri Lanka, cuja casca é usada como especiaria. A época, canela era negociada internacionalmente em entre postos na região chamada Arábia”.

En aquella provincia [...], se crían los árboles que llaman canela, la que iban a buscar. Son muy altos, con hojas grandes como el laurel, y la fruta son unos racimos de fruta menuda, que se crían en capullos como de bellota. Y aunque el árbol y sus hojas, raíces y corteza huelen y saben a canela, la más perfecta canela son los capullos. Por los montes se crían muchos árboles de aquellos, incultos, y dan fruto, pero no es tan bueno⁶⁴².

Mas, o sonho de um bosque homogêneo de árvores de canela⁶⁴³, almejado pelos espanhóis, não se concretizou, pois “embora existisse realmente a canela, sua dispersão na mata, e grandes extensões, dificultava a coleta, tornando inviável a exploração comercial”⁶⁴⁴. Medina relata assim a mistura de sorte/azar dos expedicionários, sorte pela descoberta de canela, e posteriormente a frustração, em constatar sua dispersão pela floresta:

La avanzada de Pizarro encontró los árboles de la canela que buscaban. Pero este hallazgo equivalía á un desengaño. La preciada planta se veía dispersa en grandes trechos, era en realidad escasa, y á primera vista comprendieron los desencantados expedicionarios que su comercio no podía ofrecer granjería alguna⁶⁴⁵.

Pizarro e seus companheiros, quando decidiram explorar aquelas matas acreditavam, “cegamente no País da Canela, porque alguém tinha contado que esse país existia”⁶⁴⁶, e eles, para se embrenharem em meio a mata desconhecida, precisavam acreditar piamente na sua concretude. A busca pelas especiarias é um dos motivos principais que impulsionou os primeiros contatos entre os homens dos dois Mundos, do Velho e do Novo, pois “foi buscando canela, e não ouro, que Colombo chegou ao Novo Mundo”⁶⁴⁷.

Apesar das frustrações, a expedição de Pizarro permaneceu em território Zumaco por vários dias. Algo que chamou a atenção dos viajantes, foi a periodicidade das chuvas na região, fenômeno que foi se tornando cada vez mais abundante⁶⁴⁸. Então o grupo decidiu continuar a caminhada em direção ao oriente, na esperança de ainda encontrar alguma recompensa pelo sacrifício até ali enfrentado.

Encontraron también algunos índios completamente salvajes, que habitaban en moradas miserables, á quienes Pizarro interrogá sobre si más adelante había valles y llanadas, porque su empeño era encontrar camino practicable para los caballos; é irritado de que los índios no supiesen darle razón de lo que deseaba inquirir, entregó algunos para que los despedazasen los perros, y á otros hizo quemar⁶⁴⁹.

⁶⁴² DE LA VEGA, 2009, P. 235

⁶⁴³ Stirling (2005, p. 164): “Nessa província chamada Sumaco, que fica no Equador ou próximo a ele, é encontrada a árvore da canela que eles tanto buscavam. É uma árvore bastante alta que tem folhas largas como galhos de loureiro; a fruta é composta de cachos de pequenos frutos que crescem em cascas como o carvalho e, apesar de a árvore e suas folhas, suas raízes e casco, terem cheiro de canela, essas cascas são uma das formas mais perfeitas de especiarias”.

⁶⁴⁴ UGARTE, 2003, p. 10

⁶⁴⁵ MEDINA, 1894, p. 70

⁶⁴⁶ OSPINA, 2017, p. 56

⁶⁴⁷ Idem, p. 56.

⁶⁴⁸ MEDINA, 1894, p. 70.

⁶⁴⁹ Idem, p. 70.

Fatigados pela cansativa jornada, embaixo de constantes aguaceiros que deixava suas roupas sempre úmidas ou molhadas, percorriam uma terra inóspita para com eles⁶⁵⁰, parcamente habitada e pobre em recursos alimentícios⁶⁵¹. Justamente a fome foi o que mais os assolou. Para sua sobrevivência, além de sacrificarem cães e cavalo da expedição⁶⁵², se alimentaram de frutas silvestres, raízes e ervas encontradas na mata⁶⁵³. Muitos indígenas e espanhóis de fome ou/e enfermidades acabaram por falecer⁶⁵⁴

As chuvas não cessavam[...]. Há cronistas que falam em cerca de duzentos espanhóis mortos na entrada. Comeram cães, comeram cavalos. As ervas desconhecidas, venenosas, fizeram vários loucos. Gonzalo Pizarro não poupava um só indígena que lhe caísse às mãos[...]. As previsões não tinham mais conta, Pizarro sustentava-se, com os dedicados companheiros, de ervas, raízes, frutas silvestres⁶⁵⁵

Para eles parecia que quanto mais avançavam, pela mata adentro, mais a selva se tornava agreste. Mesmo assim, determinado a continuar em sua procura por riquezas, Gonzalo Pizarro decide enviar um grupo de reconhecimento, com o objetivo de encontrar algum vilarejo ou povoado nas terras que se encontravam mais à frente.

Deixando o restante do grupo na retaguarda sobre as ordens de seu lugar tenente Orellana, ele mesmo, Pizarro, acompanhado de oitenta espanhóis e alguns guias e línguas indígenas⁶⁵⁶, partem, a pé, na tentativa de explorar a selva mais para o oriente.

Depois de andarem por vinte léguas⁶⁵⁷ finalmente encontraram terra habitada por uma população formada para eles por ‘gente de razón’⁶⁵⁸, pois se vestiam com roupas feitas de algodão, produziam pão, alimento provavelmente derivado do milho e/ou mandioca⁶⁵⁹, o que os diferenciavam dos povoados anteriormente visitados, em que seus habitantes se apresentavam desnudos.

As comunidades que faziam parte desta província estavam localizadas as margens do rio Coca. O líder⁶⁶⁰ do povoado, quando foi confrontado com os famintos e esfarrapados expedicionários, prontamente “prestou-lhes auxílio e mitigou-lhes a fome”⁶⁶¹.

Llegaron a una provincia llamada Cuca, y el señor de ella les salió de paz, y les regaló como mejor pudo, dándoles comida, que era lo que más habían menester. Por allí pasa

⁶⁵⁰ De La Veja (2009, p. 235): “Eran montañas cerradas, donde en muchas partes tuvieron necesidad de abrir camino a fuerza de brazos y a golpe de hachas”.

⁶⁵¹ DE LA VEGA, 2009, p. 236. / GÓMARA, 2021, p. 265. / STIRLING, 2005, p. 166.

⁶⁵² Medina (1894, p. 77 e 81): “Habían comido más de mill perros y más ele cien caballos, sin otro género de comida alguna” [...] “Ganado de puercos que sacaran de Quito, que más fué de cinco mil puercos, ya lo habían comido todo”.

⁶⁵³ DE LA VEGA, 2009, p. 235.

⁶⁵⁴ MEDINA, 1894, p. 81.

⁶⁵⁵ REIS, 1989, p. 42.

⁶⁵⁶ MEDINA, 1894, p. 70.

⁶⁵⁷ CARVAJAL, 1894, p. 4.

⁶⁵⁸ Termo utilizado por Gómara (2021, p. 265). Para diferenciar aqueles habitantes dos encontrados anteriores por Pizarro descritos como ‘selvagens’ por não utilizarem vestimentas que cobrissem suas vergonhas.

⁶⁵⁹ REIS, 1989, p. 42.

⁶⁶⁰ Medina (1894, p. 72): “Delicola, que así se llamaba el cacique”.

⁶⁶¹ REIS, 1989, p. 42.

un río muy grande, que se entiende que es el principal de los ríos que se juntan para hacer el río que llaman de Orellana⁶⁶²

Gonzalo e os seus, permaneceram aí por dois meses, tempo este em que o remanescente dos expedicionários, que havia ficado para trás⁶⁶³, a ele se juntaram.

O descanso foi quebrado, graças a notícias, advindas dos próprios líderes da província⁶⁶⁴, da existência, de grandes e ricos povos comandadas por poderosos senhores baixando o rio. Isto fez com que o desejo de encontrar riquezas e poder anima-se novamente ímpeto dos exploradores castelhanos⁶⁶⁵.

O agrupamento de Pizarro, determinado a continuar em sua empreitada, levantou acampamento, e reiniciou sua caminhada pela margem do rio Napo⁶⁶⁶. A partir daí começaram a enfrentar resistência por parte das populações locais que vinham a seu encontro com disposição para guerrear⁶⁶⁷, mas graças as balas e o barulho dos arcabuzeiros, os moradores eram repelidos e retornavam para a mata fechada⁶⁶⁸. Com a fuga desesperada dos locais, os expedicionários castelhanos se apoderaram de algumas canoas que estavam na margem do rio. Ali, postados a margem do rio, o arraial de Pizarro era constantemente observado, de longe, por centenas de locais que pareciam estar em prontidão para guerrear. Passando novamente por privações e na urgência de encontrar algum alimento, restou ao comandante da expedição destacar alguns grupos para, com o auxílio das canoas, irem buscar encontrar algum provimento ao longo da margem do rio. Retornados, os grupos destacados, para infelicidades dos castelhanos que ficaram, trouxeram pouca esperança, encontrando somente pequenos povoados e quase nenhuma provisão⁶⁶⁹. O alimento recolhido consistia basicamente em uma pouca quantidade de maíz (milho), yuca (mandioca) e guabas (ingá⁶⁷⁰)⁶⁷¹.

Foi nesta localização, e neste momento, que Gonzalo decidiu pela construção de uma pequena nau⁶⁷², um bergantim, com o objetivo de facilitar a busca por alimentos em percursos maiores:⁶⁷³ “Gobernador quiso seguir el dicho río, por el cual anduvimos veinte leguas, al cabo

⁶⁶² DE LA VEGA, 2009, p. 235.

⁶⁶³ DE LA VEGA, 2009, p. 235. / MEDINA, 1894, p. 73. / GÓMARA, 2021, p. 265.

⁶⁶⁴ MEDINA, 1894, p. 72.

⁶⁶⁵ Idem, p. 73.

⁶⁶⁶ REIS, 1989, p. 42.

⁶⁶⁷ De La Vega (2009, p. 236): “Por lo cual fue forzoso a los españoles pelear con ellos, lo que no habían hecho hasta allí con indio alguno de aquella región”.

⁶⁶⁸ MEDINA, 1894, p. 73.

⁶⁶⁹ Idem, p. 73.

⁶⁷⁰ Ugarte (2009, p. 263): “Indubitavelmente, se refere a alguma variedade de ingá”

⁶⁷¹ MEDINA, 1894, p. 77.

⁶⁷² CARVAJAL, 1894, p. 4.

⁶⁷³ Carvajal (1894, p. 6): “Se hizo el dicho barco, en el cual metió el dicho Gobernador Pizarro alguna ropa y índios dolientes, [...] y íbamos ya con muy gran necesidad y falta de comida”.

de las cuales hallamos unas poblaciones no grandes, y aquí determiná el dicho Gonzalo Pizarro se hiciese un barco para navegar el río de un cabo al otro por comida.⁶⁷⁴

O Bergantim, serviria também para

embarcar los enfermos, las municiones, las hachas y azadones, y otras cosas necesarias, porque ya la mayor parte de los índios de servicio habían perecido y no había quien cargase con tanto bagaje; y por fin, porque en aquella guerra marítima, digámoslo así, el futuro bergantín había de ser arma poderosa á que no podrían resistir las débiles piraguas indígenas⁶⁷⁵.

Encontrando-se em um lugar inóspito, os esfomeados expedicionários, acabaram por matar todos os cachorros⁶⁷⁶ e cavalos⁶⁷⁷ que ainda se encontravam entre o grupo, para servirem de alimento. Dos equinos mortos, além de sua carne, se aproveitaram também das suas ferraduras, que foram retiradas e serviram para a fabricação de cravos utilizados na construção do Bergantim.

Quando o Bergantim por fim foi concluído, Gonzalo pediu para que embarcassem nele

todo el oro que traían, que eran más de cien mil pesos, y muchas esmeraldas muy ricas, el hierro y el herraje y todo lo demás que llevaban de precio y estima. Metieron dentro los enfermos más debilitados que no podían caminar por tierra. Así salieron de aquel paraje, habiendo caminado hasta allí casi doscientas leguas, y fueron por el río abajo los unos por tierra y los del bergantín por el agua⁶⁷⁸.

Levantado o arraial, o comandante Pizarro seguiu com os expedicionários que iam caminhando, margeando o rio⁶⁷⁹, enquanto delegou o comando do bergantim a seu lugar-tenente Orellana⁶⁸⁰. No percurso, quando o grupo a pé não conseguia transpor os obstáculos encontrados a beira rio, eram transportados a outra margem pelo bergantim e as canoas auxiliares⁶⁸¹. E desta maneira foram avançando em sua caminhada por mais dois meses⁶⁸². Assolados novamente pela fome, e já não possuído nenhum animal para sacrificar, foram desta vez forçados a aproveitarem de seus “cintos, solas de sapatos para saciá-la, foi quando os índios deram notícia de uma zona rica.”⁶⁸³

⁶⁷⁴ Idem, p. 5.

⁶⁷⁵ MEDINA, 1894, p. 75.

⁶⁷⁶ GÓMARA, 2021, p. 265.

⁶⁷⁷ De La Vega (2009, p. 237): “Los caballos que, para dar de comer alguna cosa de sustancia a los enfermos, habían muerto, y también para socorrerse los sanos, cuando no tenían otro remedio”.

⁶⁷⁸ Idem, p. 237.

⁶⁷⁹ REIS, 1989, p. 42.

⁶⁸⁰ GÓMARA, 2021, p. 265.

⁶⁸¹ DE LA VEGA, 2009, p. 237.

⁶⁸² Idem p. 238.

⁶⁸³ REIS, 1989, p. 42.

3.3. ORELLANA DECIDE CONTINUAR NAVEGANDO

*A terra não sabe se demorar num só pensamento
e que atrás das montanhas o que existia era o reino da grande serpente,
[...] era o bosque final, que tinha brotado da árvore de água.
Disse que a serpente dona do mundo não tinha olhos,
e por isso ninguém conseguia saber onde estava sua cabeça nem sua cauda*

OSPINA, 2017, p. 61

Exaustos e famintos, apercebendo-se que o percurso ficava cada vez mais difícil de ser superado, o grupo encontrou alguns moradores da margem do rio, que foram inquiridos “si había el río abajo algún pueblo abastado, donde reposar y comer. Dijéronle que a diez soles había una buena tierra, y dieron por señal que se juntaba en ella otro gran río con aquél”⁶⁸⁴.

Esgotados, não tendo mais forças para continuar caminhando pela margem do rio e seus obstáculos, Orellana “fué al dicho Gobernador y le dijo cómo él determinaba de dejar lo poco que allí tenía y seguir el río abajo, y que si la ventura le favoreciese en que cerca hallase poblado y comida con que todos se pudiesen remediar que él se lo haría saber”⁶⁸⁵.

O lugar indicado pelos indígenas capturados, ficava a aproximadamente 80 léguas⁶⁸⁶. Desesperados, Gonzalo Pizarro, ordena então que Orellana junte um punhado de gente: alguns soldados e línguas/guias indígenas⁶⁸⁷, também foram embarcados os doentes, além dos dominicanos Frei Gonzalo de Vera⁶⁸⁸ e Frei Gaspar de Carvajal⁶⁸⁹, este último escreverá a crônica, como *testigo de vista*⁶⁹⁰, das aventuras de Orellana pela grande serpente de água que corta a floresta equatorial sul-americana. Totalizando então 57 tripulantes⁶⁹¹, como afirma Carvajal: “El Capitán Orellana tomó consigo cincuenta y siete hombres, con los cuales se metió

⁶⁸⁴ GÓMARA, 2021, p. 265.

⁶⁸⁵ CARVAJAL, 1894, p. 6.

⁶⁸⁶ STIRLING, 2005, p. 166.

⁶⁸⁷ Medina (1894, p. 99): “Llevó consigo Orellana algunos de los guías? Que pudo buena mente, y aun que se hallaba en el caso de hacerlo, no debe tampoco dudarse. Desde que ellos eran los que afirmaban haber más adelante comida en un sitio que designaban, era obra de previsión que acompañasen a los expedicionarios del bergantín, á fío de que señalasen el lugar que anunciaban”.

⁶⁸⁸ Carvajal (1855, p. 542): “Entró en este barco otro religioso de Nuestra Señora de la Merçed que se decía fray Gongalo de Vera”.

⁶⁸⁹ Medina (1894, p. 14-20): “Fray Gaspar de Carvajal. Nacido en Trujillo de Extremadura hacia los años de 1504. No tenemos noticia acerca de la fecha precisa de la llegada del P. Carvajal al Perú.[...] Hallábase, pues, en Lima cuando Gonzalo Pizarro pasó por allí en dirección á Quito á tomar posesion del gobierno antes confiado á Benalcázar, llevando en su mente el proyecto de ir á descubrir las ricas tierras donde crecía la canela.[...] cuando éste [Orellana] resolvió abandonar á Gonzalo Pizarro y seguir su jornada por el Río abajo, el P. Carvajal fué el único, en unión de Hernán Sánchez de Vargas, que se opuso á semejante proyecto”.

⁶⁹⁰ Medina (1894, p. 29 e 40) “Su Relación del viaje de Orellana, si bien escrita sin arte, es el reflejo fiel de sus propias impresiones y de lo que presenció, y el único documento que hasta ahora se conoce de aquel memorable suceso”. [...] “lo que escrihió como testigo de vista: testigo de vista [Testemunha ocular]”.

⁶⁹¹ Medina (1894, pp. 157 e 159): “P. Rodríguez, dice que no pasaban de 50; Oviedo, que es el que más ha precisado la materia, los hace ascender á 53, nombrándolos uno á uno; Antonio de Herrera afirma que eran 60, y, por fin, el P. Carvajal declara expresamente que eran 57” [...]. Nós “optamos por la afirmación del cronista de la expedición”. / REIS (1989, p. 42): “O bergantim, com a tripulação de cinquenta e quatro homens decididos a tudo, escolhidos, dois negros remeiros e mais os religiosos Frei Gaspar de Carvajal e Frei Gonzalo de Vera, baixou pelo Coca. Era perto o desembarcadouro do Napo”.

en el barco ya dicho y en ciertas canoas que á los índios se habían tomado, y comenzó á seguir su río abajo con propósito de luego dar la vuelta, si comida se hallase”⁶⁹².

A embarcação foi carregada com parca matalotagem⁶⁹³, devido as necessidades pelas quais o grupo já vinha passando e na esperança de se encontrar fartura a pouca distância dali. Em sua despedida, segundo Carvajal, Orellana disse a Pizarro que:

Se la aventura le favoreciese en que cerca hallase poblado y comida con que todos se pudiesen remediar, que él lo haria saber; y que si viese que se tardaba, que no hiciese cuenta del, y que, entre tanto, retrajese atrás donde hubiese comida, y que allí le esperase tres ó cuatro días, el tiempo que le pareciese, y que si no viniese, que no hiciese cuenta dél⁶⁹⁴.

Gonzalo acertou que o grupo de navegantes, deveria voltar até no máximo doze dias, dando por limite da jornada a ser percorrida a junção dos rios⁶⁹⁵ que se encontrava logo abaixo, como haviam descrito os locais. Em hipótese alguma o grupo de Orellana poderia avançar para além desta marca⁶⁹⁶.

O Bergantim então reiniciou sua navegação com a promessa de encontrar comida e retornar o quanto antes para acudir o restante do comboio que fora deixado para trás.

Já no segundo dia, em que singravam o rio, a embarcação quase foi à deriva, devido ao choque do seu casco com um tronco de árvore caída submerso no rio⁶⁹⁷. Graças a agilidade dos marinheiros e os reparos, com a fixação de uma tábua na parte do casco danificado, os expedicionários conseguiram recuperar e permanecer com seu bergantim. Assim navegando a esmo, descendo o rio, passaram-se vários os dias, sem topar em nenhum povoado ou encontrar qualquer sinal de comida⁶⁹⁸. Percorreram este cenário por nove dias até chegar ao ponto marcado como limite de sua navegação⁶⁹⁹. Destacados por Pizarro “para buscar raíces ó frutas silvestres con que aplacar el hambre, [...] el mucho remar y el poco comer les tuvo á punto de muerte”⁷⁰⁰. Carvajal descreve assim o estado lastimável dos expedicionários:

Comíamos sino cueros, cintas y suelas de zapatos cocidos con algunas yerbas, de manera que era tanta nuestra flaqueza que sobre los pies no nos podíamos tener, que unos á gatas y otros con bordones se metieron en las montañas á buscar algunas raíces que comer, y algunos hubo que comieron algunas yerbas no conocidas, los cuales estuvieron á punto de muerte, porque estaban como locos y no tenían seso⁷⁰¹.

⁶⁹² CARVAJAL, 1894, p. 7.

⁶⁹³ MEDINA, 1894, p. 96.

⁶⁹⁴ CARVAJAL, 1894, p. 7.

⁶⁹⁵ Ugarte (2003, p. 10): “Região da confluência do rio Coca com o rio Napo”.

⁶⁹⁶ MEDINA, 1894, p. 100.

⁶⁹⁷ CARVAJAL, 1894, p. 7.

⁶⁹⁸ Idem, p. 8.

⁶⁹⁹ MEDINA, 1894, p. 94. / DE LA VEGA, 2009, p. 239.

⁷⁰⁰ MEDINA, 1894, p. 95.

⁷⁰¹ CARVAJAL, 1894, p. 9.

Assolados pela fome, desiludidos com a realidade que os cercava, consciente da impossibilidade de retorno do bergantim, devido a correnteza do rio⁷⁰² e percebendo que “se ficassem naquele lugar, não seriam capazes de ajudar os outros, porque não faziam ideia de quanto tempo Pizarro levaria para alcançá-los por terra”⁷⁰³, Orellana e os seus, resolveram tomar, naquele momento, uma decisão importante como descreve o Frei Gaspar de Carvajal: “de nuestra aflicción y trabajos, acordóse que eligiésernos de dos males [permanecer no local ou continuar a jornada] el que al Capitán y á todos pareciese menor, que fué ir adelante y seguir el río morir ó ver lo que en él había”⁷⁰⁴.

3.4. O RETORNO DE PIZARRO PARA QUITO

*Vai ver têm razão os índios
quando dizem que a selva pensa,
que a selva sabe,
que a selva salva aqueles de quem gosta
e destrói os que a rejeita.*

OSPINA, 2017, p. 45.

Pizarro e o restante dos expedicionários, quando se deram conta que o tão esperado bergantim, não iria retornar, e que possivelmente os de Orellana tinham os abandonados⁷⁰⁵, decidiram não dar nem mais um passo em frente, já que “no tenían pies ni salud para ir adelante, y tenían el camino y montañas pasadas, donde habían muerto cincuenta españoles y muchos índios”⁷⁰⁶, e entre o certo e a dúvida da floresta, compreenderam, por bem, refazer o caminho e voltar para Quito.

A viagem de retorno, apresentou as mesmas dificuldades, encontradas na ida, “caminó por tierras y montañas, no mejores que las pasadas, donde abrían los caminos a fuerza de brazos, comiendo yerbas y raíces y fruta silvestre; y era muy poca la que hallaban”⁷⁰⁷.

Apesar da dificuldade do agreste terreno, continuava ser a fome o que mais os molestava⁷⁰⁸. A situação era agravada pois, dos quatro mil índios trazidos do Peru que “servían

⁷⁰² CARVAJAL, 1894, p. 8.

⁷⁰³ STIRLING, 2005, p. 165.

⁷⁰⁴ CARVAJAL, 1894, p. 8

⁷⁰⁵ Medina (1894, p. 31): “La deserción de Orellana produjo en Gonzalo Pizarro y sus compafieros la irritación más profunda”.

⁷⁰⁶ GÓMARA, 2021, p. 265.

⁷⁰⁷ DE LA VEGA, 2009, p. 267.

⁷⁰⁸ De La Vega (2009, p. 267): “Peleaban los del Gonzalo Pizarro con la hambre, enemiga cruel de hombres y animales”.

como hijos a sus amos en aquellos trabajos y necesidades, buscándoles yerbas y raíces y frutas silvestres, sapos y culebras, y otras malas sabandijas, si las había por aquellas montañas”⁷⁰⁹, todos já haviam perecido, perdas essas causadas devido principalmente, a fome, maus-tratos e enfermidades⁷¹⁰. Tanto foi o sofrimento das ‘*piesas*’ naquele entrevero que não regressando nenhum com Pizarro para Quito⁷¹¹. A fome foi tanta que,

para resistirla, fueron matando los caballos, como les iba forzando la necesidad, hasta que los acabaron todos. Y antes se habían comido los lebreles y alanos [cães de caça] que llevaban, que como en nuestra Florida dijimos, han sido de mucho provecho en las conquistas de las Indias: comiéronselos todos⁷¹².

Em sua *Historia General de las Indias*, López de Gómara, cogita a possibilidade dos de Pizarro terem se alimentado até da carne de seus próprios companheiros falecidos, prática esta identificada e comparada, por ele, a utilizada pelos habitantes daquela região⁷¹³.

Além da moléstia da fome, havia também a companhia constantes das chuvas, fazendo da horda uma visão deplorável por onde passavam:

andaban siempre mojados, y se les pudrió la ropa de vestir, cuanta llevaban; vinieron a andar en cueros, del mayor al menor, sin tener con qué cubrirse. Las vergüenzas cubrían con hojas de árboles, de que hacían unos cintos que les rodeaba todo el cuerpo y les cubría atrás y adelante⁷¹⁴.

Quando a turba avistou Quito, não eram mais de oitenta⁷¹⁵, dos trezentos e quarenta esperançosos súditos de Castela que haviam deixado a cidade no início da jornada. Agora não eram mais que um bando de maltrapilhas, descalços e famintos:

Cuando llegaron donde había españoles, besaban la tierra. Entraron en Quito desnudos y llagadas las espaldas y pies, por que viesen cuáles venían, aunque los más traían cueras, caperuzas y abarcas de venado. Venían tan flacos y desfigurados, que no se conocían; y tan estragados los estómagos del poco comer, que les hacía mal lo mucho y aun lo razonable⁷¹⁶.

De la Vega descreve assim o estado apresentado pelos de Pizarro, quando do retorno a Quito: “Las espadas llevaban sin vaina, todas hechas una herrumbre [ferrugem], y ellos a pie y descalzos, tan negros, secos y flacos, que unos a otros no se conocían”⁷¹⁷.

⁷⁰⁹ De La Vega (2009, p. 240): “Eles serviam seus mestres como filhos naqueles trabalhos e necessidades, procurando ervas e raízes e frutas silvestres, sapos e cobras, e outros bichos ruins, isso se houvesse algum naquelas montanhas”.

⁷¹⁰ DE LA VEGA, 2009, p. 268. / MIRANDA, 2007, p. 138.

⁷¹¹ GÓMORA, 2021, p. 266.

⁷¹² DE LA VEGA, 2009, p. 267.

⁷¹³ Gómara (2021, p. 266): “Y aun estuvieron por comerse los españoles que se morían, ca se usa en aquel río”. / DE LA VEGA (2009, p. 269): “Y como dice Gómara, capítulo ciento y cuarenta y cuatro, «estuvieron por comerse los españoles que morían, conforme al mal uso de los bárbaros de aquellas montañas”.

⁷¹⁴ DE LA VEJA, 2009, p. 268.

⁷¹⁵ De La Vega (2009, p. 268): “Ochenta que quedaron vivos”. / Gómara (2021, p. 266): “No volvieron cien españoles”. / Ospina (2017, p. 188): “uns setenta homens tinham conseguido voltar”.

⁷¹⁶ GÓMORA, 2021, p. 266.

⁷¹⁷ DE LA VEGA, 2009, p. 268.

Ao avistar Quito, Gonzalo, apesar de seu estado lastimável, pensou, por horas, ter cessado suas tormentas, mas mal pisou no distrito de Quito, fora informado da rebelião em Cuzco como consequência da morte de seu irmão Francisco Pizarro⁷¹⁸, fato que o arrolaria em mais uma luta sua sobrevivência.

Assim, extremamente frustrado em Quito, terminaria para Gonzalo, depois de estar por um ano e meio embrenhado na selva, a sua aventura em busca do País da Canela e El Dorado⁷¹⁹.

3.5. OS DE ORELLANA SINGRAM A GRANDE SERPENTE

*Um bosque deve ter certas dimensões para ser propriedade de um homem;
um país, certos limites para ser o domínio de um príncipe;
um rio, certo caudal para ser aproveitado e governado.
Acima desses limites qualquer região do mundo pertence aos deuses*

OSPINA, 2017, p. 47.

Sem alento e levados pela correnteza das águas, os famélicos exploradores comandados por Orellana, desesperados pela angústia do isolamento em meio a uma terra desconhecida, começaram a ouvir, possivelmente fruto de suas imaginações, ruídos de tambores que pareciam ecoar tendo como origem as margens do rio logo a frente⁷²⁰. Tanto era o desejo e o desespero de encontrar sinais de vida humana naquele emaranhado da mata, assim Carvajal descreve esse fato: “El día de año nuevo de cuarenta y dos pareció á ciertos compañeros de los nuestros que habían oído atambores de índios [...] vióse ser imaginación, como en la verdad lo era; y desta cabsa, así los enfermos como los sanos, desmayaban en tanta manera”⁷²¹

Apressando o compasso dos remos, para conseguir chegar o mais rápido possível ao suposto local de onde rufavam os tambores, acabaram por não encontrar nada, naquele dia de ano novo e nem no outro⁷²². O desgaste dessa busca infrutífera, bem da verdade, fez com que o grupo ficasse somente ainda mais cansado e estressado:

se vieron reducidos á comer cueros, cintas y suelas de zapatos cocidos con algunas yerbas; y muchos se hallaban tan débiles, que no se podían siquiera tener en pie [...]

⁷¹⁸ Medina (1894, p. 21): “La muerte de Pizarro había tenido lugar el 26 de Junio de 1541”.

⁷¹⁹ GÓMARA, 2021, p. 265.

⁷²⁰ CARVAJAL, 1855, p. 543. / MEDINA, 1894, p. 102.

⁷²¹ CARVAJAL, 1894, p. 9.

⁷²² MEDINA, 1894, p. 102.

se metían por entre el bosque á buscar raíces con que aplacar el hambre; pero como les eran desconocidas, no pocos se envenenaron y estuvieron á punto de muerte⁷²³.

A aflição da fome era tanta, que na noite do segundo dia do ano novo, comeram a farinha de trigo, utilizada pelos clérigos que participavam da expedição para a confecções da hóstia, como último subterfúgio para aplacar suas necessidades⁷²⁴.

Ao fim do raiar do dia oito de janeiro, quando alguns saltaram, desesperados, para a margens do rio atrás de encontrar algumas frutas ou raízes, ouviram-se novamente o rufar de tambores, agora parecendo não se tratar de pura imaginação, mas de forma clara aos ouvidos de todos que ali estavam⁷²⁵. O regozijo pareceu que tomou conta dos expedicionários pois, nas palavras de Carvajal, “ya estábamos en tierra poblada y que ya no podíamos morir de hambre”⁷²⁶. Como a luz do dia estava se arrefecendo e o grupo já havia decidido não navegar pela escuridão decidiram permanecer onde estavam, para só na manhã do outro dia ir averiguar. Aquela noite, para eles, pareceu a mais longa de todas aquelas já passadas em um ano de viagem, pois “deseaban tanto el día por verse hartos de raíces”⁷²⁷.

Quando amanheceu, no dia seguinte, levantada a campanha, puseram-se a navegar em direção ao local de onde entenderam vir aqueles ecos de tambores do dia anterior. logo em seguida, abaixo do rio, deram de encontro com um conjunto formado de quatro canoas. Espantados com a presença daqueles homens estranhos, os locais, tripulantes das canoas, acabaram por dar meia volta e ir avisar seus conterrâneos em terra firme⁷²⁸. Os expedicionários castelhanos, atônitos, misturavam alegria e medo, alegria, por aquele encontro significar a existência de alguma comunidade próximo, e medo de encontrar resistência à sua chegada no local. Avistado o primeiro povoamento, o grupo com cautela, decidiu desembarcar em busca de provisões, acossados pela urgência de encontrar mantimentos já que se encontravam em estado deplorável e muito mal alimentados.

No contato, a princípio, houve uma pequena resistência dos locais, mas por fim estes acabaram por evadir-se escondendo-se na mata próxima⁷²⁹.

Los índios, sin embargo, estaban ya esperando á aquellas gentes nunca vistas que se presentaban tan de improviso á sus miradas; pero al ver á los españoles saltar en tierra y dirigirse resueltos hacia ellos, perdieron el ánimo, y, huyendo despavoridos, perdiéronse luego entre las revueltas dei río⁷³⁰.

⁷²³ Idem, p. 101.

⁷²⁴ Idem, p. 102.

⁷²⁵ CARVAJAL, 1894, p. 10.

⁷²⁶ Idem, p. 10.

⁷²⁷ Idem, p. 10.

⁷²⁸ Idem, p. 11.

⁷²⁹ Idem, p. 11.

⁷³⁰ MEDINA, 1894, p. 103.

A população do vilarejo, ao que parece pega de surpresa, não imaginava a visita de invasores, acabou por abandonar suas casas, com todo o alimento que está sendo preparado para aquele início de dia. Ao invadirem os recintos, tal foi a satisfação dos exploradores em depararem-se com um verdadeiro banquete, algo muito sonhado nos dias anteriores, que serviu para aplacar a fome dos navegantes. Entre os itens encontrados havia muito milho, peixes no guisado e, o tempero principal utilizado pelos povos amazônicos, a pimenta ardida⁷³¹, chamada axí.

Índios dejaron el pueblo con toda la comida que en él había [...]. Aquí comenzaron los compañeros á se vengar de lo pasado, porque no hacían sino comer de lo que los índios tenían guisado para sí y beber de sus brevajes, y esto con tanta agonía que no pensaban verse hartos; [...] y así estuvimos en este descanso, que tal se puede llamar para nosotros según el trabajo [que] habíamos pasado, fasta dos horas después del media día⁷³².

Pela tarde daquele mesmo dia, alguns locais começaram a se aproximar, pelo rio, do grupo de Orellana. O capitão, desejoso em dialogar, buscou se comunicar com os curiosos mais corajosos. Não sabemos ao certo, como alega Ospina, se Orellana realmente sabia sua língua ou apenas fingia falar com eles⁷³³. O certo é que através de gestos e da tentativa de diálogo, pediu-lhes que chamassem sua liderança. Carvajal assim descreve este encontro:

Y dijo que les fuesen á llamar al señor, que le queria hablar, y que ningún temor tuviese que le hiciese mal ninguno; y así los índios tomaron lo que les fué dado y fueron luego á decirlo á su señor, el que vino luego muy lucido donde el Capitán y los compañeros estaban, y fué muy bien recebido del Capitán y de todos⁷³⁴.

Quando do encontro, depois da troca de cumprimentos, o principal disse a Orellana que a região em que se encontrava chamava-se Aparia⁷³⁵, era formada pelo povo Irimaray⁷³⁶, tendo a sua frente treze lideranças que espalhavam-se pela comarca⁷³⁷. Continuando as tratativas, em amostra de cordialidade, O capitão ofereceu para o principal, uma vestimenta e algumas bugigangas⁷³⁸. Ao que parece, este alegrou-se pelos regalos a pediu ao capitão que, em resposta a sua boa vontade, apresenta-se o que requeria deles. O castelhano gesticulou que não desejava

⁷³¹ Carvajal (1855, p. 544): “Llegamos á un pueblo de una naçion de indios que se llaman irimarays, en la qual quiso Dios que hallamos mucho mahiz é algún pescado guisado é mucho axí”

⁷³² CARVAJAL, 1894, p. 11-12.

⁷³³ OSPINA, 2017, p. 130.

⁷³⁴ CARVAJAL, 1894, p. 12.

⁷³⁵ Medina (1894, p. 89): “Pueblo de Aparia, ó sea del curaca que lo regía; nombre, á mi juicio, compuesto de abbá, padre, patriarca, señor en lengua omagua, y aria, arian, ariana. Porque conviene saber que los omaguas pobladores de las orillas del Napo comprendidas entre el Coca y el Ahuarico”.

⁷³⁶ Medina (1894, p. 88): “Los irimarais, irimais ó irimarases (de los tres modos hallo escrita esta palabra) eran, sin duda alguna, de nación Omagua. El área de dispersión de este linaje, descendiente de la fecundísima raza caribe [...] de estas gentes, el Padre jesuita Samuel Fritz, conoció y trató á un Irimara, curaca de los ticunas, hábiles confeccionadores del veneno curare.”

⁷³⁷ Idem, p. 104.

⁷³⁸ Idem, p. 103.

nada além de comida⁷³⁹. Então o Principal imediatamente pediu para que os seus proovessem os visitantes com farta alimentação⁷⁴⁰.

Trajeron abundantemente lo que fué necesario así de carnes, perdices, pavas y pescados de muchas maneras; y después desta, el Capitán lo agradeciò mucho al Cacique y le dijo que se fuese con Dios, y que le llamase á todos los señores de aquella tierra, que eran trece⁷⁴¹.

No dia seguinte, o principal da comunidade compareceu a presença de Orellana, acompanhado de outras mais lideranças locais. Com a presença destes principais, o líder castelhano, tomou posse, de maneira formal⁷⁴², dos povos e das terras ‘descobertas’ em nome da Coroa Espanhola⁷⁴³.

Foi através dessas lideranças que os expedicionários ficaram sabendo, como descreve Carvajal, da existência, rio abaixo, de províncias comandadas por mulheres guerreiras, as Coniupuyaras⁷⁴⁴, e terras, mata adentro, chefiadas por um certo senhor Ica⁷⁴⁵, possuidor de grandes quantidades de riquezas e ouro⁷⁴⁶.

Revigorados do sofrimento e fome passada, abastecidos de víveres alimentícios constantemente pela população local, pois, como descreve Carvajal, “los índios no dejaban de acudir y venir al Capitán y le traer de comer muy largo y con tanta orden como si toda su vida hubieran servidos, Orellana ordenou recolher toda a quantidade de milho existente na localidade, para socorrer o grupo de Pizarro que outrora ficará para trás⁷⁴⁷. O capitão decidiu dar mil castellanos para quem quisesse levar a matalotagem até os de Pizarro, mas a maioria temendo a dificuldade do percurso e medo da morte não se animou com a proposta⁷⁴⁸, ao fim apenas três se voluntariaram e a tentativa de socorro a Pizarro acabou por fracassar⁷⁴⁹.

Nesta comunidade, os navegantes permaneceram por aproximadamente quarenta dias⁷⁵⁰, quando se deram conta que já estavam preparados para continuar sua jornada e também perceberam que já não estavam sendo aprovisionados pelos locais como antes, e, nas palavras de Carvajal, também queriam deixar boa impressão com a população na esperança de voltarem

⁷³⁹ CARVAJAL, 1894, p. 12.

⁷⁴⁰ Idem, p. 12.

⁷⁴¹ Idem, p. 13.

⁷⁴² Medina (1894, p. 105): “Nombró á Francisco de Isásaga para que usase el oficio de escribano, á fin de que diese fe en forma legal de lo que ante él ‘acaeciese y pasase; nombramiento que fué extendido ante siete de los hombres más principales que allí se hallaban”.

⁷⁴³ CARVAJAL, 1894, p. 13.

⁷⁴⁴ Idem, p. 15.

⁷⁴⁵ Carvajal (1894, p. 41): “Debe ser la más poblada que se ha visto, y así nos lo decían los índios de la provincia de Aparia, que había un grandísimo señor la tierra adentro hacia el Sur, que se llamaba Ica”.

⁷⁴⁶ Carvajal (1894, p. 22): “En su lengua los llaman coniuupuyaras, que quiere decir grandes señoras, que mirásemos lo que hacíamos, que éramos pocos y ellas muchas, que nos matarían; que no estuviésemos en su tierra.”

⁷⁴⁷ CARVAJAL, 1855, p. 544.

⁷⁴⁸ MEDINA, 1894, p. 106.

⁷⁴⁹ CARVAJAL, 1894, p. 16.

⁷⁵⁰ CARVAJAL, 1855, p. 545.

novamente ao local no futuro. Embarcaram a matalotagem que conseguiram reunir, em 2 de fevereiro puseram-se novamente a navegar o rio, rumo ao desconhecido⁷⁵¹.

Singraram o rio, pelo que parecia ser ainda território de Aparia. As margens do rio pareciam ainda mais distantes uma da outra, com um emaranhado de afluentes e ilhas nos percursos⁷⁵², parecendo o percurso se tornar mais perigoso dali pra frente. Nesta situação duas canoas acabaram por se desgarrar do restante da expedição, mas apesar da angustia que causa da perda, ao cabo de dois dias, as embarcações que estavam perdidas, encontraram o restante do comboio. A alegria foi imensa, já que ambos os grupos pensavam que, naquele emaranhado de ilhas e rios seria impossível reverem-se⁷⁵³.

Continuando a navegação do grande rio, avistaram um povoado, o capitão receoso destacou um pequeno grupo para averiguar a assistência de alimentos, já que estavam famintos, depois dos entreveros. A população acabou por receber de uma forma amistosa a todos.

holgáronse mucho en ver nuestros compañeros, y les dieron mucha comida de tortugas y papagayos en abundancia, y les dijeron que dijese al Capitán que se fuese á aposentar á un pueblo que estaba despoblado de la otra parte del rio, [...] y dormimos aquella noche en el ya dicho pueblo, donde no nos faltaron abundancia de mosquitos, que fué cabsa de que otro día de mañana el Capitán se fuese á otro pueblo mayor⁷⁵⁴.

3.6. AXI/HAXÍ/AJÍ⁷⁵⁵

O tempero principal utilizado pelos povos amazônicos, descrito por Carvajal, chamado Axi, e a pimenta⁷⁵⁶ ardida americana (*Capsicum*), a ‘pimenta-da-terra’⁷⁵⁷. Sobre o termo utilizado por Carvajal para descreve essa variedade de Pimenta Oviedo discorre:

Axi es una planta muy conocida é usada en todas las partes destas Indias, islas é tierra-firme, é provechosa é nescessaria, porque es caliente é da muy buen gusto é apetito con los otros manjares, assi al pescado como á la carne. [...] Es la pimenta de los índios, y de que mucho caso haçen, aunque hay abundancia de axi, porque em todas sus labranzas é huertos los ponen é crian con muchoa diligencia é atencion, porque continuamente lo comen. [...] E no es menos agradable á los chrispstianos, ni haçen menos por ello que los índios, porque allende de ser muy buen espeçia, da buen gusto é calor al estómago; é es sano, pero asaz caliente cosa ela xi.⁷⁵⁸

⁷⁵¹ CARVAJAL, 1894, p. 17.

⁷⁵² CARVAJAL, 1855, p. 546.

⁷⁵³ CARVAJAL, 1894, p. 18.

⁷⁵⁴ Idem, p.19

⁷⁵⁵ Palavra de origem Taino.

⁷⁵⁶ Barcellos (2017, p. 122): “Pimenta, do plural latim pigmenta, significa pigmentos, de pigmentum, cor para tigrir. A pimenta, um pigmento de sabor, é por assim dizer, um ‘tingidor’”.

⁷⁵⁷ RIBEIRO, 2009, p. 108

⁷⁵⁸ OVIEDO, 1851, p. 275.

Devido a sua importante presença na dieta dos povos do Novo Mundo⁷⁵⁹, testemunhada pelos tripulantes da comitiva de Colombo, este tempero acabou sendo levado pelos castelhanos em sua viagem de retorno ao continente europeu. A batata, o milho e a pimenta foram os primeiros alimentos americanos que chegaram ao velho continente trazidos nas naus de Colombo⁷⁶⁰.

Lopez de Gómara registou que o almirante Cristóvão Colombo, entre as ofertas do Novo Mundo, levara axi, aji pimenta, ao lado do milho e das batatas-doces, em 3 de abril de 1493. Isabel de Castela e Fernando de Aragão ‘prouaron el axi, especie de los indios, que les quemó la lengua’.⁷⁶¹

A origem deste gênero de pimenta, a *Capsicum*,

é a região compreendida entre o sudeste brasileiro, nas montanhas da mata atlântica, e a parte baixa da Bolívia; registros arqueológicos mais antigos da *Capsicum* remontam a 9 mil anos. [...] As nossas pimentas são as únicas que ‘queimam’. As outras, como a pimenta-negra – um dos impulsores das grandes navegações, têm sabores muito mais discretos e são apenas ardidas, possuem somente moléculas da família das Piperidinas, enquanto as nossas têm as potentes moléculas de Capsaicina.⁷⁶²

Esta substância⁷⁶³, presentes nas pimentas do Novo Mundo, são importantes para a alimentação das populações por, nas palavras de Cascudo, serem encarregadas “de estimular o apetite pela excitação digestiva”⁷⁶⁴.

Em tupi, estas apreciadas pimentas ardidas são chamadas cuiém, ky’ynha⁷⁶⁵. Em seu testemunho, *Duas viagens ao Brasil*, Staden registra seu uso como ingrediente que não pode faltar nos pratos preparados pelas comunidades locais:

A maioria dos povos, no entanto não come sal. Quando os selvagens cozinham peixe ou carne, normalmente acrescentam pimenta verde. Assim que está razoavelmente cozido, retiram a comida do caldo e fazem um amassa fina. Chama-se mingau. Bebem-no de abóboras que usa como vasilhas⁷⁶⁶.

Hoje a pimenta ardida, ainda é um importante tempero utilizada pelos povos da floresta. Um importante prato, ainda muito consumido pelos descendentes dos primeiros habitantes da

⁷⁵⁹ Hue (2008, p. 96): “Os índios brasileiros, como os demais povos da América do sul e central, tinham nas pimentas ingrediente fundamental de suas comidas”.

⁷⁶⁰ CASCUDO, 2011, p. 112.

⁷⁶¹ Idem, p. 128.

⁷⁶² HUE, 2008, p. 95-96.

⁷⁶³ Cascudo (2011, p. 127): “alcaloides da capsicum”.

⁷⁶⁴ Idem, p.127.

⁷⁶⁵ NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Global NAVARRO, 2013, p. 240. / CASCUDO, 2011, p. 31.

⁷⁶⁶ STADEN, 2010, p. 144.

Amazônia e a quinhampira. Sobre seu modo de preparo temos a descrição feita por Manuel Nunes Pereira em seu ensaio *Moronguêta: um Decameron indígena*:

É um prato indígena - um cozido de peixe ou de caça - no qual predominam as pimentas, dispostas ao fundo da panela ou de permeio com ou nacos de carne. Nos rios Negro, Uaupés e seus afluentes, esse prato é diariamente consumido, (sendo os viajantes recebidos, hospitaleiramente pela dona da casa) seguindo-se-lhe frutos silvestres e bebidas fermentadas. Com pedaços de beijus se pescam os nacos de carne, de caça ou de peixe, de mistura com as pimentas. De *quii* ou *kii* pimenta; *pirá* peixe, é formado o vocábulo que o designa⁷⁶⁷.

A pimenta era, e é, um dos principais condimento alimentares utilizados, pelos povos originários do Novo Mundo. Mas seu emprego, não se restringe apenas ao uso culinário, estas frutas ardentes, também era, e são, muito utilizadas nas práticas religiosas, bem como, em certos lugares, serviu de arma de defesa contra a catequização dos povos, para afugentar os missionários, como podemos observar no relato dos jesuítas em trecho de carta enviada, da Bahia em 1552, ao P. Pedro Domenech:

Desta maneira, atravessando pela terra adentro, achávamos muita diferença de negros, porque em muitas aldeias não nos queriam ver e fugiam de nós, escondendo-se com seus filhos, pensando que logo haviam de morrer, com o grande medo que tinham de nós; e noutras partes queimavam pimenta que dá um cheiro muito forte e fumo que parece que afoga.⁷⁶⁸

3.7. PERDICES, PAVAS Y PESCADOS

Na descrição feita por Frei Carvajal, dos manjares oferecidos aos navegantes, pela população local, formada de pavões, perdizes e pescado, como comenta Ugarte, “Embora Carvajal não tenha descrito, é bastante provável que ele tenha se referido aos nossos mutuns [*Crax*]. No que tange às perdices, [...], é muito provável que Carvajal estivesse se referindo às nossas Inambus [*Tinamus*]”⁷⁶⁹

O Mutum⁷⁷⁰ é uma ave da ordem dos Galliformes, encontrada anteriormente em toda a mata tropical sul-americana, Léry já a descreve em sua obra de suas experiências na costa sudeste do Brasil. “Existe outra espécie excelente, a dos muton, que são do tamanho dos pavões

⁷⁶⁷ PEREIRA, 1980, p. 346.

⁷⁶⁸ LEITE, Serafim. *Novas cartas Jesuíticas: De Nóbrega a Vieira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, p.150.

⁷⁶⁹ UGARTE, 2009, p. 321.

⁷⁷⁰ Meggers (1987, p. 52): “O mutum que se assemelha a um grande peru até as de pequeno porte como as pombas e os tucanos”.

e têm plumagem igual à dos jacus, mas são raros”⁷⁷¹. A ave é descrita também por Gabriel S.

Soares:

São do tamanho dos galipavos, têm as pernas compridas e pretas, e sobre a cabeça umas penas levantadas como o pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde as matam a flechadas e as tomam a cosso com os cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e a clara deles é como manteiga de porco derretida, a qual enfastia muito. Têm estas aves o bico preto como de corvo e tocados ao redor de vermelho, a carne desta ave é muito boa, pontualmente como a de galipavos, e têm no peito muito mais titelas⁷⁷².

Já o inambu, Soares descreve como aves do tamanho da perdiz, “voam ao longo do chão, por onde correm muito, [...] põe muito ovos. Estas aves têm muito peito, cheios de titelas muito tenras e boa”⁷⁷³.

Sobre os pescados, peixes, propriamente dito, vertebrados aquáticos com brânquias, a Amazônia possui, em suas águas, uma grande diversidade:

Provavelmente, algo em torno de três mil espécies de peixes, com diferentes formas, tamanhos, cores e comportamento, são encontradas na Amazônia. Algumas estimativas sugerem que o número total seja ainda maior, podendo chegar a oito mil espécies (Santos; Ferreira; Zuanon, 2009, p. 10; Santos; Santos, 2005, p. 167; Barthem; Fabré, 2004, p. 17). Há indícios de que o rio Amazonas abriga, sozinho, cerca de dez vezes mais espécies de peixes que o total encontrado em toda a Europa (Goulding, 1997, p. 16).⁷⁷⁴

Entre as inúmeras espécies da faunística aquática amazônica, que servem como alimento, destacamos abaixo algumas:

TAMBAQUI: é um belo peixe, tanto no porte como no valor nutritivo de sua carne. Pertence à família dos Characideos e é chamado cientificamente *Myletes bidens* Castelnau ou *Myletes macropomus* Kner. É, com o tucunaré, o peixe mais procurado pelos apreciadores dos produtos das águas amazônicas. [...] A carne do tambaqui é consumida, geralmente, cozida, sendo, porém, mais apreciada se a assam no moquéim ou recorrendo a um sistema que lembra o churrasquear dos gaúchos. [...] Os Parintintim flechavam os tambaquis e os arpoavam, de cima de um tronco ou da margem do lago, igarapé, etc., valendo-se, muitas vezes, do sistema chamado *gapongar*, isto é, imitando o barulho produzido pelas sementes das seringueiras ou de outra árvore qualquer quando caem n'água⁷⁷⁵

PIRAPITINGA: com o nome científico de *Brycon pirapitinga* ou *Chalceus opalinus irisanga* Kner, este peixe pertence, como o tambaqui, à família dos Characideos. [...] A carne desse peixe não é tão apreciada pelos indígenas, do Solimões e Madeira, como o é pelos indígenas do Purus e afluentes. [...] Tanto à flecha, como pelo sistema de *gapongar*, os índios o pescam, assam ao moquéim e comem como o tambaqui.⁷⁷⁶

MATRINCHÃ: é um salmonídeo, chamado científica- mente *Characinus amazonicus* Spix e *Chalceus carpophagus* Kner. É peixe carnívoro, sendo pescado à

⁷⁷¹ LÉRY, 2007, p. 148.

⁷⁷² SOUSA, 2010, p. 219.

⁷⁷³ Idem, p. 219.

⁷⁷⁴ FIORI, Marlon Marcel; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. *A carne, a gordura e os ovos: colonização, caça e pesca na Amazônia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 37.

⁷⁷⁵ PEREIRA, 1974, p.233-237.

⁷⁷⁶ Idem, p. 237.

flecha, pelos índios, e também, a anzol, com isca de insetos ou pedacinhos de carne, pelos seringueiros, madeireiros, etc.⁷⁷⁷

PACU: Esta espécie também pertence à família dos Characideos, subfamília Myletes. Rodolfo Von Ihering nos fala na existência de 30 espécies brasileiras de pacús. Peixe herbívoro, apreciando as chamadas *frutinhas de pacu*, tem carne delicada, saborosa, quer cozida, quer frita. [...]Um pacu, de grande tamanho, pesando entre 3 e 5 quilos.⁷⁷⁸

CURIMATÃ: Dele falando, o Sr. Rodolpho Ihering, assim se exprime: "Corumbatã é belo peixe, que atinge 50 centímetros de comprimento a até 6 kilogramas de peso. Seu renome, porém, não é dos melhores - talvez em boa parte por ser o peixe mais vulgar e que, às vezes, é refutado, pelos pescadores, de tal forma o seu preço baixo e se avilta. [...] Na área geográfica, dominada outrora pelos Tupinambá, e que constituem o município de Parintins, nas pescarias lá realizadas, coletivamente ou individualmente, aparecem centenas e centenas desse peixe, que são adquiridas pela população, cada pessoa o comendo como bem o entende."⁷⁷⁹

JARAQUI: é da mesma subfamília da Curimatã, denominado *Prochilodus brama* Valenciennes, para Henry W Fowler, e para Agenor Couto Magalhães *Prochilodus binotacus* Kner e *Prochilodus taeniurus* Val. Ihering lhe dá gênero de *Prochilodus* e nada diz sobre o valor e popularidade desse peixe no Estado do Amazonas, onde já se cogitou de levantarem-lhe um monumento, pois era consumido pela mais alta e pela mais baixa camada da população.⁷⁸⁰

ACARI: É peixe de profundidade, de habitat dominado pelo lodo, mas a sua carne tem nos índios e nos civilizados inúmeros apreciadores. Nós o apreciamos sumamente, assado ou cozido, temperando-lhe nacos da carne num molho de pimenta murupi e, na falta desta, da ardentíssima malagueta. Moqueado, ele pode ser levado, como alimento de poupança, ao longo da mais demorada viagem. O indígena, porém, tratou de utilizá-lo melhor, tirando-lhe fora a carapaça de guerreiro medieval, e, depois de assa-lo, pilando-lhe a carne, de maneira a transformá-la em *pirá-cui*, isto é, nada mais e nada menos, em *farinha de peixe*.⁷⁸¹

ARACU: Da família dos Characideos, do gênero *Leporinus*, segundo Ihering ele se distribui, impressionadamente, por todas as águas do Vale amazônico. [...] Goeldi deu ao Aracu listado a denominação de *Leporinus anotomus*, mas, além desta espécie, A. C. de Magalhães enumera as seguintes: *Aracu branco*, *aracu do centro*, *aracu-pinima*, *aracu-tantã* ou *arary-pirá*.

TUCUNARÉ: Dois peixes da bacia amazônica desfrutam de especial predileção dos paraenses e dos amazonenses, principalmente destes últimos: o Tambaqui e o Tucunaré. O nome científico do Tucunaré é *Cichla ocellaris* Boch & Schneider, sendo da família Cichlídeos. Criação maravilhosa da Natureza amazônica, o Tucunaré seduz, quem quer que o defronta, pelas suas características. O corpo desse peixe, que atinge mais de meio metro de comprimento, tem "o colorido bruno- esverdeado e nos flancos notam-se faixas triangulares. A carne do Tucunaré é um tanto seca, mas a gordura que lhe domina certas áreas do corpo, lhe dá um sabor agradabilíssimo ao paladar do mais exigente ictiófago."⁷⁸²

JAÚ: É, cientificamente, chamado *Paulicea lutkeni* Steind. [...] o Jahu em pleno desenvolvimento, alcança 1m60 de comprimento, de ponta a ponta, isto é, da ponta do focinho à extremidade do rabo. O peso bruto de um peixe desse porte é de 75 a 80 quilos. Esse peixe gosta de locas, áreas vizinhas de cachoeiras, [...]. A carne (diz

⁷⁷⁷ Idem, p. 238.

⁷⁷⁸ Idem, p. 238.

⁷⁷⁹ Idem, p. 239.

⁷⁸⁰ Idem, p. 240.

⁷⁸¹ Idem, p. 243.

⁷⁸² Idem, p. 246.

Agenor C. Magalhães) desdobrada em mantas e salgada constitui saudável alimento.⁷⁸³

PIRAÍBA: A paraíba ou *Brachyplatystoma Brachyplatystoma filamentosum*, como é conhecida pelos cientistas, é o maior bagre amazônico; os indivíduos adultos atingem cerca de 2,5 metros e 150 quilos. A espécie também não é muito difícil de ser encontrada. Ocorre em quase toda a bacia Amazônica, em rios de águas brancas, claras e pretas, ainda que, normalmente, seja mais comum nos rios de águas brancas. [...] Em 1719, o jesuíta português Jacinto de Carvalho advertiu que nos rios e lagos da ilha de Marajó não era raro capturar paraíbas com mais de 2,60 e, até mesmo, mais de 3 metros, algo não documentado atualmente.⁷⁸⁴

Quanto ao pescado, o religioso provavelmente não somente referia-se a vasta variedade faunística de peixes existentes nos rios amazônicos, mas também a répteis e mamíferos aquáticos, como sugere Ugarte: “Animais que eles chamavam, outrossim, de pescado, ou seja, peixe-boi e tartaruga. Os peixes-boi fluviais da Amazônia, identificados aos já conhecidos manatis antilhanos”⁷⁸⁵.

Em sua tentativa de descrever a fauna amazônica, para si e para seus futuros leitores, Carvajal valeu-se em procurar semelhanças⁷⁸⁶, “conexões com sua própria cultura do que, propriamente, compreendê-la ‘por si’”⁷⁸⁷. Pois como, continua Panegassi, estes homens não tinham “instrumentos mentais adequados para descrever e classificar tanto a diversidade humana presente na América quanto a multiplicidade e exuberância de seu meio”⁷⁸⁸. A solução foi enxergar o Mundo Novo, pelas similitudes do Velho.

Até o fim do século XVI, a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental [...]. Foi ela que organizou o jogo dos símbolos, permitiu o conhecimento das coisas visíveis, guiou a arte de representá-las⁷⁸⁹.

A ciência dessa época aparece dotada de uma estrutura frágil; ela não seria mais do que o lugar liberal de um confronto entre fidelidade aos antigos, o gosto pelo maravilhoso e uma atenção já despertada para essa soberana racionalidade na qual reconhecemos⁷⁹⁰.

3.8. QUELÔNIOS

⁷⁸³ Idem, p. 249.

⁷⁸⁴ FIORI; SANTOS, 2015, p.43-44.

⁷⁸⁵ UGARTE, 2009, p. 322.

⁷⁸⁶ Panegassi (2013, p. 133): “Segundo Michel Foucault, até o final do século XVI o saber ocidental operava por meio de um sistema de afinidades e semelhanças”.

⁷⁸⁷ Idem, p. 19.

⁷⁸⁸ Idem, p. 18.

⁷⁸⁹ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; tradução Salma Tannus Muchail. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 23.

⁷⁹⁰ Idem, p. 44.

Sobre os quelônios de água doce, oferecido pelos locais aos famélicos navegadores de Castella, havia grande fartura nos rios da região visitada pelos mesmos. Daniel, no século XVIII, descreve assim a quantidade de tartarugas existentes nos principais rios amazônicos:

De sorte que algum tempo eram tantas as tartarugas, que andavam pondo nelas as canoas, e se havemos de dar credito aos antigos, dizem que muitas vezes não podiam romper nem navegar as canoas algumas vezes pela multidão de tartarugas que havia, e já hoje talvez em muitas dessas paragens, em que havia tanta multidão, não apareça uma para amostrar⁷⁹¹.

Continua Daniel relatando a sua ‘pesca’ e o valor de sua gordura:

Nestas praias, e das muitas tartarugas que nelas saem a desovar, fazem estas canoas a primeira feitoria de manteigas, conforme a providência que levam de vasilhas preparadas, qual 200 potes, qual 600, qual 1.000, ou mais, ou menos⁷⁹².

Como afirma Fiore e Santos (2015), tem-se registro de pelo menos 16 espécies de quelônios na Amazônia⁷⁹³. A mais conhecida e importante espécime utilizada como alimento é a tartaruga-da-Amazônia.

Ainda que os colonizadores não poupassem a maior parte das espécies de quelônios, nenhuma delas foi tão drasticamente perseguida como a tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*). Para os caçadores, esses animais eram presas extremamente atraentes. A espécie é o maior quelônio de água doce da América do Sul. Os indivíduos adultos pesam, normalmente, entre 25 e 45 quilos. As fêmeas são ligeiramente maiores que os machos. A maior fêmea de que se tem registro pesava consideráveis 90 quilos. A espécie também apresenta uma ampla distribuição, podendo ser encontrada nos principais rios da bacia da Amazônica⁷⁹⁴.

Para a população local a tartaruga⁷⁹⁵ significava um complexo de possibilidades alimentícias⁷⁹⁶ como afirma Freyre “dela se faz no extremo-norte uma variedade de quitutes”⁷⁹⁷.

Seus ovos são uma iguaria,

As fêmeas põem entre 100 a 150 ovos num buraco raso, na praia arenosa, quando o nível da água começa a baixar. Tanto a tartaruga como os seus ovos são consumidos em grande quantidade pela população local e têm sido comercialmente exploradas desde os tempos colônias⁷⁹⁸.

⁷⁹¹ DANIEL, 2004, p. 304.

⁷⁹² Idem, p. 83.

⁷⁹³ FIORI; SANTOS, 2015, p. 53

⁷⁹⁴ idem, p. 52

⁷⁹⁵ Meggers (1987, p. 52): “As tartarugas aquáticas é um outro recurso alimentício extremamente abundante. A espécie maior atinge um comprimento de um metro e uma média de 24 a 35 quilos de peso. [...]era explorada em todos os estágios do seu ciclo vital, incluindo ovos, tartaruguinhas recém-nascidas e adultas. [...] São abundantes as tartarugas terrestres (cágados) e, entre elas, há uma espécie que atinge mais de 70 centímetros”. MEGGERS (1987, p. 61-62). Havia “Um tipo menor, o tracajá, mede entre 40 a 50 centímetros e põe de 25 a 30 ovos. Seu sabor é tido como melhor do que a da tartaruga, porém não prolifera em cativeiro”.

⁷⁹⁶ FREYRE, 2006, p. 194.

⁷⁹⁷ Idem, p. 195.

⁷⁹⁸ MEGGERS, 1987, p. 61.

Daniel, no século XVIII, descreve a cena da captura, nas praias amazônicas, em época de nascimento dos pequenos quelônios: os locais ⁷⁹⁹, “banqueteiam-se com as tartarugas pequeninas, que vão saindo dos ovos, e recolhendo-se as águas, as quais assadas são uns torresmos sem inveja dos do porco”⁸⁰⁰. Também os ovos em estado cru⁸⁰¹, eram devorados como iguarias, aproveitando-se instintivamente de sua fonte de caloria⁸⁰².

Ainda sobre os ovos, manjar oferecidos pelos quelônios aos habitantes da floresta, Cavalcante, em *Comida dos nativos do Novo Mundo* (2014), discorre acerca da sua fartura e apreciação pelos locais:

Há relatos de que na Amazônia brasileira a primeira tartaruga faz um buraco de 1 metro de profundidade, deposita seus cerca de 120 ovos e os cobre com areia. A próxima deposita seus ovos sobre os da primeira e os cobre de areia, e assim continua até que todo o buraco esteja cheio de ovos. [...] Índios Amazônicos preparam a farinha de ovo, cozendo ovos de tartaruga que depois eram desidratados no sol e finalmente transformados em farinha⁸⁰³.

3.9. MANATÍ, PEIXE-BOI DA AMAZÔNIA

Os manatís, nomeados por Carvajal, é a espécie Peixe-Boi-da-Amazônia⁸⁰⁴ (*Trichechus inunguis*), o nome o frei emprestou, devido a semelhança, com o manatí antilhano (*Trichechus manatus*) de água salgada, estes dois mamíferos são da mesma ordem, *sirenia*. Provavelmente o religioso já houvera experimentado sua carne nas Antilhas. Oviedo, em sua *Historia General y Natural de las Indias*, descreve a consistência de sua carne mais parecida com a carne de vaca, que a do peixe⁸⁰⁵. O que intrigava muitos os seus contemporâneos, por crerem, em se tratando de um animal aquático, se tratar de um grande peixe. Oviedo também faz grandes elogios a seu sabor classificando-a como a carne de peixe mais singular e preciosa que o mesmo provou em todo o mundo⁸⁰⁶.

Gandavo assim descreve sua fisionomia:

⁷⁹⁹ DANIEL, 2004, p. 83.

⁸⁰⁰ Idem, p. 83.

⁸⁰¹ Wrangham (2010, p. 54-55): “Ovos crus são uma fonte ideal de calorias, por razões que parecem lógicas. [...] Em seu estado natural, é facilmente dissolvido e rapidamente assimilado por todos os órgãos da digestão, [...] Ovos são o único alimento animal não processado que pode ser guardado em segurança à temperatura ambiente por várias semanas”.

⁸⁰² Idem, p. 54.

⁸⁰³ CAVALCANTE, 2014, p. 90.

⁸⁰⁴ Meggers (1987, p. 62): “o peixe-boi que atinge três metros de comprimento e pesa 1.200 quilos. É apreciado não só por sua carne, mas, também, pelo óleo que fornece”.

⁸⁰⁵ OVIEDO, 1851, p. 434.

⁸⁰⁶ Idem, p. 434.

Especial de um certo gênero deles que há nestas partes, a que chamam peixes-boi os quais são tão grandes, que os maiores pesam 40, 50 arrobas. Têm o focinho como de boi, e dois cotos com que nadam à maneira de braços. As fêmeas têm duas tetas com o leite das quais se criam os filhos, O rabo e largo, rombo e não muito comprido. Não tem feição alguma de peixe, somente na pele quer-se parecer com toninha. Estes peixes pela maior parte se acham em alguns rios, ou baías desta costa principalmente onde algum ribeiro, ou regato se mete na água salgada são mais certos; porque botam o focinho fora, e pascem as ervas que se criam em semelhantes partes e também comem as folhas de umas árvores a que chamam mangues de que há grande quantidade ao longo dos mesmos rios. Os moradores da terra os matam com arpão. [...] Este peixe é muito gostoso em grande maneira, e totalmente parece carne, assim na semelhança como no sabor; e assado não tem nenhuma diferença de lombo de porco. Também se coze com couves e guisa-se como carne, e assim não há pessoa que o coma, que o julgue por peixe; salvo se o conhecer primeiro⁸⁰⁷.

Gabriel Soares de Sousa, em seu *Tratado descritivo do brasil de 1587*, descreve assim o dito peixe:

Os portugueses chamam boi, que anda na salgada e nos rios juntos da água doce, [...] o qual peixe tem o corpo do tamanho de um vilho de dois anos, e tem dois cotos como braços, e neles umas mãos sem dedos, na o têm pé, mas tem o rabo a feição de peixe, e a cabeça e focinho como boi.[...] carne é muito gorda e saborosa; e tem o rabo como toucinho sem ter nela nenhuma carne magra, o qual derretem como banha de porco, e se desfaz todo em manteiga, que serve para tudo o para que presta a de porco, e tem muito melhor sabor⁸⁰⁸.

A captura desse animal de grande porte requeria normas sofisticadas de pesca, Ugarte⁸⁰⁹ assim descreve:

Um dos melhores exemplos das sofisticadas técnicas indígenas de caça e pesca era a captura do peixe-boi[...]o primeiro consistia na construção, em ambiente aquático estreito e pouco fundo, de cercas com abertura nas quais se colocam grossas redes; devidamente instaladas sobre a porta principal, um índio esperava a fuga do animal que ‘al salir por la puerta cae em la red y trampa que le tenian armada. El índio de la puerta lo mata á lançadas, ó si le parece tirando y plegando la boca de la red lo cogen bibo’. Já o segundo modo servia para rios grandes e lagunas amplas – onde o uso de rede era inadequado –, consistindo no uso de canoas e arpão com cordas e boias; estes, quando lançados e presos ao corpo do grande mamífero fluvial, feriam-no e o deixavam exausto, quedando sin fuerça para forcejar y resistir; entonces lo sacan á remolque á la orilla tirándolo del cordel eu tiene la lancilla atravessada dentro del cuerpo del pexe, y lo desquartizan para ahumarlo, que es el mejor modo de comerlo⁸¹⁰.

3.10. PRINCIPAL APARIA

⁸⁰⁷ GANDAVO, 2008, p. 111-112.

⁸⁰⁸ SOUSA, 2010, p. 268.

⁸⁰⁹ UGARTE, 2009, p. 526.

⁸¹⁰ FIGUEROA, 1986, p. 264.

Restauradas as forças os de Orellana voltaram novamente para o caminho do rio, pelas margens do caudal puderam contemplar inúmeros povoados, mas como estavam abastecidos, decidiram parar somente quando a matalotagem chegasse ao fim.

Continuaram seu percurso, até que em 11 de fevereiro⁸¹¹, puderam apreciar, à sua frente, a junção do rio com um outro bem maior, para espanto dos expedicionários:

Se juntaron dos ríos con el río de nuestra navegacion, y eran grandes, en especial el que entró á la mano diestra como veniamos ela agua abaxo: el qual deshaçia é señoreaba todo el outro río, é paresçia que le consumia en si; porque vênia tan furioso é con tan gran avenida, que era cosa de mucha grima y espanto ver tanta paliçada de árboles é madera seca como traia, que pusiera grandíssimo temor mirerle desde la tierra, quanto más andando por el⁸¹².

O grandioso rio “era tan ancho de banda á banda de ahí adelante, que paresçia que navegábamos por una amplíssima mar engolfado”⁸¹³. Estavam singrando o *Marañón*⁸¹⁴.

Navegaram por suas águas até que no domingo do dia 26 de fevereiro foram alcançados por algumas canoas, que além da visita dos locais, traziam, carregado no seu interior alento para os navegantes: muitas aves (‘perdizes’) e peixes e aproximadamente doze tartarugas⁸¹⁵, tão grandes que o casco dos quelônios parecia pesados escudos bélicos⁸¹⁶. Admirados com aquela fartura, os expedicionários atribuíram, o aparecimento daquele manjar, como resposta as súplicas feitas a Deus, como afirma Carvajal em sua crônica, “claramente averlos Dios enviado para remedio de nuestras vidas”⁸¹⁷, pois a fome, nos dias anteriores, já estava rondando novamente os tripulantes das embarcações.

Na troca de afagos, os visitantes buscaram explicar para os espanhóis, tentando dialogar⁸¹⁸, que traziam aqueles mantimentos em oferecimento da principal liderança daquela região⁸¹⁹, seu maior, Aparia.

⁸¹¹ Carvajal (1855, p. 547): “Dia de Sancta Olalla, aviendo ya passado onze días de hebrero después que partimos del asiento de los clavos, se juntaron dos ríos con el río de nuestra navegacion, y eran grandes, en espeçial el que entró á la mano diestra”.

⁸¹² CARVAJAL, 1855, p. 547.

⁸¹³ Idem, p. 548.

⁸¹⁴ Aqui apresento algumas hipóteses levantadas por Medina (1894, pp. 233-236) para o nome Marañón: “Agustín de Zárate dice á este respecto: ‘Y este río se llama el Marañón porque el primero que descubrió la navegacion dél fué un capitán llamado Marañón’. Juan de Castellanos concuerda con esta opinión del cronista del Perú, agregando que el nombre le vino de ciertos capitanes que habían acompañado á Yáñez Pinzón” [...] “Quieren otros que el nombre de Marañón proceda del *anacardium occidentale*, de su fruto, que en Puerto Rico llaman cajuil, en Venezuela merey, en Cuba maranón, en el Brasil caju y en lengua indígena maran-i-hobo, que en efecto abunda mucho en los bosques que pueblan las orillas del Amazonas”. [...] Outra hipodese é por “los enredos y marañas que pasaron andando por aquel río y sus vueltas, le llamaron Río de Marañas, y por significarlas grandes pasó á llamarse Marañón”. / Sobre o tema Ugarte (2009, p. 201) escreve: “Frei Laureano ter registrado o nome que os índios Omágua – pertencentes ao tronco tupi – davam ao Marañón/Amazonas – ‘llamanle los naturales Paramanguaso, que quiere decir Rio Grande’”.

⁸¹⁵ MEDINA, 1894, p. 142; CARVAJAL, 1855, p. 548.

⁸¹⁶ CARVAJAL, 1894, p. 19.

⁸¹⁷ CARVAJAL, 1855, p. 548.

⁸¹⁸ Ao que parece Orellana entendia sua língua, ou parte delas, segundo Carvajal (1894, p. 20): “los índios quedaron muy contentos de ver el buen tratamiento que se les hacía, y en ver que el Capitán les entendia su lengua”. / Ospina (2017, p. 130): “A língua que os índios falavam, e que se chamava de omágua, era, segundo eles, a língua que cabe na selva inteira. [...] era língua do [tronco] tupi”.

⁸¹⁹ Carvajal (1855, p. 546) “Ques principal señor de aquella é su provincia, y esta de una banda é otra del río”.

Os espanhóis retribuíram aquele farto banquete com algumas bugigangas que trazia para o escambo, presente estes que alegraram os visitantes das embarcações. Os locais pediram então ao capitão para que seus barcos os acompanhassem até o encontro do povoado onde o seu senhor principal estava à espera. Orellana ficou receoso, mas por fim acabou por aceitar o convite⁸²⁰.

Os espanhóis seguiram as canoas, até uma junção de rios, logo ali ficava o povoado ao onde residia a principal liderança local,

y así, á poco rato, vimos las poblaciones donde estaba el dicho señor, y caminando hacia allá el Capitán [...] los índios respondieron que allí estaba el sobredicho su señor, [...] vimos salir del dicho pueblo muchos indios á se embarcar en sus canoas, á manera de hombres de guerra, y pareció querernos acometer⁸²¹.

Temerosos por se tratar talvez de uma emboscada, Orellana ordenou que os barcos atracassem no porto, mas que os marinheiros soltassem com as armas em mãos. Para a sorte dos navegantes, não ocorreu nenhum tipo de enfrentamento e os locais receberam aqueles homens estranhos com benevolência⁸²². O senhor daquelas terras, acompanhado das lideranças auxiliares, ofereceu para os visitantes, mandando retirar de suas canoas, novamente, uma grande quantidade de alimentos, “así de tortugas como de manatís y otros pescados, y perdices y gatos y monos asados”⁸²³. Chama a atenção o destaque que Frei Carvajal dá ao impressionado tamanho dos Perdizes oferecidos, “son al proprio como las de nuestra España, pero aquestas son tan grandes que cada una dellas es mayor que un par de las de Castilla, é no de menos buen sabor”⁸²⁴.

O certo é que os expedicionários castelhanos se fartaram, novamente com aquela demonstração de apressado que a população tivera para com eles.

Ao que parece, como narra Carvajal, toda aquela fartura e ofertas, oferecida pelos líderes e populares, era por acreditarem, que aqueles homens estranhos, trazidos pelas correntezas do rio, tratar-se-iam de seres celestiais, filhos do Sol, filhos do deus Chise⁸²⁵.

Acolheram os navegadores e rogaram para que os mesmos permanecessem, oferecendo suas próprias moradias, prometendo servi-los com grande fartura de alimentos, que era o que mais os expedicionários precisavam naquele momento, para recuperarem o alento. “Los indios venian todos los días del mundo é nos traían de comer, assi manatís é tortugas como otros

⁸²⁰ CARVAJAL, 1894, p. 20.

⁸²¹ Idem, p. 20.

⁸²² CARVAJAL, 1855, p. 549.

⁸²³ CARVAJAL, 1894, p.21.

⁸²⁴ CARVAJAL, 1855, p. 549.

⁸²⁵ CARVAJAL, 1894, p. 22. /CARVAJAL, 1885, p. 549;

pescados, por el rescate quel capítan les daba. De manera que en el tiempo que alli nos detuvimos no nos fallaron bastimentos á suficiência”⁸²⁶.

Passados alguns dias, revigoradas a energia, preocupados com o estado lamentável de suas embarcações e receosos de futuros ataques de populações ribeirinhas hostis⁸²⁷, ao longo do restante da jornada, os espanhóis, decidiram por construir outro bergantim⁸²⁸, maior e mais robusto para poder, também, aguentar as ondas do mar quando chegassem a tão esperado foz daquele imenso rio e adentrassem o Oceano⁸²⁹.

Posto ao trabalho de construção do barco, neste ofício os espanhóis foram sempre ao auxílio dos ribeirinhos da comunidade, abasteciam os espanhóis não somente com alimentos⁸³⁰, mas também com o material utilizado para construção do bergantim. Como o surpreso Carvajal destaca: “Era cosa maravillosa ver con cuánta voluntad los indios venían á nos traer de comer é algodón é brea de betum de árboles para calafetear estos navios”⁸³¹.

Graças à colaboração dos populares, em uma semana conseguiram toda a madeira para a confecção da nau, em vinte dias fabricaram mil cravos⁸³², “utilizóse el algodón como estopa; la resina de los árboles silvestres, que los indios se encargaron de buscar, como brea”⁸³³.

Com o auxílio do povo de Aparia, resultou que ao fim de trinta e cinco dias a embarcação foi posta a água, para que as brechas existentes entre as madeiras não sofressem com a pressão da água, as mesmas foram calafetadas com uma mistura de algodão, resina de árvores e breu resultante da gordura de peixes e possivelmente quelônios e/ou manatins⁸³⁴.

Aproveitaram também para reparar a outra nau, que já apresentava certa deterioração⁸³⁵. Combinara então que na nova embarcação iriam cerca de trinta tripulantes, o restante se acomodaria, no outro bergantim menor e nas canoas que faziam parte do comboio⁸³⁶.

Carvajal narra que neste meio tempo, em que construíam a embarcação, compareceu na presença de Orellana, uma certa delegação de formada de quatro indivíduos, estes vinham em nome de seu superior, que ouvira falar sobre aqueles seres extraordinários, que se encontravam naquele povoado e quisera recebe-los em seus domínios também. Como forma de confiança

⁸²⁶ CARVAJAL, 1855, p. 550.

⁸²⁷ Ao que parece não estavam errados, Ugarte (2003, p. 11): “Depois da província de Aparia maior, poucas foram as etnias que receberam os espanhóis amistosamente”.

⁸²⁸ CARVAJAL, 1894, p. 14.

⁸²⁹ MEDINA, 1894, p. 144.

⁸³⁰ CARVAJAL, 1894, p. 24.

⁸³¹ CARVAJAL, 1855, p. 551.

⁸³² CARVAJAL, 1894, p. 16 e p. 24.

⁸³³ MEDINA, 1894, p. 146.

⁸³⁴ CARVAJAL, 1894, p. 24.

⁸³⁵ Idem, 1894, p. 26.

⁸³⁶ CARVAJAL, 1855, p. 545.

traziam, em nome de sua liderança, muitas ofertas aos navegantes. O que chamou a atenção de Carvajal, foi principalmente o aspecto físico destes visitantes. Estes

eran de estatura que cada uno era más alto un palmo que el más alto cristiano, y eran muy blancos y tenían muy buenos cabellos que les llegaban á la cintura, muy enjoyados de oro y ropa; y traían mucha comida; y llegaron con tanta humildad que todos quedamos espantados de sus disposiciones y buena crianza: sacaron mucha comida y pusieronla delante del Capitán, y le dijeron como ellos eran vasallos de un señor muy grande⁸³⁷.

Orellana ansioso em continuar sua jornada rio abaixo, e receoso com o pedido, acabou por não aceitar o convite da delegação e os quatro homens acabaram voltando para suas terras.

Passados quarenta dias deste o início da construção do Bergantim, o domingo de páscoa, foi comemorado com muita fartura, nas palavras de Carvajal, “truxeron más en abundância la comida, que paresçia que toda la vida avian servido á chripstianos”⁸³⁸. Foram tantas iguarias, que parte dela teve que ser jogada fora, “la echábamos en el campo”⁸³⁹, como o Frei afirmou em outro trecho.

Os expedicionários aproveitaram a fartura do momento para juntar a matalotagem necessária, e o que coubesse dentro das embarcações, e no dia posterior a pascoa, segunda-feira, 24 de abril de 1542⁸⁴⁰, recomeçaram sua jornada pelo grande rio.

Passados um dia de navegação, receberam ainda a visita da grande liderança Aparia, que trouxe algum alimento em desejo de confraternizar com os mesmos⁸⁴¹. Navegaram por toda aquela região e por onde passavam eram providos pela população ribeirinha de Aparia⁸⁴².

Com passar dos dias, o comboio foi se afastando mais e mais do local de residência do grande Aparai. Os navegantes deram-se conta então que quanto mais afastavam, menor era a ofertas de mantimentos trazida pela população ribeirinha, até o ponto em que deixou de ocorrer. Perceberam então que já não estavam mais em território do principal Aparia⁸⁴³. Sem a essencial provisão trazida pelos locais, a fome voltou a incomodar os de Orellana

De allí adelante pasamos más trabajo y más hambre y despoblados que de antes, porque el río venía de monte á monte y no hallábamos á donde dormir, ni menos se podía tomar ningún pescado, así que nos era necesario comer nuestro acostumbrado manjar, que era yerbas y de cuando en cuando un poco de maíz tostado⁸⁴⁴.

⁸³⁷ CARVAJAL, 1894, p. 25.

⁸³⁸ CARVAJAL, 1855, p. 551.

⁸³⁹ CARVAJAL, 1894, p. 27.

⁸⁴⁰ CARVAJAL, 1855, p. 551.

⁸⁴¹ CARVAJAL, 1855, p. 551. /CARVAJAL, 1894, p. 28.

⁸⁴² Carvajal (1855, p. 552): “Toda la provincia é tierra de Aparia nos proveyeron de mantenimientos é comida de manatíes é pescados, por nuestro rescate”.

⁸⁴³ CARVAJAL, 1894, p. 29.

⁸⁴⁴ Idem, p. 29.

Em 6 de maio, famintos, avistaram um pequeno povoado, e decidiram nele atracar o comboio. O lugar estava abandonado, mas suas margens pareciam propícios para a pesca e caça⁸⁴⁵, o que fazia com que o risco de atracar ali valesse a pena⁸⁴⁶.

3.11. GATOS MONOS E PAPAGAIOS

Carvajal também descreve, entre os itens arrolados oferecidos aos espanhóis, gatos monos asados⁸⁴⁷, para Ugarte estes gatos monos, tratam-se “indubitavelmente de alguns exemplares de nossos símios”⁸⁴⁸. Carvajal possivelmente lera as mesmas fontes que Oviedo para poder chamar aqueles pequenos símios de mono gatos, encontrando semelhanças desde animal com as características descritas por outros viajantes das Américas. Oviedo assim apresenta o gatico monillo em sua obra:

Cuentan que, en la tierra austral del Perú, se ha visto un gatico monillo, destos de las colas luengas, el qual desde la mitad del cuerpo con los braços é cabeça, era todo aquello cubierto de pluma de color parda, otras mixturas de color; la mitad deste gato para atrás todo él las piernas cola, era cubierto de pelo rasito llano de color bermejo, como leonado claro. Este gato era muy mansito domestico poco mayor que un palmo⁸⁴⁹.

Algunos quieren decir que este animal debia nascer de adulterio ayuntamiento de alguna ave con algún gato o gata, como pudiesse engendrarse estotra especie que participase de ambos géneros⁸⁵⁰.

En muchas partes de la Tierra-Firme hay gatos monillos salvajes de tantas maneras é diferencias que no se podria definir en poca escriptura, si se dixesen sus diferentes formas sus innumerables travesuras. [...] Háylos tan pequeños como un harda pequeña, é tan grandes como un mastin grande, y de muchas maneras de pelo é diferenciados gestos formas⁸⁵¹.

O outro alimento de origem animal, descrito por Carvajal, oferecidos pelos locais foi a carne de papagaio, possivelmente da família dos *Psittacidae* do gênero *Amazona*, abundantes

⁸⁴⁵ CARVAJAL, 1855, p. 552.

⁸⁴⁶ Nesta localidade Carvajal (1894, p. 30) relata ter ocorrido, para eles, uma graça divina: “fué que un compañero ya nombrado, que es el que dió orden en el bergantín, tiró á una ave con una ballesta [arma besta], que estaba en un árbol junto ai río, y saltó la nuez [porca que atua como gatilho] de la caja y cayó en el río, y estando en ninguna confianza de cobrar la nuez, otro compañero llamado Contreras, echó un anzuelo en el río con una vara y sacó un pescado de cinco palmos, y como era grande y el anzuelo pequeño, fué menester sacarlo con maña, y, abierto, dentro del buche se halló la nuez de la ballesta”

⁸⁴⁷ Na versão das crônicas de Carvajal (1855, p. 545) ditada a Oviedo: “el qual por su misericordia permitió que los indios comarcanos de aquel assienlo vinieron de paz, é como amigos, unos daban por rescate pescado, otros traían aves é alguna carne de gatos monillos”.

⁸⁴⁸ UGARTE, 2009, p. 321.

⁸⁴⁹ OVIEDO, 1851, p. 259.

⁸⁵⁰ Idem, p. 260.

⁸⁵¹ Idem, p. 414.

na região, podendo referir-se também a carne de araras (gênero *Ara*). Que além de se servirem de sua carne como alimento, os nativos utilizavam suas plumas para adornos⁸⁵².

Sousa descreve assim estas aves:

Arara é outro pássaro do mesmo tamanho e feição do Canindé, mas tem as penas do colo, pernas e barriga vermelhas, e as das costas, das asas e do rabo azuis, e algumas verdes, e a cabeça e pescoço vermelho, e o bico branco e muito grande é tão duro que quebram com ele uma cadeia de ferro, os quais mordem muito e gritam mais. Criam estas aves em árvores altas, comem frutas do mato e milho pelas roças, e a mandioca quando está a curtir⁸⁵³.

Sobre o paladar da carne dos papagaios, Léry a descreve “um tanto dura, mas como sabe a perdiz nós a comíamos sempre”⁸⁵⁴.

3.12. OS DE MACHIFARO

Apesar dos perrengues, os embarcadiços continuaram sua viagem pelas intermináveis águas emaranhadas do grande rio. Em doze de maio de 1542 avistaram um povoado, acreditaram se tratar de Machiparo, como haviam sido informados previamente pelos de Aparia⁸⁵⁵. Nas palavras de Carvajal, Machiparo era um grande senhor possuidor de imensa população de sujeitados⁸⁵⁶:

Machiparo, que es muy gran señor y de mucha gente y confina con otro señor tan grande, llamado Omaga, y son amigos que se juntan para dar guerra á otros señores que están la tierra dentro, que les vienen cada día á echar de sus casas. Este Machiparo está asentado sobre el mismo río en una loma, y tiene muchas y muy grandes poblaciones que juntan de pelea cincuenta mil hombres de edad de treinta años hasta setenta⁸⁵⁷.

Quando estes perceberam a presença das embarcações, logo se colocaram em ordem de batalha, procurando repelir aqueles seres estranhos, para não os deixar desembarcar em sua comunidade, começaram a assediar os invasores, ainda no rio, utilizando um comboio de canoas.

⁸⁵² CARVAJAL, 1855, p. 548.

⁸⁵³ SOUSA, 2010, p. 221.

⁸⁵⁴ LÉRY, 2007, p. 151.

⁸⁵⁵ Carvajal (1855, p. 552): “De la qual traíamos notiçia desde Aparia el grande; é también veníamos informados de otro señorío que se dige Homaga, que confina con la tierra deste Machiparo”.

⁸⁵⁶ CARVAJAL, 1894, p. 30.

⁸⁵⁷ Idem, p. 30.

Vimos venir por el río arriba muy gran cantidad de canoas, todas puestas á punto de guerra, lucidas, y con sus pabeses, que son de conchas de lagartos y de cueros de manatí y de dantas, tan altos como un hombre, porque todos los cubren. Traían muy gran grita, tocando muchos atambores y trompetas de palo, amenazándonos que nos habían de comer. Luego el Capitán mandó que los dos bergantines se juntasen⁸⁵⁸.

Aqui vemos que causou grande impressão em Carvajal, os enormes escudos bélicos que os guerreiros de Machiparo traziam para se proteger, eram tão grandes que venían cubiertos desde los pies hasta la cabeça de pavessinas de cuero de manatíes, y eran tales que una ballesta no las passaba⁸⁵⁹. Carvajal aponta, em suas crônicas, que estes escudos eram confeccionados a partir do couro de diferentes espécies de animais, e que também faziam parte da dieta alimentar das populações ribeirinhas, ele destaca a do peixe-boi, da anta e do jacaré⁸⁶⁰.

No confronto que se seguiu, os de Machifaro defenderam-se tenazmente, mas após meia hora de combate, graças ao armamento desigual, os espanhóis conseguiram tomar conta da situação, e os locais derrotados, acabaram refugiando-se nas matas próximas⁸⁶¹.

Atracaram no porto, apesar de encontrarem ainda alguma resistência, mas para eles, a tomada batalha não tinha sido em vão já que conseguiram encontrar certa abundância de alimentos⁸⁶².

Com receio, mas ao mesmo tempo famintos, Orellana decidiu dividir o grupo em dois, a maior parte ficou perto da margem dos rios e dos barcos, e destacou o restante, 26 homens, para que dispersassem os moradores restantes e averiguassem a existência de comida nas residências localizadas para além da margem. O grupo de reconhecimento avançou invadindo as casas ao mesmo tempo que encontrava bastante resistência de seus moradores⁸⁶³. Não mais conseguindo prosseguir, retornaram ao capitão. Relataram então que “había gran cantidad de comida, así de tortugas en corrales y alberques de agua, y mucha carne y pescado y bizcocho, y esto en tanta abundancia que había para comer un real de mil hombres un año”⁸⁶⁴.

O relato da existência desta quantidade de alimentos na localidade fez com que o ímpeto dos invasores ficasse ainda maior. Orellana decidiu mandar um outro destacamento somente com o objetivo de ir buscar o máximo de comida que pudesse carregar. O destacamento, que

⁸⁵⁸ Idem, p. 31.

⁸⁵⁹ CARVAJAL, 1855, p. 554.

⁸⁶⁰ Ugarte (2009, p. 343): “Esses imensos reptéis amazônicos que, não à toa, receberam dos índios tupis o nome de yacaré-açu – parentes dos famosos crocodilos africanos – ofereciam grandes perigos a quem se descuidasse com sua presença. Francisco Figueroa, ao discorrer sobre eles, chamando-os pelo nome taíno de caimán”. / Léry (2007, p. 139) assim o descreve: “ouvi contar aos velhos das aldeias que, nas matas, são às vezes assaltados e encontram dificuldades em se defender a flechadas contra uma espécie de jacaré monstruosa que, ao pressentir gente, deixam os caniçais aquáticos, onde fazem o covil”.

⁸⁶¹ CARVAJAL, 1855, p. 552.

⁸⁶² MEDINA, 1894, p. 146.

⁸⁶³ Carvajal (1894, p. 33): “Ibanse defendiendo como hombres que les pesaba de salir de sus casas”

⁸⁶⁴ idem, p. 33.

não contava com mais de uma dezena de indivíduos⁸⁶⁵, conseguiu chegar até o açude onde se encontraram a imensa quantidade de quelônios, mais de mil⁸⁶⁶.

Os moradores descontentes com o assalto a seus pertences, continuaram a afligir, aqueles invasores. Num destes resgates de alimentos, o pequeno grupo, acabou vendo-se cercado por uma grande quantidade de guerreiros, nas palavras de Carvajal, tratava-se de mais de dois mil sitiados⁸⁶⁷, e o destacamento comandado por Maldonado, como já havíamos descrito, era formado de apenas uma dezena de combatentes. O grupo cercado conseguiu resistir, mas acabou sofrendo baixas, mais da metade acabou ferido. Só não foi dizimado graças ao auxílio do restante do grupo, que percebendo a demora, vieram em seu socorro, conseguindo desbaratar o cerco. Resgatando o grupo e levando-os novamente para próximo dos bergantins. Cercados em uma pequena faixa de terra, a margens do rio e defendendo-se frequentemente de ataques dos moradores, depois de quinze dias, quando todos os enfermos se recuperaram⁸⁶⁸, decidiram então abandonar aquele local, já que haviam conseguido abastecer suas naves com alimentos para poder continuar navegando.

O comboio mal começará a navegar quando se depararam novamente com uma grande quantidade de canoas de guerra⁸⁶⁹. De forma afrontosa, causavam alaridos com gritos e ruflo de tambores, desafiavam os expedicionários para que os confrontassem em luta⁸⁷⁰.

Chamou atenção de Carvajal, ao qual o próprio fez questão de registrar em sua crônica a existência, entre os nativos guerreiros, de possíveis mulheres, que tinham por intuito instigar os demais a guerrear. Estas mulheres foram adjetivadas por Carvajal de feiticeiras⁸⁷¹, pois as mesmas, pareciam realizar certos rituais, lançando no ar, uma fumaça que saia pela boca e espalhando porções de ervas nas águas do rio, algo para ele, parecido com feitiços⁸⁷².

Destacar a figura da mulher feiticeira, entre os guerreiros, por Carvajal, talvez não seja por acaso “desde a idade média, Eva apresentava um contraponto da Virgem Maria, já que, por sua causa, de acordo com a tradição bíblica, o mal havia entrado no mundo. Por sua causa, o

⁸⁶⁵ Idem, p. 34.

⁸⁶⁶ Daniel (2004, p. 537) descreve, no século XVIII, a existência destes criadouros: “tartarugas do Amazonas são um dos seus mais ordinários, e preciosos pescados; e todos os moradores os podem ter, quando não seja dentro, ou ao pé das povoações, ao menos nos seus sítios; não falo dos viveiros, que só servem para conservar pelo ano adiante as que pescam em outras partes, porque semelhantes tem muitos, ordinariamente chamam currais de tartarugas; falo de viveiros espaçosos, onde as tartarugas possam viver, e nadar à sua vontade; onde tenham que comer, e façam criação. E são tão fáceis estes viveiros nos sítios do Amazonas, quanto é fácil tapar boca de algum igarapé, dos que ordinariamente têm todos os sítios, e quando muito fazer-lhe alguma estacada pelas margens, para que não possam sair do igarapé por terra a meter-se nos rios, e ali tem um ótimo viveiro de tartaruga, que darão fartura não só às suas famílias, mas também ao povo”.

⁸⁶⁷ CARVAJAL, 1894, p. 34.

⁸⁶⁸ Carvajal (1894, p. 37-38): “Dentro de quinze días todos estaban sanos, excepto el que morió [...] y los que no podían ir por su pie mandó que los envolviesen en unas mantas y los tomasen otros á cuestras, como que llevaban carga de maíz”.

⁸⁶⁹ Carvajal (1894, p. 38): “Más de cuatrocientos indios por el agua y por la tierra”. / Medina (1894, p. 38-39): “Diez mil, según la otra versión[...]más de ciento y treinta canoas”.

⁸⁷⁰ CARVAJAL, 1855, p. 555. /CARVAJAL, 1894, p. 40.

⁸⁷¹ CARVAJAL, 1855, p. 555.

⁸⁷² CARVAJAL, 1894, p. 39.

homem havia perdido o Paraíso”⁸⁷³. E no Novo Mundo, rapidamente se a associou, de forma negativa, a mulher índia a Eva⁸⁷⁴. As mulheres, entre elas agora as americanas⁸⁷⁵, eram consideradas, “na maioria dos casos, como um perigo para os homens, por causa de sua natureza espiritual e porque lhes proporcionava a oportunidade de desencadear seus instintos mais baixos”⁸⁷⁶. Em outro trecho Chicangana-Bayona destaca, “Acreditava-se que a mulher era dissimulada, mais propensa que o homem a cair no pecado e nas artimanhas do demônio, um ser inferior e débil, um animal imperfeito, uma figura relacionada com o vício e a falta de moderação”⁸⁷⁷.

Daí, não era difícil associar prática da feitiçaria com a figura da mulher, quase sempre andavam juntas. As bruxas feiticeiras ganharam

conotações negativas por serem seguidoras do demônio; entregues à luxúria e à gula, porque em seus rituais devoravam crianças. Não tão distante estavam as índias canibais, que aos olhos europeus também adoravam o demônio, cediam aos vícios, eram luxuriosas e consumiam carne humana⁸⁷⁸.

Mulher, índia e feiticeira era algo que chamava muita atenção, e não poderia passar despercebido para aqueles que combatiam pela fé.

Sobre dissimulação inerente a figura da mulher, o missionário francês Jean Léry, tece, com a mentalidade de sua época, em sua obra, *Viagem a Terra do Brasil (1578)*, seu comentário sobre a mulher tupinambá dada a um prisioneiro:

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher (já disse que a concedem a alguns) coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto, porque essa mulher tal qual crocodilo que mata o homem e chora junto dele antes de comê-lo, lamenta-se e derrama fingidas lágrimas sobre o marido morto, mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço⁸⁷⁹.

Enquanto os de Orellana buscavam descer o rio, navegando com o auxílio de suas correntezas, o comboio continuou sendo molestado pelos guerreiros Machiparos, em intermitentes dois dias e duas noites como declara Carvajal⁸⁸⁰. Neste interim, passaram a margem, de inúmeros povoados⁸⁸¹ pertencentes a esta província.

Tanto tardamos en salir de la población deste gran señor llamado Machiparo, que al parecer de todos duró más de ochenta leguas, que era toda una lengua, éstas todas

⁸⁷³ CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. *Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: do maravilhoso medieval ao exótico colonial (séculos XV-XVIII)*. Tradução Márcia Aguiar Coelho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017, p. 138.

⁸⁷⁴ Idem, p. 139.

⁸⁷⁵ Chicangana-Bayona (2017, p. 143): “Tanto as bruxas quanto as índias canibais eram parecidas, filhas do mesmo pai Saturno”.

⁸⁷⁶ Idem, p. 145.

⁸⁷⁷ Idem, p. 171.

⁸⁷⁸ Idem, p. 141.

⁸⁷⁹ LÉRY, 2007, p. 178

⁸⁸⁰ CARVAJAL, 1894, p. 40. / CARVAJAL, 1885, p. 555.

⁸⁸¹ Carvalho Júnior (2017, p. 111): “Os relatos dos primeiros cronistas que atravessaram o vale do rio Amazonas, ainda no século XVI, e que aos poucos foram circulando no reino, descreviam sociedades populosas que habitavam as margens do grande rio e mantinham entre si relações políticas, muitas vezes de vassalagem.”

pobladas, que no había de poblado á poblado un tiro de ballesta, y el que más lejos no estada media legua, y hubo pueblo que duró cinco leguas sin restañar casa de casa⁸⁸².

Não buscaram atracar suas naus em nenhum deles, pois sempre eram ameaçados pelos ribeirinhos. Nas palavras de Carvajal: “de allí adelan te siempre hallamos la tierra de guerra”⁸⁸³.

Para poder descansar, da fadigada viagem, os expedicionários encontraram uma ilha, no meio do rio, desabitada. Os espanhóis se recolheram na ilha, onde buscaram montar um pequeno fogareiro, para cozinhar suas refeições e descansar, mas foram impedidos pelos locais que vieram os acometer novamente, desta vez não somente pela via fluvial, mas também se aproximaram desembarcando em terra. Acossados os marinheiros espanhóis foram obrigados a retornar a seus botes e continuar viagem.

Para poder se livrar do ataque constante, os espanhóis se utilizaram de todas suas armas, “con los arcabuges é ballestas higieron arredrar aquel bárbaro é impetuoso coraje que los indios traían, haçiendo daño em ellos”⁸⁸⁴. Ferindo muitos e matando alguns guerreiros de Machifaro, entre os quais, ao que parece, a sua liderança:

Ya muy determinados de lo facer, estando ya muy juntos, venía delante el capitán general señalándose muy como hombre, al cual un compañero de los nuestros, llamado Celis, tuvo ojo en él y le tiró con un arcabuz y le dió por mitad de los pechos, que lo mató; y luego su gente desmayó y acudieron todos á ver á su Señor⁸⁸⁵.

Isto fez com que a coragem dos locais se arrefecesse, mas de longe, continuaram a ameaçar e incomodar os espanhóis, até a saída do comboio, de seus domínios⁸⁸⁶.

3.13. BEBER FUMO

Outra prática que chama nossa atenção, apresentada por Carvajal, é o, nas palavras do cronista, “*echar tierra é polvo por el ayre*”⁸⁸⁷, lançar cinza no ar, algo para ele caracterizado, também, como parte da feitiçaria das mulheres. Possivelmente o frei dominicano estava se

⁸⁸² CARVAJAL, 1894, p. 40.

⁸⁸³ CARVAJAL, 1855, p. 555.

⁸⁸⁴ Idem, p. 555.

⁸⁸⁵ CARVAJAL, 1894, p. 40.

⁸⁸⁶ CARVAJAL, 1855, p. 555.

⁸⁸⁷ idem, p. 555.

referindo ao tabaco processado a partir das folhas das plantas do gênero *Nicotiana*, originárias da América do Sul.

É uma das primeiras plantas registradas por Colombo, quando da apreensão de um antilhano com sua canoa, entre os pertences encontrados, achava-se “folhas secas, que devem ser coisa muito apreciada por eles”⁸⁸⁸. A planta estava espalhada por quase todo o continente americano, e os locais a tinham como erva medicinal. Os tupinambás chamavam Petyn, mas também era conhecida, nos quinhentos, de petun, betun, pitim, *Nicotiana*⁸⁸⁹ *tabacum*⁸⁹⁰ e erva da rainha⁸⁹¹.

O tabaco era tido por alimento pelas populações americanas. Os tupis, por exemplo, não faziam “distinção entre o comer e o beber, expressavam-se ambos pelo mesmo verbo, transitivo e intransitivo, ú [...]. Fumar era beber fumo, ú-pitíma”⁸⁹². Mas, geralmente, seu uso e ingestão, pois ‘bebia-se’ o tabaco, ocorria em dias de festas e cerimônias⁸⁹³ ou na guerra⁸⁹⁴.

Estavam entre suas qualidades medicinais, mitigar a fome, como afirma Sousa:

Afirmam os índios que quando andam pelo mato e lhes falta o mantimento, matam a fome e a sede com este fumo, pelo que o trazem sempre consigo, e não há a dúvida senão que este fumo tem virtude contra a asma, e os que são doentes dela se acham bem com ele, cuja natureza é muito quente⁸⁹⁵.

Da mesma forma Oviedo descreve esta erva com poderes medicinais, além de acrescentar que era dada como uma planta santa pelos antilhanos:

Dicen que, quando dexande trabajar toman el tabaco, se les quita el cansangio. [...] que les toma (como pensaban algunos). Esta hierva tenian los indios por cosa muy presçada, y la criaban en sus huertos labranzas para el efeto que es dicho; dándose entender que este tomar de aquella hierva zahumerio no tan solamente les era cosa sana, pero muy sancta cosa⁸⁹⁶.

Na América Central, como continua Oviedo, os nativos costumavam colocar, a erva já curada transforada em pó, dentro da boca, onde ficava retida sem mastiga-la ou engoli-la. Ao que parece, estas ervas traziam ânimo quando iam para as batalhas⁸⁹⁷. “El efeto della es que

⁸⁸⁸ COLOMBO, Cristóvão. *Diário da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*; Tradução Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 1998, p. 52.

⁸⁸⁹ Léry (2007, p. 179): “Nicotina, cujo nome diz provir do senhor Nicot, que primeiro a remeteu de Portugal para a França, é oriunda da Flórida, distante mais de mil léguas do Brasil, com toda a zona tórrida de permeio entre ambos”

⁸⁹⁰ Em Oviedo (1855, p. 604) o nome Tabaco tinha sua origem em “cierto instrumento de madera ó caña, hecho á manera de Y griega mayúscula, cuyos dos cañones superiores acomodaban los indios á las ventanillas de la nariz, para percibir el humo de la planta llamada cohíba o cojiba, que lleva hoy por excelencia el nombre de aquel instrumento (Lengua de Cuba y de Haití.)”.

⁸⁹¹ LÉRY, 2007, p. 178-179.

⁸⁹² CASCUDO, 2011, p. 772.

⁸⁹³ FREYRE, 2006, p. 165.

⁸⁹⁴ OVIEDO, 1851, p. 206.

⁸⁹⁵ SOUSA, 2010, p. 199.

⁸⁹⁶ OVIEDO, 1851, p. 131.

⁸⁹⁷ Idem, p. 206.

disçen los indios questa ierva les quita la sed y el cansancio [...] que les quita el dolor de la cabeça de las piernas”⁸⁹⁸.

No Brasil dos Quinhentos, explica Sousa,

A folha desta erva, como é seca e curada, é muito estimada dos índios e mamelucos e portugueses, que bebem o fumo dela, ajuntando folhas destas torcidas umas às outras, e metidas em um canudo de folha de palma, e põe-se -lhe fogo por uma banda, e com o faz brasa metem este canudo pela outra banda na boca, e sorvem-lhe o fumo para dentro até que lhe sai pelas ventas fora⁸⁹⁹.

Léry, assim descreve o quanto estimado era entre os nativos:

Colhem-na e a preparam em pequenas porções que secam em casa. Tomam depois quatro cinco folhas que enrolam em uma palma como se fosse um cartucho de especiaria; chegam ao fogo a ponta mais fina, acendem e põem a outra na boca para tirar a fumaça que a pesar de solta de novo pelas ventas e pela boca os sustenta a ponto de passarem três ou quatro dias sem se alimentar, principalmente na guerra ou quando a necessidade os obriga à abstinência⁹⁰⁰.

E entre os Caraíba, continua Léry, tomam

uma vara de madeira de quatro a cinco pés de comprimento em que cuja extremidade ardia um chumaço de petun e voltavam-na acesa para todos os lados soprando a fumaça contra os selvagens e diziam: ‘para que vençais os vossos inimigos recebei o espirito da força’. E repetiam-na por várias vezes⁹⁰¹.

O seu cultivo na Amazônia, é descrito por Daniel, século XVIII, da seguinte maneira:

Os plantamentos mais custosos são os do tabaco, não porque necessita o tabaco de roçados de grandes matas, porque basta para eles qualquer pequena capoeira, mas porque necessita de mais capinações, de chegar a terra as plantas, de amiudadamente o decotar, ou como lhe chamam capar, e cortar-lhe os olhos, que sobem mui viçosos, para assim deitarem para as folhas a substância que as puxe para cima⁹⁰².

A cultura desta planta e seu uso remete a “tempos imemoriais por praticamente todas as populações aborígenes”⁹⁰³. Quando os Europeus chegaram ao continente, “estava difundida por quase toda a América [...] e era usada principalmente para efeitos mágicos, como terapêutica medicinal e como estimulante⁹⁰⁴. Os responsáveis por sua propagação, possivelmente foram os povos de origens aruaques, possíveis propagadores também das culturas do milho e da mandioca⁹⁰⁵.

⁸⁹⁸ Idem, p. 207.

⁸⁹⁹ SOUSA, 2010, p. 198.

⁹⁰⁰ LÉRY, 2007, p. 179.

⁹⁰¹ Idem, p. 214.

⁹⁰² DANIEL, 2004, p. 28.

⁹⁰³ VARELLA, Alexandre. *A embriaguez na conquista da América – medicina, idolatria e vício no México e Peru, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 22.

⁹⁰⁴ RIBEIRO, 2009, p. 111.

⁹⁰⁵ CAVALCANTE, 2005, p. 17.

Sobre sua origem mitológicas, entre várias outras, citamos aqui a história karib contadas por gerações, que chegou até os ouvidos de Lévi-Strauss, a qual a reproduz em sua obra

Mitologia:

Um homem viu um índio com patas de cutia que desaparecia numa árvore. Era um Espírito da floresta. Juntou-se em torno da árvore lenha, pimenta e sal e então se tocou fogo. O Espírito apareceu para o homem num sonho e disse-lhe que fosse até o lugar onde ele tinha morrido depois de três meses. Uma planta cresceria nas cinzas. Com suas largas folhas maceradas preparar-se-ia um licor que proporcionaria transe. Foi durante seu primeiro transe que o homem conheceu todos os segredos da arte de curar (GOEJE, 1943:114)⁹⁰⁶.

3.14. OS OMAGUCI

Com o fim das hostilidades, os navegantes perceberam que singravam por águas fronteiriças:

Salimos de la provincia y gran señoría de Machiparo y llegamos á otro no menor, que era el comienzo de Oníguayal, y al principio y entrada de su tierra estaba un pueblo de manera de guarnición, no muy grande, en un alto sobre el río, á donde había mucha gente de guerra⁹⁰⁷

A população local se apresentou em armas, com lanças, estólicas e escudos, prontos para repelir os invasores do rio⁹⁰⁸. Este povo possivelmente pertencia a província de Omagua, território este fronteiriço ao de Machiparo, como haviam sido previamente informados pelos de Aparia⁹⁰⁹.

Exasperados pela fome que os rondava, Orellana ordenou que os marinheiros dessem batalha para tentar tomar aquele povoado. Então o comboio foi de encontro a margem do rio em busca de um porto seguro para poder atracar seus barcos. Os locais esperaram o comboio se aproximar o máximo possível da margem do rio, para começar a fazer uso de seu arsenal bélico, deixando os tripulantes das embarcações em situação difícil⁹¹⁰.

Para afugentar a saraivada de dardos, os espanhóis se utilizaram novamente de seus arcabuzes e bestas, ferindo alguns ribeirinhos e repelindo o restante dos combatentes locais. Dessa maneira conseguiram atracar suas embarcações e adentrar a comunidade, seguindo os

⁹⁰⁶ LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 370.

⁹⁰⁷ CARVAJAL, 1894, p. 41.

⁹⁰⁸ CARVAJAL, 1885, p. 555.

⁹⁰⁹ CARVAJAL, 1894, p. 30.

⁹¹⁰ CARVAJAL, 1894, p. 41. / CARVAJAL, 1885, p. 555.

indígenas mais resistentes até expulsarem todos do recinto. Como botim de guerra, encontraram muita comida e decidiram permanecer naquele local por alguns dias para levantar matalotagem⁹¹¹. Assim, Carvajal resumiu o percurso deles até ali e o alimento encontrado que aplastou a fome de todos:

Habíamos andado desde que salimos de Aparia á este dicho pueblo trescientas cuarenta leguas, en que las doscientas fueron sin ningún poblado: fallamos en este pueblo muy gran cantidad de bizcocho muy bueno, que los índios hacen de maíz y de ayuca, y mucha fruta de todos géneros⁹¹².

Sobre este manjar, assemelhado aos biscoitos de origem europeia, o Frei assim o apresentou a seus leitores:

Porque dixé de susso del vizcocho, y este vizcocho paresçerá novedad á los que no lo saben ó vieron qué cosa es, no seyendo de harina de trigo, es de sabor que los indios tenian allí muchas tortas grandes de caçabi vizcochado, é tambien de maíz é yuca mesclado, ques buen pan⁹¹³.

Este biscoito, descrito pelo Frei, possivelmente tratava-se de nosso beiju⁹¹⁴, processado a partir da raiz da mandioca, e nos casos apresentados por Carvajal, com a adição, na mistura de sua receita de farelo de milho⁹¹⁵. Estes dois produtos, cultivados na Amazônia, mandioca e milho, serão alimentos de constante presença na crônica escrita por Carvajal. Demonstrando seu grande e essencial valor no tronco dietético dos povos margeados no grande rio Amazonas. Assim, como de fundamental importância para a sobrevivências dos castelhanos em seu percurso:

Temos vistos, nos testemunhos de frei Carvajal, que um dos produtos agrícolas mais consumidos pelos amazonautas, ao longo de sua viagem, foi o milho [...]. A mandioca também aparece registrada, embora pouco mencionada explicitamente em seu estado natural, pois o que mais aparece é um dos seus derivados, o beiju, chamado de cazabe, biscocho e pan⁹¹⁶

Neste povoado, os espanhóis repousaram por mais duas noites, lá eles puderam se fartar com os alimentos encontrados, que era tanto que foram capazes de renovar o suprimento da matalotagem para a sequência da excursão⁹¹⁷.

A estadia neste arraial, foi encurtada, devido ao receio por parte de serem surpreendidos com o ataque dos locais, já que, como afirma o cronista da viagem, o local parecia vulnerável

⁹¹¹ CARVAJAL, 1894, p. 42. / CARVAJAL, 1885, p. 555.

⁹¹² CARVAJAL, 1894, p. 43

⁹¹³ CARVAJAL, 1855, p. 556.

⁹¹⁴ UGARTE, 2009, p. 514.

⁹¹⁵ Nos países norte-andinos existe algo parecido ao beiju, mas processado a partir da farinha de milho, chamado de arepa. A arepa (do caribe *erepa*) é uma espécie de pão, confeccionado a partir da farinha moída do milho. Transformada em massa e modelada em discos que vão ao fogo. Para saber mais: VARGAS, Miguel F. D. *Viva la arepa! Sabor, memória e imaginário sócio*. Montevideo. Editorial Alfa, 2017.

⁹¹⁶ UGARTE, 2009, p. 514.

⁹¹⁷ CARVAJAL, 1855, p. 555.

e com poucas chances para uma defesa, o que mais preocupavam os espanhóis naquela instância eram os “muchos caminos que entraban la tierra adentro muy reales, de cabsa de lo cual el Capitán se temía”⁹¹⁸.

A desconfiança dos espanhóis não se fez desnecessária, no terceiro dia de estada, um domingo, dia em que comemoravam a Ascensão de Cristo, o grupo sofre novamente assédio dos moradores locais⁹¹⁹. Temendo ficarem encurralados, os castelhanos fizeram uso novamente de sua vantagem bélica com suas bestas e arcabuzes, ferindo e matando alguns guerreiros, o que acarretou novamente a dispersão dos relutantes moradores⁹²⁰. Sabendo que seriam provavelmente assediados novamente, os exaustos expedicionários, decidiram apressadamente embarcar em seus bergantins e continuar a descida do rio.

Enquanto navegavam, receosos, sempre buscavam se afastar das duas margens rio, para evitar assim, o infortúnio ataques de seus habitantes. Evitaram também atracar nos inumeráveis povoados avistados na orla do rio, como relata o Frei cronista: “había muchas y muy grandes poblaciones y muy linda tierra y muy fructífera: esto era ya en el señorío y tierra de Omagua, y por ser los pueblos tantos y tan grandes y haber tanta gente no quiso el Capitán tomar puerto”⁹²¹.

Quando a necessidade de aportar em alguma comunidade se fazia imprescindível, principalmente ao término da matalotagem, em que a fome tomava conta do convés, para evitar maior perigo, saltavam em “tierra em algún pueblo pequeño, donde menos resistencia oviese, para tomar de comer”⁹²².

Carvajal reporta que em determinada circunstância do trajeto, os espanhóis se depararam nesta situação, famintos, avistaram em uma barranca, um povoado que julgaram tratar-se de pequeno porte e decidiram dele tomar conta. Mas encontraram, em verdade, grande resistência:

Allegamos á un pueblo que estaba sobre una barranca, y por nos parecer pequeño mandó el Capitán que lo tomásemos [...] los indios se defendieron más de una hora pero al cabo fueron vencidos é nosotros señoreados del pueblo, donde fallamos muy gran cantidad de comida, de la cual nos proveímos⁹²³.

Para surpresa dos expedicionários, além de comida farta, o povoado, possuía uma grande casa, um galpão, que aos olhos de Carvajal parecia ser a casa matriz da comunidade.

⁹¹⁸ CARVAJAL, 1894, p. 42.

⁹¹⁹ CARVAJAL, 1855, p. 556. / CARVAJAL, 1894, p. 43.

⁹²⁰ CARVAJAL, 1855, p. 556.

⁹²¹ CARVAJAL, 1894, p. 43.

⁹²² CARVAJAL, 1855, p. 556.

⁹²³ CARVAJAL, 1894, p. 43.

Em seu interior encontraram dois grandes ídolos⁹²⁴, em figura de homens gigantes, que para Carvajal, possuíam assessórios assemelhadas aos utilizados pelos Incas do Peru⁹²⁵. Havia, também, no interior desta casa principal

mucha loza de diversas hechuras, así de tinajas como de cántaros muy grandes de más de veinte y cinco arrobas, y otras vasijas pequenas como platos y escudillas y candeleros desta loza de la mejor que se ha visto en el mundo, porque la de Málaga no se iguala con ella, porque es toda vidriada y esmaltada de todas colores y tan vivas que espantan, y demás desto los dibujos y pinturas que en ellas hacen son tan compasados que naturalmente labran y dibujan todo como lo romano⁹²⁶.

Aos olhos de Carvajal esta cerâmica, formada de vários tipos e tamanhos de potes, jarros, pratos e tigelas, que se apresentava toda esmaltada e vidrada, era motivo de espanto e admiração. Ao mesmo tempo, comparando-a à produzidas em Málaga⁹²⁷, onde se fabricavam as mais requintadas de Espanha, era da opinião destas ainda serem melhores. Ficaram tão impressionados com a beleza daqueles utensílios que decidiram registrar aquele lugar com a denominação de Pueblo de La Loça⁹²⁸.

Os nautas castelhanos, abastecidos, decidiram não mais permanecer naquele local. O motivo principal, da não permanência em Loça, estava relacionado a descoberta de vários caminhos que apontavam para diferentes direções mata adentro⁹²⁹. O que deixou os espanhóis temerosos de um possível ataque de proporções maiores.

Deste Pueblo salían muchos caminos y muy reales para la tierra adentro: el Capitán quiso saber á dónde iban, [...] y comenzó á entrar por ellos, y no había andado media légua quando los caminos eran más reales y mayores; [...] el Capitán dijo á sus compañeros que convenía partir luego de allí, porque no convenía en tierra tan poblada dormir noche⁹³⁰..

Então levantaram o arraial e continuaram a navegar pelo rio-mar. Ao longo das margens a paisagem continuava a mesma, avistaram muitas comunidades ribeirinhas, mas não se detiveram em nenhuma, já que estavam providos de matalotagem.

3.15. UTENSÍLIOS CERÂMICOS

⁹²⁴ CARVAJAL, 1885, p. 566. / CARVAJAL, 1894, p. 44.

⁹²⁵ Carvajal (1894, p. 4): "Textidos de palma [o plumas segunde el outro manuscrito]". / Carvajal (1855, p. 556): "É tenían orejones como los yngas de Cuzco [...]. Ali se halló una hacha de cobre, como las que los índios usan en el Perú".

⁹²⁶ CARVAJAL, 1894, p. 44.

⁹²⁷ Ugarte (2009, p. 529): "Málaga era, justamente com Granada, um dos centros irradiadores das avançadas técnicas hispano-mouriscas da louça esmaltada e de lustro metálico".

⁹²⁸ CARVAJAL, 1885, p. 556.

⁹²⁹ CARVAJAL, 1855, p. 556.

⁹³⁰ CARVAJAL, 1894, p. 45.

A utilização de utensílios cerâmicos no cotidiano de mulheres e homens na amazônica, que chamou a atenção dos expedicionários castelhanos, ao que tudo indica, remonta a milhares de anos atrás.

Na América do Sul, quatro centros de produção iniciais, cada um deles localizado ao longo de um arco que abrange ambientes tropicais distintos: planícies costeiras, estuários e manguezais (PUGLIESE et al. 2018). Esse arco, que é descontínuo, vai desde a bacia de Guayas, no litoral do Equador, a oeste, até a baixada maranhense, a leste, através do litoral da Colômbia e do Suriname⁹³¹.

Ao que parece, estes centros iniciais começaram a sua produção cerâmica, de forma independente⁹³², mas com um, porém, “todos os locais com cerâmicas antigas têm em comum o fato de serem ambientes tropicais de terras baixas”⁹³³:

No Equador, os primeiros complexos incluem Valdivia, com datas de mais de 3.500 BCE, na zona de bosque seco da costa do Pacífico, na península de Santa Elena (MARCOS, 2014). Na Colômbia, cerâmicas antigas foram encontradas nos sítios de San Jacinto e Puerto Hormiga, no baixo rio Magdalena, com cerca idade de 4.000 anos BCE em San Jacinto (OYUELA-CAYCEDO, 1995). Na costa Atlântica, a leste da foz do Amazonas, há cerâmicas da fase Mina associadas a sambaquis em áreas atualmente coberta por manguezais (BANDEIRA, 2018; LOPES et al. 2018; SIMÕES, 1981)⁹³⁴.

Os mais antigos resquícios cerâmicos encontrados, até agora, na América do sul, são os que foram localizados em Taperinha, Santarém⁹³⁵, Estado do Pará⁹³⁶. “A idade deste sambaqui cerâmico foi estabelecida entre 5000 e 4000 a.C.”⁹³⁷.

Taperinha es un conchero fluvial localizado en la planicie aluvial del río Amazonas, cerca de la ciudad de Santarém. [...] sus dimensiones estimadas son de cerca 50.000 m² de superficie y 6 m de altura. Las cerámicas datadas en más de 7.000 años aP, que fueran allí encontradas, son las más antiguas del continente, [...] (Las formas [cerâmicas] son simples, cerradas y abiertas, de base redondeada y bordes directos con labios punteados, redondeados y planos)⁹³⁸.

⁹³¹ NEVES, 2019, p. 388.

⁹³² NEVES, 2019, p. 389. / ROOSEVELT, 1992. p.68.

⁹³³ NEVES, 2006, p. 34-35.

⁹³⁴ NEVES, 2019, p. 388.

⁹³⁵ Neves (2019, p. 397): “Santarém pode ser considerada a cidade mais antiga do Brasil. Em outras áreas da Amazônia, não discutidas neste texto, tais como o alto Xingu e na região do rio Beni, Bolívia, há também evidências de assentamentos que tinham escalas urbanas (HECKENBERGER et al. 2008; PRÜMERS & JAIME BETANCOURT, 2014)”.

⁹³⁶ Funari; Noelli (2019, p. 80): “Caso não apareçam em outras regiões novas descobertas sensacionais como a da Taperinha, atualmente a cerâmica mais antiga do hemisfério Ocidental”. / PROUS (2019, p. 596): “Essas datações muito antigas para cerâmica ficaram algum tempo restritas ao sítio de Taperinha, até que A. Bandeira obteve uma datação por termoluminescência de 6.600 BP para o sítio Bacanga (na Ilha de São Luís no Maranhão) para uma ocupação litorânea em zona de mangue, anterior ao estabelecimento de um sambaqui”.

⁹³⁷ ROOSEVELT, 1992, p. 63.

⁹³⁸ PUGLIESE Jr., Francisco Antonio; ZIMPEL, Carlos Augusto; NEVES, Eduardo Góes. 2017. “Los concheros de la Amazonía y la historia indígena profunda de América del Sur”. In *Las Siete Maravillas de la Amazonía precolombina*; Editores: Stéphen Rostain y Carla Jaimes Betancourt. La Paz, Bolivia: Plural editores, 2017, p. 28

Além da presença de cacos cerâmicos foram encontrados neste sítio arqueológico, artefatos de sílex como lâmina de percussão, machados, pedras de quebrar nozes, moedores, alisadores e também utensílios confeccionados a partir de chifres, conchas e ossos de datações diferentes⁹³⁹. Em Taperinha

registram-se um furador de osso, alguns raspadores de concha e casco de tartaruga ou jabuti e um adorno em osso de mamífero marinho. Os restos faunísticos comportam, sobretudo, molusco de água doce (entre os quais *Castalia ambigua*, *Paxyodon ponderosus* e *Triplodon corrugatus*), peixes (sobretudo bagres e *Characidae*); há poucos restos vegetais, quase todos encontrados nos níveis superiores⁹⁴⁰.

Nos fragmentos de utensílios cerâmicos de Taperinha, foram detectados, nas partes identificadas como externas de antigos recipientes, resíduos de cinzas, o que atestaria, o uso destes objetos cerâmicos, como instrumento culinário, através de cocção de alimentos no seu interior⁹⁴¹.

Animais e vegetais foram processados em vasilhas cerâmicas por populações pescadoras e coletoras do baixo rio Amazonas, nas áreas de Taperinha e Monte Alegre (Pedra Pintada) desde há pelo menos 7.600 anos, conforme pesquisa de Anna Roosevelt. Nessa região da Amazônia estaria o local onde começou a aparecer o uso dessa tecnologia⁹⁴².

Como continuam Funari e Noelli,

Assar, cozer e torrar parecem ter sido as primeiras funções culinárias dos utensílios cerâmicos que, em poucos séculos, foram sendo disseminados ao longo da região amazônica a partir do baixo Amazonas, em vasilhas que passaram a ter formatos e decorações distintas⁹⁴³.

Mas a confecção de utensílios cerâmicos pelos habitantes da floresta não estava restrita apenas para o uso tradicional doméstico culinário. Com o passar do tempo, sua produção foi se especializando e diversificando, migrando para o uso em nichos, como na

confecção de enfeites, a exemplo das tangas de barro de marajó, como também de brinquedos, como as bonecas Carajás e de objetos rituais, como vasilha tauva rukaia, usada apenas para rituais entre os Asurinís do Xingu. [também] O uso de vasilhas como urnas funerárias também é muito conhecido. [...] [como as] Famosas urnas marajoaras⁹⁴⁴.

Possivelmente parte da louça encontrada pelos expedicionários de Orellana, no interior grande casa, em Pueblo de La Loça, teriam uso específico em rituais e/ou celebrações realizadas pelos moradores da comunidade invadida.

⁹³⁹ ROOSEVELT, 1992, p. 63. / PUGLIESE; ZIMPEL; NEVES, 2017, p. 28.

⁹⁴⁰ PROUS, 2019, p. 596.

⁹⁴¹ ROOSEVELT, 1992.

⁹⁴² FUNARI; NOELLI, 2019, p. 80.

⁹⁴³ idem, p. 81.

⁹⁴⁴ idem, p. 81.

Ao que tudo indica esta diversidade cerâmica já era uma realidade na Amazônia bem antes da chegada dos espanhóis,

A cerca de 2.500 anos atrás, a produção de cerâmica estava se popularizando na Amazônia. Em algumas regiões talvez fornecesse elementos estilísticos diferenciadores entre grupos vizinhos, como sugere as datações por termoluminescência que apontam uma idade equivalente para as cerâmicas bem diferenciadas das fases Ananatuba na ilha do Marajó, e Aruã nas ilhas vizinhas⁹⁴⁵.

Uma outra característica encontrada em vários desses sítios arqueológicos cerâmicos, a partir desse período é, também, a

presença de solos antropogênicos de terra preta (TPA: “terra preta amazônica” também chamada de TPI: “terra preta de índio”) ou de terra escura (terra “mulata”, de cor marrom) – um fenômeno que se generaliza a partir do século VIII ou IX da nossa era. Ora, vários pedólogos consideram hoje que as terras pretas não se formam a partir de ocupações curtas, mas requerem uma longa permanência das populações⁹⁴⁶.

Para Roosevelt, “Durante o primeiro milênio antes e o primeiro milênio depois da era cristã ocorreram nas várzeas da Amazônia mudanças significativas”⁹⁴⁷. Mudanças estas que ocorreram em diferentes níveis da vida da população local, “na produção artesanal, na economia, na demografia e na organização social e política”⁹⁴⁸. Para Roosevelt, estas mudanças vieram à tona como resultado do surgimento de sociedade que se tornaram, ao passar do tempo, mais complexas. E na falta de um termo próprio, ela comparou o dinamismo destas sociedades às existentes nas Antilhas quando da chegada dos espanhóis, denominadas cacicados, palavra que derivada do título dada as lideranças Taino, Cacique: “Existem, em suma, evidências do surgimento, ao longo dos principais braços e deltas dos rios, do que os antropólogos denominam cacicados complexos”⁹⁴⁹.

A arqueologia pré-histórica antiga e os dados históricos mais recentes revelam a presença destas sociedades complexas, todas ao longo das várzeas dos rios Amazonas e Orenoco e nos contrafortes das costas andinas e caribenhas. Estes extensos domínios abrangiam dezenas de milhares de quilômetros quadrados, sendo alguns unificados sob chefes supremos. Os cacicados eram belicosos e expansionistas, com uma organização social hierárquica, mantida por tributos e por um modo de subsistência baseada na colheita intensiva de roças e fauna aquática⁹⁵⁰.

A partir desse período a densidade demográfica das margens dos principais rios foi aumentando.

A população era densamente agregada ao longo das várzeas e alguns sítios eram ocupados por muitos milhares de pessoas. Havia obras de terraplenagem em larga escala para o controle da água, agricultura, habitação, transporte e defesa. Em um ou

⁹⁴⁵ PROUS, 2019, p. 600.

⁹⁴⁶ Idem, p. 600.

⁹⁴⁷ ROOSEVELT, 1992, p. 70.

⁹⁴⁸ Idem, p. 71.

⁹⁴⁹ idem, p. 71.

⁹⁵⁰ idem, p.71.

dois séculos de conquista, entretanto, as sociedades complexas e suas populações desapareceram completamente da maior parte das várzeas, e nada, mesmo remotamente parecido, pode ser encontrado nas atuais sociedades indígenas da Amazônia⁹⁵¹.

Como Roosevelt explana, em parte do Amazonas, “havia um igualmente bem difundido culto de urnas funerárias e adoração dos corpos e ídolos dos ancestrais dos chefes”⁹⁵².

Os utensílios cerâmicos reportados pelos Expedicionários Castelhanos em Loça, em 1542, e os fragmentos desenterrados no sambaqui de Taperinha⁹⁵³, em Santarém, no século XX, com datação de 7000 anos atrás, além de outros formidáveis achados arqueológicos na região, ajudam a refazer uma linha cronológica que, como afirma Neves, “atesta que a Amazônia foi um cenário importante para a história da ocupação humana do Novo Mundo, incluindo a domesticação de plantas e produção inicial de cerâmica”⁹⁵⁴. Além de conferir a primazia das terras baixa da Amazônia, nas Américas, da invenção, fabricação e utilização de artefatos cerâmicos, em comparação aos povos Andinos e Mesoamericanos⁹⁵⁵.

3.16. AS TERRAS DO SENHOR PAGUANA

Caminham por mais de cem léguas, até que decidiram aportar em uma comunidade, que julgaram não encontrariam grande resistência, o que realmente aconteceu:

Aquí esperó la gente de la tierra, assi las mugeres como los hijos, que no huyeron ni defendieron el puerto, como lo avian hecho del pueblo de la Loça: en este assiento se tomaron algunas indias para que hiçiesen pan á los compañeros, é algunos muchachos para lenguas; é por ser la gente deste pueblo tan doméstica, se llamó el publo de los Bobos⁹⁵⁶.

A liderança desta terra era exercida por um outro senhor de nome Paguana⁹⁵⁷. Esta terra, na opinião de Carvajal, parecia ser “muy alegre y vistosa y muy abundosa de todas comidas y frutas, como son piñas y peras, que en lengua de la Nueva España se llaman aguacates, y ciruelas y guananas y otras muchas y muy buenas frutas”⁹⁵⁸.

⁹⁵¹ idem, p. 71

⁹⁵² idem, p. 71.

⁹⁵³ Prous (2019, p. 594): “Uma concha proveniente dessa escavação do século XIX e conservada em museu norte-americano foi datada em 7.090 BP.”

⁹⁵⁴ 2016, p. 34.

⁹⁵⁵ ROOSEVELT, 1992, p. 68. / PROUS, 2019, p. 595.

⁹⁵⁶ CARVAJAL, 1855, p. 556.

⁹⁵⁷ CARVAJAL, 1894, p. 46.

⁹⁵⁸ Idem, p. 46.

Depois de refeita a matalotagem e do descanso junto ao Pueblo de los Bobos, os de Orellana embarcaram novamente para continuar a descida do rio. A presença de comunidades, a margem, continuava algo constante, como afirma o Frei:

Partimos de allí é fuimos siempre passando muy mejores poblaçones, é passamos un rio [...] el qual á la entrada estaba muy poblada de pueblos de muy linda vista é frescos, de fructales assi como de guayavos e guanavanas é habones é de otros géneros. Y no quiso el capitán que allí parássem por la mu gente de índios que se vian⁹⁵⁹.

Em seguida, chamou a atenção de Carvajal, que tomou registro em suas anotações, em uma segunda-feira da quaresma, no amanhecer do dia o comboio deparou-se com um grande povoado. Como acharam por bem não fazer porto, para não afrontarem com seus moradores, os bergantins apenas margearam o vilarejo. Vista de longe, parecia conter muitos habitantes e mais de quinhentas residências percebidas⁹⁶⁰. A impressão que ficou marcada por Carvajal é de um povoado “muy grande y muy vicioso, y [que] tenía muchos barrios, y en cada barrio un desembarcadero al río, y en cada desembarcadero había muy gran copia de índios⁹⁶¹”.

Como não puderam atracar neste grande vilarejo, os expedicionários continuaram a navegar até que encontraram, neste mesmo dia, um pequeno povoado, onde quase não houve resistência e como butim da pequena batalha, encontraram grande quantidade de alimentos abandonados pelos moradores em fuga. Aqui, perceberam, terminava as terras do senhor Paguana⁹⁶².

3.17. FRUTAS DIVERSAS

Carvajal apresenta nestes trechos a diversidade e a qualidade das frutas existentes nas comunidades ribeirinhas do Amazonas. Além de discriminar algumas em especial, possivelmente por já tê-las apreciadas em outras terras. Para nomeá-las,

Carvajal ora utiliza termos europeu-castelhanos, ora usa nomes indígenas já incorporados ao vocabulário dos conquistadores, mormente de origem taína. No primeiro caso, os termos piñas e peras – para nosso abacaxi e abacates – e ciruelas – para os nossos cajás/taperebás – revelam que algumas frutas do Novo Mundo foram assim identificadas, por semelhança com aquelas que os espanhóis conheciam de sua terra natal⁹⁶³.

⁹⁵⁹ CARVAJAL, 1855, p. 556.

⁹⁶⁰ Idem, p. 557.

⁹⁶¹ CARVAJAL, 1894, p. 46.

⁹⁶² Idem, p. 47.

⁹⁶³ UGARTE, 2009, p. 263.

Na opinião do historiador das Américas, Oviedo, a piña (abacaxi, ananá) era a fruta mais saborosa que já experimentara em toda a sua vida⁹⁶⁴.

O termo abacaxi (*Ananas comosus*) aplica-se a um conjunto geneticamente um tanto misto. Entre outras coisas, não está claro se existe uma ou várias espécies no gênero *Ananas*. Tampouco se sabe até que ponto as formas não-cultivadas são selvagens ou espontâneas. Abacaxis de fruta pequena, com folhas longas, de crescimento espontâneo - comumente denominados "piñuelas" - ocorrem pelo menos do Panamá ao Paraguai. Oviedo, em seu longo discurso laudatório ao abacaxi, após descrever os finos tipos cultivados em "tierra firme", acrescenta que um tipo inferior também crescia espontaneamente em grande quantidade. Pode tratar-se do *Ananas magdalena* de Standley (1928), descrito por ele como formando impenetráveis touceiras nas florestas e produzindo uma fruta vermelha de até 15cm de comprimento, comestível, cozida ou crua. Cobo (1893, vol. 5, cap. 17) descreveu outra forma espontânea de Santa Cruz de la Sierra, onde era utilizada principalmente para o fabrico de vinho. Ignora-se até que ponto estes "piñuelas" são abacaxis primitivos ou formas degeneradas⁹⁶⁵.

Além de Oviedo, outros cronistas também descreveram este delicioso manjar tropical americano.

O marinheiro Pigafetta, marujo participante da expedição realizada por Fernão de Magalhaes, a primeira a cirum-navegar o globo em 1519, quando de sua passagem por terras que viriam a se tornar brasileiras, experimentou esta fruta e a descreveu como “uma espécie de fruta parecida com pinha, porém extremamente doce e de gosto esquisito”⁹⁶⁶. Aqui, possivelmente Pigafetta, utilizou o adjetivo esquisito, se referindo ao sentido dado na língua espanhola, em que a palavra *exquisito* é atribuído a alguém ou alguma coisa singular ou extraordinário.

Outros Viajantes que visitaram e estiveram na costa brasileira também apreciaram esta magnífica fruta, Gandavo (1576) assim a discrimina:

Outra fruta há nesta terra muito melhor, e mais prezada dos moradores de todas, que se cria em uma planta como de erva babosa. A esta fruta chamam de ananases e nascem como alcachofras, os quais parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho e algumas maiores. Depois que são maduros, tem um cheiro mui suave, e comem-se aparados feitos em talhadas. São tão saborosos que a juízo de todos, não há fruta neste reino que no gosto lhes faça vantagem. E assim fazem os moradores por eles mais, e o têm em maior estima, que outro nenhum pomo que haja na terra⁹⁶⁷.

O missionário francês Léry (1578) assim a identificou:

Em primeiro lugar vou assinalar a planta que produz o fruto chamado ananá. Assemelha-se à espadana [lírio roxo], tendo as folhas um pouco côncavas, estriadas

⁹⁶⁴ OVIEDO, 1851, p. 280.

⁹⁶⁵ SAUER, Carl O. 'As plantas cultivadas na América do Sul tropical'. In *Suma Etnológica Brasileira Vol. 1*, Ribeiro, Darcy (editor); Ribeiro, Berta G. (coord.). Petrópolis: Vozes, Finep, 1986, p. 76.

⁹⁶⁶ PIGAFETTA, Antonio. *A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães*; tradução Jurandir Soares dos Santos. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2019, p. 53.

⁹⁶⁷ GANDAVO, 2008, p. 91.

nos bordos e muito parecidas com as do aloés. Cresce em touceira, como grandes cordas, e o fruto, do tamanho de um melão mediano e do feitio de um pinhão, sai da planta como as alcachofras, sem pender para os lados. Ao amadurecer torna-se amarelo azulado e rescende tão ativamente a framboesa que de longo o sentimos nas matas onde cresce; é muito doce e o reputo o fruto mais saboroso da América⁹⁶⁸

Gabriel Soares de Sousa, em seu *Tratado descritivo do brasil de 1587*, assim toma sua nota:

Ananás é uma fruta do tamanho de uma cidra grande, mas mais comprida; tem olho da feição das alcachofras, e o corpo lavrado com alcachofra molar, e com uma ponta e bico em cada sinal de pencas, mas todo maciço, e muitos ananases lançam no olho e ao pé do fruto muitos outros tamanhos como alcachofras⁹⁶⁹.

Soares de Sousa também descreveu seu aproveitamento:

Para se comerem os ananases hão de se aparar muito bem, lançando lhes toda fora, e a ponta de junto do olho, por não ser tão doce, e, depois de aparado este fruto, o cortam em talhadas redondas, como de laranja, ou comprido, ficando-lhe o grelo que tem dentro, que vai correndo do pé até o olho; e quando se corta fica o prato cheio do sumo que dele cai, e o se lhe come é da cor dos gomos laranja, e algumas há de cor mais amarela; o sabor dos ananases é muito doce, e suave que nenhuma fruta da Espanha lhe chega na formosura, no sabor e no cheiro⁹⁷⁰

Além de seu consumo in natura, Sousa apresenta, o beneficiamento deste fruto na produção de bebidas fermentadas: “os índios fazem vinho, com que se embebedam; para o que os colhem mal maduros, para ser mais azedo, qual vinho todos os mestiços e muitos portugueses são afeiçoados”⁹⁷¹. Oviedo que experimentou esta bebida, a comparou ao vinho de uvas europeu: “los indios hagen vino destas piñas, tiénese por sano; é yo lo he bebido y no es tal como el nuestro con mucha parte, porque es muy dulce”⁹⁷².

O fruto piña, na dieta dos povos tropicais americanos, representava um importante alimento, graças a sua qualidade (dá o ano todo⁹⁷³), e suas diferentes utilidades. Além de um excelente alimento e servir na confecção de bebidas fermentadas, alguns “índios a utilizavam também como adstringente para curar feridas”⁹⁷⁴.

Outra fruta destacada por Carvajal foi o aguacate nome em língua espanhola do Abacate. A denominação dada pelos espanhóis e portugueses, origina-se do nome dado a este fruto pelos falantes da língua Nahuatl da mesoamérica⁹⁷⁵. Possivelmente também é nesta parte do

⁹⁶⁸ LÉRY, 2007, p. 178.

⁹⁶⁹ SOUSA, 2010, p. 193.

⁹⁷⁰ Idem, p. 194.

⁹⁷¹ Idem, p. 194.

⁹⁷² OVIEDO, 1851, p. 283

⁹⁷³ RIBEIRO, 2009, p. 108.

⁹⁷⁴ Idem, p. 108.

⁹⁷⁵ SAUER, 1963, p. 79.

continente que ocorreu a sua domesticação pelos locais. Sauer (1963), apresenta algumas de suas características.

Fruta de casca verde, casca bastante fina e dura – que se solta facilmente [algumas] tem formato de um limão, [outras têm] forma grande, com casca dura e grossa. [Outro] tipo fruta pequena com formato de pera – de casca verde delicada como a de uma ameixa⁹⁷⁶.

O frei Carvajal se aproveitou desta semelhança para chamar aquele fruto também de Pêra. Talvez com o propósito de que seu leitor, na Europa pudesse ter alguma referência em seus pomares.

Para Ugarte⁹⁷⁷, a terceira fruta apresentada por Carvajal como sendo ciruelas, (ameixas) deveriam tratar-se da fruta do cajá, também chamada taperebá. O fruto do cajá é por Sousa assim assinalado:

O fruto é amarelo do tamanho das ameixas, tem grande caroço e pouco que comer, a casca é como de ameixas. Esta fruta arrega, se lhe chove como é madura, a qual cai com o vento no chão, e cheiram muito bem o fruto e as flores, que são brancas e formosas, o sabor é precioso, com ponta de azedo, cuja natureza é fria e sadia; dão esta fruta aos doentes de febres, por ser fria e apetitosa⁹⁷⁸.

Referindo-se, no presente, a esta fruta conhecida em todo o Brasil, Sheila Moura Hue em sua obra *Delícias do Descobrimento* (2008), se referindo ao colono português Gabriel Soares de Sousa, de o *Tratado descritivo do Brasil*, delinea que “hoje o cajá (*Spondias Monbin*) continua a ser tão apreciado quanto na época do guloso senhor de engenho”⁹⁷⁹.

A última fruta destacada por Carvajal, encontrada no Pueblo de los Bobos, foi a chamada Guana. Provavelmente alguma variedade do nosso Inga⁹⁸⁰, denominação de origem tupi. O cronista se reportou nessa nomenclatura, Guana, pois “na região do Caribe, os nomes nativos mais comuns [para este fruto] são "guama" ou "guaba"⁹⁸¹.

Soares destaca que o

Engá é arvore desafeçoada que se não dá senão em terra boa cuja lenha se faz boa decoada para os engenhos. É dá uma fruta da feição das alfarrobas da Espanha, que tem dentro umas pevides como as das alfarrobas, e não se lhe come senão um doce que tem em derredor das pevides, que é muito saboroso⁹⁸².

Mais à frente da jornada, o cronista da expedição de Orellana, continua fazendo menção a outros tipos de frutos, agora estes avistados nas árvores frutíferas existentes a margens de um

⁹⁷⁶ idem, p. 78.

⁹⁷⁷ UGARTE, 2009, p. 263.

⁹⁷⁸ SOUSA, 2010, p. 185.

⁹⁷⁹ HUE, Sheila Moura. *Delícias do Descobrimento: a gastronomia brasileira no século XVI*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 49.

⁹⁸⁰ UGARTE, 2009, p. 263.

⁹⁸¹ HUE, 2008, p. 79.

⁹⁸² SOUSA, 2010, p. 185.

grande povoado. O Frei distingue três, *guayanos*, a nossa goiaba (*Psidium guajava*); *guanavanas*, referindo-se a graviola (*Annona muricata*), e habones, possivelmente, frutos de favas (*Vicia Fava*)⁹⁸³ ou do próprio do ingá (*Fabaceae inga*), fruto já referido acima⁹⁸⁴.

Sobre as goiabas Oviedo escreve assim:

GUAYABO es un árbol que los indios aprescian, y hay mucha cantidad destes árboles en esta é otras islãs é en la Tierra-Firme, y es fructa de buen olor é sabor é paresçe bien, é la madera es buena. Hay muchos guayabos salvajes; pero son menores que los que se cultivan, en lo qual tienen mucho cuydado los indios. [...]Unos árboles destes echan esta fructa colorada, rosada por de dentro, é otras son blancas; y de fuera las unas y las otras son verdes, ó amarillas⁹⁸⁵.

Apreciada pelos povos americanos a goiabeira, era uma das árvores frutíferas, mais presentes entre as populações das terras baixas americanas. Sua domesticação evoluiu entre os nativos, atestado pelo fato de o fruto encontrado em estado selvagem ser bem menor em comparação a aqueles existentes nos pomares indígenas. “Afirma-se que esta fruta tão pródiga é de cultivo antigo nas áreas tropicais e temperadas”⁹⁸⁶ da América.

A graviola, chamada por Carvajal pela denominação origem Taino de guanavana, é uma planta originária dos trópicos sul-americanos. É, como afirma Sauer, uma fruta,

Amplamente documentada como cultivo antigo da Nicarágua até os vales costeiros do sul do Peru, penetrando pelas "yungas". Foi reproduzida inúmeras vezes na cerâmica Mochica. No que se refere a altitude e latitude, estende-se um pouco além dos limites tropicais⁹⁸⁷.

Sua árvore e seu fruto são assim descritos por Oviedo:

Es un árbol de gentil paresçer, hermoso, grande é alto árbol, é su fructa hermosa grande, como melones en la grandeza, porque son tamañas las guanbanas, y verdes; é por de fuera tienen señaladas unas escamas, como la piña, mas lisas aquellas señales é no levantadas, como las de las piñas. Es fructa fria é para quando haçe calor, é aunque se come um hombre uma guanavana entera no le hará daño⁹⁸⁸.

3.18. DO RIO NEGRO AO RIO GRANDE (MADEIRA)

⁹⁸³ Costa (1996, p. 23): “As leguminosas, em especial as favas comumente são vistas entre os cultivares, escoradas em suporte de paus, possuindo grande valor nutritivo.”

⁹⁸⁴ UGARTE, 2009, p. 263.

⁹⁸⁵ OVIEDO, 1851, p. 304.

⁹⁸⁶ SAUER, 1986, p. 81.

⁹⁸⁷ Idem, p. 78.

⁹⁸⁸ OVIEDO, 1851, p. 303.

No sábado, três de junho⁹⁸⁹, véspera do domingo em que se comemora a santíssima Trindade no calendário católico, os Castelhanos avistaram uma pequena comunidade e a escolheram para fazer porto, foram aproximando então seus botes para a margem do rio, o que causou de imediato a reação dos comunitários, mas a resistência fora logo contida e os locais se dispersaram pela mata. Ali, no interior das casas saqueadas, os expedicionários encontraram bastante alimentos. Entre os víveres, que naquela comunidade foi apreendido, Carvajal, em seu apontamento, destaca um peculiar, a existência de “*algunas gallinas*”⁹⁹⁰ criadas entre os moradores. Nesta comunidade permaneceram pouco tempo, partiram no mesmo dia, logo após o reabastecimento da matalotagem das embarcações.

Continuando a navegação em favor da correnteza, pouco mais adiante, neste mesmo sábado, à vista da margem esquerda, depararam-se, espantados, com a desembocadura de um grande rio, tão grande que, aos olhos dos navegantes castelhanos, suas águas rivalizavam, em abundância e vigor, com às do rio por eles navegado⁹⁹¹. Além de sua exuberância, o que atraiu a atenção dos expedicionários, como registrou Carvajal, foi a cor negra das águas deste gigante tributário do Amazonas.

El agua del cual era negra como tinta, y por esto le pusimos nombre del Río Negro, el cual corría tanto y con tanta ferocidad que en más de veinte leguas hacia raya en la otra agua, sin revolver la una con la outra. Este mismo día vimos otros pueblos no muy grandes⁹⁹².

3.19. EVIDÊNCIAS DE REDES COMERCIAIS

A existência destas aves, ‘*algunas gallinas*’, criadas em comunidades ribeirinhas no meio da floresta Amazônica, seria possível, como afirma Ugarte, se levarmos em conta as trocas comerciais entre territórios e nações indígenas ao longo da calha amazônica⁹⁹³, antes mesmo da chegada dos europeus na América do sul:

Em meados do século XVI, a existência dessas galinhas – animais de origem europeia –, que poderia ser algo estranho em ambientes muito recônditos da Amazônia, não tem nada de excepcional. [...] Na verdade embora não saibamos dizer de que região americana – em que os europeus as tenham introduzido primeiramente e aí hajam se

⁹⁸⁹ MEDINA, 1894, p. 148.

⁹⁹⁰ CARVAJAL, 1894, p. 47.

⁹⁹¹ CARVAJAL, 1855, p. 557. / CARVAJAL, 1894, p. 47.

⁹⁹² CARVAJAL, 1894, p. 47.

⁹⁹³ MIRANDA (2007, p. 100): "Trechos da Amazonia Ocidental [...] eram cortados por caminhos, tanto no sentido norte-sul, como oriente-ocidente. Havia uma rede de trocas e comércio, principalmente de plumas e arte plumária, entre os diversos povos da região".

adaptado – essas galinhas procediam, elas podem ser tomadas como exemplo de mercadoria num comércio intertribal de longuíssima distância⁹⁹⁴.

A arqueologia, atesta a existência dessas complexas redes de troca comercial, bem antes dos europeus porem seus pés na Amazônia. Estas trocas, além do mais foram,

características de la cuenca amazónica y de las zonas adyacentes de la Guyana. Había típicamente un alto grado de especialización artesanal, con un grupo manufacturando un excedente de canoa, mientras otros se concentraban en la producción de grandes ralladores, canastas, o alfarería, respectivamente. Estos intercambios comerciales normalmente sobrepasaban las fronteras lingüísticas y étnicas, y tenían por base la capacidad de los grupos ribereños de producir un excedente de alimentos. La yuca, en la forma de harina o pan, era la mercadería comercial fundamental en estos sistemas, y conservó ese carácter en el comercio post-colombino entre las poblaciones indígenas y mestizas⁹⁹⁵.

Esta rede de troca, milenares, nas terras baixa americanas, ainda são pouco documentadas, como afirma Prous⁹⁹⁶, mas evidências arqueológicas descobertas em diferentes partes da Amazônia nos ajudam a atestar esta prática. Prous nos apresentam alguns objetos e utensílios comercializados pelos povos amazônicos, encontrados em lugares muito distantes dos daqueles onde a sua matéria-prima é encontrada.

Ainda não se descobriram com certeza as fontes de rochas verdes (jadeítas e esteatita), nem os sítios onde se fabricavam muiraquitãs e “ídolos”. Em compensação, as lâminas de machado com protuberâncias proximais, feitas com rochas efusivas e granitoides da Amazônia ocidental, poderiam ter sua origem tanto na bacia dos rios que descem da Guiana e, particularmente, dos afluentes do rio Trombetas, quanto na bacia do alto curso do rio Madeira⁹⁹⁷.

Megggers, em seu livro *Amazônia: a ilusão de um paraíso* (1987), nos oferece um exemplo possível de dinâmica comercial existente entre os povos amazônicas no passado, que é o caso dos Kamayurá no Xingu, que, nos tempos atuais, fazem das suas festas tradicionais, momentos propícios para troca comercial com os povos vizinhos.

As festas dos Kamayurá são determinadas pelo ciclo do calendário e com os membros de outras tribos participam das principais cerimônias, elas oferecem oportunidades para transações comerciais, competições esportivas, visitas e festins, ao mesmo tempo em que o ritual é observado. [...] Danças especiais favorecem o crescimento das plantas e o início das chuvas anuais; outra reverenciam espíritos específicos das árvores. [...] À noite, na praça da aldeia, é feito o anúncio e, na manhã seguinte, os objetos são dispostos de modo a que possam ser inspecionados pelos [visitantes] compradores em potencial. Quando alguém vê algo que deseja, vai a casa escolher um objeto ou objetos para permutar, objetos esses que são colocados em frente ao item de sua escolha. Se o vendedor concordar, o negócio é fechado⁹⁹⁸.

⁹⁹⁴ UGARTE, 2009, p. 322.

⁹⁹⁵ LATHRAP, 2010, p. 88.

⁹⁹⁶ PROUS, 2019, p. 653.

⁹⁹⁷ Idem, p. 653.

⁹⁹⁸ MEGGERS, 1987, p. 88.

3.20. POVOAÇÕES FORTIFICADAS

Após passarem pelo encontro das águas, os expedicionários, continuaram a descer o rio, apenas se retendo, na segunda-feira, em uma comunidade de pescadores. Onde encontraram grande quantidade de alimentos. A fartura do pescado, existente no local, foi o que mais trouxera regozijos para todos ⁹⁹⁹. Os espanhóis puderam observar também que:

Este pueblo estaba en un alto apartado del rio, como en frontera de otra gente que les daba guerra, porque estaba muy fortificado é cercado de una paliçada de maderos gruesos é al tiempo que se tomó este pueblo, los indios lo quisieron defender, é se hicieron fuertes dentro de aquella çerca é començaron á pelear¹⁰⁰⁰.

Este povoado, como Carvajal destacou, estava estrategicamente alocado sobre uma colina. Seu aspecto fortificado, com toras de madeira o circunvizinhando e com seu frontispício voltada para margem do rio, caracterizavam proteção a possíveis assédios de vizinhos bélicos. Carvajal deduziu tratar-se possivelmente de terras fronteiriças. Podemos conjecturar também a possibilidade de a disputa da região estar relacionada com a riqueza faunística existente na margem e nas águas naquela parte do rio.

No dia 5 de junho decidem partir dessa comunidade, daí para frente, acompanham o rio, margeando inúmeros povoados. Para os espanhóis, esta região mostrou-se bem mais abastada de recursos alimentícios que a anterior¹⁰⁰¹. Neste mesmo dia aportaram em um povoado, apesar do temor de serem atacados, acabaram sendo bem recebidos pelos populares. Percorrendo o vilarejo, em seu centro, puderam observar um grande oratório em formato de uma plataforma circular de madeira entalhada, com figuras em relevo, dedicado a seu deus¹⁰⁰². Os limites do povoado estavam todo murados, o portão principal era flanqueado por duas enormes torres, uma de cada lado, cada torre estava sobre a figura esculpida de ferozes felinos, leões para Carvajal, possivelmente tratando-se de esboços alusivos à nossa onças-pintadas, cada escultura direcionando sua frente para direções diferentes, como se estivessem defendendo a praça que se localizava no centro da comunidade. E na parte central da praça localizava-se uma plataforma circular, possuidora de um orifício, onde depositavam, em forma de oferenda, a chicha em honra a seu deus, o Sol¹⁰⁰³.

⁹⁹⁹ CARVAJAL, 1894, p. 48. / CARVAJAL, 1855, p. 557.

¹⁰⁰⁰ CARVAJAL, 1885, p. 557.

¹⁰⁰¹ CARVAJAL, 1894, p. 48. / CARVAJAL, 1855, p. 557.

¹⁰⁰² CARVAJAL, 1894, p. 48. / CARVAJAL, 1855, p. 557.

¹⁰⁰³ CARVAJAL, 1885, p. 558. / CARVAJAL, 1894, p. 48.

Impressionados com todas aquelas construções e ritos, os espanhóis indagaram a um morador, quem eram eles respondiam, e que lhes ensinaram aqueles rituais e, nas palavras de Carvajal, o que conseguiram compreender fora que:

El índio dijo que ellos eran sujetos y tributarias á las amazonas, y que no las servían de otra cosa sino de plumas de papagayos y de guacamayos para forros de los techos de las casas de sus adoratorios, y que los pueblos que ellas tenían eran de aquella manera¹⁰⁰⁴.

Saindo desta comunidade, os exploradores continuaram seu percurso, até novamente se defrontarem com um povoado similar a este, em que a pouco havia estado. Neste, porém, não recebidos de forma amistosa, a população de prontidão ofereceu resistência. O combate deu-se por mais de uma hora, ao fim, os marujos conseguiram saltar no porto, mas desde aí passaram a ser molestados constantemente por leva de guerreiros que não se davam por vencidos. Assediados, sem conseguirem resgatar nenhum tipo de mantimento do local, os espanhóis acharam por bem, embarcando e avançarem pelo rio¹⁰⁰⁵.

Partiram daí, mas o cenário não mudou, continuaram a avistar grande vilarejos, mas por todos que passavam eram ameaçados e provocados de forma belicosa¹⁰⁰⁶.

3.21. CHICHA

Quando Carvajal refere-se a chicha, bebida ofertada pelos comunitários ao seu deus Sol, utiliza-se de uma denominação empregada no caribe, da qual os espanhóis se apropriaram para nomear toda e qualquer bebida fermentada encontrada no Novo Mundo. Bebidas alcoólicas, estiveram sempre presente na dieta dos povos. Como afirma Cascudo, “Todo o povo possui seu vinho”¹⁰⁰⁷. Na América, os indígenas adoravam “alimentos líquidos. Raízes e frutas forneciam bebidas que os antigos cronistas dos séculos XVI e XVII afirmavam fortificantes e deliciosas, apesar da repugnância instintiva por saber algumas sofrer mastigação prévia para ativar a fermentação”¹⁰⁰⁸.

¹⁰⁰⁴ CARVAJAL, 1894, p. 49.

¹⁰⁰⁵ Idem, p. 49.

¹⁰⁰⁶ CARVAJAL, 1894, p. 50. / CARVAJAL, 1885, p. 558.

¹⁰⁰⁷ CASCUDO, 2011, p. 29.

¹⁰⁰⁸ Idem, p. 129.

Não devemos esquecer, também, que é “sem dúvida nas práticas rituais que se deve procurar a origem do consumo de bebidas fermentadas”¹⁰⁰⁹. Nas Américas, se criou e se produziu diferentes tipos de bebidas, havia o polque mexicano, o caxiri, “o aluá de mandioca, a chicha e o cauim, ou cauim-etê, famoso talvez pelo modo como era preparado pelos índios”¹⁰¹⁰, entre outros.

A degustação de bebidas alcoólicas, nas terras baixa sul-americanas, esteve sempre relacionado a “função grupal, solenidade com motivação indispensável. Em 1820 Martius não conseguiu promover dança entre os coerunas do Amazonas por "faltarem-lhes, então, os frutos do mato". Era preciso a colheita de frutos para justificar a reunião”¹⁰¹¹.

Celebrações, eram quase sempre regadas a bebidas fermentadas, fato este que os colonos europeus, enxergavam com preocupação, principalmente os missionários.

Estas festas e, principalmente, as bebidas que delas fazia parte, eram o que mais perturbava os missionários. Aguardente e as outras bebidas mais tradicionais que regavam as ditas festividades traziam aos pastores dissabores diversos, uma vez que muitos destes índios saiam feridos ou mortos dos festivais¹⁰¹²

O padre José de Anchieta que esteve na costa brasileira, na metade do século XVI, era do entendimento de que “a bebida era o maior dos pecados: [pois] por meio das bebidas, os indígenas atualizavam memória e retornavam a prática dos maus hábitos”¹⁰¹³.

A chicha foi a bebida usual encontrada, pelos europeus entre os nativos das Antilhas e depois em parte da costa continental banhada pelo mar do caribe. Possuía como principal matéria-prima, o milho fermentado¹⁰¹⁴. No Peru, a chicha era produzida a parit do “caičumo [bebida fermentada] de milho cozido, mastigado, posta n'água e fervida”¹⁰¹⁵.

Bebida de milho [...], os caroços cozidos mastigados pelas moças e velhas da tribo, fermentando n'água e depois fervido convenientemente, no tipo da cauinagem tradicional. A chicha peruana legítima. Todos os indígenas gostavam e gostam do milho¹⁰¹⁶.

Em partes do Brasil pré-colombiano a bebida a base de milho era o caium que sofria o acréscimo de outro ingrediente importante da dieta regional, a mandioca. Léry (1578) assim descreve seu feitio, entre os nativos da costa brasileira.

Fazem o mesmo com a avatí, a fim de preparar uma bebida de milho. São as mulheres, como já disse que tudo fazem nessa preparação, tendo os homens a firme opinião que se mastigarem as raízes ou o milho a bebida não sairá boa. Consideram tão indecente

¹⁰⁰⁹ PERLÈS, 2018, p. 53.

¹⁰¹⁰ CAVALCANTE; SCHIEL, 2005, p. 7.

¹⁰¹¹ CASCUDO, 2011, p. 133.

¹⁰¹² CARVALHO JÚNIOR, 2017, p. 242.

¹⁰¹³ PANEGASSI, 2013, p. 187.

¹⁰¹⁴ OVIEDO, 1855, p. 598.

¹⁰¹⁵ CASCUDO, 2011, p. 131.

¹⁰¹⁶ Idem, p. 108.

ao seu sexo meter-se neste trabalho quanto nós consideraríamos indecente que os camponeses seminus da Bresse ou de outras regiões pegassem na roca para fiar. Os selvagens chamam essa bebida cauim, é turva e espessa como borra e tem como que o gosto de leite azedo. Há cauim branco e tinto tal qual o vinho. Como tais raízes [mandioca] e o milho cresce durante o ano todo no país, os selvagens fazem a sua bebida em qualquer estação e às vezes em grande quantidade, tendo eu visto em certas ocasiões mais de trinta potes grandes cheios, dispostos em fila à espera do momento de caunar¹⁰¹⁷.

Staden (1549) que esteve entre os Tupiniquim, no sul do Brasil, narra a alegria que a período da cauinagem, trazia para estes:

Uma dessas épocas é novembro, quando o milho, que eles chamam de abati, fica maduro, e com o qual preparam uma bebida que chamam de cauim. Para tanto também usam raízes de mandioca, e que empregam um pouco na mistura. Assim que voltam das expedições guerreiras com o abati maduro, preparam a bebida e com ela comem seus inimigos, quando aprisionam algum. Alegam-se o ano inteiro já por conta da época do abati¹⁰¹⁸.

O milho, por sua importância alimentar na América, foi matéria-prima de diferentes bebidas, além da chicha e do cauim de milho, o polque mesoamericano era resultante da fermentação da mistura do milho e com a agave¹⁰¹⁹.

A chicha, produzida a base mandioca e seu derivado o beiju¹⁰²⁰, também era, e é, comum, principalmente entre os povos situados nas terras baixas tropicais sul-americanas:

Os chapanecas, do rio Madeira e terras da Bolívia, mastigam a farinha para a fermentação da bebida tradicional. Os mojos do Peru conservam essa obrigação na rotina das mulheres fabricantes da chicha. Os pepan, norte do Putumaio e do Napo, seguem mascando a mandioca e qualquer fruto destinado aos líquidos festivos. Também os yuracares, dos Andes bolivianos, preparam a chicha como as cunhãs tupis quando Jean de Léry e Claude d' Abbeville viviam. Os tupari do rio Branco, afluente do Guaporé, mastigam o milho torrado e as raízes assadas, fazendo a chicha animadora. Roquete Pinto registrou semelhança para os indígenas da Serra do Norte, Mato Grosso, com a mandioca e o milho. John Gillin, estudando as tribos das Guianas, observa que as mulheres conseguem vinho de cada espécie vegetal, mandioca, milho, batata, ananás, caju, cana-de-açúcar, banana¹⁰²¹.

Nas crônicas de quinhentistas da costa brasileira, nos dão alguns relatos da maneira de como esta preciosa bebida era produzida entre pelos nativos.

São as mulheres que preparam as bebidas. Usam raízes de mandioca e cozem-nas em grandes panelas. Quando está cozido, retiram a mandioca das panelas, despejam-na em outras panelas ou vasos e deixam que esfrie um pouco. A seguir, meninas sentam-se ao redor e a mastigam; colocam o mastigado num vaso especial. Quando todas as raízes foram mastigadas, colocam o mastigado novamente na panela, despejam água por cima, misturam ambos, e deixam ficar quente de novo. Então há vasos especiais que enterram pela metade dentro da terra e que usam como se usam por aqui barris para vinho e cerveja. Despejam a massa dentro e fecham-nos

¹⁰¹⁷ LÉRY, 2007, p. 130.

¹⁰¹⁸ STADEN, 2010, p. 60.

¹⁰¹⁹ CASCUDO, 2011, p. 109.

¹⁰²⁰ Idem, p. 130.

¹⁰²¹ Idem, p. 131.

bem. Então a fermentação ocorre sozinha e a massa fica forte. Deixam-na em repouso durante dois dias. Depois bebem-na e se embriagam. É um líquido espesso e rico¹⁰²².

Léry também observou, ao modo de Staden, fazendo uma descrição quase que igual à do alemão, que eram as mulheres sempre que estavam à frente da fabricação desde manjar ritualístico,

As raízes de aipim e mandioca, que servem de principal alimento aos selvagens, são também utilizadas no preparo de sua bebida usual. Depois de as cortarem em rodela finas, com fazemos com os rabanetes, as mulheres as fervem em grandes vasilhas de barro cheias de água, até que amoleçam; tiram-nas então do fogo e deixam esfriar. Feito isso acocoram-se em torno das vasilhas e mastigam as rodela jogando-as depois em outra vasilha, em vez de as engolir, para uma nova fervura, mexendo-as com um pau até que tudo esteja bem cozido. Feito isso, tiram do fogo a pasta e a põem a fermentar em vasos de barro de capacidade igual a meia pipa de vinho de Borgonha. Quando tudo fermente e espuma, cobrem os vasos e fica a bebida pronta para o uso¹⁰²³

Para além do método de mastigação e salivação da macaxeira, Cascudo, em sua *História da Alimentação do Brasil (1967)*, apresenta outra maneira muito comum de se elaborar o caium, chicha de mandioca. “A outra fórmula seria partir a raiz e socá-la em pilão: ferver o sumo e oferecer aquecido”¹⁰²⁴.

Sobre a transformação da mandioca em bebida alcoólica, Cascudo explica:

Na diástase da saliva a ptialina [saliva] transforma o amido das raízes e dos frutos em maltose [açúcar de malte] e dextrina [goma vegetal], provocando a sacarificação [processo no qual o amido é convertido em açúcares fermentáveis], resultante dos ácidos orgânicos sobre os açúcares. Karl von den Steinen dizia o caxiri ou a caisuma serem um punch de ptialina¹⁰²⁵.

Esta fermentação de açúcares, resulta em uma substância alcoólica, presente na chicha e o polque. “O psicoativo principal é o etanol, substância caracterizada como psicoléptica ou depressora”¹⁰²⁶.

As bebidas fermentadas, nas terras baixas sul-americanas, tornaram-se, como discorre Meggers, quase uma característica universal, principalmente por satisfazerem necessidades biológicas¹⁰²⁷ e, a nosso ver, premissas sociais e mentais.

¹⁰²² STADEN, 2010, p. 146.

¹⁰²³ LÉRY, 2007, p. 129.

¹⁰²⁴ CASCUDO, 2011, p. 138.

¹⁰²⁵ Idem, p. 130.

¹⁰²⁶ VARELLA 2013, p. 25.

¹⁰²⁷ MEGGERS, 1987, p. 145.

Além do milho e da mandioca, bebidas fermentadas eram produzidas a partir de outras frutas de estação como o caju, abacaxi, pupunha¹⁰²⁸, jenipapo¹⁰²⁹ cacau¹⁰³⁰, entre outros.

Frutos, sementes, raízes davam bebidas fermentadas. [...]. As frutas, as mais sumosas, eram comidas e não espremidas, exceto para a feitura dos "vinhos". Havia "vinho" de caju, ananás, jenipapo, mas não bebidas refrescantes, a polpa diluída n'água. Fora dos "vinhos" as frutas eram mastigadas, conscientemente ensalivadas, pré-digeridas¹⁰³¹.

Cascudo (1967) nos dar um exemplo de cauim fabricado a partir do caju, planta originária da faixa do trópico brasileiro:

Caoí (cauim) fabricado do fruto maduro da árvore Acajuba (caju, anacardiáceas). Esmagam o fruto num almofariz de madeira ou então com as mãos. Deixam o suco um pouco em repouso; em seguida o filtram. Branco, depois opalescente, embriaga quando repetido. Degenera em vinagre. Era a soberana das frutas indígenas¹⁰³².

As festas de consumo do cauim, as cauinagemns, “eram festas que, embora figurassem na rotina social do grupo, não estavam no ritmo diário da vida normal”¹⁰³³. O cauim, a chicha, era bebida cerimonial, consumida em virtude de ocasiões especiais, bebida distintas que respeitavam ritos pré-estabelecidos para seu consumo. “Tanto é que o indígena não comia durante a cauinagem. ‘Bebem sem comer e comem sem beber’” nas palavras de Cascudo¹⁰³⁴.

Léry missionário cristão, testemunha ocular desta cerimônia, assim a descreveu, a partir de seu ponto de vista:

Na cauinagem os elementos constantes eram o beber até a exaustão, cantar, e o uso do tabaco, folhas enroladas e fumegantes, o beber fumo. A noção inicial dos nativos dava à comida e à bebida uma unidade funcional, valendo, englobadamente, o alimento, a nutrição.

[...]

Quando querem divertir-se e principalmente quando matam com solenidade um prisioneiro de guerra para o comer, é seu costume (ao contrário do que fazemos com o vinho que desejamos fresco e límpido) beber cauim amornado é a primeira coisa que fazem as mulheres e um pequeno fogo em torno dos potes de barro para aquecer a bebida.

[...]

vão tirando cuias cheias algumas de três quartilhos de Paris; os homens passam dançando, uns após outros juntos das mulheres que entregam a cada um a sua cuia cheia, e enquanto os homens bebem um trago elas no desempenho do ofício de despenseiras, não se esquecem de bebericar sofrivelmente e isso tantas vezes quantas necessárias para que na centena de potes ali enfileirados não fique uma só gota de cauim. Com efeito, eu os vi não só beberem três dias e três noites consecutivas, mas

¹⁰²⁸ Da chicha a base de pupunha (*Bactris gasipaes*), uma fruta amazônica, lembro-me de ter experimentado, pela primeira vez (no início dos anos 1990), quando estive na comunidade, do povo Wanano, Querari, Alto Rio Negro, rio Uaupés, fronteira Brasil-Colômbia. Lugar de morada de meus tios Jan-Jan, de descendência Baré, e Marta, de origem Wanano. Estávamos de passagem pelo local, em viagem entre Mitu e São Gabriel da Cachoeira, quando fomos convidados para participar das festas de início de ano da comunidade. Ali nos ofereceram a chicha. Depois quando perguntei para meu tio como se preparava aquela bebida fermentada este me reportou, quase que literalmente, repetindo o método apresentado por Staden e Léry nos quinhentos. A impressão do relato, deixado por essa similaridade, motivou o início deste trabalho.

¹⁰²⁹ CASCUDO, 2011, p. 135-137.

¹⁰³⁰ MEGGERS, 1987, p. 179.

¹⁰³¹ CASCUDO, 2011, p. 135.

¹⁰³² Idem, p. 137.

¹⁰³³ Idem, p. 133.

¹⁰³⁴ Idem, p. 133.

ainda, depois de saciados e bêbados a mais não poder, vomitarem quanto tinham bebido e recomeçarem mais bem dispostos do que antes.

[...]

Prosseguindo no assunto direi que enquanto dura a cauniagem os nossos brejeiros americanos, para melhor esquentar o cérebro, cantam, assobiam e se incitam uns aos outros a portarem-se valentemente e a fazerem muitos prisioneiros na guerra; enfileiram-se como grous, e não cessam de dançar¹⁰³⁵.

Para o clérigo cristão dos quinhentos, assim como Carvajal, a seus olhos aquela festa pagã regada ao consumo de bebidas fermentadas, não passava, a seus olhos, de apenas e somente uma desregrada embriaguez coletiva praticada por bárbaras criaturas. Estado este que deveria ser combatido como o próprio demônio¹⁰³⁶. Não se apercebera que para, além do momento festivo da embriaguez alcoólica, a cauniagem era regada a ritos e celebrações¹⁰³⁷ e em efeitos mnemônicos recheados de crença e circunstâncias¹⁰³⁸.

Léry, não poderia imaginar também, que aquela, aos seus olhos, bebedeira se constituía de uma tradição milenar que foi-se expandindo pelo território sul-americano a maneira que os povos oriundos da floresta tropical expandindo, como assinala Lathrap:

La uniformidad de los patrones de esas fiestas sugiere que éstas son muy antiguas en la zona, y que una expansión antigua de los pueblos del bosque tropical originó su difusión. El registro arqueológico tiende a confirmar esta hipótesis. Algunos de los grupos más antiguos de la floresta tropical hacen la fermentación en recipientes de madera o en canoas viejas, pero aquellos grupos con muestras de mayor sofisticación en su cultura material hacen la fermentación en grandes recipientes de cerámica¹⁰³⁹

3.22. PASSAGEM POR DIFERENTES COMUNIDADES

Eram 7 de junho de 1542, véspera da Corpus Christi, quando os expedicionários avistaram um pequeno povoado na parte mais alta de uma barranca que se destacava. O capitão Orellana ordenou a tomada deste vilarejo em busca de alimentos. O que acabou ocorrendo sem maiores percalços. Para a alegria dos viajantes, ali encontraram grandes quantidade de peixe seco. “Allí se halló mucho pescado en cantidad, assado en barbacoas ó parrillas¹⁰⁴⁰ tanto dello

¹⁰³⁵ LÉRY, 2007, p. 131-132.

¹⁰³⁶ PANEGASSI, Rubens Leonardo. *O pão e o vinho da terra – alimentação e mediação cultural nas crônicas quinhentistas sobre o novo mundo*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 188.

¹⁰³⁷ FUNARI; NOELLI, 2019, p. 83.

¹⁰³⁸ PANEGASSI, 2013, p. 188.

¹⁰³⁹ LATHRAP, 2010, p. 89.

¹⁰⁴⁰ Barbacoa: Andaimos feito a partir de galhos de madeira entrelaçados. Parrilla, grelha para assar carne. Em Oviedo (1855, p. 594): “Barbacoa: andamio assentado sobre árboles, para guarda de los maizales. (Lengua de Cuba y Haiti.) (Lenguas de Tierra-Firme).”

que se pudieran cargar los bergantines de pescado”¹⁰⁴¹. Era tanta abundância de peixes, que o frei especulou se tratar de um entreposto comercial, utilizado para escoamento do pescado em direção terras adentro¹⁰⁴².

Exausto pelo percurso até ali, e vislumbrados com este povoado tão afortunado, os subordinados de Orellana lhe pediram para que permanecessem aí, para descansar um pouco, antes de recomeçar o percurso. Mesmo contra sua vontade, o desconfiado capitão. acabou por ceder, depois dos persistentes pedidos, permitindo então que pernoitassem naquele lugar.

Mas logo que o sol se pôs, começaram a ser atacados pelos habitantes locais, que os assediavam por ambos os lados. Estes ataques foram perpetrados ao longo de toda a noite. Na manhã seguinte, acudados e feridos, decidiram então, depois de queimarem todas as casas e enforcarem alguns prisioneiros detidos na batalha¹⁰⁴³, deixar o mais depressa possível aquele porto¹⁰⁴⁴.

Continuaram a navegar, até que no dia 10 de junho de 1542, deram-se, agora pela margem direita do rio, nas letras de Carvajal: “en un muy grande y poderoso rio, tanto que era mayor que el que nosotros llevábamos, y por ser tan grande le pusimos el Río Grande”¹⁰⁴⁵. Estavam singrando a confluência do Amazonas com o Rio Madeira¹⁰⁴⁶.

Prosseguiram percorrendo o rio, transcorrendo por vários povoados ribeirinhos, no dia 13 de junho, terça-feira, chamou a atenção dos navegantes, um grande povoado, que se estendia sobre uma elevação, a margem esquerda. Fortificado e com residências que pareciam se constituírem de forma diferente as até ali vistas, entendeu Carvajal tratar-se, de uma povoação limítrofe que marcava o início de outra província¹⁰⁴⁷. Orellana pediu então para que os bergantins arremettessem em direção a seu porto, na esperança de chegando lá ser bem recebido e realizar algum resgate de mercadoria. Mas ao se aproximarem da margem, com a calma do porto, desconfiaram se tratar de uma cilada. Temerosos, decidiram dar meia volta em vez de fazer porto, resolveram continuar descendo o rio. Foi aí que avistaram a margem do povoado, o aparecimento de mais de cinco mil guerreiros em armas que, coléricos, gritavam e desafiando os espanhóis¹⁰⁴⁸.

Avançando ilesos, no dia seguinte, encontraram outro povoado, de dimensões equipares as do anterior. Neste, por estarem com seu estoque de mantimento acabando, decidiram arriscar

¹⁰⁴¹ CARVAJAL, 1855, p. 558.

¹⁰⁴² CARVAJAL, 1894, p. 51.

¹⁰⁴³ Carvajal (1894, p. 53): “Mando que ciertas piezas [peças, coisas, objetos] que allí se havian tomado que se ahorcasen [enforcassem].”

¹⁰⁴⁴ CARVAJAL, 1894, p. 53. / CARVAJAL, 1855, p. 559.

¹⁰⁴⁵ CARVAJAL, 1894, p. 53.

¹⁰⁴⁶ REIS, 1989, p. 43. / MEDINA, 1894, p. 148.

¹⁰⁴⁷ CARVAJAL, 1855, p. 559.

¹⁰⁴⁸ CARVAJAL, 1894, p. 53.

e fazer porto. A partir do momento em que os espanhóis conseguiram chegar à margem e descer dos barcos, foram imediatamente atacados, os habitantes do vilarejo apresentaram uma forte resistência, não dando oportunidade de descanso para os forasteiros. Para poder conter o ataque, os castelhanos se utilizaram novamente de seus arcabuzes e bestas, em um desses disparos conseguiu encontrar o chefe dos sitiados, ferindo-o mortalmente o que dispersou os moradores¹⁰⁴⁹. a maioria dos locais fugiram para a mata, mas tiveram alguns, entre eles mulheres e crianças, que se esconderam em uma das residências. Orellana, coberto de ira, depois daquela batalha tão acirrada que resultou com muitos dos expedicionários feridos, dando-se conta de que os sitiados não iriam se render, decidiu, por fim, ordenar o incêndio da casa¹⁰⁵⁰. Por este acontecimento, Carvajal, registrou aquela comunidade com o nome de *Pueblo de los Quemados*¹⁰⁵¹. Por butim de guerra, os espanhóis se apropriaram de um farto mantimento formado de tartarugas, mutuns, galinhas, papagaios e peixes, além de grande quantidade de beiju e milho¹⁰⁵².

Com a matalotagem abastecida, e voltando para o percurso do rio, os navegantes reiniciaram sua excursão por aquele imenso rio. Como estavam bem abastecidos, decidiram somente acompanhar a correnteza do rio, evitando ao máximo descer em algum porto.

No dia 16 de junho, uma sexta-feira, vindos de um povoado avistado à margem esquerda, receberam a visita de alguns ribeirinhos, que atracaram nos bergantins, com suas canoas. O que se deu na sequência, descrito por Carvajal, foi uma tentativa de diálogo. Os locais proferindo palavras que pareciam incompreensíveis, gesticulando e sinalizando em direção ao povoado, e os espanhóis buscando decifrar partes aquele idioma, na tentativa de se comunicar¹⁰⁵³. Por fim, os visitantes se despediram e retornaram para seu lar. Os espanhóis decidiram então pernoitar naquela região, bem próximos da comunidade, mas sem sair dos bergantins¹⁰⁵⁴.

Noutro dia, pela manhã, os espanhóis puderam considerar, estando mais perto, algumas características daquela comunidade. Assim Carvajal as descreveu:

En aquestos pueblos tienen é vimos muchos palos é maderos grandes hincados en tierra, y ençima dellos puestas cabeças de indios, fixadas por tropheos ó insignias de que aquella gente se debe presçiar, ó por acuerdo de sus vençimientos é memorias militares¹⁰⁵⁵.

¹⁰⁴⁹CARVAJAL, 1894, p. 55.

¹⁰⁵⁰CARVAJAL, 1894, p. 55. / CARVAJAL, 1885, p. 560. / MEDINA, 1894, p. 149.

¹⁰⁵¹CARVAJAL, 1885, p. 560.

¹⁰⁵² CARVAJAL, 1894, p. 55. / CARVAJAL, 1885, p. 560.

¹⁰⁵³ CARVAJAL, 1855, p. 561.

¹⁰⁵⁴ CARVAJAL, 1894, p. 56.

¹⁰⁵⁵ CARVAJAL, 1855, p. 561.

Por se darem conta desta singularidade, cabeças, possivelmente de inimigos abatidos, presas em ponta de estacas, exibidas como troféus, os espanhóis denominaram aquele povoado, e seus arredores, como Carvajal fez registro, de Comarca de las Picotas¹⁰⁵⁶, Comarca das Estacas. Enquanto admiravam aquela insólita imagem, foram surpreendidos com o aparecimento de numerosas canoas de guerreiros que com seus arcos e flechas atacaram os bergantins no meio do rio¹⁰⁵⁷. Não querendo entrar em atrito com os locais, o capitão decidiu evadir-se daí o mais rápido possível.

Seguindo o caminho do rio, encontraram, na segunda feira, 18 de junho, um pequeno povoado, em que aportaram, sem encontrarem nenhuma resistência. Ali se encontrou

muito milho em cestos forrados com cinzas, proteção para conservar o grão contra o ataque de gorgulhos [insetos]. Havia, também, e em grande quantidade, aveia, muito apreciada, que os índios utilizam na produção de pão e fabricação de chicha [bebida fermentada] à maneira de cerveja. Estes e outros abundantes mantimentos foram encontrados em um depósito com uma grande adega que os índios mantinham naquele lugar¹⁰⁵⁸.

Não se demorando neste local, abastecidos, recomeçaram o percurso, a vista da margem do rio continuava a mesma, paisagem apresentando presença marcante humana, com a constatação de diferentes povoados pela orla do rio¹⁰⁵⁹.

No dia 23 de junho, desembarcaram em um povoado que estava localizado em uma extensa várzea. As casas do vilarejo acompanhavam, de ambos os lados, a única rua que se estendia pelo contorno da margem do rio¹⁰⁶⁰. Por esse motivo deram o nome do lugar de Pueblo de la Calle (Rua). Encontraram ali mantimentos para continuar a viagem, muito milho e mandioca, e uma boa quantidade, do produto derivada destes, o caçabi (beiju)¹⁰⁶¹. Também acharam alguns patos e papagaios, o que foi, para eles, de muito proveito.

No dia seguinte, 24 de junho, avistaram pequenos povoados que, aos seus olhos, lhes pareciam lugares utilizados para períodos (*estâncias*) de descansos pois desabitadas, as moradias ali encontradas assemelhavam-se à casas de campo, utilizadas apenas por temporada¹⁰⁶². Ali encontraram muito milho e uma boa quantidade de sal¹⁰⁶³.

¹⁰⁵⁶ CARVAJAL, 1894, p. 54. / CARVAJAL, 1885, p. 561.

¹⁰⁵⁷ CARVAJAL, 1855, p. 561.

¹⁰⁵⁸ Em Carvajal (1855, p. 561): “Mucho mahiz en canastas, envuelto en çeniça para que se conservasse é guardarlo del gorgojo. Assimesmo se halló mucha é buena avena, de que los indios haçen pan é muy buena chicha, á manera de çerveça, é otra mucha abundancia de mantenimiento que allí se halló. Era un depóssito é bodega muy grande la que tenían en aquel lugar los índios”.

¹⁰⁵⁹ CARVAJAL, 1894, p. 57. / CARVAJAL, 1855, p. 651.

¹⁰⁶⁰ CARVAJAL, 1894, p. 57. / CARVAJAL, 1855, p. 562.

¹⁰⁶¹ CARVAJAL, 1855, p. 562.

¹⁰⁶² CARVAJAL, 1855, p. 562. / CARVAJAL, 1894, p. 57.

¹⁰⁶³ CARVAJAL, 1855, p. 562.

3.23. AVENA (ARROZ) E SAL

Carvajal em sua crônica, registra, no dia dezoito de junho, a entrada dos expedicionários em um pequeno povoado. Em busca de alimentos, entre a grande quantidade de milho que conseguem encontrar e para além, o frei registra, também em abundância, a existência de aveia (*avena*), utilizada na confecção de pães e chicha¹⁰⁶⁴. Como não existe na Amazônia este tipo de cereal, possivelmente, os grãos recolhidos pelos expedicionários, não se tratava da aveia, mas de algum outro tipo gramínea. Para Ugarte, “provavelmente Carvajal referiu-se a um tipo de arroz nativo, típico de áreas alagadiças das várzeas amazônicas, que seria descrito por Maurício de Heriarte, no século XVII”¹⁰⁶⁵.

Heriarte (1662), em sua *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*, destaca a existência deste tipo de arroz, nativo, em diferentes partes da Amazônia. Este arroz existia e “cobriu grandes áreas ao redor das margens e dos lagos à medida que estes gradualmente secavam”¹⁰⁶⁶. Heriarte registra a presença de arroz nativos, nas cercanias da ilha de Maranhão “de que fazem bom azeite para comer: o pão que se come he de mandioca, de que fazem a farinha”¹⁰⁶⁷. No rio Madeira, “As terras sam mui fertiles de mantimento e de fructas. Tem em si grandes lagos, donde se colhe muito arroz. Seu clima he mais frio que quente, he saudável”¹⁰⁶⁸. No rio Trombetas:

Da banda do norte, que he da outra banda do rio das Amazonas, está o rio das Trombetas, mui povoado de índios de diferentes nações; como sam Conduris, Bobuis. Aroase, Tabaos, Curiatos, e outros muitos; [...] No dstricto deste rio ha cantidade de lagos grandíssimos, onde se cria grande cantidade de arroz sem se semear; he bom, mas algum tanto vermelho por dentro, de que os índios se aproveitam. Fazem d'elle vinho e contratam com outras nações¹⁰⁶⁹.

Ao que parece com o passar do tempo este tipo de arroz silvestre foi desaparecendo, muito provavelmente pelo emprego e substituição por seu rival asiático como sugere Carvalho Júnior: “Existia na época um arroz avermelhado silvestre muito utilizado pelos moradores e que lhes servia de alimento abundante por nascer espontaneamente pelas margens dos rios.

¹⁰⁶⁴ Idem, p. 561.

¹⁰⁶⁵ UGARTE, 2009, p. 267.

¹⁰⁶⁶ MEGGERS, 1979, p.156.

¹⁰⁶⁷ HERIARTE, Mauricio de. *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*. Vienna: Imprensa do filho de Carlos Gerold, 1874, p.10.

¹⁰⁶⁸ Idem, p. 42.

¹⁰⁶⁹ Idem, p. 38-39.

Somente em 1772 foi substituído pelo arroz branco¹⁰⁷⁰. O que possivelmente acarretou o desinteresse pela gramínea das várzeas amazônicas e por fim extinção¹⁰⁷¹.

Outro fato que chamou a atenção do cronista Carvajal, e mereceu registro, foi a descoberta de sal no meio da floresta amazônica. Tratasse de uma grande surpresa, pois ali, onde os exploradores castelhanos se encontravam, estava bem longe das minas de sal do Peru a oriente e, pelo outro lado, longe da costa ocidental marítima atlântica. A possível explicação para aqueles habitantes possuírem esta iguaria seria a extração, pelos povos da floresta, de sais a partir de técnicas de manipulação de plantas regionais, como Mauricio de Heriarte (1662) testemunhou, em outra parte da Amazônia, um século depois de Carvajal:

Da bocca deste rio Negro á provincia dos Agoas 'a que commumente chamam as Areas, por ter muitas ilhas de arêa, haverá setenta legoas pello rio das Amazonas. [...] Fazem estes índios cantidade de sal de uma erva que chamam Capin a sú, e se assucára em paens, que mais parece salitre que sal, e o levam a vender a outras nações¹⁰⁷².

Em notas de edição de 1874, da *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*, o Historiador Francisco de Varnhagen, contribuiu ressaltando as propriedades e possível origem do *capin a sú* descrito por Heriarte:

Câpinasú. O facto de uma especie de sal (antes *salino*), obtida da decoada de certa planta (de umas palmeiras), e que era, mais salitre do que sal" foi já notado por Acuna no §. 25 de sua relação. Segundo Baena os índios do Rio Negro ainda hoje o preparam das cinzas do *Cururê*, que o Sr, Cónego F. Bernardino escreveu *Caruru*, não sabemos se com razão bastante¹⁰⁷³.

Existem outros povos que tem por tradição o uso de sal, extraídos de plantas:

Algumas etnias utilizam o sal como tempero de cozinha. A matéria prima vem de plantas aquáticas, como o aguapé. Esse costume está presente nos grupos do Xingu (MT), quando as mulheres colhem tais plantas e amontoam nas praias. Depois de murcho, os montes do vegetal são queimados até o dia seguinte. Os aguapés, convertidos em cinzas e colocados em um funil forrado com folhas de bananeira, vão cuidadosamente ser acomodados em uma forquilha de varas flexíveis, e deificada no chão, pelos homens, em seguida, despejam água para dissolver os sais minerais presentes na cinza. A solução salinífera vai ao fogo até ser possível a obtenção do sal de coloração marrom, consumida em pequenas porções¹⁰⁷⁴.

¹⁰⁷⁰ CARVALHO JÚNIOR, 2017, p. 73.

¹⁰⁷¹ Furquim (2020, p.134): "Há pelo menos quatro variedades de arroz nativos da América, e a Amazônia foi palco de um dos três processos de domesticação dessas plantas que ocorreram no mundo (além do arroz asiático e do africano). Esta descoberta foi realizada com base em vestígio de sílica (fitólitos) de arroz presentes em um sambaqui fluvial chamado Monte Castelo localizado no Pantanal do Guaporé (RO), ocupado desde 7.500 anos atrás. Desde o início da ocupação há vestígios de consumo do arroz, porém há indícios de uma mudança há cerca de 2.500 anos na forma de manejo: em vez de coletarem a planta toda, os indígenas começaram a selecionar apenas os grãos".

¹⁰⁷² HERIARTE, 1874, p. 49.

¹⁰⁷³ VARNHAGEN, 1874, p. 77.

¹⁰⁷⁴ COSTA, 1996, p. 23.

O que nos leva a sugerir que os povos amazônicos possuíam capacidade e conhecimento técnicos para obtenção de sais, substâncias que servem de importante suplemento alimentar para os seres humanos.

3.24. AS CONIUPUYARAS, AS GRANDES SENHORAS DO RIO

Navegando providos, no estoque, apenas de milho e caçabe, os nautas, iam observando a beirada do rio em busca de um lugar onde possivelmente existisse fartura de outros alimentos. Sentiam a necessidade principalmente de conseguir algum pescado ou carne, pois queriam comemorar o dia de São João Batista (24/06) com regozijo ¹⁰⁷⁵.

Foi para eles, como afirmou Carvajal, pela vontade de Deus, que contornando uma curva do rio¹⁰⁷⁶”

Doblado una punta que el rio hacia, vimos en la costa adelante muchos y muy grandes pueblos que estaban blanqueando. Aquí dimos de golpe en la buena tierra y señorío de las amazonas. Estos pueblos ya dichos estaban avisados y sabían de nuestra ida¹⁰⁷⁷.

A alegria, de ter encontrado tão vistosos povoados, não demorou muito, alguns moradores em suas canoas, já os esperavam e pelas armas e gestos realizados pareciam estar em ordem de batalha. Quando se aproximara, à distância de “um tiro de ballesta”¹⁰⁷⁸, o capitão Orellana pediu para os castelhanos ficarem em prontidão, já que, antes de qualquer ataque, iria buscar tentativa de diálogo com os habitantes locais, na esperança de conseguir porto sem a necessidade de derramamento de sangue.

Orellana, que conhecia, ou fingia conhecer, a língua dos Omáguas¹⁰⁷⁹, utilizou todo seu repertório de vocabulário e gestos para poder apaziguar os guerreiros canoeiros. Mas esta tentativa de diálogo se mostrou infrutífera. Não havendo o diálogo, os locais, com seus arcos e flechas apontados para os bergantins, continuavam com seus aspectos ameaçador, gritando e intimidando os tripulantes dos barcos espanhóis. A tensão foi aumentando, e as canoas se

¹⁰⁷⁵ CARVAJAL, 1855, p. 562.

¹⁰⁷⁶ Reis (1989, p. 44): “Quase a foz do Nhamundá”.

¹⁰⁷⁷ CARVAJAL, 1894, p. 57.

¹⁰⁷⁸ CARVAJAL, 1855, p. 562.

¹⁰⁷⁹ Ospina (2017, p. 130): “A língua que os índios falavam e que chamam de omáguas, era, segundo eles, a língua que cabe na selva inteira. [...] era compartilhada por irimaes, omáguas, ocamas, cacamillas, yurimaguas, maynas, paguanas e tupinambás. Era língua dos Tupi”.

aproximando, até o ponto que se iniciou o embate entre os grupos. Orellana percebendo aquela situação insustentável decidiu ordenar o disparo dos arcabuzes e besta em direção as canoas.

A superioridade bélica destas armas, além do poder psicológico causado pelo estrondo do disparo dos arcabuzes em ouvidos que nunca tinham escutado aquele somido, serviram para desorganizar e afugentar as tripulantes das canoas, que em retirada, redirecionaram suas embarcações no caminho de volta para a margens do rio. Percebendo o desespero dos guerreiros em fuga e buscando se aproveitar da situação, prontamente Orellana ordenou que os bergantins rumassem acompanhando a direção tomadas pela maioria das canoas, para descobrir o porto principal de acesso a comunidade¹⁰⁸⁰.

Aproximando-se do porto, conseguiram observar, à espreita, as silhuetas de um número grande de habitantes, de número que pareciam com esquadrões de guerra. Determinados a tomar aquele lugar, para se apropriar da fartura de mantimentos que ali julgavam existir, os espanhóis, decidiram atracar as naus naquele porto e iniciar a invasão. Prontamente, quanto do desembarque, foram recebidos com uma saraivada de flechas oriundas dos guerreiros que saíam das tocaias na floresta¹⁰⁸¹, esta saraivada de flechas serviu de sinal para que os habitantes iniciassem uma feroz resistência contra a invasão de seu território. Os dois grupos se entrelaçaram e uma batalha corporal que durou mais de uma hora¹⁰⁸².

Na peleja, chamou a atenção de Carvajal, a valentia e determinação com que os nativos defendiam seu chão, mesmo com muitos dos seus caídos, em virtude da superioridade bélica dos espanhóis, parecia que nada os afetava, “porque con todo el daño que se les hacía andaban unos peleando y otros bailando, [...] una cosa maravillosa de ver”¹⁰⁸³. E para o frei, cronista da expedição, aquela coragem apresentada pelos ribeirinhos só poderia ter uma explicação, advinda embriaguez: “crey mos que debian estar borrachos, porque estas generasçiones muy á menudo se toman del vino é brevages aquellos acostumbran é lo tienen por gentileça”¹⁰⁸⁴.

Não conseguindo sustentar a batalha, por causa do número elevado de aguerridos combatentes contrários, os expedicionários, com a ajuda novamente de seus arcabuzes e bestas, conseguiram afugentar os defensores por certo período, tempo este que utilizaram para auxiliar os feridos, entre os quais Carvajal¹⁰⁸⁵, e retornar aos bergantins.

Salieron heridos deste prelio ó batalla algunos compañeros, que los hirieron dentro en los bergantines al tempo que se tomó el puerto, é á mí me hirieron con una flecha en

¹⁰⁸⁰CARVAJAL, 1894, p. 58.

¹⁰⁸¹ Idem, p. 58.

¹⁰⁸² Idem, p. 59.

¹⁰⁸³ CARVAJAL, 1894, p. 58-59.

¹⁰⁸⁴ CARVAJAL, 1855, p. 562.

¹⁰⁸⁵ Medina (1894, p. 149): “Resultaron heridos algunos españoles, y entre ellos el padre Carvajal’ con una flecha en la hijada’ [partes localizadas nas laterais do baixo ventre].”

la hijada, que entro hasta lo hueco. [...] Mas como no avia hierba en aquella provincia, ninguno murió¹⁰⁸⁶.

Os bergantins tomaram a correnteza, e com a ajuda de remos, os marujos apressaram o seu ritmo, para o mais rápido possível a sair daquelas águas, pois grande quantidade era de canoas com guerreiros que estavam em seu encalço. E assim, apesar do cansaço, graças a esta determinação, conseguiram deixar aquelas terras para trás¹⁰⁸⁷.

Uma peculiaridade deste combate, condição não encontrada em nenhuma outra parte, pelos calejados e experientes exploradores castelhanos, foi o protagonismo exercido por mulheres na ordem de batalha:

Aquí se vieron indias con arcos é flechas que haçian tanta guerra como los indios ó mas é acaudillaban é animaban á los indios para que peleassen; é aun quando ellas querian daban palos con los arcos é flechas á los que huian, é haçian el officio de capitanes¹⁰⁸⁸.

O protagonismo e a exuberância daquelas mulheres guerreiras, despertou, no imaginário dos navegantes espanhóis, o mito da nação das Amazonas, crença do velho continente, que muitos trouxeram, quando para o Novo Mundo se arriscaram em busca de fortuna, pois suspeitava-se “de que onde houvesse dessas nações de mulheres sem homens existiriam por força grandes riquezas minerais”¹⁰⁸⁹.

A possível localização desta nação legendária, foi-se se movendo pelos continentes, assim como o lendário paraíso terrestre, levado pela expansão marítima europeia. De início,

Na mitologia grega, as amazonas eram uma antiga nação lendária de guerreiras, provavelmente de origem iraniana, cuja localização foi atribuída, sucessivamente, ao Ponto Euxino, à Cítia e a Líbia. Em seu reino não havia homens. Eram altas, forte e ferozes. Elas chegavam a desfigurar seus corpos, cortando os seios, para aperfeiçoar o manejo de arco e flechas¹⁰⁹⁰.

Para a América, a crença no mito fez-se presente desde tempos de Colombo¹⁰⁹¹.

A ideia de que as amazonas se encontrariam de qualquer modo em algum sítio do Novo Mundo tendia cada vez mais a robustecer-se. Já em 1504 tinham sido algumas delas avistadas em uma praia, a pouca distância, por sinal, da paragem onde Colombo tentara situar o Paraíso Terrestre¹⁰⁹².

¹⁰⁸⁶ CARVAJAL, 1885, p. 563.

¹⁰⁸⁷ CARVAJAL, 1894, p. 60.

¹⁰⁸⁸ CARVAJAL, 1855, p. 562.

¹⁰⁸⁹ HOLANDA, 2000, p. 30.

¹⁰⁹⁰ MIRANDA, 2007, p. 139.

¹⁰⁹¹ Todorov (2019, p. 21): “Colombo não acredita unicamente no dogma cristão: acredita também (e não é o único na época) em ciclopes e sereias, em amazonas e homens com caldas [...] além de homens com um só olho e outros com focinho de cão”.

¹⁰⁹² HOLANDA, 2000, p. 30.

Depois, o mito migrou das Antilhas para a América do Sul, acompanhando os conquistadores¹⁰⁹³. Primeiramente para o sul dos Andes¹⁰⁹⁴, depois para as terras baixa de floresta tropical.

Para Carvajal, a existência de guerreiras encontradas no meio da selva era certeza de que, “aquestas mugeres que allí peleaban, como amaçonas, son aquellas de quien en muchas é diverssas relaciones mucho tiempo há que anda una fama extendida en estas Indias ó partes, de muchas formas discantada, del hecho destas belicosas mugeres”¹⁰⁹⁵.

E a constatação da existência de um número reduzido de mulheres, em lugar de comando, no meio de tantos esquadrões guerreiros, fez o Frei conjecturar que aquela cifra, tratava-se, tão somente, de um pequeno grupo de amazonas, responsável por fiscalizar aquele vassalo povoado seu¹⁰⁹⁶.

Carvajal pode enumera-las entre dez a doze enaltecendo a sua bravura: “lá estavam elas, capitãs adiante dos todos, combatendo com tanto entusiasmo que os índios não ousavam dar um passo atrás. E aqueles que do confronto, tentavam escapar, elas os matavam a pauladas¹⁰⁹⁷.

O frei descrever o porte físicos dessas mulheres “ainda abrasados da admiração que a todos causaram os seus feitos¹⁰⁹⁸, diz:

Estas mulheres, muito brancas, são alta, de grande estatura, com cabelos compridos revoltos, entrelaçados no alto da cabeça. Corpulentas, andam desnudas, tapando tão somente suas vergonhas com uma tanga de algodão. Nas mãos carregam seu arco e suas flechas. Em luta guerreiam como dez índios. Em verdade houve uma destas mulheres que consegui, com suas flechas, transpassar, em um palmo, o casco do bergantim. Foram tantas as flechas lançadas por estas mulheres contra o bergantim, que por fim, este parecia um porco espinho¹⁰⁹⁹.

Além dos seus feridos alocados nos bergantins, os expedicionários também apanharam e levaram para o bote, como prisioneiro, um dos moradores, de aproximadamente trinta anos de idade¹¹⁰⁰, para ser interrogado em momento. Logo em seguida, já em lugar oportuno, este morador foi questionado por Orellana e o seus. Nas palavras de Frei Carvajal este era “un indio que deçia muchas cosas é particularidades de lo de la tierra adentro¹¹⁰¹. Mas é bem possível, como destaca Ugarte, que “Todas as respostas dadas pelo índio as perguntas de Orellana, na

¹⁰⁹³ UGARTE, 2003, p. 12.

¹⁰⁹⁴ STIRLING, 2005, p. 139.

¹⁰⁹⁵ CARVAJAL, 1855, p. 563.

¹⁰⁹⁶ Idem, p. 563.

¹⁰⁹⁷ Carvajal (1894, p. 59): “Delante de todos los índios como capitanas, y peleaban ellas tan animosamente que los índios no osaban volver las espaldas, y al que las voivía delante de nosotros le mataban á palos”.

¹⁰⁹⁸ HOLANDA, 2000, p. 32.

¹⁰⁹⁹ CARVAJAL, 1894, p. 60. / CARVAJAL, 1885, p. 563.

¹¹⁰⁰ CARVAJAL, 1894, p. 60.

¹¹⁰¹ CARVAJAL, 1855, p. 563.

verdade, eram interpretas conforme as expectativas que os espanhóis tinham desde Quito”
11021103.

No interrogatório, para Orellana, o morador respondeu que a comunidade em que foram atacados tinha como liderança o principal denominando Couynco¹¹⁰⁴, e que este era vassalo das mulheres guerreiras, que viviam em terra firme, para dentro da mata¹¹⁰⁵.

É que todas aquellas tierras las sirven é son tributários, é quél avia ydo allá muchas á servir é que tienen las casas de piedra, é que por de dentro de las casas, hasta medio estado de altura, tenían al rededor todas las paredes planchas de plata, é los caminos, de uma banda é de otra, murados de paredes bien altas, é á trechos unos arcos, por donde entran los que allí contractan, é pagan sus derechos á las guardas que para ello están disputadas¹¹⁰⁶.

El Capitán le dijo que si estos pueblos eran de paja: el índio dijo que no, sinó de piedra y con sus puertas, y que de un pueblo á otro iban caminos cercados de una parte y de otra y á trechos por ellos puestos guardas porque no pueda entrar nadie sin que pague derechos. El Capitán le preguntó si estas mujeres parían: el índio dijo que sí¹¹⁰⁷.

Aqui, não deixa de chamar a atenção, na transcrição feita por Carvajal, a semelhança estrutural urbana entre o território das Amazonas e os existente nos Andes Inca.

Orellana, preocupado, questionou o refém para que este tenta-se lhe dizer se aquelas mulheres guerreiras eram em grande número. Na tentativa de diálogo, entendeu que o prisioneiro quis dizer que eram muitas, possuindo mais de setenta povos sob seus domínios¹¹⁰⁸. Este vasto território, sobre domínio das Amazonas, possuía a liderança de apenas uma única mulher, uma senhora de nome Conori¹¹⁰⁹. O povoado principal, de onde emanava o poder da soberana sobre todo o território, era somente frequentado por mulheres¹¹¹⁰.

O capitão inquiri-o então a respeito da não existência de homens entre as guerreiras, e assim, transcreveu a resposta Carvajal do cativo:

Ele disse que estas índias, juntamente com seus vassalos, em tempo desejado para a guerra, se organizam para assediar o território de vizinho, um grande senhor¹¹¹¹. Ao término do embate, aqueles que são capturados por elas, são trazidos à força, para suas terras, onde ficam retido o tempo necessário estipulado por elas, depois que elas conseguem engravidar, os prisioneiros são libertados sem sofrerem nenhum dano. Mais tarde, quando dão à luz, se for um menino, o matam ou o entregam para os pais,

¹¹⁰² UGARTE, 2003. p. 14

¹¹⁰³ Para Ugarte (2009, p. 325), “Na verdade, do ponto de vista comunicativo, não ocorreu nenhum entendimento entre Orellana e os índios de Paguana ou entre Orellana e aquele prisioneiro, simplesmente por que o capitão espanhol não tinha domínio algum das línguas que uns e outros nativos falavam”.

¹¹⁰⁴ CARVAJAL (1894, p. 66): “Ou Quenyuc”.

¹¹⁰⁵ Idem, p. 66.

¹¹⁰⁶ CARVAJAL, 1855, p. 565.

¹¹⁰⁷ CARVAJAL, 1894, p. 66.

¹¹⁰⁸ idem, p. 66.

¹¹⁰⁹ Carvajal (1894, p. 68): “Conori”. / Holanda (2000, p. 32): “Conhori”.

¹¹¹⁰ CARVAJAL, 1855, p. 565.

¹¹¹¹ “Na outra versão, Carvajal, (1885, p. 565): “que se llama el Rey Blanco”.

se for uma menina, elas a criam com grande dignidade, ensinando-lhe as artes da guerra¹¹¹²¹¹¹³.

Por fim, os espanhóis compreenderam, que o nativo interrogando, quis dizer que aquelas terras amazônicas eram abundantes em todas que é tipo de alimento¹¹¹⁴ e detentora de “muchas cantidad de ovejas de las grandes del Perú é muy grand riqueza de oro”¹¹¹⁵. Bens tão desejados por aqueles exploradores em busca de fortuna. A Comida farta, as “Ovelhas de Peru (alpacas, lhamas vicunhas), que eram símbolos de riqueza e poder no mundo andino”¹¹¹⁶, e o tão cobiçado ouro desejado desde o Velho Mundo.

A notícia da existência de guerreiras amazonas, na calha daquele grande rio vinha acompanhando os expedicionários desde a saída, próximo a Quito¹¹¹⁷.

Certas notícias sobre tribos indígenas onde as esposas porfiavam com os maridos na faina guerreira. Foi às beiradas daquele rio-mar, porém, e quando pela primeira vez na História um bando de espanhóis o cursou em sua maior extensão até chegar à embocadura, que elas vieram a ganhar corpo. Tendo saído de Quito em 1514, rumo ao imaginário País da Canela. Francisco Orellana e seus companheiros, antes mesmo de alcançarem o Maxifaro e a terra dos Omógua, foram avisados pelo velho cacique de que, águas abaixo, no grande rio, se achavam amazonas¹¹¹⁸.

Aqui parafraseando as palavras de Todorov, sobre Colombo e seu sistema de interpretar da realidade. Para Orellana e seus comandados, imersos naquele mundo estranho, carente de referências, a existência das amazonas foi um fio condutor de uma verdade que existiu desde o Peru. Em sua trajetória pelo grande rio, não se preocuparam em procura-las, mas sim, e simplesmente, apenas buscaram confirmar aquilo que tinham certeza, conhecer de antemão¹¹¹⁹.

Exausto pela batalha ferrenha que travaram, quando conseguiram sair do território dos vassallos das amazonas, os navegantes espanhóis deixaram se levar pela correnteza do rio, “tan cansados que no tenían fuerzas para tener los remos”¹¹²⁰.

Em certo ponto avistaram um pequeno povoado, que a seus olhos, parecia abandonado. Então alguns tripulantes, entre eles o próprio Carvajal, rogou para que o capitão permitisse que se detivessem aí para melhor descanso. Receado, Orellana demorou a atender os anseios dos

¹¹¹² CARVAJAL, 1894, p. 67.

¹¹¹³ Carvajal (1894, p. 67): “Él dijo que estas indias participan con índios en tiempos, y cuando les viene aquella gana juntan mucha copia de gente de guerra y van á dar guerra á un muy gran señor que reside y tiene su tierra junto á la destas mujeres, y por fuerza los traen á sus tierras y tienen consigo aquel tiempo que se les antoja, y después que se hallan preñadas les tornan á enviar á su tierra sin les hacer otro mal; y después, cuando viene el tiempo que han de parir, que si paren hijo le matan y le envían á sus padres, y si hija, la crían con muy gran solemnidad y la imponen en las cosas de la guerra”.

¹¹¹⁴ CARVAJAL, 1894, p. 69.

¹¹¹⁵ CARVAJAL, 1855, p. 565.

¹¹¹⁶ UGARTE, 2009, p. 325

¹¹¹⁷ CARVAJAL, 1894, p. 69.

¹¹¹⁸ HOLANDA, 2000, p. 31.

¹¹¹⁹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*; tradução Beatriz Perrone-Moisés. 5 ed. São Paulo: WFM, Martins Fontes, 2019, p. 21.

¹¹²⁰ CARVAJAL, 1894, p. 61.

tripulantes, mas por fim, acabou aceitando o pedindo para que os bergantins retornassem e atracassem naquele pequeno vilarejo¹¹²¹.

Bem verdade, o vilarejo não estava abandonado, mas seus moradores, sabendo da presença de estranhos descendo o rio, decidiram se esconder e atocaiá-los. Prontamente os bergantins surgiram no porto, os acometeram com suas flechas. Novamente os espanhóis foram alvo de saraivadas de flechas vindas da margem do rio, os danos não foram maiores entre os tripulantes, graças a utilização dos pavês, os grandes escudos de couro de peixe-boi que trouxeram de Machifaro, que os protegeu no momento oportuno da chuva de setas. Todas as flechas foram contidas, exceto uma que terminou atingido um dos olhos de Frei Carvajal, fato este registrado por ele próprio¹¹²²: “no hirieron sino á mí, que me permitió Nuestro Señor, por mis defectos, que me dieron un flechaço sobre un ojo, que me passo la cabeça é sobró la flecha dos dedos de la otra parte detrás de la oreja”¹¹²³.

Os tripulantes do bergantim menor, que já haviam começado a desembarcar, quando do ataque, se apresaram e subir novamente na embarcação. Os que não conseguiram embarcar, foram resgatados pelo bergantim maior, comandado por Orellana. Todos embarcados, imediatamente o capitão ordenou que deixassem aquele lugar, para não sofrerem maiores danos¹¹²⁴.

Seguindo o rio pela sua margem direita, observaram muitas comunidades bem próximas uma da outra¹¹²⁵. Contemplando a paisagem ribeirinha, o frei caolho, teve a percepção, que a terra que flanqueava aqueles povoados, que pareciam savana, seriam férteis, pois se assemelhariam as boas terras aráveis de sua Espanha¹¹²⁶.

É uma terra temperada, onde [se plantando] muito trigo e frutos serão colhidos. Além do mais, está preparada para criação de gado, pois possui muitas ervas, como em nossa Espanha, como orégano, cardo coloridos e listrados [planta semelhante a alcachofras] e muitas outras boas ervas. As matas desta terra são de [árvores] azinheiras e sobreiros carregadas de belotas [seus frutos], aos nossos olhos, qual um bosque de carvalho. O terreno é alto, formado de colinas cobertas de savana, mas a grama não passa dos joelhos; e existe ali, muita caça de todos os tipos¹¹²⁷¹¹²⁸.

¹¹²¹ CARVAJAL, 1894, p. 61. / CARVAJAL, 1855, p. 563.

¹¹²² CARVAJAL, 1894, p. 61. / CARVAJAL, 1885, p. 563.

¹¹²³ CARVAJAL, 1885, p. 563.

¹¹²⁴ CARVAJAL, 1894, p. 62. / CARVAJAL, 1885, p. 564.

¹¹²⁵ Carvajal (1894, p. 62): “Porque no distaba un pueblo de otro distancia de media légua y menos”.

¹¹²⁶ Idem, p. 62.

¹¹²⁷ CARVAJAL, 1894, p. 63.

¹¹²⁸ Em Carvajal (1894, p. 63): “Es tierra templada, á donde se cogerá mucho trigo y se darán todos frutales: demás desto es aparejada para criar todo ganado, porque en ella hay muchas yerbas como en nuestra España, como es orégano y cardos de unos pintados y á rayas y otras muchas yerbas muy buenas; los montes desta tierra son encinales y alcornoques que llevan bellotas, porque nosotros las vimos, y robledales; la tierra es alta y hace lomas, todas de sábanas, la yerba no más alta de fasta la rodilla y hay mucha caza de todos gêneros”.

Neste trecho de sua crônica, Carvajal, descreve parte da paisagem existente em região de várzea, possivelmente, próximo à foz do rio Tapajós¹¹²⁹. De seu lugar de observador, navegando não tão próximo da margem por medo de ataques, O frei busca classificar e nomear a vegetação, equivalendo-se, novamente, da similaridade com seu mundo. Não sabendo seu nome, e considerando a semelhança, denominou algumas plantas amazônicas, de orégano, de alcachofras, dos carvalhos, azinheiro e sobreiros, títulos estes de vegetais existentes na região do mediterrâneo, e que não ocorriam nesta parte do Novo Mundo. Assim “Fica extremamente difícil associarmos quaisquer das inúmeras variedades de ervas, arbustos e árvores da flora amazônica aos espécimes que o dominicano”¹¹³⁰ assemelhou.

No dia 25 de junho, cursando em meio rio, depararam com um conjunto de ilhas. Credo estarem despovoados, decidiram singrar por entre elas, mas no meio do caminho, descobriram que somente as ilhas iniciais não estavam povoadas, pois mais para dentro, as maiores, estavam densamente povoadas. E com a percepção da presença de forasteiros, foi dado o alarde nas comunidades, saíram de seus portos, mais de 200 canoas grandes cheias de populares¹¹³¹, Carvajal estipulou entre 20 a 40 indígenas por embarcação¹¹³², que em animosidade, pareciam vir com o propósito de enxotar-los de seu arquipélago¹¹³³. O que, acabou por acontecer, Orellana ordenou a retirada, o mais depressa possível, para evitar o desgaste da tripulação em mais uma provável batalha.

Nesta noite, já afastados do insulados, os castelhanos descansaram em uma pastagem marginal que possuíam algumas árvores que serviram para atracar os bergantins. Ao amanhecer, preocupados com possíveis assédios, pois a região em que se encontravam era em terreno aberto, decidiram levantar o arraial e continuar a viagem.

Não percorreram grande distância quando avistaram um grande vale, possuidor de muitos povoados à margem, os nautas, imediatamente observaram, também, que uma grande quantidade de pirogas se direcionava para os bergantins. Com um aspecto ameaçador, com o corpo todos tingido de cor negra, os tripulantes das canoas, gritavam ao mesmo tempo em que deixavam suas armas à mostra dos espanhóis. Percebendo que se tratava de uma comarca muito povoada, Orellana achou por bem não dar luta a estes guerreiros, e afastar seus bergantins daquele lugar.

¹¹²⁹MEDINA, 1894, p. 150.

¹¹³⁰UGARTE, 2009, p. 265.

¹¹³¹CARVAJAL, 1894, p. 64. / CARVAJAL, 1855, p. 564.

¹¹³²CARVAJAL, 1894, p. 64.

¹¹³³CARVAJAL, 1855, p. 564.

Destes guerreiros os espanhóis, além de se admirarem por estes terem o corpo todo pintado de negro, não puderam deixar de notar também seu imponente porte. Eram indivíduos com uma média de altura bem maior que todos os outros habitantes encontrados até ali. Maiores até que os próprios castelhanos, Carvajal os comparou aos alemães¹¹³⁴, ditos como os homens mais altos e corpulentos da Europa, em seu tempo.

Curioso, com este povo tão vistoso, Orellana mandou buscar o cativo que trouxera desde o país das amazonas, para inquiri-lo sobre que eram aqueles homens e a quem serviam. O que conseguiu obter de resposta de seu do detido, Carvajal transcreveu assim em sua crônica:

El Capitán preguntó al indio ya dicho cúa era aquella tierra y que quién la sujetaba y dijo que aquella tierra y poblaciones que se parecían, con otras muchas que no víamos, eran de un señor muy grande que había nombre Arripuna, el cual señoreaba mucha tierra, que el río arriba y de traviesa tenía ochenta jornadas que había fasta una laguna que estaba á la parte del norte, la cual está muy poblada, y que la señorea otro señor que se llama Tinamostón; pero dice que éste es muy gran guerrero y que comen carne humana¹¹³⁵.

Após este quase entrevero, os expedicionários decidiram navegar pelo rio, e evitar fazer porto o máximo de tempo possível, para evitar o desgaste de serem acometidos. Passaram então dois dias singrando pela água sem terra tocar, apenas admirando paisagem da terra que, a seus aos olhos, parecia ser afortunada de gente e sustento.

Depois deste período, com a necessidade de atracar em algum porto, principalmente devido ao término da matalotagem, escolheram um pequeno povoado, na esperança de não haver necessidade de embate. Aportaram então neste vilarejo, e como haviam previsto, com facilidade o tomaram, mas para eles infelizmente o povoado tinha quase nenhuma comida¹¹³⁶.

Mas não demorou muito para se depararem com outro povoado maior, em este diferente do menor, os invasores encontraram maior resistência. Travou-se ali uma peleja que perdurou por meia hora¹¹³⁷. Desta batalha os espanhóis não saíram ilesos, antes mesmo de desembarcarem do bergantins, um dos tripulantes¹¹³⁸ foi mortalmente ferido por uma flecha envenenada, lançamento por um dos defensores do local.

Y en el momento que le dio, sintió mucho dolor, é se conosció que estaba herido de muerte, é se confesso é ordenó su ánima. Fué cosa de mucha lástima verle; porque se le paró el pié en que fué herido muy negro, é fué subiendo la ponçoña por la pierna arriba, como cosa viva, [...]se vido claramente que la flecha traia hierba ponçoñosíssima¹¹³⁹.

¹¹³⁴ CARVAJAL, 1894, p. 70. / CARVAJAL, 1855, p. 566.

¹¹³⁵ CARVAJAL, 1894, p. 70

¹¹³⁶ CARVAJAL, 1894, p. 71. / CARVAJAL, 1855, p. 566.

¹¹³⁷ CARVAJAL, 1894, p. 71.

¹¹³⁸ Em Carvajal (1894, p. 71): "Se llamaba Antonio de Carranza, natural de Burgos". /Carvajal (1855, p. 566): "Este compañero se llamaba Antonio de Carranza".

¹¹³⁹ CARVAJAL, 1855, p. 566.

O moribundo, agonizou pelo período de um dia, até que não resistido mais aos efeitos do veneno, acabou por falecer, entregando a *ánima á Dios*¹¹⁴⁰. E assim, desta maneira trágica, os expedicionários descobriram que os moradores, daquela região, manipulavam ervas venenosas. Esta notícia fez com que os espanhóis, a partir desta ponte, ficassem ainda mais cautelosos e atento quando das práticas de incursão.

Trataram de sair o mais depressa possível daquele lugar, para a matalotagem, encontraram apenas um pouco de milho, muito pouco para o que desejavam obter depois daquela renhida batalha¹¹⁴¹.

Saindo deste povoado, navegaram até o anoitecer, buscando um lugar para atracar, encostaram à margem de uma pastagem próximo a um conjunto de árvores que se localizava na confluência desde com outro rio¹¹⁴². Por acharem se tratar de lugar seguro, passaram neste lugar um dia e meio, neste interim reforçaram a proteção dos bergantins para se protegerem das flechas envenenadas, para isso, nas laterais das embarcações, elevaram seu corrimão utilizando o tronco de madeiras na horizontal e o cobriram com as mantas de lã e algodão que traziam com eles, para amortecer o impacto das flechas. De maneira que ao término, a estrutura ficou a altura do peito de um homem¹¹⁴³.

Ao término deste período, começaram a aparecer algumas pirogas, sendo que seu número foi aumentado ao longo do dia. Vinham, evitando se aproximar, permaneciam ao longo do esteiro do rio somente observavam. Para os espanhóis, aquela atitude, de impressão de se tratar de grupos que vinham com objetivo apenas de se inteirar do poderio militar castelhano. Receosos então, os expedicionários decidiram continuar a viagem, mas antes, porém, dispararam um tiro de arcabuz para afugentar os curiosos, que neste momento já eram muito mais¹¹⁴⁴. Navegaram até o início do entardecer, como não encontraram porto, decidiram atracar suas embarcações nos troncos das árvores da beirada do rio. Deste ponto em diante, aperceberam-se do movimento da maré, o que os alegrou, por saberem que estavam próximos do mar¹¹⁴⁵.

Descansados, pela manhã desamarraram seus bergantins e continuaram a navegar rio abaixo, agora mais esperançosos. Mas foi somente deixarem aquele lugar que foram cercados por um esquadrão de pirogas, que os estavam esperando em tocaia. Com os espanhóis desprevenidos, a batalha que se seguiu foi virulenta, com, nas palavras de Carvajal, os

¹¹⁴⁰ CARVAJAL, 1894, p. 71.

¹¹⁴¹ Idem, p. 71.

¹¹⁴² CARVAJAL, 1894, p. 71. / CARVAJAL, 1855, p. 566.

¹¹⁴³ CARVAJAL, 1855, p. 566.

¹¹⁴⁴ Idem, p. 566.

¹¹⁴⁵ CARVAJAL, 1894, p. 72. / CARVAJAL, 1855, p. 567.

tripulantes das canoas, parecendo “*perros encarnizados*”¹¹⁴⁶ e se não fora, novamente, o poderio das bestas e dos arcabuzes, possivelmente os espanhóis não teriam escapado com vida desta vez¹¹⁴⁷.

El un tiro fué tal que dió á çiertos indios, y ellos se desconçertaron de forma que la canoa se trastornó é se anegó, y ellos andaban nadando por el agua bien doce ó treçe indios que la desampararon, é no los podian favorecer sus amigos de las otras canoas, que ya huian por el estrago que los arcabuzes haçian en ellos, aunque estaban léxos. El otro tiro hiço un compañero vizcayno, del qual derribó otros dos indios. Fué aquesta batalla cosa mucho de ver; porque andaban los bergantines trás los indios que nadaban, é tiraban con las ballestas é á otros herian con lanças, de manera que ninguno de aquellos quedó sin ser muerto á mano de los españoles ó anegado, de los ques dicho que salieron de la canoa que se trastornó¹¹⁴⁸

Os espanhóis não saíram ilesos, mas graças a sua superioridade bélica, sofrera apenas uma baixa, falecera um marujo¹¹⁴⁹, estava também ferido acometido por uma flecha de ponta untada em peçonha¹¹⁵⁰. Assim Carvajal descreveu sua agonia: “La flecha vênia de léxos, le entró la punta de la flecha tan poco en el muslo, quella mesma se cayó luego que le hirió; mas era tan péssima la hierba que traia, que á cabo de veynte é quatro horas perdío la vida. Este compañero se deçia Garçia de Soria”¹¹⁵¹.

O combate perdurou desde o amanhecer do dia até as dez da manhã, neste período pereceu, aos espanhóis, que o número de guerreiros e pirogas vindos a seu encontro, só fazia aumentar. Então, Orelhana ordenou para que os bergantins, avançassem pelo rio, para fugir daqueles obstinados combatentes¹¹⁵². Sobre um morro, localizado a margem do rio, havia muitos moradores, que acompanhavam o embate, quando se deram conta que os barcos estrangeiros estavam se evadindo, alegraram-se, saltando e dançando comemorando a expulsão dos invasores¹¹⁵³. Carvajal registrou que aquelas eram de uma liderança, o senhor de nome Nurandaluguaburabara¹¹⁵⁴.

Os espanhóis então continuaram seu destino, buscando saída para o mar, que entendiam não estava longe dali. As paisagens da margem do rio, continuavam a causar a impressão de estarem navegantes por uma terra afortunada. Admiravam principalmente sua savana com sua retidão do terreno sem aclives e a quantidade de povos nela existentes¹¹⁵⁵.

¹¹⁴⁶ CARVAJAL, 1894, p. 72.

¹¹⁴⁷ CARVAJAL, 1855, p. 566.

¹¹⁴⁸ CARVAJAL, 1855, p. 567.

¹¹⁴⁹ Nas palavras de Carvajal (1894, p. 73): “Nos mataron otro compallero llamado García de Soria, natural de Logroño”.

¹¹⁵⁰ CARVAJAL, 1894, p. 73.

¹¹⁵¹ CARVAJAL, 1855, p. 567.

¹¹⁵² CARVAJAL, 1894, p. 74.

¹¹⁵³ CARVAJAL, 1855, p. 566.

¹¹⁵⁴ Carvajal (1894, p. 74.): “Estábamos en tierra muy poblada y de un señor que se llamaba Nurandaluguaburabara (o Ichipayo)”.

¹¹⁵⁵ CARVAJAL, 1855, p. 568.

Exausto, o capitão ordenou então que encostassem em um barranco, na beirada do rio. Ali descansaram por dois dias¹¹⁵⁶. Na manhã seguinte, Orellana decidiu enviar um grupo de reconhecimento para que averiguassem as condições do lugar, já que parecia se tratar de um território bem disposto, para não possuir ninguém morando nele. Realizada a tarefa, o grupo retornou e relatou ao Capitão o que encontraram. Lhe passaram que encontraram muitos caminhos que pareciam ser bastante utilizados, também disseram que encontraram um vilarejo abandonado todo queimado¹¹⁵⁷.

Recuperadas as suas energias, o grupo voltou para o rio e reiniciou sua navegação, a partir daí eles começaram, mais a frente perceberam que estavam deixando aquela paisagem de savanas para trás, o cenário ao seu redor ia se modificando, agora a sua frente um emaranhado de ilhas se fazia a amostra¹¹⁵⁸, o que não mudou no panorama, observado pelos espanhóis, fora que continuaram a avistar muitas comunidades por onde perpassavam¹¹⁵⁹.

3.25. EMARANHADO MARAJOARA

Famintos, os espanhóis foram atravessando aquele arquipélago, navegando entre as ilhas, atrás de encontrar algum povoado que, apresentasse para eles, menor risco de entrevero¹¹⁶⁰. Foi em uma desta localidades que os expedicionários, depois de afugentarem os moradores, descobriram fazer parte do cardápio dos ilhéus, a carne humana:

Os índios deste povo são caribes [canibais], comedores de carne humana, porque a carne que encontraram, assada em *barbacoas* ou *parrillas* (grelhas de madeira), que os índios tinham para comer, reconheceu-se, era claramente carne humana, havendo, entre outros pedaços [de carne], alguns pés e mãos de homens¹¹⁶¹¹¹⁶².

Não se demorando neste local, os castelhanos continuaram a avançar, flanqueando pelas ilhas. Em outro povoado, se surpreenderam, ao encontrar, dois arquétipos de bergantins, em

¹¹⁵⁶ CARVAJAL, 1894, p. 74. / CARVAJAL, 1855, p. 568.

¹¹⁵⁷ Carvajal (1855, p. 568): "Dixo el índio lengua que los indios de la tierra adentro lo avian hecho[queimado]"

¹¹⁵⁸ Carvajal (1894, p. 76): "Aun ciento [léguas] más, sube la marea con mucha fúria". Provavelmente está se referindo ao fenômeno da Pororoca, na foz do Rio Amazonas.

¹¹⁵⁹ CARVAJAL, 1894, p. 75. / CARVAJAL, 1855, p. 568.

¹¹⁶⁰ CARVAJAL, 1894, p. 75.

¹¹⁶¹ CARVAJAL, 1855, p. 568.

¹¹⁶² Carvajal (1855, p. 568): "Los indios destes pueblos son caribes é comen carne humana, porque se halló en ellos carne assada en barbacoas ó parrillas que los indios la tenían para comer, é conoscióse claramente ser carne de hombre, porque avia entre otros pedaços della algunos pies é manos de hombre"

tamanho natural, talhados pelos locais à maneira muito semelhante dos originais¹¹⁶³. O que lhes deu mais esperança de estarem já próximos a alguma vila castelhana. Mas não foi somente digno de registro e admiração, pelo Frei Carvajal, aqueles bergantins esculpidos, chamara também muita sua atenção do missionário a louça produzida e utilizada pelas comunidades locais, a quais as comparou as melhores do Velho Mundo:

Faz muito bem aos olhos as pinturas que todos os índios desde rio fazem nas vasilhas que têm, a seu serviço, tanto os de barro como as de madeira, e nas cuidas com que bebem, assim como, os lindos adornos franzidos nos extremos e figuras bem compassados, ordenadas, como deve ser vista na boa arte. Eles as colorem de forma muito harmoniosa e são muito boas e finas, cada uma a sua maneira e utilidade. Fazem e formam bustos de pedaços de argila a maneira romana. Para além, vimos muitas vasilhas, tigelas, taças, vasos, e jarras tão altas como altura de um homem, que podem conter trinta, quarenta e cinquenta arrobas, muito bonitas e feitas de argilas com esmero. Por fim, por seus trabalhos manuais, mostram que são pessoas sutis e de bom gênio, e as peças que produzem poderiam muito bem estar entre as mais primorosas feitos pelos melhores artífices desta arte na Europa, e em qualquer lugar que forem vistos¹¹⁶⁴¹¹⁶⁵.

Perpassando desta comunidade, se direcionaram para outro porto de um outro povoado, que pressuporão, tinha bastante mantimentos, para poder continuar a viagem. Quando se aproximaram da margem perceberam que não ia ser tão fácil tomar aquela comunidade. Ocorreu então que o bergantim maior, pegou a dianteira e conseguiu fazer porto, depois, na sequência, a embarcação menor tentou realizar a mesma manobra pelo flanco, mas, quando se estavam se aproximando da margem do rio, deram com o casco em um tronco de árvore caído, que estava submerso, graças a maré. A colisão foi tamanha que danificou uma das tábuas e o pequeno bergantim fez-se inundar¹¹⁶⁶.

Esta foi uma das situações mais difíceis que os castelhanos passaram, enquanto viam um de seus bergantins indo a pique ao mesmo tempo que estavam sendo rechaçados pelos ilhéus. No meio da peleja, alguns marinheiros conseguiram saltar em terra, avançando pelo povoado, conseguiram afugentar os moradores, confiantes, decidiram então tratar de encontrar alguns alimentos deixado no local. Os moradores como eram muitos e perceberam que os estrangeiros eram em bem menor número, reiniciaram um contra-ataque, que fez com que todos aqueles espanhóis, que já se encontravam na comunidade, retornassem em fuga, para o porto

¹¹⁶³ Idem, p. 569.

¹¹⁶⁴ Idem, p. 569.

¹¹⁶⁵ Carvajal (1855, p. 569): "Es cosa mucho de ver las pinturas que todos los indios deste rio hacen en las en las vassijas que tienen para su servicio, assi de barro como de palo, y en los calabacos con que beben, assi de extremados é lindos follages é figuras bien compassadas, como en el buen arte é orden que conviene aver en ellas; é ponen colores é assiéntanos mucho bien, é son muy buenas é finas, cada una en su especie é manera. Hagen é forman bultos de barro de relieve, de obra romana; é assi vimos muchas vassijas, como bernegales é taças é otros vassos, é tinaxas tan altas como un hombre, que pueden caber treynta é quarenta é cinquenta arrobas, muy hermosas é de muy exgelente de barro. Finalmente, todas sus obras de manos muestran ques gente muy sotíl e de buen ingenio, é las cosas que haçen parecerian muy bien entre los muy esmerados oficiales de tal arte en Europa, é adondo quier que las vean".

¹¹⁶⁶ CARVAJAL, 1894, p.76. / CARVAJAL, 1855, p. 569.

onde se encontrava o restante da tripulação que tentava recuperar a nau que ficara com parte de sua proa fora d'água. Com a situação periclitante para os espanhóis, Orellana buscou reorganizar seu arraial, e dividiu o grupo em dois, um ficou responsável por defender o perímetro do assédio dos ilhéus, enquanto o outro ficara com a tarefa de recuperar os bergantins¹¹⁶⁷. Para Carvajal, se deu quase um milagre, pois conseguiram a partir daí, conter os moradores e recuperaram o bergantim que se tinha inundado¹¹⁶⁸. Como último ato, conseguiram também saquear algum alimento, principalmente milho, vinho¹¹⁶⁹(chicha), uma pequena quantidade de sal, entre outro¹¹⁷⁰. Saídos desde arraial, foram se recolher em um matagal a beira do rio, onde amarraram seus bergantins nos caules das árvores. Por acharem aquele lugar mais seguro, decidiram pela manhã recomençar os reparos do pequeno bergantim, tarefa que terminou somente depois de dezoito dias¹¹⁷¹. Neste interim se alimentaram somente do milho que haviam confiscado da comunidade passada¹¹⁷².

Alimentando-se apenas do escasso milho de sua matalotagem, os espanhóis, passaram por muitas privações, neste período. A escassez, só foi diminuída, por alguns dias, graças nas palavras de Frei Carvajal a *dispusición de Dios*¹¹⁷³, aparecimento, trazida pela correnteza do rio, em um fim de um dia, uma anta morta. Animal tão grande que o compararam ao tamanho de uma mula¹¹⁷⁴. Vendo o jantar passar pelo rio, imediatamente Orellana, ordenou que alguns marinheiros, pegassem uma canoa, para retirar do rio aquela *vaca*¹¹⁷⁵.

Trazida à beira, para alegria de todos, constataram que o animal havia acabado de falecer, já que seu corpo ainda estava cálido e não possuía nenhum tipo de ferimento¹¹⁷⁶, o que foi mais um motivo de todos acreditarem que aquele alimento, tinham sido uma provisão divina¹¹⁷⁷. A anta foi então esartejada e sua carne foi dividida entre todos, “de manera que á cada uno le alcançó buena parte, con que resçibieron socorro los dolientes é substentaçion los demás”¹¹⁷⁸, de modo que se alimentaram com sua carne por cinco ou seis dias o que foi de muito alento para todos¹¹⁷⁹.

¹¹⁶⁷ CARVAJAL, 1894, p. 77. / CARVAJAL, 1855, p. 569.

¹¹⁶⁸ CARVAJAL, 1855, p. 569.

¹¹⁶⁹ CARVAJAL, 1894, p. 78.

¹¹⁷⁰ CARVAJAL, 1855, p. 569.

¹¹⁷¹ CARVAJAL, 1855, p. 569. / CARVAJAL, 1894, p. 78.

¹¹⁷² CARVAJAL, 1894, p. 78.

¹¹⁷³ CARVAJAL, 1855, p. 570.

¹¹⁷⁴ CARVAJAL, 1894, p. 78.

¹¹⁷⁵ CARVAJAL, 1855, p. 570.

¹¹⁷⁶ CARVAJAL, 1894, p. 78.

¹¹⁷⁷ Ugarte (2009, p. 328): “Carvajal não teve a menor dúvida em apresentar o aparecimento do animal morto como uma intervenção divina explícita em favor dos espanhóis”

¹¹⁷⁸ CARVAJAL, 1855, p. 570.

¹¹⁷⁹ CARVAJAL, 1894, p. 78.

3.26. TAPIR

A anta (*Tapirus terrestris*), também chamada de tapir, tapira, tapiretê, tapirussú é o maior mamífero terrestre sul-americano. Chegando a ter dois metros de comprimento¹¹⁸⁰. A denominação Anta foi tomada, pelos ibéricos dos árabes e “designa uma outra espécie nativa do sudeste da Ásia, conhecida desde antes da descoberta do Novo Mundo”¹¹⁸¹. Tapir, tapiraçu e tapiretê são as outras principais denominação utilizada para este animal, mas estas são de origem Tupi, e querem dizer respectivamente, vaca, grande vaca e vaca verdadeira¹¹⁸².

O tapir, tapira, anta, era o animal de maior porte e serviu de padrão comparativo na época da colonização. O boi era apenas uma "anta estrangeira", tapiraço baiguara, alvo de caça teimosa. O burro, posterior, foi saboreado porque tinha gosto de anta. O cavalo entrou no menu¹¹⁸³.

Este animal quando da chegada dos europeus, as terras tropicais sul-americanas, estava presente em toda zona de mata, Gandavo (1576) assim retrata os aspectos desde grande mamífero:

Também há uns animais na terra, a que chamam anta, que são de feição de mulas, mas não tão grandes, e têm o focinho mais delgado e um beiço comprido à maneira de trompa. As orelhas são redondas e o rabo não muito comprido; e são cinzentas pelo corpo e brancas pela barriga¹¹⁸⁴.

O franciscano Thevet, que esteve na Costa brasileira, na metade do século XVI, em seu livro *As Singularidades da França Antártica* (1577), descreve-o procurando suas semelhanças com outros ruminantes europeus:

A fera do tamanho de um grande asno, de collo todavia mais grosso, cabeça qual a de um touro novo, dentes afiados e agudos. Mas não é perigosa, pois, quando perseguida, a sua unica resistencia é a fuga para qualquer lugar onde possa esconder-se. Corre mais rapidamente que o veado. O tapir só tem um rabinho de nada, do comprimento de três ou quatro dedos, liso como o da cutia (desses bichos sem rabo existem, aliás, innumeros na America). O pé é angulado, com um dos dedos mais desenvolvido, tanto para a frente como para trás. O pello avermelhado, à semelhança do de algumas das nossas mulas ou vaccas, donde chamarem os colonos americanos a esses animaes de vaccas. O tapir não é, realmente, muito diferente da vacca, a não ser quanto à falta de chifres; julgo mesmo que elle participa tanto do asno quanto da vacca, pois não existem animaes que, sendo de diferentes espécies, se pareçam tanto¹¹⁸⁵

¹¹⁸⁰ CASCUDO, 2011, p. 149.

¹¹⁸¹ HUE, 2008, p. 107.

¹¹⁸² Idem, p. 149.

¹¹⁸³ CASCUDO, 2011, p. 149.

¹¹⁸⁴ GANDAVO, 2008, p. 96.

¹¹⁸⁵ THEVET, André. *Singularidades da França Antartica*; tradução: Estevão Pinto. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944, p. 301.

Trinta anos depois de Thevet, Sousa (1587) também a descreveu apresentando alguns de seus hábitos:

A anta que os índios chamam tapirusu, por ser a maior alimária que esta terra cria; as quais são pardas, com o cabelo assentado, do tamanho de uma mula, mas mais baixas das pernas; e têm as unhas fendidas como vaca, e o rabo muito curto, sem mais cabelo que nas ancas; e têm o focinho como mula, e o beijo de cima mais comprido que o de baixo, em que têm muita força. [...] comem frutas silvestres e ervas; e parem uma só criança; e enquanto são pequenas são raiadas de preto e amarelo tostado ao comprido do corpo, e são muito formosas; mas, depois de grandes, tornam-se pardas; e enquanto os filhotes não andam, estão os machos por eles e enquanto a fêmea vai buscar de come. Matam-nas em fojos, em que caem, às flechadas. A carne é muito gostosa, como a de vaca, mas não tem sebo; e quer-se bem cozida, porque é dura¹¹⁸⁶.

Léry, ao descreve-la, chamou a atenção também, assim como de Gandavo, das porções de semelhança desde animal com a vaca e os anos, parecendo o tapir, ser uma simbiose destes dois:

Tapirussú de pelo avermelhado e assaz comprido, do tamanho mais ou menos de uma vaca, mas sem cifres, com pescoço mais curto e orelhas mais longas e pendentes, pernas mais finas e pé inteiriço com forma de casco de asno. Pode-se dizer que, participando de um e outro animal, é semivaca e semi-asno. Difere, entretanto, de ambos pela cauda, que é muito curta (há aqui na América inúmeras alimárias sem cauda), pelos dentes que são cortantes e aguçados; não eentretanto animal perigoso, pois só se defende fugindo. Os selvagens os mata a flechadas como fazem a muitos outros ou apanham com armadilhas astuciosas¹¹⁸⁷

Sobre o sabor de sua carne, todos que a provaram, são da opinião, de ser muito semelhante a carne de rês¹¹⁸⁸. Para Oviedo, apesar de se aparentarem no sabor, a carne da anta, ainda levava uma vantagem em relação a de boi, a sua macies¹¹⁸⁹. Léry também destaca esta similaridade entre as carnes e descreve como era feita o seu preparadas, à forma de moqueado, entre os tupinambás:

A carne do tapirussú tem quase o mesmo gosto da do boi; os selvagens a preparam à sua moda, moqueando-a. Consiste esse sistema, que pretendo desde já escrever, para que não fique suspenso à curiosidade do leitor, no seguinte: os americanos enterram profundamente no chão quatro forquilhas de pau, enquadradas a distância de três pés e a altura de dois pés e meio, sobre elas assentam varas com uma polegada ou dois dedos de distância uma da outra, formando uma grelha de madeira a que chamam boucan. Têm-no todos em suas casas e nele colocam a carne cortada em pedaços, acendem o fogo lento por baixo, com lenha seca que não faça muita fumaça, voltando a carne e revirando de quarto em quarto de hora até que esteja bem assada. Como não salgam suas viandas para guardá-las, como nós fazemos, esse é o único meio de conservá-las¹¹⁹⁰.

¹¹⁸⁶ SOUSA, 2010, p. 236.

¹¹⁸⁷ LÉRY, 2007, p. 135.

¹¹⁸⁸ PIGAFETTA, 2019, p. 53. / LÉRY, 2007, p. 136. / THEVET, 1944, p. 231. / SOUSA, 2010, p. 236. / OVIEDO, 1851, p. 405.

¹¹⁸⁹ OVIEDO, 1851, p. 405.

¹¹⁹⁰ LÉRY, 2007, p. 136.

Assim, como os bovinos, a anta, tapir, não era apenas ambicionada pela carne, havia também o interesse pelo seu couro, seu valor se dava, como Carvajal relatou em sua crônica, pelo uso deste importante material na confecção de pavês, imensos escudos de proteção. O frei francês Thevet assim descreve a rigidez desta arma de defesa:

Peça do armamento é o escudo, que usam os índios na guerra. É muito comprido e feito de pelles de um animal, cuja côr é igual à das vaccas, todavia diverso no tamanho. Esses escudos são tão fortes e solidos quanto os barceloneses, de modo que resistem a um tiro de arcabuz, e, conseqüentemente, a armas menos poderosas¹¹⁹¹.

Entre os Tupinambas, Léry observou a maneira de como eram confeccionados, esta característica arma presente em diferentes partes do território que hoje compreende o Brasil:

Anta... este animal é muito estimado entre os indígenas por causa da pele, depois de esfolado cortam-lhe o couro do dorso e põem-no a secar, fazendo rodela do tamanho de um tampo de tonel médio, que lhe serve de escudos contra as setas inimigas na guerra. Com efeito, a pele assim seca é tão rija que não há flecha, creio, por mais violentamente lançada que possa furá-la¹¹⁹².

Antes muito presente em território nacional, era uma das principais dádivas alimentícias da terra, sua carne saborosíssima, além de sua pele, era motivo de cobiça e sinônimo de prazer nutricional para os povos nativos e os que para aqueles que para aqui migraram a partir de 1500. Uma das principais caças da mata, incluídas numa lista em que também se encontravam os porco-do-mato e o veado por Thevet¹¹⁹³, hoje a Anta, o Tapir-açu, é animal difícil de se encontrar na mata e já figura na lista de animais ameaçados de extinção.

3.27. OS HOMENS CAOLHOS

Depois dos trezes dias naquele local, perceberam que havia necessidade de encontrar uma praia para poder terminar a calafetagem dos bergantins¹¹⁹⁴. Navegaram então costeando as ilhas, fizeram porto e algumas comunidade atrás de comida, onde somente encontraram pescado¹¹⁹⁵.

¹¹⁹¹ THEVET, 1944, p. 231.

¹¹⁹² LÉRY, 2007, p. 136.

¹¹⁹³ THEVET, 1944, p. 301.

¹¹⁹⁴ CARVAJAL, 1894, p. 79.

¹¹⁹⁵ CARVAJAL, 1855, p. 570.

Eram seis de agosto de 1542, quando finalmente conseguiram encontrar uma praia que acharam propícia para seu intento. Ali além de reforçarem a calafetagem dos bergantins¹¹⁹⁶, construíram cabos e cordas de cipó, confeccionaram as velas, dos cobertores com que dormiam¹¹⁹⁷ e adaptaram mastros para içá-las, com o propósito de terem condições mínimas de poder navegar pelas águas oceânicas que se avizinhavam¹¹⁹⁸. Ali se sustentaram principalmente de mariscos, caracóis e caranguejos¹¹⁹⁹, e com pequenas porções, racionadas, de grãos de milho¹²⁰⁰.

No dia oito de agosto com os trabalhos findados, com bem pouca matalotagem, decidiram que já era ora de içar as velas e ir ao encontrar a saída daquele imenso flúmen. Navegando, continuaram a observar na paisagem muitas comunidades ribeirinhas. Em um desses povoados decidiram atracar em busca de mantimento. Desceram das embarcações encontraram apenas um pouco milho e raízes¹²⁰¹, o que deu a entender, para os castelhanos, que os moradores, se apercebendo da chegada das naus, tiveram tempo de retirar os alimentos e os levar para um lugar seguro, longe dos olhos dos nautas¹²⁰². Recolheram então todos os grãos milho e todas as raízes que encontraram, encheram seus cantis de água de beber e se preparara para navegar o mar¹²⁰³. Todos os povos localizados na foz do Amazonas, pareceram aos espanhóis, serem formada de gente *mansa*¹²⁰⁴, *doméstica*¹²⁰⁵, de *razon*¹²⁰⁶ pacífica, pois não levantaram armas aos estrangeiros, atitude esta que os castelhanos deduziram ser motivada pelo fato destas populações já terem tido algum contato com outros nauta europeus¹²⁰⁷. Esta dedução ganhou mais sentido, especialmente, porque quando navegavam acompanhando a margem da última comunidade, antes de ganhar o mar, foram interceptados por alguns comunitários em suas canoas, que se aproximaram dos bergantins, sem medo, com o intuito de realizar troca de mercadorias, de forma tão espontânea que pareceu existir uma certa regularidade nesta prática. Estes mesmos deram sinais aos navegadores castelhanos da existência de seus iguais há três dias de viagem¹²⁰⁸.

¹¹⁹⁶ CARVAJAL, 1894, p. 79. / CARVAJAL, 1855, p.570.

¹¹⁹⁷ Carvajal (1855, p. 570): “Velas de las mantas del Perú que teníamos, las cuales cada uno tiraba á sus proprios indios que venían entre nosotros”.

¹¹⁹⁸ CARVAJAL, 1894, p. 79.

¹¹⁹⁹ Para Ugarte (2009, p. 323): “pequenos moluscos que chamaram genericamente de caracóis e alguns crustáceos chamados genericamente de caranguejos”.

¹²⁰⁰ CARVAJAL, 1855, p. 570.

¹²⁰¹ Idem, p. 571.

¹²⁰² MEDINA, 1894, p. 153.

¹²⁰³ Idem, p. 79.

¹²⁰⁴ MEDINA, 1894, p. 153

¹²⁰⁵ CARVAJAL, 1894, p. 80. / CARVAJAL, 1885, p. 571.

¹²⁰⁶ CARVAJAL, 1894, p. 81.

¹²⁰⁷ Idem, p. 80.

¹²⁰⁸ CARVAJAL, 1855, p. 571.

Depois de perpassarem as últimas ilhas, em vinte quatro de agosto de mil quinhentos e quarenta e dois ¹²⁰⁹, finalmente encontraram à boca do rio, com o oceano à sua frente¹²¹⁰. Mas não avançaram tomaram ali um dia e uma noite, para poder ajustar e deixar bem firmes cabos e as velas¹²¹¹. No sábado, 26 de agosto, com o dia raiando, içaram as velas e finalmente saíram para o mar aberto¹²¹². Cada tripulante levava, em média, “un cântaro [aproximadamente 10 a 12 litros]; y unos á medio almud [aproximados 10 litros] de maíz tostado, y otros menos, y otros con raíces”¹²¹³.

Durante os quatro primeiros dias de mar, os bergantins navegaram em conserva, buscando manter sempre na vista a silhueta costeira¹²¹⁴. Mas na noite de 29 para 30 de agosto, as embarcações acabaram se separando¹²¹⁵. No bergantins em que estava Carvajal, a sensação era que tinham perdido seus companheiros para o mar¹²¹⁶.

Não tendo mais a esperança de encontrar o bergantim, Orellana e o restante dos tripulantes, decidiram continuar à procura de uma saída que os levassem para os domínios castelhanos. Não terminado o azar, perdidos, acabaram adentrando no golfo de Pária¹²¹⁷. Neste espaço de tempo, a pouca matalotagem que carregavam foi se esvaindo, estando na situação de tanta necessidade que “aquele que alcançava diez granos de mahíz tostado para comer, creia que tenia buen pasto aquel día” ¹²¹⁸. A mudança no cardápio, dava-se quando conseguiam encontrar algumas frutas pela costa, semelhantes a ameixas, que o Frei denominou de hogos¹²¹⁹.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, o bergantins conseguiu se desvencilhar do golfo e sair pela *Boca del Dragón*¹²²⁰. Navegaram, acompanhando a costa, por mais dois dias, até que, achando-se perdidos, em 11 de setembro, avistaram a ilha de Cubagua¹²²¹, e em seguida depararam-se com uma cidade¹²²², era *la ciudad de la Nueva Cádiz*¹²²³.

Quando aportaram juntos a cidade, com seus trajes em farrapos, desnutridos e famintos, foram causa de susto entre os moradores, que a princípio não os reconheceram como seus

¹²⁰⁹ Reis (1989, p. 45): “Orellana atingiu o Atlântico a 24 de agosto de 1542. De Quito à boca do rio, os destemerosos de Carlos V, tinham gasto dois anos e oito meses!”.

¹²¹⁰ CARVAJAL, 1894, p. 81. / MEDINA, 1894, p. 154.

¹²¹¹ CARVAJAL, 1855, p. 571.

¹²¹² CARVAJAL, 1894, p. 8. / CARVAJAL, 1855, p. 572. / MEDINA, 1894, p. 155.

¹²¹³ MEDINA, 1894, p. 155.

¹²¹⁴ Idem, p. 155.

¹²¹⁵ CARVAJAL, 1855, p. 572. / CARVAJAL, 1894, p. 81. / MEDINA, 1894, p. 155.

¹²¹⁶ CARVAJAL, 1894, p. 81.

¹²¹⁷ O golfo de Paria está localizado entre a parte norte da foz do rio Orinoco, o oceano atlântico e a ilha de Trinidad.

¹²¹⁸ CARVAJAL, 1885, p. 572.

¹²¹⁹ CARVAJAL, 1894, p. 82.

¹²²⁰ Estreito de água entre a Venezuela e a ilha de Trinidad e Tobago.

¹²²¹ Carvajal (1855, p. 572): “Que por otro nombre se llama la isla de las Perlas”.

¹²²² CARVAJAL, 1894, p. 82. / CARVAJAL, 1885, p.572.

¹²²³ Nueva Cádiz, foi a primeira cidade erguida pelos castelhanos no território que hoje pertence a Venezuela, provavelmente antes de 1.500. Sua origem está diretamente relacionada a vinda de aventureiros que vinham atrás de ‘pesca de pérolas’ no em torno da Ilha.

conterrâneas. Corroborou, além, para esta impressão, como ilustra Ospina, em sua obra *O país da Canela*,

A estranha coincidência de que os três primeiros que desceram do barco foram o capitão Orellana, Gálvez, o do olho murcho, e o pobre e consumido frei Gaspar de Carvajal [...] não adiantou nada que todos os outros tivessem os dois olhos em seu devido lugar: a notícia de que havia chagado um *barco de homens caolhos* se regou pela cidade, e chegou à vizinha ilha de Margarita, e muitos sentiram medo¹²²⁴.

A penúria dos Caolhos¹²²⁵, naquele dia, começou a abrandar, principalmente quando souberam que seus companheiros, do outro bergantim, haviam conseguido sobreviver ao mar e já estavam ali a dois dias¹²²⁶.

¹²²⁴ OSPINA, 2017, p. 183.

¹²²⁵ O capitão Orellana, depois de retornar a Europa, se encaminhou à corte espanhola para tentar convencer a monarquia, seus possíveis credores, da possibilidade de colonização desta parte da América, em nome da Espanha. Mas sua ideia não foi recebida com muito entusiasmo, na metrópole. Só depois bastantes idas e vindas e muita insistência, conseguiu, junto ao rei Carlos V, a autorização para formar uma expedição ao rio das Amazonas. Esta expedição se diferenciava da anterior, à comandada por Gonzalo Pizarro, por um aspecto, iria tentar explorar o rio iniciando sua navegação a partir de sua foz.

Além da permissão da corte, o monarca concedeu a Orellana, Reis (1989, p. 46), “pela mesma real-cédula de 13 de fevereiro de 1544, o título de Adelantado, Governador y Capitán-General das terras que colonizasse na Nova Andaluzia, nome porque passaram a chamar a Amazônia”. Em sua introdução a crônica de Carvajal Medina (1894, pp. 190 a 222), busca narrar o desdobramento desta segunda aventura pela Amazônia de Orellana, aqui resumida: Então foi atrás de conseguir pessoal e o material necessário para tal empreitada, encontrando muita dificuldade, demorou bastante para poder dar início a viagem. Somente em 11 de maio de 1545 suas embarcações, duas naus e duas caravela deixaram o território espanhol. A travessia do oceano foi marcada por vários contratemplos, motins, fome, doenças, mortes, assassinatos e deserções, o que fizeram a viagem demorar mais do que o esperado. E quando finalmente conseguiram chegar na foz do Amazonas, as embarcações acabaram se perdendo uma das outras, no emaranhado de ilhas. Perdido por entre a selva e a rio, a expedição se mostrou um grande fracasso. Desnorteados a maioria pereceu por ali mesmo, vítimas da fome, doenças ou ataques dos habitantes locais. Dos aproximadamente 500 tripulantes que saíram da Espanha, apenas 44 conseguiram chegar à ilha de Margarita na Venezuela, no início de dezembro de 1546. Entre os que não conseguiram se salvar da selva, estava o capitão Orellana. Possivelmente, acabou sendo mortalmente atingido por uma flecha disparadas por um habitante local, que tanto como o capitão, buscava proteger sua vida. Morto, o Capitão, fora então pelos seus, como descreve Medina, “Enterrado ao pé de uma das milenares árvores pertencentes à aquela floresta sempre verde perto à margem onde batia a correnteza do majestoso rio que havia descoberto”.

¹²²⁶ Carvajal (1885, p. 572): “llegó el bergantín pequeño llamado Sanct Pedro, sabado nueve dias del mes de septiembre, é nosotros llegamos em el bergantin mayor, nombrado la Victoria, el lunes adelante, que se contaron onze días del mesmo mes de septiembre”.

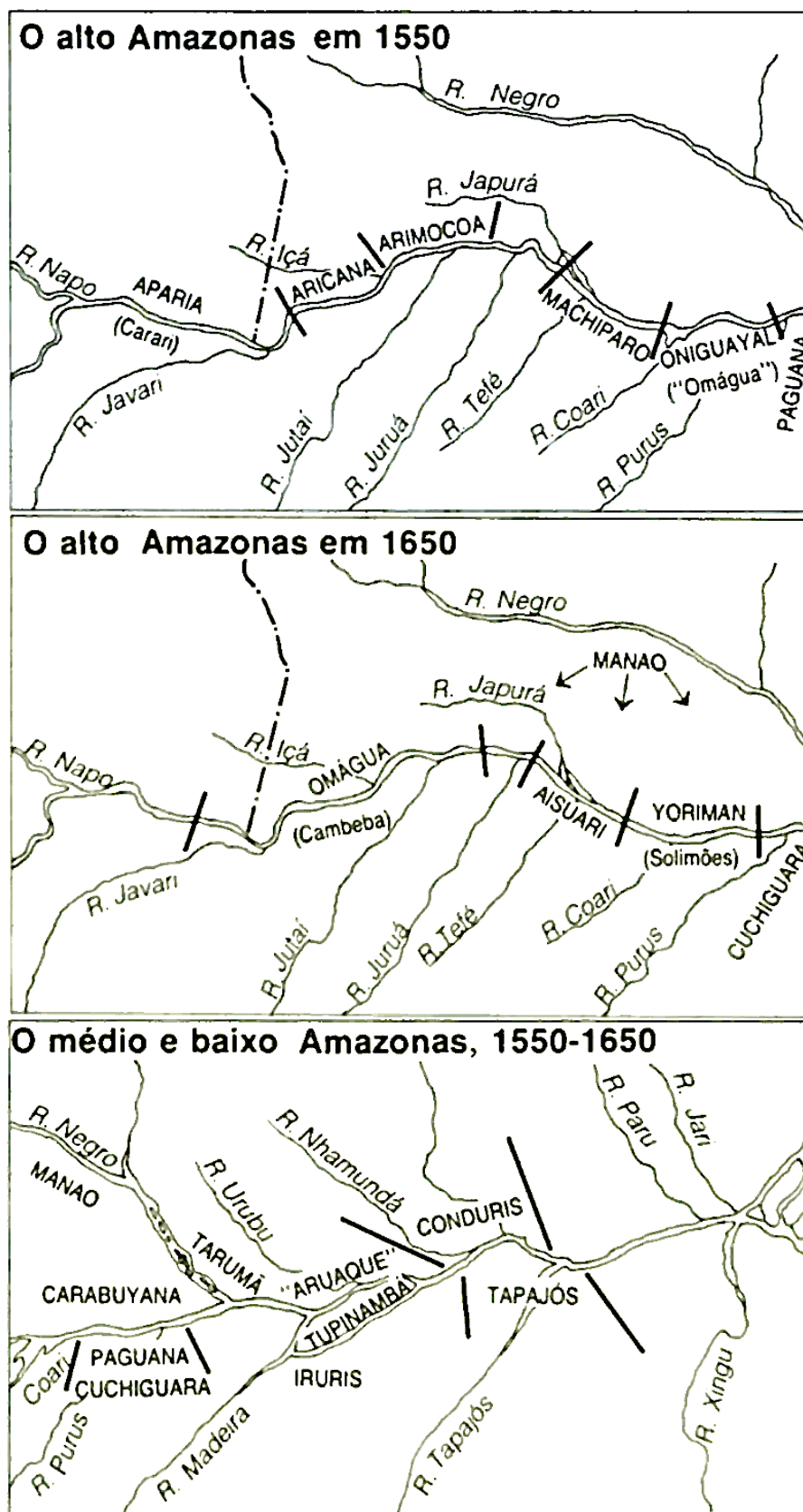


Figura 10 – *O Alto e Médio Amazonas 1550 e 1650* [map]. PORRO, Antônio. 'História Indígena do Alto e Médio Amazonas: séculos XVI a XVIII'. In *História dos Índios no Brasil*. Org. Manuela Carneiro da Cunha. — São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992. (p. 177)

4. A NAU DOS LOUCOS¹²²⁷:

EXPEDIÇÃO DE PEDRO URSÚA E LOPE DE AGUIRRE

*O perigo maior não está na selva nem no rio,
mas no choque da mente e dos hábitos e costumes com a selva e com o rio.
A solução para que cada um não enlouquecesse consistia em
fazer que a expedição inteira fosse uma loucura.*

OSPINA, 2017, p. 69

Entre os anos de 1537 a 1554 o conquistado Império Inca, passa por um estado de efervescente rebeldia entre seus conquistadores castelhanos. A disputa pelos espólios, controle político e os territórios andinos causaram uma verdadeira guerra civil entre os grupos de expedicionários, cada um tomando partido a favor dos interesses de sua liderança. A disputa pelo poder, entre os conquistadores, ficara ainda mais acirrada principalmente após morte de Francisco Pizarro, assassinado pelos apoiadores de seus desafetos em Lima no ano de 1541¹²²⁸. O ambiente de revolta vai se arrastar por vários anos, trazendo um estado de instabilidade na região e estagnação as futuras explorações de novas terras¹²²⁹. A revolta é caracterizada por diferentes etapas ao longo do tempo, com períodos de arrefecimento e outros de ebulição. O apaziguamento entre os espanhóis só irá iniciar-se a partir da captura, em batalha, do ultimo líder rebelde, Francisco Girón, que foi decapitado em fins de 1554.

No ano de 1556, chega ao Peru, Andrés de Hurtado de Mendoza, o Marques de Cañete¹²³⁰, nomeado pela coroa espanhola, como o novo vice-rei do Peru¹²³¹. Vinha com o principal objetivo de dar fim aos remanescentes rebeldes que ainda assolavam os Andes¹²³². E, nas palavras de Jos, “encontró el país en deplorable y anárquica situación”¹²³³. A sua primeira atitude como mandante, foi dar cabo dos principais líderes insurgentes que ainda estavam em liberdade ou encarcerados, assim alguns foram deportados e outros garroteados.

¹²²⁷ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: Varias faces de uma utopia*. 3. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2021 (p. 12 e 15): “O fato de a Cocanha ser uma terra imaginária, uma inversão da realidade vivida, um sonho que projeta no futuro as expectativas do presente. [...] A Nau dos Loucos indica que apenas os insensatos podem atingir aquela terra”.

¹²²⁸ ECHEVARRÍA, José Maria Moreno. *Los Maraños*. Barcelona: Ediciones Marte, 1968 (p.13): “Francisco Pizarro fue asesinado en su palacio de Lima por los almagristas, el 26 de julio de 1541”.

¹²²⁹ Baraibar (2012, p.55): “La jornada de Pedro de Orsúa hay que entenderla en el contexto de las nuevas expediciones de conquista concedidas por el virrey Diego Hurtado de Mendoza, marqués de Cañete, después de que estas hubieran sido prohibidas ya desde 1550 y antes de que la situación quedara regulada por las Ordenanzas de descubrimientos, nueva población y pacificación de las Indias de 1573”.

¹²³⁰ Baraibar (2012, p 55): “Virrey del Perú entre 1556 y 1560”.

¹²³¹ ECHEVARRÍA, José Maria Moreno. *Los Maraños*. Barcelona: Ediciones Marte, 1968, p.33.

¹²³² JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre: según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca: Talleres Gráficos Editorial V. Campo, 1927, p.61.

¹²³³ Idem, p.61.

Mas com o fim da guerra civil fratricida e a pacificação do Peru, surgiu um outro problema, “O número de desocupados no Peru, com grave perigo para a ordem pública, aumentava consideravelmente”¹²³⁴. Para, como afirma Zuñica, dar “remedio a muchos caballeros é hijosdalgo que en Pirú andaban perdidos”, considerou o Marques de Cañete, que o melhor remédio para essa situação, com o proposito de apaziguar o Peru, era ocupar estes descontentes e ociosos soldados com a organização de uma nova expedição em busca do El Dorado¹²³⁵:

Entonces tomó cuerpo el proyecto de organizar una expedición a Eldorado. Seria la mejor manera de acabar con aquella epidemia, ya endémica, de las rebeliones. Porque al solo nombre de Eldorado, acudirían los aventureros como las moscas a la miel.¹²³⁶

Para Cañete e os seus, esta empreitada em busca do El Dorado, “deveria alcançar os seguintes objetivos: canalizar o potencial guerreiro de uma parte desses soldados para beneficio do Estado; possibilitar a ascensão social dos excluídos da antiga conquista; garantir a manutenção da ordem pública”.¹²³⁷

4.1. EL DORADO Y OMAGUA



Figura 11 – *El Dorado*. Gravura de Theodore de Bry, de 1599.

¹²³⁴ REIS, 1989, p. 50.

¹²³⁵ ECHEVARRÍA, 1968, p. 34.

¹²³⁶ idem, p. 34.

¹²³⁷ UGARTE, 2009, p. 57.

A crença da existência de um terceiro império no Novo Mundo, persistia no imaginário dos exploradores ibéricos. A oportunidade de se tornarem um novo Cortez ou Pizarro, fazia com que o ímpeto desbravador deslocasse o interesse de muitos para a descoberta de novas terras e possíveis países ricos, principalmente em metais preciosos¹²³⁸. As primeiras notícias relacionadas a um soberano que untava seu corpo com óleos naturais perfumados para ser em seguida coberto de ouro em pó, o *El Dorado*, foram propagados no norte do Peru. Especulava-se que nas terras altas, hoje pertencentes ao território da República Colombiana, haveria um “Príncipe que todas las mañanas se perfumaba con cierto licor untuoso sobre el cual, le espolvoreaban oro finísimo quedando así envuelto en dorada capa”¹²³⁹.

Para a região então se dirigiram várias expedições, contudo a tentativa de encontrar o *El Dorado* em terras colombianas não surgiu efeito. A possível civilização, ao qual os indígenas se referiam em seus contos e lendas, provavelmente já havia deixado de existir a algum tempo. E o lago *Eldorado*, onde outrora o soberano se refrescava, obedecendo o ritual, não passava agora de uma modesta laguna incrustado entre as montanhas norte andinas¹²⁴⁰.

Mas a negativa constatação em solo colombiano, ao que parece, não fez com que o mito da existência de um outro império indígena dourado, perdesse o encanto e o desejo no imaginário dos ibéricos.

Buscan, en medio de las selvas, ciudades que no existen, ciudades quimericas, con paredes y cúpulas de oro, muros de plata, suelos de jaspe, escaleras de ónix y jardines de maravilla, en que las flores son topacios, amatistas, rubies, zafiros y brillantes. Se conservan los nombres de algunas de estas ciudades de ensueno que solicitaba con encarnizamiento, al traves de las mas tremendas realidades, el heroismo hipnotizado por la idea fija: a una la nombraron Manoa; a otra, Paititi; a otra, Enim. En las mesetas de los Andes se buscaba, con febril codicia, la casa del Sol. Y hablan los conquistadores, como existente, de un imperio fantástico, llamado de los Omagas, más fastuoso que el de los Incas¹²⁴¹.

Lembremos que na metade do século XVI, no ano de 1541, chegara as terras Peruana, vindos, provavelmente do litoral hoje brasileiro, um grupo de indígenas, denominados pelos espanhóis¹²⁴² *de Brasiles*¹²⁴³. A jornada do grupo havia se dado acompanhando o grande rio das

¹²³⁸ Jos (1927, p. 53): “No dudamos nosotros que los dichos prodigios, sobre todo las asombrosas conquistas hechas por Cortés y Pizarro de la confederación azteca e imperio incásico, pictóricos de oro, fueron gran parte para que las imaginaciones admitiesen la existencia de algún otro imperio inhallado”.

¹²³⁹ JOS, 1927, p. 55.

¹²⁴⁰ Laguna de Guatavita localizada hoje a uma distancia de 75 km a noroeste de Bogotá, capital da Colômbia.

¹²⁴¹ BLANCO-FOMBONA, Rufino. *Ensayos históricos*. Espanha, Biblioteca Ayacucho, 1981, p. 156.

¹²⁴² Vázquez (1979, p. 14): “con ellos dos españoles portugueses, y el uno decían que se llamaba Matheo”

¹²⁴³ Baraibar (2012, p. 85): “Almesto se refiere a una migración de indios tupí-guaraníes acompañados por dos soldados portugueses, un dato que aparece en varias de las crónicas que relatan la expedición de los marañones: Diego de Aguilar y Córdoba (El Marañón, caps. 5 y 6) y Toribio de Ortiguera (Jornada del río Marañón, cap. 2), entre otros. Ellos fueron una de las fuentes que informaron a los españoles sobre una provincia situada en el cauce del río Marañón, en la que había grandes riquezas y donde podría ubicarse el mítico Dorado: ‘contaron grandes cosas del río y de las provincias a él comarcanas, y especialmente de la provincia de Amagua, así de la muchedumbre de naturales y riqueza que en ella había, por lo cual pusieron deseo a muchas personas de las ir a ver y descubrir’ (Vázquez, Relación de todo lo que sucedió, fol. 1v). Ver al respecto Métraux, 1927, pp. 21-22; Chaumeil y Fraysse-Chaumeil, 1981, pp. 72 y ss.

Amazonas em sentido contrario da descida das águas. Estes *Brasiles* “contaram ter atravessado a província dos Omáguas, minuciando o fabuloso que viram. [Para os Espanhóis, a partir daí]. Não restava dúvida. O velocino d’ouro da antiguidade clássica estava ali, no coração da América do Sul”¹²⁴⁴.

Assim o cronista Zuñiga descreve a jornada épica daquele grupo de 300 indivíduos remanescente dos aproximadamente 12.000 que iniciaram a peregrinação pelo Rio Amazonas até o Peru.

Los indios salieron de su tierra con su cacique y señor llamado Virrazú , a fin de vivir de saltar y robar y comer indios, que la cosa que ellos mas cubdician y tienen en más, despues que una vez se ceban en comer carne humana; y asi lo hicieron y fuerún guerreando el rio arriba, fasta llegar al Pirú de donde nace. (...)De los cuales doce mill indios, no llegaron á Pirú mas que trecientos y el señor principal entrellos , y los demás murieron en el rio en guerras y en enfermedades ; los cuales fueron presos de españoles, en llegando a las Chachapoyas, y llevaron el señor dellos a la ciudad de Lima, el cual con los demás indios dijeron haber visto por el rio mejor tierra y más rica que Pirú.¹²⁴⁵

Os indígenas afirmaram, as autoridades espanholas, que em seu percurso perpassaram por uma província possuidora de grandes riquezas material.

Decían tan grandes cosas del Rio y de las provincias a él comarcanas, y especialmente de la provincia de Omagua, así de la gran muchedumbre de naturales, como de innumerables riquezas (que), pusieron deseo a muchas personas de las ver y descubrir¹²⁴⁶

A notícia da existência de uma província com um valor inestimável de riquezas na direção do oriente, em território ocupado pelo povo Omágua, logo se espalhou entre os moradores de todo o Peru. Não demorou muito para também, este imaginário território¹²⁴⁷, ser imediatamente associado ao *El Dorado*¹²⁴⁸. Imaginou-se então, ou quis-se acreditar¹²⁴⁹, que

Para o oriente, como o País da Canela, fora também dos domínios incaicos, reinava um príncipe, El Dorado, cuja riqueza não era possível medir. Os templos, os palácios, a pavimentação das ruas da cidade Manoa, onde vivia, tudo nessa região encantada se construía em ouro, ouro puro, só ouro (REIS, 1989, p. 49).

¹²⁴⁴ REIS, 1989, p. 50.

¹²⁴⁵ ZUÑIGA, 1865, p. 224.

¹²⁴⁶ VÁZQUEZ, 1979, p.14.

¹²⁴⁷ SAID, Edward W. *Orientalismo: como invenção do ocidente*; tradução Rosaura Eichenberg. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras 2007, (p. 72 e 92): “Os homens sempre dividiram o mundo em regiões que possuem diferenças reais ou imaginadas entre si”. [...] “não adianta fingir que tudo o que conhecemos sobre o tempo e espaço, ou melhor, a história e a geografia, é, mais do que qualquer outra coisa, imaginativo”.

¹²⁴⁸ BARAIBAR, 2012, p. 55.

¹²⁴⁹ Blanco-Fombona (1981, p. 157 e 158): “Creen los conquistadores que el oro esta en todas partes, aunque en todas partes oculto. [...] Aquellas imaginaciones meridionales veian lo inexistente y creian lo increíble”. [...] La geografia del medioevo conoce, en efecto, el pais de los enanos, el pais de los ciclopes, el pais de los hombres con dos pares de ojos, el pais de los hombres con una sola pierna. A esta geografia imaginifera corresponde una botanica análoga, en donde la fantasia suple a la observacion, en donde existen sátiros como en los bosques paganos, y se suponen animales con cabeza de persona, o bestias mestizas e imposibles de caballo y pájaro”.

Mas não fora somente as notícias dadas pelos remanescente indígenas *brasilis* que reanimaram a febre pelo ouro entre os exploradores espanhóis, também deve-se muito, desta vontade em explorar novamente as água dos rios da grande serpente, aos relatos instigadores de alguns dos tripulantes da expedição de Francisco Orellana¹²⁵⁰. Entre os que forneceram informações aos futuros navegantes, estão Alonso Esteban, que não somente se limitou a dar informações como também participou da empreitada. Outra fonte foi o próprio cronista da viagem de Orellana, Frei Gaspar de Carvajal, que se encontrava em La Ciudad de los Reyes, Lima¹²⁵¹, que se tornou um importante informante para aqueles que, depois de quase duas décadas, decidiram por singram novamente aquele grande rio.

Mediante o desejo de muitos espanhóis, entre os quais muitos ex-combatentes da guerra civil, o vice-rei do Peru, Don Andrés Hurtado de Mendonza, o Marquês de Cañete decidiu por em prática e viabilizar a empreitada em busca do *el Dorado y Omagua*. Da viagem, consta que além de alguns remanescentes da expedição de Orellana, também participaram alguns *Brasiles*, que já haviam sido integrados à vida no Peru. Estes serviriam como guias, ajudando principalmente no início da jornada, quanto da entrada na floresta malsã¹²⁵².

4.2. PEDRO URSÚA: ‘O APAZIGUADOR’

Com o início de organização para a empreitada até o país *d’El Dorado y Omagua*, “El marqués de Cañete había hallado un buen trabajo para los soldados desocupados”¹²⁵³. E para comandar a Jornada, Cañete escolheu, como comandante, a Pedro de Ursúa¹²⁵⁴. Este foi escolhido devido principalmente a grande fama que possuía naquele momento:

El Marquez de Canete que a la sazón era Virrey de los Reynos del Piru, teniendo entera noticia de las muchas partes y buen nombre que tenía, le nombro por general para que fuesse a descubrir, y conquistar las prouincias de Omagua y dorado por el Rio Marañon.¹²⁵⁵

¹²⁵⁰ Aguilar y Córdoba (2016, p. 442): “otros que con el capitán Orellana salieron por él a la mar del Norte, contaban grandes cosas, afirmando que, sin duda, en el Marañón se descubrirían riquísimas provincias y tierra.”

¹²⁵¹ JOS, 1927, p. 61.

¹²⁵² Idem, p. 61.

¹²⁵³ ECHEVARRÍA, 1968, p. 36.

¹²⁵⁴ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 442. / VÁZQUEZ, 1979, p. 14. / REIS, 1989, p. 50.

¹²⁵⁵ ALTAMIRANO, 1948, p. 381.

Além de escolhe-lo como comandante da expedição, Huerta de Mendoza, fê-lo ser “nomeado, antecipadamente, governador dos países de Omágua e Dourado.”¹²⁵⁶

Ursúa nasceu, no ano de 1525, em Valle de Baztán¹²⁵⁷, e pertencia a uma linhagem nobre¹²⁵⁸ de Navarra, Espanha¹²⁵⁹. Além disso, como descreve Jos, “De su vida nada sabemos hasta que llegó con el dicho Miguel Diez de Armendáriz, en 1545, a Cartagena [cidade costeira colombiana]”¹²⁶⁰. Consta que participou da pacificação dos povos Chitareros¹²⁶¹, na atual Colômbia, subjugando-os e por fim fundando uma cidade que a denominou de Pamplona¹²⁶² em homenagem a cidade homônima já existente em Navarra.

E graças a sua ação, em nome da coroa castelhana, de redução do povo Chitarero, que Pedro Ursúa, em 1556, foi requisitado, pelo vice-rei do Perú, Marqués de Cañete¹²⁶³, para apaziguar uma outra revolta, a dos escravizados Cimarrones¹²⁶⁴, que assolava a região de Nombre de Dios e Panamá¹²⁶⁵. Estes escravizados, na sua maioria negros fugidos, haviam começado um levante na América Central, se apoderando de vilas e passagens, dificultando a rota terrestre de comércio espanhol entre o Atlântico (Nombre de Dios) e o Pacífico (Ciudad de Panamá)¹²⁶⁶. Com o passar do tempo a revolta tomou ares de um movimento de ruptura com a metrópole, inclusive com a eleição de um rei, Bayano (ou Bayamo), que havia se destacado como a principal liderança dos amotinados¹²⁶⁷.

Pedro Ursúa chegou ao Panamá onde encontrou-se com o vice-rei, Marques de Cañete, que lhe deu plenos comandos para desbaratar aquele, que para ele, se tratava de uma insolente subversão¹²⁶⁸. Ursúa, com surpreendente rapidez, conseguiu conter os amotinados¹²⁶⁹. Uma das táticas utilizadas, pelo capitão de Navarra, foi buscar uma trégua com os rebelados, momento este que aproveitou para, em um dos encontros entre as partes, se apoderar dos principais líderes, entre eles o próprio Bayano. A agilidade de ‘apaziguar’ os cimarrones

¹²⁵⁶ UGARTE, 2009, p. 57.

¹²⁵⁷ Jos (1927, p.37): “en el valle de Baztan, cerca de Arizcum, nos inclina a tenerlo por natural de este último punto. Nació hacia 1525”. / Echevarría (1968, p.36): “El nuevo General y Gobernador que iría al frente de la expedición, había nacido el año 1525 en la casa solar de los Ursúa, situada junto al pueblo de Arizcum, en el valle del Baztán (Navarra)”.

¹²⁵⁸ Os Chitareros grupo indígena colombiano, hoje extintos.

¹²⁵⁹ Reis (1989, p. 50): “Sabe-se que pertencia à família Ursúa, gente nobre de Navarra”.

¹²⁶⁰ JOS, 1927, p.37.

¹²⁶¹ JOS, 1927, p.39 / REIS, 1989, p. 50.

¹²⁶² VÁZQUEZ, 1979, p.13.

¹²⁶³ ZUÑIGA, 1865, p.223.

¹²⁶⁴ Aguilar y Córdoba (2016, p. 440): “cimarrones: negros huidos”. / Em espanhol Cimarrón se denomina qualquer animal doméstico que escapa de sus amos e se adapta a vida silvestre. Na América colonial, este mesmo termo foi utilizado para se referir aos escravizados rebeldes e fugitivos. Para saber mais sobre o termo, ler a tese de Elisangela Mendes QUEIROZ. *Ao sul da fronteira cimarrón: O processo de redução dos negros do maniel de Neiba na Ilha de Española (1782-1795)*. São Paulo: USP, 2012.

¹²⁶⁵ ZUÑIGA, 1865, p.223 / ECHEVARRÍA, 1968, p.33.

¹²⁶⁶ JOS, 1927, p.41 / REIS, 1989, p. 50.

¹²⁶⁷ ECHEVARRÍA, 1968, p.33.

¹²⁶⁸ ZUÑIGA, 1865, p. 223 / JOS, 1927, p.41 / VÁZQUEZ, 1979, p.13.

¹²⁶⁹ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 441.

impressionou o vice-rey do Perú¹²⁷⁰. Esta importante vitória, na América Central, fez com que o nome de Pedro Ursúa¹²⁷¹, fosse lembrado pelo Marques de Cañete, quando da escolha de um comandante para capitanear a empreitada rumo ao país *d'El Dorado y Omagua*¹²⁷². E

En febrero de 1559 se firmaron las capitulaciones entre el virrey y don Pedro de Ursúa, en virtud de las cuales a éste se le nombraba Capitán General de la expedición y Gobernador de los territorios que se le señalaban para su descubrimiento y conquista.¹²⁷³

4.3. OS PREPARATIVOS

Em maio de 1559, O agora nomeado Capitão e futura governador das novas terras à serem descobertas, Pedro de Ursúa deixa la ciudad de los Reyes¹²⁷⁴, Lima, e toma a direção de seu destino¹²⁷⁵, a “provincia de los Motilones, que es en las montañas del Pirú, a un rio grande que por allí pasa, donde habían salido los indios brasiles”¹²⁷⁶. O acompanhavam “370 soldados, y mas de 500 piezas de seruido de indios, y negros, y carpinteros, y herreros para ir a hazer la armada en las prouincias de los Tabalosos, y Motilones, mas de 300 leguas de la ciudad de los Reyes y 100. de los Chachapoyas”.¹²⁷⁷

Seu arsenal era formado por cerca de cem arcabuzes, e a mesma quantidade aproximada de barris de pólvora e balas de chumbo. Além das ‘*pieças de seruido*’¹²⁷⁸, que serviam como ‘animais de carga’, havia aproximadamente mil cavalos¹²⁷⁹.

A notícia de uma nova expedição em direção a banda oriental dos Andes, fez com que um número grande de espanhóis¹²⁸⁰ convergissem para a região peruana próximo do rio Huallaga,

¹²⁷⁰ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 441 / ECHEVARRÍA, 1968, p.33.

¹²⁷¹ Alместo (2012, p. 57): “y esto fue la buena fama que tenía en todo el Pirú Pedro de Orsúa”.

¹²⁷² REIS, 1989, p. 50 / VÁZQUEZ, 1979, p. 14 / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 442.

¹²⁷³ ECHEVARRÍA, 1968, p. 36.

¹²⁷⁴ Baraibar (2012, p. 56): “Ciudad de los Reyes: Lima, fundada por Francisco Pizarro el 18 de enero de 1535, aunque se le dio el nombre en honor de los tres reyes magos, ya que había sido el día 6 cuando tres españoles habían salido de Pachacamac buscando el lugar”.

¹²⁷⁵ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 443.

¹²⁷⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 14.

¹²⁷⁷ ALTAMIRANO, 1948, p. 381.

¹²⁷⁸ Vázquez (1979, p. 112): “de naturales”. / Aguilar y Córdoba (2016, p. 454). “piezas de servicio: criados índios”. / Baraibar (2012, p.67): “piezas: ‘indios’; comp. Fernández de Oviedo, Historia, vol. III, p. 156: ‘Algunos destes presos envió el gobernador e los libertó para que llamasen a los indios, asegurándolos e perdonándolos e ofreciéndoles que serían bien tractados; pero no volvieron los mensajeros ni otros, e como las más piezas eran mujeres, mandolas soltar el gobernador, e amonestoles que cuando por allí tornasen los cristianos, que no huyesen, que no les harían daño ni hacían mal sino a los que huían”

¹²⁷⁹ ZUÑIGA, 1865, p. 229.

¹²⁸⁰ Jos (1927, p. 64): “La buena fama que rodeaba al General y las esperanzas dadas por los «brasiles», excitaron en los peruleros grandes deseos de figurar en la expedición”.

lugar de partida para todos aqueles que quisesses explorar as águas do Marañon. Em direção aos portos do Huallaga

afluían gentes de todas las partes del Perú. Capitanes y soldados que habían quedado inactivos después de la terminación de las guerras civiles; aventureros que soñaban con golpes de fortuna; veteranos escépticos y desengañados; y jóvenes soldados recién llegados a las Indias con la ilusión reflejada en sus ojos. Toda gente cruda, de pocos escrúpulos, reconocido valor y ánimo indomable.¹²⁸¹

Como, continua Echeverría, “había gentes de toda clase y procedencia, como el mulato Pedro Miranda, el mestizo Francisco Carrión y hasta algunos portugueses, como Custodio Hernández y el zapatero Antón Llamozo”¹²⁸². É para ali também, que se dirige um basco, que se tornará um dos principais personagens da expedição, de nome Lope de Aguirre. Naquela região ele reencontrará alguns antigos companheiros, combatentes da outrora guerra civil¹²⁸³.

Apesar da preocupação de Ursúa, em tentar se cercar de diferentes especialistas: pilotos, guias, ferreiros e carpinteiros¹²⁸⁴, que iriam o auxiliar na construção e navegação das embarcações¹²⁸⁵ futuramente utilizadas para vencer o emaranhado de rios que formam a hileia amazônica, o restante e maioria dos futuros tripulantes, foi escolhido, entre a turba de aventureiros vindas de diferentes partes do Peru. Nas palavras do historiador amazonenses Arthur F. Reis: “o pessoal fora escolhido sem cuidado, aceitando-se gente de toda espécie e por processos um tanto esquisitos”¹²⁸⁶. Por onde a caravana de Ursúa ia se deslocando, o número de arregimentados aumentava, não havendo nenhum critério de escolha, apenas a vontade e o ímpeto do individuo em participar da aventura¹²⁸⁷.

A caravana de Ursúa se dirigira primeiro para a cidade de Moyobamba¹²⁸⁸. “De Moyobamba partió para Santa Cruz de Saposova¹²⁸⁹ pueblo fundado cerca del Huallaga”¹²⁹⁰. Nesta região a caravana ficou estacionada esperando, desde o início ao termino, a construção das embarcações que iriam ser utilizadas na descida do rio¹²⁹¹. A armada inicial fora composta

¹²⁸¹ ECHEVARRÍA, 1968, p.41.

¹²⁸² Idem, p. 42.

¹²⁸³ Echeverría (1968, p. 42): “En Topesana se encontró Aguirre con amigos y conocidos, muchos de ellos vascos como él”.

¹²⁸⁴ Echeverría (1968, p. 38): “Como guía se alistó Alonso Esteban, que había tomado parte en la expedición de Orellana”.

¹²⁸⁵ REIS, 1989, p. 51. / ECHEVARRÍA, 1968, p. 38.

¹²⁸⁶ REIS, 1989, p. 51.

¹²⁸⁷ Idem, p. 51.

¹²⁸⁸ Primeira Cidade fundada pelos espanhóis na Amazônia, em 1540, seu primeiro nome foi Santiago de los Ocho Valles. / Aguilar y Córdoba (2016, p. 446): “Moyamba (Moyobamba): a orillas del río Mayo, fue la primera ciudad fundada por los españoles en la selva peruana”.

¹²⁸⁹ Echeverría (1968, p. 38): “Santa Cruz de Capocovar (actualmente Saposoa, en el departamento de San Martín, Perú), pueblo situado a tres kilómetros escasos del río Huallaga, afluente del Marañón”.

¹²⁹⁰ JOS, 1927, p. 63.

¹²⁹¹ Vázquez (1979, p. 14): “fundó un astillero en la barranca deste rio, veinte leguas abajo, en un pueblo de españoles que estaba poblado en la dicha provincia, llamado Santa Cruz de Capocovar”.

de dois bergantim¹²⁹²; nove chatas¹²⁹³, barcaças de fundo plano; 20 balsas¹²⁹⁴ e várias canoas¹²⁹⁵.

O número grande de aventureiros desocupados detidos, estagnados naquele pequeno espaço, ocasionou o início de falta de víveres para o abastecimento de toda aquela horda¹²⁹⁶. A demora, mais do que o previsto, na conclusão da fabricação das embarcações e a indefinição a cerca do início da jornada, fez com que os ânimos afluíssem entrem os desordeiros futuros tripulantes das naus. Iniciaram-se então agitações entre alguns grupos que em certo momento escambou para um princípio de motim¹²⁹⁷. E para alguns a passividade, do outrora altivo ‘pacificador’ de rebeliões, Ursúa, em não dar cabo das principais lideranças agitadoras, foi o marco do início do fim do Capitão e daquela infortunada expedição¹²⁹⁸.

Acossado, e já prevendo uma jornada longa, Ursúa decidiu enviar destacamentos de vanguarda, em busca de reunir provisões e estabelecer bases de apoio, logo à frente, na intercessão do rio Cocama, e esperar o grosso da expedição que iria com ele em seguida. O primeiro destacamento ficou a cargo de Garcia de Arce¹²⁹⁹, que à frente de 30 homens¹³⁰⁰, tinha como principal tarefa descer o rio e esperar, logo abaixo, Ursúa e o restante dos expedicionários¹³⁰¹.

Movido pela mesma finalidade¹³⁰², Ursúa ordenou, logo após o primeiro destacamento, o envio de um segundo formado de aproximadamente 80 homens¹³⁰³, com a liderança dada a Juan de Vargas¹³⁰⁴.

Don Juan de Vargas, caballero conocido que, aunque mozo, bien entendido y querido de todos, que después vino a ser teniente general del gobernador Pedro de Orsúa. Este fue con la gente que digo delante y se echó el río abajo un mes o poco más antes que fuese el gobernador con la demás gente.¹³⁰⁵

¹²⁹² Baraibar (2012, p. 67): “bergantín: ‘embarcación de bajo bordo, de diez a doce remos, y bancos de un hombre en cada uno’, muy apropiada para aguas poco profundas”.

¹²⁹³ Aguilar y Córdoba (2016, p. 452): “chata: embarcación de fondo plano, para transporte en aguas de poco fondo”.

¹²⁹⁴ Zuñiga (1865, p.231): “las canoas que traian y en muchas balsas que allí se hicieron, de palos atados”.

¹²⁹⁵ ALTAMIRANO, 1948, p.382.

¹²⁹⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 16 / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 448.

¹²⁹⁷ ALMESTO, 2012, p. 66 / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 454.

¹²⁹⁸ ALMESTO, 2012, p. 67.

¹²⁹⁹ Aguilar y Córdoba (2016, p. 453): “García de Arce: había ayudado a Ursúa en la represión de los cimarrones”.

¹³⁰⁰ Idem, p. 453.

¹³⁰¹ VÁZQUEZ (1979, p. 19): “envió delante del dicho D. Juan los treinta dellos en balsas, y una canoa grande con un caudillo amigo y paniaguado suyo, llamado García de Arce, a una provincia llamada los Caperuzos, porque los indios de aquella tierra traen en las cabezas una manera de bonetes”.

¹³⁰² Almesto (2012, p. 65) “aquella provincia estaba ya muy alcanzada de comidas y comenzaba la gente a tener necesidad de bastimentos”.

¹³⁰³ Para Zuñiga (1865, p. 230): “ochenta hombres”. / Para Altamirano (1948, p. 382): “70. Soldados”.

¹³⁰⁴ Aguilar y Córdoba (2016, p. 453): “Partiose después de esto el capitán don Juan de Vargas con la gente de su compañía al principio de julio del año de mil y quinientos y sesenta”.

¹³⁰⁵ ALMESTO, 2012, p.65.

A função deste segundo destacamento era também munir-se de provisões e “reunirse con García de Arce y esperarles [a Ursúa e os seus] en la confluencia del río Cocama (Ucayali) con el Marañón”.¹³⁰⁶

Mas os dois destacamentos, enviado por Ursúa, acabaram por se desencontrar no meio daquele imenso rio. O grupo menor de García Arce, o primeiro, não achou as provisões desejadas na boca do rio Cocama e devido as más condições que se encontravam, Arce e os seus, decidiram continuar a descida do rio em busca de outro lugar onde pudessem se suprir de alimentos¹³⁰⁷. Eles “pasaron más de trescientas leguas de despoblado hasta llegar a una isla poblada”¹³⁰⁸.

O destacamento maior, comandado por Juan de Vargas, que descera o rio na sequência¹³⁰⁹, formado por um bergantim, algumas canoas e balsas, se dirigiu na direção da desembocadura do rio Cocama, mas acabou por não encontrar o grupo de Arce¹³¹⁰. Como também não encontrara provisões para matalotagem, Vargas decidiu subir, com algumas canoas, o Cocama. Decisão que fora acertada, já que com sua tripulação faminta, conseguiu encontrar um povoado onde encontraram bastante comida, principalmente milho. Já com as canoas abastecidas, desceu o rio e se dirigiu a foz do Cocama onde havia atracado o bergantim e o esperavam o restante da tripulação¹³¹¹. Vargas, como pensara então ter perdido o grupo de Arce, decidiu esperar, ali, como tinha acertado com Ursúa.

4.4. LOPE DE AGUIRRE: UM HOMEM SEM LETRAS¹³¹²

Lopes de Aguirre nascera em Vascaya¹³¹³, na vila de Oñate, província de Guipúzcoa¹³¹⁴. Não se sabe ao certo o ano de seu nascimento, mas calcula-se que fora entre 1511 e 1516¹³¹⁵,

¹³⁰⁶ ECHEVARRÍA, 1968, p.43.

¹³⁰⁷ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 453.

¹³⁰⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 19.

¹³⁰⁹ Vázquez (1979, p. 19): “tres meses antes de su partida de Ursúa”.

¹³¹⁰ idem, p.19.

¹³¹¹ VÁZQUEZ, 1979, p.19 / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 452.

¹³¹² Era iletrado, inculto, como a maioria dos exploradores ibéricos na América. Assim o descreve Vázquez (1979, p. 108): “Era de agudo y vivo ingenio, para ser hombre sin letras”.

¹³¹³ Ou Biscaia, hoje província espanhola pertencente a comunidade autônoma do país Basco.

¹³¹⁴ Anônimo (1927, p. 250): “este peruerso tirano hera vascongado natural de la villa de oñate. / (VÁZQUEZ (1979, p. 108): “Fue vizcaíno y según él decía, natural de Oñate”.

¹³¹⁵ JOS, 1927, p. 42 / REIS, 1989, p. 52.

já que quando perdera a vida, em 1561, estava entre os 45 a 50 anos de idade¹³¹⁶. Ficara na Espanha até o fim de sua adolescência, quando decidira aventurar-se pelo Novo Mundo.

El escritor venezolano, de pluma tan galana, Casto Fulgencio López, cree que formaba parte de los 250 hombres que embarcaron con Rodrigo de Durán en 1534, desembarcando en Cartagena de Indias. [...] El gran investigador Emiliano Jos, que tan meritoria y afanosamente ha rebuscado cuantos datos puedan arrojar alguna luz sobre la vida de Lope de Aguirre, se inclina a creer que llegó a América en 1537. Esto se deduce también de la citada carta de Aguirre a Felipe II, escrita en 1561, y en la que le dice que llevaba 24 años sirviéndole en las Indias¹³¹⁷

Chegou às terras sul-americanas, quando contava com aproximadamente 25 anos¹³¹⁸. Estabelecido no Peru¹³¹⁹, exerceu de início o ofício de domador de potros¹³²⁰. Com ímpeto aventureiro, quando do início das revoltas que culminaram com a Guerra Civil entre os Pizarristas e Almagristas¹³²¹, fora impelido de imediato para as fileiras rebeldes, onde começou a revelar seu gosto pela sublevação:

Participou da guerra civil [...]. Aliado nas fileiras dos que se insubordinaram [...], condenado a morte, teve de esconder-se sendo perdoado mais tarde. Revelando o caráter, entrou a portar-se infamemente. Praticava desordens por onde passava escapando de ser enforcado em Cuzco, onde se envolveu num motim.¹³²²

Preso em Cuzco, onde ganhara o apode de ‘*Loco*’, conseguiu fugir e escapar da forca¹³²³. Permaneceu se escondendo das autoridades por um bom tempo, saindo das sombras a partir do momento em que soubera que os governantes estavam oferecendo o perdão para os amotinados que em troca oferecessem seus serviços no combate as constantes tentativas de insurreição no Peru¹³²⁴. Foi por este período que ficou a par da organização da expedição capitaneada Pedro Ursúa em busca do *El Dorado* e o País dos Amáguas¹³²⁵. O desprovido Aguirre, como a maioria daqueles que se dirigiram em direção as terras baixas peruanas atrás de conseguir um lugar na expedição, vira aquela excursão como uma oportunidade de encontrar um novo Peru e fazer fortuna, como fizeram os primeiros exploradores que nos Andes pisaram. Conseguindo fincar sua participação na expedição de Ursua, por ironia do destino ganhou como primeira função o posto de *Tenedor de defuntos*, responsável pelos defuntos, o coveiro¹³²⁶.

¹³¹⁶ Para Vázquez (1979, p. 108): “casi de cincuenta años.” / Para o Anônimo (1927, p.250): “cuarenta y cinco años”.

¹³¹⁷ ECHEVARRÍA, 1968, p. 7.

¹³¹⁸ idem, p. 6.

¹³¹⁹ Reis (1989, p. 52): “vindo para o Peru em 1536 ou 1537”.

¹³²⁰ Vázquez (1979, p. 109): “Su ejercicio y oficio era domar potros ajenos, y quitarles los resabios”.

¹³²¹ Echevarría (1968, p.6): “Francisco Pizarro, el conquistador del Perú y su compañero, el Adelantado Diego de Almagro, resolvieron dirimir sus diferencias en el terreno de las armas”.

¹³²² REIS, 1989, p. 52.

¹³²³ JOS, 1927, p. 48.

¹³²⁴ Idem, p. 48.

¹³²⁵ REIS, 1989, p. 52.

¹³²⁶ Idem, p. 52.

Fisicamente era um homem de porte pequeno e baixa estatura¹³²⁷. Sua fase era esguia¹³²⁸. Feio de rosto, seus olhos estreitos, faziam com que possuísse um olhar profundo¹³²⁹. Calejado, andava com dificuldades, pois era manco da perna direita¹³³⁰. Também era possuidor de muitas cicatrizes, resultado de seus embates e entreveros¹³³¹. No geral os cronistas afirmam que Aguirre tinha na aparência aspecto de um homem mal acabado¹³³², como afirma o cronista Anônimo: “*muy mal hecho!*”¹³³³, muito mal feito.

Nas palavras de Vázquez, Lope de Aguirre era possuidor de uma personalidade forte, pessoa perspicaz e inteligente. Inquieto e agitado, era amigo do vício, da luxúria, do vinho, de infames homens e também amigo de revoltas e motins¹³³⁴.

4.5. EMBARQUE E PARTIDA

Pressionados no meio daquela selva e ansiosos para dar início a jornada, ao fim do mês de setembro de 1560, a expedição ao *El Dodaro*, começa a ser posta em movimento. Para desespero de todos os presentes, o início do embarque, foi uma calamidade. Das onze embarcações de maior porte construídas nos estaleiros a beira do rio, dois bergantins e nove chatas¹³³⁵, imediatamente depois de postas no rio, seis chatas começaram a fazer água, o que já impossibilitou seus empregos na expedição¹³³⁶.

Todos estos navíos, por lo mucho que el gobernador se detuvo o por la ruin madera de que eran hechos o lo que más cierto es, por descuido de los oficiales que allí quedaron (que siendo como es la tierra muy lloviosa y húmeda se dieron poca maña en conservarlos), todos al tiempo de echarlos al agua se quebraron, sin que quedasen más de dos bergantines y tres chatas¹³³⁷

Das três únicas chatas que restaram, e que puderam ser utilizadas como transporte, duas estavam em melhor estado: “una no pudo traer caballos, mas de gente y ropa, y la otra trujo

¹³²⁷ ANÔNIMO, 1927, p. 250 / VÁZQUEZ, 1979, p. 108 / ZUÑIGA, 1865, p. 274.

¹³²⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 108.

¹³²⁹ ANÔNIMO, 1927, p.250.

¹³³⁰ ANÔNIMO, 1927, p.250 / ZUÑIGA, 1865, p.274.

¹³³¹ ANÔNIMO, 1927, p.250.

¹³³² ANÔNIMO, 1927, p. 250 / VÁZQUEZ, 1979, p. 108 / ZUÑIGA, 1865, p. 274.

¹³³³ ANÔNIMO, 1927, p. 250.

¹³³⁴ VÁZQUEZ, 1979, p. 109.

¹³³⁵ ZUÑIGA, 1865, p. 230.

¹³³⁶ Em Vázquez (1979, p. 18): “se pudrieron de suerte que al echarlos al rio se quebraron los más dellos, que solamente quedaron dos bergantines y tres chatas”.

¹³³⁷ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 452.

veinte y siete caballos”¹³³⁸. A terceira, restante, muito avariada, serviu apenas para acarretar, alguns cachorros e porcos, vindo a afundar logo em seguida¹³³⁹.

A Perda de tão grande número de embarcações, causou uma verdadeira comoção entre os exploradores castelhanos. Tiveram que abandonar, no porto, grande número de cabras, ovelhas e porcos, também foram obrigados a se desfazer de ferramentas e de boa parte do ferro que levavam para a construção e manutenção das embarcações¹³⁴⁰. Houveram que “dejar en tierra el ganado que se pensaba llevar y sólo se embarcó lo más imprescindible y no en gran cantidad: maíz, cazabe (pan de yuca) y algo de carne salada”¹³⁴¹ Mas para aqueles, espanhóis, que na maioria, eram ex-combatentes, o que causou mais tristeza, foi abandonar suas equinos de montaria e carga, os cavalos¹³⁴². “Más de trecientos caballos que se habían de embarcar se quedaron perdidos casi todos, porque no se embarcaron más”.¹³⁴³

Zuñiga registrou em sua crônica a grande consternação entre os tripulantes das embarcações em verem seus pertences retidos à beira rio. Para o cronista a cena dramática que ficou registrada em sua memória foi “ver todos los soldados tan tristes y pesantes, en ver quedar sus caballos tan queridos y regalados, sus ganados, ropa y hacienda”¹³⁴⁴.

Para os tripulantes, deixar seus equinos tornara-se uma preocupação maior que a própria matalotagem, já que a falta de mantimentos, naquele momento, parecia não ter muita importância. Acreditavam que no percurso até o El Dorado, “Vivirían de la caza y de la pesca; de lo que pudieran arrebatar al río y a la selva”¹³⁴⁵, já que, imaginavam, a jornada ser curta e “esperaban verse dentro de un mes, como decían las guías, en la mejor y más rica tierra del mundo”¹³⁴⁶

Na busca de reverter a perdas das chatas, e poder realocar seus tripulantes, foram construídas, a partir de troncos de árvores e de modo improvisado¹³⁴⁷, um grande número de balsas e canoas¹³⁴⁸: “En las canoas que traían y en muchas balsas que allí se hicieron, de palos atados, se embarcó todo el campo con mucho trabajo, no trayendo ganados ni caballos, mas de los que trujeron en la una chata ó barca, que fueron veinte y siete de los mejores”¹³⁴⁹.

¹³³⁸ ZUÑIGA, 1865, p.230.

¹³³⁹ Idem, p. 230.

¹³⁴⁰ ZUÑIGA, 1865, p. 231.

¹³⁴¹ ECHEVARRÍA, 1968, p. 46.

¹³⁴² AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 452.

¹³⁴³ ALMESTO, 2012, p. 66.

¹³⁴⁴ ZUÑIGA, 1865, p. 231.

¹³⁴⁵ ECHEVARRÍA, 1968, p. 46.

¹³⁴⁶ ZUÑIGA, 1865, p. 231.

¹³⁴⁷ ALMESTO, 2012, p. 66.

¹³⁴⁸ Echevarría (1968, p. 46): “más de doscientas balsas y canoas”

¹³⁴⁹ ZUÑIGA, 1865, p. 231.

Para o próprio Pedro Ursúa tiveram que improvisar uma embarcação para que pudesse servir de nau capitania: “Y para en quel Gobernador vinie se, hicimos todos los soldados del campo una canoa muy grande, de un árbol que allí cerca estaba, en que nos tardamos ocho dias, en la cual cabrian cincuenta hombres”¹³⁵⁰.

Finalmente a expedição comandada por Pedro de Ursúa zarpa em 27 de setembro de 1560¹³⁵¹, a tripulação era composta de 300 infantes, soldados de espada e escudo¹³⁵², aproximadamente 120 arcabuzeiros, 25 negros e, por volta de, 600 índios e índias de ‘servicio’¹³⁵³. As embarcações acabaram por sair abarrotadas de gente, como confirma Almesto:

Y lo mejor que podimos, aunque muy estrechos en los navíos por la muncha cantidad de piezas de servicio, nos embarcamos y comenzamos a ir el río abajo en demanda de nuestro Dorado; y dende a pocos días que caminamos el río abajo perdimos un bergantín.¹³⁵⁴

A improvisada frota expedicionária de Castela iniciara então sua navegação. Em seu itinerário de viagem almejava imitar, refazer, o caminho Orellana e os seus, que outrora os tinham levado a descoberta para os espanhóis do grande rio das Amazonas¹³⁵⁵.

4.6. O FANTASMA DA FOME: DO HUALLAGA ATÉ ILHA DE GARCÍA¹³⁵⁶

Singrando o Huallaga¹³⁵⁷ com muitas dificuldades, a expedição acompanhou a descida do rio. Providos de escassa matalotagem, devidos aos incidentes da partida, o fantasma da fome logo começou a rondar entre a tripulação das embarcações. A necessidade de uma alimentação

¹³⁵⁰ Idem, p. 223.

¹³⁵¹ Zuñiga (1865, p.225): “Partimos de aquel astillero á 27 de Septiembre de 1560 años”. / VÁZQUEZ (1979, p.20): “se embarcó a los veinte y seis de Septiembre del año de mil y quinientos y sessenta. [...] Embarcado el dicho Gobernador con su gente el mismo día, se echó el río abajo y comenzó a navegar, y pasando un raudal grande en unos remansos que estaban un cuarto de legua de su astillero, pasó aquel día para embarcar los caballos, y otro día por la mañana se partió”. / AGUILAR Y CÓRDOBA (2016, p. 455): “Llegado el día infelice de la partida de este campo, que fue según queda dicho a veinte y seis de septiembre del año de mil y quinientos y sessenta[...]Y otro día, que fue veinte y siete de septiembre, comenzó a navegar toda el armada, pasando muchos remolinos y raudales que este poderoso río allí hace”.

¹³⁵² ALMESTO, 2012, p.66. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 451.

¹³⁵³ ECHEVARRÍA, 1968, p.46.

¹³⁵⁴ ALMESTO, 2012, p.67.

¹³⁵⁵ ECHEVARRÍA, 1968, p.38.

¹³⁵⁶ Jos (1927, p.67): “Llamaron, así la isla por encontrarse en ella a García de Arce”.

¹³⁵⁷ Echevarría (1968, p.49): “EL Huallaga es un río [Peruano] caprichoso, ancho y manso unas veces y otras estrecho y peligroso, desbocándose en impetuosas y difíciles corrientes”.

adequada, para tanta gente, fazia com que o cansaço e o desgosto aumentassem entre os expedicionários¹³⁵⁸. Para poder saciar um pouco a fome,

Al atardecer bajaban a la orilla en busca de comida y descanso. Cazaban, pescaban o se metían en la selva rebuscando plantas y frutos y lo único que hallaban era un trópico extremadamente hostil. Algunos de los que penetraban en la selva no volvían jamás, devorados por la jungla misteriosa. Y los frutos y plantas que comían, no tardaban en producirles fiebres, cólicos y diarreas extenuantes.¹³⁵⁹

Descendo o rio Huallaga, pela região dos Motilones¹³⁶⁰, alcançaram o Marañón¹³⁶¹. Como a falta de alimentos era uma das principais preocupações dos navegantes, e a margem do rio parecia não oferecer nenhuma alternativa, por não avistarem nenhum povoado ou presença humana ao longo das primeiras semanas, Ursúa ordenou que um destacamento fosse averiguar a margem do rio em busca de alguma vila ou habitante. Posto para averiguar, este destacamento, comandado por Lorenzo de Zaldueño, acabou por encontrar um pequeno grupo de nativos, mas, para a tristeza dos viajantes, estes tinham pouco para oferecer.

destos indios sacó maíz y otras comidas que fueron de gran socorro porque mucha gente no tenía qué comer si no eran hierbas, y con aquella comida se rehicieron los que más necesidad tenían. Y desde allí caminamos sin haber más poblaciones de indios casi trecientas leguas y, andadas estas, llegamos a las juntas de los ríos que es el de Bracamoros [marañón]¹³⁶² y el de Cocama [Ucayali] y el que nosotros nos echamos. Todos estos salen de la cordillera de Pirú.¹³⁶³

Mais adiante, ainda na região de confluência do Marañón com o Cocama¹³⁶⁴, deram de encontro com grupo de Juan de Vargas, um dos destacamentos de vanguarda que tinha descido o rio antes da expedição de Ursúa¹³⁶⁵. Estavam ali estacionados à espera do capitão. Assim Zuñiga reporta o encontro em sua crônica:

Hallamos á medio camino á D. Juan de Vargas, que nos estaba esperando con un poco de maiz del rio de Cocama arriba; y fue tan poco, que no nos cupo á cada uno para matar la hambre que traíamos, y asi fuimos por todo el despoblado, comiendo huevos de tortugas y algun pescado, y de lo que más se sustentaba el campo era de lagartos que se mataban á arcabuzazos: allí se remedió el armada de más de ochenta canoas que tenia D. Juan.¹³⁶⁶

¹³⁵⁸ JOS, 1927, p.65.

¹³⁵⁹ ECHEVARRÍA, 1968, p.50.

¹³⁶⁰ Baraibar (2012, p. 58): "Provincia de los Motilones: los motilones eran una tribu indígena que pobló la cuenca del río Huallaga, afluente del Marañón, en el norte de Perú. El nombre de motilones que los españoles pusieron a los indios de esta zona se debe a su corte de pelo, [...]. Scazocchio (1981, p. 101, n. 4) indica cómo el término se aplicaba a los tabalosos, aunque más probablemente fuese extensivo al resto de grupos vecinos; motilón: «religioso lego» al que se llamó así 'por tener cortado el pelo en redondo'".

¹³⁶¹ JOS, 1927, p.67.

¹³⁶² Baraibar (2012, p. 68): "Bracamoros: el que hoy día conocemos como Marañón, el río en que desemboca el Huallaga o río de los Motilones, por el que navegaba la expedición".

¹³⁶³ ALMESTO, 2012, p. 68

¹³⁶⁴ Baraibar (2012, p. 68): "Cocama: actual Ucayali". / Vázquez (1979, p. 21): "Este río de Cocama es muy caudal y poderoso; es poco menor que el que llamamos de Bracamoros, y mayor que el de los Motilones. Es muy fértil de pescados de diferentes géneros, y tortugas, y en las playas hay muchos huevos de las tortugas, y en las mismas playas se toman gran cantidad de pájaros del tamaño de palominos, que son muy gordos y sabrosos."

¹³⁶⁵ ALMESTO, 2012, p. 68. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 456.

¹³⁶⁶ ZUÑIGA 1865, p. 225.

Na junção dos rios, descansaram por aproximadamente oito dias¹³⁶⁷, passados este período levantaram o arraial novamente para seguir navegando¹³⁶⁸. Mas quando decidiram sair do porto, um dos dois bergantins fez água e acabou sendo perdido¹³⁶⁹.

a la partida se quebró y anegó el bergantín que don Juan había traído, tan repentinamente que apenas dio lugar a que la gente que en él iba tomase tierra, y tomándola al fin, a gran fuerza de brazos se salvó la gente en las canoas que llegaron en su socorro y la mayor parte de la ropa, y el bergantín se quedó allí hecho pedazos.¹³⁷⁰

Ali também foram abandonadas muitas das balsas, por estarem em péssimo estado o que tornava a navegação do grupo mais lento, acabaram sendo substituídas pelas canoas encontradas e trazidas do povoado do Cocama por Juan de Vargas¹³⁷¹.

Neste ínterim, para sua matalotagem, conseguiram arrecadar boa quantidade de milho. Para o complemento de sua alimentação tentavam acreditar que do rio os proveria de algum pescado,¹³⁷² apesar de serem os peixes não tão fáceis capturar naquela circunstância devido a reverberação de embarcações e falta de instrumentos adequados para a pesca na região. A alegria de todos dava-se quando encontravam, em alguma praia de beira de rio, as tartarugas fluviais e seus ovos:

lleuabamos mucha cantidad de mais, que auíamos vaxado de la poblazion de Cocami; hallabamos en las playas de este gran Rio inmensa cantidad de guebos de tortuga, y de icoteas, que lleuamos para comer, y no era menester manteca, ni azeite porque ellos la tenian”¹³⁷³

Navegaram por seis dias, sem encontrar nenhuma presença humana, neste período, ao entardecer, paravam e tomavam terra, para a tripulação tentar descansar, pescar e remexer a margem do rio atrás de comida. Aproveitavam a oportunidade também para fazer fogo, utilizado para coser o pouco de comida que possuíam e esquentar aqueles que escolhessem passar a noite dormindo à beira-rio¹³⁷⁴.

Passados esses dias, continuando o itinerário, a frota acabou por deparar-se com uma grande praia. E para surpresa dos castelhanos, ali avistaram um grupo de nativos coletores de tartarugas. Estes, provavelmente também pegos de surpresa, acabaram se evadindo do local

¹³⁶⁷ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 457. / VÁZQUEZ, 1979, p. 22.

¹³⁶⁸ Aguilar y Córdoba (2016, p. 456): “Hubo en esta repartición muchas murmuraciones entre los soldados, diciendo que el gobernador y doña Inés, su amiga, y don Juan de Vargas, habían tomado tanto bastimento para sí solos”.

¹³⁶⁹ Vázquez (1979, p. 22): “se quebró y anegó el bergantín con que había venido delante don Juan de Vargas”.

¹³⁷⁰ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 457

¹³⁷¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 22. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 457.

¹³⁷² ALTAMIRANO, 1948, p. 383.

¹³⁷³ Idem, p. 383.

¹³⁷⁴ VÁZQUEZ, 1979, p. 22. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 457.

indo, de pressa, encontrar esconderijos na mata deixando para trás, por força da circunstância, a maior parte do alimento que tinham conseguido recolher até aquele momento¹³⁷⁵:

dimos de repente sobre unos indios que estaban pescando en una playa despoblada, con sus canoas, y tenían tomadas más de cien tortugas y allegados muchos huevos dellas, y desde que nos vieron, huyeron por el río con sus canoas, y dejáronnos la presa. Aquí paró el armada y repartieron las tortugas y huevos entre todos.¹³⁷⁶

Depois do encontro dos expedicionários com e o grupo de coletores locais, logo abaixo do rio, os espanhóis deram conta de estar perpassando pela junção do rio Marañón com um grande curso d'água, tributário que desaguava pela mão esquerda, tratava-se do rio de Orellana ou da Canela¹³⁷⁷, o rio Napo¹³⁷⁸.

Até aquele encontro de rios, os de Ursúa já haviam navegado por aproximadamente trezentas léguas¹³⁷⁹, sem encontrarem nenhum povoado¹³⁸⁰. Mas na desembocadura do rio Napo¹³⁸¹ se depararam com uma grande ilha povoada¹³⁸². E quando procuraram averiguar seus moradores, para surpresa de contingente, descobriram que estava ali estacionado o remanescente do primeiro destacamento enviado por Ursúa sob o comando de Garcia Arce¹³⁸³:

Allí entraba el río por donde entró Orellana, que es de las provincias de Quito; y esta isla se decía la Isla del papa, porque el cacique¹³⁸⁴ de allí se llamaba en su lengua el papa. En esta isla hallamos a un García de Arce, que estaba por cabdillo de cuarenta hombres, que había venido delante mandado del gobernador y cuando llegamos ya estábamos maltratados de los indios, que les habían dado tres o cuatro guazábaras¹³⁸⁵; y los tenían cercados, que no osaban salir por comida y estaban heridos tres españoles¹³⁸⁶.

Garcia de Arce e seus homens, encontravam-se naquela ilha de prontidão, devido ao permanente estado de guerra com os antigos moradores expulsos de insula. Estes locais vinham constantemente assolar os intrusos reivindicando a devolução de sua terra. Até a chegada dos barcos de Ursúa, o acossado pequeno destacamento limitava suas ações a um confinado espaço e buscava sobreviver alimentando-se principalmente da carne de jacarés, réptil abundante na

¹³⁷⁵ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 457.

¹³⁷⁶ VÁZQUEZ, 1979, p.22.

¹³⁷⁷ Vázquez (1979, p. 22): "Creyóse que era este río el de la Canela, por do vino el capitan Orellana".

¹³⁷⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 22. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 457.

¹³⁷⁹ Baraibar (2012, p. 68): "leguas: una legua de Castilla equivale a 5572 metros. En el contexto de estas crónicas, más aún en espacios selváticos y de montaña como es el caso, esta unidad de medida se debe tomar con precaución. La legua tiene un sentido tanto espacial como temporal y en los relatos de las expediciones".

¹³⁸⁰ ALMESTO, 2012, p. 68. / ZUÑIGA, 1865, p. 225.

¹³⁸¹ Baraibar (2012, p. 69): "río por donde entró Orellana: río Napo, que nace en el volcán Cotopaxi, a cincuenta kilómetros al sur de Quito, y desemboca en el Amazonas por su margen izquierda; Vázquez se refiere a él como el río de la Canela, en referencia a la jornada dirigida por Francisco de Orellana"

¹³⁸² ZUÑIGA, 1865, p. 225. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 457. / VÁZQUEZ, 1979, p. 22.

¹³⁸³ VÁZQUEZ, 1979, p. 22.

¹³⁸⁴ Baraibar (2012, p. 69): "cacique: voz taína que significa 'señor'. Se trata de uno de los primeros indoamericanismos incorporados al castellano, recogido ya en Autoridades: 'Señor de vasallos, o el superior en la provincia o pueblo de los indios; y aunque en muchas partes de Indias tienen otros nombres, según sus idiomas, los españoles los llaman a todos caciques'".

¹³⁸⁵ Baraibar (2012, p. 69): "guazábaras: voz taína o caribe, «batallas campales que daban los indígenas sobre sus enemigos".

¹³⁸⁶ ALMESTO, 2012, p. 69.

região. Estes animais eram capturados graças ao auxílio dos arcabuzes, arma da qual Arce era exímio atirador¹³⁸⁷.

Para protegerem-se dos constantes assédios dos antigos moradores, que haviam se retirado para a mata¹³⁸⁸, o destacamento construíra, ao redor do seu pequeno arraial, uma paliçada, na tentativa de prevenir possíveis escaramuças.¹³⁸⁹

A situação de pavor, entre os invasores castelhanos, assumiu maior proporção, principalmente depois que seu comandante, García de Arce, tomara a decisão de mandar assassinar um grupo de mais de quarenta populares que haviam sido anteriormente. Estes foram apresados e não esboçaram nenhuma resistência, pois ao que parece eram pessoas que vinham em missão de paz. Assim, seguindo a ordem do capitão, confinados dentro de uma habitação, todos foram brutalmente apunhalados e estocados até a morte¹³⁹⁰. Na opinião de Vázquez, Arce provocou essa chacina “pensando que era cautela [...], para atemorizar a los demas”¹³⁹¹

Foi neste cenário que a expedição de Ursúa, depois de vinte dias que houvera saído do estaleiro no Peru, atracava no porto da ilha onde se encontrava o adiantado destacamento¹³⁹². Os de Arce, naquele momento, “estaban esperando cada día la muerte cuando llegó la armada del gobernador, con que parece que resucitaron y cobraron aliento y grandísima alegría”¹³⁹³

Chagados famintos, os expedicionários de Ursúa, foram agraciados, pelos insulares espanhóis, com os alimentos consumido na região que, além da carne de jacaré, eram o milho¹³⁹⁴ e raízes, como batatas doces e mandioca¹³⁹⁵, tubérculo este que era transformado e beneficiado em forma de pão, caçabe¹³⁹⁶, e bebida, maçato¹³⁹⁷, pelos populares.

Devido ao pavor e medo causado pelos espanhóis, apenas alguns comunitários ousavam se aproximar e fazer contato com aqueles estranhos invasores descidos do rio. Causou grande pavor nos ilhéus principalmente a chegada de grandes animais jamais vistos que acompanhavam aqueles estranhos homens, os cavalos¹³⁹⁸.

¹³⁸⁷ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 458. / VÁZQUEZ, 1979, p. 22.

¹³⁸⁸ ZUÑIGA, 1865, p. 225. / VÁZQUEZ, 1979, p.23.

¹³⁸⁹ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 458. / VÁZQUEZ, 1979, p. 22.

¹³⁹⁰ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 458.

¹³⁹¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 23.

¹³⁹² ZUÑIGA, 1865, p. 225.

¹³⁹³ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 45).

¹³⁹⁴ VÁZQUEZ, 1979, p. 23.

¹³⁹⁵ Zuñiga (1865, p. 225): “no hallamos otra comida más de la que hallamos en las sementeras, que era alguna yuca y camotes.”

¹³⁹⁶ Oviedo (1855, p. 595): “Caçabí: torta delgada, hecha de la raíz de la yuca agria, exprimido ya el jugo venenoso, y cocida en el buren, manera de horno que dejamos ya definido. Esta especie de pan era muy general en las islas Española y Fernandina, y hoy lo sigue siendo en el interior de Cuba, donde se le apellida casabe.”

¹³⁹⁷ Vázquez (1979, p. 23): “que es yuca rallada, en hoyos debajo de la tierra a podrir, y dello hacen pan y cierto brebaje.”

¹³⁹⁸ GORZONI, Priscila. *Animais nas guerras*. São Paulo: Matrix, 2010, (p. 89): “A origem do cavalo remonta ao Paleolítico, quando era caçado e servia de alimento, após as grandes glaciações e o desaparecimento dos mamíferos gigantes, livre de seus predadores o cavalo saiu das florestas e veio para os prados. [...] acredita-se que o cavalo começou a ser domesticado há 4 mil anos. [...] o mais antigo desenho deles nos arados data de 2000 a.C. [...] Na idade média uma nova classe se tornou famosa a dos cavaleiros. Eles eram hábeis guerreiros que lutavam a favor de um rei. [...] O cavalo significava o elemento de transição entre a condição de plebeu e de nobre. [...]A expedição de Cortez [México] contava com 16 cavalos”

Com aqueles que conseguiram se aproximar dos expedicionários, Ursúa, através de ‘línguas’, buscou comunicar-se utilizando-se da prática dos resgates¹³⁹⁹. O capitão questionou os locais querendo saber principalmente sobre as terras que circundavam a região,

y desde se lo preguntaba , decian que la tierra adentro, de una parte y de otra del rio, no habia poblado, ni ellos lo sabian ,ni trataban con otros indios sino con los del rio, y que abajo habian gran tierra; y era por echarnos de sus pueblos. Envió elGobernador á descubrir por un rio arriba al capitan Pedro Alonso, el cual no halló cosa ni noticia dello. Tendria esta provincia ciento y cincuenta leguas en largo ; por el rio abajo vimos a la barranca quince ó veinte pueblos apartados el uno del otro en toda ella: eran , el que más, de cincuenta casas, cobijadas de palmas , como eran todas las del rio fasta la mar¹⁴⁰⁰.

Vázquez descreveu o povoado da ilha, dividido em duas partes, cada uma contendo aproximadamente 30 moradias¹⁴⁰¹, chamou a atenção do explorador/cronista, a disposição dos habitantes:

Los indios desta isla son bien agestados y dispuestos; andan vestidos de camisetas de pincel labradas. Las casas son cuadradas y grandes; sus armas son una manera de varas con puntas de palmas, del tamaño de dardos de Vizcaya, tiradas con una manera de avient, de palo[tiranlas con una manera de abrinto de palo]que las hay en la mayor parte de las Indias, y las llaman tiraderas de estólica. Al cacique desta isla le llaman los indios en su lengua el Pappa¹⁴⁰²

Os expedicionários de Castela, em sua estada na ilha, encontraram resquícios de presença de outros exploradores europeus¹⁴⁰³, que para eles atestou prova da passagem, por aquela ínsula anos antes, do grupo de Orellana que buscava encontrar o País da Canela¹⁴⁰⁴.

Na ilha de García¹⁴⁰⁵ os expedicionários descansaram e se revigoraram. “Aquí hizo el Gobernador su Teniente general, a don Juan de Vargas, y a Don Hernando de Guzman su Alferrez general”¹⁴⁰⁶. Permaneceram na localidade por aproximadamente dez dias¹⁴⁰⁷, depois abasteceram a matalotagem das embarcações com o pouco que tinham reunido e decidiram continuar a navegação pelo rio-mar em busca do tão imaginado *El Dorado*. Mas a saída não deixou de ser conturbada, acabaram por perder uma das três chatas que ainda restavam¹⁴⁰⁸.

¹³⁹⁹ Baraibar (2012, p. 70): “resgatar: cambiar, permutar, trocar.”

¹⁴⁰⁰ ZUÑIGA, 1865, p. 226

¹⁴⁰¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 23.

¹⁴⁰² idem, p. 23.

¹⁴⁰³ Aguilar y Córdoba (2016, p. 459): “hallaron los nuestros en esta isla callos [extremos]de herraduras.”

¹⁴⁰⁴ idem, p. 459.

¹⁴⁰⁵ Aguilar y Córdoba (2016, p. 458). “llegaron al fin a esta isla, que por este caudillo llamaron de García”. / Vázquez (1979, p. 23): “A esta isla llamamos la Isla de García, porque en ella hallamos a García de Arce.”

¹⁴⁰⁶ VÁZQUEZ, 1979, p.23

¹⁴⁰⁷ ALMESTO, 2012, p.71.

¹⁴⁰⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 23. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 459.

4.7. JACARÉS E/OU PIRARUCUS

O jacaré é um réptil da ordem dos *Crocodylia*, da subfamília *caimaninae* dos *Alligatoridae*. São encontrados na América do Sul, e seu tamanho, na fase adulta, pode variar de 1,0 à 5,5 metros, dependendo da espécie. Em seu *Panorama da alimentação indígena brasileira* (1974) Nunes Pereira descreveu assim o réptil e seus costumes:

Os jacarés são aquáticos, mas assoalham nas praias e beiras de lagos, saindo a errar pelos campos, em perseguição, naturalmente, de caça para melhorar a sua dieta, em cuja base estão os peixes e outros seres aquáticos. [...]Abrindo profunda e ampla cova, as fêmeas dos jacarés desovam ninhadas. de 30 a 50 ovos; estes são oblongos e alvos, adianta Ihering. As covas são cobertas com camadas de folhas, gravetos e terra, afim de (pelo próprio calor ambiente e fermentação das folhas e detritos misturados aos ovos) concorrer para a eclosão destes. Como acontece com os ovos dos quelônios, os das jacarões são apreciados pelos índios e pelos civilizados.¹⁴⁰⁹

O maior deles, o jacaré-açu¹⁴¹⁰, animal com aparência assustadora, fora descrita de forma temerária por Léry: “ouvi contar aos velhos das aldeias que, nas matas, são às vezes assaltados e encontram dificuldades em se defender a flechadas contra uma espécie de jacaré monstruosa que, ao pressentir gente, deixam os caniçais aquáticos, onde fazem o covil”.¹⁴¹¹

O explorador Alemão Ulrich Schmidl, que esteve na América do Sul nos anos 1530, descreveu algumas de suas características e, apesar de sua aparência monstruosa, a qualidade de sua carne como alimento.

Por qué nesta nación se llama *acheres* (yacaré), es la razón (esta): es un pez que tiene el cuero tan duro que uno no lo puede herir con un cuchillo, ni menos penetrarle una flecha de los indios; es un pez grande, y les hace mucho mal a los demás peces; ítem sus huevas u ovas, que de suyo pone en tierra, a unos dos o tres pasos del agua, [...]; es bueno para comer, la cola es lo mejor; lo demás también no es dañoso; vive siempre en el agua.¹⁴¹²

Apesar da má aparência do réptil, Soares de Sousa fora outro cronista a elogiar o sabor da carne deste ‘peixe’:

Nas lagoas e rios de água doce se criam lagartos a que os índios chamam de jacaré, dos quais há alguns tamanhos como homens; e têm a cabeça como um grande lebréu [cão ameaçado]; estes lagartos são todos cobertos de conchas muito rijas, os quais não remetem à gente, antes fogem dela, mantêm-se do peixe que matam. [...] a carne é um adocicada, e tão gorda que tem na barriga banha como porco, a qual alva e saborosa e cheira bem¹⁴¹³

¹⁴⁰⁹ PEREIRA, 1974, p. 144.

¹⁴¹⁰ Ugarte (2009, p. 343): “Esses imensos répteis amazônicos que, não à toa, receberam dos índios tupis o nome de jacaré-açu – parentes dos famosos crocodilos africanos – ofereciam grandes perigos a quem se descuidasse com sua presença. Francisco Figueroa, ao discorrer sobre eles, chamando-os pelo nome taíno de caimán”.

¹⁴¹¹ LÉRY, 2007, p. 139.

¹⁴¹² SCHMIDEL, Ulrich. *Viaje al Rio de la Plata*. Buenos Aires: CABAUT y Cia., 1903, p. 212.

¹⁴¹³ SOUSA, 2010, p. 254.

O missionário francês André Thevet, em sua obra *Singularidades da França Antártica*, descreveu, em algumas linhas, o modo de se preparar o réptil depois caçados e morto, também não deixou de destacar, o quão saboroso é a carne para aqueles que dela degustaram:

[...] jacarés, que põem todo inteiro ao fogo, com pelles e entranhas. E comem, desse modo, os animaes, até mesmo os jacarés, que são lagartos da grossura de um bacorinho [suíno] novo, proporcionalmente mais longos (vianda, aliás, bastante delicada, como testemunham os que della provaram). São os jacarés tão mansos que não temem approximar-se das pessoas, [...]. Os selvagens matam-nos a flechadas.¹⁴¹⁴

A carne de Jacaré faz parte da dieta dos povos da floresta, sua carne é muito apreciada, Lévi-strauss em seu *Do mel as Cinzas*, registrou uma mitologia do povo Cubeo referente a prática do consumo da carne do réptil:

Certo dia, quando ela [sua esposa] dormia em sua rede, Kuwai [herói cultural] mandou Jacaré pedir um tição para acender um cigarro. Jacaré viu a mulher e quis copular com ela. A mulher resistiu, mas ele conseguiu montar nela; ela, porém, devorou toda a parte anterior de sua barriga e seu pênis também. Kuwai chegou e disse a Jacaré que o tinha avisado. Pegou uma pequena esteira quadrada, usou-a para arrumar a barriga do animal e jogou-o na água, observando: ‘Você será sempre comida’.¹⁴¹⁵

Uma outra hipótese para os ‘lagartos’ caçados, e aproveitados como alimentos, pela população local da ilha e seus invasores, reportada nas crônicas, recai sobre os peixes da espécie pirarucu, *Arapaima gigas*. Possivelmente, por se tratar de um dos maiores peixes de água doce do mundo, podendo atingir três metros, pesar mais de 200 quilos¹⁴¹⁶ e possuir um corpo coberto de grandes escamas. Este imenso peixe tem necessidades periódicas de sair, com parte da cabeça para fora d’água, para poder respirar, pois também possuir respiração aérea¹⁴¹⁷. E é neste momento de emersão que o pirarucu se torna uma presa fácil para a captura.

A mesma bexiga natatória vascularizada que permitiu ao *Arapaima gigas* se adaptar aos lagos de várzea, com baixos níveis de oxigênio e ricos em alimento, também acabou por torná-lo suscetível aos pescadores. Como o pirarucu não tolera ficar submerso por mais de 40 minutos, normalmente vindo à superfície para respirar a cada 20 minutos.¹⁴¹⁸

A sua aparência pode muito bem, para aqueles que nunca tinham visto esse animal, ser assimilada com a de um réptil. Daniel, no século XVIII, parte desse pressuposto, da semelhança¹⁴¹⁹, assim comparando o peixe pirarucu ao seu vizinho dos rios o ‘peixe’ jacaré.

¹⁴¹⁴ THEVET, 1944, p. 187.

¹⁴¹⁵ LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 207.

¹⁴¹⁶ FIORI; SANTOS, 2015, p. 45.

¹⁴¹⁷ Fiori; Santos (2015, p. 46): “Embora seja bem diferente da estrutura de um pulmão, a bexiga natatória bastante vascularizada do pirarucu desempenha praticamente a mesma função deste órgão em outros vertebrados não peixes: captar oxigênio na atmosfera e eliminar o dióxido de carbono. Somente os jovens possuem brânquias totalmente funcionais”.

¹⁴¹⁸ Idem, p. 47.

¹⁴¹⁹ Foucault (2007, p. 199): “no século XVI, a identidade das plantas e dos animais era assegurada pela marca positiva (frequentemente visível, mas por vezes oculta) de que eram portadores: o que, por exemplo, distinguia as diversas espécies de aves não eram as diferenças

Os principais são os peixes a que chamam pirarucu, é uma espécie de jacaré. O pirarucu não é dos maiores peixes, porque terá pouco mais de 5 palmos de comprimento, mas de tal sorte se embravece quando topa com algum pari [armadilha de pesca], ou tapagem, que deita tudo por terra.¹⁴²⁰

Como afirma Ospina, em seu *O país da Canela*, para aqueles homens do velho continente, “o mundo foi se enchendo de criaturas estranhas”.¹⁴²¹

4.8. FARTURA EM CARARI¹⁴²² E MANICURI¹⁴²³

Continuaram a descida do rio e depois de terem navegado por aproximadamente cem léguas¹⁴²⁴ chegaram à região chamada Carari¹⁴²⁵. Ao que parece, como relatam os cronistas da viagem, acabaram por ser bem recebidos pelos habitantes daquela localidade:

dimos en la prouincia de Cararo, que assi nos lo dixeron las lenguas que lleuabamos, auíamos de llegar dentro del dicho tiempo, y assi fue que nos salieron a recibir en medio del Rio mas de 300 canoas, que la que menos gente traia eran a 10, y otras a 12 gandules, diciendo a grandes voces. Capita, Capita, que quiere decir Capitan, y assi hizieron al Gouernador Pedro de Vrsua vn gran presente de mas de 50 canoas de pescado, mais, y names, y mani.¹⁴²⁶

Nas lembranças de Alместo, aqueles habitantes deixaram muito boa impressão. A população daquela província se mostrou

Gente doméstica y bien vestida y que tenían oro, aunque poco, salió a servirnos con mucha comida de maíz y pescado; tenían buenos pueblos, reconocían señorío y tenían cacique principal, a quien obedecían; y haciendo lo que por él les era mandado. Este cacique venía muy a menudo a ver al gobernador y mostraba holgarse de ver españoles, y venían con él cantidad de indios a rescatar con nosotros y siempre traían comida, y sin darles rescate nos la daban las más de las veces.¹⁴²⁷

que havia entre elas, mas o fato de que esta caçava de noite, aquela vivia sobre a água, outra se alimentava de carne viva. Todo ser trazia uma marca”.

¹⁴²⁰ DANIEL, 2004, p. 114.

¹⁴²¹ OSPINA, 2017, p. 144.

¹⁴²² Porro (2007, p. 120): “Aldeia da marg. dir. do Amazonas peruano, provavelmente pouco acima de Tabatinga, descrita pelos cronistas da expedição de Ursúa e Aguirre (1560). Trata-se verossimilmente da Aparia Grande de Carvajal, dos presumíveis Omágua quinhentistas”.

¹⁴²³ Porro (2007, p. 64): “Em 1560 era o nome de uma aldeia do alto Solimões, indevidamente estendido pelos cronistas de Ursúa e Aguirre a toda a província”.

¹⁴²⁴ ALMESTO, 2012, p. 70.

¹⁴²⁵ Vázquez (1979, p. 24): “Llámase este pueblo Carari, donde pusimos nombre a toda la Provincia”.

¹⁴²⁶ Aguilar y Córdoba (2016, p. 459): “Pasadas estas islas llegó la armada a un pueblo, el primero que en la tierra firme se vio, y el señor o cacique de él vino de paz donde el gobernador estaba con algunos indios cargados de pescado y de tortugas.” / Vázquez (1979, p. 23): “este pueblo nos vino un cacique de paz con ciertos indios: trujo algunos pescados y tortugas.”

¹⁴²⁷ ALMESTO, 2012, p. 70.

Os adereços de ouro, usados pelos locais¹⁴²⁸, chamaram a atenção dos expedicionários, sedentos e atraídos para aquele rio em busca daquele precioso metal. Utilizando o serviço dos ‘línguas’ que traziam, procuraram questionar os moradores sobre a origem daqueles adornos e ao que parece lhes fora dado como resposta, ou quiseram acreditar, “que aquel oro era de la tierra adentro, donde auia grandes poblaciones de gente vestida de mucha razon y muy rica”¹⁴²⁹.

Os visitantes foram muito bem tratados pela população daquela grande comunidade, os cansados navegadores foram alocados nas melhores moradias sendo sempre agraciados com o melhor sustento existentes no local.

lleuaron al gouernador a aposentar a vn bujio muy bueno de vn Casique, y el campo se aposento en los demas bujios que eran muy buenos, y la poblazion muy grande de mas de 8,000 indios, vinieron todo el dia los Casiques a visitar al gouernador, cierto gente muy buena, y de muy buena disposicion, y muy bien dispuesta, toda gente vestida de muy buenas y galanes camisetas pintadas de labores y colores de algodón al uso del Piru, y todos traian caracurias de oro muy fino, y subido en las narizes, y patenas en los pechos, y aguilillas de oro y otras hoias de mucho valor.¹⁴³⁰

Para os expedicionários aquela comunidade, e seu entorno, representou uma região muito abastada de alimentos e uma terra fértil:

auia en ella comida para el campo para mas de 6. meses, porque por la ribera del Rio arriba, y auaxo mas de 4 leguas de sembrados de mais y de yuca dulce y la tierra de muy buen temple y que nunca el Rio la anegaba, auia en esta tierra muchas frutas muy regaladas y en mucha abundancia, como eran los higos de Qamora, aguacates, sapotes, jobos [cajás], o siruelas [ameixa], lugmas [sapotáceas familia], mameyes (mamão), y patatas en abundancia, y mani [amendoim] que es vna semilla que se da en el piru.¹⁴³¹

A curta estadia naquela região foi um belo descanso para os expedicionários espanhóis. A convivência pacífica, sem muitos entreveros, causou boa impressão entre aqueles esgotados viajantes. Alместo registrou que

siempre nos servían los indios donde quiera que llegábamos sin acometer a tomar armas para defender sus casas porque estos indios dieron mandado a muchos del río cómo no se les hacía malos tratamientos ni se les tomaba cosa por fuerza, sino lo que ellos querían darnos; y mediante esto, en todo el tiempo que el gouernador vivió, no tuvimos ninguna guazábara ni mataron español ninguno. Estos indios estaban poblados a vera del río de ambas partes.¹⁴³²

A província de Carari se estendia por um vasto território e sua área de influência era ainda maior, pois, na sequência da margem do rio, suas terras faziam fronteira com as de uma

¹⁴²⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 25.

¹⁴²⁹ ALTAMIRANO, 1948, p. 384.

¹⁴³⁰ Idem, p. 383.

¹⁴³¹ Idem, p. 384.

¹⁴³² ALMESTO, 2012, p. 70.

outra nação aliada à dos Manacuri¹⁴³³. Os pilotos da expedição calcularam sua extensão total em aproximadamente cento e cinquenta léguas¹⁴³⁴.

Mas nem tudo fora contentamento na estadia dos expedicionários na região, depois de quatro dias estacionados, Ursúa decidiu dar continuidade a empreitada pelo rio. Neste interim perderam o último bergantins, já nas margens pertencentes aos Manicuri¹⁴³⁵. Para poder realocar, os tripulantes da embarcação que foi a pique, foram tomadas muitas canoas da população local¹⁴³⁶. A partida também não se deu como o desejado pelo capitão Ursúa, pois a estada dos tripulantes que outrora haviam chegados famintos naquela farta terra, fez com que despertar-se em alguns o interesse em permanecer naquela região desfrutando das benesses locais e dali voltar ao Peru¹⁴³⁷.

En esta sazón supo el gobernador que Alonso de Montoya, soldado de su campo, trataba de amotinar alguna gente y con ella volverse al Pirú en algunas canoas, que por lo menos dende allí por el río arriba hay más de quinientas leguas. Prendiole el gobernador y contentose con llevarle en una collera.¹⁴³⁸

Altamirando assim reporta a conturbada saída do arraial das tão aprazíveis terras de Corari e Manicuri

Dentro de 4 dias que estuvimos regalados, y seruidos en esta poblacion, donde con grande gusto y cuidado nos seruian los indios, alsó el campo el Gouernador Pedro de Vrsua con gran descontento de los soldados, y nauegamos el Rio auajo 8 dias sin dar en prouincia ni poblacion de importancia, y dos dias con sus noches nos hizieron compania y nos siguieron estos buenos indios de Cararo proueiendonos de comida y de lo necessario siruiendonos, y al tercero dia nos dexaron y se voluieron a su prouincia.¹⁴³⁹

Sáidos do território dos Carari, os nautas castelhanos navegaram por oito dias¹⁴⁴⁰, margeando uma terra despovoada. Com o passar dos dias a matalotagem foi se acabando e para poder matar a fome, quando era propício, pescavam nas margens dos rios e/ou recolhiam quelônios e seus ovos nas praias adjacentes¹⁴⁴¹. Quando atracavam a beira do rio, para descanso ou pernoite, tentavam caçar algum animal, ou averiguar colher alguma planta que julgavam

¹⁴³³ Vázquez (1979, p. 25): "Pasamos asimismo por otra provincia que llamamos Maricuri, del nombre de otro pueblo. Es toda una gente y un traje y ropa y lengua, y unas mismas armas y casas y ropas que visten [...]. Son todos estos indios amigos y confederados, y así parece ser toda una provincia y no dos, porque toda la poblacion va trabada, sin que haya división, y que Carari y Manicuri". / Aguilar y Córdoba (2016, p. 461): "el pueblo de Manacuri, que estará de Carari más de ciento y cincuenta leguas, y es más verosímile que estas dos provincias sean unas, por ser sus naturales muy semejantes en talle, lengua y costumbres, y en la amistad que entre sí conservan".

¹⁴³⁴ ALMESTO, 2012, p. 70. / MONGUIA, 1865, p. 192. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 461.

¹⁴³⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 25. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 461.

¹⁴³⁶ MONGUIA, 1865, p. 192.

¹⁴³⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 24.

¹⁴³⁸ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 460.

¹⁴³⁹ ALTAMIRANO, 1948, p. 384.

¹⁴⁴⁰ ALTAMIRANO, 1948, p. 384. / MONGUIA, 1865, p. 192.

¹⁴⁴¹ MONGUIA, 1865, p. 192. / AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 461. / VÁZQUEZ, 1979, p. 25.

comestível, mas a maioria destas, pelo seu desconhecimento, acabavam causando consequentemente doenças e desarranjos¹⁴⁴².

A fome, a demora e a incerteza da viagem até ali, serviram para aumentar o descontentamento com o capitão e a missão. O desejo de retornar às terras peruanas e dar cabo da empreitada só aumentava entre os expedicionários. Os descontentes acusavam Ursúa de descaso e abandono para com eles, já que o capitão se preocupava em passar a maior parte do seu tempo na companhia de doña Inés de Atienza¹⁴⁴³, sua companheira deixando seus afazeres como comandante e o interesse com os rumos que a expedição para segundo plano.

No oitavo dia, desde que saíram de Carari, os expedicionários se depararam com um grande povoado e as embarcações espanholas foram confrontadas com uma frota de mais de 200 canoas de guerra. E na margem do rio, junto ao porto, os expedicionários avistaram mais de 2.000 guerreiros prontos para defender sua terra do assédio daqueles estranhos homens que desciam do rio¹⁴⁴⁴. Não havendo espaço para o diálogo o que se viu em seguida foi o embate entre as duas forças. Os moradores locais, aguerridos tentando defender seu chão, e os famintos invasores, buscando subjugar-los¹⁴⁴⁵. Em número menor, para poder vencer o embate, os espanhóis tiveram que se valer de seu maior poderio bélico, representado pelos seus arcabuzes:

comenzando a dispararles el arcabugeria como nunca avian visto semejante cosa pensando que eran rraios y relampagos del cielo, desamparon el pueblo, y los de las canoas el Rio, y assi se tomó el pueblo que estaba poblado en vnas barrancas muy altas, que para subir a el desde el Rio, se subia por mas de 100 escalones que tenia cada escalera hecha en la varranca.¹⁴⁴⁶

A população desta localidade chamou atenção dos Espanhóis, pois era gente

desnuda aunque de mucho concierto sus armas eran varas con estolicas, que son como puntas de lansas, y Macanas y entendimos por las lenguas que traíamos que dentro de doce soles daríamos en Omagua, y nos daban a entender que nos matarian por ser mucha la gente que auia en ella de mucha razon y muy valiente, tierra muy rica de oro, y plata.¹⁴⁴⁷

¹⁴⁴² ECHEVARRÍA, 1968, p. 57.

¹⁴⁴³ Alместo (2012, p. 57): "pasando Pedro de Orsúa por el pueblo que se dice Trujillo se vino a tratar con doña Inés de Atienza, hija de un conquistador antiguo que se decía Luis de Atienza, que tenía buenos indios. Y esta su hija, pareciéndole bien el dicho gobernador, vendió lo que tenía y desperdió siete o ocho mil pesos y pónese en camino para venir a la jornada." / Baraibar (2012, p. 57): "Inés de Atienza: hija de Blas de Atienza, nacida en Lima. En las crónicas de los marañones doña Inés aparece retratada como una mujer de mala fama y como la causa principal de lo ocurrido en la jornada; comp. Vázquez, Relación de todo lo que sucedió, fol. 7v: 'se decía que la dicha doña Inés tenía mala fama y peores mañas, la cual fue la causa principal de la muerte del dicho gobernador y de nuestra total destrucción'. Ver Mendiburu, Diccionario histórico-biográfico del Perú, vol. I, pp. 405-406." / Echevarría (1968, p. 38): "Era doña Inés una joven mestiza de extraordinaria hermosura, hija del capitán Blas de Atienza, compañero de Francisco Pizarra, y viuda, desde hacía poco tiempo". / Echevarría (1968, p. 44): "Inés era diferente. La bella mestiza eclipsaba a todas y no era difícil prever la perturbación que provocaría su convivencia con aquellos rudos aventureros, [...] [na expedição] Había una docena de mujeres blancas, unas casadas y otras por casar".

¹⁴⁴⁴ ALTAMIRANO, 1948, p. 384.

¹⁴⁴⁵ Altamirano (1948, p. 384): "comenzaron a defender su pueblo muy bien en que salieron heridos 4. soldados de los nuestros".

¹⁴⁴⁶ Idem, p. 384.

¹⁴⁴⁷ Idem, p. 385.

A esperança de estarem próximos a *Omágua e Dorado*, fez com que o arraial todo entrasse em êxtase, mas foram advertidos pelos ‘lenguas’¹⁴⁴⁸, que codificaram as informações recolhidas com os locais aprisionados, que iriam ter que passar, antes de seu destino almejado, pela província dos povos de Machifaro que se localizava logo a seguir na descida do rio¹⁴⁴⁹. Por haverem subjugado os locais e terem encontrado farto alimento, o arraial decidiu permanecer estacionados nesta comunidade, que se dizia de Arimocoa¹⁴⁵⁰, por 15 dias¹⁴⁵¹.

Depois deste período voltaram a singrar o rio. Depois de dois dias navegando encontraram novamente vestígios de presença humana, à sua frente se mostrou um grande povoado, mas desta vez este estava desocupado e sem nenhum mantimento, possivelmente seus moradores, já avisados sobre a chegada daquela horda de estranhos vinda pelo rio, decidiram se esconder na mata levando seus víveres. A expedição como ainda estava provida do que restava da matalotagem trazida de Arimocoa, decidiu não fazer porto ali e continuar em seu caminho até Machifaro¹⁴⁵².

4.9. PROVÍNCIA DE MACHIFARO¹⁴⁵³

Depois de se afastarem da região de Arimocoa, os expedicionários espanhóis finalmente adentraram a província de Machifaro. O povoado principal, o maior, era formado por mais de dez mil populares¹⁴⁵⁴. A população, pega de surpresa, mostrou-se, em primeiro momento, disposta a não facilitar a entrada dos invasores em suas terras¹⁴⁵⁵. Assim Aguilar e Córdoba narra este principio de entrevero:

Cuyos naturales, con gentil determinación, en viendo a los nuestros echaron sus mujeres y hijos y gente inútil en unas canoas y los enviaron el río abajo a poner en

¹⁴⁴⁸ Aguilar y Córdoba (2016, p. 459): “lengua: intérprete”.

¹⁴⁴⁹ ALTAMIRANO, 1948, p. 385.

¹⁴⁵⁰ Altamirano (1948, p. 384): “llamabase esta poblacion Arimocoa”. / Porro (2007, p. 117): “Uma grande aldeia do r. Solimões, a meia distância entre a província de Aparia ou Carari (identificável com os Omagua) e a de Machiparo (os Curuzirari ou Aisuari), ou seja, entre S. Paulo de Olivença e Tefé. O único autor a mencioná-la é Altamirano (1560)”.

¹⁴⁵¹ ALTAMIRANO, 1948, p. 385.

¹⁴⁵² Idem, p. 385.

¹⁴⁵³ Zuñiga (1865, p. 234): “la provincia de Machifaro, de la cual dijo Orellana grandes cosas cuando fué á España; y todo lo hizo por engañar gentes y porque el Rey le hiciese Gobernador, porque en todo lo que dijo hallamos al contrario. Y un español, de los que con él bajaron de Pirú, venia con nosotros”. / Baraibar (2012, p. 71): “Machifaro: tal y como indica Díez Torres en su edición de El Marañón de Diego de Aguilar y Córdoba (p. 210, n. 325), los machifaro solo aparecen en crónicas del siglo xvi y probablemente vivieron a lo largo de las orillas e islas del Amazonas al este de la desembocadura del Putumayo (Chaumeil y FraysseChaumeil, 1981, p. 83)”. / Reis (1989, p. 51): “Província dos Machiferos, que se aldeavam pelas costas do Solimões, a expedição esteve para dissolver-se, afogada em sangue”

¹⁴⁵⁴ ALTAMIRANO, 1948, p. 385.

¹⁴⁵⁵ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 462. / VÁZQUEZ, 1979, p. 26.

cobro, y hasta cuatrocientos indios que quedaron en el pueblo, con muy buen denuedo, tomaron sus armas y esperaron, haciendo semblante de querer defender.¹⁴⁵⁶

Os expedicionários, como estavam dispostos a invadir aquela comunidade, decidiram então avançar ao encontro daquele batalhão. O porto de Machifaro estava protegido por um barranco, saltou então um pequeno destacamento de arcabuzeiros, com Ursúa à sua frente. O grupo conseguiu vencer o barranco, mas o capitão pediu para que ninguém se adiantasse ou disparasse seus arcabuzes sem o seu comando. Já no cume do barranco o capitão, desfraldando um pano branco, buscou sinalizar para os de Machifaro, tentando demonstrar que vinha em missão de paz¹⁴⁵⁷. E, para tranquilidade dos atacantes, ao que parece sua tática acabou por dar certo, pois “el cacique deste pueblo se llegó y tomó el paño y amigablemente se metió entre los españoles, y algunos otros indios con él”¹⁴⁵⁸.

Por fim, o capitão Ursúa convenceu as lideranças locais a cederem, provisoriamente, metade do povoado, para a sua caravana poder descansar¹⁴⁵⁹. Ali, para surpresa dos exploradores, encontraram imenso currais cercados de quelônios, alguns contendo mais de seis mil tartarugas¹⁴⁶⁰. Os Moradores locais deram a entender que estes animais eram capturados nas praias no verão¹⁴⁶¹ e estocados para o período de inverno nestes viveiros como acusa Zuñiga: “tenían los indios en corrales cerradas, las cuales tomaban en las playas del rio, de verano, para comer el in vierno: tiene cada una tanta carne como un carnero, y es muy sana, y la manteca dellas es como de vacas y mejor”¹⁴⁶².

Em suas averiguações, pelo interior da comunidade, os exploradores encontraram também, estendidas em grandes barbacoas¹⁴⁶³ próximas as habitações, grandes quantidades de milho¹⁴⁶⁴ e nos quintais das casas o plantio de mandioca brava¹⁴⁶⁵. Além de se depararem com “servicio de loza tan bueno como el de Talavera porque toda era vedriada y muy labrada con muchas labores”¹⁴⁶⁶. A comensalidade dos Machifaro também despertou a atenção de Predrarias de Alместo:

los señores que tienen dichos; comían en platos limpios y el pan destes indios era de maíz e yuca, unas tortas grandes; la manera de vino que tenían para beber era de maíz

¹⁴⁵⁶ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 462.

¹⁴⁵⁷ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 462. /VÁZQUEZ, 1979, p. 26.

¹⁴⁵⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 26.

¹⁴⁵⁹ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 463. /VÁZQUEZ, 1979, p. 26.

¹⁴⁶⁰ ALMESTO, 2012, p. 71. /AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 463. /VÁZQUEZ, 1979, p. 26).

¹⁴⁶¹ ALMESTO, 2012, p. 71. /ZUÑIGA, 1865, p. 235.

¹⁴⁶² ZUÑIGA, 1865, p. 235.

¹⁴⁶³ Baraibar (2012, p. 72): “barbacoas: de los distintos significados de esta palabra taína [...] en este caso se trata de una ‘casa o depósito de provisión; almacén’. /Oviedo (1855, p. 594): “Barbacoa, Andaimos feito a partir de galhos de madeira entrelaçados. Parrilla, grelha para assar carne. “Barbacoa: andamio assentado sobre árboles, para guarda de los maizales. (Lengua de Cuba y Haití.) (Lenguas de Tierra-Firme.)”.

¹⁴⁶⁴ ZUÑIGA, 1865, p. 235; ALMESTO, 2012, p. 71; VÁZQUEZ, 1979, p. 27; AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 463.

¹⁴⁶⁵ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 463. /VÁZQUEZ, 1979, p. 26.

¹⁴⁶⁶ ALMESTO, 2012, p. 71.

e yuca fecho, y avena según decían los que tenían ispirencia de haberlo bebido otras veces; vino era que hacía salir de compás los pies si se desmandaban a beber medianamente, no mucho.¹⁴⁶⁷

A bebida alcoólica dos Machifaro, para Pedrarias de Almesto, tinha a cor e o cheiro equiparados ao vinho de Espanha. O cronista deu atenção também a variedade de frutas encontradas na comunidade, nomeou algumas utilizando-se de terminologias já conhecidas por ele. Se valeu para isso, ao que parece, do emprego de critérios de semelhança aparente, na forma e sabor, com as frutar antes por ele experimentadas em outras partes do Novo Mundo. Em sua crônica discriminou as gayabas¹⁴⁶⁸ (goiaba), as guabas¹⁴⁶⁹ (Ingás), as piñas (Abacaxis), as guanábanas¹⁴⁷⁰ (graviolas) e os hobos¹⁴⁷¹(cajás, taperebás)¹⁴⁷².

Graças a fartura de alimentos encontrada em Machifaro, Ursúa decidiu por bem permanecer estacionado naquela localidade por um bom espaço de tempo. Deduziu que, desfrutando mais das benesses do lugar, teria a oportunidade recuperar seus homens e mulheres das mazelas sofridas até ali e revigorar seus ânimos. Em Machifaro se

desperdió y gastó muy presto, porque con mucha manteca y huevos que de las tortugas sacaban, y con la carne dellas y el mucho maíz que había, comían ordinariamente buñuelos, pasteles, mucho género de comidas de potajes, y más era lo que se desperdiciaba que lo que comían.¹⁴⁷³

A estadia nesta primeira comunidade Machifaro fora estendida ainda mais devido ao estado de saúde do Capitão Ursúa, que acabou por cair enfermo, o que protelou o reinício da

¹⁴⁶⁷ idem, p. 72.

¹⁴⁶⁸ Baraibar (2012, p. 72): “guayabas: fruta producida por un género de árbol de la familia *Myrtaceae*, concretamente el *Psidium guajaba Raddi*, que crece entre México y el norte de Sudamérica”. / Oviedo (1851, p. 304): “El Guayabo es un árbol que los indios prescían, y hay mucha cantidad destes árboles en esta otras islas en la Tierra-Firme, y es fructa de buen olor sabor parece bien[...]todos los guayabos llevan una manera de pomas, mançanas, prolongadas algunas, otras redondas. Unos árboles echan esta fructa colorada, rosada por de dentro, otras son blancas ; y de fuera las unas y las otras son verdes , amarillas.[...] Son de dentro maçigas, divididas con çierta carnosidad en quatro quartos apartamientos atajados de la carnosidad , que es la que está en el çircuyto de la misma fructa: y en aquellos quarterones está la carnosidad desta fructa, que hay dentro dellos , llena de unos granillos durísimos y tráganse, y es buena fructa y de buena digestion ; son buenas para el fluxo del vientre, restriñen, quando se comen no del todo maduras, que esten algo durillas, para que çesse el fluxo del vientre. Entre aquellos granos que he dicho é la corteça tiene la carnosidad tan gruessa como un caño de açúcar é menos, segund son grandes é pequeñas, é de la misma carnosidad son aquellos atajos, é lo que está entrellos; mas los granillos están dentro de los quarterones. Llámase esta mançanao poma guayaba”.

¹⁴⁶⁹ Baraibar (2012, p. 72): “guabas: árbol también conocido como guamo y pacay (*Inga edulis* Mart.), de la familia *Fabaceae*, que se da en Amazonía y Centroamérica. Su fruto son unas vainas largas de color verde con unas semillas negras recubiertas por una pulpa blanca y Dulce”. / Soares (2010, p. 185) “engá: é árvore desafeiçoada que se não dá senão em terra boa [...]. Dá uma fruta da feição das alfarrobas de Espanha, que tem dentro umas pevides como as das alfarrobas, e não se lhe como senão um doce que tem em derredor das pevides, que é muito saboroso”.

¹⁴⁷⁰ Oviedo (1855, p. 599): “Guanábana: fruta del árbol llamado guanábano. *Annona muricata* Y *reliculata*. (Lenguas de Cuba y Haiti.)”.

¹⁴⁷¹ Baraibar (2012, p. 72): “hobos: ‘jobos’, árbol que crece en el Caribe, Centroamérica y llega hasta Bolivia. Su fruto es amarillo y tiene cierta similitud con la ciruela”. /Oviedo (1855, p. 601): “HoBo: árbol silvestre, comunísimo, algo semejante al cedro: florece en marzo, y produce en agosto o setiembre el fruto de su nombre, especie de ciruela olorosa, amarilla, mayor que la común, pero muy agria. Es el *Spondias lútea*. En Cuba se distingue hoy con el nombre de Jobo”.

¹⁴⁷² ALMESTO, 2012, p. 72.

¹⁴⁷³ VÁZQUEZ, 1979, p. 27.

viagem para somente depois de sua recuperação¹⁴⁷⁴. Por fim, acabaram permanecendo no povoado, mais de um mês¹⁴⁷⁵.

A saída, do principal povoado de Machifaro, finalmente deu-se depois da festa da natividade¹⁴⁷⁶. A expedição partiu com o intuito de encontrar, abaixo do rio, um bom porto para servir de estaleiro com o propósito de construir bergantins¹⁴⁷⁷.

Os nautas espanhóis navegaram por três dias, acompanhando a descida do rio, no ínterim avistavam a margens dos rios sempre povoada pelos habitantes da província¹⁴⁷⁸. Observando a margem, encontraram uma comunidade abandonada¹⁴⁷⁹, aquele lugar parecia um belo porto seguro e decidiram ali estacionar o arraial para descansar.

É nesta localidade¹⁴⁸⁰ que parte dos tripulação começa a organizar o levante que iria dar fim ao comandante da expedição Ursúa e seu tenente general Juan de Vargas: “Desde aquí comenzaron los traidores a tratar la muerte al descuidado general”¹⁴⁸¹

O capitão não se dera conta, mas neste tempo, o número de conjurados aumentara consideravelmente. Pois além dos conspiradores de outrora, se juntaram, a estes, outros que começaram a questionar a veracidade da existência do país *d’El Dorado*¹⁴⁸²:

Aquí pareció a la mayor parte de la gente del campo que las guías que traíamos, que eran ciertos indios brásiles de los que por este río salieron a Pirú, según se había dicho, habían dado falsa relación y mentían en toda la noticia que nos habían dado. [...] y asimismo iba con nosotros un español de los que habían bajado por el río con el capitán Orellana, el cual no conocía la tierra.¹⁴⁸³

Cada dias a mais que se passava naquela selva, o sentimento de que foram ludibriados se alastrava pelo arraial. A insatisfação se espalhou principalmente entre a camada mais baixa da hierarquia militar, nas palavras de Aguilar e Córdoba, “con la gente baja y ruin del campo”¹⁴⁸⁴.

Estes insatisfeitos almejavam principalmente o retornar ao Peru praguejando o tempo todo estarem perdidos naquele emaranhado da selva. Esta ‘gente baixa e ruim’, era formada,

¹⁴⁷⁴ ALMESTO, 2012, p. 73.

¹⁴⁷⁵ Zuñiga (1865, p. 235): “estuvimos en el dicho pueblo, descansando y engordando los caballos, veinte y cinco días”. /Almesto (2012, p. 73): “En esta provincia cayó mal dispuesto el gobernador y holgamos treinta y dos días”. /Echevarría (1968, p. 61): “Se detuvieron en este poblado treinta y tres días, hasta pasar la Pascua de Navidad”. /Jos (1927, p. 67): “Pasadas estas tierras atravesaron otras despobladas antes de llegar en los últimos días de noviembre a las populosas de Machifaro, bien abastadas de las cosas que necesitaban, por lo que se detuvieron un mês”.

¹⁴⁷⁶ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 469. /VÁZQUEZ, 1979, p. 30.

¹⁴⁷⁷ Echevarría (1968, p. 63): “Celebrada la fiesta de Navidad partió la armada de Machifaro”.

¹⁴⁷⁸ ALMESTO, 2012, p. 73.

¹⁴⁷⁹ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 469.

¹⁴⁸⁰ Zuñiga (1865, p. 236): “un pueblo llamado Mocomoco”.

¹⁴⁸¹ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 467.

¹⁴⁸² VÁZQUEZ, 1979, p. 28.

¹⁴⁸³ Idem, p. 27-28.

¹⁴⁸⁴ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 466.

em sua maioria, de soldados remanescentes da guerra civil peruana, insubordinados eram acostumados a motins¹⁴⁸⁵.

Ursúa percebendo que estava perdendo o comando de sua empreitada, buscou conter os rebeldes, imputando penas para aqueles que, percebia, estarem se amotinando¹⁴⁸⁶. O principal castigo dado para o soldado que desse com a língua e reclamasse, expressando seu desejo de voltar ao Peru, era transformá-lo em remador da canoa onde ia acomodada a companheira do capitão, Dona Inés¹⁴⁸⁷:

en pena, como quien los hecha a galeras, los hacía que fuesen remando y bogando la balsa de Doña Inés; y aunque este castigo era harto liviano para lo que merecían ellos, se afrentaban dello mucho; y otros mal intencionados, por indignar a los dichos, murmuraban diciendo que mejor era ahorcarlos que no hacerles remar las canoas y balsas.¹⁴⁸⁸

O grupo de conjurados, revoltados com a situação e ansiosos em retornar ao Peru, decidiu então planejar a tomada do comando da expedição. E concordaram que isso só seria possível se desfazendo do capitão da empreitada e do seu fiel escudeiro, o tenente general Juan de Vargas. Assim,

Ya en esta provincia comenzaron los que ordenaron la traición contra el gobernador a dar insignias de sus malas intinciones porque importunaban al gobernador que hiciese dos bergantines y que había buena madera y mucha comida para toda la gente y que le convenía mucho hacerlos, y pretendían que, en haciendo el gobernador los dos bergantines, matar al gobernador y tomar los dos bergantines y echarse el río abajo alzados con toda la gente.¹⁴⁸⁹

4.10. O DESTACAMENTO DE SANCHO PIZARRO

Do povoado onde Ursúa montou seu arraial, os exploradores observaram muitos caminhos que adentravam a mata¹⁴⁹⁰. Já que iriam permanecer naquela localidade por um certo tempo, o capitão despachou um destacamento para explorar aqueles caminhos e descobrir para onde levavam. Ursúa deu o comando do contingente, formado por trinta homens, a Sancho

¹⁴⁸⁵ Idem, p. 467.

¹⁴⁸⁶ Idem, p. 466.

¹⁴⁸⁷ Aguilar y Córdoba (2016, p. 467): “parecía, embebido en esta miseria, que curaba más de los amores de esta mujer que del cuidado de la guerra y jornada que llevaba a su cargo”.

¹⁴⁸⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 28.

¹⁴⁸⁹ ALMESTO, 2012, p.73.

¹⁴⁹⁰ MONGUIA, 1865, p. 193.

Pizarro um dos que julgava leal a si¹⁴⁹¹. Altamirano, que foi um dos escolhidos para fazer parte do destacamento, assim relata o início da caminhada:

el dia siguiente despues de asentado el Real, [...], llamo al Capitan Sancho piçarro, y nombrole por cabo para que con 30, soldados fuesse a descubrir la tierra adentro, y assi dentro de vna ora fuimos apercebidos, y salimos con Sancho pigarro, digo verdad, como en todo lo demas por ser vno de los 30. soldados que fuimos escogidos para ir con el Capitan Sancho piçarro por mandado del Gouvernador; y es assi que auiedo salido del Rio, y del lugar donde el General asentó el campo. dimos en vnos caminos muy anchos, y muy buenos que estaban del modo de los de los Ingas del Piru.¹⁴⁹²

Ursúa comunicou ao grupo que ficaria ali na comunidade, com o restante do arraial, até o regresso do destacamento¹⁴⁹³.

Então o grupo de Sancho Pizarro avançou pelo caminho e aos poucos foi se distanciando do arraial. Caminharam por aproximadamente quatro léguas¹⁴⁹⁴ quando se depararam com uma morada, alojamento a maneira de uma hospedaria muito parecido com os existentes no mundo Inca. No seu interior encontraram duas mulheres moradoras locais. Elas estavam preparando sua comida, foram pegadas de surpresa fazendo pão caçabe¹⁴⁹⁵. Aquela rede de caminhos montada pelos habitantes daquele lugar chamou muita a atenção dos exploradores espanhóis devido a fartura de mantimentos, a quantidade de gente encontrada, além do suporte estrutural ali existente:

toda la comarca era muy poblada de indios; cogimos las indias y pasamos adelante siguiendo el camino mas de 30. leguas y a cada tres leguas hallabamos tambos que auia de la misma manera que el primero, y al rededor de cada tambo de estos auia yuca y mais sembrado, y otras raices y frutas para el sustento, y auio de los mercaderes, y pasajeros que iban y venian de las prouincias de la tierra adentro a rescatar con los de las prouincias de Machifaro y otras sus vezinas y el rescate era de losa, y pescado que lo auia muy bueno en la prouincia de Machifaro, por hoias y caracurias de oro y otras cosas de la tierra de estima, que assi nos lo dieron a entender las indias.¹⁴⁹⁶

Questionadas as mulheres cativas por Sancho Pizarro, através de ‘línguas’, sobre o real tamanho da população daquela região, uma das delas respondeu, recolhendo em suas mãos um punhado de areia, dando a entender que o número de grão entre seus dedos, impossível de contar, era o equivalente a cifra de habitantes daquela comarca¹⁴⁹⁷.

Indo mais para dentro da mata, em terra firme, os exploradores constataram a existência de savanas e de terrenos mais planos, diferente da terra de mata fechada existente próximas a

¹⁴⁹¹ ALTAMIRANO, 1948, p. 386. /VÁZQUEZ, 1979, p. 30. /ALMESTO, 2012, p. 78. /AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 469. /ZUÑIGA, 1865, p. 235.

¹⁴⁹² ALTAMIRANO, 1948, p. 386.

¹⁴⁹³ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 469

¹⁴⁹⁴ Baraibar (2012, p. 68): “una legua de Castilla equivale a 5572 metros”.

¹⁴⁹⁵ ALTAMIRANO, 1948, p. 386. / ALMESTO, 2012, p. 78.

¹⁴⁹⁶ Idem, p. 386.

¹⁴⁹⁷ Idem, p. 386.

margem do rio. Alместo declara, em sua crônica, que em seu retorno Sancho Pizarro, descrevendo o que tinha visto, “dijo que tenía por cierto que por allí se diera en buena tierra, a mucha gente y vestida”¹⁴⁹⁸. A importância em se relatar a presença de ‘gente vestida’ em meio aquela floresta, para Sancho Pizarro e o restante dos ibéricos, dava-se devido a aquele arquétipo representar no imaginário europeu terras habitadas por povos minimamente civilizados, já que a vestimenta ou/e a cobertura das vergonhas representava, para eles, um mínimo da presença civilizatória.

Quanto mais adentravam a terra firme, mais povoado era aquele mundo. Receosos de acabarem sendo dominados pelos numerosos habitantes da região, o capitão Sancho Pizarro e seus subordinados, decidiram dar meia volta e retornar ao arraial de Ursúa¹⁴⁹⁹. Nas palavras de Altamirano:

El Capitan Sancho [...] no se atreuiu a pasar mas adelante la tierra adentro porque no eramos mas de 30 soldados, [...] y assi tornamos a voluer con nuestro Capitan al cauo de 30 dias que auíamos salido de la prouincia de Machifaro, que era adonde auíamos dexado a nuestro Gouernador, y lleuamos con nosotros 4 indias.¹⁵⁰⁰

Mas sem saber, os trinta soldados daquele destacamento, tiveram uma grande e desagradável surpresa quando retornaram ao arraial castelhano. O grupo de amotinados houvera se levantado contra o comando do capitão Ursúa e dele tinham dado cabo, tirando a sua vida¹⁵⁰¹.

Altamirano relata assim o retorno do destacamento ao arraial:

fuimos al bujio, donde auíamos dexado a nuestro gouernador Pedro de Vrsua, para dalle cuenta de lo que auíamos descubierto hallamos le muerto, y a don Joan de Vargas su teniente general, y a otros dos soldados, y algado por General a don Hernando de Gusman alferes Real que era del dicho Gouernador Pedro de vrsua, y por Maestre de campo a Lope de Aguirre.¹⁵⁰²

Pedro Ursúa, o conquistador dos povos Chitareros e ‘pacificador’ dos revoltosos negros cimarrones, estava morto.

4.11. MORTE DE URSÚA

¹⁴⁹⁸ ALMESTO, 2012, p.78.

¹⁴⁹⁹ ALTAMIRANO, 1948, p. 386.

¹⁵⁰⁰ idem, p. 386.

¹⁵⁰¹ ALMESTO, 2012, p. 78. /ZUÑIGA, 1865, p. 235.

¹⁵⁰² ALTAMIRANO, 1948, p. 387.

Após se passarem três dias da saída do destacamento de Sancho Pizarro, com seus trinta soldados, o grupo de conjurados, percebeu que era a hora propícia para agir e tomar de assalto o comando da expedição, já que com a ida para o sertão do destacamento de Sancho Pizarro, Ursúa ficara mais desguarnecido, pois Sancho era uma das figuras leias, ao capitão, junto a horda dos exploradores. A princípio os conjurados acordaram por destituir do comando o indesejado capitão para em seguida tomar as embarcações encher de máximo de provisões e descer até o mar com o intuito de retornar ao Peru¹⁵⁰³. Mas ao que parece, por insistência de Lorenzo de Salduando e principalmente de Lope de Aguirre¹⁵⁰⁴, que conseguiram convencer a todos, ficara decidido que o melhor não seria apenas destituir o capitão de seus poderes, mas sim assassinar Ursúa juntamente com seu imediato o tenente general Juan de Vargas. A justificativa para esse ato derradeiro seria evitar futuros conluios encabeçados pelos destituídos¹⁵⁰⁵.

Para poder por em prática sua conspiração, os conjurados, a maioria pertencente ao baixo escalão da hierárquico militar, decidiram trazer para sua causa, prometendo-o fazer capitão, Dom Fernando de Guzmán¹⁵⁰⁶, que naquele momento encontrava-se com a patente de Alferes General, terceiro em comando na hierarquia militar da expedição¹⁵⁰⁷, cargo este concedida pelo próprio Ursúa¹⁵⁰⁸:

deseosos de volver a Pirú, andaban buscando y inventando cómo lo podrían hacer: y porque todos estos que digo eran gente baja y de poca suerte, y los más oficiales de oficios bajos, no teniéndose ninguno dellos por suficiente para ser Capitán y cabeza a quien la gente obedeciese de buena gana, se concertaron con D. Fernando de Guzmán, que era Alferez general del campo, que allende de ser caballero era tenido por virtuoso y bien quisto entre ellos.¹⁵⁰⁹

Para convencer definitivamente a dom Fernando de Guzmán a tomar a frente da traição, os conspiradores relembrou a prisão, anteriormente ordenada por Ursúa, de seu criado¹⁵¹⁰ um mestiço¹⁵¹¹. “Dijéronle que semejante afrenta era justo vengarla, pues demás de ser quien era,

¹⁵⁰³ MONGUIA, 1865, p. 193. /VÁZQUEZ, 1979, p.29.

¹⁵⁰⁴ Reis (1989, p. 51): “A soldadesca, habituada a indisciplina que nos últimos tempos dominava o Peru, facilmente se deixou levar pelas propostas dos conjurados. Chefiava o conluio o vasco Lopo d’Aguirre, individuo de precedentes sujos, useiro e vezeiro em motins, conhecido, pelas misérias que praticava, pela alcunha de o Louco”.

¹⁵⁰⁵ MONGUIA, 1865, p. 193. /VÁZQUEZ, 1979, p. 29.

¹⁵⁰⁶ Zuñiga (1865, p. 237): “É para esto hablaron y engañaron á D. Fernando de Guzman, para que fuese su general; el cual, como era mozo y de pocas malicias, acetólo luego”. /Echevarría (1968, p. 58): “Don Fernando —les expuso Aguirre— reunía todas las condiciones necesarias para ser el jefe de la expedición. Era de familia perteneciente a la nobleza sevillana”

¹⁵⁰⁷ Aguilar y Córdoba (2016, p. 468): “parecioles estotro negocio más acertado, haciendo su general a don Fernando, porque Lope de Aguirre, hombre malo y sedicioso”.

¹⁵⁰⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 29. /AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 468. /ZUÑIGA, 1865, p. 237.

¹⁵⁰⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 29.

¹⁵¹⁰ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 468. /VÁZQUEZ, 1979, p. 29.

¹⁵¹¹ Em Machifaro, Aguilar y Córdoba (2016, p. 463): “los soldados comenzaron por su parte a recoger en sus alojamientos cuanta comida hallaban en la parte del pueblo que había sido señalada para los indios aunque el gobernador lo tenía prohibido. El cual, viendo lo que pasaba, por asegurar los indios prendió a algunos soldados, y entre ellos un criado de don Fernando de Guzmán”.

era también alférez general, a quien se debía todo respeto”¹⁵¹². Assim se deu, para Vázques, a maior traição já vista no mundo:

la mayor traición que en el mundo se ha hecho la que D. Fernando hizo al Gobernador, por la mucha y antigua amistad que con él tenía, que era tanta, que ni comía el uno sin el otro, y dormían muchas veces juntos, aunque tuviesen cada uno su cama, que era cosa no de creer la grande hermandad y amistad que Pedro de Orsúa mostraba al D. Fernando.¹⁵¹³

Com a escolha do substituto do capitão Ursúa, os amotinados resolveram por em prática seu plano e decidiram que ao primeiro dia do ano de 1561, levariam a cabo a sua ação conspiratória¹⁵¹⁴. Os conspiradores conseguiram arregimentar para sua causa, aproximadamente sessenta insatisfeitos¹⁵¹⁵, mas o núcleo principal dos assaltantes era formado por

Los que mataron al gobernador Pedro de Orsua, que ya son muertos, son los siguientes: D. Fernando de Guzman, general; Juan Alonso de la Bandera, y segunda persona del campo é teniente de general y prencipal en el motin; Lorenzo de Salduendo, capitan de la guarda de D. Fernando; Christóbal Hernandez, capitan de infantería; Alonso de Montoya, capitan de caballos; Miguel Serrano, capitan de infantería; Martin Perez, sargento mayor; Pero Fernandez, tesorero; Pedro de Miranda, alguacil mayor¹⁵¹⁶.

Diego de Torres, Cristóbal Fernández, Alonso de Villena, Juan de Vargas, canario, y el cruel tirano Lope de Aguirre cabeza y inventor de maldades¹⁵¹⁷

Entre o restante dos expedicionários, que não aderiram ao motim, a percepção de uma possível revolta iminente não passou despercebida. Muitos dos quais próximos a Ursúa o advertiram sobre uma possível insurreição naquele arraial. “Pedrarias de Alместo, al que utilizaba como secretario y a quien distinguía con toda su confianza, le dijo un día claramente que cortara media docena de cabezas, si quería evitar mayores males”¹⁵¹⁸. Outro que tentou chamar a atenção de Ursúa foi um dos negros que faziam parte da expedição:

un negro del campo llamado Juan Primero, entendió la conjuración el mismo día que le mataron, y aquella tarde, cuando quería anochecer, tres horas antes que se efectuase el negocio, fue este negro a dar aviso al gobernador y hallole encerrado con doña Inés, de tal manera que no pudo hablarle¹⁵¹⁹

Não querendo dar atenção ao que acontecia a sua volta, desiludido, parecia que o Caudilho já estava a esperar o seu destino trágico.

¹⁵¹² AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 468.

¹⁵¹³ VÁZQUEZ, 1979, p. 29.

¹⁵¹⁴ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 469. / VÁZQUEZ, 1979, p. 30.

¹⁵¹⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 29.

¹⁵¹⁶ ZUÑIGA, 1865, p. 239.

¹⁵¹⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 35.

¹⁵¹⁸ ECHEVARRÍA, 1968, p. 64.

¹⁵¹⁹ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 472.

Então as oito horas da noite do dia primeiro de janeiro de 1561¹⁵²⁰, aproximadamente quatorze Mancomunados¹⁵²¹, se dirigiram ao aposento em que o capitão descansava¹⁵²². Chegaram e não encontraram nenhuma guarda para detê-los, dessa maneira o grupo aproveitou e adentrou no cômodo, foi onde encontraram Ursúa deitado em seu leito, em uma *hamaca*¹⁵²³. Próximo a ele estava seu secretário Pedrarias de Alместo com quem o capitão conversava¹⁵²⁴. Surpreso e assustado com aqueles homens que adentraram o resisto armados. Ursua exclamou: “— *¡qué es esto, caballeros, a tal hora por acá caballero!*”¹⁵²⁵. E o conjurado que estava mais próximo do capitão, de nome Juan Alonso de la Bandera, lhe respondeu: “— *ahora lo veréis*”¹⁵²⁶, e prontamente lhe deu, com sua espada, a primeira estocada que atingiu o peito do Capitão, atravessando seu corpo¹⁵²⁷. As últimas palavras ditas pelo capitão foram então: “— *¿Qué traición es esta?*”¹⁵²⁸. O moribundo Ursúa, buscando escapar de seu trágico destino, e seguindo o extinto de sobrevivência, tentou se levantar e correr, mas acabou tropeçando, caindo entre as panelas do fogareiro onde sua refeição estava cozendo¹⁵²⁹. Ali deitado continuou a receber as estocadas de seus traidores¹⁵³⁰, ate desfalecer, e dessa forma brutal, perder a sua vida¹⁵³¹.

Quando terminaram com a vida de Ursúa, e como era costume sempre quando se destituía um contestador do poder real, os revoltosos assassinos em êxtase exclamaram em uníssonico coro: “*¡Viva el rey!*», « *Libertad, que muerto es el tirano!*”¹⁵³²: ‘viva o rei!’ e ‘Liberdade, pois o tirano está morto!’

O corpo do caudilho foi retirado do ressinto e largado no chão, ali ficou exposto para que todos do arraial o contemplassem¹⁵³³. A seu secretário, Pedrarias de Alместo, que havia conseguido escapar se escondendo em uma outra moradia, os insurgentes, por sorte, acabaram por poupar a sua vida, mas nem com todos os colaboradores de Ursúa os amotinados tiveram a mesma complacência¹⁵³⁴.

¹⁵²⁰ MONGUIA, 1865, p. 193.

¹⁵²¹ Monguia (1865, p. 193): “los siguientes: D. Fernando de Guzman, su alférez general, é Lope de Aguirre é Juan Alonso de la Bandera é Lorenzo de Salduendo é Alonso de Montoya, Christóbalde Chaves, Alonso de Villena, Martin Perez de Correndo, Juan Calogiral, Diego de Torres, Miguel Serrano é un F.º de Miranda, Sebastian Gomez, Pedro Hernandez y Pedro de Trujillo, que era de los que quedó en guarda de las canoas é navios”.

¹⁵²² Vázquez (1979, p. 30): “dejando prevenidos otros, sus amigos y secuaces, que en oyendo su voz y apellido acudiesen con sus armas”.

¹⁵²³ Baraibar (2012, p. 75): “hamaca: voz taína, ‘tipo de cama colgante a manera de red hecha generalmente de algodón”.

¹⁵²⁴ VÁZQUEZ, 1979, p. 30. /ALMESTO, 2012, p. 73.

¹⁵²⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 30. /ALMESTO, 2012, p. 74.

¹⁵²⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 30. /ALMESTO, 2012, p. 74.

¹⁵²⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 30.

¹⁵²⁸ ALMESTO, 2012, p. 74.

¹⁵²⁹ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 469.

¹⁵³⁰ Jos (1927, p. 68): “más de cuarenta estocadas”.

¹⁵³¹ MONGUIA, 1865, p. 194. /ZUÑIGA, 1865, p. 237.

¹⁵³² AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 469. /ALMESTO, 2012, p. 74.

¹⁵³³ Reis (1989, p. 50): “Morreu com a idade de trinca e cinco anos”.

¹⁵³⁴ Nas palavras do próprio Pedrarias de Alместo (2012, p. 74): “yo, cuando entraron a matar al gobernador, estaba hablando con él; y lo mismo me hicieran a mí si no fuera por uno dellos, que era Villena, que me defendió, y así me sacaron preso y desarmado”. /Para

No mesmo dia do assassinato de Ursúa, os conspiradores, foram atrás de seu *Teniente General*, o fiel escudeiro, Juan de Vargas¹⁵³⁵. O encontraram a meio caminho, vindo ao encontro amotinados usando sua armadura e com a espada em mão¹⁵³⁶. Cercado e sozinho, tentou resistir, mas acabou sendo contido pela horda rebelde. Sem sua espada e rendido, recebeu, à traição pela costa, uma estocada da espada empunhada pelo sublevado Martín Perez¹⁵³⁷. “Luego, los demás lo acabaron de matar y con el mismo apellido de libertad y viva el rey”¹⁵³⁸. Em seguida, a essas duas mortes, o que se viu foi o frenesi da revolta espalhando-se pelo arraial.

Parte destes traidores fueron luego por las plazas, casas y aposentos del campo, y hacían venir por fuerza a toda la gente del escuadrón, donde juntaron todo el campo y desarmaron y quisieron matar a algunos amigos y parientes y paniaguados del Gobernador.¹⁵³⁹

Na manhã seguinte, a incerteza reinava no acampamento, sentimentos se misturavam em meio àquele verdadeiro caos, resultado da vacância da liderança. “Unos se alegraban por lo sucedido, otros temían por sus vidas”¹⁵⁴⁰.

Como primeiro ato, os sublevados, decidiram repartir as patentes¹⁵⁴¹, A dom Fernando de Guzmán, como haviam lhe prometido, deram-lhe o título de *General en Jefe*, chefe general¹⁵⁴². A comenda de *Maese de campo*¹⁵⁴³, mestre de campo, ficou para o líder de fato da rebelião, Lope de Aguirre, como *Teniente General*, no lugar do assassinado Juan de Vargas, escolheram a outra liderança rebelde, Juan Alonso de la Bandera e como capitão de guarda do general impuseram Lorenzo de Salduendo¹⁵⁴⁴. As outras patentes foram distribuídas entre o restante dos amotinados, além de agradecerem alguns dos antigos aliados do finado Ursúa, na

Echevarría (1968, p. 92) uma hipótese de terem poupado muitas vezes a Alместo poderia estar relacionada a seguinte situação: “Era Pedrarias un joven soldado culto y educado y, al mismo tiempo, valiente y leal, como lo demostraría repetidamente. El caso de Pedradas constituye una excepción en la trágica epopeya de los Marañoses. Es el único que fue reiteradamente perdonado por Lope de Aguirre. [...] todo hace sospechar que existió un inocente y romántico idilio entre Pedradas y Elvira [filha mestiça de Aguirre, de 16 anos, que fazia parte na expedição]”.

¹⁵³⁵ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 469. /VÁZQUEZ, 1979, p. 30.

¹⁵³⁶ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 470.

¹⁵³⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 31. /ZUÑIGA, 1865, p. 237.

¹⁵³⁸ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 470.

¹⁵³⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 31.

¹⁵⁴⁰ ECHEVARRÍA, 1968, p. 67.

¹⁵⁴¹ Zuñiga (1865, p. 238): “Otro día se juntaron á consejo de guerra todos los más principales del campo, y hicieron capitanes, alférez y sargento y los demás oficiales del campo, y repartieron entre los más privados todas las ropas y negros del dicho Gobernador”.

¹⁵⁴² Echevarría (1968, p.69): “Guzmán estaba colmada con el nombramiento, a sus veintiséis años, de General en Jefe”.

¹⁵⁴³ Aguilar y Córdoba (2016, p. 471): “El maestre de campo era un oficial de grado superior que mandaba varios cuerpos de ejército o tercios”. / Baraibar (2012, p. 58): “maese de campo: tras el gobernador, es el segundo mando de una expedición si bien no se trata de tropas regulares, donde el maese o maestre de campo tiene unas funciones concretas, las jornadas o expediciones en Indias se organizaban con su estructura de oficiales. Tal y como nos informa Vargas Machuca (Milicia y descripción de las Indias, p. 87), si la jornada fuera ‘de nueva conquista y el gobernador y capitán general se moviere a ella, nombrará su teniente general y maestre de campo, capitanes, y sargento mayor, alférez general y alguacil mayor del campo”’.

¹⁵⁴⁴ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 471. /VÁZQUEZ, 1979, p. 31. /MONGUIA, 1865, p. 194. /JOS, 1927, p. 70.

tentativa de acalmar os ânimos no arraial. Foram tantas comendas distribidas que “hicieron más capitanes y oficiales de guerra que soldados había en el campo¹⁵⁴⁵.

Para formalizar o ato impetrado, como era de costume entre os ibéricos, pediram para que se fizesse uma mesa e se registrasse em ata os desdobramentos daquela conjuração. Ali ficaram registrados os assassinatos e suas justificativas¹⁵⁴⁶, além da nomeação do novos líderes expedicionários¹⁵⁴⁷. Finalmente quando o documento terminou de ser redigida, na presença de todos “el escribano Melchor de Villegas levantó el acta correspondiente con todas las formalidades de rigor y después de leerla en alta voz, se invitó a todos a firmar el documento”¹⁵⁴⁸. O primeiro a assinar foi o próprio Aguirre, “firmó él primero de esta manera “*Lope de Aguirre, traidor*”¹⁵⁴⁹.

Com o fim das formalidades e agora no comando da expedição, os traidores trataram de se apoderar dos despojos do antigo capitão. Sedentos por bebida alcoólica miraram principalmente a adega de vinho que Ursúa possuía, para seu uso pessoal e do cerimonial religioso. Sedentos, beberam até a ultima gota¹⁵⁵⁰.

Foi no dia seguinte que, retornando de sua incursão pelo interior da floresta, que regressou para o arraial, Sancho Pizarro com seu descascamento. Quando chegaram, se encaminharam até onde se localizava outrora Ursúa e ficaram bastante surpresos quando se deram conta das notícias e do atual momento do arraial. Como Sancho era muito próximo de Ursúa, os usurpadores, decidiram dar-lhe um comando acima na hierarquia militar, para convence-lo a ficar de seu lado, fizeram-no então *sargento mayor*¹⁵⁵¹.

Com os ânimos arrefecidos, finalmente Doña Inés, companheira de Ursúa, conseguiu, com a ajuda dos negros escravizados pertencentes ao Caudilho defunto, fazer o enterro do Capitão. Pedro Ursúa e seu Teniente Juan de Vargar foram sepultados juntos, em uma vala comum¹⁵⁵². Pedro Ursúa “Vivió sólo tres meses y tres días desde que se embarcó en el astillero hasta que le mataron. Embarcóse a los veinte y seis de septiembre de mil y quinientos y sesenta y un años”¹⁵⁵³.

Se passando apenas cinco dias da deposição e morte de Ursúa, os expedicionários decidiram por bem levantar o arraial. A caravana estava deficitária de grandes embarcações, já

¹⁵⁴⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 35.

¹⁵⁴⁶ Echevarría (1968, p. 68): “La muerte del General se trató de justificarla como una necesidad indudible, para la salvadón de todos”.

¹⁵⁴⁷ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 470. /VÁZQUEZ, 1979, p. 31.

¹⁵⁴⁸ ECHEVARRÍA, 1968, p. 69.

¹⁵⁴⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 36.

¹⁵⁵⁰ AGUILAR Y CÓRDOBA, 2016, p. 471. /ALMESTO, 2012, p. 74. /MONGUIA, 1865, p. 202. /VÁZQUEZ, 1979, p. 31. /ZUÑIGA, 1865, p. 238.

¹⁵⁵¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 36.

¹⁵⁵² Idem, p. 31.

¹⁵⁵³ Idem, p. 35.

que naquele momento possuíam apenas uma *chata*, que vinha carregada com os cavalos que sobravam¹⁵⁵⁴. Como sabiam que mais à frente, iriam enfrentar o mar aberto, e para isso teriam que ter embarcações mais fortes e robustas, entenderam ser prudente encontrar um porto para servir de estaleiro com o intuito de construir bergantins¹⁵⁵⁵. Então com esse objetivo voltaram a singrar o grande rio.

4.12. PUEBLO DE LOS BERGANTINES¹⁵⁵⁶

Navegaram então por aproximadamente três dias¹⁵⁵⁷, neste meio tempo, a última *chata* que fazia parte da expedição começou a fazer água de maneira que estimavam não poder evitar seu afundamento. Para não perder sua carga que eram os cavalos¹⁵⁵⁸, decidiram atracar com o restante das embarcações no porto mais próximo, onde julgaram que se serviriam de madeira para a construção das naves¹⁵⁵⁹.

llegamos a otro pueblo, que habria veinte leguas, é desembarcaron treinta caballos que habian quedado; é se fue el navio al fondo, é alli acordaron de hacer luego dos bergantines, é que se matarian los caballos para comer, porque no se hallaba género de comida, salvo yuca amargo, de la cual acertaron a comer ciertos indios de nuestro servicio, é luego murieron¹⁵⁶⁰.

O lugar que escolheram como porto era a beirada de um vilarejo. As desavenças entre a tripulação, que pareciam estarem já contornadas, depois que saíram de Mocomoco povoado onde ocorrera a tragédia de Ursúa, despertaram novamente agora naquele vilarejo. A causa principal do entrevero eram a desconfiança e a disputa entre grupos pelo poder de fato da empreitada. A rivalidade se dava principalmente entre os bandos capitaneados um pelo *Teniente General* de Guzmán, Juan Alonso de la Bandeira, e o outro grupo, que era encabeçado pelo Maestro de Campo, Lope de Aguirre. E com o passar do tempo esta animosidade só foi cada dia mais aumentando¹⁵⁶¹.

¹⁵⁵⁴ Idem, p. 37.

¹⁵⁵⁵ ALTAMIRANO, 1948, p. 387.

¹⁵⁵⁶ Jos (1927, p.75): "sitio en que el [lago] Catúa y el Coari arrojan sus aguas al Amazonas".

¹⁵⁵⁷ ALMESTO, 2012, p. 78. /ALTAMIRANO, 1948, p. 387.

¹⁵⁵⁸ ALMESTO, 2012, p. 78. /MONGUIA, 1865, p. 195. /ZUÑIGA, 1865, p. 242.

¹⁵⁵⁹ ZUÑIGA, 1865, p. 242. /ALMESTO, 2012, p. 78.

¹⁵⁶⁰ MONGUIA, 1865, p. 195.

¹⁵⁶¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 38.

O primeiro a sofrer as consequências dessa rinha, foi Garcia de Arce que após apenas dois dias da chegada no vilarejo acabou assassinado, à maneira como se executava os traidores na época, por meio de garrote¹⁵⁶². A sentença de sua morte foi motivada simplesmente pelo fato, como declara Vázquez, de Arce ter sido amigo do governador Pedro de Orsúa¹⁵⁶³.

O flagelo da morte não cessou em rondar o arraial, foram também assassinados o mulato Pedro Miranda, *alguacil mayor*¹⁵⁶⁴, e o tesoureiro Pedro Hernández, ambos participes na morte de Ursúa e agora sentenciados a morte acusados de tramarem uma outra tentativa de motim¹⁵⁶⁵. O medo foi tomando conta da caravana, muitos receavam serem os próximos. A cólera da brutalidade espalhava-se pelo arraial. Seu principal difusor, era Aguirre, homem cruel que gostava de maltratar não somente os homens da expedição, mas também os moradores locais¹⁵⁶⁶, estes eram suas vítimas principalmente quando não traziam, ou não conseguiam, os provimentos necessários para a sustentação dos expedicionários. Em uma das passagens de sua crônica Vázquez descreve a chacina perpetrada, pela horda de Aguirre contra um grupe de moradores:

los tiranos, por servirse dellos, los engañaron y hicieron con maña y halagos meter en unos bohíos más de cincuenta dellos en achaque de los querer ver D. Fernando; y, estando dentro, los mataron todos y los cercaron y echaron en prisiones [...] y no sólo se siguió este daño, sino otros muchos, que no volvieron más a rescatar con nosotros, y padescíamos todos necesidad de comida, que ellos primero nos la traían a trueque de bien poco rescate, y de noche nos hurtaban las canoas, y no osábamos salir del campo sino muchos juntos a buscar comida.¹⁵⁶⁷

Com o passar das semanas, presos naquele povoado devido ao tempo necessário para a construção dos bergantins, a dificuldades em encontrar provisões foi só se agravando, a situação ficou ainda pior devido aos constates maus-tratos perpetrados contra a população local.

En este tiempo pasamos gran hambre, porque no hallamos en este asiento más de la yuca brava de las sementeras, y para se poder comer, se había de hacer cacaui, y para lo hacer, había muy poco servicio, que casi todo se nos había muerto, y las sementeras estaban lejos; íbase por la yuca en canoas, y atravesábase el río por allí. [...] en pesquerías no se podía tomar ningún pescado, y nuestro principal mantenimiento fueron frutas del monte, que allí hallamos, como eran hobos¹⁵⁶⁸ y carmitos¹⁵⁶⁹, y chatos¹⁵⁷⁰ y guanabanas, y otras frutas de diversos géneros.¹⁵⁷¹

¹⁵⁶² ZUÑIGA, 1865, p. 242.

¹⁵⁶³ VÁZQUES 1979, p. 37.

¹⁵⁶⁴ Inspector, capataz.

¹⁵⁶⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 37. /ZUÑIGA, 1865, p. 242.

¹⁵⁶⁶ ZUÑIGA, 1865, p. 242.

¹⁵⁶⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 39.

¹⁵⁶⁸ cajá, taperebá (*Spondias mombin* ou *Spondias lutea*).

¹⁵⁶⁹ Abiu ou abio (*Pouteria caimito*).

¹⁵⁷⁰ Possível variedade de pêsego do gênero *Prunus persica*.

¹⁵⁷¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 37.

Também, como forma de aplacar a fome na situação extrema em que se encontravam, a horda expedicionária decidiu por sacrificar o que restava de seus cavalos e cães para da carne fazer uso como alimento¹⁵⁷².

Mesmo com as dificuldades encontradas os invasores espanhóis não arredaram o pé do improvisado estaleiro, determinados no termino da construção dos bergantins. Como seu objetivo não era mais encontrar o *El Dorado* e sim retornar ao Peru, sabiam que para poder tonar seu novo sonho possível seria necessário conseguir sair pela foz do imenso rio e encontrar o oceano para em seguida ir sublevando os vilarejos espanhóis da costa caribenha até o Panamá¹⁵⁷³ e daí transpassar para o Pacífico até seu destino final o Peru.

decían ellos que, en muy pocos días, habían de tener todo el Pirú por suyo; el cual habían ya comenzado a repartir entre ellos, no solamente los repartimientos, pero aún las mujeres de los vecinos, todas las que eran hermosas, cada uno escogía para sí la que más le agradaba”.¹⁵⁷⁴

Durante os três meses de estadia em *Pueblo de los Bergantines*¹⁵⁷⁵ como ficou chamado para eles o vilarejo, o clima de desconfiança, nunca deixara de existir entre dos dois bandos, que lutavam pelo comando de fato da expedição. A realidade era que o capitão dom Fernando de Guzmán, homem moço e inexperiente, era apenas uma figura títere, naquela convulsão de acontecimentos.

Guzmán preocupado com o destaque cada vez maior da figura de Aguirre, a verdadeira liderança no arraial, foi aconselhado pelos os oficiais mais próximos, pertencentes ao grupo de La Bandera, a se livrar o mais breve possível de seu temido maestro de campo. Sendo a maioria dos conselheiros possuidores da opinião de que a única maneira de se livrar realmente das garras de Aguirre seria tirando-lhe a vida¹⁵⁷⁶. Mas por fim, para o azar futuro do jovem capitão que não ouvira seu estafe, Guzmán decidiu tão somente por rebaixar Aguirre de seu posto, tirando-lhe a insígnia de *Maestro de Campo* rebaixando-o ao cargo de capitão de cavalaria.

Quando ficou a par do decreto de Guzmán a cerca de seu rebaixamento Aguirre ficou colérico e essa ira aumentou ainda mais quando fora informado que em seu lugar o capitão havia posto seu maior desafeto, Juan Alonso de la Bandera¹⁵⁷⁷. Atormentado pela surpresa, mas

¹⁵⁷² Idem, p. 37.

¹⁵⁷³ Vázquez (1979, p. 42): “y el orden que ellos decían habían de tener, era procurar salir a la mar con gran brevedad y, por la necesidad que llevaban de bastimentos, tomar tierra en la isla Margarita, y en tres o cuatro días tomar la comida y agua necesaria, y partir para Nombre de Dios”. / Echevarría (1968, p. 88): “Panamá era por entonces el lugar de paso de todos los rebeldes y descontentos y Aguirre no dudaba que se unirían gustosamente a su causa. Contaba también con atraerse a los negros cimarrones cuya insurrección había sofocado Ursúa en otro tempo”.

¹⁵⁷⁴ VÁZQUEZ 1979, p. 42.

¹⁵⁷⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 42. /ZUÑIGA, 1865, p. 242. /MONGUIA, 1865, p. 198.

¹⁵⁷⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 38.

¹⁵⁷⁷ Idem, p. 38.

sem demonstrar para Guzmán¹⁵⁷⁸, Lope Aguirre, a partir daí, começou a arquitetar seu contragolpe para retomar novamente seu cargo.

Queixando-se com os seus mais próximos, decidiu iniciar sua vingança pelo seu maior desafeto de la Bandera, seu contraditório, que naquele momento acumulava as funções de *Maestro de Campo e Teniente General*¹⁵⁷⁹.

Assim, primeiramente, para poder ganhar novamente as graças de dom Guzmán, Aguirre fingira aceitar o rebaixamento a ele impetrado, o que fez com que voltasse a ser bem quisto e ganhasse novamente a confiança do Capitão. Então com passar tempo, já próximo de Guzmán, tratou de inculcar na mente do capitão que tanto poder dado a La Bandera, o havia deixado soberbo e que o mesmo, sendo o segundo na hierarquia do arraial, estava já a organizar um levante com o objetivo de ser o único no comando para não ter mais a obrigação de se reportar a mais ninguém sobre seus atos. Cercado por aquele ambiente que exalava desconfiança, não demorou muito para que Aguirre voltasse a dominar a mente do inexperiente Guzmán. Assim, o capitão acabou por aceitar seus conselhos e decidiu se livrar de La Bandera. E claro, na oportunidade, o grupo de Aguirre prontamente se colocou a disposição para efetivar o ato ¹⁵⁸⁰.

Saindo ao encontro de Juan Alonso de la Bandeira, a horda de Aguirre o encontrou na companhia de Cristóbal Hernández¹⁵⁸¹, que também seria morto, percebendo a chegada dos assassinos fugira, deixando de la Bandeira a sua própria sorte. Sem mais delongas, de la Bandeira foi atingido, a queima roupa por uma descarga de arcabuzes, sendo o serviço concluído com golpes de espadas e de lanças¹⁵⁸².

Assim, com o assassinato de seu principal rival, Lope de Aguirre, retomava seu poder, agora de maneira incontestável, recebendo de volta seu cargo de Maestro de Campo das mãos de seu capitão Guzman¹⁵⁸³.

No dia seguinte à brutal morte de la Bandera, quando parecera que a luta fratricida dera uma pausa, o arraial do Pueblo de los Bergantines, tornara-se palco de uma cerimônia pictórica, a coroação, à revelia dos interesses da metrópole castelhana, de dom Fernando de Guzmán com

¹⁵⁷⁸ Havia uma promessa entre Guzmán e Aguirre, Vázquez (1979, p. 38): “le prometía que casaría una hija mestiza que Lope de Aguirre tenía allí consigo con un su hermano que se llamaba D. Martín de Guzmán, que estaba en Pirú”.

¹⁵⁷⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 38.

¹⁵⁸⁰ Idem, p. 38.

¹⁵⁸¹ Echevarría (1968, p. 81): “Cristóbal Hernández, con felina agilidad, es abrió paso con su espada hasta la puerta, y salió corriendo, [...] buscó su salvación en el río, arrojándose al agua. [...] Finalmente, muy malherido, pudo llegar desangrándose a la orilla, donde se dejó caer moribundo, pidiendo confesión”.

¹⁵⁸² VÁZQUEZ, 1979, p. 38. /ECHEVARRÍA, 1968, p. 81.

¹⁵⁸³ VÁZQUEZ, 1979, p. 38.

o título de príncipe regente do Peru. Graça esta concedida por aquela horda de tresloucados espanhóis envoltos pela imensa floresta.

4.13. A ODE DO DON GUZMÁN *EL PRÍNCIPE DE PERU*

A encenada cerimônia de coroação¹⁵⁸⁴ de Fernando Guzmán, fora maquinada e capitaneada pelo agora repostado mestre de campo Lope de Aguirre¹⁵⁸⁵.

De ahí á pocos dias, hizo juntar el cruel tirano otra vez toda la gente del campo , á los cuales hizo un parlamento, en ausencia de su General, diciendo: “Caballeros, á todos nos conviene , para coronar por Rey á nuestro General, mi señor, en Panamá, que aqui lo elixamos y tengamos por Príncipe; y para esto yo digo que me desnaturó de los reinos de España, y que no conozco por mi Rey al de Castilla [...] y de hoy más obedezco y tengo por mi Principe Rey y señor natural á D . Fernando de Guzman , al cual entiendo coronar por Rey de Pirú.¹⁵⁸⁶

O mestre de campo justificou tal atitude, nas palavras da testemunha Francisco de Vázquez, da seguinte maneira:

“que para que la guerra llevase mejor fundamento y más autoridad, convenía que hiciesen y tuviesen por su Príncipe a D. Fernando de Guzmán desde entonces, para le coronar por Rey en llegando al Pirú, y que para hacer esto era menester que se desnaturasen de los reinos de España, y negasen el vasallaje que debían al rey D. Felipe, y que él desde allí decía que no le conocía ni le había visto, ni quería ni le tenía por Rey, y que elegía y tenía por su Príncipe y Rey natural a D. Fernando de Guzmán, y como a tal le iba a besar la mano, y que todos le siguiesen y hiciesen lo mismo”¹⁵⁸⁷.

Assim empurrados pela vontade de Aguirre, os soldados castelhanos resolveram consagraram Don Fernando de Guzmán como seu príncipe e a reboque decidiram por se desnaturalizar¹⁵⁸⁸ do mando da coroa de Castela¹⁵⁸⁹.

¹⁵⁸⁴ Reis (1989, p. 52): “A 23 de março de 1561”.

¹⁵⁸⁵ ANÔNIMO, 1927, p. 246.

¹⁵⁸⁶ ZUÑIGA, 1865, p. 247.

¹⁵⁸⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 41.

¹⁵⁸⁸ Baraibar (2012, p. 81): “siendo desnaturalizar en este caso renunciar al «derecho de natural y vecino» al «derecho de naturaleza y patria». La desnaturalización y la designación de Fernando de Guzmán como príncipe suponen la culminación del acto de rebeldía contra la autoridad del monarca al renunciar a su naturaleza, es decir, a su pertenencia a la comunidad y al no reconocerse como vasallos del rey”.

¹⁵⁸⁹ Monguía (1865, p. 197): “é les hizo el dicho Lope de Aguirre un parlamento, en que les decía que cada uno dixese su voluntad de quedarse allí ó de tener á D. Fernando por su general é príncipe; é todos dijeron que todos querian venir á servir á D. Fernando é hacer todo lo que les pedian”.

Para dar formalidade ao ato, como era de costume entre os ibéricos, redigiram uma ata¹⁵⁹⁰ para que todos assinassem e se comprometessem pelos desígnios tomados:

Y después que todos lo habían alzado por príncipe, Lope de Aguirre hizo a un Melchor de Villegas que fuese servicio y secretario del príncipe su señor y que tomase tinta y papel y que dijese por el estilo que le pareciese cómo todos los caballeros soldados del campo se desnaturalaban de sus tierras y negaban al rey de Castilla y alzaban por su señor y rey a don Fernando de Guzmán.¹⁵⁹¹

Como explana Vázquez, na ata¹⁵⁹² “todos los del campo, y algunos, a más no poder, por temor que tenían que no los matasen, firmaron y juraron la guerra del Pirú, salvo algunos que, disimuladamente, se quedaron sin firmar”¹⁵⁹³. Ao termino da cerimônia, todos se dirigiram ao novo príncipe, e imitando Aguirre, beijaram a sua mão¹⁵⁹⁴. A partir desse momento Guzmán passou a ser proclamado como “Don Fernando de Guzmán, por la gracia de Dios príncipe de Tierra Firme y Mar del Sur y reinos del Pirú y gobernación de Chile y de todas las Indias”¹⁵⁹⁵¹⁵⁹⁶. No dia seguinte deu-se o segundo ato, o de cunho religioso, que ficara a cargo do missionário que os acompanhava, o padre Alonso Henao¹⁵⁹⁷.

Após as cerimônias que oficializou o título de príncipe do Peru¹⁵⁹⁸ a Fernando de Guzmán, este

tomó muy en serio su nombramiento de Príncipe y desde el primer momento comenzó a comportarse como un auténtico soberano. Nombró pajes, coperos y demás cargos palaciegos, como si en vez de estar perdidos en la jungla se hallasen en la más refinada corte europea.¹⁵⁹⁹

A humilde cabana que tomara para descansar, havia se convertido em uma morada principesca¹⁶⁰⁰: “Mostró placer y holgóse con el nuevo nombre y dictado. Luego puso casa de Príncipe, con muchos oficiales y gentiles-hombres; comió desde entonces solo, y servíase con ceremonias”¹⁶⁰¹

Na localidade, de *Pueblo de los Bergantines*, onde Guzmán fora coroado, os exploradores espanhóis permaneceram por um total de três meses. Ao termino, haviam posto em água dois

¹⁵⁹⁰ Jos (1927, p. 79): “Si todo el contenido de este documento fuese verdad, él sería indudablemente el acta de emancipación de América cuando todavía no hacía un siglo que se había descubierto” [...] “Las ideas independizantes que se manifestaron en el Perú de un modo indeciso y condicionadas por ulteriores disposiciones de la Corona, las vemos aparecer ahora de una manera estallante y con decisión extraordinaria”. /Reis (1989, p. 52): “Há historiadores que consideran o gesto daqueles homens, maraíones, como ficaram conhecidos, como o precursor da independência; e a ata, o primeiro documento público das aspirações libertárias do continente”.

¹⁵⁹¹ ALMESTO, 2012, p. 81.

¹⁵⁹² Echevarría (1968, p. 85): “Cerca de doscentas firmas avalaban el documento”.

¹⁵⁹³ VÁZQUEZ, 1979, p. 40.

¹⁵⁹⁴ ANÓNIMO, 1927, p. 246.

¹⁵⁹⁵ ALMESTO, 2012, p. 82.

¹⁵⁹⁶ Em Vázquez (1979, p. 41): “D. Fernando de Guzmán, por la gracia de Dios, Príncipe de Tierra Firme y Pirú, y Gobernador de Chile”.

¹⁵⁹⁷ ECHEVARRÍA, 1968, p. 84.

¹⁵⁹⁸ Zuñiga (1865, p. 248). “é se nombraba é intitulaba en sus provisiones Principe de los reinos de Pirú”.

¹⁵⁹⁹ ECHEVARRÍA, 1968, p. 91.

¹⁶⁰⁰ JOS, 1927, p. 85.

¹⁶⁰¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 41.

bergantins, que receberam o nome de *Santiago* e *Victoria*¹⁶⁰². Eram embarcações de grande capacidade de carga, podiam carregar 360 toneladas, seus cascos achatados faziam com que adentrassem apenas cinco palmos abaixo do nível do rio, porém as embarcações saíram ao rio sem coberturas adequadas, decidindo-se por cobri-los mais à frente ¹⁶⁰³.

Partido do *Pueblo de los Bergatines* e depois de três dias de navegação, a horda expedicionária deparou-se com um pequeno vilarejo abandonado. O príncipe e seus capitães decidiram por bem montar arraial naquele local, já que se aproximava o dia da páscoa. Naquele povoado de poucas casas e muito mosquitos¹⁶⁰⁴, descansaram por oito dias, até a feste de celebração da ressurreição data de importância para os cristãos. Mas as celebrações não foram capazes de garantir por muito tempo a paz dentro do arraial, aqui Lope de Aguirre assassinou mais um expedicionário, de nome Pero Alonso Casco¹⁶⁰⁵.

Findado o período da páscoa, deixaram aquele vilarejo, e continuaram sua locomoção pelo rio, logo no dia seguinte encontram uma outra comunidade, esta por sinal era a maior que tinham já postos os pés¹⁶⁰⁶. Quando assentaram o arraial perceberam que seus habitantes, pegos ao que parece de surpresa, tinham fugido às presas, deixando seus mantimentos para trás¹⁶⁰⁷. Nas palavras de Zuñiga,

Eran indios muy pobres de casas y canoas y de armas; tenian mucha comida de maiz, yuca y camotes [batata-doce], y mucha cantidad de calabazas de Chile [aboboras], mucha fruta, tortugas y pescado, y el mejor brevaje de vino que creo se ha visto en las Indias. Estuvieron allí cuarenta dias, á gran vicio y engordando lo que habian enflaquecido en la hambre pasada, aunque habia gran falta de sal; vinieron todos los indios de paz y rescataban con ellos muchos manaties [peixe-boi] y lo que querian.¹⁶⁰⁸

A comida farta fez com que os expedicionários permanecessem na localidade por um bom tempo. Também atraiu a permanência dos expedicionários no porto, a presença nos arredores de madeira propicia para o termino da construção dos bergantins. Para além, os rios e lagos próximos apresentaram-se ricos em pescado, que eram facilmente fígados pelos anzóis dos invasores. Este pescado fez a alegria dos expedicionários que em grandes barbacoas eram grelhas para o consumo. Os peixes, juntamente, com as tartarugas, os porcos-do-mato e os

¹⁶⁰² ANÔNIMO, 1927, p. 246.

¹⁶⁰³ JOS, 1927, p. 85.

¹⁶⁰⁴ Ugarte (2009, p. 338): “os mosquitos de ataque diurno podem ser os que conhecemos pelo nome tupi de *pium*, da família dos simulídeos e os de ataque noturno são os que conhecemos, quer pelo nome português de pernilongo, quer pelo nome tupi de carapanã”. / Pereira (1980, p. 160): “PIUNS: também, segundo Alfredo da Mata, uma ‘pequenina e terrível mosca hematófaga, a *Simulium amazonicum*, causadora de intenso incômodo e prurido’. Grupo dos borrachudos (*Eusimulium*)”.

¹⁶⁰⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 43.

¹⁶⁰⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 44. / ZUÑIGA, 1865, p. 248.

¹⁶⁰⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 44.

¹⁶⁰⁸ ZUÑIGA, 1865, p. 248.

peixes-boi, que os a população local trazia para resgatar, eram as iguarias mais apreciadas por aqueles famintos visitantes¹⁶⁰⁹.



Figura 12 – Amostra de jarro onde os indígenas da Amazônia guardavam seu vinho. “Vinho este que embriagava tal qual o da Espanha, segundo o testemunho dos Maraños que dele experimentaram (Jarro Procedente de Iquitos e existente no B. Museum. Fot. A. V. Hull.)”¹⁶¹⁰ (JOS, 1927, p.88).

O rico vinho, produzido pela comunitários, também despertou a cobiça daquela horda invasora sedenta:

hay un género de vino que los indios beben, confeccionado con muchas cosas. Ponen los indios a madurar en tinajas grandes, algunas de veinte arrobas y más, una manera de mazamorra[mingau] espessa, y en estas tinajas hierve a manera de vino de España, hasta que está hecho: entonces lo sacan y cuelan [esmagam e coam], echándolo alguna agua, y beben dello. Es tan fuerte, que emborracha si no lo templan con agua harta. Tenían los indios en este pueblo grandes bodegas dello, y los españoles y negros e indios del campo se lo bebieron en pocos días¹⁶¹¹

Aproveitando das bonanças que aquele lugar proporcionava, os exploradores decidiram ali permanecer para construírem as cobertas dos bergantins. O Arraia foi disposto dessa maneira:

En los postreros bohíos se aposentó su Príncipe con su casa y oficiales y gentiles-hombres, y cabe él los más capitanes, y en el medio el tirano Lope de Aguirre, maestre de campo, y junto a él los bergantines, para hacer dar priesa a la obra, y de allí para adelante toda la más gente.¹⁶¹²

¹⁶⁰⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 43-44.

¹⁶¹⁰ No original, JOS (1927, p.88): “Muestra de las tinajas donde los indios del Amazonas guardaban su vino, vino que emborrachaba como el de España según dicen y experimentaron los ‘maraños’ (Procedente de Iquitos y existente en el B. Museum. Fot. A. V. Hull.)”.

¹⁶¹¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 44.

¹⁶¹² Idem, p. 45).

Permaneceram na localidade por quarenta dias¹⁶¹³ onde, além de continuarem com seus vícios e exageros, engordaram e se recuperam do passado período de fome¹⁶¹⁴. As intrigas palacianas também não deixaram de existir, bem verdade, nessa localidade, o sangue castelhano viria a ser derramado de maneira a jorrar por todo aquele arraial ao longo dos dias de estada.

As primeiras vítimas, do frenesi instaurado naquele povoado que receberia o nome de Matanza¹⁶¹⁵, foram a viúva de Ursúa, Dona Inés o capitão de guarda do príncipe, Lorenzo de Salduendo, que com o passar do tempo havia se tornado protetor e amante da bela viúva.

A morte dos amantes, ao que tudo indica, fora provocada pelo interesse, não correspondido, que o capitão de guarda de Ursúa, Niculás Zozaya, possuía pela atraente Dona Inés. Como em nenhum momento a viúva de Ursúa, deu mostra de reciprocidade, o invejoso Zozaya, tomado de ódio, planejou então se livrar do casal¹⁶¹⁶.

Como fazia parte do círculo próximo e era pessoa de confiança de Aguirre, Zozaya aproveitou a desconfiança constante do Maestro de Campo para fazê-lo acreditar que o casal estava tramando para mata-lo. E para dar contornos de veracidade a sua história contou com a ajuda de um companheiro seu, que alegou ter testemunhado também o fato¹⁶¹⁷. Zozaya contou a Aguirre, que no dia anterior, ouvira Dona Inés dizer a um punhado de conspiradores, que Lorenzo de Salduendo, faria de tudo para se vingar dos responsáveis pela morte do governador Pedro Ursúa¹⁶¹⁸. Então o tirano Aguirre, valendo-se da informação dada pelos seus imediatos, ficou possesso e imediatamente sentenciou o casal a morte por traição.

Para por em prática o assassinato do casal, Aguirre, acompanhado de oito de seus homens, foi à caça do capitão da guarda de Guzmán, Lorenzo de Salduendo¹⁶¹⁹. Não demorou para que a notícia da perseguição se espalhasse pelo arraial chegando aos ouvidos do Dom Fernando de Guzmán que, na tentativa de salvar da morte seu chefe de guarda, acabou por escondê-lo dentro de sua moradia. Mas por fim a horda de Aguirre descobriu seu paradeiro e, sem nenhum respeito à presença do Príncipe, os assassinos se precipitaram sobre Salduendo que foi arrancando à força do resso e posteriormente crivado de estocadas¹⁶²⁰. Para tentar

¹⁶¹³ ANÔNIMO, 1927, p. 247.

¹⁶¹⁴ ZUÑIGA, 1865, p. 248.

¹⁶¹⁵ ANÔNIMO (1927, p. 246): "En aquel pueblo de la 'matanza'".

¹⁶¹⁶ ANÔNIMO, 1927, p. 246. /ZUÑIGA, 1865, p. 249.

¹⁶¹⁷ ZUÑIGA (1865, p. 249): "diciéndoles mal dellos, juntamente con otros vizcainos que le ayudaba".

¹⁶¹⁸ ZUÑIGA, 1865, p. 250.

¹⁶¹⁹ ALTAMIRANO, 1948, p. 388.

¹⁶²⁰ MONGUIA, 1865, p. 199.

justificar o motivo do assassinato, frente ao atônito Fernando de Guzmán, Aguirre utilizou o argumento que o moribundo estava por organizar um motim para depô-lo¹⁶²¹.

Conseguindo se desfazer de Salduendo, Aguirre ordenou imediatamente a dois de seus homens¹⁶²² irem em busca de Dona Inés para dela também se livrar¹⁶²³. Os enviados por Aguirre acabaram por não encontrar Dona Inés em sua moradia, a mesma a par já da perseguição empregada contra seu amado havia se escondido na mata próxima. Desconfiados de que a mulher ainda estava pelas redondezas, a dupla revirou a mata até encontrá-la¹⁶²⁴. A senhora foi imediatamente garroteada por um de seus detratores e brutalmente apunhalada pelo outro¹⁶²⁵. Pedraria Alместo, testemunha das atrocidades de Aguirre, comentou em sua crônica que a morte daquela inocente dama, deixou em todos uma grande lástima, já que além de ser de boa família, era mulher muito formosa e vivaz¹⁶²⁶.

A ação impetrada pelo petulante Aguirre e seu homens, não passara despercebida no arraial, Fernando de Guzmán ficara estarecido, com a audácia de seu maestro de campo. O príncipe com seus mais achegados conjeturava que se ele era capaz de fazer aquele ato, era também capaz de se livrar dele próprio¹⁶²⁷. Preocupado com as consequências do ocorrido, Guzmán reuniu com seu estafe, os principais ali eram Gonzalo Duarte, Alonso de Montoya e o Padre Alonso Henao¹⁶²⁸. A desconfiança pairava no arraial, com medo e acuados, Guzmán e seus conselheiros, então decidiram que para poder dar continuidade a empreitada à maneira como fora combinado, era necessário se livrar das garras de Lope de Aguirre e sabiam que isso só seria possível assassinando o tirano¹⁶²⁹. Mas a sorte naquele momento não estava do lado do interesse Guzmán, pois um dos participantes do conluio acabou dando com a língua nos dentes, deixando Aguirre a par dos planos dos mancomunados capitaneados pelo príncipe¹⁶³⁰.

Acabado os reparos nos bergantins e ciente da situação, Lope de Aguirre adiantando-se ao grupo de Guzmán, ordenou então a morte do *desgraciado Príncipe*¹⁶³¹ e de seus capitães conselheiros¹⁶³².

¹⁶²¹ ZUÑIGA, 1865, p. 250. /ALMESTO, 2012, p. 87.

¹⁶²² Vázquez (1979, p. 47): "aun sargento suyo, llamado Antón Llamoso, y a un Francisco de Carrión, mestizo".

¹⁶²³ ALTAMIRANO, 1948, p. 389. /MONGUIA, 1865, p. 199. /VÁZQUEZ, 1979, p. 47. /ZUÑIGA, 1865, p. 251.

¹⁶²⁴ ZUÑIGA, 1865, p. 251.

¹⁶²⁵ ALMESTO, 2012, p. 87. /ALTAMIRANO, 1948, p. 389. /VÁZQUEZ, 1979, p. 47. /ZUÑIGA, 1865, p. 251.

¹⁶²⁶ ALMESTO, 2012, p. 87.

¹⁶²⁷ ZUÑIGA, 1865, p. 251.

¹⁶²⁸ ECHEVARRÍA, 1968, p. 100.

¹⁶²⁹ ALTAMIRANO, 1948, p. 389. /VÁZQUEZ, 1979, p. 45.

¹⁶³⁰ ALMESTO, 2012, p. 86. / VÁZQUEZ, 1979, p. 48.

¹⁶³¹ BARAIBAR (2012, p. 86): Negro príncipe: calificativo con la que Alместo se refiere a Fernando de Guzmán tanto en esta relación como en la que hizo a partir del texto de Francisco Vázquez. Más adelante, el autor habla del «negro almirante» para referirse a 'un Miguel Bovedo', retratando a los rebeldes con caracteres demoníacos, algo frecuente en todos los textos de los marañones. En este caso podría ser simplemente 'el desgraciado príncipe'".

¹⁶³² ZUÑIGA, 1865, p. 252. / VÁZQUEZ, 1979, p. 48.

Haviam se passado apenas quatro dias do último morticínio¹⁶³³, quando Aguirra resolverá agir novamente. Direccionou sua atenção inicialmente para aqueles que julgava estavam influenciando nas decisões tomadas por Guzmán. Ao anoitecer, enviou parte de sua horda, para se livrar dos capitães Alonso de Montoya e Miguel Bovedo¹⁶³⁴.

y una tarde ya que escurecía envía a matar al capitán Alonso de Montoya y a un Miguel Bovedo, que era almirante de la mar, y fue a matarlos Martín Pérez de Sarrondo, que era sargento mayor y llevó consigo otros tres o cuatro; y como llegó donde estaba, hallolos cenando y comenzó a dar en el Montoya diciendo: ‘Todos los demás se estén quedos’. Y desde el Montoya tuvo por el cuerpo cuatro agujazos, tendido en aquel suelo, dan tras el negro almirante [Miguel Bovedo] y al primer agujazo que le dieron echó un pese a tal diciendo: «¿Por qué me matan?», y dio a huir al río y echose a él y ahogose.¹⁶³⁵

Antes de enviar os assassinos, Aguirre pedira para seus subordinados que as mortes dos capitães deveriam ocorrer de maneira a não causar alarde no arraial, pois não queria que a informação chegasse até os ouvidos de Guzmán, buscando assim pega-lo desprevenido¹⁶³⁶. Se precavera também colocando, antecipadamente, homens de sua inteira confiança para vigiar o príncipe, com a justificativa de estarem guardando a pessoa de Guzmán de um possível atentado¹⁶³⁷.

No amanhecer do dia seguinte, então Lope de Aguirre, acompanhado de uma horda com aproximadamente 40 homens, caminhou a passos largos, em direção a moradia de Fernando de Guzmán¹⁶³⁸. Já percorrendo o trajeto que levava ao príncipe, Aguirre, decidiu aproveitar da circunstância para se vingar também do clérigo pertencente ao círculo de Guzmán, Padre Alonso de Henao¹⁶³⁹, do qual com as suas próprias mãos se vingou, como descreve Vázquez: “Y de camino, antes de llegar a la posada de su Príncipe, mató este cruel tirano, con sus propias manos, a un clérigo de misa, llamado Alonso de Enao, el cual halló echado en su cama, y le dio una estocada que le pasó todo el cuerpo y la cama”¹⁶⁴⁰. Como exclama Echeverría, em sua obra *Los Marañones*, naquele momento, em que tira a vida de um clérigo¹⁶⁴¹, com uma mortal estocada em seu peito, Aguirre “debía encontrarse en un estado de tremenda excitación, al dar muerte por sí mismo al padre Henao”¹⁶⁴².

¹⁶³³ ALMESTO, 2012, p. 88.

¹⁶³⁴ ALMESTO, 2012, p. 88. / VÁZQUEZ, 1979, p. 48. / ZUÑIGA, 1865, p. 252.

¹⁶³⁵ ALMESTO, 2012, p. 88.

¹⁶³⁶ ALMESTO, 2012, p. 89. / ZUÑIGA, 1865, p. 252.

¹⁶³⁷ ALMESTO, 2012, p. 89.

¹⁶³⁸ Altamirano (1948, p. 390): “salio con 40 arcabuseros, y fue al bujio donde estaba el General don Hernando de Gusman”. / ALMESTO (2012, p. 89): “Aguirre acordó de dar en el príncipe su señor y juntó como treinta hombres con sus arcabuces y viniendo a matar al don Fernando”.

¹⁶³⁹ ALMESTO, 2012, p. 89. / VÁZQUEZ, 1979, p. 49.

¹⁶⁴⁰ VÁZQUEZ, 1979, p. 49.

¹⁶⁴¹ Altamirano (1948, p. 390): “Clerigo sacerdote capellan que era de la Jornada con quien [Aguirre] se confessaban”.

¹⁶⁴² ECHEVERRÍA, 1968, p. 103.

Deixando o Clérigo sem sua vida, a bando de Aguirre não se deteve por muito tempo ali, já que não era esse o objetivo principal. Continuaram então caminhando apressadamente em direção à morada de Guzmán. Chegando ao seu destino, o bando estacionou à frente da moraria, um barraco que servia como aposentos reais para o príncipe Fernando de Guzmán. Aguirre líder da horda, Ali os deteve¹⁶⁴³ e acompanhado somente de cinco homens, os mais leais, foi em direção dormitório de Guzmán¹⁶⁴⁴. Como ainda era início da manhã, dom Fernando encontrava-se ainda na *hamaca*, seu leito.

Levantara-se então assustado com o som da balburdia que adentrava em seu dormitório. Apenas vestido com a sua camisola e nada mais, qual não foi seu espanto ao deparar-se com o própria Aguirre, que houvera se adiantado a todos e era o primeiro a encontrar Guzmán. Vendo Aguirre acompanhado de seus comparsas, o príncipe imediatamente inquiriu seu maestro de campo: “¿Padre mió, qué es esto?”¹⁶⁴⁵. Lope de Aguirre, utilizando de seu artil, pedira então a Guzmán que se acalma-se, pois não iria ocorrer nada contra ele,¹⁶⁴⁶ o que era uma inteira mentira. Então, logo após Guzmán ter se tranquilizado, Aguirre, por meio de sinais, acabou dando a ordem para um de seus subordinados, de nome Juan de Aguirre, disparar a queimadura contra o príncipe. O projétil acertando em cheio o peito de Fernando de Guzmán. O príncipe já moribundo, antecipou-se um outro, de nome Martín Pérez, e com a espada lhe desferiu várias estocadas¹⁶⁴⁷. Pedrarias de Alместo, um dos cronistas da expedição, relata que Guzmán mesmo mortalmente ferido ainda conseguiu se desvencilhar de seus agressores e fugir em direção a beira do rio, que ficava próximo de seu alojamento, ali jogando-se nas águas do Marañón, deu seu último suspiro de vida¹⁶⁴⁸.

E assim, o deslumbrado dom Fernando de Guzmán, perdera a vida pelas mãos daqueles que o fizeram acreditar que um dia chegaria em Cuzco como rei do Peru. Em seu curto tempo em que fora *Capitan General e Príncipe*¹⁶⁴⁹, na verdade nunca exerceu o poder de comando de fato, sempre estando à sombra de Aguirre, nas palavras de Alместo, era “más amigo de comer

¹⁶⁴³ Altamirano (1948, p. 390): “dandoles a entender que guardassen, y acatessen la persona de Don Hernando de Gusman como principe, y señor, que era nuestro”.

¹⁶⁴⁴ ALMESTO, 2012, p. 89. / ALTAMIRANO, 1948, p. 390.

¹⁶⁴⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 49.

¹⁶⁴⁶ ALMESTO, 2012, p. 89.

¹⁶⁴⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 49. / ALMESTO, 2012, p. 89. / ECHEVARRÍA, 1968, p. 104.

¹⁶⁴⁸ ALMESTO, 2012, p. 89.

¹⁶⁴⁹ Vázquez (1979, p. 49): “Duróle el mando en la tiranía con nombre de General, y después de Príncipe, casi cinco meses, que en ellos no tuvo tiempo de se hartar de buñuelos y otras cosas en que ponía su felicidad, que fue desde primero de Enero de mil y quinientos e sesenta y uno, que mataron al Gobernador, hasta veinte y dos de Mayo del dicho año, que el tirano y sus amigos le mataron a él”.

buñuelos¹⁶⁵⁰ que de pelear con los enemigos”¹⁶⁵¹. Quando de sua morte ainda era jovem, tinha entre seus vinte cinco anos¹⁶⁵².

A morte de Guzmán¹⁶⁵³, não fez com que os ânimos se arrefecessem, ao contrário, a cólera tomara novamente conta da horda de Aguirre e o sangue castelhano continuou a ser derramado naqueles rincões¹⁶⁵⁴. Além dos já citados, padre Henao, Alonso de Montoya, Miguel Bovedo, foram chacinados um capitão, de nome Miguel Serrano; um soldado, Baltasar Toscano e um dos *mayordomos*¹⁶⁵⁵ de Guzmán, Gonzalo Duarte¹⁶⁵⁶.

Depois da matança perpetrada, os que eram próximos do falecido Guzmán, com medo, trataram de se esconder na mata. Já calejados das consequências da cólera de Aguirre, só retornaram para o arraial após entenderam que os ânimos tinham diminuído¹⁶⁵⁷. O líder da revolta então, como de costume, convocou todos para o montarem um parlamento. Lope de Aguirre foi o primeiro a dar a palavra. Para justificar a morte de Guzmán e de seus próximos, alegou que o príncipe não fora sábio na arte de governar e que dom Guzmán, juntamente com os que foram assassinados, haviam os traído, pois não desejavam mais tomar o Peru. Em sua crônica, Pedraria de Alместo descreveu parte da eloquência encenada naquela teatral assembleia:

‘Caballeros, ya veis lo que está fecho, del mal, no tanto. Yo, por mejor acertar, quiero que entiendan que don Fernando de Guzmán procuraba de matarme un día en consulta e yo lo disimulaba lo mejor que podía, pareciendo manso, que yo no se la merecía, pues yo, aunque podía poco, hice mucho por ponerlo en el estado en que lo vistes, queríame dar mal pago e yo heme antuviado porque lo tengo por gran feria, que me he escapado ya de muchas destas. Lo que agora quiero suplicar a vuestras mercedes es que entre todos escojan un caballero deste campo que tengan para que los gobierne y sea su general, que yo holgaré mucho desto y serviré de lo que se me mandare’. Y, como él traía de mano allí consigo a Martín Pérez y a otros que eran de su consejo, todos dijeron: — ‘A vuestra merced queremos por nuestro general para que nos tenga en paz y le obedezcamos como a tal’.¹⁶⁵⁸

Aclamado por boa parte da assembleia, prontamente Lope de Aguirre não se fez de rogado e aceitou a sua designação de General da expedição¹⁶⁵⁹. Em seu pronunciamento de agradecimento findou exclamando: “Déjenme á mí hacer, que yo haré quel Pirú sea señoreado

¹⁶⁵⁰ Churros.

¹⁶⁵¹ ALMESTO, 2012, p. 88.

¹⁶⁵² Vázquez (1979, p. 49): “era vicioso y glotón; amigo de comer y beber, especialmente frutas y buñuelos y pasteles, y en buscar estas cosas se desvelaba; y cualquiera que le quisiese tener por amigo, con cualquiera destas cosas fácilmente lo podría alcanzar y traerle a su voluntad”.

¹⁶⁵³ Vázquez (1979, p. 50): “veinte y dos de Mayo”.

¹⁶⁵⁴ Para Zuñiga (1865, p. 254) Aguirre “Procuraba matar poco a poco toda la gente noble, y caballeros y gente noble, y quedarse con gente baja”.

¹⁶⁵⁵ Intendente, mordomo.

¹⁶⁵⁶ ALMESTO, 2012, p. 89. / VÁZQUEZ, 1979, p.50. / MONGUIA, 1865, p. 201.

¹⁶⁵⁷ ALMESTO, 2012, p. 89.

¹⁶⁵⁸ Idem, p. 90.

¹⁶⁵⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 50.

y gobernado por marañones¹⁶⁶⁰”. Nesse discurso foi a primeira vez que utilizou publicamente o termo marañones para se referir a seus expedicionários rebeldes¹⁶⁶¹.

No povoado de *Matanza*, após a morte de Guzmán, os expedicionários marañones permaneceram por dois dias¹⁶⁶². Com os bergantins *Victoria* e *Santiago* já cobertos. Decidiram continuar a aventura pelo grande rio na esperança de chegar a sua foz e encontrar o oceano.

4.14. POVOADOS DE CARIBES

Navegaram por oito dias¹⁶⁶³ sem tocarem a terra¹⁶⁶⁴, depois deste período deram de encontro, na margem direita, com um grande povo. Zuñiga, registrou-os como povo flecheiro¹⁶⁶⁵ e caribe¹⁶⁶⁶. Vázquez os denominou de *los Aruaquinas*:

A cabo deste tiempo dimos en un pueblo grande de indios, que está sobre mano derecha en una barranca muy alta del río. Son estos indios desnudos y flecheros; son caribes; llámense los Aruaquinas, son bien dispuestos: tienen yerba muy mala, y casas de adoratorio para sus ritos y sacrificios.¹⁶⁶⁷

A primeira tentativa de contato com a população local acabou por não ser de forma amigável. Assustados, com o grande número de comunitários em prontidão esperando-os à beira de rio, a horda rebelde decidiu, na dúvida, por atacar com seu vantajoso poderio bélico. Para isso não precisaram nem mesmo descer das embarcações, “de las canoas les tiraron muchos arcabuzazos, hirieron y mataron algunos, y ellos se huyeron sin pelear ni tirar flecha, y dejaron el pueblo con todo lo que en él tenían, que no sacaron cosa de sus casas”¹⁶⁶⁸.

¹⁶⁶⁰ Echevarría (1968, p. 105): “Entonces los llamó por primera vez marañones, como les nombraría en adelante, didéndoles que les llamaba así, porque venían del río Marañón, en el Perú”. / (ZUÑIGA, 1865, p. 253): “Es decir, por los que venían ó procedían del Marañón”.

¹⁶⁶¹ ZUÑIGA, 1865, p.253.

¹⁶⁶² VÁZQUEZ, 1979, p. 50. / ZUÑIGA, 1865, p. 254.

¹⁶⁶³ Jos (1927, p. 88): “Desde el pueblo de la *Matanza* navegaron día y noche sin parar, atravesaron el desfiladero de Obidos, estrechamiento del río señalado por Vázquez”.

¹⁶⁶⁴ MONGUIA, 1865, p. 202. / VÁZQUEZ, 1979, p. 50.

¹⁶⁶⁵ Almesto (2012, p.93): “las relaciones decían que en viendo indios flecheros que estaríamos cerca de la mar”. Eran indios que tenían yerba muy ponzoñosa, porque allí se hizo la ispirencia en un indio que se tomó en una emboscada que, con una flecha de las que él traía se le dio por un muslo y dentro de siete horas y murió y muy hinchado; y se le dio larga para ver si se curaba con la contrayerba y no la deben tener.

¹⁶⁶⁶ LESTRINGANT, Frank. *O canibal: grandeza e decadência*; tradução Mary Murray Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. (p. 27): “Provavelmente Zuñiga, usa o termo caribe para se referir a povo que se alimenta de carne humana: “O nome canibal “deriva originalmente do Arawak ‘caniba’, que seria a alteração de ‘cariba’”. / Chicangana-Bayona (2017, p. 15): “canibal era uma palavra europeia; foi usada pelos tainos para se referir a seus inimigos caribes, com que disputavam as Antilhas. Dessa maneira, caribe, caraíba, caniba ou canibal acabou por identificar os indivíduos consumidores de carne humana”.

¹⁶⁶⁷ VÁZQUEZ, 1979, p.51.

¹⁶⁶⁸ Idem, p.51.

Agora donos do povoado, os invasores então puderam armar seu arraial e se apoderar das provisões deixadas para trás pelos habitantes locais. Averiguando o perímetro, os exploradores, encontraram resquícios da presença de outros exploradores europeus, foram achados pedaços do punho de uma espada, alguns cravos junto com quinquilharias de ferro. Deparam-se também com uma grande casa que parecia servir para rituais e sacrifícios. A casa possuía dois altares, um era ornamentado com a figura do sol, representado pelo desenho de um homem e o outro da lua na figura de uma mulher¹⁶⁶⁹.

Nas habitações, para decepção dos usurpadores, não encontraram a variedade de provisões que almejavam por as mãos, depararam-se apenas com grandes quantidades de milho, estocado em cestos¹⁶⁷⁰, e mandioca, cultivada nos roçados adjacentes¹⁶⁷¹.

Mas o que despertou a atenção dos exploradores, foram os indícios da prática de canibalismo¹⁶⁷², como descreve Monguia: “aquí dimos en un pueblo de indios caribes de perversa yerba, que tenían en plaza muchos tajones en que despedazaban los indios é los desollaban a manera de carnesería, é mucha carne de indios, fresca, en sus casas”¹⁶⁷³. Pedrarias de Alместo fora outro cronista que registrou a prática de se alimentar de carne humanas dos Aruaquinas: “Estos indios tenían tajos como carneserías, que comían carne humana y los degollaban para comer”¹⁶⁷⁴. Possivelmente os inimigos eram degolados e ingeridos, após cerimônia, já que Vazquéz observou que na grande casa cerimonial, existiam altares de sacrifício, nas palavras do mesmo, “adonde nos pareció que deben de degollar los indios que sacrifican”¹⁶⁷⁵.

Munido das crônicas da viagem passada, os expedicionários marañones, nesta localidade de flecheiros¹⁶⁷⁶, puderam deduzir que se encontravam próximos da foz do imenso rio¹⁶⁷⁷. Por isso, mesmo apreensivos, decidiram permanecer naquela localidade por mais tempo, já que entendiam teriam que reforçar e paramentar os bergantins para a navegação oceânica.

Encontraram

en las casas mucha cantidad de hamacas de red, y muchas redes de caza, y otros muchos cordeles y sogas, de que hicimos la jarcia. Hallamos muchos palos cortados

¹⁶⁶⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 51.

¹⁶⁷⁰ MONGUIA, 1865, p. 198. / VÁZQUEZ, 1979, p. 51.

¹⁶⁷¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 51.

¹⁶⁷² Lestringant (1997, p. 68): “o termo ‘canibal’ desliza, pouco a pouco, do arquipélago das Pequenas Antilhas para o continente sul-americano, detendo-se na costa nordeste”.

¹⁶⁷³ MONGUIA, 1865, p. 202.

¹⁶⁷⁴ ALMESTO, 2012, p. 93.

¹⁶⁷⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 51.

¹⁶⁷⁶ Alместo (2012, p. 93): “Eran indios que tenían yerba muy ponzoñosa, porque allí se hizo la ispirencia en un indio que se tomó en una emboscada que, con una flecha de las que él traía se le dio por un muslo y dentro de siete horas y murió y muy hinchado; y se le dio larga para ver si se curaba con la contrayerba y no la deben tener”.

¹⁶⁷⁷ ALMESTO, 2012, p. 93.

para mástiles y entenas, y muchos cántaros y tinajas para el aguada cuando saliésemos a la mar.¹⁶⁷⁸

Além da fabricação de cabos, cordas, redes e mastros, os expedicionários aproveitaram para confeccionar as velas necessárias para a locomoção em alto mar¹⁶⁷⁹. A matéria-prima para as velas foram as cobertas, confiscadas das pobres *piezas de servicio* trazidos do Peru, como descreve Almesto: “De las mantas que entre nosotros había, hasta desnudar las que traían puestas las piezas del Pirú, las juntamos y se hicieron velas para los dos bergantines”¹⁶⁸⁰.

Permaneceram neste povoado, que denominaram de *Las Jarcias*¹⁶⁸¹ por aproximadamente 15 dias¹⁶⁸², neste interim o clima no arraial continuou conturbado, como já de costume, alguns guias, *Brasiles* trazidos do Peru, aproveitaram da desatenção para com eles e acabaram fugindo abandonando a expedição¹⁶⁸³. As fugas deixaram o caudilho Aguirre ainda mais possesso, seu temor de um motim e o medo de atentarem contra sua vida o fizeram cada dia mais desconfiado. Suspeitando de todo mundo até das pessoas mais próximas. Em suas paranoias, não sem razão, temia receber o mesmo destino cruel impetrado a Ursúa e Guzmán.

Cada vez mais perturbado, Aguirre começou a passar os dias e noites cercado por cinquenta de seus mais leais arcabuzeiros¹⁶⁸⁴. Como fera acuada, não demorou muito para ter inicio novamente o derramamento de sangue. Como considerou Echeverría, O tirano Aguirre “antes mataba para atacar; ahora ha de matar para defenderse”¹⁶⁸⁵.

A orgia de sangue¹⁶⁸⁶ recomeçara com a morte de Pedro Alonso Casco, antigo alguacil¹⁶⁸⁷ de Ursúa, o primeiro a perder a vida. Como justificativa para o homicídio, Aguirre declarou simplesmente “*porque andaba triste*”¹⁶⁸⁸. Outra vítima foi Juan de Monteverde¹⁶⁸⁹, como motivo para sua morte, o tirano declarou apenas que por “*Este, siendo flamenco, no podía dejar de ser luterano*”¹⁶⁹⁰. Também se livrou de seu sargento maior Juan Gonzalez e de um de seus capitães Pedro de Trujillo¹⁶⁹¹, ambos garroteados a seu mando. Nestes dois, para explicar o motivo dos dois assassinatos ao arraial, ordenou que colocassem nos peitos dos esganados a

¹⁶⁷⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 52.

¹⁶⁷⁹ ALMESTO, 2012, p. 92. / MONGUIA, 1865, p. 202. / VÁZQUEZ, 1979, p. 52. / ZUÑIGA, 1865, p. 255.

¹⁶⁸⁰ ALMESTO, 2012, p. 93.

¹⁶⁸¹ As Cordas.

¹⁶⁸² Zuñiga (1865, p. 254): “doce dias”. / Vázquez (1979, p. 52): “quinze días”.

¹⁶⁸³ VÁZQUEZ, 1979, p. 52.

¹⁶⁸⁴ ZUÑIGA, 1865, p. 254.

¹⁶⁸⁵ ECHEVARRÍA, 1968, p. 109.

¹⁶⁸⁶ Idem, p. 109.

¹⁶⁸⁷ Oficial inferior. A palabra alguacil procede do árabe-hispánico *alwazir*, que procededo árabe clássico *wazir*.

¹⁶⁸⁸ MONGUIA, 1865, p. 198.

¹⁶⁸⁹ ALMESTO, 2012, p. 94. / ANÓNIMO, 1927, p. 247. / MONGUIA, 1865, p. 202. / VÁZQUEZ, 1979, p. 52.

¹⁶⁹⁰ ALMESTO, 2012, p. 94.

¹⁶⁹¹ MONGUIA, 1865, p. 202. / ZUÑIGA, 1865, p. 255.

pecha de “*amotinadores*”¹⁶⁹². Por fim, já se aproximando o tempo de deixar o povoado, ocorre o martírio de Juan de Cabaña¹⁶⁹³. encerrando a orgia de sangue perpetrada em *La Jarcia*¹⁶⁹⁴.

Passados os dias necessário para a confecção das velas e cabos e a montagem dos mastros, os expedicionários decidem por continuar a navegação na crença de estarem próximos à saída para o mar aberto.

Navegaram por quatro dias¹⁶⁹⁵, pelas águas do rio que de tão largo parecia estarem singrando o mar, até que se depararem com um pequeno povoado¹⁶⁹⁶. localizado estrategicamente em um barranco de ilha. Quando a expedição aportou na insula seus habitantes já a haviam abandonado. Para tristeza dos famintos expedicionários, nas poucas casas do vilarejo, não encontraram praticamente nenhum mantimento, apenas constataram a presença de sal¹⁶⁹⁷.

No hallamos comida alguna ni en las casas, ni sementeras: a lo que nos pareció, estos indios se sustentan con sólo pescado. [...]Entre otro, hallamos aquí sal cocida, que fue la primera que vimos en todo el reino. [...]En esta casa nos detuvimos tres días, arreglando algunas cosas que faltaban a los bergantines.¹⁶⁹⁸

Na curta estada no pequeno vilarejo, Aguirre continuou a consumir seu terror. Pediu a um sargento seu¹⁶⁹⁹, para apunhalar e dar cabo do cavaleiro Juan de Guevara¹⁷⁰⁰. Neste interim também foram chacinados, por meio de garrote, dois soldados: Pedro Gutierrez e a Pedro Martinez Palomo¹⁷⁰¹.

Depois de quatro dias, terminado a manutenção dos bergantins, decidiram então partir o quanto antes daquele pequeno povoado. Mas antes Aguirre, não deixou de praticar suas crueldades, possivelmente a maior delas. Como intuía estar se aproximando da foz do rio e logo chegaria ao oceano, decidiu por bem, abandonar, naquele vilarejo a grande parte do que restava dos indígenas trazidos do Peru, aproximadamente cem *piezas de indios*¹⁷⁰². O tirano alegou para os seus que os barcos estavam muito cheios e era necessário se desfazer do maior número

¹⁶⁹² MONGUIA, 1865, p. 202.

¹⁶⁹³ Almesto (2012, p. 95): “Luego hizo llamar a Juan de Cabañas, que era de la tierra del gobernador Pedro de Orsúa y como llegó lo mandó entrar debajo de cubierta y mandó a los negros que le diesen garrote”.

¹⁶⁹⁴ ALMESTO, 2012, p. 95. / ALTAMIRANO, 1948, p. 392.

¹⁶⁹⁵ Almesto (2012, p. 95): “caminamos otros cuatro días” / Vázquez (1979, p. 53): “cinco o seis días”.

¹⁶⁹⁶ ALMESTO, 2012, p. 95. / VÁZQUEZ, 1979, p. 53.

¹⁶⁹⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 53.

¹⁶⁹⁸ Idem, p. 53.

¹⁶⁹⁹ Vázquez (1979, p. 53): “llamado Antón Llamoso”.

¹⁷⁰⁰ ALTAMIRANO, 1948, p. 391. / MONGUIA, 1865, p. 202. / VÁZQUEZ, 1979, p. 53.

¹⁷⁰¹ ALMESTO, 2012, p. 95. / MONGUIA, 1865, p. 202. / VÁZQUEZ, 1979, p. 54.

¹⁷⁰² Almesto (2012, p. 96): “ciento y cincuenta piezas”. / Altamirano (1948, p. 391): “mas de 170. indios, e indias de los que traíamos del piru de nuestro serujicio todos Cristianos”. / Monguia (1865, p. 202): “cient piezas christianas del Perú”. / Zuñiga (1865, p. 258): “cient piezas de indios é indias de Pirú, christianos”. / Vázquez (1979, p. 54): “casi cien piezas ladinas y cristianas, de las que habían quedado de servicio que se trajeron del Pirú”.

possível de peso para evitar possíveis alagações, além de conjecturar que as *piezas* fariam com que a comida e a água estocada terminassem mais rapidamente¹⁷⁰³.

Como consequência da determinação Aguirre a consternação instalou-se então entre os donos das peças, que desta maneira teriam que abrir mão de seu bem. Mas o desespero foi ainda maior entre os indígenas peruanos, que eram conscientes de que permanecendo ali seriam subjugados pelos habitantes caribes da região¹⁷⁰⁴. Assim Altamirano descreve a comoção no abandono daqueles até ali fieis criados:

hizo desualijar los vergantines echando entre aquellos Caribes crueles comedores de carne humana mas de 170 indios, e indias de los que traíamos del piru de nuestro seruido todos Cristianos; en este caso, ni puedo decir, ni significar las lastimas tan grandes que los indios, e indias decian, y ponian, porque llorando, decian a grandes voces cada vno a su amo este es el pago que me das de 5. seis, y dies anos que te e seruido en tal y en tal batalla, y en tantos despoblados y tierras del Piru, buscandote la comida que comiesses, y dexando mi natural y tierra por seruirte, y otras lastimas que hazian que quebrabantar (sic) el coraçon.¹⁷⁰⁵

Para aumentar ainda mais a aflição dos nautas marañones o caudilho ordenara também que todos se desfizessem de seus bens e embarcassem somente com a roupa do corpo como explana Almesto:

En este mesmo pueblo mandó Aguirre que dejásemos toda nuestra ropa, sino solo lo que llevásemos vestidos y se puso él y su maese de campo al tiempo que embarcaban y lo echaban todo al río. Esto hacía a fin que llegásemos desnudos a la Margarita porque decía que robarían y matarían mejor por quitarlo al que lo tuviese.¹⁷⁰⁶

Depois de abandonarem as peças peruanas, os expedicionários marañones continuaram a navegar o extenso rio, após três dias¹⁷⁰⁷, avistaram uma ilha e deduziram ser habitada¹⁷⁰⁸. Para constatar, a existência ou não de habitantes, Aguirre ordenou o envio de cinco expedicionários em uma canoa para sua averiguação, mas esta vanguarda ao invés de retornar, ao que parece, aproveitou a oportunidade para fugir daquela insólita horda expedicionária¹⁷⁰⁹. Pedro Monguia, um dos cronistas da expedição, é da opinião de que os tripulantes da canoa, acabaram por refazer o caminho de volta para a ilha onde outrora foram abandonados os peruanos¹⁷¹⁰.

Como o grupo destacado não retornou no tempo estipulado, Aguirre decidiu continuar a viagem em direção a foz e a cada dia a mais que se passava percebiam que se aproximavam

¹⁷⁰³ MONGUIA, 1865, p. 202. / VÁZQUEZ, 1979, p. 54.

¹⁷⁰⁴ ALMESTO, 2012, p. 96. / VÁZQUEZ, 1979, p. 54. / ZUÑIGA, 1865, p. 258.

¹⁷⁰⁵ ALTAMIRANO, 1948, p. 391.

¹⁷⁰⁶ ALMESTO, 2012, p. 95.

¹⁷⁰⁷ MONGUIA, 1865, p. 203.

¹⁷⁰⁸ ALMESTO, 2012, p. 97.

¹⁷⁰⁹ Almesto (2012, p.97): “un español con otros cuatro mestizos”. / Monguia (1865, p. 203): “levando una canoa cinco christianos é un indio christiano”. / Vázquez (1979, p.54): “tres mozos, uno español y dos mestizos”.

¹⁷¹⁰ MONGUIA, 1865, p. 203.

do oceano, já que a maré do mar se fazia perceptível influenciando o nível da água do rio¹⁷¹¹. Mas antes de conseguir encontrar a saída, para desespero de todos, estiveram perdidos por um bom tempo emaranhados no meio daquela infinidade de ilhas que estão localizadas na foz do Amazonas¹⁷¹².

anduvimos perdidos entre muchas islas y brazos del río, que no sabíamos hacia donde corría, porque las corrientes, con las mareas, eran tan grandes y tan continuas arriba como abajo, y los pilotos y gente de la mar que allí había estaban desatinados y no entendían el río ni conocían las mareas.¹⁷¹³

Esperançosos da foz se encontrar a proximamente quinze dias de navegação de Margarita¹⁷¹⁴, acabaram permanecendo, perdidos no labirinto, por 28 dias até que descobriram a boca do grande rio¹⁷¹⁵. Neste percurso, avistaram muitas comunidades, mas em nenhuma delas Aguirre autorizou fazer porto, pois temia novos motins ou fugas. A fome não tardou em se fazer sentir a cada dia com mais intensidade¹⁷¹⁶.

padecieron gran hambre, y vinieron á dar fasta cient granos de maiz de racion á cada uno, por que de allí á la mar habia docientas leguas. Y los indios, que habia pocos, y no tenian otra comida sino el pescado que iban á pescar cuando habian hambre, y cuexcos [caroços] de palmas.¹⁷¹⁷

Quando finalmente tiveram certeza de estavam na foz do rio¹⁷¹⁸ é que o capitão permitiu atracar em um pequeno povoado com o proposito de ajustar as embarcações para enfrentar o mar¹⁷¹⁹.

4.15. OS MARAÑONES DEIXAM A AMAZÔNIA¹⁷²⁰

Mas antes de saírem propriamente na foz do rio Amazonas, os exploradores marañones tiveram oportunidade de constatar, experimentado, a peleja das águas do grande rio das

¹⁷¹¹ Altamirano (1948, p. 391): “dentro de 6. dias reconocimos la marea de la mar, que entra mas de 300 leguas el rio arriba”.

¹⁷¹² Sobre a quantidade de ilhas avistadas Altamirano (1948, p. 392) conjectura: “tiene mas de 3,000 islas”.

¹⁷¹³ VÁZQUEZ, 1979, p. 53.

¹⁷¹⁴ ZUÑIGA, 1865, p. 255.

¹⁷¹⁵ Altamirano (1948, p. 392): “tardamos desde el dia que reconocimos la marea hasta salir del Rio a la mar 28 dias, porque muchas veces lo que auiamos andado, nos la voluia atras la marea quando henchia, tiene este Rio, mas de 60 leguas de ancho”.

¹⁷¹⁶ ALMESTO, 2012, p. 92.

¹⁷¹⁷ ZUÑIGA, 1865, p. 256.

¹⁷¹⁸ Reis (1989, p. 53): “em princípios de julho de 1561 estava na foz do Amazonas”.

¹⁷¹⁹ ALTAMIRANO, 1948, p. 391.

¹⁷²⁰ Jos (1927, p. 89): “La isla de Margarita, descubierta y llamada así por Colón en su tercer viaje”. / Echevarría (1968, p. 112): “La pequeña isla Margarita, de 1100 km², está a menos de cincuenta kilómetros de la costa venezolana”. / Zuñiga (1865, p. 258): “La isla dela Margarita es una de las de sotavento en las Antillas, cerca de la costa N. de Nueva Granada. Esta isla fue descubierta por Colon en 1498”.

Amazonas com a imensidão do oceano. Fenômeno este que por vezes produz uma arrebentação, produzindo grandes ondas. É o *macareo*¹⁷²¹, é a *Pororoca* da foz do Amazonas. Assim Zuñiga descreveu este fenômeno da natureza:

cuando la creciente venia, traia tanta furia y venia tan de presto, que si no los hallaba amarrados, los llevaba el rio arriba, sin ser bastantes los remos ni cosa alguna para poderse valer. Y traia muchas veces un ímpetu de olas muy grandes, que venian reventando y con muy gran presteza y furia, á lo cual llaman macareos.¹⁷²²

Por fim os expedicionários desatracaram seus bergantins, aportados na última comunidade, e decidiram então enfrentar o alto mar¹⁷²³. Chamou a atenção, e ficou registrado nas crônicas de diferentes tripulantes, a permanência da água doce no mar, mesmo depois de dois dias que saíram para o oceano aberto¹⁷²⁴.

comenzamos a sentir el agua un poco salobre, aunque no tanto que no se bebía; y bien se creyó que estábamos ya engolfados. Y a veces bebíamos agua bien dulce porque, como venía la menguante, íbase el agua dulce metiendo más en la mar con la furia grande del río que sobrepasaba el agua dulce sobre la salada. Ansí que a cabo de otros tres días ya dábamos en agua toda salada.¹⁷²⁵

Já em alto mar foram atormentados por tempestades, o que provocou a separação dos bergantins. Atordoados, a fome começou a se fazer presente novamente entre os tripulantes, sua matalotagem consistia em apenas um pouco de mandioca e algum grão de milho. Assim Vázquez descreve a penúria dentro dos barcos:

Pasamos gran necesidad de hambre y sed por la mar, tanto, que creo, si nos durara la navegación cuatro o cinco días más, muriéramos la mitad de la gente, aunque no fueran de los amigos del tirano, que estos venían siempre mejor proveídos, y quitaban de los otros para dar a ellos, y con todo eso se nos murieron tres o cuatro soldados de hambre.¹⁷²⁶

Antes de chegar ao destino, Aguirre, suspeitando da lealdade de alguns sobreviventes, mandou seus subordinados mais próximos livrarem-se do capitão Sancho Pizarro, que teve

¹⁷²¹ Anônimo (1927, p.247): "Navegaron trabajosamente por el río a causa de los bajos, macareos y del viento que levantaba 'grandes olas como en la mar'".

¹⁷²² Zuñiga (1865, p.256): "Es tan rápido el curso del rio de las Amazonas, quo á su entrada en el Océano rechaza las aguas delmar y corre sin mez clarse con ellas un espacio de sesenta y cuatro leguas. Verdad es que su cauce profundo recibe todas las aguas que descienden de la parte oriental de la gran cordillera de los Andes, en un espacio de cuatrocientas ochenta leguas. En la embocadura, que es la parte en la cual su canal se encuentra más estrecho por causa de las islas que contiene, el flujo del mar ofrece el curioso fenómeno á que en este pasaje de la relacion se alude, y al que los indios dan el nombre de *pororoca*. Particularmente en los tres días más inmediatos á las lunas llena y nueva, que es cuando se verifican las mareas más altas, el mar, en vez de emplear cerca de seis horas en subir, llega en uno ó dos minutos á su mayor altura, lo que no puede acontecer, como es natural, sin un aparato formidable. En efecto, desde distancia de una ó dos leguas se oye el espantoso ruido que anuncia á esta terrible oleada: á medida que se acerca , aumenta el ruido , y muy luego se ve un promontorio de agua de catorce á diez y seis piés de altura , al que sigue otra ole igual y despues una tercera y aun cuarta , que van sucediéndose muy de cerca en toda la anchura del canal. Cada una de estas oleadas, en su prodigiosa rapidez, rompe y tala á su paso cuanto se le opone, arrastrando grandes estensiones de terreno, desarraigando árboles y devastándolo todo".

¹⁷²³ ALMESTO, 2012, p. 98. / VÁZQUEZ, 1979, p. 54.

¹⁷²⁴ ALMESTO, 2012, p. 97. / ALTAMIRANO, 1948, p. 392. / ZUÑIGA, 1865, p. 258.

¹⁷²⁵ ALMESTO, 2012, p. 97.

¹⁷²⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 55.

como destino o garrote¹⁷²⁷. Também o caudilho, com suas próprias mãos a punhaladas, tirou a vida de outros dois sujeitos, Gonzalo Guiral e Diego de Valcázar¹⁷²⁸.

Depois de navegarem pelo mar por dezesseis dias¹⁷²⁹, procurando não se afastar da costa para não se perderem, finalmente os tripulantes do bergantim comandado por Aguirre avistam a ilha de Margarita¹⁷³⁰. E em 21 de julho de 1561, uma segunda-feira à tarde, aportam na ínsula caribenha¹⁷³¹. Como já estava por entardecer, Aguirre ordenou que ninguém que ninguém desembarcasse¹⁷³², mesmos os tripulantes se encontrando em situação de extrema necessidade alimentar. Como descreve Alместo, o total de matalotagem existente na embarcação quando chegaram a ilha era pífio: “cuando llegamos a la isla de la Margarita había en todo el navío como hasta una hanega¹⁷³³ de maíz y cuatro arrobas de agua, sin otro género de comida ni bastimento. Había, desde que desembocamos a la mar, trecientas leguas hasta la Margarita”.¹⁷³⁴

A chegada daqueles forasteiros não ficara desapercibida na ilha, alguns moradores indígenas da insula, percebendo aquela embarcação atracando na ilha, imediatamente avisaram o espanhol que se encontrava mais próximo de nome Gaspar Rodríguez, este prontamente se dirigiu ao bergantim para averiguar de quem se tratava aqueles sujeitos¹⁷³⁵. Percebendo a aproximação dos insulares, Aguirre ordenou que a maior parte dos tripulantes ficassem escondidos com suas armas, por debaixo das cobertas e velas. Quando a comitiva de Gaspar Rodríguez finalmente chegou à costa, o tirano tratou logo de despistar sobre seu intento dizendo que faziam parte de uma frota que se perdera pelo Marañón¹⁷³⁶:

Lope de Aguirre le respondió, que eran soldados, que auian salido de los Reynos del Piru con el Gouernador Pedro de Vrsua a descubrir el Rio Maranon, y prouincias del dorado, y Omagua, y que en el dicho Rio se auia muerto el Gouernador, y que assi fue forçoso, como pudieron salir a dar nueua y auiso al virrey, y audiencia del Piru, como el Gouernador Pedro de Vrsua se auia muerto, y a dar razon de la tierra que auian descubierto, y de lo que se auia hecho en ella, y que auian pasado grandes trauajos de hambre, y enfermedades hasta llegar alii,¹⁷³⁷.

Gaspar Rodríguez, acreditando nas palavras de Aguirre, prontamente providenciou alimentação para aqueles famélicos navegantes e mandou emissários avisar sobre a chegada

¹⁷²⁷ ALMESTO, 2012, p. 99. / VÁZQUEZ, 1979, p. 58.

¹⁷²⁸ ALMESTO, 2012, p. 99.

¹⁷²⁹ Altamirano (1948, p. 392): “A los 16. dias reconocimos a la Margarita”. / Monguia (1865, p. 203): “Dende ahí á quince dias llegamos a la isla de la Margarita”. / Vázquez (1979, p. 54): “Desde la boca de este río a la isla Margarita estuvimos diez y siete días”. / Zuñiga (1865, p. 258): “dentro de diez y seis dias llegaron a la isla Margarita”.

¹⁷³⁰ Monguia (1865, p. 203): “á la cabeza de la isla, cuatro leguas del Pueblo”.

¹⁷³¹ Monguia (1865, p. 203): “lunes, en la tarde, a veinte de Junio de mil y quinientos e sesenta y un años”. / Vázquez (1979, p. 58): “que fue á los 22 de Julio”.

¹⁷³² ALMESTO (2012, p. 99).

¹⁷³³ Baraibar (2012, p. 98): “hanega: ‘fanega’, medida de granos, el equivalente a doce celemines, lo que es lo mismo, 55,5 litros. Arrobas: una arroba es una medida de líquidos que varía de peso según las provincias y los mismos líquidos”.

¹⁷³⁴ ALMESTO, 2012, p. 98.

¹⁷³⁵ ALTAMIRANO, 1948, p.392. / MONGUIA, 1865, p. 203.

¹⁷³⁶ VÁZQUEZ, 1979, p.59.

¹⁷³⁷ ALTAMIRANO, 1948, p. 392.

daquela embarcação as autoridades que se encontrava na vila de *Espíritu Santo*¹⁷³⁸. Na mensagem enviada ao governador, a autoridade maior da ilha, Rodríguez escreveu que aqueles visitantes se tratavam de “gente muy rica del Pirú, y que venían enfermos y muertos de hambre”¹⁷³⁹.

Informados da chegada do bergantim, logo a pacata vila de Espirito Santo entrou em alvoroço¹⁷⁴⁰. A par da situação, imediatamente o governador convocou outras autoridades da ilha e com elas se dirigiu ao encontro dos visitantes¹⁷⁴¹. A comitiva governamental tinha como principais figuras públicas, além do próprio governador Juan de Villandrando, o *alcalde*¹⁷⁴² da vila, Manuel Rodríguez. Como deixaram a sede na mesma noite que receberam o aviso¹⁷⁴³, no outro dia de madrugada¹⁷⁴⁴ chegaram ao local onde se encontrava o grupo de Aguirre¹⁷⁴⁵.

Quando encontrou Aguirre o governador, em um gesto de complacência, ofereceu-lhe seus serviços ordenando a disposição de seu pessoal, de moradias e provimentos para atender aqueles exaustos marinheiros¹⁷⁴⁶. Porém, foi neste momento que os marinheiros, que estavam encobertos, saltaram de surpresa com suas lanças e arcabuzes e acabaram por render o governador e sua comitiva, se apoderando das armas e montarias¹⁷⁴⁷. E assim Aguirre acabou por revelar suas verdadeiras intenções.

Le dixo Senor gouernador no ay para que encubrielle nada a V. M. de estos negocios, pues los a de saber tan claramente nosotros salimos de los Reynos del Piru con el Gouernador Pedro de Vrsua para conquistar el Maranon, y prouincias del dorado al qual matamos por que assi conuino, que no quisimos trauajar para el Rey que no premia a quien le sirue, [...]y le dixo Senor Gouernador conuiene que V. M. sea mi prisionero, y estos Caualleros que vienen con V. M. hasta que yo por mi mano, y mis companeros tomemos, y nos proueamos de lo necessario que uviere en esta isla y ciudad.¹⁷⁴⁸

Com as autoridades em suas mãos, Lope Aguirre apressou os seus para que se dirigissem até a capital afim de tomá-la de assalto. Comandando a horda, agora montado no cavalo que era do governador, Aguirre empreendeu marcha para Espirito Santo e como butim levou as autoridades que regressaram em correntes¹⁷⁴⁹. Assim o caudilho se dirigiu exclamando para seus marañones: “marañones, limpiad vuestros arcabuces, que los traéis muy húmedos y

¹⁷³⁸ Hoje a cidade de *La Asunción* capital do Estado venezuelano de Nueva Esparte.

¹⁷³⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 59.

¹⁷⁴⁰ Idem, p. 59.

¹⁷⁴¹ Para Jos (1927, p. 91): “autoridades y vecinos se prepararon para ir al encuentro de aquellos visitantes, algo espoleados por la codicia de las riquezas que debían traer los peruleros”.

¹⁷⁴² O equivalente a Prefeito.

¹⁷⁴³ Vázquez (1979, p. 59): “a media noche”.

¹⁷⁴⁴ Altamirano (1948, p. 393): “siendo ya dos oras del dia” / Monguia (1865, p. 204): “Otro dia por la mañana”.

¹⁷⁴⁵ Vázquez (1979, p. 59): “Guachi donde estaba el tirano Lope de Aguirre”.

¹⁷⁴⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 60.

¹⁷⁴⁷ MONGUIA, 1865, p. 204. / VÁZQUEZ, 1979, p. 60.

¹⁷⁴⁸ ALTAMIRANO, 1948, p. 394.

¹⁷⁴⁹ ALTAMIRANO, 1948, p. 364. / VÁZQUEZ, 1979, p. 61.

maltratados de la mar, que ya teneis licencia para ir con vuestras armas. [...] A tomar vamos la isla, que habemos preso al Gobernador, y toda la tierra es nuestra!”¹⁷⁵⁰

No caminho que levava para a vila de Espírito Santo, o marañones acabaram com dar de encontro com os ocupantes do outro bergantim, que havia se desprendido da nau capitania no caminho do mar. A outra embarcação havia tomado uma rota diferente, levada pelas correntes acabou por aportar mais ao norte da ilha.

tomaron los bergantines en diferentes puertos; y el en que venía el tirano Lope de Aguirre, tomó un puerto que llaman Paragua, el cual era cuatro leguas del pueblo; y el otro bergantín en que venía su Maese de campo, Martín Perez, en otro puerto, a la banda del Norte.¹⁷⁵¹

Agora com todos os marañones reunidos Aguirre sentiu-se ainda mais forte e destemido para tomar capital de assalto. Os marañones se aproximaram da vila ao meio dia. Como os moradores estavam desprevenidos, não esperando nenhuma invasão, ficou fácil para o bando de Aguirre adentrar a comunidade pela avenida principal. Os invasores que estavam em montaria se adiantaram e quando chegaram ao centro da cidade, deram brados para que todos ouvissem: “¡libertad! ¡libertad! ¡viva Lope de Aguirre!, ¡Vivan los marañones!”¹⁷⁵². Assim a horda não encontrou nenhuma resistência para se fazer senhores da vila. Tomaram de imediato a fortaleza¹⁷⁵³ que protegia a cidade, onde se alojaram e prenderam o governador, o *alcalde*¹⁷⁵⁴ e outros poucos que resistiram a ocupação. Em seguida já como donos da situação, os invasores deram início a uma verdadeira algazarra¹⁷⁵⁵:

fueron a una casa donde estaba la caja Real, y sin aguardar ni pedir llaves, hicieron pedazos las puertas de una cámara donde estaba y la quebraron, y robaron lo que hallaron en ella, y rompieron los libros de las cuentas Reales. [...] En este mismo día envió el tirano por todas las casas del pueblo a saber qué mercaderías y vino y comidas había, y algunas cosas de las que hallaban tomaron luego, y las llevaron a la fortaleza para las repartir entre sí.¹⁷⁵⁶

Como resultado do assalto aos moradores, os ocupantes conseguiram reunir cinquenta barris de vinhos, que foram consumidos naquele mesmo dia pelos desordeiros marañones. Muito dos moradores, assustados com aquela invasão, conseguiram fugir e se esconder na mata, levando o pouco que dava para não deixar cair nas mãos dos sedentos invasores¹⁷⁵⁷.

¹⁷⁵⁰ VÁZQUEZ, 1979, p. 60.

¹⁷⁵¹ Idem, p. 58.

¹⁷⁵² Idem, p. 61.

¹⁷⁵³ ALTAMIRANO, 1948, p. 364.

¹⁷⁵⁴ Vázquez (1979, p. 62): “Eché luego en prisión al gobernador D. Juan de Villandrando, y a Manuel Rodríguez, alcalde”.

¹⁷⁵⁵ Como ocorre quase sempre em uma invasão, Vázquez (1979, p. 62): “Algunos soldados que había en la isla, deseosos de chirinolas, se juntaron con los dichos tiranos y les ayudaban a robar y destruir la islã”.

¹⁷⁵⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 61.

¹⁷⁵⁷ ZUÑIGA, 1865, p. 262.

Aos moradores, que permaneceram na vila ou não tiveram oportunidade de escapar, Aguirre ordenou que cada família recebesse em sua habitação um marañón, dele se responsabilizando pela alimentação e bem-estar durante a estadia diurna, já que à noite, por questão de proteção, todos os marañones eram obrigados a dirigirem-se à fortaleza, que se localizava em *la plaza de la mar*, lugar que servia de dormitório e de onde o caudilho Aguirre¹⁷⁵⁸ exercia o comando sobre a vila¹⁷⁵⁹.

Alguns marañones, percebendo aquela balburdia inicial que se instaurou na vila, aproveitaram para escapar das mãos controladoras de Aguirre¹⁷⁶⁰, foram eles Gonzalo de Zúñiga, Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto, Juan de Villatoro, e outro por sobrenome Castillo¹⁷⁶¹. A fuga dos cinco soldados deixou Aguirre em cólera, como consequência de sua ira, ameaçou os moradores da vila, dizendo que todos sofreriam represália, caso não entregassem ou ajudassem a localizar os desertores. Dos cinco fugitivos, os dois primeiros, Zuñiga e Vázquez, jamais retornaram; o terceiro, Pedraria não aguentando se esconder, ferido e doente, decidiu por se entregar. Levado á presença de Aguirre, deste por sorte foi-lhe poupado vida. Já os dois últimos Villatoro e Castillo, não tiveram o mesmo destino, capturados e levados até o caudilho, acabaram tendo o fim pendurados em cordas pelo pescoço¹⁷⁶².

Receoso que ocorressem mais fugas e que os próximos fujões quisessem tentar chegar até o continente, Aguirre ordenou a apreensão e destruição de todos os barcos ancorados na ilha, até mesmo as embarcações de menor porte como pirogas e canoas¹⁷⁶³. Foi neste interim, em que se preocupou em saber de todos os barcos existentes na ilha, que Lope de Aguirre Soubera da existência de uma grande caravela equipada com artilharia¹⁷⁶⁴.

Dizerem para ele que a embarcação se encontrava aportada próximo dali, no povoado de Maracapana a serviço dos missionários dominicanos, capitaneados pelo Frei Francisco Montesinos¹⁷⁶⁵. Os dominicanos estavam ali em missão, buscando conquistar os moradores nativos daqueles região, através da catequese¹⁷⁶⁶. A existência da caravela despertou imediatamente o interesse de Aguirre que almejava se apoderar de uma grande nau para poder embarcar e zarpar com todos os marañones em direção a Nombre de Dios no Panamá¹⁷⁶⁷.

¹⁷⁵⁸ Entre os quais se encontrava, Zuñiga (1865, p. 262); “una hija del cruel tirano, que era mestiza, que trujo de Pirú, á la cual queria y tenia en mucho”.

¹⁷⁵⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 62.

¹⁷⁶⁰ ANÔNIMO, 1927, p. 247.

¹⁷⁶¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 63.

¹⁷⁶² Idem, p. 63.

¹⁷⁶³ Idem, p.62.

¹⁷⁶⁴ Altamirano (1948, p. 364): “vn nauio de 200 toneladas”.

¹⁷⁶⁵ Zuñiga (1865, p.262): “questaba con veinte y cinco soldados para entrar á descubrir una provincia llamada Guayana”.

¹⁷⁶⁶ ALTAMIRANO, 1948, p. 364. / VÁZQUEZ, 1979, p.62.

¹⁷⁶⁷ Jos (1927, p. 91): “Lope pensaba apoderarse por sorpresa de Nombre de Dios y Panamá, aquí construir una gran flota, tripularla con todos los vagabundos y hombres perdidos que hubiese en el istmo y Nicaragua y con gran cantidad de negros a quienes libertaría de la esclavitud. Con tales elementos y con sus recomendables intenciones, pensaba dar asiento fijo en el Perú”.

Com o intuito de tomar a embarcação das mãos dos dominicanos, Aguirre decidiu mandar um de seus capitães de nome Pedro Monguia à frente de dezesseis homens¹⁷⁶⁸. O destacamento tinha por encargo se livrar do frei Francisco Montesinos e se apossar da caravela para daí em diante servir aos interesses dos marañones¹⁷⁶⁹. O grupo então tomou um pequeno barco de um dos moradores das redondezas guardará e se dirigiu a caça do Frei¹⁷⁷⁰. Assim o próprio Monguia narra o episódio em sua crônica:

é luego me mandó á mí Pedro de Munguia , capitan de su guardia , me aprestase con veinte hombres arcabuceros en la dicha piragua, é llevando á el dicho Alonso de Niebla por guia , é fuese á Maracapaná , donde estaba el navio de Fray Francisco Montesinos, provincial, é tomase el navio.¹⁷⁷¹

Auxiliados por um guia local, trazido de Margarita¹⁷⁷², o destacamento, não encontrou dificuldades para chegar à terra firme e localizar o porto onde a nau do frei estava ancorada. Mas, para infelicidade de Aguirre, a partir daí as coisas não saíram da maneira como o caudilho planejara. No percurso entre a ilha e o continente Monguia, preocupado com o futuro, acabou se arrependendo dos feitos realizados contra os interesses do rei de Castela e não demorou muito para convencer seus subordinados da necessidade de se sublevarem ante Aguirre, pois só assim, sabiam, ganhariam o perdão do rei espanhol. Assim acordados, o destacamento decidiu então mudar o seu plano inicial e em vez de tentar assassinar o frei apoderando-se de sua nau, definiram agora que iriam a seu encontro para lhe pedir clemência e oferecerem seus serviços para combater a turba do caudilho marañón¹⁷⁷³.

Quando finalmente encontraram o dominicano, o grupo de arrependidos, deixara o missionário a par de todos os acontecimentos até ali.¹⁷⁷⁴

Les dixeron como ellos eran embiados por el tirano Lope de Aguirre a tomar aquel nauio, y que el tirano quedaba en la Margarita, y que los auia embiado por el, y que matassen a fray francisco Montesinos, por que con el nauio se auia de auiar luego a nombre de Dios adonde era su intento para pasar a los Reynos del Piru.¹⁷⁷⁵

Monguia e o seus apresentaram então suas armas ao frei, e disseram que deste aquele momento em diante não serviriam mais ao tirano Aguirre e que estavam a disposição para lutar ao lado daqueles que desejavam combater os marañones em nome do rei de Espanha¹⁷⁷⁶.

¹⁷⁶⁸ Alместo (2012, p. 101): “Monguíá, vizcaíno, con quince o dieciséis hombres”. / Altamirano (1948, p. 365): “Monguia con los 17 arcabuseros”. / Monguia (1865, p. 207): “éramos diez é seis” / Zuñiga (1865, p. 262): “diez y ocho soldados, con el capitan Pedro de Monguia”; Vázquez (1979, p. 62): “Pedro de Monguíá, con diez y ocho hombres”.

¹⁷⁶⁹ ALMESTO, 2012, p. 101. / ALTAMIRANO, 1948, p. 365. / MONGUIA, 1865, p. 205. / ZUÑIGA, 1865, p. 262. / VÁZQUEZ, 1979, p. 62.

¹⁷⁷⁰ Altamirano (1948, p. 365): “vn vezino de la Margarita que se decia Niebla”.

¹⁷⁷¹ MONGUIA, 1865, p. 205.

¹⁷⁷² Vázquez (1979, p. 62): “llevaron por guía un negro de la isla”.

¹⁷⁷³ ALMESTO, 2012, p. 101. / MONGUIA, 1865, p. 206.

¹⁷⁷⁴ MONGUIA, 1865, p. 206.

¹⁷⁷⁵ ALTAMIRANO, 1948, p. 395.

¹⁷⁷⁶ MONGUIA, 1865, p. 206.

Alarmado com as notícias que recebera o frei superior imediatamente decidiu tomar providências. Montesinos ordenou que seus subordinados abastecessem a nau com todo os provimentos que encontrassem, ao mesmo tempo que procurou reunir o maior número possível de tripulantes, na urgência do momento, por fim conseguiu juntar mais de cem homens¹⁷⁷⁷. O plano do frei era seguir até Margarita assediando os invasores fazendo-os renderem-se. E caso esse seu intento não se realiza-se da maneira planejada, a nau então passaria para Santo Domingo a fim de avisar as autoridades espanholas sobre a sublevação dos marañones em Margarita¹⁷⁷⁸. “É con esta órden se hizo á la vela para la Margarita, dia de Santiago¹⁷⁷⁹ en la noche, donde estaba ya el tirano reforzado con su gente”¹⁷⁸⁰.

Em fim de julho¹⁷⁸¹, um sábado¹⁷⁸², a nau capitaneada pelo frei superior Francisco Montesinos, acompanhado de Monguia e seus homens, se aproximou do porto de Margarita chamado *Punta de la Piedra* que fica localizado a cinco léguas da vila de Espírito Santo¹⁷⁸³. Ao que parece, a aparição daquela nau em *Punta de la Piedra* não pegara Aguirre desprevenido, pois o mesmo já sabia da traição de Monguia, contada a ele por um negro que tinha chegado na ilha um pouco antes do frei, como descreve Vázquez:

de un negro que había venido en una piragua de Maracapana, se supo cierto que el capitán Monguía y los soldados que con él iban se habían todos reducido al servicio de Su Majestad; y avisado el fraile de la venida del tirano y de todo lo que pensaba hacer, y que el fraile, con ellos y con la demás gente que tenía, venía con su navío a le destruir y hacer guerra.¹⁷⁸⁴

Quando fora alertado do avistamento da nau castelhana, Aguirre, acompanhado de seu séquito, prontamente se dirigiu a praia de *Punta de la Piedra*, queria mostrar para o frei o seu poder bélico, levava consigo duzentos soldados dos quais cento e cinquenta eram arcabuzeiros¹⁷⁸⁵. O batalhão ficou em ordem de ataque esperando os desdobramentos das ações da embarcação inimiga.

Em resposta Montesinos posicionou a artilharia da nau em direção ao porto e, para intimidar os marañones, prontamente começou a disparar com suas peças¹⁷⁸⁶. Os disparos da artilharia do navio causaram grande alvoroço entre os marañones, provocando medo no tirano

¹⁷⁷⁷ Idem, p. 207.

¹⁷⁷⁸ ALTAMIRANO, 1948, p. 369.

¹⁷⁷⁹ 25 de julho

¹⁷⁸⁰ MONGUIA, 1865, p. 208.

¹⁷⁸¹ Idem, p. 208.

¹⁷⁸² VÁZQUEZ, 1979, p. 66.

¹⁷⁸³ Idem, p. 66.

¹⁷⁸⁴ Idem, p. 65.

¹⁷⁸⁵ ZUÑIGA, 1865, p. 260.

¹⁷⁸⁶ ALMESTO, 2012, p. 101. /ALTAMIRANO, 1948, p. 369. / ZUÑIGA, 1865, p. 261.

caudilho, que se recolheu imediatamente para a fortaleza¹⁷⁸⁷, onde entendeu estar mais seguro e protegido do fogo da artilharia inimiga¹⁷⁸⁸.

O cenário a seguir foi de indefinição, de um lado, os de Aguirre se recolheram para a fortaleza, na tentativa de se protegerem da temida artilharia naval inimiga e de onde respondiam uma vez ou outra com tiros de suas peças e arcabuzes; do outro lado, os tripulantes do navio dominicano ficando temerosos em desembarcar na praia já que se encontravam em menor número, além de estarem com pouca pólvora e munição e não possuírem quase nenhum arcabuz¹⁷⁸⁹.

Percebendo que não iria conseguir desalojar os marañones da ilha, somente utilizando a artilharia do navio, o superior frei dominicano, decidiu por bem dar fim a seu intento e entendeu que o melhor a se fazer era ir avisar as autoridades espanholas em Santo Domingo. Mas antes de direcionar sua nave rumo a ilha Hispanhola, precisou voltar a Maracapaná, para poder se refazer dos danos sofridos na batalha e avisar sobre a rebelião dos marañones para o maior número possível de súditos espanhóis existentes no continente¹⁷⁹⁰. Somente em 20 de agosto parte a nau em direção a Santo Domingo, lá aportando em 27 de agosto¹⁷⁹¹. É somente a partir desse dia que as autoridades da audiência real espanhola, ficam cientes dos acontecimentos ocorridos em Margarita e Marañón¹⁷⁹².

Em Margarita o navio do clérigo havia permanecido por pouco mais de 24 horas. O desaparecimento da embarcação no horizonte, deixará Aguirre aliviado, mas logo o alívio foi substituído pela arrogância do tirano. Sentindo-se vitorioso Lope de Aguirre, temendo sofrer novas traições por parte de algum de seus subordinados, promoveu novamente um banho de sangue em Espírito Santo¹⁷⁹³.

A primeira vítima foi o encarcerado governador Juan de Villandrando¹⁷⁹⁴. O tirano decidira tirar-lhe a vida em represália aos ataques perpetrados a mando do frei Montesinos. De índole traiçoeira, Aguirre antes, havia prometido a Villandrando que não o mataria de forma alguma¹⁷⁹⁵. Em seu estado de ira o caudilho determinou não somente a morte do governador, mas também de seus subordinados que lhes faziam companhia na prisão¹⁷⁹⁶. Foram então

¹⁷⁸⁷ Alместo (2012, p.101): "Estuvo el Aguirre con gran temor de que se huyera gente y se le fuera al fraile o que a él le mataran los de su guardia porque, mientras el fraile estuvo allí, se encerró el Aguirre en un aposento con su hija y estuvo, a lo que entendimos, con gran temor".

¹⁷⁸⁸ ZUÑIGA, 1865, p. 261. / MONGUIA, 1865, p. 212.

¹⁷⁸⁹ MONGUIA, 1865, p. 213.

¹⁷⁹⁰ Idem, p. 214.

¹⁷⁹¹ Idem, p. 215.

¹⁷⁹² VÁZQUEZ, 1979, p. 71. / ALTAMIRANO, 1948, p. 396.

¹⁷⁹³ ANÔNIMO, 1927, p. 248. / VÁZQUEZ, 1979, p.70.

¹⁷⁹⁴ MONGUIA, 1865, p. 209.

¹⁷⁹⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 66.

¹⁷⁹⁶ ALTAMIRANO, 1948, p. 369. / MONGUIA, 1865, p. 209. / VÁZQUEZ, 1979, p. 66.

garroteados, o governador Juan de Villandrando¹⁷⁹⁷, o alcalde Manuel Rodriguez, alguacil Cosme de Leon, o carpinteiro Diego Perez e o criado do governador Juan Rodriguez¹⁷⁹⁸. Os corpos foram enterrados em uma cova abertas na própria cela da fortaleza¹⁷⁹⁹.

Mas as mortes não pararam por aí, ao que parece a sede por sangue não havia sido saciada. Depois da partida da caravela dos dominicanos os marañones, averiguando a costa de *Punta de la Piedra*, encontraram escondidos na praia dois soldados, estes ao que parece tinham tentando se render aos tripulantes da caravela, o que não conseguiram. Seus nomes eram Joan de San Juan y Diego de Paredes. Aguirre não deu nenhuma oportunidade de defesa para os dois e imediatamente os sentenciou a morte por garrote¹⁸⁰⁰.

Lope de Aguirre estava ciente de que a nau do dominicano Montesinos que tinha se evadido rumara com destino a Santo Domingo no propósito de alardear as autoridades espanholas da ilha Hispaniola. Percebera então que seu tempo em Margarita estava diminuindo. Diante das circunstâncias que agora se apresentavam os marañones decidiram não mais se dirigir ao Panamá, mas sim ir ao encontro da costa continental venezuelana, a partir do porto de Burburata e depois passar para Nueva Valencia¹⁸⁰¹. Mas para que isso ocorresse teriam que resolver o problema de transporte, já Aguirre havia anteriormente mandado queimar ou destruir todos as embarcações da ilha, inclusive seus bergantins¹⁸⁰². Então os marañones desprovidos de uma grande embarcação, foram obrigados a retomar a construção de uma nau que começara a ser fabricada ainda sobre o comando do agora falecido governador Juan Villandrando¹⁸⁰³. A obra fez com que os invasores marañones permanecessem na ilha por mais 28 dias, tempo este que Aguirre e seus horda, usou para continuar aterrorizando os moradores da ínsula¹⁸⁰⁴.

y en este tiempo quemó y derribó muchas casas y estancias de vecinos de la isla que se habían ido al monte, y los robaron mucha ropa y haciendas, y les mataron sus ganados....] Dijo aquí a sus soldados que él había hecho nuevo Rey, y que había de hacer nueva ley para en que viviesen sus secuaces y amigos¹⁸⁰⁵

¹⁷⁹⁷ VÁZQUEZ (1979, p. 66): “le dijeron que, no obstante aquello, habían de morir; y luego dieron garrote al Gobernador”.

¹⁷⁹⁸ MONGUIA, 1865, p. 209. / ALMESTO, 2012, p. 102.

¹⁷⁹⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 66.

¹⁸⁰⁰ ALMESTO, 2012, p.101. / VÁZQUEZ, 1979, p.71. / ZUÑIGA, 1865, p. 261.

¹⁸⁰¹ ALTAMIRANO, 1948, p. 396.

¹⁸⁰² VÁZQUEZ, 1979, p.71. / ZUÑIGA, 1865, p.263.

¹⁸⁰³ ALTAMIRANO, 1948, p. 396. / VÁZQUEZ, 1979, p. 71. / ZUÑIGA, 1865, p. 262).

¹⁸⁰⁴ ALTAMIRANO, 1948, p. 396. / ZUÑIGA, 1865, p. 262.

¹⁸⁰⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 71-72.

Ressentido ainda com a audácia do Dominicano Montesinos, o tirano aproveitou o momento de ebulição, para dar cabo de dois freis¹⁸⁰⁶ da mesma ordem dominicana que se encontravam na vila¹⁸⁰⁷, chamados Francisco de Salamanca e Francisco de Torrecillas¹⁸⁰⁸.

A situação no povoado piorou ainda mais, quando Aguirre começou a desconfiar que parte de seus subordinados estavam organizando um motim para derrubá-lo do poder. Identificou como as figuras principais do conjuro, seu maestro de campo Martín Pérez e o alferes general Alonso de Villena. O primeiro Aguirre conseguiu pessoalmente por as mãos. Mandou-o chamar e Pérez sem saber acabou caindo numa cilada, sendo apunhalado pelas costas na presença do caudilho¹⁸⁰⁹. O outro, o alferes Villena, já desconfiado decidiu não esperar pela sorte e fugiu para a mata, antes da chegada dos homens de Aguirre¹⁸¹⁰.

Possesso por não ter podido colocar as mãos em Alonso de Villena, o tirano decidiu se vingar naqueles que desconfiava estarem em conluio com o alferes general. A próxima vítima foi um capitão de sua guarda, de nome Domínguez, que depois de apunhalado foi jogado pela janela da torre da fortaleza¹⁸¹¹, sua sentença de morte dera-se por ser muito amigo de Villena¹⁸¹². Logo em seguida também foi chacinado um soldado de nome Pedro de Loaysa. Suspeito de fazer parte do motim, este foi convidado a jantar com o caudilho, mas não conseguiu terminar de engolir comida sendo garroteado pelos de Aguirre¹⁸¹³.

Apesar de todas essas mortes, Aguirre ainda não ficou contente, colérico por não ter podido se vingar de Villena, mandou também prender a moradora que recebera o alferes general em sua casa. A mulher de nome Ana de Rojas, foi levada a fortaleza e recebeu a forca como sentença por ter, na opinião do caudilho, ajudado os amotinados¹⁸¹⁴. Na sequência, mandou ainda dar fim do marido da dita senhora, Diogo Gomez, um velho enfermo que se encontrava em uma chácara fora do vilarejo¹⁸¹⁵. Também foram assassinados a mando de Aguirre, Martín Díaz, este morto a tiros de arcabuzes, apenas pelo fato de ser primo irmão de Pedro Ursúa¹⁸¹⁶;

¹⁸⁰⁶ Vázquez (1979, p. 64): “Decía este tirano que tenía prometido de no dar vida a ningún fraile de cuantos topase, salvo a los mercenarios, porque decía él que estos solos no se extremaban en los negocios de las Indias, y que había asimismo de matar a todos los presidentes y oidores, obispos y arzobispos y gobernadores, lletrados y procuradores, cuantos pudiese haber a la manos, porque decía él que ellos y los frailes tenían destruidas las Indias; [...]que había de matar a todas las malas mujeres de su cuerpo, porque estas eran causa de grandes males y escándalos en el mundo, e por una que el gobernador Orsúa había llevado consigo habían muerto a él y a otros muchos”.

¹⁸⁰⁷ ALMESTO, 2012, p. 101. / ANÔNIMO, 1927, p. 248. / MONGUIA, 1865, p. 265. / ZUÑIGA, 1865, p. 264.

¹⁸⁰⁸ ZUÑIGA, 1865, p. 265.

¹⁸⁰⁹ Almesto (2012, p. 102): “tíranle un arcabuzazo y erráronle y a puñaladas lo mataron”. / Anônimo (1927, p. 248): “hizo matar a su maestre M. Pérez, y publicó que por urdir motin”.

¹⁸¹⁰ ALMESTO, 2012, p. 102. / VÁZQUEZ, 1979, p. 72. / ZUÑIGA, 1865, p. 263.

¹⁸¹¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 73. / ZUÑIGA, 1865, p. 264. / VÁZQUEZ, 1979, p. 73.

¹⁸¹² ALMESTO, 2012, p. 102.

¹⁸¹³ ALMESTO, 2012, p. 102. / VÁZQUEZ, 1979, p.73. / ZUÑIGA, 1865, p. 264.

¹⁸¹⁴ ALMESTO, 2012, p. 102. / ANÔNIMO, 1927, p. 248. / VÁZQUEZ, 1979, p. 73. / ZUÑIGA, 1865, p. 264.

¹⁸¹⁵ ALMESTO, 2012, p. 102. / ANÔNIMO, 1927, p. 248. / ZUÑIGA, 1865, p. 264.

¹⁸¹⁶ ANÔNIMO, 1927, p. 248. / VÁZQUEZ, 1979, p. 71. / ZUÑIGA, 1865, p. 263.

os outros chacinados foram uma mulher de sobrenome La Chavese e um vizinho da vila chamado Simon Rostro¹⁸¹⁷, estes por suspeita de acobertar os traidores.

A crueldade perpetrada na ilha de Margarita, escandalizou todos os moradores ilhéus. As ações dos marañones assustaram até mesmo os mais experientes e calejados soldados espanhóis, aqueles que quando da chegada do caudilho Aguirre haviam se demandado para seu lado, como descreve Vázquez: “Muchos de los soldados de la isla que se habían ofrecido de salir con él, viendo sus crueldades y maldades, se le habían ya huido. Era tan cruel y malo este tirano, que a los que no le habían hecho mal ni daño, los mataba sin causa ninguna”¹⁸¹⁸.

A última morte ocorrida na ilha, antes da fuga dos marañones para o continente, deu-se a um dia da partida. Passados quarenta dias desde que os assaltantes tomaram Margarita, a nau que estava em construção ficou pronta. Colocada na água, rapidamente os invasores a guarneceram de matalotagem e embarcaram sua tripulação. A pressa em deixar Margarita era motivada pela notícia que chegou na vila um pouco antes, da aproximação de um destacamento vindo de Caracas, comandados por Francisco Fajardo, que vinha com o intuito de desalojar e prender os marañones¹⁸¹⁹. Foi neste momento de aflição entre os marañones que um soldado teve o azar de se dirigir ao caudilho Aguirre, reclamando que a pressa no embarque estava fazendo-o molhar os pés. Como resposta imediata à petulância do infeliz o tirano desembainhou sua espada e sem pensar desferiu um forte golpe no abdômen do homem que lhe abriu as entranhas. Deixado ali agonizando por um bom tempo, por fim o homem foi garroteado¹⁸²⁰.

Finalmente no alvorecer do último domingo de agosto¹⁸²¹, no quadragésimo primeiro dia da estadia em Margarida¹⁸²², os importunos marañones abandonam a ilha de Margarita¹⁸²³, deixando para trás um rastro de destruição e desolação. Os marañones partiram em quatro embarcações, a nau capitania acompanhada de três pequenos barcos¹⁸²⁴. “Sacó el cruel tirano de la dicha isla de la Margarita ducientos hombres, pocos más o menos, y los ciento y cincuenta son arcabuceros; llegaronse de la gente de la isla veinte hombres, que lleva consigo, con los cuales fueron por todos ducientos”¹⁸²⁵.

¹⁸¹⁷ ZUÑIGA, 1865, p. 265.

¹⁸¹⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 74.

¹⁸¹⁹ Assim Vázquez (1979, p. 74) descreve o ocorrido: “vino un Francisco Fajardo, vecino de un pueblo que se dice Caracas, en la gobernación de Valenzuela, con ciertos indios flecheros y enerbolarios, en socorro de los vecinos de la isla”.

¹⁸²⁰ ALMESTO, 2012, p. 103.

¹⁸²¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 75.

¹⁸²² ZUÑIGA, 1865, p. 262. / ANÔNIMO, 1927, p. 248.

¹⁸²³ Anônimo (1927, p.248): “con 200 hombres, 30 arrobas de pólvora y materiales para hacerla, dos caballos y un machó”.

¹⁸²⁴ ALMESTO, 2012, p. 103. / VÁZQUEZ, 1979, p. 75.

¹⁸²⁵ ZUÑIGA, 1865, p. 273.

A partir do destino inicial que era o porto de Burburata, Aguirre planejava subjugar as autoridades Venezuelana e espalhar a revolta no continente para dali em seguida ir caminhando, perpassando a Nueva Granada, até chegar as tão desejadas terras andinas do Peru¹⁸²⁶.

4.16. BURBURATA E NUEVA VALENCIA

A travessia da pequena frota para o continente acabou por demorar muito mais do que o esperado. O trajeto que se dava geralmente em três dias acabou por ser realizado em oito. A demora no percurso dera-se devido ao marasmo do mar e a falta de ventos para impulsionar as velas das embarcações¹⁸²⁷. Acabaram por aportar em Burburata, somente no domingo, sete de setembro¹⁸²⁸: “llegó a la Burburata, un domingo, a los siete de Setiembre deste año; y en el puerto halló un navío de mercaderías, que sus dueños, viendo venir al tirano, lo echaron a fondo con parte de la carga, que no pudieron sacar, y el tirano le mandó poner fuego”¹⁸²⁹.

Quando os marañones conseguiram desembarcar e por os pés no vilarejo, este já se encontrava vazio. Seus habitantes, percebendo a chegada da frota, haviam fugido para a mata, na tentativa de se esconder daqueles já famosos agitadores¹⁸³⁰.

O primeiro ato de Aguirre após o termino do desembarque foi incendiar todos os barcos existentes no porto, entre os quais as quatro embarcações que serviram de transporte da sua gente até ali¹⁸³¹. Queria com esse ato, possivelmente, como afirma Echeverría em sua obra *Los marañones*, imitar Hernán Cortés, o conquistador do México, expressando para seus subordinados o sentimento de não haver mais a possibilidade de voltar trás na decisão tomada¹⁸³².

¹⁸²⁶ Vázquez (1979, p. 75): “determinó de irse a la Burburata, y atravesar toda la gobernación de Venezuela, y al Nuevo reino de Granada, y de allí al Pirú”. / Echevarría (1968, p. 143): “Aquella isla no había significado en sus planes más que un punto de apoyo para saltar a Panamá, donde se le habrían de unir todos los descontentos que huían del Perú y todos los negros ansiosos de romper sus cadenas y alcanzar la libertad. [...] Ahora tenía que abandonar definitivamente este grandioso plan. Ya no iría a Panamá, sino a la gobernación de Venezuela. ¿Y qué podía esperar en Venezuela? Nada. Todo lo más, hacerse con algunos caballos. Y emprender un marcha agotadora a través de los Andes, acosado por las tropas reales”.

¹⁸²⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 76.

¹⁸²⁸ Para Vázquez (1979, p. 76): “un domingo, a los siete de Setiembre deste año”. / Para Zuñica (1865, p. 275) o dia foi outro: “á cinco dias del mes de Septiembre”.

¹⁸²⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 76.

¹⁸³⁰ ZUÑIGA, 1865, p. 269.

¹⁸³¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 77.

¹⁸³² ECHEVARRÍA, 1968, p. 149.

Como o povoado estava abandonado e sem nenhum mantimento, os homens de Aguirre foram obrigados a se embrenhar pelos arredores de Burburata na tentativa de encontrar algum tipo de alimento. Na tentativa desesperada de encontrar comida, os invasores acabaram por descobrir enterrado um depósito escondido, onde os moradores haviam guardado a maior parte de seus provimentos¹⁸³³. Dali desenterraram, tecidos, lenços, alimentos e barris de vinhos. Viveres com os que os invasores se saciaram em festa¹⁸³⁴.

Como já era práxis de Aguirre, que governava através do terror, aí também não deixou de perpetrar suas maldades. Em Burburata ceifou a vida de Pero Nuñez, um comerciante local que fora apreendido e trazido ao povoado por umas das diligencias de guardas que vigiavam as redondezas do lugar. A causa de sua morte foi ter acusado um dos marañones de furto¹⁸³⁵. O outro a perder a vida no povoado foi um soldado marañón de apode Diogo Perez¹⁸³⁶.

A horda de Aguirre permaneceu em Burburata por vinte dias¹⁸³⁷, aproveitando neste período para recolher o maior número de equinos possível, pois sabiam que estes animais de carga e guerra, eram essenciais para seus planos futuros. Mas essa busca não foi tão proveitosa já que quando decidiram abandonar Burburata, estavam de posse de apenas trinta equinos¹⁸³⁸. Assim, iniciada a marcha, foram poucos os marañones que se utilizaram de montaria, a maioria do arraial acabou obrigada a empreender a jornada a pé¹⁸³⁹. Quando saíram de Burburata, deixaram para trás apenas os restos destruídos e queimados do que outrora fora um povoado¹⁸⁴⁰.

No percurso entre Burburata e Nueva Valencia, foram chacinados, por mando de Aguirre, mais dois marañones, Francisco Martinez e Anton Garcia¹⁸⁴¹. Neste interim também ocorreu um outro fato, aproveitando-se das condições propicias em determinada parte do caminho, empreenderam fuga dois marañones, Pedradas de Almesto e Diego de Alarcón¹⁸⁴². A dupla conseguiu se esconder na mata, mas devido a falta de conhecimento do terreno acabaram por passar muitas necessidades. Um dia ao anoitecer, para poder saciar a fome, foram obrigados a descer até um rancho em busca de comida. Mas para azar dos desertores, Aguirre precavido, sabendo que a dupla teria que buscar algum sustento naqueles rincões, pôs em prontidão,

¹⁸³³ VÁZQUEZ, 1979, p. 79. / ZUÑIGA, 1865, p. 269.

¹⁸³⁴ VÁZQUEZ, 1979, p. 79.

¹⁸³⁵ Vázquez (1979, p. 78): “se quejó que un soldado de los marañones le había tomado una barreta de oro de sesenta pesos, que tenía dentro de una botija de aceitunas enterrada, y que el soldado había desenterrado la botija y llevádosela con el oro”.

¹⁸³⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 78. / ZUÑIGA, 1865, p. 270.

¹⁸³⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 78. / ZUÑIGA, 1865, p. 270.

¹⁸³⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 77.

¹⁸³⁹ Entre os quais se encontravam algumas Vázquez (1979, p. 79): “mujeres todas a pie, que serían diez o doce”. / Zuñiga (1865, p. 270): “y todos fueron á pie, fasta las mujeres, diez leguas que hay del pueblo de la Burvurata hasta el de la Nueva Valencia”

¹⁸⁴⁰ VÁZQUEZ, 1979, p. 79.

¹⁸⁴¹ ZUÑIGA, 1865, p. 270.

¹⁸⁴² ALMESTO, 2012, p. 105. / VÁZQUEZ, 1979, p. 79.

naquele lugar, alguns de seus homens na esperança de apanhá-los, o que acabou por acontecer. Aprisionados, foram em seguida levados à presença do tirano¹⁸⁴³.

lleváronlos delante el tirano, el cual les dijo: ‘¿Pues qué es lo que habéis hecho? Pues, por vida de Dios, que venís a buen tiempo, que yo tenía prometido de dos marañones de sus pellejos hacer un atambor, y agora se cumplirá; y veremos si el rey D. Felipe, a quien fuistes a servir, si os resucitará; que, por vida de Dios, que ni da vidas ni sana heridas’.¹⁸⁴⁴

Mas a sentença de morte dada por Aguirre acabou não se realizando em sua totalidade, ao que parece muitos foram os que rogaram pela vida de Pedrarias de Alместo¹⁸⁴⁵, entre as quais encontrava-se a própria filha do caudilho que intercedeu pedindo clemência para Alместo¹⁸⁴⁶. Por fim, em uma atitude atípica para aquele homem rude e cruel, Aguirre acabou por perdoar a Pedrarias¹⁸⁴⁷. O mesmo não se pode dizer do destino de Diogo Alarcon, com este o caudilho não teve nenhuma clemência e foi implacável¹⁸⁴⁸ dizendo: “*A éste [Pedrarais] quiero dejar vivo, y a ese outro [Alarcon] hacello luego pedazos*”¹⁸⁴⁹. E assim foi feito, Diogo Alarcon, depois de assassinado, teve seu corpo esquartejado e exposto ao público com um cartaz que dizia: ‘*Esta es la justicia que manda hacer el fuerte capitan Lope de Aguirre, caudillo de la noble gente marañona*’¹⁸⁵⁰.

Depois da marcha empreendida, finalmente os marañones conseguem chegar a Nueva Valencia¹⁸⁵¹. Quando a Horda de Aguirre chegou a comunidade, esta já se encontrava vazia, pois, como havia ocorrido em Burburata, os habitantes ao se inteirarem da aproximação do grupo de Aguirra, a haviam abandonado¹⁸⁵². Em Nueva Valencia os marañones permaneceram por quinze dias¹⁸⁵³, tempo este que Aguirre utilizou para escrever uma carta ao rei da Espanha Felipe II¹⁸⁵⁴ e para continuar manchando suas mãos de sangue. Aqui matou mais quatro marañones, Benito Diaz, Cigarra, Lora e a outro de apelido Pagador¹⁸⁵⁵.

¹⁸⁴³ VÁZQUEZ, 1979, pp. 85-86.

¹⁸⁴⁴ Idem, p. 86.

¹⁸⁴⁵ ALMESTO, 2012, p. 106.

¹⁸⁴⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 86.

¹⁸⁴⁷ Anônimo (1927, p. 249): “Cuando trajeron a Alarcon y Alместo, el tirano «creo que lo dexo de matar porque hera buen ascrivano y avia enpecado con el a escfívir una carta para su magestad”.

¹⁸⁴⁸ ALMESTO, 2012, p. 106. / ZUÑIGA, 1865, p. 271.

¹⁸⁴⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 86.

¹⁸⁵⁰ ZUÑIGA, 1865, p. 271.

¹⁸⁵¹ Anônimo (1927, p. 248): “Tardaron cuatro dias en llegar a Valencia que como Burburata”.

¹⁸⁵² ZUÑIGA, 1865, p. 270.

¹⁸⁵³ Idem, p. 271.

¹⁸⁵⁴ VÁZQUEZ, 1979, p. 88.

¹⁸⁵⁵ ANÔNIMO 1927, p. 249. / ZUÑIGA, 1865, p. 272.

Foi ainda em Nova Valencia que Aguirre recebeu uma carta de seu agora alguacil mayor, Francisco de Carrión que tinha retornado a Burburata a buscar um prisioneiro a mando do próprio tirano¹⁸⁵⁶.

Envío a avisar al tirano por una carta suya como los vecinos de la gobernación de Venezuela se juntaban contra él, habían alzado estandarte Real, y que convocaban toda la tierra comarcana, pidiendo socorro hasta el Nuevo reino de Granada, por lo cual el tirano apresuró su partida¹⁸⁵⁷

Sabedor desta notícia Aguirre decidiu então levantar arraial conduzindo seu pessoal em direção ao povoado mais próximo que era o de Barquisimeto¹⁸⁵⁸. Saíram, como chegaram, a maioria a pé e parca montaria¹⁸⁵⁹.

4.17. A DERRADEIRA CÓLERA DE AGUIRRE

O percurso até Barquisimeto foi extenuante. As constantes chuvas, o terreno irregular e íngreme, além da estarem desprovidos de animais de carga, fez da viagem um calvário para todos, inclusive para Aguirre que caíra enfermo¹⁸⁶⁰.

Otro día, siguiendo su camino, le llovió un aguacero pequeño al subir de una cuesta pequeña, que como era agria y estaba lodosa, y las cabalgaduras que traían sus cargas y municiones eran las más yeguas cansadas, resbalaban y caían, sin poder dar paso adelante lo cual, visto por el tirano, dijo tantas blasfemias contra Dios y sus Santos, que a todos los que lo oían ponían temor y espanto; y dijo muy enojado: ‘¿Piensa Dios que porque llueva no tengo de ir al Pirú y destruir al mundo?, pues engañado está conmigo’.¹⁸⁶¹

Alguns soldados aproveitaram a situação de calamidade no arraial para empreender fuga, escaparam oito marañones¹⁸⁶². Cansados e famintos, os marañones decidiram por estacionar pouco antes de seu destino para recuperar suas forças. Descansaram em uma região propícia no *Valle de las Damas*, já bem próximo de Barquicimento. Era um lugar

lleno de maíz, junto a un río, de que el tirano se holgó mucho, que ya les comenzaba a faltar la comida, y para hacerla, se detuvieron aquí un día. Aquí dicen que, desabrido

¹⁸⁵⁶ Vázquez (1979, 87): “Chaves, de la Burburata envió a decir al tirano que tenía preso al Rodrigo Gutierrez. Este soldado es de los que pasaron con Monguía al fraile”.

¹⁸⁵⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 87.

¹⁸⁵⁸ Barquisimeto hoje capital do estado venezuelano de Lara.

¹⁸⁵⁹ ZUÑIGA 1865, p. 271.

¹⁸⁶⁰ Em Vázquez (1979, p. 82): “Lope de Aguirre iba cargado también con harto peso de la dicha munición”.

¹⁸⁶¹ VÁZQUEZ, 1979, p. 95.

¹⁸⁶² Idem, p. 95.

y desconfiado de sus marañones, entró en consulta con sus capitanes y amigos, y determinaba matar a todos los sospechosos y enfermos, que serían más de cuarenta.¹⁸⁶³

Estacionado ali, a pouco de seu destino, o caudilho decidiu redigir uma carta para a comunidade de Barquicimeto, nela buscou tranquilizar os moradores, dizendo que nenhum mal faria quando em seu chão pisasse. Logo após, seguindo as ordens do tirano, os marañones recomeçaram sua marcha até o povoado. Se deslocaram por uma noite e um dia, até finalmente avistaram Barquicimeto e ali, nas cercanias, sabendo da presença de tropas leias ao rei da Espanha, Aguirre montou seu arraial naquela noite¹⁸⁶⁴.

Na manhã seguinte, 22 de outubro de 1561, uma quarta-feira, a horda invasora se levantou e rumou em direção Barquicimeto com intuito de se apoderar do povoado. Como a presença dos invasores já era de conhecimento de todos Aguirre, para amedrontar as fileiras espanholas, “mandó disparar gran salva de arcabuceria, echádoles grandes cargas para que diesen mayores respuestas, pensando con aquello poner temor a los contrários”¹⁸⁶⁵. Mas ao que parece a tática não surtiu o efeito desejado para os marañones, já que desde o primeiro momento em que os soldados invasores colocaram os pés na cidadela, foram assolados, nas vielas, por escaramuças realizadas pela vanguarda leal ao rei¹⁸⁶⁶.

As tropas leais ali estacionadas eram formadas por destacamento oriundos de toda a Venezuela e até de Nova Granada¹⁸⁶⁷. Como a notícia dos feitos de Aguirre já se espalhavam pelo continente, muitos súditos de sua majestade, preocupados em deter a horta rebelde Barquicimeto se dirigiram. O governador Pablo Collado¹⁸⁶⁸, dessa maneira conseguiu agrupar mais de cento e oitenta cavaleiros com o objetivo de parar a horda rebeldes e capturar seu líder Aguirre¹⁸⁶⁹.

Estas tropas leais, do qual o grosso estava estacionado na periferia da vila, em uma barranca, percebendo a entrada dos de Aguirre no povoado, prontamente alçaram os estandartes reais e desceram o morro em direção aos marañones. A sequência foi um embate renhido entre as partes, em disputa por cada casa e viela do povoado. Ao fim do dia, depois de quase se desmantelarem, os marañones conseguiram recompor sua defesa e afastar os soldados leais do vilarejo. Sabendo que as tropas reais tinham se retirado, mas que voltariam em pouco tempo,

¹⁸⁶³ VÁZQUEZ, 1979, p. 96.

¹⁸⁶⁴ ALMESTO, 2012, p. 107. / VÁZQUEZ, 1979, p. 97.

¹⁸⁶⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 97.

¹⁸⁶⁶ ALMESTO, 2012, p. 107.

¹⁸⁶⁷ Vázquez (1979, p. 99): “venía el capitán Pedro Bravo con veinte hombres de a caballo, de Mérida [...] Mérida, que es término del Nuevo Reino de Granada”.

¹⁸⁶⁸ O governador só chegara para comandar ao lado dos de Felipe na quarta, 23 de outubro, ou na quinta-feira como afirma Vázques (1979, p. 99): “jueves, ya tarde, vino al campo el gobernador Pablo Collado, que hasta entonces había estado malo en el Tocuyo, y por aquella causa no había venido”.

¹⁸⁶⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 99.

Aguirre decidiu manter todos os marañones, enfiados dentro de uma fortificação levantada de improviso no centro do povoado.¹⁸⁷⁰

Protegidos provisoriamente dentro do perímetro da fortificação, ali os marañones ficaram se recuperando da batalha. Neste interim, alguns destacamentos de vanguarda saíram para averiguar as redondezas, atrás de encontrar nas casas abandonadas algum alimento. Muitos dos marañones que adentrarem nas residências acabaram se deparando com panfletos deixados pelos moradores no qual estava escrito que, em nome do rei, o governador da província Pablo Collado, perdoaria a todo os rebeldes que desertassem das fileiras de Aguirre¹⁸⁷¹. Alguns soldados que retornando da revista trouxeram alguns desses panfletos e o entregaram a Aguirre. O caudilho possesso ordenou então para que todos aqueles que retornaram e estavam em posse do indulto que os entregassem imediatamente e no amontoado ateou fogo. A labareda foi tão grande que o fogo queimou uma casa e depois se espalhou para a igreja do vilarejo que ardeu em chamas¹⁸⁷². Por fim Aguirre declarou que se encontrasse em mãos de algum marañón tal panfleto, a consequência seria a pena de morte¹⁸⁷³.

Na quinta-feira, 23 de outubro, um dia depois da entrada dos de Aguirre no povoado, não ocorrera nenhuma batalha, apenas escaramuças e tentativas de deserção pelo lado dos soldados de Aguirre¹⁸⁷⁴. Este dia também chegou para comandar o lado espanhol, o governador Pablo Collado que veio trazendo mais reforços.

Na sexta-feira, 24 de outubro, ocorreram algumas deserções de marañones¹⁸⁷⁵. Na noite deste mesmo dia, Aguirre decidiu tomar a iniciativa, mandou um destacamento de reconhecimento, que tinha por missão encontrar a localização exata dos legalistas para se aproveitar do fator surpresa e atacar o arraial da tropa castelhana.

La noche siguiente envió el dicho tirano al Capitán de su guardia Roberto de Sosa, y al capitán Cristóbal García, con otros amigos y paniaguados suyos, hasta sesenta arcabuceros, a que con diligencia y secreto buscasen el lugar donde estaba el campo de Su Majestad, que no lo sabían, y diesen en él, e hiciesen todo el daño que pudiesen.¹⁸⁷⁶

Mas em Barquisimeto parece que a sorte tinha se afastado de Aguirre, o destacamento de reconhecimento, em seu deslocamento, fora percebido por um capitão do governador, de nome Romero que prontamente alardeou o arraial provincial¹⁸⁷⁷. A notícia causou o levante de

¹⁸⁷⁰ VÁZQUEZ, 1979, pp. 98-99.

¹⁸⁷¹ ALMESTO, 2012, p. 108. / VÁZQUEZ, 1979, p. 98.

¹⁸⁷² VÁZQUEZ, 1979, p. 99.

¹⁸⁷³ ANÔNIMO, 1927, p. 249.

¹⁸⁷⁴ Anônimo (1927, p. 249): "Al segundo día dos soldados fueron a abreviar dos cabalgaduras y desertaron".

¹⁸⁷⁵ Em Vázquez (1979, p. 100): "el uno llamado García Rengel, y otro Guerrero".

¹⁸⁷⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 100.

¹⁸⁷⁷ Vázquez (1979, p. 100): "Capitán, Romero, que venía a la sazón del pueblo de Nira, que es en la dicha gobernación, a servir a Su Majestad, con ocho o diez compañeros".

todos, inclusive da cavalaria, que prontamente foi ao encontro da possível localização do destacamento inimigo, mas o breu da noite fez com que não o encontrassem:

Somente na manhã do dia seguinte, sábado, 24 de outubro, é que o destacamento foi localizado pelos legalistas espanhóis. Sabedores de que tinham sido descobertos, o destacamento bateu em retirada e foi tentar se proteger em um barranco próximo. Ali acudados ainda conseguiram mandar um mensageiro para avisar a Aguirre sobre o cerco que estavam sofrendo¹⁸⁷⁸.

No tardó mucho el tirano Lope de Aguirre en los socorrer, que le vino nueva cómo estaban; y luego se partió del fuerte con veinte y cinco o treinta arcabuceros y la bandera de su guardia tendida, que era negra, con dos espadas sangrientas en medio dela¹⁸⁷⁹

A sequência foi uma batalha campal em que se enfrentaram os dois lados, já que o grupo de Aguirre conseguiu chegar até seus marañones¹⁸⁸⁰. Nesta segunda batalha Aguirre não conseguiu com seus soldados manter a posição¹⁸⁸¹. Cercado, para não cair nas mãos de seus inimigos, o desesperado caudilho conseguiu romper o cerco e se evadir com um pequeno punhado de seus homens o seguindo. Dali imediatamente retornou à fortificação montada na vila de Barquicimento¹⁸⁸². Os sobreviventes marañones que ficaram no campo de batalha, aqueles que não conseguiram fugir, acabaram por se rendendo às tropas legalistas, depois foram persuadidos a trocar de lado e combater seus antigos aliados na esperança de poder receber no futuro o perdão real¹⁸⁸³.

A perda mais sentida para Aguirre, naquele entrevero, foi a debandada de um dos seus capitães o qual ele julgava um dos mais leais de nome Diogo Tirado¹⁸⁸⁴. Este levado cativo a presença do Pablo Collado, sabendo do perdão, colocou-se imediatamente a disposição do governador e logo fora utilizado para tentar persuadir os outros rebeldes a se renderem¹⁸⁸⁵: “y el dicho gobernador Pablo Collado le dio un caballo bueno en que él andaba; y como se vido a caballo el Diego Tirado, revolvió sobre la gente del tirano dando voces: “¡Ea caballeros!, ¡a la bandera Real!, ¡al Rey!, que hace mercedes”¹⁸⁸⁶

¹⁸⁷⁸ ALMESTO, 2012, p. 109. / VÁZQUEZ, 1979, p. 101.

¹⁸⁷⁹ VÁZQUEZ, 1979, p. 101.

¹⁸⁸⁰ Alместo (2012, p. 109): “Y como Aguirre tuvo aviso desto apercibió toda la gente que estaba en el fuerte y no dejó sino veinte hombres que quedasen con su hija y otras mujeres que allí estaban”.

¹⁸⁸¹ Vázquez (1979, p. 101): “de suerte que la gente del tirano no tenía piquería [lançeiros base da infantaria], y así se comenzaron a turbar, viéndose acometer por todas partes”.

¹⁸⁸² ANÔNIMO, 1927, p. 249.

¹⁸⁸³ VÁZQUEZ, 1979, p. 101.

¹⁸⁸⁴ ANÔNIMO, 1927, p.249. / VÁZQUEZ, 1979, p. 102.

¹⁸⁸⁵ Vázquez (1979, p.101): “la dicha gente, anduvieron casi toda la noche buscándolos; pero ellos, viendo como eran sentidos y que su propósito no podía haber efecto, se escondieron en un vállete pequeño de çabana alta, donde no podían ser vistos, sino pasando por ellos”.

¹⁸⁸⁶ VÁZQUEZ, 1979, p. 102.

No pós-batalha, no arraial de Aguirre, o que se viu foi uma cena de consternação. O saldo do combate não foi nada favorável ao caudilho. Os já famosos e temidos arcabuzeiros marañones de Aguirre não conseguira ferir nenhum soldado inimigo, nem mesmo acertar um de seus cavalos. Em contrapartida os legalistas, em posse de apenas 5 arcabuzes, foram capazes de causar ferimentos em dois marañones além de terem conseguido acertar, de morte, a égua que servia de montaria ao tirano, deixando-o a pé e em situação de muito risco na peleja ¹⁸⁸⁷.

Colérico e ensandecido Aguirre começou a vituperar contra seus subordinados, chamado todos aqueles que entendia que tinham feito corpo mole na batalha de covardes e traidores¹⁸⁸⁸.

Otro día siguiente, determinó con algunos de sus amigos a hacer una gran crueldad, y fue que hizo una lista de todos los soldados que tenía por sospechosos, y los que estaban enfermos en su campo, para los matar a todos, que serían más de cincuenta hombres¹⁸⁸⁹

Aconselhado por seus capitães acabou por desistir da ideia de tirar a vida dos suspeitos, pois fora aconselhado que se pusera em prática a sentença de morte a todos aqueles que achava tê-lo traído iria ficar quase que sozinho. Por fim Aguirre determinou apenas recolher as armas daqueles que julgara como propensos traidores.

Como havia perdido a batalha, o grupo de Aguirre ficou sem a capacidade de ataque, o poder da iniciativa, agora não tendo mais outra alternativa a não ser permanecer fincados onde estavam apejas esperando o cerco espanhol ir se fechado com o tempo. Neste dia passaram por grandes aflições principalmente por falta de comida, como descreveu Vázquez:

Estos días se pasó gran hambre en el campo del tirano, [...] comieron aquellos días en el campo del tirano ciertos muletas [mulas] y perros que mataron, y aún se comieran las cabalgaduras, sino que el tirano lo estorbó, porque las había menester para retirarse a la mar¹⁸⁹⁰

A situação no cercado ia se agravando ainda mais, devido as constates debandadas dos marañones, que percebendo o fim próximo, buscavam deixar Barquisimeto para se render aos realistas.

Luego comenzó la gente a irse al rey de dos en dos y de cuatro en cuatro, de manera que ya el Aguirre iba perdiendo el coraje y mostraba gran cobardia. [...] Y luego se le pasó Roberto, su negro capitán de la guardia y su sargento mayor y un capitán que se decía Espíndola y luego, tras estos, toda la gente, que no quedó con veinte hombres.¹⁸⁹¹

¹⁸⁸⁷ VÁZQUEZ, 1979, p. 103.

¹⁸⁸⁸ Idem, p. 103.

¹⁸⁸⁹ Idem, p. 103.

¹⁸⁹⁰ Idem, p. 104.

¹⁸⁹¹ ALMESTO, 2012, p. 110.

Aguirre acabou sendo abandonado também pelo seu capitão da guarda pessoal de nome Espíndola. Este acabou por se juntar aos monarquistas, inclusive se voluntariando para se necessário voltar ao arraial cercado e matar o tirano¹⁸⁹². Por fim deram-se as últimas fugas do arraial:

Juan Gerónimo de S. habló con siete u ocho de sus mas amigos y diciendo que iba a escaramucear se pasaron con otros de su compañía. Estaba el tirano como falto de juicio y no daba ninguna orden y asi se fueron cincuenta de un golpe con el achaque de ir a pelear contra los enemigos.¹⁸⁹³

Se encontrando desolado e abandonado pelos marañones, Lope de Aguirre, percebeu então que o seu fim estava próximo. O outrora temido tirano agora não conseguia mais segurar sua angustia e para um dos poucos soldados que permaneceram leais para com ele até o fim¹⁸⁹⁴, de nome Llanoso, lamentara: “*Hijo, Llanoso, ¿qué os parece desto?*”. Ao que teria respondido o fiel pupilo: “*Que yo moriré con vuestra merced, y estaré hasta que nos hagan pedazos*”¹⁸⁹⁵. A Pedrarias, o único marañón que houvera perdoado e que ainda se encontrava no arraial, Aguirre se dirigiu e disse, não esquecendo sua personalidade vingativa:

‘Señor Pedrarias, estaos quedo, y no salgáis de aquí, que yo diré antes que muera quién y cuántos han sido leales al Rey de Castilla; que no piensen estos, hartos de matar a gobernadores y frailes y clérigos y mujeres, y robado los pueblos y quemádoslos y asoládoslos, y hecho pedazos las cajas reales, que agora han de cumplir con pasarse a carrera de caballo y a tiro de herrón al campo del Rey’.¹⁸⁹⁶

Na segunda-feira pela manhã, 27 de outubro, Aguirre percebendo a incapacidade do arraial em se defender de um novo ataque, já que a maior parte de seu pessoal havia se debandado para o lado do governador, compreendeu que a única maneira de sair com vida daquele cerco, era tentar empreender fuga em direção à costa venezuelana, refazendo o caminho que o levará até ali¹⁸⁹⁷. O tirano então ordenou, ao restante de seus homens, a retirada imediata de Barquisimeto, mas naquele momento o pequeno contingente já percebendo a fragilidade do caudilho decidiu por não acatar a sua ordem. O grupo decidiu então que o melhor seria tentar escapar ao anoitecer, já que teriam o auxílio da escuridão, para buscar passar despercebidos por entre as tropas espanholas¹⁸⁹⁸.

Mas para azar do moribundo caudilho e seus poucos seguidores, dois soldados conseguiram deixar o arraial e se debandaram para o lado do governador. Estes de apodados

¹⁸⁹² ANÔNIMO, 1927, p.249. / VÁZQUEZ, 1979, p. 105.

¹⁸⁹³ ANÔNIMO, 1927, p.249.

¹⁸⁹⁴ Vázquez (1979, p. 105): “no más de seis o siete de los que decían ser sus amigos”.

¹⁸⁹⁵ idem, p. 105.

¹⁸⁹⁶ Idem, p. 106.

¹⁸⁹⁷ ALMESTO, 2012, p. 110. / ANÔNIMO, 1927, p. 249. / VÁZQUEZ, 1979, p. 104.

¹⁸⁹⁸ VÁZQUEZ, 1979, p. 104.

Antón de Mercado y Custodio Hernández, imediatamente deram com a língua e alertaram o governador Pablo Collado sobre a tentativa de fuga planejada para aquela noite¹⁸⁹⁹. A par dos planos e da fragilidade de Aguirre, as forças monarquistas decidiram então intensificar o cerco, fortalecendo e retraindo o círculo em volta do arraial marañón, para assim evitar qualquer tentativa de fuga.

Aguirre da fortificação acompanhava o desdobramento das ações de seus inimigos que cada vez mais iam se aproximando e obstruindo qualquer tentativa de fuga. O tirando dando-se conta então de que não tinha mais chance de escapar dessa situação e que suas horas com vida eram poucas, decidiu praticar seu último crime¹⁹⁰⁰. Dirigiu-se até o lugar onde sua filha¹⁹⁰¹ estava a repousar e tira-lhe a vida¹⁹⁰². Assim Pedrarias de Alместo narra este cruel acontecimento:

Entró donde estaba su hija y díjole: — ‘Hija, yo te quiero matar. Por eso, encomiéndate a Dios’. Y la hija abrazose con él diciéndole: — ‘¡Oh, padre mío, por amor de Dios!’’. Y él quiso tirarle con un arcabuz y la moza, lo mejor que pudo, forcejando con él, se lo quitó. Y viendo él que no se podía aprovechar del arcabuz, echó mano a la adaga e comenzole a dar de puñaladas hasta que la mato.¹⁹⁰³

A justificativa, dada por Aguirre para o assassinato da filha que ele tanto amava, era por não querer, nem imaginar, sua querida menina servindo de colchão para seus inimigos¹⁹⁰⁴.

Naquele momento o tirano já não contava com mais de seis seguidores¹⁹⁰⁵, o restante todo já havia passado para o outro lado. Os soldados de Collado percebendo então que aquele era o momento de tomar a fortificação invadiram o arraial. Se dirigiram apressadamente ao local onde se encontrava o caudilho, lá chegando o encontraram sentado em uma barbacoa¹⁹⁰⁶, ao seu lado repousado estava o corpo de sua filha que acabara de assassinar¹⁹⁰⁷. Apontando os arcabuzes para tirano os soldados pediram para que o mesmo despusesse suas armas¹⁹⁰⁸. Aguirre prontamente atendeu, e ao que parasse não somente entregara suas armas, mas também deixara cair por terra aquele ímpeto corajoso e destemido de outrora. Implorou para não ser morto naquele momento e para isso não se refutou em recorrer aos princípios legais e religiosos, algo que nunca permitiu a suas vítimas: “*guárdeme el termino que marca la ley de tres dias*

¹⁸⁹⁹ ANÔNIMO, 1927, p. 249.

¹⁹⁰⁰ Reis (1989, p. 53): “Conta de todos os autores que foi seu último crime o assassinato, a punhaladas, da própria filha que o acompanhava, a jovem Elvira”.

¹⁹⁰¹ Echevarría (1968, p. 42): “Lope de Aguirre, [...]. Traía consigo a su hija mestiza Elvira, de dieciséis años, de rostro agraciado y grandes ojos negros de profundo y triste mirar y de un carácter sencillo, dulce y sumiso. Iba acompañada por su aya Juana Torralva, mujer resuelta y decidida, que quería a Elvira como si fuera su propia hija”.

¹⁹⁰² ANÔNIMO, 1927, p. 250. / ALMESTO, 2012, p. 110. / VÁZQUEZ, 1979, p. 106.

¹⁹⁰³ ALMESTO, 2012, p. 110.

¹⁹⁰⁴ ANÔNIMO, 1927, p. 250.

¹⁹⁰⁵ idem, p. 250.

¹⁹⁰⁶ Alместo (2012, p. 111): “barbacoa: especie de camastro o especie de banco o apoyo de cañas’ en este caso”.

¹⁹⁰⁷ ALMESTO, 2012, p. 111. / VÁZQUEZ, 1979, p. 106.

¹⁹⁰⁸ Anônimo (1927, p. 250): “Llego el primero C. Hernández quien encarándole el arcabuz «le dixo rendios y dexad las armas”.

*para me oyr y no me mate luego que quiero dezir grandes cosas y vera un ñombre de bravo juicio, por amor de dios no permita que me maten sin confesión*¹⁹⁰⁹.

Mas os arcabuzeiros, ex-marañones com medo de que Aguirre os dedurasse por suas participações nas atrocidades cometidas, não esperaram e imediatamente dispararam suas armas contra Aguirre¹⁹¹⁰:

En esto, llegaron dos arcabuceros marañones y porque no condenase a muchos dellos, sin licencia de nadie, le tiraron dos arcabuzazos y al primero que le tiraron dijo el Aguirre: ‘Ese no es bueno’, y luego le dieron otro y fue tan bueno que dieron con él en el suelo muerto boca abajo y allí feneció el maldito tirano¹⁹¹¹

As ultimas palavras do caudilho foram dirigidas ao arcabuzeiro que lhe deu o tiro certo, elogiando sua pontaria, disse-lhe: *‘este basta*¹⁹¹², *‘este si que es bueno*¹⁹¹³.

Depois de Aguirre já morto, sua cabeça foi cortada com sua própria espada¹⁹¹⁴, pelas mãos de um marañón chamado Custódio Hernández¹⁹¹⁵. Quando o governador chegou ao recinto se deparou já com os dois corpos sem vida, ordenou então que o corpo de Elvira, filha de Aguirre, fosse velado e enterro de acordo com os ritos religiosos exigidos¹⁹¹⁶, porém o corpo do desnaturado pai não recebeu o mesmo cuidado, este o governador pediu que fosse esquartejado e as quatro partes mandadas para outras cidades venezuelanas a fim de servirem de recado para aqueles que alçassem se levantar contra a coroa. A cabeça, posta em uma jaula de ferro, o governador fez questão de levar consigo para ser estocada em uma vara, e exposta na vila de Tocuyo¹⁹¹⁷, sede de seu governo¹⁹¹⁸.

Morto no dia vinte e sete de outubro de mil quinhentos e sessenta e um, Aguirre deixou de assolar, juntamente com seus marañones, os domínios espanhóis no continente americano. Temido e preterido por muitos, Vázquez descreveu Lope de Aguirre da seguinte maneira: *“Era tão rude e desordeiro, que não havia conseguido se firmar em nenhuma cidade do Perú e de todas fora exilado. e não lhe cabia dar outro nome a não ser Aguirre el loco”*¹⁹¹⁹. O soldado anônimo, na sua crônica por sua vez o descreve assim: *Era um homem ajuizado, porém*

¹⁹⁰⁹ ANÔNIMO, 1927, p. 250.

¹⁹¹⁰ ALMESTO, 2012, p. 111. / VÁZQUEZ, 1979, p. 107.

¹⁹¹¹ ALMESTO, 2012, p.111.

¹⁹¹² ANÔNIMO, 1927, p. 250.

¹⁹¹³ JOS, 1927, p. 116.

¹⁹¹⁴ ANÔNIMO, 1927, p. 250.

¹⁹¹⁵ VÁZQUEZ, 1979, p. 107.

¹⁹¹⁶ ANÔNIMO, 1927, p. 250.

¹⁹¹⁷ ALMESTO, 2012, p. 112.

¹⁹¹⁸ Hoje cidade sede do município de Morán, no estado venezuelano de Lara

¹⁹¹⁹ Vázquez (1979, p. 110): “Era tan bullicioso y mal acondicionado, que no cabía en ningún pueblo del Perú; y de todos los más estaba desterrado, y no le sabían otro nombre sino Aguirre el loco”.

*empregava sua inteligência para o mal. O que se pode dizer dele é que, depois de Judas Iscariotes, fora o homem mais malvado que aqui [na terra] existiu*¹⁹²⁰.

Uns dias antes de seu assassinato Aguirre reunira o restante de seus marañones, para realizar o que seria a sua última assembleia, palanque este que o caudilho se acostumara a montar para fazer suas vontades serem aceitas por todos. No discurso seu rancor voltou-se contra os traidores e os habitantes dos domínios espanhóis na América. E com a sua adaga apontada para o peito, começou a discorrer:

‘Com esta adaga [os traidores] me cortam o coração, sabendo que dei meu sangue pelos marañones. Prometo que de agora em diante irei fazer somente aquilo que os senhores mandarem. Ou vamos perder ou vamos ganhar, o que tem de ser deve ser da opinião de todos e não só da minha. E se até aqui ordenei algumas mortes, entendam que as determinei para garantir a vida e o bem estar de todos. A partir de agora, diante do juramento que fiz, prometo não dar a mínimo pela minha vida, já que esta está a serviço de sustentar às dos senhores. E pelo amor de Deus peço que não nos deixem ser derrotados por esses comedores de caçabi e arepa’.¹⁹²¹



Figura 13 – A nau dos Loucos de Sebastian Brant (1499)

¹⁹²⁰ Para Anônimo (1927, p.250): “hera vn hombre de biuo juicio avnque lo. empleava mal. que dezir del que hera el mas mal hombre que de judas acá ávido”.

¹⁹²¹ ANÔNIMO, 1927, p. 249.



Figura 14 – O cenário da expedição de Ursúa e a rebelião de Aguirre[mapa]. In JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre: según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca: Talleres Gráficos Editorial V. Campo, 1927. (p. 144)

5. CARNE HUMANA COMO ALIMENTO: ANTROPOFAGIA X CANIBALISMO

Nós [europeus] podemos, portanto, chamá-los [nativos] de bárbaros em vista das regras da razão, mas não em vista de nós mesmos, que os ultrapassamos em toda espécie de barbárie.

MONTAIGNE, 2009, p. 62.

A comida dos brancos não tem um valor tão grande quanto eles pretendem! [...] ela desaparece assim que é engolida e acaba virando fezes!

KOPENAWA, 2015, p. 420.

O canibalismo além da forma amestrada que conhecemos é também uma designação etnocêntrica se for compreendido como do humano, todos somos canibais.

LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 21.



Figura 15 – Gravura *Massacre de prisioneiros*. Fonte: THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*; tradução: Estevão Pinto. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944. (p.243)

Registros feitos pelos cronistas quinhentistas da prática do consumo de carne humana por populações da Amazônia estão presente nos relatos das expedições de Francisco Orellana e nos da expedição de Pedro Ursúa e Lope De Aguirre. Neste capítulo procuraremos discorrer a cerca da prática da ingestão da carne de origem humana e apresentar algumas interpretações sobre o rito.

5.1. CARIBA, CARIBE, CANIS, KAN, CANIBAIS

A designação ocidentalizada canibal deriva da palavra *cariba*, esta por sua vez decorrente da alteração do vocábulo de origem Arawak, *cariba* ou *caribe*¹⁹²². O termo *cariba* era a denominação utilizada pelos inimigos dos povos Caribe, os Taino que coabitavam e rivalizavam nas Antilhas com estes, quando da época da chegada dos espanhóis ao Novo Mundo¹⁹²³.

Para os Caribe o adjetivo *cariba* queria dizer o mesmo que bravo e/ou ousado¹⁹²⁴. Assim Oviedo tenta explicar seu significado: “yo creo que propriamente quiere decir caribe fuerte ó bravo en aquella costa ó parte de la Tierra-firme, y aun en aquestas mismas islas; porque quando uno come axí y quema mucho, ó sorbe algund caldo que quema mucho, dice: muy caribe está”¹⁹²⁵.

Quando Colombo pôs os pés na América, Os Caribe ocupavam, além de algumas ilhas Antilhanas “onde sua imigração era relativamente recente, uma zona continental que incluía as Guianas e uma parte inferior do Orinoco. Uma região, no interior da Venezuela, recebera, na época da Descoberta, o nome de Caribana”¹⁹²⁶.

Para o ocidente o termo canibal surge a partir dos relatos da primeira viagem de Colombo ao Novo Mundo. “quando o navegador soube por intermédio dos aruaques que os caribes, seus inimigos, eram ferozes, bárbaros e conhecidos como caraíbas”¹⁹²⁷. Mas foi uma outra informação característica que chamou mais a atenção do genovês a respeito dos Caribes, a de que se tratavam de povos comedores de carne humana. Assim Colombo menciona a notícia em seu diário, datado no dia 23 e novembro de 1542, neste registro ele já faz a troca da alcunha *Caribas* por *canibais*: “lá havia uma gente [...] que chamavam de canibais, de quem [os aruaques] demonstravam ter muito medo, mas que o mais provável é que tivessem capturado alguns e, como não voltassem, diziam que tinham sido comidos”¹⁹²⁸.

Colombo de certa maneira, ao ouvir a pronúncia da palavra *Caribas*, quisera, em função de um dito ‘imaginário científico’ preexistente¹⁹²⁹, entender que se tratava da palavra *Canibais*, pois assim poderia relacioná-la com do radical latim *canis*, cães. Deduziu então que aquele

¹⁹²² Lestringant (1997, p.32): “A palavra canibal é, portanto, de origem ocidental e americana”.

¹⁹²³ LESTRINGANT, 1997, p. 27.

¹⁹²⁴ OVIEDO, 1852, p. 148.

¹⁹²⁵ Idem, p.148.

¹⁹²⁶ LESTRINGANT, 1997, p. 68.

¹⁹²⁷ CHICANGANA-BAYONA, 2017, p. 12.

¹⁹²⁸ COLOMBO, 1998, p. 69.

¹⁹²⁹ LESTRINGANT, 1997, p. 29.

povo comedor de carne humana poderia se tratar de um grupo formado por homens híbridos, corpo humano e cabeça de cachorro¹⁹³⁰, os cinocéfalos, seres mitológicos que faziam parte do imaginário do velho continente e que muitos acreditavam habitarem em partes das terras de domínio do grande Kan das Índias¹⁹³¹.

A partir de então o termo injurioso e pejorativo de *canibal*, dado primeiramente aos Caribe carregado com seus significados de selvagem, bárbaro e antropófago¹⁹³², foi incorporado ao vocabulário dos exploradores ibéricos que sucederam a Colombo, o termo também se fez presente na linguagem e no imaginário europeu, que passou a designar todo o povo ou indivíduo comedor de carne humana encontrado no Novo Mundo.

Mas utilizar a carne humana como alimento, esclarece Chicangana-Bayona,

não foi invenção dos povos americanos descoberta pelos europeus entre os séculos XV e XVI. Desde a Grécia antiga a prática era denominada *anthropophagia*, e somente depois da chegada dos europeus ao Novo Mundo que se difundiu o termo canibalismo.¹⁹³³

Mesmo na Europa da era cristã por vezes reverberavam notícias da quebra do tabu referente a prática do consumo da carne humana¹⁹³⁴. Práticas de consumação real ou imaginária. O que dizer da representação, no seio do cristianismo, da ingestão da carne, como principal marco litúrgico? O “dogma papista da transubstanciação, pois os católicos não comem apenas o homem, quando podem – e as guerras de religião forneciam vários exemplos. Eles comem Deus durante o sacrifício da missa”¹⁹³⁵.

Com o passar do tempo a nova nomenclatura, canibal, acabou se sobrepondo e se diferenciando do termo grego antropofagia. Canibalismo, passou a se referir não somente a consumo de carne humana, mas também as práticas ‘bárbaras’ e ‘selvagens’ principalmente as aquelas relacionadas aos costumes dos habitantes do Novo Mundo. “Para os conquistadores, em sumo, o canibalismo era sinônimo de barbárie e da incapacidade para autogovernar-se”¹⁹³⁶. Aos olhos ignorantes dos escandalizados europeus, o ato de comer carne humana e “sua dimensão ritual fora transformada em ato puramente nutritivo”¹⁹³⁷.

¹⁹³⁰ Lestringant (1997, p. 37): “Homens-cães que uivam em vez de falar”.

¹⁹³¹ LESTRINGANT, 1997, p. 30. / CHICANGANA-BAYONA, 2017, p. 67.

¹⁹³² LESTRINGANT, 1997, p. 27-29.

¹⁹³³ CHICANGANA-BAYONA, 2017, p. 12.

¹⁹³⁴ Rossi (2014, p. 85): “Para nos limitarmos aos tempos recentes, tanto na Ucrânia, durante a escassez de alimentos dos anos 1932-1933, como na China, durante a escassez de 1958 [...], houve numerosos e documentados casos de canibalismo”. / Carneiro (2003, p. 91): “Outra forma de canibalismo foi praticada pelas populações europeias, especialmente nas elites, por meio do consumo de múmias como remédio. O tráfico de múmias e produtos cadavéricos como musgo nascido num crânio, assim como de sangues e de diversas partes do corpo humano com uso farmacêutico, fez parte da medicina ocidental até pelo menos o século XVIII”.

¹⁹³⁵ LESTRINGANT, 1997, p. 98.

¹⁹³⁶ CHICANGANA-BAYONA, 2017, p. 13.

¹⁹³⁷ LESTRINGANT, 1997, p. 42.

Muito desta visão superficial deve-se a mentalidade europeia da época. O impacto das descobertas fez com que muitos pensassem, e acreditassem, que aqueles habitantes do novo continente, inseridos agora a sua realidade, tratar-se-iam de seres que se encontravam em um estágio intermediário, entre seres humanos e animais¹⁹³⁸. Montaigne que vivera no século XVI, que escrevera sobre os povos do Novo Mundo, os caracterizou como imaturos, incompletos, em estado infantil: “Essas nações, portanto parecem-me bárbaras assim: por terem pouco se formado pelo espírito humano e serem ainda muito próximas de sua naturalidade original”¹⁹³⁹

Na América, de maneira geral, os conquistadores passaram a assinalar com alcunha de *caribe* ou *canibal*, qualquer povo ‘bravos’ ou ‘feroz’. Aquele arredio, inimigo, ou simplesmente o outro desconhecido, taxando-os sempre de selvagens comedores de carne humana.

Caribe: indio bravo y feroz que tiene la carne humana por uno de sus más deliciosos manjares. Es voz general aplicada por los españoles á todos los moradores de comarcas, donde hallaron esta horrible costumbre; pero principalmente á los de Tierra-Firme¹⁹⁴⁰

Oviedo também relata o encontro com um destes povos, que se inseria neste arcabouço ibérico, em terras que hoje pertencem a Colômbia:

Son estos indios caribes, flecheros y comen carne humana; y esto se supo, porque en algunas casas se hallaron aquel día tasajos é miembros de hombres ó de mugeres, assi como braços y piernas y una mano puesta y salada y enjairada, y collares engastados en ellos dientes humanos, que los indios se ponen por bien parecer, y calaveras de otros puestas delante de las puertas de las casas en palos hincados á manera de tropheos y acuerdo de triunfo de los enemigos que han muerto ó de los que han comido.¹⁹⁴¹

Por fim, na ocupação ibérica da América, a prática e/ou acusação de canibalismo serviu, antes de tudo, de instrumento de classificação e discriminação, como afirma Carvalho Júnior:

para classificar estes índios enquanto selvagens ou mansos, cristãos ou gentios, domésticos ou brutos. Portanto, associar um grupo arredio a esta prática podia significar a indicação de sua rusticidade e selvageria, justificando enfim o seu resgate das ‘garras do demônio’ – leia-se, justificar a sua escravização.¹⁹⁴²

5.2. CANIBALISMO

¹⁹³⁸ CHICANGANA-BAYONA, 2017, p. 13.

¹⁹³⁹ MONTAIGNE, Michel de. *Dos canibais*; Plínio Junqueira Smith org.; tradução e apresentação Luiz Antonio Alves Eva. São Paulo: Alameda, 2009, p. 53.

¹⁹⁴⁰ OVIEDO, 1855, p. 596.

¹⁹⁴¹ OVIEDO, 1852, p. 370.

¹⁹⁴² CARVALHO JÚNIOR, 2017, p. 243.

Os termos antropofagia e canibalismo de início querem dizer a mesma coisa, referem-se ao ato de consumir carne humana, mas entre ela existe uma distinção, como explana Chicangana-Bayona: “Antropófagos e canibais são, em principio, idênticos, mas é importante fazer uma distinção: o canibalismo fazia referência ao ritual, enquanto a antropofagia era motivada pela necessidade, pela fome”¹⁹⁴³. O anthropophago é aquele que por necessidade, “captura os inimigos, come sua carne e sorver seu sangue”¹⁹⁴⁴. O canibalismo, “tiene que ver con el consumo de carne humana, sancionado socialmente, cuando se dispone de otros alimentos”¹⁹⁴⁵.

Sobre a antropofagia ou ‘canibalismo por fome’¹⁹⁴⁶, Lévi-Strauss discorre dessa maneira em sua obra *Tristes Trópicos*:

Tomemos o caso da antropofagia, que, de todas as práticas selvagens, ‘e, sem dúvida, a que mais nos inspira horror e repugnância. Teremos primeiro que dissociar dela as formas propriamente alimentares, isto é, essas em que o apetite de carne humana explica-se pela carência de outro alimento animal, como era o caso de certas ilhas polinésias. De voracidades como essas, nenhuma sociedade esta moralmente protegida; a fome pode arrastar os homens a comer qualquer coisa: prova-o o exemplo recente dos campos de extermínio.¹⁹⁴⁷

Sobre o canibalismo, ao qual o antropólogo francês se refere como ‘antropofagias positivas’, destaca:

Restam, então, as formas de antropofagia que se podem chamar de "positivas", as que se referem a causa mística, mágica ou religiosa: tal como a ingestão de uma parcela do corpo de um ascendente ou fragmento do cadáver de um inimigo, a fim de possibilidade de incorporação de suas virtudes ou ainda a neutralização de seu poder.¹⁹⁴⁸

A prática de obtenção da carne humana, envolta em misticismo, magia e/ou religião, Lévi-Strauss, na década de 1970¹⁹⁴⁹, classificou de duas maneiras, através do exocanibalismo e endocanibalismo¹⁹⁵⁰: “O ‘exocanibal’, que incorpora as virtudes dos seus parentes defuntos ao ingerir o inimigo que os matou e comeu, e o ‘endo-canibal’, que consome os seus próprios

¹⁹⁴³ CHICANGANA-BAYONA 2017, p. 12.

¹⁹⁴⁴ idem, p. 85.

¹⁹⁴⁵ HARRIS, Marvin. *Bueno para comer: enigmas da alimentación y cultura*; traducción Joaquín Calvo Bararán y Gonzalo Gil Catalina. Madrid: Alianza Editorial, 2010, p. 169.

¹⁹⁴⁶ ROSSI, 2014, p. 84.

¹⁹⁴⁷ LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 414.

¹⁹⁴⁸ Idem, p. 414.

¹⁹⁴⁹ CLÉMENT, Catherine. *Claude Lévi-Strauss*; tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2004 (p.77): “Em 1974, quando Lévi-Strauss ministrou, no Collège de France, um seminário intitulado: ‘Canibalismo e travestismo ritual’”

¹⁹⁵⁰ Rossi (2014, p.84): “Exocanibalismo (come-se o inimigo para incorporar suas qualidades) e do endocanibalismo, no qual, pela mesma razão, se come o corpo dos próprios mortos”

mortos pela mesma razão”¹⁹⁵¹. Em sua obra *Somos Todos Canibais* o antropólogo exclama sobre o assunto:

Ao lado deste exocanibalismo, deve-se localizar um endocanibalismo que consiste em consumir em grande ou muito pequena quantidade a carne fresca, apodrecida ou mumificada de parentes defuntos, seja crua, cozida ou carbonizada. os índios Yanomami, infelizes vítimas, como sabemos, dos garimpos de ouro que invadiram seu território, consomem ainda hoje os ossos previamente pilados de seus mortos ¹⁹⁵²

No início do século XX, o historiador Capistrano de Abreu, em sua obra *Capítulos de História Colonial* (1907), já havia caracterizado a prática do canibalismo entre os indígenas brasileiros, com estas diferenças: “os homens eram comidos em muitas tribos no meio de festas rituais. A antropofagia não despertava repugnância e parece ter sido muito vulgarizada: algumas tribos comiam os inimigos, outras os parentes e amigos, eis a diferença”¹⁹⁵³.

Harris (1985), distingui assim estas duas maneiras de obtenção de carne:

Básicamente, sólo existen dos maneras de conseguir un cadáver comestible: o los devoradores cazan, capturan y matan por la fuerza a los devorados, o bien obtienen pacíficamente el cuerpo de un pariente fallecido de muerte natural. La obtención pacífica y el consumo de cuerpos o partes de cuerpos es un aspecto de los rituales funerarios; la obtención de cuerpos por procedimientos violentos es un aspecto de la guerra.¹⁹⁵⁴

Lestringant (1997) ressalta também estes dois modos de canibalismos entre povos da costa brasileira, relatados pelos cronistas dos quinhentos:

Ao lado do exocanibalismo dos tupinambás, que só devoravam os inimigos de guerra, havia, entre outras nações brasileiras, formas de endocanibalismo. Os tapuias ou ‘tapouys’ do interior da Bahia desdenhavam a carne de seus prisioneiros, cujos cadáveres abandonavam no chão e nos rios, mas comiam a carne de seus parentes mortos, para poupá-los da indignidade de apodrecer sob a terra.¹⁹⁵⁵

5.2.1. Endocanibalismo

Na América, como explana Harris, em sua obra *Bueno para comer*: “estes dois modos de produção canibal [endocanibalismo e exocanibalismo] possuem custos e benefícios

¹⁹⁵¹ CLÉMENT, 2004, p. 77.

¹⁹⁵² LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 18.

¹⁹⁵³ ABREU, Capistrano de. *Capítulos da História Colonial*. Salvador: P555 Edições, 2006, p. 22.

¹⁹⁵⁴ HARRIS, 2010, p. 169.

¹⁹⁵⁵ LESTRINGANT, 1997, p. 100.

diferentes e, por tanto não podem incluir-se em uma mesma teoria explicativa”¹⁹⁵⁶. No primeiro, a obtenção da proteína, ocorre de forma pacífica. A prática do consumo de carne humano é consequência ou desdobramento de rituais fúnebres de um parente ou pessoa próxima, a ingestão da carne se dá de forma consentida com regras pré-estabelecidas e conhecidas anteriormente pelo próprio defunto e por toda a comunidade. O que difere da prática do exocanibalismo, que é aquele que a obtenção da carne se dá de maneira violenta em circunstâncias litigiosas de guerra¹⁹⁵⁷.

Os povos que praticam o endocanibalismo, geralmente se valem apenas de partes ou restos dos corpos de seus familiares. Principalmente cinzas e os ossos, que são recolhidos depois da cremação¹⁹⁵⁸. Harris, destaca que para além de seu valor religioso e místico, a ingestão de osso e cinzas representava também “un importante medio de reciclar los escasos minerale”¹⁹⁵⁹ que o ser humano necessita para seu sustento. O processamento das cinzas e/ou ossos dos parentes, dava-se (ou dá-se) através da queima do corpo e posterior recolhimento das cinzas ou também obtidos do posterior exumo dos restos do defunto enterrado. Depositados, estes restos eram (e são) pilados e ingeridos, muitas das vezes misturados com bebidas¹⁹⁶⁰, em dia de festa ou de celebração¹⁹⁶¹.

Vejamos alguns exemplos da prática do endocanibalismo na América do sul. O primeiro é entre os povos Guildas na bacia do Orinoco, hoje Venezuela, relato este feito por missionários cristãos:

Nosotros mismos hemos observado varios casos de cremación del difunto en la plaza del pueblo el día de su muerte, recogida cuidadosa de los huesos, semicarbonizados entre las cenizas y trituración de los mismos en un mortero de madera. El polvo resultante se introducía en pequeñas calabazas y éstas se entregaban a los parientes más cercanos del finado, que las colocaban cerca del tejado de sus chozas. En ocasiones especiales, los parientes ponían parte de este polvo en una calabaza grande, llena hasta la mitad de sopa de plátano y bebían la mezcla entre los alimentos. La familia ponía el máximo cuidado en que no se derramara lo más mínimo.¹⁹⁶²

Outro exemplo apresentado por Harris, é entre os Craquietos, da Amazônia venezuelano:

Los craquietos, por ejemplo, asaban a fuego lento a sus caciques muertos hasta que los cadáveres quedaban totalmente secos y envolvían los restos momificados en una hamaca nueva, que colgaban en la choza abandonada del cacique. Varios años

¹⁹⁵⁶ Harris (2010, p. 169): “Estas dos modalidades de producción caníbal tienen costes y beneficios totalmente diferentes y, por lo tanto, no pueden incluirse en una misma teoría explicativa”.

¹⁹⁵⁷ HARRIS, 2010, p. 169.

¹⁹⁵⁸ Idem, p. 170.

¹⁹⁵⁹ Idem, p. 170.

¹⁹⁶⁰ Sobre o modo de ingestão de carne humana Harris (2010, p. 77) explica: “Varias culturas quemaban los cadáveres, los exhumaban transcurrido un año e ingerían con chicha u otra bebida fermentada”.

¹⁹⁶¹ HARRIS, 2010, p. 170.

¹⁹⁶² Idem, p. 170.

después, sus parientes celebraban un gran festín, quemaban la momia y tomaban las cenizas mezcladas con chicha, bebida elaborada con maíz fermentado.¹⁹⁶³

Mauricio Heriarte, ouvidor-geral português que esteve na região do Maranhão e Pará, no século XVII, nos deixou um relato sobre sua visita intitulado *Escrição do Maranhão, Pará, Curupá e Rio das Amazonas (1662)*, também descreve práticas de endocanibalismo realizadas pelas populações amazônicas. Relata que entre os Os Mugaruanos do Maranhão,

Quando alguém de sua nação morre o poem em uma rede, e lhe fazem fogo ao redor até que fique assado, e emtanto seus parentes fazem grande carpinha, mostrando as couzas do defunto, como he remo, arco, frechas, e outras couzas: e com o licor que destilla o corpo morto se unta a molher; e estando assado lhe come a carne, e os ossos guardam; e em caindo á mulher a pingo com que se untou pisam os ossos, e os botão em vinho que fazem de mandioca, e o bebem; e desta maneira tiram o dó que tinham pelo defunto¹⁹⁶⁴

O ouvidor-geral descreve também a existência na região de indígenas que

nam tem aldeias nem cazas em que habitem, andam pellos montes, e sustentam-se de caça, fructas agrestes e pesca: nam estam quietos em um logar: sam mui corpulentos e forçosos. À carne humana que comem he de seus parentes, que em estando doentes, de forma que nam possam andar, os matam e os sepultam em suas barrigas¹⁹⁶⁵

Em outro trecho Heriarte retorna ao assunto quando se refere a região banhada pelo rio Tapajós afluente do Amazonas:

Quando morre algum d'estes índios, o deitam em uma rede, e lhe poem aos pés todos os bens que possuía na vida, e na cabeça a figura do Diabo feita a seu modo, lavrada de agulha como meia, e assim os poem em umas cazas que tem feitas so para elles, aonde estam a mirrar e a consumir a carne: e os ossos moidos os botam em vinho, e seus parentes e mais povos o bebem.¹⁹⁶⁶

Gandavo em sua *História da Província Santa Cruz*, registra a existência de um outro grupo diferente dos falantes da língua tupi-guarani na embocadura do rio Amazonas, aos quais denomina tapuyas¹⁹⁶⁷, que também praticavam o endocanibalismo:

Esses tapuyas não comem a carne de nenhuns contrários, antes são amigos capitais daqueles que a costumam comer, e os perseguem com mortal ódio. Porém pelo contrário têm outro rito muito mais feio e diabólico, contra a natureza, e digno de maior espanto. É que quando algum chega a estar doente de maneira que se desconfia de sua vida, seu pai, ou mãe, irmãos ou irmãs, ou quaisquer outros parentes mais chegados, o acabam de matar com suas próprias mãos, havendo que usam assim com ele de mais piedade, que consentirem que a morte o esteja senhoreando e consumindo por termos tão vagarosos. E o pior que é, que depois disso o assam e cozem, e lhe comem toda a carne, e dizem que não hão de sofrer que cousa tão baixa e vil como é a terre lhes coma o corpo de quem eles tanto amam, e que pois é seu parente, e entre

¹⁹⁶³ Idem, p. 171.

¹⁹⁶⁴ HERIARTE, 1874, p. 16.

¹⁹⁶⁵ Idem, p. 19.

¹⁹⁶⁶ Idem, p. 37.

¹⁹⁶⁷ Gandavo (2008, p.141): "difícil dizer ao certo o que designa a palavra tapuia, pois o termo indicaria apenas aqueles que não falam a mesma língua desses tupinambás".

eles há tanta razão de amor, que sepultura mais honrada lhe podem dar que metê-lo dentro em si, e agasalhá-lo para sempre em suas entranhas.¹⁹⁶⁸

O endocanibalismo é costume em algumas partes da América. Entre os povos Yanomami, do norte do Brasil, a prática é costumeira, como descreveu uma das lideranças do povo Davi Kopenawa em sua obra *A queda do céu* (2015):

Os familiares próximos do morto choram lembrando seus gestos passados e louvando sua generosidade, sua valentia e sua alegria. Então, às vezes, convidados de casas amigas comem um pouco das cinzas de seus ossos ainda quentes, tiradas do fundo do pilão em que acabaram de ser moídas. Misturam numa panela de mingau de banana e bebem tudo com muito cuidado, até a última gota. [...] eles fazem isso para trazer a si a imagem do sopro da vida do defunto e, assim, poder pegar a imitação de seus princípios de vida nôreme. Nossos antigos preferiam esfregar as cinzas dos ossos dos homens valentes com urucum na testa e no peito dos rapazes jovens¹⁹⁶⁹

Como explica mais à frente e sua obra o próprio Kopenawa, o resto dessas “cinzas e ossos dos mortos será guardado em cabaças (porá axi), para ser bebido ou enterrado posteriormente, em sucessivas festas *reahu*, por seus afins potenciais”¹⁹⁷⁰

O consumo de carne humana entre os Yanomami é explicado por Kopenawa, fazendo parte do arquétipo¹⁹⁷¹ de crenças e tradições do seu povo. Não existindo para eles diferenças entre os seres humanos e os animais de caça¹⁹⁷². Toda a vida possui a mesma origem, as diferenças se dão apenas e somente pelas qualidades que cada um ser possuía para sobreviver. E para o povo Yanomami estas qualidades, que cada animal possui e nisso incluso o homem, pode ser capturada e herdadas por aqueles que ingerirem sua carne depois de morto.

Nos primeiros tempos, não havia caça nenhuma na floresta. Existiam apenas os ancestrais com nomes de animais. Os yarori. Mas a floresta não demorou a entrar no caos e todos eles viraram outros. Adornaram-se com pinturas de urucum e foram pouco a pouco se transformando em caça. Desde então, nós, que viemos à existência depois deles, os comemos. No entanto, no primeiro tempo, todos faziam parte da mesma gente. As antas, os queixadas e as araras que caçamos na floresta também eram humanos¹⁹⁷³

5.2.2. Exocanibalismo

¹⁹⁶⁸ GANDAVO, 2008, p.142.

¹⁹⁶⁹ KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.417.

¹⁹⁷⁰ Idem, p. 670.

¹⁹⁷¹ Barcellos (2017, p.23): “Práticas e pensamentos psicológicos com foco na cultura e na imaginação”.

¹⁹⁷² Para Kopenawa; Albert (2015, p. 473): “No primeiro tempo, nossos antepassados viviam com fome de carne e se devoravam entre si. Por isso tornaram-se outros. Metamorfosearam-se em caça para que pudéssemos comê-los”.

¹⁹⁷³ KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 473.

Para Harris as sociedades modernas europeias, mais mortíferas de todos os tempos, suprimiram o canibalismo de guerra a milênios, por isso se espantaram diante do canibalismo existente no Novo Mundo, mesmo estas sociedades continuando a praticar grandes e atrozes carnificinas. Para ele um paradoxo, já que a maioria dos estudiosos ocidentais,

Son incapaces de comprender que el verdadero enigma es que nosotros, que vivimos en una sociedad que perfecciona constantemente el arte de producir cadáveres en masa en los campos de batalla, pensemos que a los hombres se les puede matar pero no comer¹⁹⁷⁴

Na América, “a prática do canibalismo bélico constituía um habitual subproduto da guerra pré-estatal e a pergunta que devemos responder não é o que levava as sociedades estatais a praticá-lo, mas o que as levava a não a fazê-lo”¹⁹⁷⁵. Em sua obra *Bueno para comer*, Harris discorre sobre o valor nutricional e prático do consumo de carne humana obtida em decorrência de ações bélicas: “consumir la carne de los prisioneros de guerra constituía un acto bastante racional desde la perspectiva de la relación coste-beneficios y una alternativa prudente, desde el punto de vista de la nutrición, una fuente de alimento de origen animal perfectamente adecuada”¹⁹⁷⁶. O consumo da carne dos inimigos, como complemento na dieta, não foi uma prática exclusiva dos povos sul-americanos e caribenhos, existindo também relatos em diferentes partes do globo¹⁹⁷⁷: Suméria, Egito, China, Roma, Pérsia, Oriente-Médio, Índia¹⁹⁷⁸, África, Oceânia¹⁹⁷⁹.

Na América, temos o caso dos Aztecas, uma sociedade centralizada, que continuou a praticar o canibalismo bélico, mesmo sem a carne humana ser, ao que parece, de vital importância para sua dieta¹⁹⁸⁰:

Cuando la expedición de Hernán Cortés entró en contacto con ellos en 1519, los aztecas no sólo habían fracasado en reprimir el consumo de enemigos muertos, sino que practicaban una suerte de sacrificio humano y canibalismo patrocinados por el Estado de una magnitud tal que carece de parangón en la historia anterior o posterior.

¹⁹⁷⁴ HARRIS, 2010, p. 198.

¹⁹⁷⁵ Sobre o exocanibalismo Harris (2010, p. 197) comenta: “la práctica del canibalismo bélico constituía um subproduto habitual de la guerra preestatal y que la pregunta que ha de contestarse no es qué llevaba a las sociedades estatales a practicarlo, sino que las llevaba a no hacerlo”.

¹⁹⁷⁶ HARRIS, 2010, p. 183.

¹⁹⁷⁷ Idem, p. 184.

¹⁹⁷⁸ Idem, p. 186.

¹⁹⁷⁹ Lévi-Strauss (2006, p. 19): “Na África, na Melanésia, povos fazem da carne humana um alimento como um outro qualquer, senão às vezes o melhor, o mais respeitável que, dizem é o único a “ter um nome”.

¹⁹⁸⁰ Harris (2010, pp.195-196): “Los aztecas consumían una variedad de alimentos más amplia que nosotros [...]. En efecto, además de sus productos principales - maíz, frijoles, chía y amaranto-, es cierto que los aztecas comían una enorme variedad de frutas y verduras tropicales. Y aunque los pavos y perros eran sus únicos recursos alimentarios de origen animal, también es cierto que cazaban y consumían gran variedad de especies animales salvajes. [...] Según la relación de Montellano, entre éstas figuraban el ciervo, el armadillo, treinta variedades de aves acuáticas, ardillas, comadrejas, serpientes de cascabel, ratones, peces, ranas, salamandras, huevos de pescado, moscas de agua, escarabajos peloteros, huevos de escarabajo, larvas de libélula, saltamontes, hormigas y gusanos. [...] Otro experto en hábitos alimentarios aztecas añade la codorniz, la perdiz, el faisán, los renacuajos, los moluscos, los conejos, las liebres, las zarigüeyas, los jabalíes, los tapires, los crustáceos y el tecuítl, especie de ‘verdín de lago’ formado por los huevos de una mosca acuática con el que ‘fabricaban un pan con sabor a queso’”.

Las estimaciones sobre el número de Víctimas inmoladas y consumidas cada año oscilan entre un mínimo de 15.000 y un máximo de 250.000. En su mayoría se trataba de soldados enemigos que acababan de capturarse en el campo de batalla.[...] Los aztecas también sacrificaban y devoraban cautivas y esclavas. Una pequeña parte de las víctimas estaba constituida por niños y menores expropiados a las familias del pueblo llano o donados por éstas¹⁹⁸¹

O sacrifício e distribuição e consumo da carne, na sociedade Azteca seguiu um rito cerimonial carregado de simbolismo, pois acreditavam que a carne humana era o alimento de seus deuses¹⁹⁸². Harris acredita que o exocanibalismo praticado pelos Aztecas não estava relacionado a necessidade de complementação da dieta, motivado pela carestia de proteínas. Já que este povo possuiu uma variedade enorme de recursos alimentícios¹⁹⁸³. O autor também deduz sua opinião levando em conta o período em que os maiores sacrifícios eram realizados, ocorridos geralmente na estação da colheita¹⁹⁸⁴.

O exocanibalismo dá-se a partir da aquisição da carne de corpos de indivíduos socialmente estranhos a comunidade, estrangeiros ou inimigos externos. Ação praticada, na maioria das vezes, através do uso da violência¹⁹⁸⁵. No Novo Mundo

Los que practicaban el canibalismo bélico no eran cazadores de carne humana, sino guerreros dedicados a perseguir, matar y torturar a sus congéneres como resultado de la política intergrupala. [...] Los tupinambas, los hurones o los iroqueses no hadan la guerra para conseguir carne humana; la conseguían como producto lateral de hacer la guerra.¹⁹⁸⁶

Um dos primeiros a descrever a prática do exocanibalismo na costa do que viria a ser o Brasil, foi Antonio Pigafetta participante da expedição de Fernão de Magalhães (1519). Assim ele expõe suas impressões a cerca dos habitantes da costa, possivelmente povos do tronco tupi-guarani: “os homens e mulheres são fortes e bem conformados como nós. Comem algumas vezes carne humana, porem somente de seus inimigos. Mas não é por gosto ou apetite que a comem, mas por um costume”¹⁹⁸⁷

Pigafetta, ao que parece, buscou também averiguar os motivos que levavam à esta prática entre os moradores da costa, relatou assim seu parecer:

segundo disseram, começou da seguinte maneira: uma velha tinha apenas um filho, que foi morte pelos inimigos. Algum tempo depois o matador de seu filho foi feito

¹⁹⁸¹ Idem, p. 191.

¹⁹⁸² Para consagra a principal pirâmide da capital Tenochtitlán, Harris (2010, p.192), “Las crónicas indígenas cuentan que los sacerdotes sacrificaron 80.400 prisioneros en cuatro días con sus noches cuando se volvió a consagrar, por última vez, antes de la conquista española, en 1487”.

¹⁹⁸³ HARRIS, 2010, p.197.

¹⁹⁸⁴ Sobre as práticas aztecas Harris (2010, p.198) escreve: “la coincidencia entre la estación de los sacrificios y la estación de la cosecha es exactamente lo que cabría esperar en el caso de que los aztecas, en vez de hacer la guerra para comer prisioneros, los comiesen como resultado de hacer la guerra [...]. Ortiz de Montellano [...] Descubrió que la época del año de mayor hambre era justamente aquella en que se devoraban menos prisioneros. Puesto que ‘el mayor consumo de carne humana tenía lugar... a mediados de la cosecha de maíz’”.

¹⁹⁸⁵ HARRIS, 2010, p. 173.

¹⁹⁸⁶ Idem, p. 182.

¹⁹⁸⁷ PIGAFETTA, 2019, p. 5

prisioneiro e conduzido a sua presença. Para vingar-se, a mãe arrojou-se como fera sobre ele e, a bocadas, lhe destrachou as costas. O prisioneiro teve dupla sorte de escapar da velha e retorna para junto dos seus, aos quais mostrou as mascar das dentadas em sua costa, fazendo-os crer (talvez ele acreditasse também) que os inimigos queriam devorá-lo vivo. Para não serem menor ferozes que os outros, se determinaram a comer de verdade os inimigos que aprisionassem nos combates. Os outros fizeram a mesma coisa, e o costume vingou.¹⁹⁸⁸

Passados dias de suas primeiras descrições Pigafetta volta novamente a registra a descoberta, nas palavras do próprio, de *canibais* próximos a entrada de um grande rio¹⁹⁸⁹: “retomamos nossa rota costeando o país até os 34°40’ de latitude meridional, onde encontramos um grande rio de água doce. *Canibais* - aqui habitam os canibais ou comedores de homens”¹⁹⁹⁰.

Existem vários relatos quinhentistas da prática do exocanibalismo entre os povos originário do território brasileiro, a maioria relacionada aos povos que habitavam a costa brasileira, faixa de terra está primeiramente visitada e conquistada pelos lusitanos. Os mais conhecidos são aqueles relacionados aos diferentes povos da família tupi-guarani¹⁹⁹¹. Família este que, quando da chegada das naus ibéricas, dominava grandes partes da costa que ia do Pará ao sul do país¹⁹⁹².

5.2.3. O exocanibalismo tupinambá¹⁹⁹³

¹⁹⁸⁸ Idem, p. 54.

¹⁹⁸⁹ 27 de dezembro de 1519

¹⁹⁹⁰ PIGAFETTA, 2019, p. 57.

¹⁹⁹¹ Navarro (2005, p. 11): “O tupi-guarani “era falada por tupiniquins, potiguaras, tupinambás, temiminós, caetés, tabajaras, tamoios, tupinaés, etc”. / Métraux (1950, pp. 13-14): “Os tupi-guaranis, dos quais a família tupinambá formava o maior estoque, constituíam, primitivamente, um só grupo, localizado, segundo a lição da etnografia clássica, nas proximidades do istmo de Paraná, região dos caraíbas, de onde, rumando para o sul, foram ter às margens do médio Paraná-Paraguai; desse novo habitat, depois, empreenderam uma verdadeira remigração, que tomou três principais direções: a) um dos ramos subiu o litoral e atingiu a foz do Amazonas; b) outro ramo estendeu-se para o noroeste; c) um terceiro ramo, enfim, desceu os cursos do Tapajoz, do Madeira e do Ucaiali. [...] “os tupi-guaranis, conseqüentemente os tupinambás, formavam um grupo, cuja cultura se compunha de elementos com distribuição oriental e septentrional (America do Sul), sendo o seu centro de dispersão a área limitada ao norte pelo Amazonas”.

¹⁹⁹² Gandavo (2008, p. 122): “a língua que usam todos é uma, ainda que em certos vocabúlos difere em algumas partes. Mas não de maneira que se deixem uns ao outros de entender, isto é, até a altura de 27 graus”.

¹⁹⁹³ Métraux (1950, p. 10): “Os tupinambás eram, como se sabe, uma das mais importantes greis ou tribus primitivas do Brasil (secs. XVI e XVII). Aos tupinambás estavam filiados quase todos os povos aborígenes do litoral, - os tamoios do trato costeiro entre a baía Formosa e a angra dos Reis; os tomiminós, ou temiminós, do Espírito-Santo, da margem esquerda do baixo Paraíba e do sul do Macucu; os tupiniquins, localizados no trecho que vai das imediações de Vitória a Camamu, de onde migraram para as cabeceiras do Tieté; os caetés, que viviam entre o São Francisco e Itamaracá; os tabajaras, ou tobajaras, que imperavam no território encravado entre as lindes septentrionais da extinta capitania de Itamaracá e o rio Paraíba, de onde se transportaram para a serra de Ibiapaba e o Maranhão; os petiguaras, ou potiguaras, ou ainda pitiguaras, da região do rio Jaguaribe; e os guajajaras do vale do Pindaré. Dizia Varnhagen que, se alguém perguntasse a um índio a que “raça” pertencia, fosse esse índio do Maranhão ou do Pará, da Bahia ou do Rio de Janeiro, a resposta era invariável - índio tupinambá. Tupinambá era, assim, como um nome geral, que se modificava logo que havia o fracionamento do grupo”.

Gabriel Soares de Sousa em seu *Tratado descritivo do Brasil*, assim descreveu as feições dos tupinambás, com certa contemplação:

O Tupinambas são homens de meã estatura, de cor muito baça, bem feitos e bem dispostos, muito alegres do rosto, e bem assombrados; todos têm bons dentes, alvos, miúdos, sem lhe nunca apodrecerem; têm as pernas bem feitas, os pés pequenos; trazem o cabelo da cabeça sempre aparado.¹⁹⁹⁴

Hans Staden, que permaneceu cativo entre os Tupinambá¹⁹⁹⁵ no sudeste do Brasil, no ano de 1549, destes registrou sua impressão assim: “As pessoas têm o corpo de cor marrom avermelhada. Isso vem do sol, que as queima assim. É um povo hábil, maldoso e sempre pronto para perseguir e comer os inimigos”¹⁹⁹⁶.

Esta última característica, apresentada por Staden, fora a que mais chocara ele e seus leitores posteriores. Mas o que levava os Tupinambá, a alimentarem-se da carne de seus inimigos. Somente a maldade ou a crueldade? Ao que parece em verdade, a prática, o espetáculo do sacrifício, estava inserida em uma intrincada rede litúrgica, realizadas ao longo de uma sequência de atos que aconteciam no percurso de vários dias culminando com a cerimônia de execução e, conseqüentemente, ingestão da carne vítima. Para Lestringant, estes conjuntos de atos, ritos e cerimoniais, poderiam muito bem ser vistos e comparados a representação de uma tragédia grega¹⁹⁹⁷.

Mas por que comiam seus inimigos, os que os motivava. Para Staden, testemunha ocular das cerimônias, os Tupinambá não o faziam a pretexto de matar a fome, mas sim para satisfazer seu ódio e se vingar de seus inimigos:

Não fazem isto para saciar sua fome, mas por hostilidade e muito ódio, e, quando estão guerreando uns contra outros, gritam cheios de ódio: *debe marã pá, xe remiun ram begué*, sobre você abata-se toda desgraça, você será minha comida. *Nde akanga juká aipotá kurine*, eu ainda quero esmagar a tua cabeça hoje. *Xe anama poepika re xe aju*, estou aqui para vingar em você a morte do meu amigo. *Nde roó, xe mokaen serã kuarasy ar eyma riré etc.*, tua carne será, ainda hoje, antes que o sol se ponha, o meu assado. Tudo Isso, fazem-no por grande inimizade.¹⁹⁹⁸

Outros visitantes do Brasil quinhentistas, também deixaram suas impressões a cerca dos motivos que levavam os povos Tupinambás à prática do canibalismo. O missionário Jean

¹⁹⁹⁴ SOUSA, 2010, p. 289.

¹⁹⁹⁵ Métraux (1950, p. 11): “Tal nome, no dizer de Rodolfo Garcia, significava etimologicamente “a gente atinente ou aderente ao chefe dos pais,” os “pais principais”, ou melhor, os descendentes dos fundadores da nação” [...] os tupinambás propriamente ditos eram aqueles localizados na baía da Guanabara, no trecho entre o Camamu e o rio Real, no baixo Paraguaçu, nas margens do São Francisco (tais como os amoipiras), nas costas do Maranhão (acima da serra de Ibiapaba), nas praias do Pará (do Gurupi ao Guajará) e na ilha de Tupinambarana, que atingiram já na época da colonização”.

¹⁹⁹⁶ STADEN, 2010, p. 133.

¹⁹⁹⁷ Lestringant (1997, p. 102) “uma ‘tragédia canibal’”.

¹⁹⁹⁸ STADEN, 2010, p. 157

de Léry ressaltou, como Staden, o sentimento de ódio que imperava entre os povos inimigos que coabitavam a costa brasileira quando da chegada dos europeus ao continente:

Não comem a carne, como poderíamos pensar, por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saborosíssima, seu principal intuito é causar temor aos vivos. Move-os a vingança, [...]. Por isso, para satisfazer o seu sentimento de ódio, devoram tudo do prisioneiro, desde os dedos dos pés até o nariz e cabeça, com exceção porem dos miolos, em que não tocavam.¹⁹⁹⁹

O português Pêro de Magalhães Gandavo da ênfase a este sentimento de vingança existente entre os grupos rivais, para buscar justificar o consumo de carne humana:

E somente com esta sede de vingança sem esperanças de despojos, nem doutro algum interesse que a isso os mova, vão muitas vezes buscar seus inimigos mui longe caminhando por serras, matos, desertos e caminhos mui ásperos. Outros costumam ir por mar de umas terras para outras em umas embarcações que chamam de canoas quando querem fazer saltos ao longo da costa.²⁰⁰⁰

Florestan Fernandes em seu estudo *A função social da guerra na sociedade Tupinambá* (1952), apresenta este desejo de vingança relacionado possivelmente a crenças e tradições dos povos e sua relação com os espíritos dos antepassados:

a obrigação da vingança, nas suas manifestações sociais consideradas, é imposta pelo espírito do morto. Se a exigência não for obedecida, ainda que de modo simulado — o que acontece em algumas ‘sociedades primitivas’ —, os vivos arcarão fatalmente com os castigos produzidos por sua cólera (interrupção das chuvas, da fertilidade do solo, da fecundidade dos humanos, irrupção de doenças devastadoras, escassez de mantimentos etc.).²⁰⁰¹

O aniquilamento do contrário, e o consumo de sua carne, ao que parece, além de trazer a sensação de vingança para com os parentes anteriormente mortos pelos seus inimigos. Possuía outros propósitos, um destes era não deixar que o contrário conseguisse sair do embate vivo, para assim enfraquecer o inimigo. Já que diminuiria o número de combatentes e retardaria futuras incursão de retaliação dos inimigos, como descreveu o franciscano Thevet na metade do século XVI:

Replicam os índios, quando se lhes censuram essa crueldade, ser uma vergonha perdoar os inimigos, aprisionados em combate; demais, era preferível destruir os contrários, afim de evitar que os mesmos incitassem novas guerras. Eis como se porta essa gente brutal.²⁰⁰²

Florestan Fernandes em sua tese também destacou outros motivos, para além da vingança, que levavam os tupinambás a prática canibalística. Estes pressupostos o mesmo

¹⁹⁹⁹ LÉRY, 2007, p. 200.

²⁰⁰⁰ GANDAVO, 2008, p. 129.

²⁰⁰¹ FERNANDES, 2006, p. 400.

²⁰⁰² THEVET, 1944, p. 246.

encontrou se debruçando sobre autores quinhentistas: “Thevet, por sua vez, encontra na raiz do canibalismo tupinambá um *elemento educativo*²⁰⁰³: para que os jovens agissem como deviam na guerra era preciso que tivessem plena segurança de que sua morte seria ‘vingada’”²⁰⁰⁴. Outro motivo seria o da *reciprocidade*. Para isso Fernandes se utiliza da passagem de Pigafetta, em seu diário da expedição de Fernão Magalhães:

Por fim um relato mítico, consignado por Pigafetta, sugere que o princípio de reciprocidade no tratamento do “inimigo” ou do ‘contrário’ é que explicaria não só a ingestão da carne humana, mas a própria origem e propagação do canibalismo naquela sociedade tribal”.²⁰⁰⁵

Um terceiro motivo, relacionado por Fernandes, e compartilhado por Métraux (1950), para justificar o ato da ingestão de carne humana, entre os tupinambás, seria a *captura de energia da vítima*, para assim tornar-se forte e valente como o guerreiro defunto²⁰⁰⁶: “A ‘avidez’ por carne humana, revelada por tais pessoas, talvez se explique pela preocupação de captar energias contidas em determinados órgãos da vítima”²⁰⁰⁷. Métraux que comunga desta mesma opinião assim a apresenta em sua obra *A Religião dos Tupinambás* (1950):

O canibalismo tem sido, frequentes vezes, considerado como uma prática exclusivamente destinada a aumentar a força vital daqueles que o praticam, ou, pelo menos, um processo capaz de permitir a aquisição de determinadas qualidades [...] Servindo-se de carne do inimigo, não somente os tupinambás se apropriavam de sua substância, mas, também, manifestavam a superioridade dos mesmos sobre o adversário²⁰⁰⁸

O conjunto destas motivações, com destaque para “A vingança dos parentes mortos ou os desejos canibalísticos dos espíritos dos ancestrais (e provavelmente de outras divindades) é que forneciam a justificação ideológica e o fundamento emocional das ações sociais”²⁰⁰⁹ que culminavam com a prática do ritual canibalístico bélico Tupinambá²⁰¹⁰.

O ritual canibalístico, composto de diferentes ações, pode ser resumido, de acordo com Fernandes, em três momentos: a incursões guerreiras, o aprisionamento dos inimigos e por fim o modo de utilização dos cativos²⁰¹¹. Este ritual canibalístico bélico não era monopólio dos Tupinambá, consistia em uma prática social-cultural utilizada e testemunhada por estrangeiros em diferentes partes do território que hoje compreende o Brasil, como enumera Métraux: “A antropofagia ritual era praticada pelos antigos guaranis, chiriguanos, guaraius, jurunas,

²⁰⁰³ Grifos nosso.

²⁰⁰⁴ FERNANDES, 2006, p. 346.

²⁰⁰⁵ Idem, p. 346.

²⁰⁰⁶ Idem, p. 348.

²⁰⁰⁷ idem, p. 348.

²⁰⁰⁸ MÉTRAUX, 1950, pp. 266-267.

²⁰⁰⁹ FERNANDES, 2006, p. 310

²⁰¹⁰ Em Fernandes (2006, p. 346): “as conexões socioculturais das ações canibalística”.

²⁰¹¹ FERNANDES, 2006, p. 346.

chipaias, apiacás e oiampis. Os omaguas e os cocamas [também] são frequentemente acusados de antropofagia”²⁰¹².

Como já destacado por Fernandes, a guerra se subordinava ao sistema social-cultural tupinambá: “as razões que justificavam a realização de expedições ou de incursões guerreiras diziam respeito às relações dos vivos com os espíritos dos mortos, com as divindades”²⁰¹³. E continua Fernandes, para os Tupinambás “A guerra era uma esfera de comunicação com o sagrado. As normas e os valores sociais que orientavam a conduta e as ações guerreiras possuíam um caráter mágico-religioso”²⁰¹⁴. E cada indivíduo tupinambá, exercia sua função neste ritual. A parte que cada um tomava na ‘vingança’ dependia diretamente da posição ocupada na relação social e religiosa²⁰¹⁵.

Para se começar uma guerra, uma expedição de incursão até o inimigo, havia a necessidade de se cumprir um rito em que todos da comunidade direta ou indiretamente participava²⁰¹⁶: “As ações canibalísticas não se confinavam a um setor social determinado, à comunidade dos guerreiros ou à dos anciãos: eram coletivas, delas participando, de uma maneira ou de outra, crianças e adultos, homens e mulheres”²⁰¹⁷. Sousa descreve o papel da mulher nos preparativos para o embate: “as mulheres entendem em lhes fazerem a farinha que hão de levar, a que chamam de guerra; porque dura muito, para se fazer a dita guerra, de onde tomou o nome; e como todos estão prestes de suas armas e mantimentos”²⁰¹⁸.

Os mais velhos tratavam de incutir nos mais novos a necessidade da vingança, e aos meninos ensinar sobre a honra de vingar seus antepassados que foram profanados pelos seus inimigos.

O primeiro cuidado dos tupinambás, antes da partida para a guerra, era consultar o “paygi”. Este, geralmente, aconselhava-os a prestar, no decurso das noites subsequentes, peculiar atenção aos sonhos. Se, por exemplo, os índios viam em sonho um moquem assando carne dos inimigos, - podiam marchar sem temor; se, porem, percebiam os próprios corpos, torrando na grelha, o acontecimento não pressagiava nenhuma vitória. Em sendo os sonhos susceptíveis de interpretação favorável, organizava-se um cauim, no qual tomavam parte todos os varões. Dançavam, então, os índios, agitando o maracá e rogando ao sagrado instrumento a graça de conceder-lhes prisioneiros.²⁰¹⁹

²⁰¹² MÉTRAUX 1950, p. 268.

²⁰¹³ FERNANDES, 2006, p. 320

²⁰¹⁴ Idem, p. 404.

²⁰¹⁵ Idem, p. 405.

²⁰¹⁶ Fernandes (2006, p. 405): “A parte que cada um tomava na “vingança” dependia diretamente da posição ocupada na relação com o sagrado através da “destruição” do inimigo”.

²⁰¹⁷ FERNANDES, 2006, p. 344.

²⁰¹⁸ SOUSA, 2010, p. 308.

²⁰¹⁹ MÉTRAUX, 1950, p. 287.

Além dos sonhos outros sinais, podiam ser entendidos como indicações de mal presságio. Se no caminho da incursão se deparassem com “uivo dos animais, o encontro do jaguar; da cobra, de certas espécies de aves, ou, enfim, a vista de qualquer fenômeno considerado de mau augúrio, - tudo isso podia determinar o abandono da expedição”²⁰²⁰

Quando percebiam que haviam condições para o embate, procuravam pegar sempre desprevenidos seus oponentes, geralmente o ataque dava-se na madrugada ao raiar do dia. Na guerra, os guerreiros “tupinambás visavam sobretudo à captura de prisioneiros, denunciando antecipadamente essa intenção ao conduzirem consigo cordas enroladas em torno do corpo”²⁰²¹.

Ao termino da batalha, com os ânimos já arrefecido, quando o intento era vitorioso, os prisioneiros encontrados feridos eram dizimados e seus corpos esquartejados, sendo partes já consumidas ali mesmo²⁰²² e o restante levado de butim, para serem oferecidas à aqueles parentes que permaneceram na comunidade:

E há alguns destes bárbaros tão carniceiros que cortam aos vencidos, depois de mortos, suas naturas, assim aos machos como às fêmeas, as quais levam para darem a suas mulheres que as guardam depois de mirradas no fogo, para nas suas festas as darem de comer aos maridos por relíquias.²⁰²³

O prisioneiro vivo, ou o corpo do vencido, pertencia a aquele guerreiro que primeiro pôs as mãos. Mas raramente, como afirma Métraux, somente um homem era capaz de abater sozinho um adversário, havendo necessidade de auxiliares no entrevero²⁰²⁴. E quando nenhum dos guerreiros abria mão de seu ‘pertence’ o cativo morto era então ‘repartido’ entre as partes:

a regra mandava que o prisioneiro pertenceria àquele que primeiro o tivesse tocado [...]. Para resolver amigavelmente a contenda, decidia-se, frequentes vezes, executar sem demora o prisioneiro e dividir sua carne pelas pessoas componentes da expedição.²⁰²⁵

Ao termino da incursão, os guerreiros vitoriosos abandonavam o povoado inimigo, levando consigo a tiracolo amarrados seus prisioneiros. Antes porem “cada um leva o que pode apanhar, e quando os vencedores se recolhem, põem fogo às casas da aldeia em que deram”²⁰²⁶

Mas por vezes pode ocorrer o contrário, poderia ocorrer dos sitiados se levantarem contra os invasores e cobrarem caro sua rendição ou até mesmo conseguir ganhar a batalha. Neste caso entrava no cenário as figuras importantes dos mais anciões, estes incentivam a luta até o fim, que poderia acarretar a morte em batalha ou no cativeiro:

²⁰²⁰ Idem, p. 288.

²⁰²¹ Idem, p. 226.

²⁰²² Idem, p. 227.

²⁰²³ SOUSA, 2010, p. 309.

²⁰²⁴ MÉTRAUX, 1950, p. 227.

²⁰²⁵ idem, p. 227.

²⁰²⁶ SOUSA, 2010, p. 309.

Quando os tupinambás estão cercados de seus contrários, as pessoas de mais autoridade dentre eles lhes andam pregando de noite para que se esforcem e pelejem como bons cavaleiros, e que não temam seus contrários, porque muito depressa se verão vingados deles porque lhes não tardará o socorro muito.²⁰²⁷

A incursões as terras inimigas tinham por principal finalidades afligir os inimigos e de lá trazer de preferencia prisioneiros vivos, para servirem a cerimônia pública da vingança²⁰²⁸, o ‘banquete da Vitória’²⁰²⁹.

Primeiramente quando tomam algum contrário, se logo naquele flagrante o não matam, levam-no a suas terras pera que mais a seu sabor se possam todos vingar dele. E tanto que a gente da aldeia tem notícia que eles trazem o tal cativo, daí lhe vão fazendo um caminho até obra de meia légua, pouco mais ou menos, onde o esperam. Ao qual em chegando recebem todos com grandes afrontas e vitupérios tangendo-lhe umas flautas que costumam fazer das canas das pernas de outros contrários semelhantes que matam da mesma maneira.²⁰³⁰

Quando o grupo expedicionário se aproximava de seu povoado e a notícia da presença de cativos entre eles se espalha entre os moradores, estes faziam questão de ir ao encontro de seus parentes para se regozijar da vitória e do butim²⁰³¹. Obrigavam então os prisioneiros a dizer bem alto: "Eu, a vossa comida, cheguei"²⁰³².

Quando trazem para casa um inimigo, os primeiros a bater nele são as mulheres e as crianças. Depois colam nele penas cinzas, raspam-lhe as sobrancelhas, dançam em volta dele e atam-no direito, de forma a não poder fugir. Depois dão-lhe uma mulher, que o alimenta e também se entretém com ele.²⁰³³

Quando chega no povoado, o prisioneiro é mantido em uma rede amarrada em uma casa próximo da moradia de quem o cativou. A partir deste momento as ofensas e os maltratados que sofrera até ali cessam. E é neste lugar que o cativo ira permanecer até o dia da cerimônia de execução²⁰³⁴. Poderia ocorrer, também, neste interim do prisioneiro ser dado, pelo seu dono, de presente de maneira a agradar algum parente, já que entre os Tupinambás possuir um cativo, era privilegio²⁰³⁵.

A partir do momento que o prisioneiro se tornava cativo, deixava de pertencer a seu povo e começava a fazer parte dos Tupinambás²⁰³⁶ “gozando de quase todas as vantagens e

²⁰²⁷ Idem, p. 310.

²⁰²⁸ MÉTRAUX, 1950, p. 227.

²⁰²⁹ FERNANDES, 2006, p. 293.

²⁰³⁰ GANDAVO, 2008, p. 135.

²⁰³¹ MÉTRAUX, 1950, p. 230.

²⁰³² Idem, p. 230.

²⁰³³ STADEN, 2010, p. 160.

²⁰³⁴ GANDAVO, 2008, p. 136.

²⁰³⁵ Métraux (1950, p. 232): “A posse de um prisioneiro constituía privilegio invejável e o seu possuidor não poupava sacrifícios no sentido de prover o seu sustento, [...] Se algum guerreiro tupinambá possuía um filho, que ainda não tomara parte em nenhuma expedição, entregava ao mesmo o prisioneiro”.

²⁰³⁶ Métraux (1950, p. 234): “o prisioneiro, provavelmente já não era considerado como pertencente à sua tribo, sendo, desde então, assimilado pela do inimigo, que o havia adotado”.

privilegios concedidos aos seus senhores”²⁰³⁷. Acontecia também, partir daí, ser rejeitado pelos seus familiares, aqueles que conseguiram sobreviver não se deixando cativar:

se algum deles fugia e retornava à sua terra, não somente era tido como um *Couaue eum*, isto é, um poltrão e medroso, mas, também, os próprios correligionários não deixariam de matá-lo, reprovando-lhe a falta de animo em enfrentar a morte, em mãos inimigas, como se seus parentes e companheiros não fossem bastante poderosos para vingá-lo.²⁰³⁸

Dessa maneira o cativo estava preso ao seu destino, havendo uma chance ínfima de escapar com vida de seu flagelo. “Nenhum escravo podia escapar ao sacrifício ritual a que era destinado. Se caía doente e seu estado era desesperador, os indígenas levavam-no para a mata e partiam-lhe o crânio”²⁰³⁹.

Com seu destino marcado, ao prisioneiro, em seu período cativo, era-lhe oferecido uma mulher, para vigia-lo, faze-lo engordar²⁰⁴⁰ e, nas palavras de Staden, entretê-lo²⁰⁴¹. Outros cronistas também narram esta prática entre os Tupinambás:

E a primeira cousa que logo lhe apresentam é uma moça, a mais formosa e honrada que há na aldeia, a qual lhe dão por mulher, e daí por diante ela tem cargo de lhe dar de comer e de o guardar, e assim não vai nunca pera parte que o não acompanhe.²⁰⁴²

quietos e bem seguros nas prisões, dão a cada um por mulher a mais formosa moça que há na sua casa, com quem se ele agasalha, todas as vezes que quer, a qual moça tem cuidado de o servir e de lhe dar o necessário para comer e beber, com o que cevam cada hora, e lhe fazem muito regalos.²⁰⁴³

É o escravo (um, dois ou mais) excellentemente tratado, sendo-lhe oferecido, cinco dias após a captura, uma jovem, porventura a propria filha do dono, a qual se encarrega de prover as necessidades daquelle, na cabana ou em outro qualquer lugar. Nesse interim, é o homem servido das melhores viandas que se possam achar, tudo com o fim de engordá-lo.²⁰⁴⁴

Esta moça poderia ser qualquer uma mulher solteira da comunidade²⁰⁴⁵. A escolhida sempre tratando o prisioneiro como um membro Tupinambá²⁰⁴⁶. havia inclusive, como relata Sousa, “algumas que tomaram amor aos cativos, que as tomaram por mulheres, que lhes deram muito jeito para se acolherem e fugirem das prisões”²⁰⁴⁷. Quando da união do cativo com a mulher tupinambá resultava no nascimento de uma criança, o filho²⁰⁴⁸ “era considerado inimigo

²⁰³⁷ MÉTRAUX, 1950, p. 232.

²⁰³⁸ Idem, p. 233.

²⁰³⁹ Idem, p. 240.

²⁰⁴⁰ Idem, p. 239.

²⁰⁴¹ STADEN, 2010, p. 160.

²⁰⁴² GANDAVO, 2008, p. 136.

²⁰⁴³ SOUSA, 2010, p. 312.

²⁰⁴⁴ THEVET, 1944, p. 238.

²⁰⁴⁵ MÉTRAUX, 1950, p. 237.

²⁰⁴⁶ Idem, p. 236.

²⁰⁴⁷ SOUSA, 2010, p. 312.

²⁰⁴⁸ Métraux (1950, p. 241): “De acordo com Alfonse de Saintonge, eram poupadas as meninas”.

e destinado a morrer debaixo dos mesmos ritos usados na matança dos guerreiros apanhados nos combates”²⁰⁴⁹. Assim Sousa narra esses episódios:

E se esta moça emprenha do que está preso, como acontece muitas vezes, como pare, cria a criança até a idade que se pode comer, que a oferece para isso ao parente mais chegado, que lho agradece muito, qual lhe quebra a cabeça em terreiro com as cerimônias que se adiante seguem, onde toma nome; e como a criança é morta, a comem assada com grande festa, e a mãe é a primeira que come desta carne, o que tem por grande honra, pelo que de maravilha escapa nenhuma criança que nasce destes ajuntamentos, que não matem; e a mãe que não come seu próprio filho, a que estes índios chamam *cunhambira*, que quer dizer filho do contrário, têm-na em ruim conta, e em pior.²⁰⁵⁰

Este procedimento é descrito também por outros cronistas dos quinhentos: Gandavo, “se a mulher que foi do cativo acerta de ficar prenhe, aquela criança que pare, depois de creida, matam-na e comem-na sem haver entre eles pessoa alguma que se compadeça de tão injusta morte”²⁰⁵¹; Staden, “Se ela recebe um filho dele, criam-no até que fique grande e depois, quando lhes vem à mente, matam-no”²⁰⁵²; Thevet, “ Se algum filho nasce da união entre o prisioneiro e a moça, os indígenas alimentam, por algum tempo, a criança, depois do que a devoram”²⁰⁵³. Nas palavras de Capistrano de Abreu, em *Capítulos da História Colonial* (1907), esta prática vigorava entre os Tupinambás pela “ideia da nulidade da fêmea na procriação, exatamente como da terra no processo vegetativo”²⁰⁵⁴.

Mulheres inimigas também eram capturadas, seu destino não se diferenciava muito ao dado aos prisioneiros homens. “Tornavam-se, em geral, esposas dos seus captos”²⁰⁵⁵.

O tempo do cativeiro variava muito: “Os velhos eram mortos quase sempre após o retorno da expedição; os jovens, ao contrário, conservavam-se prisioneiros durante vários meses e até vários anos. A crer em Thevet, a duração do seu cativeiro podia atingir a quinze ou a vinte anos”²⁰⁵⁶.

Neste período “os escravos eram bem alimentados ou, como preferiam escrever alguns cronistas, eram cevados pelos captos”²⁰⁵⁷. Gandavo descreve assim a dinâmica temporal do cativeiro:

depois de o terem desta maneira mui regalado um ano, ou o tempo que querem, determinam de o matar e aqueles últimos dias antes de sua morte, por festejarem a execução desta vingança, aparelham muita louça nova, e fazem muitos vinhos do sumo de uma planta que se chama aipim.²⁰⁵⁸

²⁰⁴⁹ MÉTRAUX, 1950, p. 241).

²⁰⁵⁰ SOUSA, 2010, p.312.

²⁰⁵¹ GANDAVO, 2008, p.138)

²⁰⁵² STADEN (2010, p.160);

²⁰⁵³ THEVET, 1944, p. 239.

²⁰⁵⁴ ABREU, 2006, p. 22.

²⁰⁵⁵ MÉTRAUX, 1950, p. 240.

²⁰⁵⁶ idem, p. 241.

²⁰⁵⁷ FERNANDES, 2006, p. 306.

²⁰⁵⁸ GANDAVO, 2008, p.136.

Thevet descreve o engenho utilizado por alguns Tupinambás para poder contar os dias e não perder a conta²⁰⁵⁹:

Conhece-se, facilmente, o tempo que deve durar a ceva, por causa de um collar de fio de algodão, no qual os indios, quaes se foram as contas de um rosario, enfiam certos fructos redondos; ou, então, em lugar dos fructos, ossos de peixe ou de outros animaes. Se os selvagens desejam conservar a vida do prisioneiro por espaço de quatro ou cinco luas, tantas são as contas enfiadas no collar, que se põe ao seu pescoço, as quaes são, depois, retiradas, uma em cada lua. Quando já não existe nenhuma conta, é que chegou o tempo de acabar com o prisioneiro.²⁰⁶⁰

Quando se aproximava o período da cerimonia do sacrificio, sabendo que não havia mais outra alternativa a não ser aceitar a morte, o prisioneiro esperava e torcia para ser sacrificado por um guerreiro com igual ou maior reputação que a sua²⁰⁶¹. Staden teve a oportunidade de dialogar com um prisioneiro à véspera de seu sacrificio, e assim relatou:

Quando finalmente o momento chegou, fui na noite anterior ao festim falar com o escravo e disse-lhe: “*Então você está preparado para morrer*”. Ele riu e respondeu: “*Sim, estou com todo o equipamento, apenas a muçurana não é bastante longa. Em casa temos melhores.*” Eles chamam de muçurana uma corda de algodão algo mais espessa que um dedo, com a qual os prisioneiros são amarrados.²⁰⁶²

Thevet relata ter questionado um cativo sobre a proximidade da morte, o qual lhe respondeu, com uma certa arrogância: “Já tive ocasião de perguntar, por curiosidade, a alguns desses prisioneiros, homens bellos e possantes, na véspera da execução, se não temiam ser trucidados; ao que me responderam elles, entre risos e mofas, que seus amigos os vingariam²⁰⁶³

A ‘destruição do inimigo’²⁰⁶⁴ constituía o último ato cerimonial da ‘tragédia Tupinambá’²⁰⁶⁵. “A vítima desempenhava, naturalmente, o papel de personagem central no desenvolvimento da cerimônia de execução. “Direta ou indiretamente, ela tomava parte ativa em todas as ações ritualizadas que precediam a sua ‘morte’”²⁰⁶⁶. Neste processo social²⁰⁶⁷, como continua Fernandes, “o prisioneiro, compartilhava com o senhor os papéis centrais de uma das cerimônias mais importantes na vida religiosa tribal”²⁰⁶⁸.

²⁰⁵⁹ Em Thevet (1944, p. 239): “E, a proposito, quero chamar a atenção do leitor para o seguinte facto; os selvagens só sabem contar até cinco, não marcando o tempo de accordo com as horas, dias, meses e annos, mas apenas pelos cyclos lunares”.

²⁰⁶⁰ THEVET, 1944, p.239.

²⁰⁶¹ FERNANDES, 2006, p. 309.

²⁰⁶² STADEN, 2010, p. 91.

²⁰⁶³ THEVET, 1944, p. 240.

²⁰⁶⁴ FERNANDES, 2006, p. 366.

²⁰⁶⁵ Idem, p. 308.

²⁰⁶⁶ Idem, p. 322.

²⁰⁶⁷ Idem, p. 310.

²⁰⁶⁸ Idem, p. 308.

Os ritos cerimoniais do sacrifício tinham, para Fernandes, a função religiosa de “promover uma modalidade coletiva de comunhão direta e imediata com o sagrado²⁰⁶⁹. Seu ato se dividia em três fases, *ritos da execução*, que se iniciavam com a partir das cerimônias preparatórias; *a comensalidade*, o repasto coletivo da carne da vítima, e a *purificação* daqueles que de forma direta ou indireta participaram da prática do morticínio²⁰⁷⁰. “De fato, os rituais de sacrifício, de antropofagia e de renomeação atuavam, do ponto de vista mágico-religioso, como rituais de destruição das vítimas e de purificação dos seus algozes”²⁰⁷¹.

A papel que cada indivíduo tupinambá tomava na cerimônia da vingança, já era preestabelecida, assim como a parte do corpo que caberia receber quando do repasto da vítima²⁰⁷², restando a cada um apenas exercer sua função no rito.

A análise reconstrutiva demonstrou que todos os membros do grupo local participavam do repasto coletivo; e que membros dos grupos locais solidários também participavam desse repasto, tomando parte nas cerimônias de “destruição” do inimigo e recebendo os pedaços do corpo da vítima que deviam ser transportados às comunidades às quais pertencessem.²⁰⁷³

Quando se aproximava o dia da execução do prisioneiro, período no qual os moradores já começavam a preparar a festividade, os Tupinambás costumavam convidar seus vizinhos aliados para participar da cerimônia e compartilhar da comensalidade²⁰⁷⁴.

Como os Tupinambá veem que os contrários que têm cativos estão já bons para matar, ordenam de fazer grandes festas a cada um, para as quais há grandes ajuntamento de parentes e amigos, que para isso são chamados de trinta a quarenta léguas, para a vinda dos quais fazem grandes vinhos, que bebem com grandes festas; mas fazem-na muito maiores para o dia do sacrifício do que há de padecer, com grandes cantares, e à véspera em todo dia cantam e bailam, e ao dia se bebem muitos vinhos pela manhã, com motes que dizem sobre a cabeça do que há de padecer, que também bebe com eles.²⁰⁷⁵

Quando todos os convidados se apresentavam na comunidade, a liderança local lhes dava as boas vindas conclamando: “*Agora venham e ajudem a comer o nosso inimigo*”²⁰⁷⁶. Na sequência acontecia uma festa regada de bebida alcoólica, o cauim²⁰⁷⁷, que já havia sido previamente preparado e reservado pelas mulheres da comunidade²⁰⁷⁸. Para esta festa fazem vir

²⁰⁶⁹ Idem, p. 380.

²⁰⁷⁰ Idem, p. 321.

²⁰⁷¹ Idem, p. 320.

²⁰⁷² Fernandes (2006, p.344): “Em suma, as fontes esclarecem que cada participante tinha o seu quinhão da vítima: ela era dividida entre todos, pelos moradores das malocas e pelos hóspedes ou convivas — ‘qualquer que seja o número dos presentes’”.

²⁰⁷³ Idem, p. 396.

²⁰⁷⁴ STADEN, 2010, p. 161. / THEVET, 1944, p. 240. / LÉRY, 2007, p. 193.

²⁰⁷⁵ SOUSA, 2010, p. 313.

²⁰⁷⁶ STADEN, 2010, p. 161.

²⁰⁷⁷ Staden (2010, p. 91): “prepararam uma bebida de raízes que chamam de cauim”. / Thevet (1944, p. 244): “cauim, bebida feita de milho ou de certas raízes”.

²⁰⁷⁸ Métraux (1950, p. 238): “A festa da bebida, onde o prisioneiro via todas as parcelas de seu corpo distribuídas aos assistentes, era organizada pelo dono, que convidava parentes e amigos”.

o prisioneiro que é obrigado a participar e se embriagar²⁰⁷⁹. Muitos aproveitavam o momento da presença do cativo para contra ele lançar injúrias e ameaças, maltratando-o e indicando de quais partes de seu corpo iriam se alimentar²⁰⁸⁰. A festa então atravessava a noite com os Tupinambá em êxtase dançando e cantando²⁰⁸¹.

O ato de executar o prisioneiro, cabia a um dos guerreiros da comunidade. Para o escolhido, esta ação representava uma das maiores honras e reconhecimentos para qualquer homem da nação como registrou Staden: “Para um homem, a honra máxima é capturar muitos inimigos e abatê-los, o que entre eles é muito comum. Ele tem tantos nomes quantos inimigos tiver matado, e os mais nobres entre eles são os que têm muitos nomes”²⁰⁸².

Após o guerreiro realizado a execução do prisioneiro, recebia então “os qualificativos de *Abaété* ("homem verdadeiro"), de *Murubixaba* ("chefe") e de *Mocarara* ("meu amigo, meu camarada, ou aquele que busca comida para mim)"²⁰⁸³. Entre o grupo, nenhum homem poderia almejar a liderança, se já não tivesse executado, ao longo de sua vida, vários prisioneiros²⁰⁸⁴.

Para a cerimônia o executor era revestido com vários ornamentos próprios e exclusivos daquela importante ocasião. Também eram “pintados com lavores de jenipapo todo o corpo”²⁰⁸⁵. Não somente o matador, mas seus auxiliares se faziam enfeitar a caráter parar a execução, como descreve Thevet:

No dia da solemnidade, todos os assistentes se paramentam com plumas de varias côres, ou pintam-se o corpo. A pessoa encarregada do golpe mortal, sobretudo, cobre-se com a sua melhor equipagem, não esquecendo a espada de pau ricamente guarnecida de penna.²⁰⁸⁶

Neste cerimonial preparatório, as mulheres possuíam funções ligadas principalmente ao cuidado com o prisioneiro: “As mulheres também não eram olvidadas. Umhas tinham por missão tomar conta da cabeleira do prisioneiro, que devia ser aparada ao fogo; a outras incumbia o dever de pôr um tampão de madeira no ânus da vítima, logo após a sua morte”²⁰⁸⁷. Também eram responsáveis, como descreve Sousa, de untar “o cativo todo com mel de abelhas, e por cima desde mel o empenam todo com penas de cores, e pintam-no a lugares de jenipapo, e os pés com uma tinta vermelha”²⁰⁸⁸.

²⁰⁷⁹ STADEN, 2010, p. 163.

²⁰⁸⁰ MÉTRAUX, 1950, p. 238.

²⁰⁸¹ STADEN, 2010, p. 163.

²⁰⁸² Idem, p. 153.

²⁰⁸³ MÉTRAUX, 1950, p. 279.

²⁰⁸⁴ idem, p. 279.

²⁰⁸⁵ SOUSA, 2010, p. 314.

²⁰⁸⁶ THEVET 1944, p. 244.

²⁰⁸⁷ MÉTRAUX, 1950, p. 238.

²⁰⁸⁸ SOUSA, 2010, p. 313.

Quando terminam os preparativos do prisioneiro, este é levado, amarrado pelo pescoço em grossas musuranas²⁰⁸⁹, até a praça central, onde ocorrerá a cerimônia de execução²⁰⁹⁰. Neste caminho, até o sacrifício, o prisioneiro, vai acompanhado de sua companheira Tupinambá, que caminha a seu lado em lágrimas até chegar na praça. Quando percebe que a hora do cativo é chegada²⁰⁹¹, afasta-se para depois fazer parte e compartilhar do repasto da vítima. Posto, em cordas, no meio da praça o inimigo, é então agredido pelos comunitários, de maneira verbal e física²⁰⁹².

punham-se diante do prisioneiro frutas extremamente endurecidas (da grossura de maçãs), pedras e cacos, convidando-o os índios a "tirar vingança de sua morte [...]. Mulheres redemoinhavam em torno do prisioneiro, ameaçando devorá-lo e exortando-o a contemplar, pela ultima vez, a luz do dia [...]. Em seguida, acendia-se fogo, a dois passos do prisioneiro, de modo a permitir que este o visse²⁰⁹³

Em geral o cativo, acossado, não se fazia rogado e respondia as injurias procurando, mesmo amordaçado revidar as ofensas:

ameaça a toda a gente da aldeia, dizendo que seus parentes o vingarão [...] ele tem vingança de sua morte tão certa, que aceita o morrer com muito esforço. [...] metem-lhe uma espada de pau nas mãos [taca] para que se defenda de quem o quer matar com ela, como puder.²⁰⁹⁴

Léry, em sua *Viagem à terra do Brasil*, registrou as injurias proferidas por um cativo Maracajá em resposta a seus atacantes hora antes de seu sacrifício:

“Comi teu pai, matei e moqueei a teus irmãos, comi tantos homens e mulheres, filhos de vós outros tupinambás, a que capturei na guerra, que nem posso dizer-lhes os nomes; e ficai certos de que para vingar a minha morte os maracajás da nação a que pertenço não de comer ainda tanto vós quantos possam agarrar”.²⁰⁹⁵

Sabendo que seu fim era certo, não havendo mais nada a fazer, o prisioneiro temia somente ser morto, e isso o afligia, por um carrasco que não tivesse honra, ou seja, que ainda não tivesse em seu currículo participado da guerra e matado muitos inimigos²⁰⁹⁶. Não ser executado por um guerreiro horando representava para o prisioneiro um ato “afrontoso aos seus brios e considerava o caso a maior desonra que lhe poderia acontecer²⁰⁹⁷.

²⁰⁸⁹ Em Sousa (2010, p. 312): “Os contrários que os Tupinambás cativam na guerra, ou de outra qualquer maneira, metem-nos em prisões, as quais são cordas de algodão grossas, que para isso têm mui louças, a que chamam musuranas, as quais são tecidas como os cabos dos cabrestos de África; e com elas os atam pela cinta e pelo pescoço, onde lhes dão muito bem de comer, e lhes fazem bom tratamento, até engordarem”.

²⁰⁹⁰ MÉTRAUX, 1950, p. 256.

²⁰⁹¹ Idem, p. 256.

²⁰⁹² LÉRY, 2007, p. 194.

²⁰⁹³ MÉTRAUX, 1950, p. 257.

²⁰⁹⁴ SOUSA, 2010, p. 313.

²⁰⁹⁵ LÉRY, 2007, p. 194.

²⁰⁹⁶ MÉTRAUX, 1950, p. 259.

²⁰⁹⁷ Idem, p. 260.

O Guerreiro responsável pela execução, previamente se recolhia para uma moradia afastada, com o intuito obedecer aos ritos pré-estabelecidos. Ali permanecia, até o dia de cumprimento de seu dever, ansiando pela sua glória. Quando chegava o tão esperado dia do sacrifício, o guerreiro executor era também ornado e investido das mais esplêndidas vestimentas e insígnias²⁰⁹⁸ com o intuito de se apresentar a comunidade de forma apoteótica, em seguida os

Parentes e amigos vinham, então, procurá-lo e, escoltando-o, cantavam, soavam os tambores e tocavam flautas ou trombetas. Nessa ocasião, proclamavam-no bem-aventurado, pois chegara "a ganhar tamanha honra, como é vingar a morte de seus antepassados."²⁰⁹⁹

Levado e festejado pelos seus até a praça, o executor se dirigia na direção de sua vítima. Já no centro, na presença do cativo, o guerreiro recebia então o tacape²¹⁰⁰, arma utilizada para desferir o forte e mortal golpe na vítima. Antes, porém, de desferir o golpe, dava-se um breve diálogo entre os dois personagens principais da cerimônia, o prisioneiro e o matador²¹⁰¹. Métraux, assim simplificou a partir da obra de Léry²¹⁰², em sua obra *A religião dos Tupinambás*, a troca de insultos entre as partes:

‘Não pertences à nação (tal ou qual), nossa inimiga? Não mataste e devoraste, tu mesmo, aos nossos parentes e amigos?’
Ao que o prisioneiro, mais altivo, respondia:
‘*Pa, che tan tan, aiouca atoupavé*. Sim, sou muito valente e realmente matei e devorei muitos . . . Não estou a fingir, pois, com efeito, assaltei e venci vossa gente, devorando muitos’.
O executor, então, replicava:
‘Agora estás em nosso poder; serás logo morto por mim e moqueado e devorado por todos’.
‘Pois bem’.
(tornava a responder o prisioneiro)
‘vingar-me-ão meus parentes’.²¹⁰³

Entre as trocas de insultos, as cordas amarradas na cintura do cativo, são puxadas e esticadas cada vez mais força pelos auxiliares, na tentativa de conter a movimentação do relutante cativo, para assim facilitar o trabalho do executor²¹⁰⁴. A partir deste momento o carrasco só esperava o momento que julgava certo para desferir o golpe certo na cabeça do inimigo. Na maioria das vezes, pela agilidade do guerreiro, um único e violento golpe já era o suficiente para dar fim a vida do preso, deixando-lhe a cabeça em pedaços²¹⁰⁵. Constatada a

²⁰⁹⁸ Idem, p. 258.

²⁰⁹⁹ Idem, p. 258.

²¹⁰⁰ Sousa (2010, p. 314): “e uma espada de pau de ambas as mãos muito pesada” / Gandavo (2008, p.137): “a qual é de um pau mui duro e pesado feito a maneira de uma maça, ainda que na ponta tem alguma de pá”.

²¹⁰¹ Sousa (2010, p. 314): “o matador, e lhe diz que se defenda, porque vem para o matar, a quem responde o preso com mil roncarias”.

²¹⁰² LÉRY, 2007, p.196.

²¹⁰³ MÉTRAUX, 1950, p. 259.

²¹⁰⁴ LÉRY, 2007, p.194. / SOUSA, 2010, p. 314.

²¹⁰⁵ SOUSA, 2010, p. 314.

morte da vítima, os comunitários clamavam ao matador: “bem-aventurado, pois chegou a ganhar tamanha honra, como é vingar a morte de seus antepassados”²¹⁰⁶.

Em geral o ritual da morte do cativo, dava-se desta maneira, havendo é claro variações em sua ordem dependendo da localidade e da distância entre os povos pertencentes a mesma família²¹⁰⁷. Apresentaremos aqui alguns relatos das impressões de testemunho deixadas pelos autores quinhentistas quanto da execução dos prisioneiros:

Léry (1578):

O selvagem encarregado da execução levanta então o tacape com ambas as mãos e desfecha tal pancada na cabeça do pobre prisioneiro que ele cai redondamente morto sem sequer mover braços e pernas. E dir-se-ia um magarefe abatendo um boi. Em verdade muitas vezes a vítima estrebucham no chão, mas isso por causa do sangue e dos nervos que se contraem. O executor costuma bater com tal destreza na testa ou na nuca que não se faz necessário repetir o golpe e nem a vítima perde muito sangue.²¹⁰⁸

Gandavo (1576):

E o dia que há de padecer, pela manhã muito cedo antes que o sol saia, o tiram dela, e com grandes cantares e folias o levam a banhar a uma ribeira. E tanto que o tornam a trazer, vão-se com ele a um terreiro que está no meio da aldeia e ali lhe mudam aquela corda do pescoço á cinta, passando-lhe uma ponta pera traz outra pera diante. E em cada uma dellas pegados dois, três índios. As mãos lhe deixam soltas porque folgam de o ver defender com elas; e assim lhe chegam uns pomos duros que tem entre si á maneira de laranjas com que possa tirar e ofender a quem quizer. E aquelle que está deputado pera o matar é hum dos mais valentes e honrados da terra.²¹⁰⁹

Blásquez (1557):

Entraron en la plaza seis mujeres desnudas cantando a su manera y gesticulando y moviéndose de tal forma que parecían demonios; iban cubiertas de los pies a la cabeza con algo [que parecía] escarabajos hechos de plumas amarillas; en sus espaldas llevaban un manojo de plumas que semejaban crines de caballo y, para animar el festejo, tocaban flautas hechas con las tibias de sus enemigos muertos. Con ese atuendo andaban [por todas partes] ladrando como perros y haciendo como si hablasen con tales muecas quena sé con qué compararlas. Llevaban a cabo todas esas ocurrencias siete u ocho días antes de matarlo. Como en aquel momento había siete [prisioneros para matar], [los] hicieron correr y arrojar piedras y naranjas, mientras sus mujeres los aprisionaban con cuerdas atadas al cuello; aunque [e! prisionero] no quiera, hácenle arrojar naranjas desafiándole a ello... Los [cautivos] están convencidos de que [participando] en estas ceremonias son valientes y fuertes, y si por temor a la muerte níéganse [a participar], llámenlos débiles y cobardes; y, por lo tanto, huir es en su opinión un gran deshonor. Ellos [es decir, los cautivos], cuando están a punto de morir, hacen cosas que si no se hubiesen visto no podrían creerse...²¹¹⁰

Thevet (1557):

Lá chegando, concluídas varias cerimonia, abatem-no os índios, tal qual se o prisioneiro fosse um porco. E logo o corpo do executado fica reduzido a postas, tendo-

²¹⁰⁶ Idem, p. 314.

²¹⁰⁷ MÉTRAUX, 1950, p. 257.

²¹⁰⁸ LÉRY, 2007, p.198.

²¹⁰⁹ GANDAVO, 2008, p. 136.

²¹¹⁰ HARRIS, 2010, p. 178.

se o cuidado de aparar o sangue e com elle banhar os meninos, afim de torná-los, como dizem, bravios.²¹¹¹

Anchieta (1553):

Por la tarde, empero, quando estaban ahítos de vino, llegaron a la casa donde nos alojábamos y quisieron llevarse al esclavo para matar[lo]... los indios, como lobos, tiraron de él [el esclavo] con gran furia; finalmente, lleváronselo fuera y rompiéronle [abriéndole] la cabeza, y con él mataron otro enemigo, a quien despedazaron con gran regocijo, especialmente de las mujeres, que corrían de un lado para otro cantando y bailando. Algunas [de las mujeres] atravesaban con palos afilados los miembros amputados [del cuerpo], otras untaban sus manos con la grasa de la [víctima] y se dedicaban a untar [con grasa] las caras y bocas de los demás. y era un espectáculo abominable ver cómo recogían la sangre [de la víctima] en sus manos y la lamían hasta hartarse con aquella carnicería.²¹¹²

Staden (1549):

fazem uma fogueira, a uma distância de cerca de dois passos do escravo, para que ele seja forçado a ver sua mulher, que vem correndo com a maça, a ibira-pema, ergue os ramos de penas, grita de contentamento e passa em frente do prisioneiro, para que a veja. Neste momento um homem pega a maça, põe-se em frente ao prisioneiro e a mostra, de forma a que tenha de vê-la. Nesse entretanto, aquele que deverá matá-lo afasta-se com outros treze ou quatorze, e pintam o corpo com cinzas. Quando ele volta com os outros algozes para a clareira onde está o prisioneiro, aquele que está à frente do prisioneiro entrega-lhe a maça, e o chefe da cabana chega, pega a maça e passa-a uma vez entre as pernas dele. Isso, para eles, constitui uma honra. A seguir, aquele que o matará volta a pegar a maça e diz: “*Sim, estou aqui, quero matá-lo porque a sua gente também matou e comeu muitos dos nossos*”. O prisioneiro lhe responde: “*Tenho muitos amigos que saberão me vingar quando eu morrer*”. Nisto, o algoz golpeia o prisioneiro na nuca, de forma que lhe jorre o cérebro. Imediatamente as mulheres pegam o morto, arrastam-no para cima da fogueira, arrancam toda a sua pele, deixam-no inteiramente branco e tapam seu traseiro para que nada lhe escape.²¹¹³

Depois da morte do cativo, inicia-se de fato a comensalidade. A Léry chamou a atenção de imediato a atitude da companheira Tupinambá do agora defunto inimigo, comparando-a seu comportamento a de um crocodilo, por não compreender sua reação:

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher (já disse que a concedem a alguns) coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto, porque essa mulher tal qual crocodilo que mata o homem e chora junto dele antes de comê-lo, lamenta-se e derrama fingidas lágrimas sobre o marido morto, mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço.²¹¹⁴

Logo após o golpe certo, para não se perder em absoluto nada do morto, as mulheres da comunidade apressavam-se, com suas cabaças para recolher, e não deixar derramar ao chão nenhuma gota, o sangue e os miolos do condenado²¹¹⁵. A seguir as senhoras,

²¹¹¹ THEVET, 1944, p. 244.

²¹¹² HARRIS, 2010, p. 177.

²¹¹³ STADEN, 2010, p. 163.

²¹¹⁴ LÉRY, 2007, p. 198.

²¹¹⁵ GANDAVO, 2008, p. 138.

que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte do prisioneiro, chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme; e o tornam tão branco como na mão dos cozinheiros os leitões que vão para o forno. Logo depois o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espostejam com tal rapidez que não faria melhor um carnicheiro de nossa terra ao esquartejar um carneiro²¹¹⁶

Staden assim narra o esquartejamento e a distribuição da carne do prisioneiro entre os Tupinambá:

Depois que a pele foi limpa, um homem o segura e lhe corta as pernas acima dos joelhos e os braços rente ao tronco. Aproximam-se, então, as quatro mulheres, pegam os quatro pedaços, andam ao redor das cabanas e fazem uma grande gritaria de contentamento. A seguir separam as costas junto com o traseiro da parte dianteira. Dividem tudo entre si. As vísceras ficam com as mulheres. Fervem-nas, e com o caldo fazem uma massa fina chamada mingau, que elas e as crianças sorvem. As mulheres comem as vísceras, da mesma forma que a carne da cabeça. O cérebro, a língua e o que mais as crianças puderem apreciar, elas comem. Quando tudo tiver sido dividido, voltam para casa, e cada um leva seu pedaço.²¹¹⁷

O corpo do prisioneiro, assim reduzido a postas, imediatamente era colocado para assar e depois repartido²¹¹⁸ de maneira a não focar ninguém de fora da comensalidade²¹¹⁹.

Todas as partes do corpo, inclusive as tripas, depois de bem lavadas, são colocadas no moquém, em torno do qual as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher a gordura. [...] lambem os dedos e dizem: iguatú, o que quer dizer ‘está muito bom’.²¹²⁰

A carne era oferecida também aos vizinhos visitantes, convidados da festa, que levavam pedaços²¹²¹, afim de repetir nas suas comunidades, de maneira simbólica, novamente o cerimonial canibalístico²¹²²:

E os hóspedes que vierem de fora a ver esta festa levam o seu quinhão de carne que lhe deram do morto, assada do maquém para as suas aldeias, onde como chegam fazem grandes vinhos para, com grandes festas, segundo sua gentildade, os beberem sobre esta carne humana que levam, a qual repartem por todos da aldeia.²¹²³

Restos do corpo do prisioneiro também eram guardados como relíquias²¹²⁴. “A cabeça, espetam-na os selvagens na ponta de uma vara, collocada na oca, como signal de triumpho e victoria”²¹²⁵. Outras partes do corpo como

²¹¹⁶ LÉRY, 2007, p. 198.

²¹¹⁷ STADEN, 2010, p. 165.

²¹¹⁸ THEVET, 1944, p. 244. / LÉRY, 2007, p. 200.

²¹¹⁹ Métraux (1950, p. 264): “Quando o numero dos convidados era tão considerável que não permitia a distribuição, a cada um, de parte da carne, os indígenas coziam o pé, as mãos, ou mesmo um dedo do cadáver na gamela e todos podiam, então, provar-lhes o caldo”.

²¹²⁰ LÉRY, 2007, p. 199.

²¹²¹ SOUSA, 2010, p. 315. / GANDAVO, 2008, p. 138.

²¹²² FERNANDES, 2006, p. 396.

²¹²³ SOUSA, 2010, p. 315.

²¹²⁴ Idem, p. 315.

²¹²⁵ THEVET, 1944, p. 244.

Algun braço, ou perna, ou outro qualquer pedaço de carne, costumam assar no fumo, e tê-lo guardado alguns meses, pera depois quando o quiserem comer, fazerem novas festas, e com as mesmas cerimônias tornarem a renovar outra vez o gosto desta vingança, como no dia em que o mataram.²¹²⁶

Dos ossos, do defunto, os mais apreciados eram os das coxas e dos braços, que, possuidores de um significado mágico²¹²⁷, serviam para confeccionar flautas e pífanos. O canto destes instrumentos servia principalmente de incitação aos guerreiros quando de suas incursões ao território inimigo²¹²⁸. Também os dentes do crânio eram retirados, para com eles fabricarem colares, que acreditavam tratarem-se de relíquias com poderes mágicos.

Imediatamente após ter supliciado o inimigo, o guerreiro responsável pela execução se retira e retorna a sua habitação de origem²¹²⁹. Como regra o executor ficava proibido de participar da comensalidade, até mesmo o cauim que fora preparado para ocasião lhe era vedado. O estado do algoz, logo após os ritos, assim foi retratado por Sousa: “se recolhe para a sua rede, como anojado, por certos dias, e não come eles certas coisas, que têm por agouro, se as comer dentro daquele tempo”²¹³⁰.

Ao chegar em sua habitação, o executor, como primeiro ato, punha-se a correr, em todos os sentidos, de maneira a escapar da perseguição do espírito do falecido²¹³¹, depois deitava-se em sua rede, a ele sendo proibido por os pés na terra no espaço de três dias²¹³². Recluso, não podia falar com ninguém²¹³³ e “seu único alimento consistia em farinha de mandioca, ou de amendoim”²¹³⁴. Ao termino do ‘luto’ do executor, realizava-se uma nova festa regada a cauim onde novamente o guerreiro é tingido de jenipapo e coberto de adereços²¹³⁵. Na ocasião

Aquele que matou o prisioneiro atribui-se mais um nome, e o chefe da cabana lhe faz uma incisão com o dente de um animal selvagem na parte superior dos braços. Quando a ferida está curada, veem-se as cicatrizes, e elas têm o valor de uma honrosa ornamentação.²¹³⁶

Os dentes utilizados para efetuar as incisões na cerimônia eram o da cutia²¹³⁷:

o qual também se risca em algumas partes do corpo como o dente de cotia, em lavores; e dão por estas sarjaduras uma tinta com que ficam vivas, e enquanto o riscado vive,

²¹²⁶ GANDAVO, 2008, p. 138.

²¹²⁷ FERNANDES, 2006, p. 342.

²¹²⁸ Léry (2007, p. 187): “não cessam tampouco de tocar durante todo o caminho, incitando o bando guerreiro a matar e devorar os adversários”.

²¹²⁹ THEVET, 1944, p. 245. / SOUSA, 2010, p. 311.

²¹³⁰ SOUSA, 2010, p. 311.

²¹³¹ MÉTRAUX, 1950, p. 274.

²¹³² THEVET, 1944, p. 245.

²¹³³ MÉTRAUX, 1950, p. 277.

²¹³⁴ Idem, p. 277.

²¹³⁵ Idem, p. 278.

²¹³⁶ STADEN, 2010, p. 166.

²¹³⁷ THEVET, 1944, p. 246. / SOUSA, 2010, p. 311.

o têm por grande bizzarria; e há alguns índios que tomaram tanto nomes, e se riscaram tantas vezes que não tem parte onde não esteja o corpo riscado.²¹³⁸

Thevet afirma que os guerreiros algozes, possuidores de várias dessas cisões pelo corpo, ficavam com a aparência da pele inteiramente espicaçada. Buscando descobrir o motivo da prática, o frade francês chegou a esta conclusão: “a razão de tão estranha prática, segundo me foi possível saber, é a satisfação e honra, que a morte do inimigo dá ao seu matador”²¹³⁹.

5.2.4. Registros de Exocanibalismo no Norte do Brasil

O frade franciscano Thevet (1557), munido de seus pressupostos religiosos, em sua *Singularidades da França Antártica*, registrou assim a voracidade canabalística de certas populações nativas existente entre Pernambuco e o Maranhão:

Esses povos, do cabo de Santo Agostinho até perto do Maranhão, são mais crueis e deshumanos que quaesquer outros da America comendo ordinariamente carne humana, assim como a gente come carneiro. [...] Não há animal feroz, nos desertos da Africa ou da Arabia, que appetite tão ardentemente o sangue humano quanto esses mais que brutaes selvagens.²¹⁴⁰

Outro missionário que discorre em sua obra sobre a prática canibalística no norte do Brasil é o monge francês Ives D’Evreux, este participou da expedição de ocupação francesa do Maranhão no ano de 1612. Descreve, para ele, o horrível costume entre os habitantes, ressaltando o papel dado as mulheres na cerimônia:

quando ainda se achava em pleno vigor e poder de comerem escravos, eram elas [as mulheres mais velhas] as incubidas de assar bem o corpo deles, de guardar a gordura que não queriam, para fazer mingau, de cozinhar as tripas e outros intestinos em grandes panelas de barro, de neles misturar farinha e couve, e dividi-las depois por escudelas de pau que mandavam distribuir pelas raparigas.²¹⁴¹

Em outro trecho, compara as suas práticas às dos Tupi da outra parte da costa brasileira:

Também têm por costume, que igualmente observei entre os tupinambás, trazerem assobios e flautas dos ossos das pernas, coxas e braços de seus inimigos, dos quais

²¹³⁸ SOUSA, 2010, p. 311.

²¹³⁹ THEVET, 1944, p. 246.

²¹⁴⁰ THEVET, 1944, p. 363.

²¹⁴¹ D’EVREUX, Yves. *Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614*; traduzida por César Augusto Marques. São Paulo: Siciliano, 2002, p. 136.

arrancavam sons, agudos e claros, e ao som deles entoam seus cantos usuais, especialmente quando estão nos cauins ou quando vão à guerra.²¹⁴²

No rio Pará, D'Evreux registrou a presença, em sua embocadura, de povos de origem Tupinambá, que naquele momento encontravam-se em guerra contra os Camaripins²¹⁴³. Destes últimos escreveu:

Os camarapins, os quais são muito ferozes, não querem paz, e por isso não poupam os inimigos, pois quando os cativam, matam-nos e comem-nos; pouco dias antes tinham matado três filhinhos de um dos principais dos Tupinambás daquela região, e guardaram os ossos deles para mostrar aos pais a fim de causar-lhes mais dó.²¹⁴⁴

Maurício Heriarte, que esteve na região norte do atual Brasil na metade do século XVII, deixou também suas impressões a respeito desta prática entre os locais. Dos populares da região do Maranhão escreveu:

Dam-se guerra uma naçam com outra por pouco mais que nada; ainda que sejam vezinhas e muito aparentadas; e os vencidos que ficam nas mãos dos vencedores, são escravos: e aos mortos comem assados ou cozidos, como se foraõ porcos, e dos escravos se servem ou vendem a outras naçõens e ás vezes em suas e borracheiras e festas os matam e os comem: a estes chamam escravos de corda: outras vezes os cazam com suas parentes, e os filhos que d'elles procedem, chamão Apueazes; aos quaes matam em tenra edade, e os comem como se foraõ leitões, dizendo que sam filhos de seus inimigos.²¹⁴⁵

Sobre as populações Tupinambaranas, localizadas no rio Amazonas, Heriarte explana a cerca da rede de comércio entre as comunidades, que se estendia até a foz do rio, principalmente voltada para troca de ferramentas e instrumentos com os europeus da costa²¹⁴⁶. Sobre a província alega:

A província dos Tapinambaranas está situada em terra plaina que cae sobre o rio das Amazonas. Seu clima he quente e doentio, por estar debaixo da linha equinocial. Estes índios faliam lingoa geral. [...] Ha nesta província quantidade de salsafraz, e alguma salsaparrilha. He província mui abundante de mantimentos, e de boas e fertilissimas terras.²¹⁴⁷

Heriarte faz questão de dizer que a presença deste grupo indígena na Amazonia é recente, possivelmente parte das correntes migratória tupi vinda em fuga do litoral brasileiro:

O princípio destes índios Tapinambaranas nam foi de naturaes d'esse rio. Dizem que, no anno de 1600, saíram seus antepassados do Brazil. em trez tropas, em busca dó Paraiso terreal (couza de barbaros) rompendo e conquistando terras, e que havendo caminhado muito tempo chegaram áquelle sitio, que acharam abundante, e cheio de

²¹⁴² Idem, p. 95.

²¹⁴³ Idem, p. 82.

²¹⁴⁴ Idem, p. 82.

²¹⁴⁵ HERIARTE, 1874, p.18

²¹⁴⁶ Idem, p.40.

²¹⁴⁷ Idem, p.40.

índios naturaes; e por ser bom o sitiaram e conquistaram os seus naturaes, avassallando-os, e com o tempo se cazaram uns com os outros, e se aparentaram.²¹⁴⁸

Sobre a prática canibalística tupinambarana registra:

Sam os mais bellicosos índios d'estas partes, mui senhores e liberaes, bem dispostos, mas muito traidores, carniceiros, e era a gente que mais carne humana comia n'esse rio, [...] Seu governo he barbaro; nam tem adoraçam alguma. Seu apetite he o seu Deos. [...]. Sam temidos de muitas nações por serem muito vingativos.²¹⁴⁹

Heriarte percorreu também sobre a província de Carapuna, a qual a localizou subindo o rio Amazonas: “Esta provincia consta de muitas aldeas assentadas á margem do rio, em terras altas, e custa trabalho subir a ellas, por serem as ribanceiras muito a pique”²¹⁵⁰. Ele continua,

As terras sam alegres, por serem as mais dellas campinas, boas para criarem gados. Lavram os naturaes cantidade de algodam, que levam por contracto a outras partes e províncias, e muita louça de bom barro. Uzam de palhetas, frechas e dardos. [...] Fazem as roças em ilhas que estam no meio do rio. Proveem-se de grande cantidade de tartarugas, para seu mantimento, que guardam em curraes. [...] Há nesta província muito milho y abotim, de que se sustentam, qne supposto em todo o rio os haja, aqui sam infinitos²¹⁵¹

Sobre a prática canibalística dos Carapunas, Maurício Heriarte a associa aos rituais religiosos locais:

Sam idólatras: teem idolos feitos de madeira, grandes e pequenos, a quem chamam Tururucari. Sacrificam-lhe índios, que tomam na guerra. Untam o ídolo com o sangue e comem a carne, a que sam mui inclinados. Os que fazem este sacrificio sam os feiticeiros, a quem elles teem em veneraçam, e guardam muito respeito²¹⁵²

Alfred Métraux, já na metade do século XX, na obra *A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus Tupi-guaranis*, registrou a prática canibalística entre os Parintintins que estavam localizados a leste do rio Madeira no Amazonas, explanando:

O Museu de Gôteborg adquiriu, em 1921, o crânio de um índio mura, que tinha sido morto e devorado pelos Parintintins. [...] Os parintintins (segundo se diz) comem os olhos, a língua e os músculos das pernas e dos braços de suas vítimas, afim de impedir que estas vejam, falem, andem e usem o arco. O cranio guardado preciosamente pelo vencedor, torna-se objeto de toda a sorte de cerimoniaes, renovadas, aliás, cada vez que se recebem visitas. Segundo Garcia de Freitas outrora os parintintins sacrificavam os seus prisioneiros no pateo da aldeia, abatendo-os com: uma lança (provavelmente o tacape).²¹⁵³

²¹⁴⁸ Idem, p.40.

²¹⁴⁹ Idem, p.41.

²¹⁵⁰ Idem, p.52.

²¹⁵¹ HERIARTE, 1874, p.52.

²¹⁵² Idem, p. 52.

²¹⁵³ MÉTRAUX, 1950, p. 272.

CONSIDERAÇÕES

*cum fueris nostrae... farinae.*²¹⁵⁴
(quando eras feito de nossa farinha)

Pérsio

Nos primórdios, na cosmogonia Tukano, emergiram do mesmo Lago de Leite, o *Diá-ōhpēkōwí*, todos os homens e mulheres originários da Terra. Para os Tukano, nossos antepassados eram peixes, por isso, toda a humanidade é feita do mesmo alimento, do mesmo pescado, da mesma carne, da mesma farinha²¹⁵⁵. Foi a partir do lago feito de leite²¹⁵⁶, líquido nutritivo produzido pelas mamas da mãe Terra²¹⁵⁷, que se iniciou a dispersão dos povos espalhados pelo planeta, dando origens a diferentes mundos.

No fim do século XV e início do XVI de nossa era, quis o destino, ou as condições de possibilidade²¹⁵⁸, que estes separados mundos, de tempo e espaços diferentes, acabarem por se cruzar. Encontro “no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entraram em contacto umas com as outras e estabeleceram relações”²¹⁵⁹. Encontro, que produziu laços extremamente assimétricos²¹⁶⁰, pois fizeram-se “geralmente associados a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada”²¹⁶¹. Acabando dessa fricção, entre culturas dispares e dispersas, por sofrer maiores consequências, aqueles que estiveram por mais tempo isolados.

²¹⁵⁴ Semelhante ao ditado popular: “são todos farinha do mesmo saco”. *Farinae* pode também ser traduzido por refeição.

²¹⁵⁵ Os antigos gregos, utilizavam o termo ‘comedores de pão’ para distinguir a civilidade da barbárie: Em Homero (*Odisseia*, IX, vv. 90-91): “Era ele um mostro espantoso deveras, que aspecto não tinha de homem que vive de pão”.

²¹⁵⁶ Nossa galáxia, onde se encontra o sistema solar, recebeu dos gregos antigos o nome de *Via Láctea*, ‘caminho de leite’, devido a aparência leitosa de seus discos em espiral.

²¹⁵⁷ Nossos primeiros ancestrais, que deram origem ao homem moderno, surgiram a 6 milhões de anos atrás no continente africano: Gosden (2019, p. 27): “Os arqueólogos vislumbram um passado de 6 milhões de anos para nossos primeiros ancestrais humanos”.

²¹⁵⁸ A navegação em alto mar, pelos Europeus Ocidentais, apenas foi possível graças as condições existentes no velho continente a partir dos séculos XV e XVI. Tempo em que, Cruzinski, (2015, p. 45), “os homens começam cada vez mais a depender de aparelhos para sua existência, sua sobrevivência e seu sucesso. A capacidade de criar máquinas e de usá-las é ao mesmo tempo um poder e uma modernidade”. A partir do renascimento, Delumeau (1994, p. 154), “a técnica não só atraiu as atenções dos poderes públicos como passou a fazer parte integral da cultura. Quanto a Leonardo da Vinci sabe-se que ao pedir em 1482 um emprego [...] se apresentou, principalmente como técnico”. A partir do século XV, as embarcações passaram a ariscar-se para além dos limites litorâneos até então conhecidos, ação esta impulsionada graças ao aparecimento de novas técnicas de navegação, que proporcionaram uma maior sensação de segurança em alto mar. Outro fator importante, foi o crescente interesse por lugares desconhecidos ou imaginários. Busca que causava uma sensação que misturava medo e audácia. Não devemos esquecer que homens e mulheres, deste período, acreditavam não só em um paraíso terrestre, como também no El Dorado, em ciclopes, sereias, monstros marinhos, amazonas, homens com calda e metade humano metade cão”. Para além, Delumeau (2009, p. 73), “por trás dessas crenças lendárias ou desses exageros assustadores, adivinha-se o medo do outro, isto é, de tudo que pertence a um outro universo [...]. O distante – o outro – foi também um imã que permitiu à Europa sair de si mesma”.

²¹⁵⁹ PRATT, 1999, p. 27.

²¹⁶⁰ Idem, p. 27.

²¹⁶¹ Idem, p. 31.

Este trabalho buscou, através da história da alimentação²¹⁶², discorrer sobre essa zona de contato entre povos, entre mundos nos quinhentos.

Quando os primeiros famélicos tripulantes das naveas ibéricas puseram seus pés em terra do Novo Mundo, não a encontraram vazia, os originários da terra já se faziam presente a milhares de anos e, no momento do encontro, eram milhões de homens e mulheres organizados em diferentes povos espalhados e ocupando desde os extremos Norte ao extremo Sul do continente.

Na América do Sul o conjunto de elevadas montanhas que formava as cordilheiras dos Andes eram habitados por diversos povos sobre a tutela dos Incas de Cuzco. Mas com a chegadas dos homens de barba, de início confundidos com o a divindade andina Viracocha, não demorou muito para a autoridade inca desmoronar.

A queda do domínio Inca, propiciou, para os castelhanos, o domínio de uma ampla faixa de terra, as chamadas terras altas sul-americanas, mas não a região localizada a Leste da cordilheira, as terras baixas coberta por uma densa floresta tropical. Nesta floresta nem os Incas e seu guerreiros ousavam adentrar, pois diziam tratar-se de terras dos temidos *Anti*, a Floresta Malsã, dos povos da grande serpente.

Mas na primeira metade dos quinhentos, muitos exploradores ibéricos, estacionados na porção andina do outrora domínio inca, encontravam-se insatisfeitos com o resultado dos espólios obtido na conquista, principalmente aqueles que faziam parte das patentes mais baixa, a soldadesca. Frustrados, estavam sedentos por descobrir outras fontes de riqueza material. Estes veteranos, da conquista do Peru, encontravam-se naquele momento dispostos a ir atrás de ouro ou especiarias em qualquer um dos lugares ainda desconhecidos do imenso continente, a fim de tentar a sorte. Deste modo, envoltos nesta mentalidade, estes homens estavam propensos a acreditar em qualquer história, lenda ou pista que atingisse seus ouvidos, a cerca da existência de lugares maravilhosos abundantes daquilo que cobiçavam. Aproveitando-se desse desejo por riquezas e procurando evitar maiores agitações entre os súditos da coroa, diminuindo o número de desocupados no Peru, as autoridades espanholas acabaram por resolver incentivar novos empreendimentos exploratórios. Impulsionaram então várias expedições, direcionando-as para as diferentes regiões da América do Sul, incluindo empreitadas voltadas à floresta equatorial das terras baixas a Leste dos Andes. Essa floresta incógnita, de várias histórias e lendas, era um dos lugares que muitos conjecturavam estar localizado o *Pais da Canela* e/ou o *El Dorado*.

²¹⁶² Em Carneiro (2003, p. 122): "A alimentação é assim um fato da cultura material, da infraestrutura da sociedade; um fato da troca e do comércio, da história econômica e social, ou seja, parte da estrutura produtiva da sociedade".

A primeira expedição a região do rio Amazonas, que temos notícia, é a realizada por Alonso de Mercadillo (1538), registrada em Carta escrita pelo vicentino Diogo Nunes. Em nosso trabalho de pesquisa, deste documento destacamos os seguintes itens relacionados a alimentação, descritos por Nunes: a pescada cequo, maís, a mandioca, as carnes montesas e a carestia de alimentos da expedição, este último item sendo o responsável pelo fim da malfadada expedição. A segunda empreitada conhecida é a comandada, de início, pelo irmão menor de Francisco Pizarro, Gonzalo Pizarro (1539). Da qual um destacamento, comandado por Orellana, foi o primeiro grupo de ibéricos, que se tem registro, a descer todo o caudal do rio Amazonas chegando a sua foz. Sobre alimentação aqui discorreremos a respeito da matalotagem de viagem trazida do Peru, da pimenta, dos diferentes animais encontrados: aves, peixes, quelônios, mamíferos; além das frutas, cereais, bebidas fermentadas e fumo. A última expedição, nos quinhentos a descer o rio das Amazonas, que se tem registros, foi a organizada por Pedro Ursúa (1560). Esta campanha ficara marcada pelas crueldades perpetradas ao longo do percurso, da qual o próprio capitão acabou por ser vítima fatal. O comando da expedição, a cabo, ficou nas mãos do colérico Lope de Aguirre. Das crônicas desta campanha destacamos os alimentos da matalotagem dos exploradores, além daqueles animais, como cães e cavalos, que não tinham este propósito inicial, mas acabaram por servir de sustento quando a fome se fez presente. Damos atenção também aos trechos referentes a faunística aquática. Outro assunto que abordamos é a prática do consumo de carne humana descrito nas crônicas, buscamos apresentar, no último capítulo, algumas interpretações a cerca dos seus ritos e costumes.

Nas crônicas em que nos debruçamos, apesar de tema ser secundário, nos atentamos a todo e qualquer alimento descrito, mesmos aqueles que não tinham por caráter servir de sustento para os expedicionários. Destacamos também, em nosso trabalho, o alto índice demográfico das calhas dos rios, fato testemunha por todos os cronistas, o que sugere uma grande capacidade de abastecimento e sustento ofertada, pela flora e fauna amazônica, aos povos que margeavam o grande rio. Por outro lado, a obtenção desta oferta de alimentos na região, ao que parece, fez-se quase nula por parte dos exploradores/invasores que singraram o rio, pois desconheciam as técnicas para sua obtenção e foram, quando não conseguiram obter dos moradores locais a matalotagem necessária para sobreviver, assolados pelo flagelo da fome em diferentes momentos do percurso. Para eles a exuberante floresta não passava apenas de um grande deserto²¹⁶³. Muitos dos alimentos ofertados aos viajantes, pelos nossos antepassados

²¹⁶³ Em LE GOFF, Jacques. O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval, tradução António José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2015. (pp. 35 e 41). “No cristianismo medieval, a ideologia do deserto [bíblico] apresentou-se de uma forma inédita: o deserto foi a floresta. [...] ela serviu de fronteira, de refúgio. O epíteto quase natural para a floresta é ‘gaste’, vazio, arida, [...] lugar inculto”.

originários, ainda hoje fazem parte da dieta e são apreciados pelos povos da Amazônia, sendo muitos deles impregnados de significados relacionados as crenças, costumes e tabus.

O fim da empreitada comandada por Ursúa e Aguirre (em 1561) marca também o fim do ciclo de expedições castelhanas ao rio das Amazonas nos quinhentos. Não havendo mais registros da existência de nenhuma outra tentativa expedicionária de decida do imenso caudal de água doce no século XVI. O motivo de cessarem as incursões pelo Amazonas, pode estar relacionado ao fracasso de todas as expedições anteriores em encontrar as tão desejadas riquezas. Outro fato, que também pode ter arrefecido a exploração do curso do grande rio, é de âmbito político-administrativo que ocorre na Europa no fim do século XVI e de consequências importantes para as colônias americanas, realiza-se a união das coroas de Espanha e Portugal no que ficou conhecida como União Ibérica (1580-1640)²¹⁶⁴. Este fato fez com que não houvesse, por aquele momento, a necessidade urgente por disputas de terra entre os dois países ibéricos já que todo o continente americano passou a pertencer a mesma coroa.

Vão se passar mais de 70 anos para que outra expedição percorra novamente o rio das Amazonas²¹⁶⁵. Trata-se da expedição comandada por Pedro Teixeira (1637)²¹⁶⁶. Esta empreitada diferenciou-se das anteriores, que desceram o rio, sentido Oeste-Leste, partindo do domínio espanhol no Peru, pois Teixeira realizou, por sua vez, a viagem no sentido contrário, Leste-Oeste, subindo o rio²¹⁶⁷, iniciando a jornada na foz do Amazonas a partir de Belém²¹⁶⁸.

A subida do rio durou dez meses, chegando em Quito em fins do ano de 1638. A permanência dos expedicionários em terras Peruanas foi breve, já que foram instados, pelas assustadas autoridades espanhola, a retornar a Belém. Em sua viagem de retorno Teixeira acabou por trazer entre seus tripulantes dois “jesuítas Cristóval de Acuña e Andrés de Artiada;

²¹⁶⁴ Miranda (2007, p. 157): “Assim de 1580 até 1640, o rei da Espanha Felipe II que descendia, pelo lado materno, em linha direta, do rei Dom Manuel, passou a ser, ao mesmo tempo, rei de Portugal”. / Para Ugarte (2009, p. 103), ironicamente o jugo espanhol de 60 anos permitiu aos subjugados lusitanos que estes ampliassem seu império na América, sem o que não teriam logrado conquistar os ‘sertão das amazonas’. / Cortesão (2016, p. 45): “Portugal, embora sobre o mesmo cetro, formava um reino a parte, quer na metrópole, quer no ultramar [...]. Desde 1581 a 1640 os Filipes passaram a ser os reis de uma monarquia dualista”.

²¹⁶⁵ Período no qual a União-Ibérica começa a se desfazer. O que vai se concretizar três anos depois, em 1640.

²¹⁶⁶ Porro (2016, p. 113 a 114): “Em 1636 uma expedição espanhola explora o rio Napo sob o comando do Capitão Juan de Palacios [...]. Num ataque dos Encabellados o capitão foi morto e seus companheiros decidiram regressar. Um membro da expedição, o português Francisco Fernandes convenceu alguns companheiros de que descendo o rio iriam dar em Belém. [...] Seis soldados aventuraram-se rio abaixo numa canoa, acompanhados pelos leigos franciscanos Domingo de Brieva e Andrés de Toledo. [...] ao final de três meses chegaram a Belém. A chegada surpreendente de tão eximia expedição levou o governador Jácome Raimundo de Noronha a apressar os preparativos de uma grande expedição, a ser comandada por Pedro Teixeira. [...] Teixeira já conhecia o Baixo Amazonas, tendo expulsado de lá holandeses e britânicos”. [...] “Em outubro de 1637 Pedro Teixeira saiu de Gurupá com 47 canoas, 70 portugueses e mamelucos e 1100 índios”.

²¹⁶⁷ GOES FILHO, Synesio Sampaio. ‘O contexto Histórico da viagem de Pedro Teixeira’. In *Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri*. Sergio Eduardo Moreira Lima, Maria do Carmo Strozzi Coutinho (org.). Brasília: FUNAC, 2016 (p.29): “a viagem de Pedro Teixeira foi uma grande proeza náutica, por ser a primeira (pelo tamanho da flotilha deve ser também a única) em que o rio Amazonas e alguns afluentes foram navegados até as nascentes, isto é, contra a correnteza. Uns quatro quilômetros, tarefa e tanto para os remadores índios”.

²¹⁶⁸ Em Goes Filho (2016, p.26-27): “Fundam os portugueses, comandados por Francisco Caldeira Castelo Branco, na foz do Amazonas, o forte do Presépio, origem da povoação de Nossa Senhora de Belém. Era 1616 e acabavam os peninsulares de destruir o sonho francês de criar uma ‘France Equinoxiale’, a partir do núcleo de São Luís, estabelecido na ilha do Maranhão, por Daniel de la Touche, quatro anos antes”. [...] Para assegurar mais apoio da metrópole à nova conquista, havia sido criada, em 1622, o ‘Estado do Maranhão, com capital em São Luís, diretamente subordinado a Lisboa”.

o primeiro escreveria logo a seguir o célebre *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*²¹⁶⁹, [para Antonio Porro] a mais importante descrição até então feita do rio e de seus habitantes”²¹⁷⁰. A expedição retorna, chegando em Belém no dia 12 de dezembro de 1639²¹⁷¹.

A ousada empreitada Lusitana, comandada por Pedro Teixeira, pondera Ugarte,

[...] não apresentou somente o aspecto de disputa territorial, como pode parecer, malgrado ter sido esta a motivação maior de sua preparação. De tão demorada viagem resultaram, também importantes relato, os quais nos fornecem um quadro da vida amazônica em meados do século XVII. Falam dos povos indígenas que habitavam a calha do rio Amazonas e de seus principais afluentes (clima, fauna, flora, as vias fluviais, o relevo). Revelam, ainda a própria mentalidade dos conquistadores (seus medos, seus mitos, suas esperanças), quando falam das amazonas, do El Dorado e do próprio Paraíso.²¹⁷²

Mas aqui surge a necessidade de uma quebra abrupta na história que nos propomos a contar, já que começamos por nos aventurar em outra seara: as crônicas seiscentistas sobre a Amazônia, um corte histórico que vai além do período que determinamos apresentar neste trabalho. Porém este início de imersão, na História da Amazônia no século XVII, não se faz sem motivo, o propósito é nobre: incentivar, naqueles que chegaram até aqui, o interesse, a fome, pela História da Amazônia e suas inúmeras possibilidades.



²¹⁶⁹ Miranda (2007, p.202): “*Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*, do Padre Cristóbal de Acuña, ditada em Madri em 1641”.

²¹⁷⁰ PORRO, 2016, p. 114.

²¹⁷¹ MIRANDA, 2007, p. 203 / CORTESÃO, Jaime. ‘Descobrimto e ocupação do vale amazônico’. In *Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri*. Sérgio Eduardo Moreira Lima, Maria do Carmo Strozzi Coutinho (org.). Brasília: FUNAC, 2016, p. 39

²¹⁷² UGARTE 2009, p. 104.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. *Capítulos da História Colonial*. Salvador: P555 Edições, 2006.
- AGUILAR Y CÓRDOBA, Diogo. ‘La aventura de Ursúa en el Marañón’, In *Modelos de vida y cultura en Navarra (siglos XVI y XVII)*. *Antología de textos*, Mariela INSÚA (ed.). Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2016.
- ALMESTO, Pedrarias de. *Relación de la Jornada de Omagua e El Dorado*. New York: IDEA, 2012.
- ALTAMIRANO, Capitan. ‘De la entrada que el Gouernador Pedro de Vrsua hizo por el Rio de los Motilonos por orden del Virrey Marquez de Cañete’. In VÁZQUES DE ESPINOSA. *Compendio y descripción de las Indias Occidentales*. City of Washington: The Smithsonian Institution, 1948.
- ANÔNIMO. ‘Relación de todo lo sucedido en la gouernaçion de omanga qur por otro nombre se llama el dorado, desde que fue encargada a pedro de osua por el marques de cañete, visoRey de los Reynos del Perú, y de como el cruel tirano lope de aguirre lleo a la ysla de la margarita y de las crueldades que hizo hasta salir e la dicha ysla’. In JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre: según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca: Talleres Gráficos Editorial V. Campo, 1927.
- BAKHITIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*; tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARAIBAR, Álvaro. ‘Estudio preliminar el contexto histórico y la jornada’. In ALMESTO, Pedrarias de. *Relación de la Jornada de Omagua e El Dorado*. New York, IDEA, 2012.
- BARCELLOS, Gustavo. *O banquete do Psique: imaginação, cultura e psicologia da alimentação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BARROSO BARÉ, Marivelton. ‘Kurumim Wasú/Jovem’. In *Baré: povo do rio*; Marina Herrero e Ulysses Fernantes organizadores, São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- BELLUZZO, Rosa. *Nem garfo nem faca: à mesa com os cronistas e viajantes*. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- BLANCO-FOMBONA, Rufino. *Ensayos históricos*. Espanha, Biblioteca Ayacucho, 1981.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia a história, ou O ofício de historiador*; prefacio Jacque Le Goff; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*; tradução de Laurent de Saes. São Paulo: EDIPRO, 2016.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, economia e capitalismo séculos XV-VXIII*; tradução Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CARDIM, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- CARNEIRO, Henrique. *Comida e Sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- CARVAJAL, Gaspar de. ‘Relaçion del famosíssimo é muy poderoso rio llamado el Marañon, quel capitan Francisco de Orellana é otros hidalgos navegaron’. In OVIEDO Y VALDES, Gonzalo Fernandez de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; Tercera parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1855. (p.541-574)
- CARVAJAL, Gaspar de. *Descubrimiento del Río de las Amazonas*. Sevilla: Imprenta de E. Rasco, Bustos Tavera, 1894.

- CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. *Índios cristãos – poder, magia e religião na Amazônia colonial*. Curitiba: CRV, 2017.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 1º ed. São Paulo: Global, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. 4. Ed. São Paulo: Global, 2011.
- CAVALCANTE, Messias S. *Comida dos nativos do Novo Mundo*. Barueri, SP: Sá, 2014.
- CAVALCANTE, Neusa; CEREDA, Marney Pascoli. ‘A pesquisa’. In *Mandioca: o pão do Brasil = Manioc, le pain du Brésil*. Brasília, DF: Embrapa, 2005.
- CAVALCANTE, Neusa; SCHIEL, Helena Cavalcanti. ‘O pão da terra’. In *Mandioca: o pão do Brasil = Manioc, le pain du Brésil*. Brasília, DF: Embrapa, 2005.
- CAVALCANTE, Neusa. ‘A planta’. In *Mandioca: o pão do Brasil = Manioc, le pain du Brésil*. Brasília, DF: Embrapa, 2005.
- CHAGNON, Napoleón; HAMES, Raymond B. “La ‘hipotesis proteica’ y la adaptacion indigena a la Cuenca del Amazonas: una revision critica de los datos y de la teoria” In *Revista Interciencia/* volume 5, número 6. Caracas Venezuela: Nov-Dic, 1980, pp. 346 – 358.
- CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. *Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: do maravilhoso medieval ao exótico colonial (séculos XV-XVII)*. Tradução Márcia Aguiar Coelho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.
- CLÉMENT, Catherine. *Claude Lévi-Strauss*; tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2004.
- COLOMBO, Cristóvão. *Diário da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*; Tradução Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- CORTESÃO, Jaime. ‘Descobrimento e ocupação do vale amazônico’. In *Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri*. Sérgio Eduardo Moreira Lima, Maria do Carmo Strozzi Coutinho (org.). Brasília: FUNAC, 2016.
- COSTA, Anna Maria R. F. M.; PEREIRA, Ivelise C. *A Cozinha Indígena*, Brasília: FUNAI, 1996.
- COSTA, Marcondes Lima da et al. “Paisagens Amazônicas sob a Ocupação do Homem pré-histórico: uma visão geológica”. In *As terras de índio da Amazônia: suas características e uso desde conhecimento na criação de novas áreas*. W.G. Teixeira; D. C. Kern; B. E. Madari; H. N. Lima; W. Woods. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Embrapa Amazônia Ocidental, 2010.
- CROSBY, Alfred W. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa*; tradução José Augusto Ribeiro, Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- D’EVREUX, Yves. *Viagem ao norte do Brasil: feita nos anos de 1613 a 1614*; traduzida por César Augusto Marques. São Paulo: Siciliano, 2002.
- DANIEL, João. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas, v.1*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DANIEL, João. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas, v.2*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DAVID, Guillermo. ‘Puranga: a indianidade sitiada’. In *Baré: povo do rio*; Marina Herrero e Ulysses Fernantes organizadores, São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- DE LA ESPADA, Marcos Jiménez. ‘La jornada del Capitán Alonso Mercadillo á los indios Chupachos é Iscaicingas’ in *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid, Tomo XXXVII*. Madrid, Real Academia de la Historia, 1895.
- DE LA VEGA, Garcilaso. *Historia General del Perú*. Lima, SCG, 2009.

- DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*; tradução Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300 - 1800*; tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DENEVAN, William M. “La poblacion aborigen de la Amazonia en 1492”. *Amazonia Peruana*, Lima: Centro Amazonico de Antropologia y Aplicacion Practica, v. 3, n. 5, p. 3-41, jun., 1980.
- DIAS, Camila Loureiro. “O comércio de prisioneiros indígenas e a construção da Amazônia brasileira”. In *História e arqueologia da América indígena*. Organização de Cristiana Bertazoni, Eduardo N. dos Santos e Leila Maria França; Massimo. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.
- DRUMOND, C. “A carta de Diogo Nunes e a migração dos tupi-guaranis para o Perú”. *Revista de História*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 95-102, 1950. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v1i1p95-102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34823>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da renascença*; tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: conferencia de Frankfurt*; tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- ECHEVARRÍA, José Maria Moreno. *Los Marañoses*. Barcelona: Ediciones Marte, 1968.
- FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FAVRE, Henri. *A civilização inca*; tradução Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FERNANDES, Florestan. ‘Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupi’. In *A época colonial, v. 1: do descobrimento à expansão territorial*; introdução geral de Sergio Buarque de Holanda. 21. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. 3. ed. São Paulo, Globo, 2006.
- FERNANDES, Mario Rique. ‘O mundo num ouriço de castanha: a mitopoética dos índios Apurinã e o espírito ancestral das castanheiras (*Bertholletia Excelsa*)’. In *Vozes vegetais, resistência e história da floresta*. Organizado por Joana de Oliveira. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020.
- FIORI, Marlon Marcel; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. *A carne, a gordura e os ovos: colonização, caça e pesca na Amazônia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.
- FLANDRIN, Jean-Louis. ‘A humanização das condutas alimentares’. In *História da alimentação*. Sob a direção de Jean-Louis FLANDRIN e Massimo MONTANARI; tradução Guilherme J. Freitas, Luciano V. Machado. 9. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.
- FLANDRIN, Jean-Louis. ‘Os tempos modernos’. In *História da alimentação*. Sob a direção de Jean-Louis FLANDRIN e Massimo MONTANARI; tradução Guilherme J. Freitas, Luciano V. Machado. 9. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.
- FLANDRIN, Jean-Louis. ‘Tempero cozinha e dietética nos séculos XIV, XV e XVI’. In *História da alimentação*. Sob a direção de Jean-Louis FLANDRIN e Massimo MONTANARI; tradução Guilherme J. Freitas, Luciano V. Machado. 9. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; tradução Salma Tannus Muchail. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: Varias faces de uma utopia*. 3. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2021.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

FUKUDA, Wania Maria Gonçalves. 'Variedades de mandioca'. In *Mandioca: o produtor pergunta, a Embrapa responde* / editores técnicos, Pedro Luiz Pires de Mattos, Alba Rejane Nunes Farias, José Raimundo Ferreira Filho. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

FULOP, Marc. *Aspectos da cultura Tukana: cosmogonia e mitologia*; tradução Pe. Casimiro Beksta. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FURQUIM, Laura Pereira. 'O acúmulo das diferenças: notas arqueológicas sobre a relação entre socio e biodiversidade na Amazônia Antiga'. In *Vozes vegetais, resistência e história da floresta*. Organizado por Joana de Oliveira. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020.

GALVÃO, Araken Vaz. 'O Tupi Nosso de Cada Dia'. In *Fórum Universitário Mercosul*, Salvador, 27 a 29 de setembro de 2017, p. 1-16. http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1504118538_ARQUIVO_TupiNossodeCadaDia-FOMEACO.pdf.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província Santa Cruz*. São Paul: Hedra, 2008.

GASPAR, MaDu. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2004.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*; tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. 'O contexto Histórico da viagem de Pedro Teixeira'. In *Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri*. Sergio Eduardo Moreira Lima, Maria do Carmo Strozzi Coutinho (org.). Brasília: FUNAC, 2016.

GÓMARA, Francisco López de. *Historia general de las Indias*. Barcelona: Linkgua, 2021.

GOMES, Denise Cavalcante. *Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-colonial*. São Paulo: FAPESP, 2008.

GORZONI, Priscila. *Animais nas guerras*. São Paulo: Matrix, 2010.

GOSDEN, Chris. *Pré-história*; tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

GROSS, Daniel R. 'Proteína y Cultura en la Amazonia'. In *Amazonia Peruana*, Lima: Centro Amazonico de Antropologia y Aplicacion Practica, v. 3, n. 6, p. 127-143, mar., 1982.

HAMMEN, Thomas van der. 'Bases para una prehistoria ecologica amazonica y el caso Chiribiquete'. In *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*. Eds. Gaspar Morcote Ríos, Santiago Mora Camargo, Carlos Franky Calvo. Bogotá: Universidade nacional de Colombia. Facultad de Ciencias – Taraxacum, 2006.

HARRIS, Marvin. *Bueno para comer: enigmas da alimentación y cultura*; traducción Joaquín Calvo Bararán y Gonzalo Gil Catalina. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

HERIARTE, Mauricio de. *Descrição do Esrado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*. Vienna: Imprensa do filho de Carlos Gerold, 1874.

HERÓDOTO. *História*; tradução J. Brito Broca; estudo crítico Vítor de Azevedo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

HESÍODO; *Trabalhos e dias*; tradução Sueli Maria de Regino. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

HILLMAN, James & BOER, Charles. *O livro da cozinha do Dr. Freud*; tradução Silvio Lancellotti. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. 'Etapas dos descobrimentos portugueses'. In *A época colonial, v. 1: do descobrimento à expansão territorial*; introdução geral de Sergio Buarque de Holanda. 21. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 27. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.
- HOMERO, Odisseia; tradução e prefácio Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *História da Agricultura na Amazônia: da era pré-colombiana ao terceiro milênio*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.
- HUE, Sheila Moura. *Delícias do Descobrimento: a gastronomia brasileira no século XVI*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre: según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca: Talleres Gráficos Editorial V. Campo, 1927.
- JUAN, Jorge; ULLOA, Antonio. *Relacion historica del viaje hecho de onder de S. Mag. a la America Meridional. primera parte, tomo primero*. Madrid: Imprensa de Orden del rey nuestro Señor, 1748.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*; tradução Beatriz Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LATHRAP, Donald W. *El alto Amazonas*. Lima: Instituto Cultural RVNA; Chataro editores, 2010.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*; tradução Bernardo Leitão. 7º ed. revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*; tradução António José Pinto Ribeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70 Lda., 2015.
- LEBRÚN, Enrique. *Historia de la conquista de Perú y de Pizarro*. 2.ed. Barcelona: Imprenta y libreria Subirana Hermanos, 1892.
- LEITE, Serafim. *Novas cartas Jesuíticas: De Nóbrega a Vieira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- LEÓN, Pedro Cieza de. *Guerra de las Salinas, Tomo Primeiro*. Madrid: Garcia Rico y Compañia, 1877.
- LÉRY, Jean de. *Viagem a terra do Brasil*; Tradução Sérgio Milliot; bibliografia Paul Gaffarel; colóquio na língua brasileira e notas tupinológicas Plínio Ayrosa. Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 2007.
- LESTRINGANT, Frank. *O canibal: grandeza e decadência*; tradução Mary Murray Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 'Somos todos canibais'. Tradução Dorothea Voegeli Passetti. *Verve*, revista do NUSOL/PUC-SP. São Paulo, n.8, p. 13-21, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A origem dos modos à mesa (mitologia v.3)*; tradução Beatriz Perrone -Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Do mel às cinzas. (mitologia v.2)*; tradução Beatriz Perrone -Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido (mitologia v.1)*; tradução Beatriz Perrone -Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*; tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Ana Gabriela Morim de; KRAHÔ, Creuza Prumkwyj; ALDÉ Venica. 'Histórias e cantos do milho Krahô. In *Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta*, organizado por Joana Cabral de Oliveira et. al. São Paulo: Ubu Editora / IRD, 2020.

LIMA, Luiz Fernando Erig 'Investigações arqueológicas nas áreas de interflúvio entre os rios Negro e Solimões, Amazônia Central, Brasil' in *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*. Eds. Gaspar Morcote Ríos, Santiago Mora Camargo, Carlos Franky Calvo. Bogotá: Universidad nacional de Colombia. Facultad de Ciencias – Taraxacum, 2006.

MAGALHÃES, Couto de. *O selvagem*, Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1876.

MEDINA, José Toribio. 'Introducción: Documentación Del Viaje De Orellana' in CARVAJAL, Gaspaz de. *Descubrimiento del Río de las Amazonas*. Sevilla: Imprenta de E. Rasco, Bustos Tavera, 1894.

MEGGERS, Betty J. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*; tradução de Maria Yedda Linhares. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1987.

MEGGERS, Betty J. *América pré-histórica*; tradução de Eliana Teixeira de Carvalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MÉTRAUX Alfred. 'Migrations historiques des Tupi-Guarani'. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 19, 1927. pp. 1-45.

MÉTRAUX Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus Tupi-guaranis*; Prefácio, Tradução e Notas do Estevão Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

MIRAMÓN, Alberto. 'Los perros em la conquista'. In *Boletín Cultural y Bibliográfico*. Vol. 16, Núm. 03. Bogotá, 1979. (pp.116-124)

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Quando o Amazonas corria para o Pacífico: uma história desconhecida da Amazônia*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONGUIA, Pedro. 'Relacion hecha por Pedro de Monguia de la jornada del gobermador Pedro de Orsua en busca del Dorado, y del alzamiento de Lope de Aguirre, el cual mató á Orsua con intencion de enseñorearse del Perú. In *Coleccion de documentos ineditos, relativos al descubrimiento, conquista y organizacion de las antiguas posesiones españolas en América y Oceanía, Tomo IV*. Luis Torres de Mendoza(org.). Madrid: Imprenta de Frias y compañía, 1865.

MONTAIGNE, Michel de. *Dos canibais*; Plínio Junqueira Smith org.; tradução e apresentação Luiz Antonio Alves Eva. São Paulo: Alameda, 2009.

MONTANARI, Massimo. 'Sistema alimentares e modelos de civilização'. In *História da alimentação*. Sob a direção de Jean-Louis FLANDRIN e Massimo MONTANARI; tradução Guilherme J. Freitas, Luciano V. Machado. 9. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*; tradução de Letícia Martins de Andrade. 2º ed. São Paulo: Editora Senac, 2013.

MONTANARI, Massimo. *O mundo na cozinha: história, identidade, trocas*; tradução Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Cobra Grande: lenda-mito*. São Paulo: Edições Nheenquatiara, 1995.

MORA, Santiago. 'Tiempo y paisaje en el estudio de las primeras Comunidades del noroeste Amazónico' in *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*. Eds. Gaspar Morcote Ríos, Santiago Mora Camargo, Carlos Franky Calvo. Bogotá: Universidad nacional de Colombia. Facultad de Ciencias – Taraxacum, 2006.

MORAES, Claide de Paula. *O determinismo agrícola na arqueologia amazônica*. Estudos Avançados, vol. 29 (83), 2015.

- MORENO BLANCO, Lácýdes. *Palabras junto al fogón. Selección de golosos textos culinarios y antología de viandas olvidadas* / Lácýdes Moreno Blanco. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2012.
- NAVARRETE, P. Martín Fernández de. *Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde el siglo XV*. Madrid: Imprenta y Librería de Moyo y Plaza, 1880.
- NAVARRETE, P. Martín Fernández de. *Diccionario Marítimo Español*. Madrid: Imprenta Real, 1831.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Global, 2013.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. 3. ed. São Paulo: Global, 2005.
- NEVES, Eduardo Góes. ‘Não existe neolítico ao sul do Equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura’. In *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese* / Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt, organizadoras. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016.
- NEVES, Eduardo Góes. ‘O rio Amazonas: fonte de diversidade’. In *Revista del Museo de La Plata* volume 4, número 2, 2019, pp.385-400.
- NEVES, Eduardo Góes. ‘Castanha, pinhão e pequi ou a alma antiga dos bosques do Brasil’. In *Vozes vegetais, resistência e história da floresta*. Organizado por Joana de Oliveira. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020.
- NEVES, Eduardo Góes. ‘Uma rede de fios milenares: um esboço da história antiga do Rio Negro’. In *Baré: povo do rio*; Marina Herrero e Ulysses Fernandes organizadores, São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- NEVES, Eduardo Góes. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- NEVES, Eduardo Góes. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 2022.
- NUNES, Diogo. ‘Carta de Diego Nunes escripta a D. João III a cerca do descobrimento de sertões aonde podia chegar atravessando a terra de S. Vicente (província de São Paulo)’: *Jornal do Instituto de Histórico Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia de J. E. S. Cabral, n. 5º, p.364 -368, abril de 1840.
- OSPINA, William. *O país da Canela*; tradução Eric Nepomuceno. São Paulo: Mundaréu, 2017.
- OVIDIO Y VALDES, Gonzalo Fernández de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; Segunda parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1852.
- OVIDIO Y VALDES, Gonzalo Fernández de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; Primeira parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1851.
- OVIDIO Y VALDES, Gonzalo Fernández de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar oceano; Tercera parte*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1855.
- OYUELA-CAYCEDO, Augusto. “San Jacinto 1 y los inicios de la alfarería en el nuevo mundo” in *Cartagena de Indias en el siglo XVI*. Haroldo Calvo Stevenson Adolfo Meisel Roca editores. Cartagena: Banco de la República, 2009.
- PANEGASSI, Rubens Leonardo. *O pão e o vinho da terra – alimentação e mediação cultural nas crônicas quinhentistas sobre o novo mundo*. São Paulo: Alameda, 2013.
- PEREGALLI, Enrique. *A América que os europeus encontraram*. 28. ed. São Paulo: Atual, 2013.
- PEREIRA, Manuel Nunes. *Moronguetá: um Decameron indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

PEREIRA, Manuel Nunes. *Panorama da alimentação indígena brasileira: Comidas, bebidas & tóxicos na Amazônia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

PERLÈS, Catherine. ‘As estratégias alimentares nos tempos pré-históricos’. In *História da alimentação*. Sob a direção de Jean-Louis FLANDRIN e Massimo MONTANARI; tradução Guilherme J. Freitas, Luciano V. Machado. 9. Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

PIGAFETTA, Antonio. *A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães*; tradução Jurandir Soares dos Santos. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.

PIQUERAS CÉSPEDES, Ricardo. “Los perros de la guerra o el ‘canibalismo canino’ en la conquista”. *Boletín americanista*, 2006, n.º 56, p. 186. <https://raco.cat/index.php/BoletinAmericanista/article/view/99430>.

PORRO, Antonio. *As crônicas do rio Amazonas: notas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. 2. ed. Manaus: EDUA, 2016.

PORRO, Antonio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. 2. ed. Manaus: EDUA, 2017.

PORRO, Antonio. ‘História Indígena do Alto e Médio Amazonas: séculos XVI a XVIII’. In *História dos Índios no Brasil*. Org. Manuela Carneiro da Cunha. — São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

PORRO, Antonio. *Dicionário etno-histórico da Amazônia Colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros IEB - USP, 2007.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*; tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierrez; revisão técnica Maria Helena Machado, Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá, MT: Archaeo; Carlini & Caniato Editorial, 2019.

PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PUGLIESE Jr., Francisco Antonio; ZIMPEL, Carlos Augusto; NEVES, Eduardo Góes. 2017. ‘Los concheros de la Amazonía y la historia indígena profunda de América del Sur’. In *Las Siete Maravillas de la Amazonía precolombina*; Editores: Stéphen Rostain y Carla Jaimes Betancourt. La Paz, Bolivia: Plural editores, 2017.

REIS, Arthur César Ferreira. ‘A ocupação portuguesa do vale amazônico e os Tratados de de Limites’. In *A época colonial, v. 1: do descobrimento à expansão territorial*; introdução geral de Sergio Buarque de Holanda. 21. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 2. ed. Belo Horizonte; Itatiaia; [Manaus]: Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

RIBEIRO, Berta. *O índio na história do Brasil*. 12. Ed. São Paulo: Global, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *América latina: a pátria grande*. 3. ed. São Paulo: Global, 2017.

RINKE, Stefan. *História da América Latina: das culturas pré-colombianas até o presente*; tradução Matias da rocha. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2012.

ROOSEVELT, Anna C. ‘arqueologia amazônica’ in *História dos Índios no Brasil*. Manuel Carneiro da Cunha (org.) John Manuel Monteiro (tradução). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROSSI, Paolo. *Comer: necessidade, desejo, obsessão*; tradução Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SAID, Edward W. *Orientalismo: como invenção do ocidente*; tradução Rosaura Eichenberg. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

SAMPAIO, Fernando G. *As amazonas: a tribo das mulheres guerreiras (a derrota do matriarcado pelos filhos do sol)*. São Paulo: Aquarius, 1974.

SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; CONCEIÇÃO, Gisele Cristina da. BRACHT, Fabiano. 'Porcos da metrópole e atuns da colônia: adaptação alimentar dos colonizadores europeus na América portuguesa quinhentista'. In *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 344-364, jul./dez. 2013.

SAUER, Carl O. 'As plantas cultivadas na América do Sul tropical'. In *Suma Etnológica Brasileira Vol. 1*, Ribeiro, Darcy (editor); Ribeiro, Berta G. (coord.). Petrópolis: Vozes, Finep, 1986, (p. 58-90).

SAVARIN, Brillat. *A filosofia do gosto*; tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SCHMIDEL, Ulrich. *Viaje al Rio de la Plata*. Buenos Aires: CABAUT y Cia., 1903.

SILVEIRA, Simão Estácio. *Relação sumária das cousas do Maranhão*. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Organização de Fernando Trindade Luciani. São Paulo: Hedra, 2010.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiro registro sobre o Brasil*; tradução Angel Bojadsen. Porto Alegre, L&PM, 2010.

STIRLING, Stuart. *Pizarro: o conquistador dos Incas*; tradução Getúlio Elias Schanoski Jr. São Paulo: Madras, 2005.

THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*; tradução: Estevão Pinto. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944.

TODOROV, Tzvetan. 'Os Relatos da conquista' in *Relatos astecas da conquista*. George Baudot, Tzvetan Todorov; tradução Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*; tradução Beatriz Perrone-Moisés. 5 ed. São Paulo: WFM, Martins Fontes, 2019.

UGARTE, Auxiliomar. 'Margens míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI'. In *Os senhores dos rios*; organizadores Mary Del Priore, Flávio dos Santos Gomes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

UGARTE, Auxiliomar. *Sertões Bárbaros - O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (século XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer, 2009.

VARELLA, Alexandre. *A embriaguez na conquista da América – medicina, idolatria e vício no México e Peru, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Alameda, 2013.

VÁZQUEZ, Francisco. *Jornada de Omagua y Dorado. Crónica de Lope de Aguirre*. 1ª edição, Espana, Madrid, Miraguano Ediciones, 1979.

VIOTTI, Pe. Hélio Abranches. 'Diogo Nunes, Herói Brasileiro da Catequese Americana'. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo VOLUME LXXXII, 1987, p.12-21.

WATLING, SHOCK, MONGELÓ, ALMEIDA, KATER, OLIVEIRA, NEVES. 'A Arqueologia do alto Madeira no contexto arqueológico da Amazônia'. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 15, 2020, p. 1-20, julho de 2020.

WRANGHAM, Richard W. *Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos*; tradução Maria luiza X. de A. Borges. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

ZÚÑIGA, Gonzalo. 'Relacion de todo la sucedido en el rio de Marañon, en la provincia del Dorado, obernador Pedro de Orsua, y de su muerte y al comienzo de los tiranos don Fernando de Guzman y Lope de Aguirre, su sucesor , y de lo que hicieron hasta llegar á la Margarita'. in *Coleccion de documentos ineditos, relativos al*

descubrimiento, conquista y organizacion de las antiguas posesiones españolas en América y Oceanía, Tomo IV.
Luis Torres de Mendoza(org.). Madrid: Imprenta de Frias y compañía, 1865.